

# História

## dos feitos recentemente praticados durante oito anos no

# Brasil

gaspar barléu

## HISTÓRIA DO BRASIL SOB MAURÍCIO DE NASSAU

GASPAR BARLÉU

O estudo do domínio holandês no Nordeste brasileiro, entre os anos posteriores a 1600 até quase 1680, nunca deixou de ser motivo para muitas discussões. Sempre houve quem defendesse como preferível para o nosso País a continuidade da dominação batava, especialmente com base nas realizações de Nassau em Pernambuco. Tal, porém, não foi o veredicto da realidade histórica. Ao contrário, a luta contra os holandeses foi instrumento de significado crucial para a formação da nacionalidade brasileira, que começou a amalgamar-se através da campanha contra a dominação alienígena, impulsionando os habitantes desta terra a tomarem consciência de si mesmos.

Que poderia, porém, ter feito o domínio holandês a fim de criar no Brasil um sentido de realização naquele tempo ainda nebuloso de nosso crescimento? Para compreender-se esta indagação, os documentos e depoimentos da época nos podem dar muitos subsídios valiosos. E entre estes figura, como de singular importância, a obra de Gaspar Barléu, que agora estamos reeditando. Evidentemente, como amigo de Maurício de Nassau e seu confessado louvador, o in-

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL

1. LAGOA SANTA E A VEGETAÇÃO DE CERRADOS BRASILEIROS — Eugênio Warming e Mário G. Ferri.

2. A VEGETAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL — C. A. M. Lindman e Mário G. Ferri.

3. ECOLOGIA: temas e problemas brasileiros — Mário Guimarães Ferri.

4. VIAGEM PELAS PROVÍNCIAS DO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS — Auguste de Saint-Hilaire.

5. VIAGEM PELO DISTRITO DOS DIAMANTES E LITORAL DO BRASIL — Auguste de Saint-Hilaire.

6. VIAGEM AO ESPÍRITO SANTO E RIO DOCE — Auguste de Saint-Hilaire.

7. VIAGEM ÀS NASCENTES DO RIO SÃO FRANCISCO — Auguste de Saint-Hilaire.

8. VIAGEM À PROVÍNCIA DE GOIÁS — Auguste de Saint-Hilaire.

9. VIAGEM A CURITIBA E SANTA CATARINA — Auguste de Saint-Hilaire.

10. VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL — Auguste de Saint-Hilaire.

11. SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MINAS GERAIS E A SÃO PAULO (1822) — Auguste de Saint-Hilaire

12. VIAGEM AO BRASIL (1865-1866) — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz.

13. VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL — George Gardner.

14. VIAGEM NO INTERIOR DO BRASIL — J. Emanuel Pohl.

15. HISTÓRIA DO BRASIL — Gaspar Barléu.

# História
dos feitos recentemente
praticados durante oito anos no
# Brasil

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

B238h

Barléu, Gaspar, 1584-1648.
História dos fatos recentemente praticados durante oito anos no Brasil; prefácio e notas de Mário G. Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
(Reconquista do Brasil, v.15)

Contém reprodução fac-similar da ed. brasileira, publicada pelo Ministério da Educação em 1940, traduzida com anotações por Cláudio Brandão.
1. Brasil — Descrição e viagens 2. Brasil — História — Domínio holandês, 1624-1654 3. Brasil — Vida social e costumes 4. Chile — História, 1565-1810 I. Brandão, Cláudio, 1894- , trad. II. Ferri, Mário Guimarães, 1918- III. Título. IV. Série.

CDD-981.03121
-390.0981
-918.1
-983.03

74-0611

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Costumes 390.0981
2. Brasil : Descrição e viagens 981.1
3. Brasil : Vida social 390.0981
4. Chile : História, 1560-1810 983.03
5. Domínio holandês, 1624-1654 : Brasil : História 981.03121

*Obra publicada*
*com a colaboração da*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL

Dirigida por MÁRIO GUIMARÃES FERRI

Vol. 15

Capa de
CLÁUDIO MARTINS

LIVRARIA ITATIAIA EDITORA LIMITADA
BELO HORIZONTE: Rua da Bahia, 902 — Fone: 22-8630
Av. Afonso Pena, 776 — Fone: 22-6140

gaspar barléu

# História
## dos feitos recentemente praticados durante oito anos no
# Brasil

Tradução e anotações de
CLÁUDIO BRANDÃO

Prefácio e notas de
MÁRIO G. FERRI

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

LIVRARIA ITATIAIA EDITORA LTDA.

1974

Direitos de propriedade literária e artística
da presente edição da
EDITORA ITATIAIA LIMITADA
Belo Horizonte — Brasil

Impresso no Brasil
*Printed in Brazil*

# PREFÁCIO

O conhecimento da evolução histórica, política e cultural do Brasil torna indispensável ao estudioso a consulta de fontes que, pela riqueza de informações e testemunhos, lhe permitam uma visão mais ampla e aprofundada das situações e acontecimentos de outras épocas. Muitas dessas fontes, entretanto, principalmente obras referentes aos primeiros tempos da vida brasileira e ao período colonial, não podem ser encontradas, por se acharem esgotadas ou se haverem tornado raridades bibliográficas. A fim de corrigir esta falha, a Editora da Universidade de São Paulo e a Editora Itatiaia resolveram lançar a Coleção "Redescoberta do Brasil", que já tem colocado ao alcance dos interessados brasileiros várias obras de importância inequívoca que até então lhes eram inaccessíveis.

Nesta Coleção incluímos o presente livro de Gaspar Barléu, nome aportuguesado do historiador holandês Caspar van Baerle, que a escreveu em latim assinando-se Caspar Barlaeus, havendo sua primeira edição saído em Amsterdam em 1647. Contemporâneo do Conde Maurício de Nassau, Barléu historia os oito anos do governo do Príncipe batavo no Nordeste brasileiro do ponto de vista dos holandeses. Se assim, como historiador, é nitidamente parcial na exposição e análise dos fatos, seu livro tem efetivo valor como repositório precioso de informes e documentação, muitas vezes recolhidos diretamente junto aos personagens de que fala, além de oferecer interessantes quadros da vida e dos costumes da época. Por isso mesmo, foi sua tradução editada em 1940 por iniciativa do Ministério da Educação, a cuja frente então se achava Gustavo Capanema. Encarregou-se do trabalho de traduzi-la o emérito humanista brasileiro Professor Cláudio Brandão, que realizou acurado e meritório trabalho, aduzindo-lhe mais de 360 notas resultantes de meticulosas consultas e pesquisas.

A presente edição reproduz essa tradução brasileira, atualmente esgotada, em fac-símile da edição de 1940. Optamos pela reprodução fac-similar para apresentá-la com a maior fidelidade, visto como, antes de editada, foi ela inteiramente revista pelo próprio tradutor, ainda em vida, merecendo-lhe cuidados especiais. Tem o leitor, assim, diante de si, um texto em cuja fidedignidade e correção pode confiar inteiramente.

Como dirigente desta Coleção tive apenas que aduzir, ao final, algumas notas, seja para corrigir certos enganos do texto, seja para retificar pequenos equívocos nas Notas do Tradutor.

A ortografia da parte fac-similar do presente livro é, obviamente, a que estava em vigor em 1940. Assim, o leitor encontrará divergências entre essa ortografia e a atual, especialmente no que concerne à acentuação.

Quanto às Notas do Tradutor, encontramos alguns equívocos referentes a termos científicos e, na medida do possível, procuramos fazer a retificação. Muitas vezes, em verdade, os nomes usados eram válidos na época em que foram adotados mas, com o decurso do tempo houve mudanças recomendadas pelos especialistas. A fim de tornar a presente edição ainda mais útil, resolvemos fazer estas modificações em notas ao final do livro. Em sua essência, porém, restam inalterados em seu valor, tanto o texto de Barléu quanto as Notas do Tradutor.

Publicando mais este volume da Coleção "Redescoberta do Brasil", cremos prestar novo e real serviço à cultura nacional, por facilitar-lhe, como disse o próprio Cláudio Brandão, "meios para se compreender, mais completa e claramente, a nossa formação histórica, as tendências da nossa civilização, as características do nosso espírito e os ideais que o devem nortear".

MÁRIO GUIMARÃES FERRI

# O BRASIL HOLANDÊS
## SOB
# O CONDE JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GASPAR BARLÉU

# HISTÓRIA

dos feitos recentemente praticados
durante oito anos no

# BRASIL

e noutras partes
sob o govêrno do ilustríssimo

## JOÃO MAURÍCIO

CONDE DE NASSAU ETC.,

ora Governador de Wesel, Tenente-General de Cavalaria
das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange

TRADUÇÃO E ANOTAÇÕES DE CLÁUDIO BRANDÃO

RIO DE JANEIRO
Serviço Gráfico do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
MCMXL

OS lauréis que, na parte superior, encerram no centro os leões (1), quiseram assim aludir ao seu titular.

Fulge de um lado, a coroa mural, que se confere em recompensa das portas entradas; do outro, adorna por cima, os esporões dos navios o prêmio com que se honram as vitórias navais.

A virgem pernambucana mira os seus olhinhos, e, graciosa, ergue a mão, a qual segura uma cana.

Próxima, a fecunda Itamaracá exibe os seus nectários racimos e os magníficos dons do próprio solo.

Junto a ela, a Paraíba põe nas fôrmas o dulcíssimo açúcar e o torna grato aos povos.

O avestruz, errante habitador do Rio Grande, foge correndo, e falsamente imagina que se lhe dá de comer.

Destarte se ufana o Novo Mundo com os brasões batavos, e, sob o govêrno de Maurício, floresce-lhe a gleba feraz. As gentes que a terra distingue defende-as um só Chefe. E a Nau de Marte sulca as águas ocidentais, fazendo conhecidos os seus mercantes e os senhores do mar.

Em frente pasma-se o Sol ante as armas, ainda que violentas.

Tu, Sergipe, pões em face de tuas moradas as flamas de Febo, e sòzinho queres ser chamado de el Rei.

Teus são, Iguaraçú, os caranguejos.

A ti, Pôrto Calvo, aprazem os cimos: ali estás sobranceiro, ó tu, que deves ser temido daquelas cumeadas.

O gênero escamígero mergulha-se nas rédias das Alagoas (2).

Contra Serinhaém relincha o belicoso corcel.

Crava a âncora na areia os dentes entravados e quer se nos deem ali reinos diuturnos.

A bússola aponta o Ocidente, mas não olha para o Levante. Por que? Porque reina cada um em plagas distintas.

A fama, que vês soprar os clarins e as tubas, mostra não o esfôrço, mas o ar de quem apregoa tão grandes cousas.

G. Barléu

(1) Da Casa de Nassau.

(2) Metáfora forçada e deselegante para significar que os peixes figuram no brasão das Alagoas.


RES
BRASILIÆ
IMPERANTE
ILLVST.mo COMITE
I. MAVRITIO.
NASSOVIÆ &c. COMITE.
SENECA IN MEDEA
TIPHISQVE
NOVOS
DETEGET
ORBES.




*Partiti veteres sumus cum Regibus Indos.*
*Hos Castella, alios Belga triumphat aquis*
*Nunc Fortuna Novos etiam partitur, & Orbes*
*Non ultrà geminos possidet unus Iber.*
*Pars quoq; jam nostrâ est & quà ruit ardens æther.*
*Prisca Philipporum gloria fracta ruit.*
*MAVRITIO pugnante, alio sub sidere regna*
*Condimus et tabulis cum Duce picta damus.*

*Sævus ubi Nomadum populatur more Tapujas,*
*Crudaq; ab humana pabula cæde capit.*
*Afer ubi et domitâ paret Nigrita Loandâ,*
*Et rubido usta sub Phaëthonte domus*
*Barbaries venisse Ducem cum sensit, abivit.*
*Vtq; abiisse iterum sensit, arma videt.*

*C. Barlæus*

AO MUITO ILUSTRE
CONDE

# JOÃO MAURÍCIO
## DE NASSAU,

### EX-GOVERNADOR SUPREMO
### DO BRASIL HOLANDÊS, ETC.

Aquí vos ofereço, ilustríssimo Conde, o Brasil engrandecido pela vossa autoridade e pelas vossas armas. Se êle pudesse falar e firmar convosco um tratado, por si mesmo se entregaria a vós, que, com insigne galhardia, defendestes e exaltastes a Holanda e enchestes a Espanha com a fama e o temor da guerra por vós dirigida. Vingando uma, fostes o terror da outra e o assombro de ambas.

O que nem esta nem aquela podem fazer, fà-lo-ei por uma e outra, escrevendo uma história na qual nem serão esquecidos os feitos praticados, nem omitido o autor dêles. Os escritores antigos que transmitiram à posteridade fatos dignos de atravessar os séculos não transpuseram os términos do velho mundo. Nós, audazes, buscámos, convosco um mundo que, apartado de nossas plagas por um oceano inteiro, parece ter a Natureza guardado e escondido para honra vossa e glória da casa de Nassau. Atenas, Lacedemônia, Cartago, Roma, o Lácio, as Gálias e a Germânia constituem o assunto dos escritores gregos e romanos. Olinda, Pernambuco, Mauriciópole, Itamaracá, Paraíba, Loanda, S. Jorge da Mina, o Maranhão, nomes desconhecidos dos antigos, serão o nosso tema. Os beligerantes de então eram os assírios, os persas, os gregos, os macedônios, os italianos, os cartagineses, os gauleses, os queruscos. Os de agora são os tapuias, os mariquitos, os potigares, os caribas, os chilenos, os peruanos. No Brasil não se combate apenas entre gentes diversas, mas também entre dois continentes. Outro-

ra o Reno, o Istro, o Ródano, o Indo, o Ganges foram testemunhas de grandes acontecimentos. Agora são os rios Marar' ao, da Prata, de Janeiro, dos Afogados, de Pôrto Calvo, Capibaribe, Beberibe. Não conheceu Políbio mulatos, nem Lívio patagões, nem Tácito angolenses, nem Floro mamalucos, nem Suetônio ou Justino negros. Êstes nomes, porém, aparecem na nossa história. Os soldados descritos por êsses historiadores iam para a guerra vestidos ou coiraçados; os guerreiros de que trato vão combater até mesmo nus. Aqueles causavam terror com os seus dardos, broquéis, sarissas, bipenes e carros falcatos; os meus são temíveis pelo arco e pela clava. Aqueles mostravam o seu esfôrço com os assédios e com as máquinas de ataque e de defesa; êstes, pelejando só com as mãos, carecem de tais cousas. Outrora os romanos venceram os lusitanos junto ao Tejo; hoje êstes são no ultramar os irmãos e os aliados dos romanos.

É novo quanto se me oferece à pena: o céu, o solo, os povos, os seus costumes, a sua alimentação, as suas armas.

Afiam os bárbaros a espada contra uma raça capaz de disciplina e de costumes puros. Ela resiste a êsses homens ferozes, que não sòmente renunciaram a humanidade, mas também intentam destruir o homem habitador dos palmares e com êle os próprios sentimentos de humanidade.

Indo para tão longe da morada da virtude, engrandecestes a vossa virtude, sendo brando entre cruéis, civil entre agrestes, manso entre sanguinários, piedoso entre ignorantes da verdadeira piedade. Fizestes fora da Pátria o que antes nela praticastes: tomastes armas em favor da Religião, da Pátria e da Igreja, da salvação dos homens e dos interêsses do comércio, assim procedendo, numa e noutra parte, para a glória das Províncias-Unidas. Mostrastes-vos soldado contra os mais valorosos dos espanhóis: Bagnuolo, Conde da Tôrre, Barbalho, Meneses, astros que surgiram no Ocidente. Não desligastes os vossos exércitos da lei, da disciplina e da ordem, mas, a exemplo dos vossos maiores, os mantivestes zelosamente nos limites do direito.

Éreis luz no reino das trevas, compatriota entre estrangeiros, guia entre transviados, e, no meio de povos tão diversos, fostes para todos o mesmo senhor.

Com Marte que ia domar a terra levastes Cristo para domar as almas, e entre tantas vitórias que meditáveis incluiu-se a que dos erros alcançastes. Demonstrastes com brilho a vossa heroicidade e a vossa perícia militar: de tantos Nassaus que na Pátria provaram sua valentia contra o inimigò, de tantos parentes conspícuos nas campanhas européias, fostes vós o primeiro que se animou a levar a guerra para além dos mares e a investir o inimigo no seu próprio território. Certo aprendestes dos antigos êstes planos estratégicos. Dêles usaram os romanos contra os macedônios, Aníbal e Antíoco contra os romanos. Todos êstes julgavam nada fariam de memorável, se não transportassem para outro lugar a violência da guerra. Os grandes capitães, encerrados nos estreitos confins da pátria, buscam de ordinário espaço mais amplo fora dela para ostentarem a sua bravura e mérito. Seguindo-lhes o exemplo, fostes no Novo Mundo qual Metelo nas Gálias, Mário na África, na Germânia Druso e na Panônia Trajano. Assim como êstes inscreveram em suas colunas os triunfos contra os estrangeiros, assim também vós havíeis de gravá-los nos ânimos e nos fastos da Holanda.

Há muito já conhecem os americanos os nomes e os títulos da vossa família, mas não tinham ainda recebido a nenhum dos Nassaus, e assim devia ser para que, no Brasil, vos tornásseis conhecido, não pelas narrações dos outros, mas pessoalmente e por vossas ações belicosas. Onde vós mesmo construistes fortalezas e cidades, onde vencestes os inimigos, aí deixastes impresso o nome de Maurício, merecendo sòzinho, entre tantos heróis da vossa casa, o cognome de Americano. No correr das lutas, quando chegava a poderosíssima armada espanhola, edificastes, mostrando que não vos retiráveis inconsideradamente por temor do adversário e que não desesperáveis de salvar a república. Destarte, reconheceriam os antropófagos, vendo Friburgo e Boa-Vista, o fausto de Nassau e a residência de tão ilustre personagem. De vossa indústria falarão as maravilhosas pontes lançadas por sobre os rios para a utilidade e segurança públicas. Pôrto Calvo, Ceará, as costas de Itamaracá, da Paraíba, do Rio Grande, Loanda, Guiné, Maranhão, tôdas estas regiões, sabedoras das batalhas navais e terrestes travadas sob vós, proclamarão o vosso valor militar.

Por outro lado, serão testemunhas da vossa piedosa e prudente moderação povos discordes na religião e na polícia. Os governadores das cidades e províncias vizinhas louvarão a vossa eqüidade no território inimigo, e os estrangeiros exaltarão a vossa clemência e humanidade.

Quando, após alguns séculos, os indígenas, o português e o bárbaro virem, por tôdas as províncias, os brasões que lhes destes; quando virem os domínios holandeses por vós dilatados e engrandecidos, hão de memorar o poder, a prudência e a felicidade do General. Quando, nos desertos de Copaoba, divisar o caminheiro as insígnias da Companhia suspensas em cipós e lápides, há de admirar a indefessa atividade do Administrador estrangeiro e os cometimentos de um povo que penetrou em paragens ínvias, levado pela avidez do ganho. Quando os silvícolas, pejando-se de se ver nus entre os nossos, se vestirem, agradecerão ao recato dos vossos europeus os véus com que se resguardava o primitivo pudor.

A própria Olinda, cidade outrora linda no nome e no aspecto e ora afeada com o entulho de suas ruínas, achou, na sua grande calamidade, motivo de gratular-se consigo mesma: não podendo manter-se erecta e incólume, por terem-na arruïnado as vitórias alheias, foi brandamente tratada pela vossa comiseração. Vendo-lhe, de contínuo, o lamentável infortúnio, condoestes-vos da sorte de tão ínclita cidade. Confronte-se o aspecto de Olinda caindo e de Mauriciópole surgindo em vossa honra: não se hesitará em decidir qual dos dois espetáculos é mais deleitável. Se é de lamentar o tomarem-se armas contra os sagrados penates, de certo será grato e louvável o haverdes construído templos para Deus e casas para os cidadãos, primeiro, para o vosso amor refletir-se no próprio Criador; segundo para alcançar êle também os homens, imagem do mesmo Deus.

Assim, com umas virtudes intimidastes os vossos inimigos e com outras ganhastes os vossos concidadãos, grangeando daqueles uma glória imensa e dêstes um afeto e bem-querença geral. Encontrastes o meio têrmo entre os inimigos e os nossos, entre os ferozes e os brandos para honrardes com a doçura batávica aqueles que vencestes com o denôdo batávico.

Direi em resumo: chegando ao Brasil, reerguestes o que estava derruído, corrigistes o que estava viciado, reavivastes o que estava morto. Tornando para a Pátria — clama-o a realidade —, parece a um só tempo, ter o Conselho perdido o seu defensor, o povo um pai, a república a ordem, as leis um guarda, a piedade um exemplo, o holandês o respeito, o português a lealdade.

Oferecendo estas páginas aos vossos olhos, faço reviver os serviços por vós prestados gloriosamente à República e à Companhia das Índias Ocidentais; sujeitando-as ao julgamento dos holandeses, impetro da estima que vos consagram um prêmio para o vosso esfôrço; entregando-as ao juízo dos estrangeiros, convencerei da fortuna e dos prospérrimos sucessos da guerra os que não forem de todo injustos; submetendo-as à Companhia e aos seus prudentes Diretores, mostro-lhes as causas que lhes alcançaram, no aparato de tantos cometimentos, bastante glória marcial e menor soma de proveitos.

Acolhei sob o vosso patrocínio o escritor, apesar de ter êle escrito com tão remisso espírito o que praticastes com tão vigoroso ânimo. Concedei à verdade, concedei a esta história serenidade, pois tôda ela trata de vós, tôda é dedicada ao vosso preclaro nome. Recebei-a. Ela se funda mais no testemunho e na fé alheia do que na minha: vacilará, quando a inveja, a perversidade, a credulidade argüirem de mentira as bôças e os olhos daqueles que governastes, daqueles pelos quais lutastes e até mesmo dos inimigos que vencestes.

Amsterdam, 20 de abril de 1647

De Vossa Excelência
Ilustríssima
*venerador humílimo*
GASPAR BARLÉU

# HISTÓRIA
DOS
# FEITOS PRATICADOS
NO
# BRASIL,
durante oito anos sob o govêrno do Ilustríssimo Conde
# JOÃO MAURÍCIO
## DE NASSAU ETC.,
ex-governador e capitão general de terra e mar alí e ora tenente-general de cavalaria das Províncias-Unidas da Holanda, sob o Príncipe de Orange, e governador de Wesel,

POR

GASPAR BARLÉU

*Guerra holandesa*

Desde que o espanhol se tornou inimigo nosso e os Estados Gerais das Províncias-Unidas se insurgiram contra os Filipes, com fortuna vária tem-se batalhado, animosa e diuturnamente, na terra e no mar, dentro da Pátria e fora dela, sob o comando de mais de um general, entre a esperança da liberdade e os riscos da servidão.

*Causas*

As causas desta guerra, expostas por tantos autores (1), são assaz conhecidas, diferindo nuns e noutros, segundo as suas simpatias partidárias. O ânimo apaixonado dos homens leva-os a culpar das calamidades públicas aqueles a quem odeiam, julgando idênticos os princípios e as causas da guerra. Muitos, por ignorarem o poderio dos Países-Baixos, consolidado por privilégios reais (2), emitem juízos pouco justos. Ao rei não faltaram pretextos para atacar a mão armada a República, tomando à má parte, sob color de rebelião, os fatos ocorridos. Aos neerlandeses não faltaram razões e coragem para repelir as hostilidades, de ódio contra os dominadores e vingando a liberdade, pois, ofendida esta, se tornam agastadiços e valentes.

*Extensão*

A extensão e violência da guerra envolveu não só os Países-Baixos, mas também a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Espa-

nha e alguns lugares vizinhos, enfim a Europa quasi tôda, até que, aumentado o seu furor, desencadeou-se nos confins da Ásia, nas costas da África e no Novo Mundo. É mau costume dos príncipes o descurarem-se de atalhar os males nascentes, porque, medrados, mal o podem e, inveterados, desesperam de o conseguir.

*Fama* A fama desta guerra perdura em tôdas as partes por onde ela se estendeu.

*Duração* A sua diuturnidade resulta dos seus próprios motivos. Insistindo o rei em recuperar o que perdeu, nós nos defendemos; usou de violência, nós o repelimos. Desde os primeiros levantes, tem-se prolongado a luta até hoje, sem esperança de fé ou de concórdia, a não ser que as tréguas dos doze anos (3) tenham concedido descanso às armas e às animosidades. Duram, assim, ainda mesmo além no perigo, os ódios oriundos da liberdade oprimida e não cessam, nem depois de desaparecidos os primeiros opressores.

*Direito* O direito desta guerra baseia-se todo nas leis pátrias e nos forais régios. Violados êles, esta República de tantos séculos, a exemplo dos nossos maiores, que tomaram armas contra os romanos, depôs o rei e declarou-lhe guerra, tanto mais honrosamente quanto parecia não só legítimo e necessário, mas também glorioso defender a Pátria, a liberdade, a vida e a fazenda dos cidadãos, cousas que os homens julgam superiores a tudo.

*Virtudes e vícios* Durante êsses tumultos dos Países-Baixos, andaram de mistura com grandes e assinaladas virtudes vícios iguais: os furores populares com o zêlo da piedade e da religião, a soberba dos espanhóis com o amor ao seu rei, a licença com a liberdade, o desprêzo das prerrogativas reais com o respeito da realeza, a impiedade e a beatice com a unção religiosa, a perfídia com a lealdade pública, a ferocidade infrene da soldadesca contra as cousas divinas e humanas com a bravura e a disciplina militar.

*Generais* Foi grande a influência dos generais: usando uns de alvitres astutos, outros de conselhos ferozes, êstes de sugestões mais brandas, ou promoveram ou prejudicaram os interêsses do seu rei. A principal fôrça das Províncias-Unidas procedeu da ordem, da disciplina, do dinheiro, das alianças com os príncipes vizinhos e da fidelidade, prudência e galhardia dos capitães nassóvios. Com tais auxílios, mostraram-se os neerlandeses terríveis para os inimigos, e, entre os assombrosos infortúnios da nação em luta, deram a segurança e tranqüilidade aos seus compatriotas.

*Períodos da guerra.* No primeiro período da contenda, a situação da República foi de abatimento e de opressão, sob o despotismo do Duque de Alba.

Enviado com poderes tirânicos, sendo êle próprio um tirano, proclamava que tinha ordens do rei para encarniçar-se contra a vida e os bens da nobreza e da burguesia. Além disso, cercando-se só com o terror inspirado pela sua ferocidade, mandou-se representar pisando os nobres numa estátua insolente e indigna (4), e provocava, com sua antipática jactância, um renome odioso e o castigo do destino.

No segundo período, ressurgia a nacionalidade e de novo se agitava sob o príncipe Guilherme de Orange, cujas façanhas em favor dos aflitíssimos neerlandeses ainda não lograram exprimir os engenhos dos mais ilustres escritores. Sob êste e o filho, herdeiro do pôsto paterno, hesitava a sorte sôbre quem nos daria por soberano, pois recusavam os reis o poder que se lhes oferecia (5) e incitavam ao frenesí homens desesperados e quasi vencidos simultâneamente pela fortuna e pela potência dos inimigos. Buscou-se fora quem assumisse o regimento da nascente república e não se pôde encontrar, tornando-se manifesta a doutrina de ser a autoridade outorgada por determinação divina e não humana.

*Guerra doméstica*

As fôrças dos insurrectos, a princípio exíguas, circunscreveram-se de preferência nos limites de Holanda e de Zelândia, verificando-se logo a adesão de Guéldria, Over-Issel, parte da Frísia e tôda Groninga, até que ocuparam com fortes guarnições certos pontos do litoral do Brabante e também de Flandres. Assim, o povo, pronto para acelerar os seus triunfos, mostrou a sua fôrça e, protegido por Deus, se engrandeceu mais do que o poderá crer a posteridade.

*Guerra externa e ultramarina.*

No terceiro período, a República, robusta e triunfante sob os ínclitos irmãos Maurício e Frederico Henrique (6), príncipes de Orange, não sòmente se defende, mas leva também as armas para fora de suas fronteiras. Dilatando por tôda a parte o nosso território, como por um fluxo crescente da fortuna, expulsando exércitos, ferindo pròsperamente tantas batalhas, tolerando heròicamente tantos cercos, pondo outros mais heròicamente ainda, já livres dos temores domésticos, levámos nossa bandeira e nossas esquadras à Espanha, à África, ao Ocidente e a um mundo ignorado dos antigos, e, desta sorte, revidámos ao rei a guerra que nos fizera. Através de vastos reinos estrangeiros, divulgou-se o nome dos Estados Gerais; construíram-se cidades e fortalezas, de um lado nas regiões da Aurora, de outro sob os tálamos de Febo; gravou-se o nome dos Oranges e dos Nassaus nas ilhas, nos promontórios, nos litorais, nos fortes, nas cidades; reduziram-se a províncias os países

bárbaros; despojaram-se dos tesouros asiáticos e americanos as naus espanholas, que foram queimadas diante das próprias costas do Brasil. Revelara-se-nos, enfim, o segrêdo da dominação: — podermos vencer o Ocidente. Já deixava de ser verdade o que de Roma escrevera outrora Dionísio Halicarnásseo : ter sido a primeira e a única que fez do oriente e do ocidente o término do seu poderio. Chegâmos, de feito, aos tempos em que vemos, felizes, o sol, testemunha de tantas vitórias, não ter ocaso também nos nossos domínios (7). Demos um exemplo mais eloqüente que os dos antigos e enumerado entre as maravilhas da nossa época: — um povo, envolvido em tantas guerras, apenas com o dinheiro de alguns particulares, como que cotizados para a ruína do inimigo comum, vexar e abater um rei poderosíssimo numa guerra dupla, em partes do mundo separadas por todo um hemisfério, para igualar hoje a extensão do império holandês quasi com a redondeza da terra.

*Guerra dupla.*

*Causas da navegação para a Índia.*

Poderia, sem dúvida, a nossa bravura cingir-se à necessidade de se defender, contentando-se com os limites costumados do oceano. Entretanto, vedada por ordens régias a navegação dos nossos compatriotas para a Espanha e depois para o Oriente, começou ela a estender-se mais. E esta raça criada entre as águas, como se partisse o freio imposto à sua ambição, demandou as plagas longínquas do orbe, ainda mesmo usurpando vias que a Natureza negou ao homem.

O espírito mercantil, frustrado na esperança do ganho, acirra-se e incita-se com os próprios perigos. Pensava-se assim: que não é lícito, por uma lei pessoal dos soberanos, impor servidão ao mar, franqueado a todos; que se carecerá no país das cousas necessárias, se não se forem buscar a outras partes; que ainda mesmo na Índia engendra o Criador produtos úteis aos neerlandeses; que são sempre mais altos os preços das mercadorias vindas de longe; que, estabelecido o comércio com o Oriente, seria de proveito ir-se ter às terras inimigas; que, com a nossa navegação, se arruïnaria a opulência do rei da Espanha; que, ocupado êle em outros lugares, ficaria mais quieto no seu reino e, assim, o bom nome do povo holandês se espalharia amplamente entre os estrangeiros, e o do rei seria verberado.

Dos exemplos alheios tinham aprendido os holandeses a descobrir mundos novos com o auxílio das naus e a levar a povos distantes e vivendo sob outros céus a religião, as riquezas, as leis, os bons costumes e a polícia.

A liberdade comercial foi sempre o baluarte de uma grande potência. Com ela cresceram os tírios, os cartagineses, os persas, os árabes, os gregos e os romanos. Por isso, os nossos navios mercantes, comboiados pelas nossas armadas, navegaram primeiro para o Oriente, depois para o Ocidente, fundando fora da Europa, como que dois impérios, sustentados por duas companhias. O holandês tentou no Oceano derrotas tanto mais extensas quanto mais enclausurado se sentia nas acanhadas fronteiras de seu país, espalhando o seu tráfico e poderio por tôda a parte onde brilha o sol. Discutiram os castelhanos e os portugueses se era isso jurídico, como se, após as batalhas e a guerra, houvesse lugar para as leis e para as incertas controvérsias dos jurisconsultos. Não obstou a tais empreendimentos nem a doação feita pelo papa Alexandre VI aos portugueses e aos espanhóis, pois é permitido a alguém ser liberal do seu e não do alheio; nem a prescrição aquisitiva, inaplicável às cousas pertencentes a todo o gênero humano; nem o descobrimento, o qual nenhum direito dá sôbre terras que sempre tiveram donos; nem o direito de guerra, o qual foi para nós tão justo contra os portugueses quanto o foi para êste contra os índios. Fomos para onde nos chamava o direito natural e o das gentes e a carência mútua de produtos, porquanto o ganho é poderoso incentivo para se tentarem os mais arrojados cometimentos. Uma plebe faminta e desprovida dos regalos e comodidades da vida ignora o que é temer: o desejo de ter e de dominar impele a coragem humana aos mais arriscados lances. Por onde abre caminho a cobiça das riquezas, por aí também o abre a ambição do mando; onde encontra aquela a sede da sua mercância, acha esta a da sua dominação. É fato antigo que são mais renhidas e certas as lutas onde são mais crescidos os despojos e os lucros.

*Causas justas e equitativas.*

É parecer das pessoas sensatas que péssimos conselheiros ouviu o rei, quando proïbiu aos holandeses o acesso à Espanha e às Índias. Sempre lhes foi fácil tolerar os medidores da terra, mas nunca os do mar. Portanto, propelidos pela necessidade, rumaram para donde as incertezas do mar, as distâncias imensas e mais ainda a novidade do tentame os dissuadiam de ir, para trazerem êles mesmos as mercadorias que estavam acostumados a comprar, primeiro aos venezianos e depois aos espanhóis e portugueses. Alegavam-se exemplos da idade antiga e da moderna, nos quais se mostrava haverem sido perniciosos aos imperantes os mares fechados e o tráfico dificultado, pois a audácia e o desespêro não respeitam semelhantes obstáculos e franqueiam aos navios a entrada nos

*Impedida a navegação e o comércio por maus conselhos.*

*Contendas dos antigos sôbre o domínio do mar.*

portos. Aos cretenses, senhores do mar, não os sofreram os lídios, nem os pelasgos aos lídios, nem os ródios aos pelasgos, nem os frígios aos ródios. A dominação dêstes provocou a rivalidade dos cíprios e a dêstes a dos fenícios. Enquanto êste povo se apropria do mar inteiro e da pesca e com editos exclue os outros, conquistam o senhorio das ondas os egípcios, depois os milésios, os cários, os lésbios, os foceenses e os coríntios. Arrogando-se os lacedemônios o predomínio do mar circunjacente, navegaram-no mais audazes os atenienses, impondo leis a Lacônia assim como a Egina. Como sujeitassem os tírios ao seu poder não só o mar que com êles vizinha, mas também todo aquele que suas frotas tinham percorrido, os cartagineses, donos do mar da Sicília e da África, estimulados, freqüentaram as mesmas paragens que os tírios. Destruíram os romanos a potência marítima de Cartago. Tinham com êles pacteado os cartagineses não ultrapassassem o "Promontorium Pulchrum" na África. Envergonhou-se, porém, aquele nobre povo de que, tirando-se-lhe o mar e sendo-lhe arrebatadas as ilhas, pagasse tributos que costumava exigir. E quando senhoreou o mar inteiro, assim o que se estende aquém das Colunas de Hércules, como todo o Oceano onde fôsse navegável, dêle receberam leis marítimas Antíoco e Aníbal.

Consta de narrações verídicas que, por causa da interdição dos portos e do comércio, surgiram guerras entre israelitas e amorreus, gregos e misos, megarenses e atenienses, bolonheses e venezianos, cristãos e sarracenos. E quasi a mesma razão, isto é, serem privados do uso comum dos portos e das costas, tiveram os próprios castelhanos de atacar a mão armada os habitantes da Índia Ocidental. Injusta não é a censura de Tácito aos romanos, dizendo que êles estorvavam o intercâmbio das nações e de certo modo impediam a utilização das ondas e dos ventos, franca a todos. Já se pode, pois, admirar essa casta de homens aos quais apraz o bárbaro costume de proïbir aos estrangeiros a hospitalidade das praias. Mas, por um revés, por uma contra-volta da fortuna, acontece que, reclamando só para si a terra e a água, são privados de ambas, porque se irrita a ousadia dos menos poderosos com a ambição de mando dos mais poderosos. Nem tolera o Criador do universo que um só povo desfrute e poucos potentados repartam entre si as águas criadas para o bem de todos e destinadas à utilidade geral.

A relação dêstes exemplos me trouxe a esta digressão para não se queixarem os reis da Espanha ou de têrmos tentado alguma

novidade ou de lhes ter acontecido uma cousa inaudita. Passam os séculos e os homens, mas repetem-se os fatos e suas causas.

Volto agora ao meu assunto.

*Navegação da COMPANHIA ORIENTAL para as Índias.*

Após algumas viagens incertas e isoladas ao Oriente, constituiu-se enfim uma companhia com capitais particulares, e, no ano de 1602, decidiu-se ir até lá.

Nestas expedições precederam-nos os portugueses e castelhanos, e a êstes os venezianos, que, durante cento e tantos anos, foram os senhores da navegação das Índias através do Mar Vermelho até os empórios de Alexandria. Sabe-se, porém, com certeza, que anteriormente os árabes, os persas e os chineses, de vários séculos atrás até hoje, teem comerciado com os indianos, e antes dêstes povos, já o faziam Cartago e Roma. Estrabão, escritor asiático, e os mapas de Ptolomeu mostram a derrota de Hanão desde Gades até os extremos da Arábia, as embaixadas dos índios aos imperadores Augusto e Cláudio e a viagem descrita por Plínio. Não é preciso invocar para tão grandioso feito o testemunho do poeta venusino (8), em cujo tempo um mercador ativo chegou aos confins da Índia através de mares, de pedregais e sob os ardores do sol.

Nas primeiras expedições, nem sempre tivemos fortuna próspera, e ficaram duvidosos os resultados dessas audazes empresas, à conta dos trabalhos, despesas e perigos. Entretanto, aumentando com os próprios prejuízos a coragem dos mercadores e buscando-se esperança no próprio desalento, venceram-se as dificuldades que os estorvavam, e cresceram desde então os lucros a tal ponto que as ações de cada um dos sócios da Companhia subiram a mais do quádruplo. Não é também a temeridade e a confiança dos mercantes que já tornam vendível a colheita do ano, quando ainda é objeto das esperanças e dos temores?

*Celebes, Gilolo, Ceir, Filipinas.*

Despenseiros agora e distribuïdores de tantas riquezas, vendemos a outras nações as mercadorias dantes compradas aos venezianos e espanhóis, e monopolizamos algumas que foram antes a veniaga de outros. E não é insignificante hoje o nosso tráfico e domínio no Oriente. Navegamos o Golfo Arábico e Pérsico e as costas da Pérsia. Fizemos nossas as mais das Molucas. Edificámos em várias ilhas: Taprobana, hoje Samatra (9), Java, a maior Tajovana ou Formosa e outras. Ficámos sabendo quais são as Sindas e Barussas de Ptolomeu. Entabolámos relações comerciais com os chins e japões. Mandamos frotas para aquém e para além do Indo e do Ganges. Conquistámos a Áurea Quersoneso ou (10)

*Amplitude do comércio no Oriente.*

Malaca. Comerciando alí, damos notícia dos reinos de Cambaia, Narsinga, Malabar, Orixá (11), Bengala, Pegú, Sião e Camboja. Visitámos ou admirámos Ormuz, Ispaão, Coromandel, Goa, Calecute, os empórios de Aiderabade (12) às margens do Indo, de Bengala junto ao Ganges e de Bantão noutra parte. Afizemos-nos a ouvir os títulos dos soberanos asiáticos: "sufís" (13) ou reis da Pérsia, o "grão-mogol", o "micado" ou imperador do Japão. Ligados, em muitos lugares, aos reis por laços de amizade e por tratados, defendemo-lhes as cidades e as fortalezas da violência e ciladas de inimigos mais poderosos.

*Mercadorias do Oriente.*

Os tesouros e o dinheiro da Companhia, fôrça e nervo do comércio, já em localidades do litoral, já do interior, ocupam agentes, institores e contabilistas, para que o Oriente inteiro, dominado pelo tráfico dos nossos patrícios, se desenvolva com os capitais dos holandeses e se enriqueça com os seus negócios. E assim, fundando colônias, já não seremos tidos por estrangeiros, mas por nacionais. Nos armazéns e trapiches da Holanda, vemos todos os produtos das vastas plagas orientais, e nós, filhos do Norte, comemos os frutos nascidos no Levante. São veniagas nossas a pimenta, o macís, a noz moscada, a canela, o cravo, o bórax, o benjoim, o almíscar, o estoraque, o sândalo, a cochonilha, o índigo, o bezoar, o sangue de drago, a goma-guta, o incenso, a mirra, as cubebas, o ruibarbo, o açúcar, o salitre, a goma-laca, o gengibre, o diamante, muita sêda bruta e tecida, tapêtes, porcelana da China, que talvez sejam os vasos mirrinos (14) dos antigos. Carregamos anualmente as nossas

*Porque o Oriente produz drogas quentes.*

naus com êsses produtos e os transportamos para as terras às quais negou o Autor da natureza êsses temperadores dos frios dos nossos climas. Admire-se nisto a sabedoria de Deus: — quis que nascessem as drogas quentes nas regiões tórridas, e as frias nas regiões frígidas, sem dúvida para que, trocando-se os produtos necessários aos homens, se aproximassem os povos, obrigados pela míngua comum a tornarem-se amigos.

*Interessa à fôrça, à glória da República navegar-se o Oriente.*

Destas expedições adveio à República não pequena fôrça e lustre, no momento em que combatia contra inimigo fortíssimo; porquanto, desbaratando-se no Oriente os exércitos do rei, se lhe arrebataram ilhas, portos e fortalezas, e se desfizeram tratados que

*A Companhia comercial e guerreira.*

celebrara com povos e soberanos. Nossos mercadores se fizeram guerreiros, e nossos guerreiros se fizeram mercadores, defendendo uns o seu bom nome e segurança, e os outros os seus interêsses. E fica em dúvida quem alcançou maior glória, se os mercantes, se os batalhadores, pois Mercúrio e Marte prestaram-se mútuos auxílios,

aquele com o dinheiro, êste com as armas. De fato, não se abriu sem armas a via para o comércio livre, nem se pôde defender êste sem o valor militar. Diferimos dos gregos e dos romanos nisto: aqueles dirigiram para o glória os seus principais esforços, e êstes para a utilidade; em nós se reúne o desejo da celebridade e o do proveito. Somos cúpidos onde o inimigo é rico; inofensivos, onde é pobre; vitoriosos, onde é belígero. Outro era o caráter dos germanos e gauleses, entre os quais não tinham acolhida os mercadores. Entre nós, o comerciante não só mantém o Estado, mas ainda participa do govêrno. Temiam aqueles dois povos que as superfluidades quebrantassem os ânimos e afrouxassem as virtudes. Nós, talvez por sermos mais firmes contra os vícios, pela nossa doutrina e hábitos de inteireza, não detestamos êsses sustentáculos do Estado, mas, ao contrário, julgamo-los capazes de praticar notáveis atos de virtude. Os romanos consideravam indecoroso para os senadores qualquer negócio. Mas aos senadores neerlandeses se permite, pois nêles a ambição é condenada pela liberalidade, e a sovinice pela magnificência, e a vulgaridade da mercância é compensada pela aprovação dos governantes e pelo respeito do povo. Não vivemos em uma monarquia, mas numa república aristocrática, onde, por serem menos numerosos os nobres, assumem a governança os cidadãos mais honrados, muitos dos quais dados à vida comercial. Como os venezianos, florentinos, genoveses, crescemos também nós pelo comércio. A quem disso duvidasse, aí estão para o provar as imensas riquezas assim de particulares, como de cidades, sobretudo marítimas, cujos perímetros mais de uma vez já se alargaram. Portanto, não reputamos injusto obtermos o ouro mediante guerras legítimas, nem espantoso buscarmo-lo pelos mares em fora, nem vergonhoso ganharmo-lo comerciando, nem desagradável tomarmo-lo ao inimigo.

*Em que diferem os mercadores holandeses dos gregos e romanos.*

*Em que diferem dos germanos os gauleses. Porque aqui o mercador participa do govêrno.*

O fato seguinte exprime bem a grande importância que o rei da Espanha dava às nossas expedições para a Índia. Discutindo-se o tratado das tréguas, nada reclamaram os embaixadores espanhóis com maior empenho que o abstermo-nos de relações comerciais com os indianos, para que, só com a esperança disto, se pudesse acreditar que êle renunciava seus direitos sôbre os Países-Baixos, onde a realeza já era uma ficção, e nos tratava como províncias independentes. Já antes, Filipe II, encanecido no ofício de reinar, reservara para si, como um segrêdo de domínio, a navegação da Índia; porquanto, transferindo para sua filha, a infanta Clara Isabel, que ia casar com o arquiduque Alberto d'Áustria, as pro-

*Importância da navegação da Índia.*

víncias neerlandesas, vedou expressamente que, de modo algum, nem ela, nem o arquiduque, nem seus sucessores mantivessem quaisquer relações mercantís com os povos da Índia Oriental ou da Ocidental, nem as permitissem aos seus súditos. Se procedessem de outra forma, seriam privados do seu domínio sôbre os Países-Baixos, conforme declara, em têrmos claros, o solene instrumento de cessão.

Ninguém melhor que os inimigos sabe quanta fôrça, grandeza e prestígio deu à nossa República o trato das Índias Orientais e quanto perdeu com isto a coroa espanhola. Muitas vezes aprenderam, à custa de ingentes prejuízos, da pilhagem de suas naus, da perda de suas fortalezas, o que, pode, com o denôdo marcial, a fôrça naval de batavos.

Grande e invejável conquista foi que uma sociedade particular de comerciantes haja sujeitado ao seu poder vastíssimas regiões do Oriente; que alí dependam da sua vontade os cabedais de tantos indivíduos; que cause ela as alegrias e as tristezas dos povos; que tire a coroa aos reis e a coloque na cabeça de outros; que, sob o seu império, cresçam umas nações e caiam outras; que a umas se conceda a liberdade, e a outras se arrebate ou cerceie.

*Navegação da COMPANHIA OCIDENTAL para o Ocidente.*

Por muito tempo tranqüilo, não tinha ainda o Ocidente experimentado, num desbarato notável, as armas holandesas. Entretanto, o povo neerlandês, estimulado pelos seus prósperos sucessos no Oriente, constituiu uma nova companhia com os cidadãos mais opulentos e também mais infensos à Espanha. Denominou-se "Companhia das Índias Ocidentais", porque se propunha tentar no Ocidente a sorte da guerra e do comércio. Reüniu-se para esta emprêsa soma considerável de capitais, superior àquela que inspirara confiança para se realizar no Oriente idêntico objetivo.

*Discussão sôbre a sua conveniência. Razões suasórias.*

Os defensores da iniciativa aduziam estas razões: que as costas do Brasil estavam abertas e sem proteção contra o inimigo externo; que, apartadas das outras terras e atemorizadas com a fama dos nossos guerreiros, poderiam devastar-se com a improvisa chegada de nossas armadas; que as naus do rei, conduzindo no Pacífico os tesouros do Perú, bem como as da Nova Espanha e da Terra Firme, seriam do primeiro que delas se apoderasse; que as guerras européias eram feitas pelos espanhóis com essas riquezas, e por isso, espoliados delas, se tornariam aplacáveis e menos terríveis; que os percalços e despojos esperados bastariam para remir as despesas da guerra e dos mercadores; que só os réditos do açúcar já poderiam aliviar os gastos; que a natureza não era para os ocidentais mais madrasta que para os levantinos; que os selvícolas, impa-

cientes com o poder e o domínio português, sacudiriam o jugo do rei; que a derrota para as plagas do Novo Mundo nem era demorada nem de tanto risco; que não havia mais numerosas razões contra a navegação americana do que contra a asiática; que, no apresto de tão importante emprêsa, se poderiam utilizar milhares de homens, os quais, pela sua indigência e planos sediciosos, seriam de temer, se não fôssem desviados da ociosidade e das revoluções por trabalhos dessa espécie; que é útil, numa população densa, fazer-se o expurgo da ralé e afastarem-se os elementos nocivos, como nos corpos enfermos cumpre retirar o sangue vicioso, já por ser excessivo, já por ser de má qualidade. Insistiam em que as Províncias-Unidas se sustentavam com o comércio, fazendo-se, pois, mister alargar para todos os lados, em favor dos mercadores, as áreas onde pudessem granjear os seus proventos. Isto haviam tentado e conseguido os ingleses. Os gregos e os romanos tinham invadido assim os territórios inimigos para do solo pátrio afastarem as guerras. Tínhamos soldados e marinheiros aparelhadíssimos para os trabalhos da mareagem e das campanhas. Nenhum outro feito daria maior glória e renome às Províncias-Unidas que o terem ligado o Velho e o Novo Mundo pelos laços do comércio e da navegação. Não se devia desprezar essa liberdade comum de comerciar, concedida a todos por uma lei natural e defendida com tantas vitórias brilhantes e desbaratos infligidos aos inimigos.

Além dêstes, traziam-se outros argumentos aptos para persuadirem aos espíritos ávidos de lucros. Os mais religiosos pediam suas razões à religião e à conveniência de se propagar uma doutrina mais pura, alegando se deveria acender o facho da fé para guiar os povos que tacteavam no reino das trevas ; e que não se deveria estender só o império humano, senão também o de Cristo ; que era necessário e possível associar às vantagens dos comerciantes o cuidado de se salvarem tantas nações ; que assim os negócios seriam pios, e a piedade útil.

*Razões dissuasórias.*

Os opugnadores da iniciativa levantavam estas objeções : que a Companhia ia ser de guerra e não de comércio ; que o interior do Ocidente, invencível por causa de seus fortes e guarnições, desdenharia do inimigo externo ; que o litoral brasileiro poderia ser conquistado, mas defendido nem tanto, à conta da multidão dos selvagens e da continuidade da terra; que não havia ali ilhas para se expugnarem, como no Oriente, protegidas pelo mar circunjacente, e sim um continente exposto às incursões dos habitantes do sertão ; que os bárbaros, havia mais de um século, tinham aceitado a

convivência, os costumes e a religião dos portugueses, e por isso mostrariam ânimo hostil contra nós ; que tais empreendimentos seriam danosos à Companhia das Índias Orientais, dispersando os seus marinheiros e armamentos por várias esquadras e parte do mundo ; que entre uma e outra Companhia seriam fáceis as rivalidades, suscitadas pela inveja dos lucros, e bem assim por algumas mercadorias comuns, e por idênticas necessidades da guerra e do tráfico, a saber, armas, soldados, petrechos náuticos e marujos; que do Ocidente não se poderiam esperar réditos bastantes para proteger-se militarmente a boa fortuna, ainda quando ela se alcançasse; que não convinha irritar com mais lutas o poder de rei tão forte, nem era prudente mostrar os pontos em que somos desiguais; que semelhantes tentames, feitos pelos inglêses, tinham tido êxito mais de temer que de desejar.

Diziam os escrupulosos que cumpria pôr freio à paixão de dominar e conter a ambição de chamar tudo a si; que era tentativa estulta e contrária à religião despojar o rei da Espanha de tôdas as suas possessões; que os batavos tinham cobiça bastante para se apropriarem de tudo, mas não fôrças para o guardarem; que uma grande potência provoca, a princípio, a inveja e logo os ódios dos vizinhos e que, portanto, devia ser a fortuna tratada com respeito por aquêles que, de uma situação humilde, se haviam elevado ao fastígio da segurança; que valia mais decidir onde nos fixaríamos do que ficarmos sempre procurando para onde ir; que estão em terreno mais resvaladio os que mais conquistaram, e mais em seguro os que traçam limites às suas fôrças; que os neerlandeses, afeitos ao trabalho e ao sofrimento, iriam corromper-se e embotar-se com o contágio dos deleites exóticos e com a ociosidade.

Os versados em história e nos exemplos da antigüidade declaravam serem estas as palavras dos povos bárbaros: "Guardar o que é seu bastar a um particular; ser honroso aos reis o pugnarem pelo que é dos outros; julgarem estar a sua máxima glória num vastíssimo império (15)". Um povo prudente deve acautelar-se de perder, por uma cobiça desmarcada, o que ganhou, e mormente um povo cristão, para não lhe quadrar o que dos romanos disse Gálgaco (16) capitão dos britanos: — não os haver saciado nem o Oriente, nem o Ocidente, a êles que tinham por magnífico tudo quanto lhes era desconhecido, e que, depois de lhes faltarem as terras velhas para vencerem, iriam descobrir novas, ainda mesmo além dos mares. Ambição assim exprobaram-na os Citas a Alexandre, porque forcejava para segurar com uma das mãos o Oriente e com a outra o

Ocidente. Também Sêneca julga infeliz aqueles que aspiram a levar para além do mar o direito de soberania. *Sen. 113.*

Tais eram as considerações que ocorriam tanto na conversação do vulgo, como na prática das pessoas avisadas, no grêmio de uma nação em extremo zelosa dos seus interêsses e empenhada nos danos do seu inimigo.

Depois de longas deliberações, prevaleceu o sentir dos que aconselhavam a expedição à América. Ratificou-a um edito solene dos Estados Gerais, dispondo que a nenhum súdito holandês seria lícito, dentro de vinte e quatro anos demandar com objetivos comerciais o Novo Mundo e as costas fronteiras da África, exceto os sócios da Companhia. Obtiveram-se para a emprêsa autorização e auxílios públicos, adstrita a expedição às condições fixadas na patente expedida pelos Estados Gerais. *Edito dos E. Gerais que permitiu a navegação do Ocidente durante 24 anos.*

A América ficou oculta aos antigos, que no curso de tantos séculos, nem mesmo a notícia dela nos transmitiram. O que diz Platão no Crítias e no Timeu (17), segundo a descrição de Solon, que, por sua vez, a ouviu dos sacerdotes egípcios, refere-se à Atlântida, situada além das Colunas de Hércules. Distaria da Espanha poucos dias de viagem e igualaria em tamanho à Europa e à Ásia. Teria possuído pelas armas a África até o Egito e a Europa até o mar Tirrênio. Era feraz de ouro e de prata. Esta ficção, misto de fábula e de exuberância de imaginação, indica dùbiamente a América, e com mais certeza algum reino da Utopia (18), sonhado pelo gênio fantasioso de Platão. São opiniões dos intérpretes e não uma séria inferência da verdade ser a América a grande ilha de que fala Diodoro Sículo (19), situada para oeste, aonde foram ter, segundo êle, os fenícios, arrastados por uma tempestade, quando percorriam o litoral africano. Em verdade, não havia receio de que os Cartagineses, mais civilizados, abandonando Cartago, emigrassem para o meio de povos antropófagos e de nações de índole feroz, a ponto de se tornar preciso proïbir-se-lhes, por editos dos sufetas, a emigração para aquela ilha. Os versos em que Sêneca (20), o trágico, diz que, alargados os limites do Oceano, se descobririam novos mundos, deixando de ser Tule (21) a última terra, conteem apenas uma profecia poética e votos adulatórios dirigidos ao imperador Cláudio. A história contada por Lúcio Marieno Sículo (22), em sua Crônica de Espanha, acêrca de certa moeda mostrando a efígie do imperador Augusto e achada numas minas de ouro de um lugar qualquer da América, é uma narrativa graciosa, mas por ingenuidade se lhe daria crédito. Tal é também a seguinte lenda muito agradá-

*Teria sido conhecida dos antigos a América?*

*Diod. Sículo, L. IV.*

*Na Medéia.*

*Liv. 19 da História da Espanha*

vel aos espanhóis: — que numa província do Chile, chamada Cauten, há uma cidade de nome Imperíola, assim designada por se encontrarem, em quasi tôdas as suas casas e portas, águias bicípites, quais ainda se veem nos estandartes do Império Romano. Sem dúvida fato assim notável não o envolveriam no silêncio quantos escritores narraram com diligência os fastos de Augusto e dos Romanos, nem Tácito, ilustre senador e cônsul da república romana, teria julgado extraordinário haverem os Usípios (23) costeado a Britânia, se realmente já se houvesse chegado à América. De mais, não teria êle chamado à Britânia e ao Mar Glacial os confins da terra e o término da natureza: "ILLUC USQUE ET FAMA VERA, TANTUM NATURA" (24).

*L. 17.* Não merece maior fé o que traz Amiano (25): verem-se esculpidas nos obeliscos egípcios aves e feras e muitas espécies de animais pertencentes a um outro mundo. Foi-lhe fácil designar com o nome de outro mundo os africanos transmarinos, os europeus ou os mais longínquos indianos. Deve-se também negar crédito a Arias Montano (26), autor noutros pontos criterioso e sério. Êle diz que a frota de Salomão navegou de Heziongaber para a América e que a demora trienal da navegação, variedade das mercadorias e a posição de alguns lugares e das ilhas interjacentes conveem à situação daquele continente. Entretanto, os conhecedores da arte náutica não podem compreender como teria sido possível atravessar os imensos espaços oceânicos, sujeitos a fluxos e refluxos, sem o emprêgo da bússola. As mercadorias a que se refere o escritor sacro poderiam ter sido buscada à Áurea Quersoneso, hoje, Malaca, ou à costa austral da África.

É conjectura frágil identificar-se Parvaim (27), de que fala a Bíblia, com o Perú ou a Nova Espanha. Se uma comunidade de letras tem importância em tão grave assunto, prefiro acreditar que Salomão foi ter à África, seguindo-lhe o litoral, pois as palavras Ofir e Afer divergem menos do que Perú e Parvaim. Isto, porém, me está cheirando a controvérsia de gramáticos.

*Arist., De admiran. L. 8; De caelo II, c. IV.* A descrição de Aristóteles a respeito da ilha descoberta pelos cartagineses além das Colunas de Hércules, a qual tinha rios navegáveis e selvas e dalí distava alguns dias de derrota (28), parece quadrar mais à Britânia e às Canárias que à América.

Não posso negar que os cosmógrafos antigos, mais pelo raciocínio do que pela experiência ou pela fama, sabiam existia outra terra oposta àquela por êles conhecida e ser o mundo partido em dois hemisférios habitáveis, sendo um aquele onde vivemos, situado

*Cicero, no Sonho de Cipião.*

sob o polo ártico, ao setentrião ; o outro austral, a nós ignoto. Foi nisso que se inspiraram os versos de Sêneca vaticinando o descobrimento de novos mundos para não ser mais Tule a última das ilhas, e estoutros de Vergílio: "... IACET EXTRA SIDERA TELLUS, EXTRA ANNI SOLISQUE VIAS..." (29).

Sêneca (30) também se mostra poeta e não testemunha da verdade, quando escreve estas palavras: "A humanidade porvindoira conhecerá muitas cousas a nós ignotas, e muitas conquistas estão reservadas para os séculos futuros, quando nem sequer subsistir a lembrança de nós. Seria o mundo uma insignificância, se não contivesse em si o que o mundo inteiro procura". *Livro VII, Quest. Nat., c. 31.*

E noutra parte: "Como poderia eu saber agora, se o senhor de uma grande nação, estanciada nalguma região oculta, já não quer, arrogante com o favor da fortuna, conter suas armas dentro das próprias fronteiras e, maquinando planos ignorados, não esquipa uma armada? Como posso saber se é êste ou aquêle vento que me trará a guerra?". *Quest. Nat. S. C. último.*

Entretanto, não só muitas circunstâncias atestam que a América tenha sido habitada desde a antigüidade, mas principalmente um sistema de govêrno determinado e constante, a soberba construção de cidades e de vias, a magnificência dos edifícios, a densidade das populações e os seus costumes, os quais nada apresentam de modernos. Só poderiam os americanos chegar a êste grau de civilização num longo lapso de tempo. *A América foi habitada desde a antiguidade.*

O primeiro que, segundo a memória dos nossos antepassados, descobriu com certeza terras e povos além do Atlântico, para o ocidente, foi o genovês Cristóvão Colombo. Homem de agudíssimo engenho, observou, navegando para lá do estreito de Gibraltar e de Gades, serem freqüentes os ventos, do oeste, os quais, segundo aprendera com grande tino, sòmente sopram da terra. Depois de baldadas solicitações a diversos príncipes, enfim, sob os auspícios dos reis Fernando e Isabel, chegou em 1492, depois de percorrer o vasto oceano, às ilhas ocidentais de Hispaníola, Cuba e Jamaica. Seguiu-o o florentino Américo Vespuccio, que ligou o seu nome à América. Fez êle, a mandado de D. Manuel, rei de Portugal, a mesma viagem, e foi o primeiro que abicou ao golfo da Pária (31) e ao Brasil no Novo Continente. Após êstes, Magalhães, Drake, Cavendish, Van der Noort, Raleigh, Forbischer e outros argonautas deram a conhecer outras regiões americanas, freqüentadas posteriormente por mercadores portugueses, castelhanos, holandeses, ingleses e franceses, dando-lhes não só farta esperança de lucros, *Primeiros descobridores, COLOMBO* *VESPUCCIO.* *MAGALHAES e outros.*

mas ainda a matéria dêstes. Possuindo, tantos anos, mediante suas colônias, armas, fortalezas, quasi tôda a América, aí encontrou o rei das Espanhas a grande fôrça do império austríaco, e, pelos rendimentos anuais das imensas riquezas que ela lhe dava, tornou-se o terror e o fragelo de tantos povos europeus.

*Determinação dos limites da navegação do Ocidente.*

Os limites traçados à nova Companhia pelos Estados Gerais foram os seguintes: quanto às costas da África, o trópico de Câncer e o Cabo da Boa Esperança; quanto à América, o lado austral da Terra Nova e o estreito de Anian (32), sendo concedidos aos que iam para o Ocidente os mares aí compreendidos, ao norte e ao sul, os estreitos de Magalhães e de Le Maire e tôdas as ilhas assim como a costa da Terra Austral, que se estende desde o citado cabo africano até os confins orientais da Nova Guiné.

*Primeira expedição da Companhia ao Brasil sob JACÓ WILLEKENS.*

*Todos os Santos. ANO DE 1623.*

Corria o ano de 1623, quando partiu para o Brasil, onde é mais fácil o acesso da Europa ao Novo Mundo, poderosa armada, sob o comando de Jacó Willekens, homem valente sem ostentação e apto para sérios cometimentos. Dentro de poucos meses, fundeou na própria Baía de Todos os Santos, a qual dá o seu nome venerável a tôda a capitania. Aterrados com a imprevista chegada dos holandeses, sentiram os baianos fundados temores dos males que os ameaçavam e refugiaram-se nos matos e florestas. Acoroçoados os nossos com a esperança de glória e também de presa, desembarcaram alegres. A tomada de S. Salvador, metrópole da capitania, que custou pouco trabalho, e bem assim a dos fortes circunjacentes, fadaram a emprêsa com felizes auspícios, divulgando entre os bárbaros a fama do povo ultramarino, já tão firme com os primeiros sucessos. Comandava as tropas o coronel João van Dorth, militar experimentado e valoroso, que, com sorte igual à de Protesilau, (33), apenas se afastou até as cercanias da cidade, foi visto e morto pelo inimigo.

*Tomada de São Salvador na Baía de Todos os Santos.*

Os vencedores não se defenderam com a mesma coragem com que triunfaram. Efeminando-se e entregando-se à licença, engolfaram-se em insólitos prazeres tanto mais àvidamente quanto mais bravamente se haviam portado. Perdeu a lascívia a cidade ganha pelo valor e fez para os nossos uma Canas desta Cápua voluptuosa, como outrora para Aníbal a Cápua da Itália.

*Sua perda.*

Enquanto se cuidava mais das delícias do que da utilidade, quebrantados, na ociosidade e na intemperança, os ânimos dos chefes e dos soldados, o espanhol recuperou a cidade com um rápido cêrco, efetuado pelo general D. Fadrique de Toledo (34). Vencidos os holandeses mais pelos vícios do que pelas armas, voltaram

para a sua terra inúteis à Companhia, vergonhosos para a Pátria, desprezados pelo inimigo, sofrendo, assim, o infamante castigo de seu desleixo e perfídia.

*Segunda expedição ao Ocidente sob BALDUINO HENRIQUE. ANO DE 1625.*

Seguiu-se, em pôsto mais elevado, Balduíno Henrique, marítimo experiente, que, por tôda a parte, espreitava ocasiões de praticar façanhas. Combateu com fortuna vária na América Setentrional, depois de atacar as costas do Brasil em expedições incertas, dirigidas para onde as levava a sorte e a prudência. Morreu próximo do pôrto de Havana, e a sua esquadra, tão bem apercebida, inspirando grandes esperanças de danos contra o inimigo, não correspondeu com proveito algum às despesas com ela feitas. Voltou para a Holanda pelas desinteligências dos comandantes, motivadas pela discórdia e rebeldia dos piores elementos da marinhagem. Entanto, recebeu-se uma lição nova: ser difícil manter-se dentro da ordem uma multidão distante da Pátria e do respeito da autoridade suprema, a qual é a que, em maior grau, pode conter a fidelidade da soldadesca.

*Navegação de PIETER HEYN para o Ocidente.*

Brilhou depois mais venturoso o astro Pieter Heyn, tão célebre pelos seus sucessos faustos e infaustos. Com felicidade única, refez o tesouro exausto e restabeleceu o crédito abalado da Companhia. Antes, num extraordinário exemplo de bravura, investiu, com hercúleo esfôrço, a armada espanhola, incendiando-a na própria Baía de Todos os Santos, para que não se jactasse a antigüidade sòzinha de Temístocles, Duílio, Atílio e Xantipo.

*Felicidade do Almirante.*

Exercendo já o almirantado com admirável exemplaridade, sob o seu comando dirigiu-se para o Ocidente a fortuna da guerra. Como primeiro e oportuníssimo despôjo, caíram-lhe nas mãos diversas naus grossas, carregadas de ouro, prata e preciosas mercadorias da Nova Espanha. Ofereciam-lhe os fados a opima tomadia, reünida as frotas no pôrto de Matanzas, não de propósito, mas pelo ímpeto da maré. Desde então, mais tranqüila se tornou a situação da Companhia e mais certa a sua boa fortuna, amparada por imensas riquezas. Logo porém, aluíram-na a cobiça e a desconfiança do futuro, que se insinuara no espírito de muitos. Com efeito, o dinheiro consumido em gastos intempestivos e imódicos, quando a Companhia, no nascedouro, ainda não firmara o seu poder nas terras estrangeiras, enfraqueceu-a e fê-la inapta para combater por muito tempo o inimigo. Assim, enquanto se tratava de aumentar o patrimônio privado, faltou o público, e a precipitada avidez de possuir e de recuperar sacrificou a esperança de futuros lucros.

*Toma-se a frota da Nova Espanha próximo ao pôrto de Matanzas.*

*Elogio do Almirante.*

Quero, de passagem, consignar aquí algumas palavras em louvor do almirante Pieter Heyn. Nenhum homem de qualquer nação perpetuou o seu nome por mais famosas tomadias, fazendo que sua Pátria jamais deixe de se ufanar de tal filho. Dificilmente se poderá encontrar alguém cuja sorte se iguale à de Heyn. Depois de ter sido grumete, de ter sofrido algemas e cárceres do inimigo e naufrágios, alcançou honras elevadíssimas, triunfos notáveis e, sob o Príncipe de Orange, a mais alta patente da marinha. Morreu vitorioso, pelejando gloriosamente pela salvação da Pátria. Foi sepultado a expensas públicas, havendo o govêrno mandado erigir na catedral de Delft uma lápide, que testemunhasse perenemente o seu destino e subidos méritos. Nascido em Delft, fez conhecer a dois mundos a fama do solo pátrio. Ultrapassando pela grandeza do ânimo a humilde condição dos pais, ensinou que os homens não nascem heróis, mas se tornam tais pelo próprio esfôrço.

*A Companhia auxilia a Pátria em dificuldades.*

Por essa época (1629), a Companhia Ocidental provou eloqüentemente o seu poder e a sua fidelidade à Pátria (o que fez também a Oriental), quando o inimigo invadiu Veluwe (35) e ocupou Amersfoort (36). Perturbando-se um pouco a situação no canal do Issel, pela improvisa passagem dos inimigos, quando todo o exército das Províncias-Unidas se empenhava no cêrco de Bois-le-Duc, ela empregou as suas milícias, destinadas para a expedição do Brasil, em guardar as localidades fronteiriças, e acudiu fartamente às necessidades públicas com o dinheiro então abundante em conseqüência da prêsa recente ganha por Heyn. Todo o direito assiste, pois, à Companhia, ora em situação precária, para receber da Pátria incólume os serviços que antes, quando as suas condições estavam sólidas e garantidas, prestou à nação oprimida.

*Expedição de LONCQ ao Brasil.*

Após Heyn, partiu para a América, investido no comando supremo, Henrique Loncq, veterano da marinha de guerra e companheiro dos labores e das honras de Pieter Heyn. Atacando o Brasil pela segunda vez e tomando Olinda, capital da capitania de Pernambuco, deu à Companhia êste refúgio para a esquadra e esta nova base de operações para a guerra americana. Sucedeu-lhe, em igual pôsto e mostra de valor, o almirante Adriano Pater, célebre pelas muitas derrotas que, no Ocidente, inflingiu aos espanhóis. Ousando pelejar — tamanha é a confiança inspirada pela bravura! — com a poderosa armada sob o comando de D. Antônio Oquendo, confundiu-se, na cruenta refrega, com os mais ardorosos combatentes; mas, abandonado pelos seus e repartindo quasi a vitória com o

*A de ADIANO PATER.*

adversário, tombou gloriosamente, infeliz sòmente por não sobreviver à batalha. A fortuna salvou a Oquendo para que êle desse ensejo assaz brilhante à glória futura dos holandeses. Foi dêle, com efeito, que triunfamos alguns anos depois, na batalha ferida por Tromp junto às Dunas da Inglaterra (37), quando ainda era recente a fama da sua vitória sôbre nós.

No tempo intercorrente e no imediato a êsses acontecimentos, diversos comandantes, em portos diferentes, praticaram na América façanhas notáveis, na terra e no mar, no continente e nas ilhas e bem assim nas costas fronteiras da África. Já foram publicadas, com a devida justiça, em livros de outros e por isso nelas tocaremos de vôo. Escreveu-as o eminente e autorizado João de Laet, dizendo livremente a verdade, não de simples outiva ou com fácil credulidade, mas segundo a relação dos que participaram dos sucessos e segundo os diários respectivos. Para imortalizar-se foi bastante a cada um o ter triunfado de uma partezinha do Novo Mundo. Alí ainda os mais remissos ânimos encontravam estímulos para grandes arrojos. Cada qual aspirava a celebrizar-se com aquelas proezas, para as quais se diria em tôda parte haver nascido, pagando com elas o preço do nascimento. A emulação alimenta as mais luzidas galhardias, e aquele fastígio de glória que alguém não pôde galgar vencendo, pode ultrapassar ousando.

*JOÃO DE LAET historiador dos feitos praticados no Brasil até o ano de 1636.*

*Elogio de outros comandantes.*

Dificilmente se poderia avaliar se tão perfeita milícia mais acertadamente viu nascer no Ocidente tamanha coragem ou se mais eficazmente a inflamou. E porque era odioso às Províncias-Unidas o nome espanhol, esforçaram-se todos por arrancar um pedaço ao poder da Espanha, sem se contentarem com ações medíocres. Alguns, já ilustres nas campanhas neerlandesas, entrelaçaram os troféus da América com os da Europa, sendo os primeiros em mostrar aos bárbaros a nossa soldadesca e o aspecto das batalhas.

Lendo êsses feitos, virão ao pensamento os antigos capitães que passaram às terras inimigas para desviarem da pátria a violência da guerra. Régulo, Cipião, Mânlio, Paulo Emílio, Metelo, Pompeu foram como os Willekens, os Heyns, os Loncqs, os Balduínos, os Paters daqueles tempos, e assim como, a conselho dos primeiros, foram os antigos guerrear no ultramar, assim também, a conselho dos últimos, fizeram o mesmo os nossos contemporâneos. Antigos embora, a êles muito nos avantajámos, assim pela imensa distância dos lugares aonde fomos, como pela fereza e barbárie dos homens com os quais combatemos.

*Assunto desta História: os feitos do Conde MAURICIO durante oito anos.*

Por assunto da minha história escolhi os feitos que, em favor do povo holandês, foram praticados durante o govêrno do ilustríssimo conde João Maurício de Nassau, em outro continente, entre bárbaros e espanhóis, adversários duvidosos ou declarados. Como dependem as guerras da fama que delas corre e como não é de pequena importância o seu generalíssimo, despachou-se Nassau para o Novo Mundo como comandante supremo do exército de terra e mar. Parece que na sua estirpe colocou a Providência Divina a dignidade e a fôrça dos Estados Neerlandeses.

*Motivos e escôpo do historiador.*

É-me livre calar ou falar. Feitos assinalados provocam-me a não calar, e ordena-me a falar a felicidade pública, a qual não quer sejam fraudados do seu louvor aqueles a quem ela é devida. As guerras domésticas arrastam-nos à admiração; e quanto mais as externas, consumadas sob outros céus e com insigne denôdo. Negue-se a Nassau o seu prêmio — a memória da posteridade —, e esta se entibiará, sucumbindo por causa do silêncio guardado pela inércia dos escritores. Onde tem ela ante os olhos os exemplos dos maiores, cresce com singular emulação e procura imitar com ardor as ações gloriosas que lê. Nada concederei à adulação, cujas causas desprezo, nem tão pouco, por desafeição a ninguém, nada tirarei à verdade, para não ser tachado de inverídico por ódio igual. Quem pretender versar êste mesmo assunto para granjear renome literário e fama de talento, ostente a sua eloqüência. A mim bastará uma narração singela, inspirada na realidade dos fatos. Escrevem-se mais livremente os feitos praticados séculos atrás, quando já desapareceram seus autores e testemunhas. Eu, porém, vivo entre aqueles mesmos que obraram os atos por mim referidos ou nêles intervieram, e eu escrevo para os seus olhos.

Aos documentos públicos dou o crédito que lhes dão os amigos da verdade, e não desejo para mim crédito maior: relato aquí, não o que viram vagamente os olhos, mas o que escreveram, durante a paz, espíritos serenos e acalmados. Farei uma seleção no enorme acêrvo dos fatos e nos numerosos maços de documentos para evitar aos curiosos dêstes assuntos a fadiga de uma longa indagação; mas usarei tal brevidade que não furte aos sucessos nada de relevante ou memorável. Julguei inútil tratar de minúcias. A diligência ansiosa é um êrro de diligência, e tanto mais se prejudica o assunto principal, quanto mais se desce a pontos menos necessários.

Antes de entrar no meu assunto, devo recordar o que é e como é o Brasil, qual foi, nessa época, o estado da nossa República e do nosso exército, quais as vantagens e desvantagens nossas e do ini-

migo, quais os intentos da Companhia e do espanhol. Assim conhecer-se-ão não só os eventos e a sua sucessão, mas também o sistema, as causas e o teatro das guerras, bem como os portos, as cidades, as populações da Província, que se celebrizaram pelos seus infortúnios e prosperidades.

*Descrição do BRASIL. Situação e limites.*

É o Brasil limitado ao oeste pelas ínvias terras dos caribas, e pelo Perú, a mais nobre província de todo o Novo Mundo, e de longe por elevada cordilheira; ao sul, por ignotas regiões, ilhas, mares e estreitos. O Oceano Atlântico banha-lhe as costas orientais, e o Oceano Setentrional as do norte. Demarcam-nas os portugueses com o rio Maranhão e com o estuário do rio da Prata.

*Forma.*

Tem o Brasil a configuração de um triângulo, cuja base, voltada para o Equador e para o Setentrião, se dirige em linha reta do Oriente para o Ocidente, até o cabo Humos (38) ou até o Maranhão, ou se cremos a Nicolau de Oliveira, até o Pará. O vértice morre nas regiões austrais.

*População.*

*Como do Velho Mundo se chegou a êle.*

Não é de crer que a população do Brasil, como também a da América inteira, seja aborígene, pois é de fé que tôda a humanidade provém de pais asiáticos. Não se sabe com certeza quais os primeiros que alí chegaram, nem como, se pelo estreito de Anian, se através das terras contínuas situadas ao norte da Europa e entre ela e a América, se pela passagem das ilhas setentrionais, se pela Atlântida, outrora vizinha do estreito de Gibraltar e fronteira a êle (a qual dizem ser pròpriamente a América, conforme o Crítia e o Timeu de Platão), nem a época de tal migração. Cada um, na medida do seu engenho, aceite ou rejeite tantas opiniões. Quanto a mim, não tenciono tomar partidos e, em tamanha caligem da verdade, impugnar ou defender uma conclusão de preferência a outra.

*Primeiros descobridores.*

Vicente Pinzon e Diogo Lopez foram os primeiros que, sob os auspícios dos reis católicos Fernando e Isabel, deram a conhecer o Brasil, e depois Cabral e Américo Vespuccio, a mandado do rei de Portugal.

A região é ameníssima e salubérrima pela brandura do clima, e é disto indício a longa vida dos naturais, a qual atinge às vezes cem anos. Nem o frio, nem o calor são excessivos. Há extensos períodos de sêca e de chuva. Mal se distinguem das noites os crepúsculos, e do dia os dilúculos, porque o nascer e o pôr do sol são mais verticais do que entre nós. O inverno começa em março e acaba em agôsto. As noites, quasi iguais aos dias, conhecem, de uma a outra estação, apenas a diferença de uma hora. A temperatura hibernal assemelha-se à estival nossa.

Os habitantes são antecos dos espanhóis, mouros e etíopes, e periecos dos africanos mais orientais e dos javaneses, e antípodas dos povos da Áurea Quersoneso.

Conquanto sujeita a nevoeiros, é a terra recreada com os bafejos placidíssimos dos ventos mareiros, que dissipam os vapores e névoas matutinas, fazendo brilhar um sol límpido e esplendoroso. Durante o inverno, sopram os ventos do sul e do sueste, e durante o verão cursam o nornordeste e o lesnordeste. É a região numas partes vestidas de matas, noutras plana e tapizada de pastagens e noutras ergue-se em colinas. Chuvas freqüentes regam-lhe a gleba feraz e sempre verdejante. Por isso é mais para admirar que, sendo-lhe tão fecundos os campos e tão salubre o clima, tenha a sua gente caráter cruel e fero. A principal riqueza é o açúcar e o pau brasil, próprio par tingir panos. Entretanto, a diligência dos portugueses para alí transportou quasi todos os cereais e frutas da Europa. Escondeu a natureza êsse açúcar em canas elevadas, de que se extrai um suco muito doce e agradável, melhor que o mel da Ática (39). Fervido em caldeiras e tachas de cobre, cristaliza-se em pães à semelhança de medas ou pirâmides, ou, estilado o mel, deixa-se em lascas (40). Para esta indústria há por tôda a parte oficinas a que os portuguêses chamam ENGENHOS, porque tais maquinismos e construções foram inventadas por engenhos agudos, e contam-se entre as novidades dos últimos séculos. Dêsses engenhos tira o mercador ativo, com o trabalho dos negros, o máximo lucro, e anualmente vende, na Europa inteira e por muito dinheiro, o açúcar que as naus atulhadas dêle transportam.

*Colônias. Sedes do bispado e do Governo.*

Todas as colônias que existiram antes da nossa chegada eram portuguesas. A sede do bispado e do govêrno geral é a Baía de Todos os Santos e a cidade de S. Salvador. Atualmente, o Brasil espanhol obedece a uns governadores e o holandês a outros. Uma é a sede do govêrno lusitano e outra a do batavo.

A língua dos indígenas é difícil de aprender, e mostra-se quasi a mesma para todos os que alí até hoje se conhecem, ainda que para certas cousas existam vocábulos diferentes, usados uns pelos homens e outros pelas mulheres.

*Linguas.*

*Costumes.*

Os costumes, o caráter, o trajar dos brasileiros ou são comuns a tôdas as nações ou peculiares a algumas, conforme a sua diversidade. Se damos crédito a Maffeu, falta a essa língua o uso das três letras F, L, R (41), porque, segundo observam alguns com agudeza, carecem de fé, de lei e de rei. Alguns dos íncolas teem gênio mais bravio, e outros o possuem mais brando, uns são claros, outros es-

curos. Andam nus homens e mulheres, exceto os moradores da capitania de S. Vicente, que, mais civilizados, se cobrem com peles de animais. Pintam a côres o corpo assaz robusto ou o afeiam com o suco negro do jenipapo e o enfeitam com penas de aves variegadas. Do alto da cabeça deixam cair sòmente um negalho de cabelo, depilando as mais partes do corpo. O nariz é chato como o dos chins. O modo de cortar o cabelo é diferente para os homens, para com êle se distinguirem as tribus. As mulheres trazem cabeleira comprida, menos durante o luto ou na ausência do marido. *Traje.*

Não honram nenhumas potências sobrenaturais, nenhuns deuses, a não serem os trovões e os raios, aos quais votam grande veneração. Teem horror dos espíritos malígnos. Dados aos presságios, agoiros, sortilégios até à loucura, envolvem numa treva lucrativa o espírito leviano e ignorante dos seus com a mentirosa interpretação dos prognósticos. Prezam os feiticeiros. Gostam da poligamia e do divórcio. Não tratam mal as esposas, antes as cortejam, menos quando embriagados, o que também é freqüente com os holandeses. Em público, comprazem-se em tê-las por companheiras, usando esta ordem: se vão para o campo, precede o homem, pronto para investir uma fera ou enfrentar o inimigo; se estão de volta, caminha à frente a mulher, seguindo-a o homem, para ela escapar mais depressa de um perigo que sobrevenha. Em casa, teem-nas sob os olhos; receosos dos amores dos outros. *Religião.*

Não conhecem hora certa de se alimentarem. Na mesma casa, muito comprida, em forma de uma querena virada e coberta de palma, vivem juntas muitas famílias. Dormem tranqüilos e descuidosos em rêdes suspensas bem acima do chão para evitarem de noite os animais daninhos, assim como os vapores maléficos que sobem da terra. Antes desconheciam o trigo e o vinho. Alimentam-se com uma raiz sativa à qual, reduzida a farinha, chamam MANDIOCA. *Alimentação.*

Nadam admiràvelmente, e às vezes, ficam horas inteiras a mergulhar na água com o olhos abertos. Atiram flexas com estupenda habilidade e são dextros pescadores. *Os Brasileiros são nadadores, pescadores, atiradores de flechas.*

Vivem dia por dia, bebendo valentemente e entregues a desordenada alegria, sendo depois muito tolerantes do trabalho e da falta de comer. Na caça atingem velocidade igual à dos próprios animais bravios. *Bebedores.*

Com grande tripúdio matam os prisioneiros, tendo-os engordado cuidadosamente por alguns dias, e comem-nos assados em espetos. Marcham alegres para a morte aqueles a quem está reservado tal destino, e, publicando, como de uma resenha, as façanhas *Cruéis.*

praticadas contra os seus próprios verdugos, ufanam-se de não morrer sem vingança.

*Habitações.* Moram em habitações esparsas e viajam em ranchos, numa só fileira e em admirável silêncio, belicosos e sanguinários.

*Hospitaleiros.* São muito afáveis com os hóspedes e estrangeiros e de excessiva cortesia. Lançando-lhes os braços ao pescoço e apertando-lhes a cabeça ao peito, recebem-nos com lágrimas e suspiros, lastimando-lhes os incômodos e embaraços da jornada. Depois, com o semblante já exercitado para isto, enxugam os olhos e tomam o ar e os gestos de quem se alegra.

As mulheres grávidas não sofrem muitas dores com o parto, porque a temperatura quente lhes ajuda os trabalhos. Não gostam absolutamente de passar em casa o prazo decorrido desde o puerpério, como fazem as nossas patrícias, mas, ao contrário, levantam-se logo fortes e firmes e se ocupam sem preguiça dos serviços caseiros. Amam muito aos filhinhos, amamentam-nos durante um ano e negam-lhes outros alimentos. Sempre que saem, levam-nos pendurados às costas numa redezinha a que chamam TIPOIA (42).

*Armas.* As armas dos homens são clavas de pau, arcos e setas. Põem nestas uma ponta de ossinhos ou de estrepes muito duros para elas atravessarem os escudos e as rodelas de coiro.

*Deveres para com os mortos.* Não admitem haja para as boas ou más ações prêmios ou castigos depois da morte. Creem que os mortos descem aos infernos com o corpo inteiro, ou com os membros mutilados, ou traspassados de feridas. Assim, enterram os cadáveres sem queimá-los, colocando junto dêles uma rêde para dormirem e alimento para alguns dias, pois estão persuadidos de que as almas dos defuntos comem durante êsse tempo. Choram imoderadamente a morte dos seus, passam em pranto um mês inteiro, atiram-se ao chão como loucos, terminando êstes trágicos transportes com um festim e com danças.

Propensos à melancolia, procuram dissipá-la com cantilenas e instrumentos músicos, que teem próprios, e, tanto quanto os outros homens, intercalam os entretenimentos com as cousas sérias.

O gentio do sertão e todo aquele que conserva os costumes pátrios aproximam-se, na crueldade, mais das feras que dos homens. São avidíssimos de vingança e de sangue humano, temerários e pressurosos para os combates singulares e para as batalhas.

*Misturando-se aos europeus, tornaram-se mais brandos.* Depois de se haver introduzido entre êsses selvagens a religião e os estudos das artes liberais, foram distribuídos em aldeias e vilas os que moram à beira-mar, e adotaram os costumes dos europeus,

de sorte que também aquí se aplica esta observação de Tácito : À ORLA DO OCEANO VIVE-SE COM MAIS DOÇURA.

Onde, porém, a barbaria, que, para vergonha do gênero humano, não se peja da sua nudez, embruteceu o espírito dos naturais, sem temperá-los com boas leis algumas, com cultura alguma, obstinam-se os povos selvagens em guardar o caráter conforme aos costumes e ao natural dos seus maiores. Consideram inimigos os desconhecidos que com êles vão ter, julgando-os, as mais das vezes, uns como insidiadores da liberdade. Não falta a espíritos tão rudes astúcia para o mal, e não raro a crueldade e a perfídia substituem nêles a valentia e a prudência. Tudo isto são observações dos europeus, que a esperança de enriquecer leva lá.

O caráter dêsses povos ministra-nos matéria para utilíssima consideração e para admirarmos a sabedoria da natureza, a qual cobriu, com a mesma semelhança de membros, tão diversos temperamentos, tão diversas inclinações de almas. Isto nos ensina a darmos tratamento diferente a nações diferentes e a conhecermos o que se pode esperar de bom ou temer de mau em qualquer povo. Nenhum se poderia achar de índole tão perfeita que não descobrisse alguma falha, nem tão rude que se não recomendasse por alguma boa qualidade.

À fôrça de armas defendem os indígenas do sertão as suas terras contra os portugueses. Os do litoral vivem misturados com êles e sujeitos ao seu domínio.

Com extraordinária variedade de formas, produz a região gêneros próprios de quadrúpedes, serpentes, aves, peixes, árvores e plantas, cuja descrição, deixada aos especialistas, oferece matéria agradável de versar. Brotam alí fontes e rios notáveis. Dêles o mais célere é chamado rio DA PRATA, o qual entra no Oceano *Rio da Prata.* quarenta léguas da foz e com tanto ímpeto que os marinheiros já bebem água doce, antes de avistarem, do alto mar, a terra. São também rios afamados: o Real, o S. Francisco, o de Janeiro, o de Sto. *Rio de Janeiro.* Antônio Grande, o Capibaribe, o Beberibe, o das Ilhas, o das Con- *R. Grande.* tas, o Tinguarí, o de Pôrto Calvo, o Camaragibe, o Formoso, o Ma- *Rio Real. Rio das Ilhas.* manguape (43), o Paraíba e outros mencionados nesta história e *Rio Grande.* conhecidos pela fama dos acontecimentos desenrolados junto dêles e pelas desgraças da guerra. Seria inútil citar mais por miúdo tôdas essas cousas já expostas por outros.

Todo o Brasil se divide em colônias e capitanias, algumas das *14 CAPITANIAS.* quais reconhecem senhores próprios, outras teem o rei por senhor. São : *"Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Itamaracá,*

*Pernambuco, Sergipe, Baía de Todos os Santos, Ilhéus, Espírito Santo, Porto Seguro, Rio de Janeiro e S. Vicente".*

As nações disseminadas por elas e pelo sertão diferem no natural, nos dialetos e nos nomes: *"Potigares, Viatãs, Tupinambás, Caetés, Tupiniquins, Tupiguais, Apigapigtangas, Muriapigtangas, Itatís, Temiminós, Tamóios, Carijós e os célebres Tapuias, Tucanuços, Nacais, Cuxarés, Guaianás, Gaianás* (27), *Pigrús, Canuçuiaras"* e mais algumas enumeradas em particular por outros escritores (44).

Não carregues o sobrolho, leitor: estamos fora do Lácio e da Grécia. Não foi permitido inventar palavras só para os povos do Velho Mundo. Também para as cousas da América é forçoso e justo criar têrmos para exprimí-las adequadamente.

Seria apenas descrever o Brasil e não historiar os fatos nêle sucedidos dar-se uma relação completa de cada uma dessas cousas. Será suficiente indicar-lhe a posição, os limites, as capitanias, a população e as riquezas. Caberá talvez a outros, que falam nesta mesma história, darem, por dever de ofício, notícia mais circunstânciada de tais matérias (45).

*Divisão recente do Brasil.*

Há muito a ciência dos geógrafos dividiu o Brasil em capitanias do norte e do sul. A divisão recente é, porém, a que o distingue em Brasil Espanhol e Brasil Holandês. A primeira dessas divisões é a natural; e segunda é feita pela fôrça e valor dos homens. Aquela é a do Criador; esta a da partilha entre os príncipes. Uma é perpétua e imutável; a outra passageira e variável, segundo a fortuna da guerra. Os quatro mapas juntos, devidos à munificência de Nassau, representam o Brasil Holandês. Nem a América, nem a Europa viram até hoje outros mais completos. O primeiro estende-se do rio Potipeba até o S. Francisco, abragendo o Sergipe del Rei, anexado ao domínio da Companhia pelas armas de Maurício. Chama-se Capitania do Cirii, à conta do nome do rio. Neste mapa, o rio de S. Francisco, celebrado nos livros dos espanhóis e dos nossos patrícios, afamado pelas suas ilhas, penedos e vaus, abre a sua barra e penetra, com vários rodeios, pelo sertão do Brasil. O segundo e o terceiro mapa põem ante os olhos tôda a capitania de Pernambuco, bem como a de Itamaracá. O quarto mostra a Paraíba e a capitania do Rio Grande. Em cada um dêles encontram-se, marcados com sinais próprios, os engenhos de açúcar, os currais, as cidades, vilas e aldeias, os fortes, os rios, as baías, os cabos, sinais esses que trazem luz e fé à narração.

*MAURÍCIO mandou representar o Brasil Holandês em quatro mapas.*

*Oliveira inclue o Sergipe entre as capitanias.*

Os portugueses e os holandeses possuíam o país com governos distintos e contrários. Quatro capitanias eram da nossa jurisdição: Rio Grande, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco. As demais obedeciam a Portugal. Nós as garantíamos com fortificações tomadas ao inimigo ou construídas pelos nossos contra os generais espanhóis Albuquerque e Bagnuolo, célebre pelo seu renome militar. Aquele defendia as suas próprias terras, êste as do rei.

*Estado do Brasil e da possessão antes da chegada do Conde.*

A capital da capitania de Todos os Santos havia de novo passado para os portugueses, mais pelos vícios dos nossos do que pelo valor dos portugueses. Entretanto, estavam em poder dos holandeses as principais terras da colônia de Pernambuco, assim como todos os fortes destinados a presidiá-la.

*Estado da Guerra.*

O comércio da Nova Holanda nem diminuía por derrotas sofridas pelos nossos, nem aumentava por vitórias dignas de nota. Os reinos do Perú e do México e tôdas as regiões que se estendem para o Ocidente ofereciam oportuna matéria para a guerra. As partes boreais e austrais do Atlântico eram guardadas por naus e esquadras, que iam e vinham conforme as circunstâncias. O terror inspirado pelo nome batavo invadira tôdas as ilhas setentrionais da América — Hisponíola, Cuba, Jamaica e Pôrto-Rico. Campeche e Trujillo no golfo de Honduras tinham experimentado as nossas armas. Com fortalezas e guarnições ocupávamos as ilhas de Santa Margarida e de Sta. Marta, terríveis pela sua cidadela, e a de Curaçau no mar setentrional. E' recente a brilhante a fama da batalha travada com D. Luiz Borja, mestre de campo dos espanhóis, saindo vitoriosos os holandeses.

*Curaçau.*

De contínuo os generais da Companhia infestavam com esquadras tôdas as costas do continente americano. Brilhavam sob outros céus os nomes principescos de Frederico, Orange, Amélia, postos em castelos e fortalezas. Não havia descansar das hostes e dos assaltos diurnos e noturnos dos inimigos, que incendiavam os engenhos e devastavam as vizinhanças. Por tôda a parte, fumegavam também, com os incêndios ateados pelos nossos, as cidades, vilas, aldeias, oficinas e lojas dos portugueses, e no mar ardiam-lhes os navios e frotas, porque a vingança, raivando, acendia o facho da guerra. Estávamos em luta com alguns dos portugueses e dos bárbaros e em paz com outros. Atraídos êstes últimos ao nosso convívio e aliança, deixamo-lhes salva a religião, os lares, as leis e os costumes. Protemeu-se liberdade aos oprimidos, comércio aos negoci-

antes, fidelidade aos aliados. Mais uma vez, porém, quebraram os lusitanos a fé do juramento, mais por temerem que por amarem ao rei.

De todos foram os tapuias os mais dedicados a nós. Com o auxílio de suas armas e fôrças, comandadas por Jandoví (46), pelejamos contra os portugueses.

Também os povos da Guiana (47) aceitaram pacatos o domínio holandês. Alegravam-se todos com a expectativa de que, em chegando os nossos, se preparasse não a sua segurança, mas a vindicta contra os espanhóis.

*Situação política.*

Na província de Pernambuco, estava à frente da administração pública o chamado Conselho Político, que não só regia a república, mas ainda os negócios da guerra e do comércio, segundo as leis neerlandesas. Era igualmente exercido o poder dos magistrados inferiores, com jurisdição no cível e no crime. Entretanto as leis não eram acatadas pela corrupção dos súditos e ainda mesmo de alguns dos governantes. Mudando-se a condição dos lugares, chega-se aos piores desmandos. Os indivíduos de péssima estofa, temendo transformações por desconfiança da presente república, insinuavam-se nas boas graças dos portugueses, não por escrúpulos de fidelidade, mas por esperanças de impunidade.

*SIGISMUNDO VAN SCHKOPPE, CRIST ARTICHOF.*

Padecia o povo de grande carestia, por devastarem os inimigos os lugares próximos. Com o maior gasto e diligência possível, atalhava êsse mal a Companhia. Sigismundo van Schkoppe, conspícuo por suas muitas e brilhantes façanhas, comandava as fôrças de terra. Presidia à marinha João Lichthart, conhecido mais pelos seus serviços e insignes proezas contra o inimigo do que pelos favores da fortuna. Artichofski, militar de vocação, já muito experimentado, era coronel de um regimento de infantaria.

A derrota sofrida por Adriano Pater era considerada um dos desastres mais graves para o nascente império batavo do Brasil.

*C. JOL.*

Jol, inculto, mas arrojado e entranhadamente infenso ao nome espanhol, depois de ter aprisionado, aquí e acolá, naus inimigas enchia, como triunfador, todo o Ocidente com a sua glória marcial. Em Serinhaém, Terra Nova, Tapecerica, Alagoas e outros lugares, com riscos vários e êxito desigual, guerreavam os ditos comandantes Schkoppe e Artichofski com Camarão e outros capitães contrários.

Na Holanda achavam os diretores da Companhia que fôsse parecer de todos defender-se o Brasil e as conquistas realizadas e dilatarem-se as possessões, discutindo-se seriamente a quem se de-

veria confiar alí o govêrno e a quem se reconheceria capaz de tão importante província. Deliberava-se miùdamente sôbre abastecimento de vitualhas, sôbre armas, empréstimos contraídos e por contrair, rendas e impostos, e bem assim àcêrca do trato africano e do transporte de escravos para a América.

Não era menor a diligência do rei da Espanha, que se aprestava para embaraçar os planos dos holandeses, recuperar as possessões perdidas, munir as periclitantes e utilizar-se das fortificadas. Entrementes, um general não só prudente, senão também atrevido, preparava importante matéria para novos tentames. Direi sem receio que foram tamanhos os apercebimentos para esta guerra até o ano de 1636 que levam de vencida os empreendimentos dos mais poderosos reis. O vulto da emprêsa faz-lhe perigar o crédito nos ignorantes e nos invejosos. Foi ingente o número das naus: segundo os registros oficiais (48), mandaram-se mais de oitocentas para a guerra e o tráfico do Ocidente. para África e outros lugares e custaram mais de 45.000.000 de florins, levando-se em conta o preço das naus, os soldos, os bastimentos. Tomaram-se ao inimigo 547 naus, acarretando-se-lhes um prejuízo calculado em seis milhões. Da tomadia reverteram em utilidade pública mais de trinta milhões de florins, soma muito superior à que Paulo Emílio introduziu no erário de Roma. E no entanto, no dizer de Veléio (49), essa quantia "venceu em importância a de todos os triunfos anteriores". Os danos causados aos espanhóis e a nós inúteis estimam-se em mais de sete milhões. Sobem a vinte e oito milhões as despesas feitas pelo rei, os direitos alfandegários e rendas anuais que lhe tolhemos. Em mercadorias que pareceu lucrativo transportarem-se para a Guiné, Nova Holanda, Cabo Verde, Serra Leoa e rios Senegal e Gâmbia, gastaram-se mais de novecentos milhões de florins, excluídas desta conta as imensas riquezas absorvidas pelas necessidades do Brasil e outros lugares. Por êsse tempo, importou-se da Guiné e da Nova Holanda para a Holanda uma quantidade de ouro, marfim, âmbar, coiros de boi e peles de preço, no valor de 14.600.000 florins.

*Importância dos feitos da Companhia Ocidental até o ano de 1936.*

*Número das naus.*

*As tomadas ao inimigo.*

*Soma dos despojos.*

*Danos causados ao inimigo.*

*Preço das mercadorias.*

O nosso século contempla estupefato estas realizações, e o futuro, menos lembrado delas, pasmará de que tantos tesouros tenham entrado, por esforços de particulares, no território das Províncias-Unidas e de que tanta opulência e glória tenham saído das mãos do espanhol. Não bastaram tamanhos cabedais para compen-

sar os dispêndios impostos por tantas expedições; mas, com isto, pareceria a Companhia mais possante e mais terrível aos adversários.

*Predicados de NASSAU.*

Era essa mais ou menos a situação do Brasil e da América, quando Nassau assumiu o govêrno. Todos o desejavam nesse pôsto, porque, prático na milícia européia, sob o Príncipe de Orange, reconquistara, com sua dedicação e diligência, o que antes dêle ninguém conseguira, a praça de Schenken, a qual, situada no divórcio das águas do Reno, defende a Batávia. Gozava êle por isso o favor público dos holandeses, acrescendo a êsses títulos o lustre de sua família, ligada pelo sangue aos imperadores e por matrimônios aos reis, além da autoridade, da galhardia, da lealdade, da boa fortuna e de outras muitas virtudes e honras. Tudo isso exigia fôsse êle arrastado sem detença ao comando supremo e não consultado em longas deliberações. Demais, ostentava êle no porte e no corpo a bizarria e gentileza não só própria da idade viril, mas também congruente na dignidade com a relevância do seu alto cargo. Para auxiliar os príncipes alemães, já antes participara, como cavaleiro, da expedição que, sob Frederico Henrique de Nassau, se mandara ao Palatinado contra o Marquês de Spinola (50). Fôra alferes e comandara como capitão uma companhia, subindo logo de pôsto, sob Ernesto, governador da Frísia, e depois sob o príncipe Maurício de Orange, "*stathouder*" de Holanda, Zelândia e Frísia. Sob S. A. o príncipe Frederico Henrique, já supremo defensor das Províncias-Unidas, celebrizou-se Nassau nos famosos assédios de Groel, Bois-le-Duc, Vanloe, Maestricht (onde sustentou e repeliu com valentia o ataque contra a sua posição feito por Pappenheim (50-A), general das forças imperiais) e de Rheinberg. Assim, depois de desempenhar, no Velho Mundo, tôdas as funções militares, viria exercer outras novas no Novo Mundo. Acompanhava-o a opinião — era verdadeira — de que se lhe dava a província do Brasil, não por insinuação ou pedido seu, mas por ser dela julgado digno e capaz. A voz pública não errava, antes escolhia o melhor E o que é mais para louvar, logrou êle, por suas virtudes, fôsse a Companhia antes pedir de empréstimo um governador aos alemães que escolhê-lo entre os próprios holandeses. Os Estados Gerais e o Príncipe de Orange ratificaram os poderes a êle conferidos pelos diretores da Companhia, dentro das cláusulas seguintes, que fôssem honrosas para o general e para a casa de Nassau e úteis ao povo: 1) governaria com o título e poder de governador e capitão-general de terra e mar; 2) teria sob sua jurisdição tôdas as terras

*Entrega-se o govêrno do Brasil ao ilustre Conde.*

*Ratificação dos E. Gerais e do Príncipe de Orange.*

que os holandeses conquistassem ou esperassem fazê-lo; 3) superintenderia tudo o que se referisse ao bem público, à boa ordem e disciplina dos cidadãos, à guerra, às alianças e pactos e à justiça; 4) removeria todos os abusos e providenciaria para que não sofresse a república detrimento algum; 5) em campanha, caber-lhe-ia prover as patentes militares nos mais idôneos; durante a paz e nos quartéis de inverno, escolhê-los-ia para tais provimentos dentre os poucos que o Conselho indicasse; 6) decidiria também sôbre honras e funções civís; sôbre a conveniência de construir, transferir ou demolir fortificações; sôbre a sede do Govêrno e do Conselho; 7) regularia o trabalho e remuneração dos brasileiros e dos índios; 8) resolveria sôbre a substituïção dos conselheiros e dos oficiais, com a ratificação dos diretores da Companhia.

Estas e outras cláusulas foram sancionadas por fé pública, para que aos administradores supremos de negócios tão relevantes constasse uma regra certa das funções do Governador, ficando as partes adstritas a um escrúpulo de consciência.

A princípio foi prometida ao Conde uma esquadra de trinta e duas naus para êle ir tentar a fortuna no Novo Mundo. Entretanto os diretores, diminuindo a sua avidez de ousadias, convieram depois em doze, que levariam 2.700 soldados. Para evitar uma delonga prejudicial, companheira das grandes emprêsas, Nassau, já disposto para os trabalhos e as fadigas, resolveu partir numa esquadra ainda desapercebida, como acontece de ordinário em tais circunstâncias, e com soldados mal aprestados, com os quais ia passar à América, em quatro navios sòmente. No outono do ano da graça de 1636, zarpou êle do pôrto de Texel, com o pleno assentimento e a mais firme esperança de tôdas as classes sociais. O navio que conduziu o capitão-general tinha o nome de Zutphen. Os soldados não excediam 350, que mal o garantiriam contra os ataques dos espanhóis da Flandres e de Dunkerque. À sua partida, foram dêles despedir-se e levar-lhe os votos de felicidade e boa viagem os membros dos Estados Gerais, o Príncipe de Orange, os diretores da Companhia e os cidadãos mais considerados, persuadidos de que iria êle dar um exemplo novo de felicidade e de sabedoria política e militar. Divulgada a notícia de tão gloriosa expedição, era voz geral que, com semelhante general, se podiam acalentar outras esperanças sôbre tão importantes cometimentos; que seria êle o sustentáculo do continente americano; que daria vigor às nossas armas e dignidade ao nosso império; que ninguém era mais moderado e prudente; que, nas campanhas pátrias, aprendera as dificuldades e

*Partida para o Brasil em 25 DE OUTUBRO DE 1636.*

*Votos públicos dirigidos ao Conde.*

os lances da milícia; que ia guerrear com o auxílio de soldados comedidos e obedientes; que pela sua fama, seria terrível aos inimigos, caro aos seus guerreiros alemães, por serem patrícios e que aplacaria aos bárbaros com a sua brandura e mansidão.

*Crê-se que as Sorlingas sejam as Cassitérides de Ptolomeu.*

*Por uma tormenta é tangido para a Inglaterra.*

Depois de ter navegado, com dias serenos e ventos propícios, o Canal de Inglaterra, já próximo às Sorlingas (são as Cassitérides de Ptolomeu), o mar, turbado por furiosa tormenta, flagelou com graves incômodos os inícios da travessia. Tem-se observado várias vezes que as potências celestes recebem iradas as expedições ultramarinas. Isto sucedeu a Agamemnon, a Enéias, a Xerxes, a Germânico, a César e a outros que empreenderam façanhas extraordinárias, ou porque os novos reinos devam ser sagrados com a adversidade, ou porque o desejo de poderio deva ser coïbido com o temor dos perigos. Consultando os capitães das naus sôbre a conveniência de se ferrar o primeiro pôrto, desagradaram ao Conde tais delongas, conquanto desafeito ao mar, e manda prosseguir a viagem, sem interromper a navegação. Crescendo, porém, os perigos com os mares procelosos, tornados mais formidandos com os rigores do vizinho setentrião, a prudência, condescendendo com o temor, aconselhou que se recolhessem a Falhouth (51). Já a Zutphen fizera água e mal emergia. Com altas vagas encontroava o mar grosso os navios, que, pelo furor dos ventos contrários, estavam a pique de encalhar nos parcéis e rochedos das Sorlingas.

*Detém-se em Falmouth.*

Enquanto se aguarda em Falmouth tempo mais favorável para navegar, S. Magestade Sereníssima, Carlos I da Inglaterra, tendo tido conhecimento de se achar o Conde João Maurício em pôrto inglês, ordena ao governador daquela cidade e à nobreza dos arredores cumprissem para com Nassau todos os deveres de cortesia e providenciassem todo o necessário aos reparos de sua frota. Tudo foi ministrado com abundância e boa vontade.

*Presságios.*

Tenha embora quasi desaparecido em nossa gente a crença em augúrios e portentos e não cuidem os mais sensatos que Deus se envolva fàcilmente nos casos fortuitos, notou-se, todavia duplo presságio não totalmente desprezível. O primeiro um peixe que saltou do mar no convés, quando se passava perto de Dunkerque. Chamam-lhe "badejo grande" para distinguí-lo do menor denominado "pescada". O segundo foram cinco perdizes vindas das costas da Inglaterra, as quais entraram na Zutphen onde ia o Conde e na Pernambuco, servindo de prazer e presa espontânea para os marujos. Segundo a conjectura risonha dos pressagiadores, acreditou-se que êsses prenúncios prometiam a obediência e o pavor do

mar e da terra. Talvez queira a bondade divina, tocada pela aflição dos príncipes, revelar ainda mesmo com êstes meios e com as aparências dos fatos os sucessos futuros. Tais foram outrora a serpente no rio Bragada, quando Régulo batalhava na África; a aparição salvadora duma água ao rei Dejótaro; três corvos crocitando para Graco; um lôbo, que nas Gálias tirou da bainha a espada de uma sentinela, e outros infinitos, aos quais sói a credulidade supersticiosa atribuir a glória ou a ignomínia, a salvação ou a ruína dos varões de grande celebridade, segundo foram favoráveis ou infelizes os fatos acontecidos.

*Chega às Ilhas do Cabo Verde.*

Transcorrem quarenta dias sem monção para a travessia. Entretanto continha o Conde os tripulantes nos navios, atentos em não deixar fugir o momento oportuno para a partida. Enfim, amansadas as procelas, com feliz navegação — chegou às ilhas do Cabo Verde.

*Descrição das Ilhas do Cabo Verde.*

O Cabo Verde, célebre entre os promontórios africanos, é coberto de verdejante arvoredo, donde procede o seu nome. Creem muitos ser êle o cabo Arsinário de Ptolomeu. Segundo Oliveira, é o princípio da Etiópia, e se estende, por mais de cem léguas, até o cabo da Serra Leoa, chamando-se todo êsse território Capitania do Cabo Verde. É limitado de uma banda pelo rio Gâmbia, e de outra pelo Senegal, ambos conhecidos pelo tráfico dos nossos. Há aí contendas freqüentes entre o rei e os chefes por causa da realeza. Quem sai vencedor defende-se com uma vindicta assaz cruel, quer o rei mais poderoso dê cabo dos grandes, quer êstes eliminem o rei. As riquezas régias dependem do alvedrio e liberalidade dos chefes, os quais às vezes mimoseiam a um pobre e necessitado com cavalos, vacas, cabras e legumes. Para oeste, no meio do Oceano, jazem dez ilhas a que chamam do "Cabo Verde", por serem vizinhas dêste cabo. Foram descobertas em 1440 pelo genovês Luiz Cadamosto. Pensam alguns serem elas as Górgones ou Hespérides dos antigos. Há nelas abundância de cabras e de salinas, chamando-lhes por isso os nossos também Ilhas do Sal. Aí colhem os espanhóis milho zaburro. Quando se descobriram, eram inteiramente incultas e não apresentavam nenhum vestígio humano. Os primeiros que alí desembarcaram apanharam pombas com a mão ou matavam-nas com bastões, porque poisavam no chão, desacostumadas dos homens. A principal e maior destas ilhas é a "S. Tiago" com vários gêneros de árvores e num comprimento de sete léguas. Nela existe imensa cópia de sal, águas doces e inúmeras tartarugas, tão grandes que suas cascas igualam o tamanho de um escudo maior. Acima

desta e mais para o norte está a ilha da "Boa Vista", assim denominada por terem aí aportado a primeira vez os portugueses, dando-se uns aos outros os parabéns. Entre as menores inclue-se a de nome "Ilhéu de Maio". Conhecida por suas salinas, costuma ser freqüentada pelos espanhóis. Tem escassa população, a não serem por acaso alguns negros fugidos ou alguns degredados portugueses, cuja morte alí é insignificante dano. Detendo-se nesta seis dias para fazer aguada, logo chegou Nassau à famosa linha do mundo, que divide o céu e a duração dos dias e das noites em duas metades. Aí, a uma distância igual dos términos do Universo, mostrou-se o valor dos Nassaus aos dois hemisférios para equilíbrio de seu grande lustre e das suas façanhas em tôda a parte feitas ou por fazer.

*Ilhéu de Maio*

*Demora-se no Ilhéu de Maio para fazer aguada. Passa a linha equatorial.*

*Chega ao Brasil 23 DE JANEIRO DE 1637.*

Após uma derrota longa, realizada em breve espaço, quando já entrara o inverno para a Holanda, aportou ao Brasil, em Pernambuco, alegre de ter compensado os contratempos do mar por uma viagem próspera. Com êle arribou também Adriano van der Dussen, a quem o Conde reünira a si perto da Ilha da Madeira. Três dias após, chegaram Mateus Ceulen e Carpentier, os quais, por serem conduzidos numa nau aberta, tiveram de se demorar algum tempo na baía de S. Vicente (52) para os reparos dela. Depois dêstes, veio Gisselingh, muito maltratado pelos temporais marítimos. Eram todos membros do futuro Conselho Secreto e esteios do govêrno. A travessia, feliz pela brevidade do tempo levou Nassau a seu destino numa quadra do ano idônea para executar êle os seus planos. Sua chegada, com efeito, caiu em meses próprios para a guerra e as campanhas. Pelo súbito do desembarque, não tiveram tempo os portugueses nem os governadores da Baía de Todos os Santos de enviar socorros contra o Conde e de intentar contra êle qualquer movimento hostil.

*É recebido pelos seus.*

Ao saltar em terra, receberam-no as pessoas gradas do lugar e o povo, e no semblante, nas homenagens, nas palavras, atestavam-lhe o seu acatamento, captando-lhe os mais as boas graças, como acontece de regra com os governos novos. Com alegria igual à modéstia, recebeu êle, como testemunhos de comum benevolência, estas saüdações dos circunstantes e dos que alí concorriam. Em seguida, exibindo, na reünião do Conselho, as patentes a êle entregues pelos Estados Gerais, pelo Príncipe de Orange e pelos diretores da Companhia para assumir o comando supremo e o govêrno, quis aquele habilíssimo general fôsse o seu primeiro cuidado conhecer quantos soldados holandeses e aliados se achavam em armas e nas guarnições, julgando prudente preparar a guerra antes de

fazê-la e medir as próprias fôrças para não se tentar uma façanha sem resultados, e para uma audácia precipitada não diminuir o bom nome do govêrno iniciado. Sabe-se em verdade que as tropas aparelhadas sustentam melhor as guerras do que as levas violentas e tumultuárias.

*O primeiro cuidado de NASSAU é informar-se do estado da milícia.*

*Guarnições distribuídas.*

*Reservadas para a guerra.*

*Bastimentos.*

Todo o contingente militar foi distribuído em dois corpos, um destinado às guarnições, outro às campanhas. Ficaram nas guarnições 2.600 homens, que se repartiram pelas praças de Recife, do Rio dos Afogados, do Cabo de Sto. Agostinho, de Itamaracá e da Paraíba. O corpo reservado para campanha foi dividido em duas tropas: a maior, para atacar o inimigo, com 2.900 homens; a menor, de infantaria ligeira com 600. Êstes surpreenderiam e estorvariam o inimigo noutras partes e espreitariam as ocasiões. Depois providenciou Nassau vitualhas e transportes, imitando nisto a previdência dos romanos. Informou-se minuciosamente da provisão de pão, biscoito, toucinho, legumes, carnes, queijo e vinho existente nos navios e armazéns, pois sem isto a soldadesca se torna agastadiça e indisciplinada. Começou também a recensear os armamentos, arrolando as armas brancas e as de fogo, a artilharia, os arcabuzes, os mosquetes, as espingardas, etc., a pólvora, as naus e petrechos náuticos nas costas e nos portos. Encontrei notada a escassez de morrões, lançando-se a culpa disto aos administradores europeus da companhia. Mas a necessidade, valendo-se do engenho, por uma nova arte, fabricou morrões, servindo-se de casco de árvores. Não eram, porém, de boa qualidade, porque se apagavam logo. Houve também, para dizer verdade, tal carestia de mantimentos que, depois de se abastecerem os acampamentos para dois meses, distribuindo-se aos soldados ração assaz estreita e fraca, ainda assim mal sobrou com que alimentar as guarnições, as quais tiveram de viver parcamente e com fraude do apetite. Daí queixas e murmurações dos soldados jejunos, as quais dificilmente se aquietaram com as palavras brandas e as promessas liberais dos Comandantes. Portanto os soldados holandeses, habituados a comer à saciedade, não toleram os jejuns que fàcilmente suportam os soldados vindos de lugares confragosos e de terras pobres. O Conde, por edito, permitiu a cada um levar para os quartéis as provisões que quisesse, simulando-se dêste modo fartura de tudo, para que nem o inimigo, informado de nossa penúria de mantimentos nos acometesse mais audaz, nem a soldadesca se amotinasse nos arraiais.

*Armamentos.*

*Prudência do Conde.*

Tomadas estas providências entre os seus, procurou Maurício conhecer as posições do inimigo, suas fôrças e aprestos, à maneira

do capitão cartaginês (53), que sabia tão bem as cousas dos seus adversários como as próprias. Por espias teve-se notícia de ocupar êle o território e a praça de Pôrto Calvo, donde mandava bandos predatórios a infestar, com rapinas e devastações, as terras vizinhas pertencentes aos nossos, a tal ponto que nem mesmo era seguro o trajeto entre Olinda e Recife. Os índios, abandonando suas aldeias, por mêdo dos inimigos, buscavam proteção sob as nossas fortalezas. As fôrças militares no campo do Serinhaém mal bastavam para repelir as irrupções dos nossos contrários, evitando que êles penetrassem mais no interior. Nem a êstes faltavam nas brenhas os seus refúgios, através de caminhos ocultos e cegos, sendo-lhes os portugueses fáceis e favoráveis quando nos insidiavam, e a nós difíceis, se queríamos fazer-lhes o mesmo. E como não puderam ser expulsos das fronteiras, o que era nosso ficou-lhes exposto aos incêndios, esbulhos e matanças.

*O Conde prepara-se para a guerra.*

Diante disso, ordenando Nassau uma prece pública, para que não parecesse ter encetado alguma emprêsa sem o auxílio divino, julgou acertado atacar sem demora ao inimigo e iniciar a sua governança com as armas e a guerra, firmando o seu poder e mostrando ao adversário a sua confiança, cousas que, mormente entre os estrangeiros, são os primeiros instrumentos para consolidar um principado. Considerava que o oprimir êle o espanhol, sem delongas e com dignidade, era do maior interêsse para a sua glória e a da Companhia. Protelando as hostilidades, conseguiria o espanhol fôrça e disciplina, e êle incorreria na suspeita de insensatez ou de pachorra.

Tôdas as fôrças foram por terra para Serinhaêm, menos a guarda do Conde e as companhias comandadas respectivamente por Carlos de Nassau e pelo capitão Haus. Compostas de soldados bisonhos, tidos por incapazes das marchas mais lentas dos acampamentos por causa do caminho bastante longo, foram por mar juntar-se ao Conde. Partindo êle com o exército para o Una e transpondo o rio que o inimigo, com uma fôrça exígua, teria fàcilmente defendido, marchou para a Barra Grande, afim de esperar a esquadra, a qual transportava, em trinta e três navios de carga e ligeiros, as provisões e todo o aparato bélico. Reüniram-se trezentos infantes holandeses, oitocentos soldados de mar e seiscentos brasileiros, aos quais se juntou uma companhia eqüestre. Com essa tropa marchou-se contra os espanhóis, que eram superiores em número. A êstes comandava o Conde Bagnuolo, militar experimentado, que se distinguira nas campanhas neerlandesas sob o marquês de Spi-

*Rio e aldeia Una ou Huna. Barra Grande. Marcha contra o inimigo.*

nola. Além dos índios, negros e portugueses, dispunha êle de 4000 soldados. De antemão fortificara as margens do rio com trincheiras, para as quais se retirou, informado da chegada de Nassau, seja por desconfiar dos armamentos, pois em soldados se avantajava a nós, seja com o fim de atrair os nossos para debaixo do baluarte do referido pôrto (54). Junto de um ribeiro distante do forte uma légua, assentou, num monte, os arraiais, com um poder de 2.000 combatentes. Cercou o campo com dupla linha de trincheiras, fechando os desfiladeiros com toros e troncos de árvores cortados por tôda a parte. O plano era conter aí o ímpeto dos holandeses para que êle Bagnuolo, mais próximo da fortaleza, pudesse defendê-la com fôrças armadas e ser por ela defendido.

*Escaramuças.*

Ao entardecer, Maurício, explorando o local e a posição dos inimigos, armou o acampamento no monte oposto. Sem vantagem alguma, desafiaram êles os holandeses para as batalhas com ligeiras escaramuças, ocupando-se, entretanto, a noite inteira, em munir com tranqueiras o seu pôsto. Antemanhã, quando mal clareava, disparâmos contra os espanhóis algumas vezes as peças de campanha, aterrando-os e diminuindo-lhe a ousadia.

*Ordem do exército.*

O exército seguiu esta ordem: duas companhias de holandeses e três de brasileiros foram mandadas marchar, pela direita, através dos lugares escusos das matas e transpor os entrícheiramentos, façanha árdua; outras tantas foram destacadas, pela esquerda, para investirem simultâneamente os inimigos. Nassau, mostrando a sua bizarria e disposição para a luta, com a sua guarda junto de si, ia-lhe à frente, pois entendia muito importar quem dirigiria o início daquela batalha, que iria dar os presságios da vitória. Comandavam a retaguarda Schkoppe e Artichofsky, os quais afamados e em voga por suas façanhas, gozavam das simpatias da soldadesca. Assim, atacando êles o inimigo, em três lugares e com três batalhões, permitiram-lhe travar o combate. Mandou Bagnuolo mil mosqueteiros atirar contra os holandeses, morrendo seis e ficando feridos trinta e seis. Nós, arrancando as paliçadas e rompendo ferozmente as cêrcas que nos obstavam, acometemos os contrários de um e de outro lado, forçámos corajosamente os flancos e, após uma peleja renhida, obrigámo-los a debandar. Os que tinham alcançado terreno mais planos, assaltaram fàcilmente; para os que tinham de atacar as trincheiras e superar os abatises era maior o trabalho e o perigo, porque, em posição elevada, ficavam expostos a tiros mais certeiros.

*Expulsa das fortificações o inimigo.*

A esperança e a coragem das partes adversas inflamaram-se com a emulação, incitando-as, de lado a lado, o desejo de fugir à ignomínia. Neste recontro tombaram quatrocentos inimigos, que se viam dispersos, errantes, sem armas. Os restantes acolheram-se a proteção da fortaleza. Morreram e caíram prisioneiros alguns que eram eminentes na milícia, e com tanto encarniçamento perseguiram o inimigo os holandeses e índios, que com dificuldade podiam ser chamados ao acampamento por ordem do General.

O Conde, prometendo-se com esta primeira vitória o bom êxito da seguinte, conduziu o exército vencedor pela raiz das colinas, justamente para debaixo da fortaleza. Bagnuolo, munidas as suas estâncias no monte, fez fogo contra os nossos o dia inteiro, como também o fizeram os que ocupavam o forte, mas com muito estrépito e pouco dano. Nesse mesmo dia, Schkoppe com os seus soldados e Lichthart com os seus marinheiros foram destacados pelo Conde para tomarem a ilha, facilitando-se destarte o transporte das provisões. Durante a noite, o general espanhol ajuntou a bagagem e escapuliu-se, abandonando três canhões de bronze. Temeu ficar na fortaleza para não se envolver com a rendição dela, e não se atreveu a impedir o cêrco aos nossos para não desfalcar seu exército. No dia seguinte, Nassau, examinando novamente as fortificações dos inimigos, verificou terem-se retirado, sem se demorarem muito nas mesmas. Quando Maurício delas se aproximava, saltaram com fogos ocultos que Bagnuolo, saindo alta noite, lhes deitara por cilada. Nenhum dano, porém, sofreram os holandeses, cuja chegada mais tardia os livrou daquele desastre. Bagnuolo dirige-se para o Camaragibe para daí ganhar Alagoas. Nossos soldados acossam o inimigo, em vários encontros dão cabo dos que vagueavam e, com a precipitação dos fugitivos, apanham presa e opimos despojos. Cobra então ânimo o General holandês para atacar a fortaleza da Povoação, capital da província, sem ignorar que, conforme corressem os inícios da guerra, assim teria de ser a esperança e a fama das mais empresas.

*Cerca a fortaleza da Povoação de Pôrto Calvo.*

A fortaleza está situada na província de Pernambuco, às margens de um rio muito accessível e de boa profundidade para navios de carga. Dista 25 léguas Recife. Há sete engenhos nas circunjacências e dali parte uma estrada para as Alagoas e terras dos rios Camaragibe e Sto. Antônio Grande. Dois anos antes fôra expugnada por Lichthart, que pôs em fuga o Conde Bagnuolo e fez afogar-se no rio diversos espanhóis. Entretanto, não muito depois, Bagnuolo, planeando reconquistá-la e aproveitando-se do ensejo

para executar seu desígnio, recuperou-a sem dificuldade, graças à traïção do português Sebastião do Souto, homem perfidíssimo, de cujo ótimo auxílio nos serviríamos antes. Ilaqueando com mentiras a boa fé do sargento Picard, nos causou mais desvantagens e danos do que as vantagens e salvação que nos deu. Com falsas indicações, aconselhou Picard a evacuar a fortaleza e entregá-la à invasão do inimigo, removendo-lhe a guarnição. Com esta proeza, celebrizou, pela enormidade do crime, a perfídia dos seus.

Além disso, foi condenado à morte Domingos Calabar, português que, abandonando o partido do rei pelo nosso, foi preso no forte e supliciado, pagando na forca a sua deserção e deixando os membros esquartejados por espetáculo e testemunho da sua infidelidade e miséria.

*Ordena os acantonamentos.*

Julgando Nassau que interessava à Companhia sujeitar-lhe ao poder a dita fortaleza, estabeleceu logo quatro acantonamentos. Êle chefiou o primeiro, o governador Segismundo van Schkoppe o segundo, o coronel Artichofski o terceiro, e o almirante Lichthart o quarto. Livre do mêdo externo, levanta baterias em cada um dos postos, assenta a artilharia, e, jogando-a feroz e reiteradamente contra a fortaleza recebeu do adversário mútuos disparos e danos, ficando destruídas de parte a parte as trincheiras que a pressa levantara. Entretanto, com o trabalho dos sapadores, estende sem esmorecer os aproches e as minas, arrastando-se com os operários até perto dos soldados contrários. De sol a sol, era-lhes companheiro nos perigos. Morreram, além de alguns soldados rasos e oficiais, Carlos de Nassau, militar jovem e ardoroso, mais esforçado e brioso do que afortunado, e o capitão João Tallebon, arrebatados à prática de grandes atos de valor pela súbita explosão de uma bombarda. No décimo terceiro dia do assédio, já estando as obras de acesso próximas dos fossos, e faltando aos sitiados coragem e fôrças para ainda se defenderem, rendeu-se a fortaleza com honrosas condições, primeira recompensa que o Conde alcançou da expedição americana, fundamento e caminho de um poderio mais amplo.

*Expugna o forte.*

Concedeu-se aos soldados da guarnição, armados segundo as praxes da milícia, a faculdade de partirem e retirarem-se de batida para a ilha do Recife a dalí para a Hispaníola e para os lugares das Índias Ocidentais que escolhessem ou para a Ilha Terceira. Foi-lhes permitido, segundo as honras da guerra, levar um só canhão e alguma munição. Pediram a Nassau navios para a partida, com as garantias que tinham pacteado. Rumaram todos para a Ilha Terceira, que é a principal dos Açores ou Ilhas Flamengas.

Saindo da praça o vice-governador espanhol Miguel Giberton, ilustre nas lutas contra a Holanda, oito capitães, sete alferes, quinhentos soldados, entre italianos, portugueses e espanhóis, além dos enfermos e feridos, fizeram a nossa vitória gloriosa e útil, porquanto aos despojos de guerra se ajuntaram 22 peças de bronze, 5 de ferro, 4 morteiros (espécie de canhão curto e de bôca larga), grande quantidade de granadas e de balas de ferro, morrões e outros petrechos bélicos e todo o arsenal do rei alí existente.

Vagueando nosso exército nos arredores de Muribeca e S. Lourenço, resistiu às sortidas dos inimigos em nosso território. Os saqueadores foram expulsos pelos nossos, sob o comando de Jacó Stackouver, o qual travou combate com um trôço dêles, derrotou-os e pô-los em fuga, tendo então pelejado bravamente o tenente Helmich. Conseguiu-se, assim, maior tranqüilidade e quietação para os campos circunjacentes. Certamente, para exemplo, cumpriria transmitir-se aos pósteros a memória de todos os capitães que se bateram, se o saber-lhes os nomes me fôra tão fácil quanto o admirar-lhes o valor.

*Persegue a Bagnuolo.*

Maurício encalçou a Bagnuolo, que fugia, pois julgava devia usar da vitória e, em pouco tempo, o expulsou de tôda a província de Pernambuco, já menos animoso e forte.

Para elucidar a presente história dos feitos praticados e a dos que de futuro se praticarem nesta província, será de vantagem indicar-lhe sucintamente a posição e os lugares, sobretudo por ser alí a residência tão luzida do Conde, sede do Conselho Político e do Supremo e a principal e mais freqüentada estação naval.

*Descrição da Capitania de Pernambuco.*

*Onze vilas e povoações. Olinda.*

Pernambuco é uma das maiores colônias do Brasil, pois tem de costa, entre a foz do S. Francisco e capitania de Itamaracá, 60 léguas. E' propriedade do português Duarte de Albuquerque, em cujo nome a governava seu irmão Matias de Albuquerque. o qual viera para Olinda pouco antes de a tomarem os nossos. São onze as vilas e povoações habitadas por lusitanos. A primeira é a capital Olinda, à beira-mar, notável por belos edifícios e templos. O sítio, por amor das colinas que ela abrange no seu perímetro, é assaz acidentado, de sorte que dificilmente o poderia munir a indústria humana. Na parte mais alta, erguia-se o convento dos jesuitas, de construção elegante e rico de rendas, levantado por el rei D. Sebastião. Era o primeiro que aparecia, com seu aspecto agradável, a quem vinha do mar alto. Ao lado dêle, via-se outro — o dos Capuchos, e perto da costa o dos Domínicos (55). Na região superior da cidade, estava o mosteiro de S. Bento, protegido pela

natureza e pela sua construção. Havia também uma igreja de freiras e mais outras. Tinha duas matrizes: a de S. Salvador e a de S. Pedro. Calculavam-se em 200 os moradores, fora eclesiásticos e escravos. Distribuíam-se em quatro companhias de número desigual, como se costuma. Eram mais ou menos duzentos os mais ricos.

De Olinda estende-se para o sul, entre o rio Beberibe e o Oceano, um istmo, de cêrca de uma légua, assaz estreito e arenoso, semelhante a uma costela ou linguazinha. Com noutros lugares, colocou-o a Providência Divina fronteiro a esta costa contra os assaltos do mar. Na sua extremidade existiu uma povoação chamada "Recife" ou "Abrigo" (56), talvez porque dentro dêste e de uma outra língua de terra a êle semelhante, chamado Recife de Pedra, podem e costumam as naus abrigar-se para receberem e despejarem os carregamentos. Tinha êsse povoado uma população densa, e no sítio em que o mar corta ao meio o istmo arenoso é o surgidouro das naus maiores, por causa da notável profundidade. Defronte dêste, onde morre o Recife de Pedra, que deixa passar as ondas aquí e acolá, existiu uma tôrre surgindo das vagas com o nome de Castelo do Mar, para diferençar-se do que se via no recife de terra ou areia, denominado Castelo da Terra e pelos portugueses Castelo de S. Jorge.

Abandonada Olinda, mudaram para a povoação do Recife os mais dos cidadãos e comerciantes, dotando-a de ótimos edifícios, até que Mauriciópole entrou a empanar-lhe o fulgor. Recife, cingido pelas nossas estacadas do lado que olha para o Beberibe, tornou-se bastante forte, pois o rio é vadeável na vazante.

Tal era o aspecto de Olinda antes de expugnada pelos holandeses, os quais tornaram inexpugnáveis êstes Recifes ou angras, assim como a ilha de Antônio Vaz. Já esta brilha com o palácio do Conde — Frigurgo —, magnìficamente construído, a sua própria custa, para uso dêle e honra do govêrno —, e bem assim com a cidade Mauriciópole e as pontes admiràvelmente lançadas sôbre os dois rios. *Ilha de Antônio Vaz.*

A segunda vila, antes povoação do que vila, é *"Iguaraçú"*, mais distante do litoral, em frente a Itamaracá e a 5 léguas de Olinda. Habitaram-na outrora portugueses de condição mais humilde, que viviam das artes mecânicas. Caindo, porém, Olinda em nosso poder, até os seus mais opulentos moradores passaram para Iguaraçú. Tomaram-na os nossos a 1.° de Maio de 1632, incendiando-a e saqueando-a. *Iguaraçú.*

A terceira vila é o já mencionado Recife. *Recife.*

*Muribeca.* A quarta é Muribeca, mais no sertão e mais para o sul, a 5 léguas do Recife.

*St.° Antônio.* A quinta é Sto. Antônio, a 7 ou 8 léguas do Recife, no sul, perto do Cabo de Sto. Agostinho.

*Ipojuca.* A sexta é S. Miguel de Ipojuca, muito populosa, a 10 léguas do Recife. Tem 13 engenhos, que produzem anualmente grande quantidade de açúcar. Está situada às margens do rio do mesmo nome, o qual entra no mar junto ao lado meridional do Cabo de Sto. Agostinho.

*Serinhaém.* A sétima é a povoação de Serinhaém, muito ampla e amena. Possue 12 engenhos, produzindo cada um seis ou sete mil arrobas de açúcar (1 arroba pesa 27 ou 28 libras nossas). Dista 13 léguas do Recife.

*Una.* A oitava é S. Gonçalo do Una, a 20 léguas do Recife, com 5 engenhos.

*Pôrto Calvo.* A nona é Pôrto Calvo, a 25 léguas do Recife, tendo 7 a 8 engenhos. Aí fica a fortaleza da Povoação (57), célebre pela vitória de Maurício.

*Alagoas do Norte e Alagoas do Sul.* A décima é a povoação de Alagoas do Norte, a 40 léguas do Recife. A undécima é Alagoas do Sul, distante quasi outras tantas.

*Aldeias.* Além destas localidades, há outras menores chamadas *aldeias,* onde vivem os índios.

Lugarejos com edificações em que se fabrica açúcar contaram-se 70. Alguns dêles igualam aldeias na importância e no número de trabalhadores que moram nas proximidades. Dizem que rendem anualmente tanto açúcar quanto basta para carregar 80 ou 90 naus. Colhi em autores graves que num só dia zarparam do pôrto de Olinda 40 naus carregadas de açúcar, restando ainda nos trapiches quantidade bastante para carregar outras tantas. Não é possível o fabrico do açúcar sem o auxílio dos negros, que de Angola e outros portos da África se transportam em grande número para o Brasil. Dos livros da alfândega consta que, nos anos de 1620, 1621, 1622 e 1623, num quadriênio, só do pôrto de Angola foram levados para a capitania de Pernambuco, com gordo lucro para o rei da Espanha, 15.430 peças.

Pernambuco alegra-se com a sucessão de montes e vales. É feracíssimo de cana doce e de pau-brasil. Há também pastagens que nutrem copioso gado, de sorte que merece ser chamado a "têta do Brasil", designação que outrora os italianos deram à Campânia.

O que acabei de expor são informações topográficas e, por assaz conhecidas, não precisam de ser escritas. Cinjo-me, pois, à narração histórica.

*SCHKOPPE parte para as Alagoas.*

Providenciadas as cousas necessárias à fortificação e resistência dos baluartes, foi Schkoppe enviado para as Alagoas, com fôrças e cavalaria, em busca dos remanescentes do exército adverso. O Conde Maurício, para aliviar os soldados fatigados da marcha, embarcando-os na Barra Grande (é uma enseada espaçosa, comportando mais de vinte naus, vizinha de Pôrto Calvo), saltou em terra junto à ponta de Jaraguá (58), não longe das Alagoas, e perseguiu o inimigo até o rio de São Francisco.

*Foge BAGNUOLO.*

Durante isto, alguns indígenas, accessiveis às armas e sortidas dos nossos pediram-nos com instância fôssem aceitos sob a nossa protecção, o que alcançaram, pois Nassau não julgou generoso combater com particulares infelizes, mas sim com inimigos violentos. Obtida a garantia que tinham pedido, voltaram para as suas terras, sabendo ter nos holandeses defensores dos seus bens e não inimigos.

*Atravessa o Rio de São Francisco*

Perto do Cururipe (59), tiveram-se indicações de que o Conde Bagnuolo passava, em jangadas, para a outra margem do S. Francisco, os soldados que êle tinha em Penedo. Ordenou-se por isso a Schkoppe que se dirigisse para alí com tropas de arcabuzeiros, índios e uma companhia de cavalos, para perturbar os planos dos espanhóis. Chegando, porém, alí um pouco tarde, quando atravessava a última jangada, só se ofereceram à cobiça da soldadesca dinheiro e alguns vasos de prata. Em verdade, vencida ràpidamente a fortaleza, mais depressa do que esperavam Bagnuolo e os habitantes, os quais a julgavam capaz de resistir ao cêrco quatro meses, não puderam êles tempestivamente olhar para os seus haveres.

*Chega o Conde a Penedo.*

*O forte de Maurício por êle construído às margens do S. Francisco.*

Em chegando Maurício a Penedo, vilazinha às margens do São Francisco, a seis léguas do mar, julgou o lugar idôneo para fazer progressos no território inimigo. Mandou construir alí o forte que lhe tem o nome e outro junto à barra do rio. O inimigo e os moradores da vila recolheram-se ao Sergipe del Rei, distante 24 léguas do rio de São Francisco. O estuário dêle tem quasi a largura do Mosa próximo ao pôrto de Delft na Holanda. As águas correm muito agitadas. Mandou-se então aos habitantes da margem austral que, com todo o seu gado, passassem para a margem setentrional, afim de não ir alí o inimigo abastecer-se, como antes já acontecera.

E quasi só nestas expedições se gastaram no Brasil os meses do inverno e o princípio da primavera. O bom êxito delas firmou o

ânimo da soldadesca e granjeou para o Conde o respeito dos inimigos.

Estas ações, relatadas minuciosamente aos Estados Gerais e aos diretores da Companhia, auguraram venturosamente o comando do Conde, tornando-o afamado; na Pátria e nos países estrangeiros era êle enaltecido pelos elogios de muitos. Escrevendo êle próprio, de Penedo, a S. A. o Príncipe de Orange, *stathouder* das Províncias-Unidas, a respeito do que já antes fizera, exprimiu-se nestes têrmos:

*Carta do Conde ao Príncipe de Orange.*

*"Depois de vos haver escrito sôbre tudo quanto em benefício da Companhia fizemos até hoje, nas nações estrangeiras por meio do coronel Artichofsky, com sucessos militares assaz prósperos, dirigi-me, em marcha acelerada, contra o inimigo, julgando oportuno utilizar-nos do nosso êxito e do favor divino. Impaciente da nossa chegada, partiu êle das Alagoas, atravessando certamente como fugitivo, os rios que correm de permeio, e penetrou até o Penedo, vilazinha às margens do São Francisco. Aí também, receoso dos perseguidores, não soube demorar-se, para não expor ao perigo os remanescentes de seu exército, e, transposto o rio, abandonou todos os petrechos bélicos que se achavam na margem setentrional. Se não nos houvera retardado, derribando para trás as pontes que cumpria reconstruir, haveria esperança de colhermos às mãos o próprio general Bagnuolo com muita gente de armas. Os mosqueteiros e cavaleiros por mim enviados na frente viram-no fazendo atravessar o último dos seus. Ainda assim os que mandei ganharam nas bagagens presa não despicienda. Logo êle se evadiu, demandou com as suas tropas à capitania e cidade da Baía de Todos os Santos.*

*Contentes de havermos expulsado o inimigo de tôda a capitania de Pernambuco, aí firmamos a nossa vitória e demos por satisfeitos os votos da primeira campanha. Julgo esta capitania própria para prosseguirmos na luta contra as terras inimigas, mormente no sítio onde o rio de São Francisco, de notável largura noutros pontos, estreita o seu álveo. Por essa razão levantei-lhe na margem, a 6 léguas da costa, um forte bastante sólido, cuja planta mostra o incluso mapa, resolvendo colocar outro menor na própria foz. Em outra parte não se encontra um rio tão célebre e tão vantajoso, pois em certos trechos é tal a sua largura que não o atravessava uma bala de canhão de seis libras; e é tal a sua velocidade e ímpeto, que as suas águas, impelidas longe da foz até alto mar, se conservam doces. Sua profundidade é tal que atinge 8, 12 e 15 côvados. É de acesso*

*difícil por causa das areias que lhe cercam a barra. Nossos navios ligeiros sobem com facilidade até o Penedo e mais além. No regime difere êste rio dos demais. Durante o inverno, quando as chuvas contínuas transbordam os outros, êle não sai do seu álveo; durante o estio, baixando as águas dos outros, inunda as adjacências. Perguntando a causa disto a portugueses, soube que no sertão a 6 ou 7 léguas do mar, acumula-se grande massa de neves e de gêlo, a qual, fundindo-se com o calor estio, entumece os cursos de água. Há por estas regiões um gentio feroz, bárbaro, de costumes inteiramente rudes, da raça dos antropófagos. Chamam-lhe Tapuias, dos quais há perto de 700 a duas léguas dos meus arraiais; acampam aquí alguns, enviados pelos seus para nos pedirem paz e aliança contra os portugueses. São de corpo robusto, de boa compleição e de porte elevado. Falavam uma língua que não podiam entender nem os portugueses, nem os brasileiros, nem outros tapuias que estavam entre nós. Todavia, com visagens e ademanes exprimimos mùtuamente os nossos pensamentos, principalmente êste: que impedissem os portugueses moradores da outra banda do rio de o atravessarem e trucidassem aqueles que o tentassem. Compreenderam estas horríveis palavras e consentiram no pedido. Despedimo-los depois, presenteados com bufarinhas e alegres com a conferência e amabilidade da nova gente. Estou que, doravante, os saqueadores dos inimigos já não ousarão tranpor o rio e talar-nos o território.*

*Sou de opinião que se devastem as lavouras e terras de outra margem do rio. Mandou-se aos habitantes que, de vontade ou à fôrça, transportassem para a banda de cá famílias, haveres e gados afim de não ministrarem bastimentos ao inimigo. Seguindo cêrca de 53 léguas encontrei todo um país que, penso eu, dificilmente seria superado em amenidade e moderação do céu. Quando jornadeava, nem me incomodou o calor diurno, nem o frio noturno, conquanto às vezes se me arrepiasse o corpo. Rasgam-se planícies numa extensão de dez milhas a fio, regadas por cursos de água temporários (60) e por arroios que fluem tranqüilos. Aquí e alí vagueiam animais, que pastam em manadas de 1500, 5000, 7000 cabeças. Pasmei e não acreditaria nestas maravilhas, se não as contemplasse com êstes olhos. Só de habitadores carece a terra, e pede colonos para povoar e cultivar os seus desertos.*

*Escreví ao Conselho dos Dezenove, pedindo-lhe mandasse para aquí os refugiados alemães, que, desterrados e com os bens confiscados, se acolheram na Holanda, afim de virem para uma terra fértil e um país venturoso. Mereça isto mesmo o zêlo e o coração de*

*V. A., porquanto, sem colonos nem podem as terras ser úteis à Companhia, nem aptas para impedir as irrupções dos inimigos. Se por êste modo não se puder realizar a sugestão, desejaria eu que se abrissem as prisões de Amsterdam e se mandassem para cá os galés, para que, revolvendo a terra com a enxada, corrijam a sua improbidade, lavem como suor honesto a anterior infâmia e não se tornem molestos à República, mas úteis".*

O fortalecimento da república, assim tão felizmente conseguido, já parecia prometer mais brilhantes realizações: soldados e navios à disposição, capitães hábeis e prontos para qualquer eventualidade, um general-chefe expedito. Os votos de todos dirigiam-se para a Baía. Entretanto, queixavam-se todos de que eram estorvadas as esplêndidas vitórias e esperanças do Conde pela falta de munições de bôca e de guerra, apesar de solicitadas instante, pertinaz e contínuamente em todas as cartas e representações à Companhia. Não é de admirar o encarecimento com que o govêrno do Brasil reclamava tais cousas, pois ao soldado ultramarino não se deve lançar à conta de vício a preocupação dos mantimentos e das armas, por mais ansiosa e antecipada que seja, tendo-se em vista as incertezas do mar e dos ventos. É sempre melhor a previdência dos Prometeus do que a imprevidência dos Epimeteus. Mas nem sempre foi possível aos administradores da Companhia atender às reclamações, por causa da pobreza pública, das opiniões divergentes, das remessas freqüentes feitas por particulares e por outras razões. Li que o Conde e os Conselheiros escreveram isto: — *"Dos primeiros resultados nasce o medo ou a confiança. Cumpre insistir agora na fama das emprêsas tão venturosamente iniciadas, pois a fortuna favorece a execução os nossos empreendimentos. Quem aspira a um império colonial precisa de ser apressado, senão dá-se ao inimigo ensejo e tempo de coligir fôrças e perdem-se as oportunidades de o conquistar. A Companhia nos pôs a espada na mão, mas por falta do necessário, impediu-nos usar dela. Seremos mais temerosos ao inimigo, se o atacarmos desprevinido e desapercebido, do que se pelejarmos esperados. Mandai-nos reforços, armamentos e vitualhas. A soldadesca diminue já por baixa, já por morte. E sem armas são fracas as guerras e sem víveres se-lo-ão os militares. Camponeses forneceram farinha, insuficiente, porém, para alimentar as tropas. Gado temos apenas para uso imediato e não para as demoras e contigências das expedições marítimas. Só o respeito ao Conde mantém a soldadesca dentro da ordem, e em tudo mais se*

*Carta do Conde e dos Conselheiros aos Diretores da Companhia.*

*mostra queixosa e irrequieta. Esperamos legumes, morrões, tambores, cornetas para chamar os soldados e acender o entusiasmo guerreiro, e também insígnias e cinturões de linho alaranjado para estimular e discernir os soldados. Se deixardes de enviar estas coisas, a emprêsa ruïrá, e perigará neste mundo estrangeiro, entre amigos e desafetos, o bom nome da Companhia".*

Estas reclamações certo revelam um povo desejoso de guerrear e governantes cheios de energia e coragem.

Por êsse tempo, ocupado o Conde com a guerra, tomou o Conselho várias e acertadas providências de ordem interna para utilidade do povo, as quais, comunicadas àquele nos acampamentos, foram por êle ratificadas. *Providências de ordem interna.*

Todos os cidadãos e colonos, senhores de si e não funcionários públicos, que, anos atrás, se haviam fixado em Olinda e Recife para comerciarem, foram conscritos em quatro companhias com seus respectivos capitães e bandeiras. Assim, por singular sabedoria, teria Maurício por amigos e concidadãos aqueles que no mesmo dia tivera por adversários e de fidelidade duvidosa. Julgava que êstes mereciam mais confiança do que os não adstritos a nenhum juramento, aos quais é fácil, achando instigadores, cobrar ânimo e sacudir a dominação nova. Arrendaram-se os impostos por muito dinheiro. A desordenada liberdade dos casamentos, adstrita agora às leis matrimoniais vigentes na Holanda, permitiu coïbir os desregramentos. Não se respeitavam os graus proïbidos de consangüinidade, procurando-se para a celebração do casamento os sacerdotes católicos romanos.

Por conciência, deu-se aos judeus licença de descansarem do serviço da guarda, aos sábados. Ordenou-se também que não se tivesse o domingo por um dia comum e profano, tendo sido êle santificado pela ressureição de Cristo.

Suprimiram-se muitos outros abusos, porque já se ia resvalando para pernicioso desatino.

Aplicaram-se também zelosamente os dirigentes da república a converter os índios à fé cristã. Para tal fim se abriram aulas em que se formasse o caráter dos meninos, incutindo-lhes um ensino mais santo. Compuseram-se cartilhas e compêndios de doutrina cristã e nomearam-se os que os explicassem. Reprimiu-se o jogo, que destruía a fazenda dos cidadãos.

Considerando-se Olinda abandonada pelos seus primeiros moradores, deu-se permissão a qualquer um de alí construir novas

casas ou restaurar as arruïnadas, proïbido severamente o transporte, dalí para outro sítio, de entulhos, madeiras, pedras, ferragens. Baixou o Conselho um decreto mandando vender em hasta pública os escravos que fôssem nossos, quer por direito de guerra, quer por compra. Aos antigos romanos era familiar vender os prisioneiros de guerra e obrigá-los a trabalhos servís, e antes dêles o foi também aos tessalos, ilírios, tribalos e búlgaros. Nas guerras dos cristãos entre si, reputa-se isso uma dureza, e os maometanos, apesar de não seguirem tal costume entre os povos da sua religião, usam essas vendas entre êstes e os cristãos, desiguais em religião.

Seria de escritor em extremo diligente e esquadrinhador de minúcias dar o número e os nomes das naus que, por essa época partiram da Holanda e a ela tornaram, transportando mercadorias, mantimentos, armas, etc.. Referirei apenas isto: nesta ocasião, aportou ao Recife uma nau francesa, à qual o Eminentíssimo Cardeal Armando Richelieu, em nome do Rei Cristianíssimo, concedera licença para comerciar e para hostilizar os adversários. Entretanto, assim como foram cortêsmente acolhidos os capitães dela, por acatamento e amizade ao rei nosso aliado, assim também, por um mau proceder, atraíram a si os franceses que alí militavam sob nossas bandeiras, mandando-os sair do Brasil. Êste é aquêle Richelieu, há pouco árbitro do reino de França e dos seus destinos, sob o rei Luiz. Abrangendo em sua mente capacíssima os complicados interêsses da Europa, não sòmente firmou a fortuna da França, mas também abalou a dos monarcas e príncipes vizinhos.

*Elogio do Conselho Secreto e Político.*

Não se deve passar em silêncio a diligência e o zêlo de alguns conselheiros, que julgavam importantíssimo para a conservação do nosso domínio no Brasil tomarem a direção da guerra aquêles mesmos que presidiam ao govêrno. Isto seria preferível a que, confiando as campanhas ao comando de outros, esperassem de votos inoperantes, dentro das fronteiras, a sua fortuna e a pública, recebendo como alheios os sucessos prósperos e sofrendo se lhes imputassem como próprios os adversos. Mereceram louvores por êsse empenho Gisselingh, Mateus van Ceulen, Adriano van der Dussen, Carpentier e outros. Jornadeando, restaurando fortalezas, providenciando vitualhas e armamentos e enviando tropas e esquadras contra os adversários, tornaram-se nomes dignos de tão relevantes funções.

*Minas.*

Nessa ocasião, esperanças de minas metalíferas vieram alentar os mercadores e, como sói acontecer nas quadras de apêrto, os lucros que em tôda a parte se esperavam afagavam, em suavíssimos

sonhos de ouro, a cobiça da Companhia. Foram mandados ao sertão do Cunhaú (61) Alberto Schmient e Paulo Semler, que, auxiliados por índios e portugueses, procuraram alí minas e encontraram uma de prata. Pareceu ela opulenta, mas posteriormente enganou a expectativa. Havia também outras, as célebres de Albuquerque. Corria a fama de ter êle mesmo extraído delas grande quantidade de metais, mas não haviam sido ainda descobertas pelos nossos. Andavam igualmente na bôca dos portugueses as minas da Copaoba e as do Cabo de Sto. Agostinho. As da Terra Nova, pobres de metais, só forneciam uma pedra que ùnicamente pelo brilho prometia falsamente muita valia.

Não duvido de que os portugueses iludiram a cupidez dos nossos e captaram a benevolência pública com os gabos vãos de riquezas ocultas. Em verdade, aqueles que tantos anos senhorearam o Brasil não deixariam de penetrar nestes arcanos, nem guardariam intactas, para a tardia necessidade dos holandeses, minas de ouro ou de prata.

*Volta MAURÍCIO para o Recife.*

Chegados os meses de chuvas e expulso de quatro capitanias o inimigo, muniu Nassau as entradas dos rios e guarneceu as fortalezas para resistir às depredações dos índios e dos espanhóis. Regressando das campanhas para o Recife, a primeira e principal colônia do Brasil Holandês, aplicou-se a organizar a república e a sujeitar os cidadãos às leis. Coïbiu com penas os vícios que soem grassar nos primórdios das dominações novas. De feito, os holandeses primeiro abriram o caminho para o poder e depois para o desregramento; porquanto, faltando então um governador e achando-se longe os regedores supremos de tão relevantes interêsses, fàcilmente se abandonou a virtude, e, enfraquecida a disciplina, os naturais e os nossos patrícios deixaram as armas pelos prazeres, os negócios pelos ócios, maculando, de maneira vergonhosíssima, a boa fama de sua nação com a impiedade, os furtos, o peculato, os homicídios e a libidinagem. De sorte que era necessário um Hércules para limpar esta cavalariça de Áugias.

*Organiza a República.*

Todos os flagícios eram divertimento e brinquedo, divulgando-se entre os piores o epifonema: " — *Além da linha equinocial não se peca*" —, como se a moralidade não pertencesse a todos os lugares e povos, mas sòmente aos setentrionais, e como se a linha que divide o mundo separasse também a virtude do vício. Mas tudo isto foi suprimido e emendado pela severidade e prudência no novo governador, que coïbia muitos abusos, corrigia muitos erros e punia rigorosamente muitos delitos, de modo que se poderá crer

ter êle feito maior número de bons do que encontrou. A justiça, a eqüidade, a moderação, quasi enterradas no país, foram restituídas às cidades, vilas e aldeias. Restaurou-se a reverência à religião, o respeito ao Conselho, o horror dos julgamentos e o vigor das leis. Muitas destas foram proveitosamente emendadas e outras promulgadas. Conseguiram os cidadãos a sua segurança e garantiu-se a propriedade individual. A cada um voltou ou foi imposta a vontade de cumprir com os seus deveres. Os dignos obtinham muito fàcilmente as honras, como os indignos e criminosos os castigos.

Maurício com que reüniu num só corpo nações diversas — holandeses, lusitanos e brasileiros —, e lançou para o império que surgia sólidos fundamentos de progresso.

*Fortalece-a com leis. Pune os piores.*

No primeiro semestre após o seu regresso da guerra, puniu os piores delinqüentes com severos suplícios, e, incutindo em todos o temor, foi o de poucos a pena capital. A enormidade dos delitos obrigou o governador, aliás de gênio brandíssimo, a essas medidas excepcionais e rigorosas, pois de tal enormidade vinha o perigo da salvação pública. Assim procedeu, porque o doente intemperante faz o médico cruel. Recambiaram-se para a Holanda os civís e ainda os eclesiásticos que desprestigiavam a Companhia, sendo substituídos por outros ou que já se achavam no Brasil ou que foram daquí despachados. A todos êles dispensou Maurício o seu patrocínio e constante apôio, conquanto se agitasse a escória dos desocupados. Criaram-se nas províncias, cidades, vilas e aldeias magistrados chamados escabinos, escultetos e inspetores para administrarem a justiça no cível e no crime, na conformidade com as leis holandesas (61-A). Instituíram-se também orfanatos e hospitais públicos.

*Remove os indignos.*

*Nomeia magistrados.*

*Orfanatos, hospitais.*

Repudiavam-se as normas do costume (62) português, em virtude das quais se tornava freqüente por essa época resgatarem-se pecuniàriamente os mais graves delitos.

*Fixa para os militares e outros rações alimentares pela carestia do mantimento.*

Fixou-se também para cada soldado e para cada empregado da Companhia a sua ração. Esta providência, motivada pela extrema carestia dos mantimentos, muito aproveitou ao bem comum, mas suscitou para o Conde não leve odiosidade da parte dos seus, a tal ponto que as reclamações iam arrebentar em sedição aberta, se não reprimisse êle, com prudente autoridade, os motins que se alastravam.

*Vende por alto preço os engenhos dos portugueses fugitivos.*

Os engenhos de açúcar arruïnados e desprovidos de trabalhadores, nossos por direito do fisco, foram vendidos em hasta pública, uns por 20.000 florins, outros por 30.000, 60.000, 70.000 e alguns por 100.000, rendendo à Companhia 2.000.000 de florins.

Repararam-se e consolidaram-se as fortificações por toda a parte desleixadas e impotentes contra os assaltos do inimigo, demolindo-se as que pareciam menos necessárias.

Por salutar resolução do Conde, escreveu-se aos diretores das províncias recomendando-se-lhes permitissem aos índios o voltarem para as aldeias e antigas moradas, porquanto, vivendo os nossos estreitamente, não havia terrenos bastantes para aqueles prepararem a farinha da qual se alimentavam. Iriam, por isso necessitar do nosso mantimento e ainda em cima, habituados à ociosidade, seriam molestos aos agricultores e iriam devastar as terras que lhes cumpria defender dos devastadores. Acrescia que os holandeses se utilizavam gratuitamente dos serviços dêles, tornando-os, assim, hostis a nós. Deu, sem dúvida, o Conde notável e raro exemplo de justiça e de eqüidade para com os bárbaros, cumulando-os com todo o gênero de benefícios e decretando para os seus trabalhos digna paga e para os seus serviços e misteres justa remuneração. Antes compadecido que indignado da sorte dos pagãos, favoreceu por humanidade àqueles a quem não o pudera por amor da fé e da religião. Regulou-lhes de tal modo os jornais e soldos que nem despertasse a superfluidade, nem lhes permitisse outra pobreza senão uma pobreza honesta. Assim como é honroso derribar o adversário, assim também não é menos louvável saber compadecer-se do desgraçado e fazer aos vencidos os benefícios que os vencedores lhe haviam de negar. E não lograram abalar aquela mansidão e benignidade os conselhos menos humanos de outros, os quais julgavam que se deveriam tratar os bárbaros mais duramente. Mas o Conde tinha para si que, entre os estrangeiros, haveria para êle o mínimo de ódio, se mostrasse o máximo de humanidade, virtude cujo nome deriva da própria palavra homem. Manifestando-lhes a sua benevolência com liberalidade e elevação, também tornou mais evidentes e vivas as simpatias que êles lhe dedicavam.

*Faz os índios voltar para as suas antigas aldeias.*

*Trata os bárbaros humanamente.*

Aos pedidos dos portugueses que reconheciam a nossa autoridade e regiam interêsses da sua nação, respondeu Nassau, segundo reclamava o bem e a justiça da República e acordemente com a dignidade das Províncias-Unidas.

*Responde a representações dos portugueses.*

1) Teriam o seu culto e religião intacta. 2) Isentos de jurar a observância de religião alheia, gozariam de liberdade de conciência, a qual é de direito divino e não humano. 3) O Conde e o Conselho valeram para que nenhum dano sofressem os seus templos, salvo em caso de agressão externa que impusesse a necessidade de muní-los e ocupá-los militarmente para a proteção dos cidadãos.

4) Não lhes seria permitido receber do bispo da Baía visitador, pois não deveriam ser chamados, crescendo o domínio holandês, atiçadores de novos motins e instigadores das piores maquinações contra a República. Era êste um pedido menos prudente daqueles que haviam jurado obediência e fidelidade ao Conde. 5) Não poderiam tão pouco substituir os religiosos falecidos por outros novos, quando as cerimônias do culto pudessem ser celebradas pelos sobreviventes. 6) Não poderiam ser confirmados os privilégios concedidos a êles pelos reis da Espanha, a não ser que constasse claramente o que eram e quais eram. 7) Não poderiam viver, entre um povo inimigo dos espanhóis, segundo as leis e o direito de Portugal, mas segundo as leis inperiais alemãs, as do Império Romano e as vigentes na Holanda, Zelândia e Frísia. 8) Cada um possuïria como seus os prédios de sua propriedade sitos em Olinda, sujeitando-se, porém, aos encargos prediais em igualdade de condições com os holandeses. 9) Em vista das necessidades da guerra e do exaurimento do tesouro, não poderia o clero, naquela conjuntura, ser mantido com os dízimos, e por isso aguardassem oportunidade para solicitarem e obterem aquela concessão. 10) A autoridade pública só restituïria aos seus senhores os escravos fugidos, se a fuga se houvesse dado depois de terem jurado fidelidade aos holandeses. Se, porém, assim não fôsse, não poderiam ser restituídos sem suma perfídia e perversidade dos diretores, porquanto haviam prestado proveitoso auxílio à Companhia, não sòmente nas ocupações da guerra, mas também revelando as terras e esconderijos do inimigo. Era ilícito submetê-los, como vítimas expiatórias, à sevícia e requintados suplícios dos senhores. Demais, tendo sido propriedade de vários, já não poderiam ser entregues aos seus primitivos donos. 11) Aos naturais do país, aos casados e aos adstritos por juramento público conceder-se-ia licença para se armarem de espada contra os assaltos dos negros que dominavam os campos. 12) Assegurar-se-ia, a juízo do Conde e do Conselho, a propriedade das casas, lavouras e prédios a quantos quisessem, com autorização escrita do Conde, voltar para Olinda e para junto dos seus. 13) Sôbre assaltos e correrias de soldados nos campos já se havia decidido. 14) Não se poderia conceder perdão de pena, se não constasse especificadamente a que réus e por quais delitos. 15) Portugueses e holandeses estariam em condição idêntica quanto ao pagamento dos direitos alfandegários, tributos e contribuïções em geral. 16) O Conselho Supremo designaria semanalmente dois dias de audiência para se lhes julgarem os litígios. 17) Finalmente, nada seria tão agradável aos diretores da

Campanhia quanto o florescerem e crescerem, dali por diante e sob a dominação holandesa, a fortuna, a riqueza, o comércio dos portugueses que deram provas de sua fidelidade e obediência.

Esta resposta branda e moderada levou os vencidos a formarem opinião mais justa do nosso domínio, falando dêle com mais acatamento e obedecendo-lhe de melhor grado.

Pouco depois respondeu-se, mais ou menos no mesmo sentido, a uma representação semelhante dos portugueses que, na Paraíba, tratavam dos interêsses de seus compatriotas.

*Decretos vários sôbre décimas, pesca, pesos, etc.*

Decretaram-se muitas outras providências relativas às décimas do açúcar e da farinha em Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, e também sôbre pescas marinhas, pesagem de mercadorias, passagens de rios e por água, e, arrematadas estas em hasta pública, renderam consideráveis somas anuais e semestrais. Além disso, coïbiram-se fraudes dos mercadores e os prejuízos dados por êles, aferindo-se os pesos e medidas com o padrão e segundo a norma da praça de Amsterdam.

*Maurício cuida com diligência do que se refere à religião.*

Considerando Nassau que deviam pospor-se à religião tôdas as cousas, ainda aquelas por meio das quais quis tornar conhecida a glória do seu govêrno, nunca teve os olhos desviados da escrupulosa observância daquela, pois não ignorava que, pelo progresso e em defesa do seu govêrno, velava a bondade de Deus, por quem são observados com sério cuidado todos os movimentos da piedade. E não obstaram as seitas dissidentes que mantivesse êle seu respeito e zêlo votados à religião. Seu primeiro cuidado, portanto, foi nomear em tôdas as províncias ministros do culto reformado, que recitassem as preces, quando se tivesse de pedir alguma cousa a Deus; que doutrinassem aos ignorantes da verdadeira religião; que, tendo-se de dar graças a Deus, as dessem em nome de todos; que, tendo-se de imprimir nos piedosos o favor divino, administrassem os sacramentos (63). Além dêstes, designaram-se os que formassem a puerícia, ministrassem os rudimentos da fé ao paganismo obcecado e espancassem, com a centelha de melhor doutrina, as trevas de uma profunda ignorância. Para conseguir-se isto regularmente e com esperança de piedoso fruto, Maurício e os predicantes públicos acharam que se deveriam tratar de maneira diversa os pagãos, os judeus e os papistas. Quanto aos pagãos, eram de parecer que se fazia mister suprimir-se o culto supersticioso de vários deuses, elevando-se-lhes o espírito à adoração de um só Deus. Quanto aos judeus, era preciso desarraigar-lhes a inveterada opinião de observarem a lei mosaica e de esperarem a restauração do reino de Jeru-

salém. Cumpria persuadí-los ao respeito e à fé em Jesús-Cristo, filho de Maria, como o Messias prometido e havia muito nascido. Quanto aos papistas, convinha mostrar-lhes as épocas dos erros nascidos na Igreja, abolindo-se a convicção de reconhecerem a autoridade, e esta infalível, de um só chefe supremo na terra.

Desta sorte, a piedade do Conde serviu, bem e constantemente, ao poder da Companhia, não só apoiando a religião oficial, mas também tolerando prudentemente as alheias.

*Deliberações relativas à transferência da sede do govêrno para ITAMARACÁ.*

Por esta ocasião, era a ilha de Itamaracá grandemente louvada e recomendada na Holanda entre os próceres do império batavo-brasileiro. Já se falava com insistência em transferir para ela a sede do govêrno. Significaram-lhes, porém, o Conde e os conselheiros a desvantagem e inutilidade daquela mudança. Tinham perlustrado o lugar e examinado tôdas as condições da ilha: tudo lhes aparecera despovoado e selvagem, com raros moradores e apenas algumas habitações. Em Recife encontravam-se casas de gêneros, arsenais, armazéns de mercadorias, e tudo isso se teria de construir em Itamaracá com grandes gastos. Recife era localidade mais amena, fértil e fortificada, dando fácil acesso aos maiores navios, num pôrto cômodo e num excelente surgidouro. O rio de Itamaracá só poderia ser navegado por navios menores, sendo estéril e inculto o solo circunjacente, e o pôrto cheio de bancos e já mal afamado pelo naufrágio de várias naus. Os dois lugares — Itamaracá e Recife — reputavam-se iguais na salubridade dos ares e em outros benefícios da natureza. Na ilha eram abundantes as águas doces, mas também no Recife poderiam ser transportadas do rio Beberibe por negros, com um caminho de meia hora. Além disso, no Recife havia poços, que, em tempos de cêrco, forneceriam água potável e bem assim existia lenha, ainda que mais cara. Por essas razões, continuaram na sua antiga sede o Governador e os Conselheiros do Brasil.

*Prefere-se Recife a Itamaracá.*

*Desembarque de Lichthart, na Capitania de Ilhéus.*

Entretanto, — para memorarmos assuntos guerreiros —, o valorosíssimo e habilíssimo almirante Lichthart, pouco havia, percorrera, em naus grossas e ligeiras, devidamente güarnecidas, o litoral da Baía de Todos os Santos, na expectativa de presa. Depois de se ter acolhido à enseada de Camamú para reparar as suas naus, e de ter incendiado casas, fazendas e lavouras dos inimigos, para destruir o abastecimento dos baianos, aportou à capitania de *Ilhéus,* junto à cidade do mesmo nome, havendo sofrido uma tempestade de três dias. Se bem houvessem sido os moradores informados da sua chegada, desembarcou com uma fôrça de 150 soldados, mar-

chando brava e intrèpidamente contra o inimigo, que se aprestava para o combate. Debandando-se êste ao primeiro encontro, deu o almirante um assalto contra as trincheiras que tinha pela frente, e delas se apoderou após aceso combate. Morreram dos seus o capitão Normann e outros. Avançando em seguida contra a cidade, achou-a vazia de mercadorias, alfaias e moradores. Absteve-se de arrasá-la, pois, pobre, de nenhum proveito seria ela, e voltou para Pernambuco, sem qualquer glória de tomadias, transportando para as naus só alguns canhões de ferro tirados daquelas trincheiras.

A cidadezinha estava assentada num monte, o qual se erguia, na parte mais elevada do continente, semelhante a uma península. Era ela decente, com casas não deselegantes, feitas de pedra, tendo quatro igrejas, a casa dos jesuitas e conventos. Não deixaram os cidadãos que fôsse nossa nem dêles uma nau de carga que levava de Portugal, azeite e vinhos, pois lhe deitaram fogo mesmo no pôrto.

*Expedição contra a fortaleza africana de S. JORGE DA MINA.*

Por êsse tempo, anunciou-se a Nassau haverem os holandeses tomado *S. Jorge da Mina,* fortíssima praça no litoral da África e alí o principal reduto e guarnição do rei da Espanha. Esta vitória trouxe muita glória e prestígio a Nassau e grande proveito e fôrça à Companhia, por causa da proteção e segurança que ofereceria alí aos mercadores. Ordenou-se, por isso uma pública ação de graças em tôdas as províncias, honrando-se a Deus, principal autor da vitória, e mandou-se aos comandantes locais testificar o seu regozijo com três salvas de artilharia e de mosquetaria.

Tendo sido esta expedição empreendida a conselho e sob a direção do Conde, obriga-me a deter-me nela um pouco para dar uma resenha desta guerra encarniçada e breve.

*S. Jorge da Mina. Sua descrição.*

A praça referida, vulgarmente chamada o Forte de S. Jorge da Mina, está situada na África, na costa da Guiné, a 5.° de lat. setentrional. Pela natureza do lugar, considerou-se difícil de expugnar, pois está construída num rochedo, que a resguarda, com as muralhas nêle talhadas e postas sôbre grandes pedras. Defendem-na quatro baluartes, dois que olham o mar e dois o continente, aterrando, de um lado, ao marinheiro e, do outro, ao inimigo vindo por terra. Do poente, fica-lhe a cavaleiro um morro, que tira o nome de uma capela de S. Tiago. Dalí fica a fortaleza exposta à violência da artilaria. Ao sopé do morro, correndo-lhe ao longo, há uma povoação habitada por negros. Ao oriente, rasga-se uma angra, vantajoso abrigo para os navios. Com êsse forte protegem-se os

*S. Tiago.*

portugueses contra os nossos, que, por sua vez, se defendem com outro forte, o de Nassau.

*Forte de Nassau.*

Os mercadores portugueses pagavam anualmente ao rei da Espanha 120.000 ducados, com a condição de terem naquelas regiões a exclusividade do tráfico. Em 1625, procuraram os diretores da Companhia ganhar aquela praça, mas numa tentativa inútil, conquanto tivessem alí desembarcado soldadesca assaz numerosa. Vagueando esta, desprevenida e negligente, abatida com o calor atacou-a um punhado de negros com tal celeridade, que os soldados mal acreditaram ver aqueles cuja chegada não tinham percebido. Travaram antes uma carnificina do que uma peleja, contra os nossos, sem nenhum dêstes resistir varonilmente. Comandantes e soldados, pondo-se em fuga como se lhes fôsse incutido um pavor celeste, eram mortos como gado, aumentada pela precipitação a chacina. Em tôda a parte era um espetáculo consternador e semelhante a uma carniçaria. Os bárbaros, que a nenhum poupavam, fizeram tão violenta irrupção, que muitos, sem saber nadar, se afogaram no mar, sofrendo morte horrível, e outros, num terror estúpido, lançavam fora as armas, não podendo ninguém conter o ímpeto dos africanos, o qual êles reputam valor. Como os portugueses, guardas da fortaleza, tivessem pôsto a preço as cabeças dos vencidos, ocupando-se nesse açougue e matança os negros, em breve espaço reduziram-se os holandeses apenas a uns poucos. E foi em verdade de tão intenso o horror dos nossos soldados, que se atribuíu a milagre escapar alguém daquela hecatombe. Foram mortos 450 homens entre comandantes, soldados, marinheiros, todos decapitados e ficando os cadáveres irreconhecíveis.

*Antes foi S. Jorge atacada inùtilmente pelos nossos.*

*Matança dos holandeses.*

Abatidos de desespêro e vergonha os ânimos dos nossos, e conhecida a perfídia dos régulos, que simulavam amizade e proclamavam, em palavras vãs, a concórdia, perfídia essa que se patenteava no recente transe da República, partimos sem glória e ensinados a comerciar e a guerrear alí mais cautamente. Aquele desastre foi devido à negligência dos comandantes, e, como acontece na guerra, cada um lançava a culpa sôbre o outro.

*NICOLAU VAN YPERN escreve ao Conde.*

Nessa quadra assumia Nassau o govêrno do Brasil. O governador holandês do território africano, Nicolau van Ypern, varão digno de memória, em carta expôs ao Conde que, em ótima ocasião e com esperança mais certa, se poderia outra vez atacar a fortaleza, contanto que se lhe enviassem tropas auxiliares e armas necessárias para a guerra. Os soldados do Conde estavam ociosos por causa dos meses chuvosos, e o inimigo fôra afugentado para longe

de nossas fronteiras. Julgou, portanto, Nassau que, sem prejuizo do bem público, poderia dispensar parte do exército, temendo, além disso, que a ociosidade, a maior inimiga da disciplina militar, corrompesse a soldadesca e, por deliberação do Conselho, despacha para a África o coronel João Koin (Kühn). Partindo de Pernambuco aos 25 de Junho de 1637, em nove naus providas de soldados, armas e mantimentos, arribou êle, com feliz navegação, às costas da Guiné, vencido o mar etiópico. Sem demora comunicou por carta a sua chegada a Nicolau von Ypern, governador de Guiné e de Angola e morador em Moréia (64-A). Era esta a substância da missiva: "*Aquí me encontro por ordem do Conde João Maurício de Nassau e de todo o Supremo Conselho, dispondo de fôrças e de companhias militares para atacar o forte de S. Jorge. Peço-vos me indiqueis lugares cômodos para o desembarque no território inimigo e a maneira pela qual possa realizar cautamente a interpresa planeada. Solicito-vos também que me provejais de carretas de artilharia, das quais necessito. Com todo o gênero de obséquio, brilhantes promessas e prêmios, convidai os negros para se associarem à guerra. Tende consideração com os ingleses, se acaso houver algum na costa. Pretextai para a nossa chegada outros motivos, envolvendo a emprêsa num sagrado silêncio, o melhor e o mais seguro penhor das façanhas que se intentam, para tagarelas e traïdores não divulgarem os nossos desígnios. Esperarei a vossa resposta nos surgidouros de Abina, Axem ou Moréia*".

*O chefe da expedição João Koin chega à África. 25 DE JUNHO DE 1637.*

Enquanto Koin anda ao pairo em frente do litoral, chegam-se aos nossos dezoito canoas de negros, os quais perguntavam por mercadorias holandesas que tencionavam permutar por dentes de elefantes. Quando os holandeses disseram que não levavam mercadoria, duvidaram os negros da sua amizade. Depressa, porém, atestaram-na aos africanos, deixando cair nos olhos algumas gotas de água do mar. Fizeram êstes o mesmo, por um rito de juramento familiar a êstes bárbaros. Proejando os nossos para os surgidouros de Abina e Axem, de novo navegaram canoas em direitura dêles, desejosas de comerciar. Os holandeses pediram um prazo de três ou quatro dias para a negociação; mas os africanos, chamando a superstição a conselho, diziam ter sabido de Titesso, seu nume tutelar, que estavam de caminho sete naus grossas, com cuja chegada iriam depreciar-se as veniagas dos nossos. Koin, sem acreditar nêles e ruminando outra cousa, escreveu outra carta ao governador de Moréia, quasi no mesmo sentido da primeira. Êle respondeu que

*Estâncias de Abina e Axem.*

*Comenda.*

se achava no pôrto de Comenda (65), onde deveriam encontrar-se, alegres de poderem resolver de comum acôrdo o que se tinha de fazer.

*Cabo Corso.*

Posta a soldadesca em terra, junto ao Cabo Corso, o primeiro cuidado de Koin foi fazer aguada. Depois, avançando um espaço de meia hora, chegou a um rio, a um morro e a uma planície coberta de viçosa relva, própria para assentar o acampamento.

*Os régulos dos negros pedem paz.*

Refeitos aí o camandante e os soldados, dentro de duas horas foram ter a outro monte, próximo da fortaleza. Os régulos negros, alvoroçados, em tôda a parte, com estas novas emprêsas e incertos do futuro, pediram paz, a qual seria ratificada, vencendo-se a fortaleza, e seria írrita, não se vencendo. Se a situação ficasse duvidosa, também êles ficariam dúbios e não seguiriam a ninguém, por temerem aos espanhóis. Alcançando a segurança, acompanhariam o vencedor. Entretanto aprendêramos, por um exemplo recente, que não se devia fiar muito nos pactos de tal gente, pela sua ínsita falta de caráter, já outrora observada nos africanos pelos escritores de Roma, nos númidas, nos cartagineses e nos capitães Jugurta e Aníbal.

*Ordem do nosso exército.*

*Koin combate com os africanos.*

Tínhamos 800 soldados e 500 marinheiros. Marcharam em três colunas: na vanguarda ia o capitão Guilherme Latan; no meio, o sargento-mor João Godlat; na retaguarda, formada pelos veteranos, ia o coronel Koin. Já se tinham os nossos aproximado da fortaleza um tiro de peça, não longe da aldeia habitada pelos africanos, quando irrompeu dos esconderijos da mata e derramou-se em tôrno dos nossos um exército de mil negros, com tal ímpeto e alarido que parecia pretenderem o nosso extermínio.

Com efeito, sacrificados alguns holandeses e degolados, segundo o costume daquele gentio, os que tinham prostado, passearam com as cabeças como inequívocos sinais da morte dos inimigos, e se um soldado veterano e experimentado não fizesse rosto àquele robusto exército, o desastre da vanguarda teria atingido às colunas seguintes. Socorreu Godlat os combatentes. Os negros, sem se amedrontarem com os tiros de mosquetaria, não sabiam o que era retroceder. Era tanto o furor dos que afoitamente se arrojavam à luta que expunham o corpo aos próprios canos dos mosquetes. Tal ferócia mostravam contra os mortos que se deixavam matar sôbre os cadáveres dos nossos e, empenhados em decapitar os holandeses, preferiam sujeitar a cerviz ao mesmo perigo a desistirem dos seus cruentos despojos. Dos nossos morreram o capitão Latan, o seu loco-tenente, três alferes e cêrca de 40 soldados rasos, feridos de dardos.

Não muito depois, alguns dêste mesmo gentio, obstinados até o extremo, numa grita ingente e horrível, atiravam contra os holandeses, com uma coragem nova, sem fazer caso dos mosquetes. Dispersos alguns pelas balas dos mosquetes, aconselharam aos outros a retirada, em vista do lastimável exemplo dos seus. Arrefeceu a temeridade após a primeira sanha, e desde êsse momento não mostraram igual ousadia e, atendendo mais à sua segurança sob as muralhas da fortaleza, manifestaram antes prudente timidez que infrene e irrefletida audácia. Nem já se aterrorizavam os holandeses com os alaridos infernais dos africanos e suas horrendas cataduras por causa dos lábios grossos, dos dentes alvos, do olhos abraseados, das narinas dilatadas e fumegantes de ira, cousas com as quais havia muito se tinham habituado entre os brasileiros. Respira um quê de indômito e de feroz a índole de tal gente. Travam as batalhas soltando berros selvagens como o faziam outrora os germanos, segundo o testemunho de Cesar, costume também dos antigos persas, macedônios e cartagineses. Fazem tudo muito à pressa, e até para os escravos é servil a lentidão. A êsses bárbaros afigura-se-lhes costume régio o executarem-se as cousas imediatamente:

*Os africanos começam os combates com alaridos, segundo o costume dos macedônios, persas, cartagineses e germanos.*

Intentando Koin investir a praça, mandou por gastadores abrir dois caminhos, cada qual em um dos dois montes: um ia ter à praia para o transporte dos petrechos bélicos; o outro guiava para o tope do morro vizinho da fortaleza. Colocando aí os soldados e a artilharia, começou a batê-la, aterrorizando os guardas.

*Koin sitia a praça.*

Durante isto, os africanos nossos parciais abalaram de Comenda (é o nome da aldeia) para a aldeia da Mina, que fica sob a fortaleza, travando escaramuças com os minas. Mas, voltando logo, tangeram todo o gado dêstes para se aproximarem dos holandeses, se não fôssem obstados pelo rio. Assim, buscando caminho pela praia, acamparam no sertão. Neste entrementes, assentando-se um morteiro no morro, lançaram-se duas balas contra o forte, que enganaram o atirador, caindo mais aquém. Contra nós faziam fogo os sitiados, por cujos canhões tombaram feridos o capitão naval Huberto e um dos marinheiros. Então saiu novamente dos seus esconderijos e de sua posição o exército dos africanos de Comenda para darem assalto contra a aldeia dos minas; mas, repelidos pela artilharia, fizeram os seus recuar.

Koin, depois de freqüentes disparos contra a fortaleza, pede-lhe por um tambor a rendição para o pôr do sol, avisando que a apressem afim de não sacrificarem, urgidos pelo tempo, a vida de

*Pede a rendição.*

todos, pois êle ia, sem demora, tentar os recursos extremos. Respondeu o governador que não se atreveria a tanto, sem consultar os comandantes da milícia e os cidadãos da Mina, pedindo no máximo três dias de prazo. Segunda vez exige-lhe Koin a entrega da fortaleza, concedendo o dia imediato para têrmo da deliberação e ordenando-lhe peremptòriamente que detenha os seus soldados e africanos nos seus postos para não praticarem violências, ao contrário faria êle Koin o mesmo. Entretanto, como ao declinar do dia e fechadas tôdas as portas, recusasse o capitão da praça receber o tambor naquela mesma tarde, Koin, conduzindo tôda a soldadesca para o morro, arremeteu, novamente alentado, contra os sitiados, detonando os morteiros, cujas balas foram inùtilmente disparadas e inóxias. Mandou-se a todos os trombeteiros presentes que entoassem nas suas trombetas o hino em louvor do Príncipe Guilherme de Orange, de bom agoiro e familiar aos cidadãos das Províncias-Unidas. Com êle o soldado, às vezes descoroçoado e remisso, se inflama em mais vivo ardor guerreiro. No dia seguinte continuou o furor da artilharia a danificar o forte, pois aí se achavam os inimigos. Pediram fôsse entregue a carta da véspera, dizendo, para se desculparem, que o governador da praça pusera dificuldades em receber o tambor, porque já caía a tarde. Koin, mostrando no semblante a sua indignação, respondeu que a carta fôra rasgada e que não era honroso para êle experimentar outra vez por carta a obstinação do governador: exporia êle próprio e consignaria por escrito o seu pensamento sôbre a capitulação. Vieram logo os parlamentários com quem se devia pactear. Nesta ocasião, ordenou-se aos negros de Comenda, que planeavam agressão contra os moradores da Mina, que depusessem as armas e desistissem de violência. Os sitiados apresentaram a Koin os artigos da capitulação que êles próprios haviam redigido, e, rejeitados os mesmos, consentiram na fórmula de Koin. Dados três reféns, o capitão Walrave Marburg e o quartel-mestre entraram na fortaleza com os soldados. O pacto, quanto às praxes de milícia mais briosa, foi assaz vergonhoso, pois se acreditava que os contrários poderiam agüentar o cêrco mais tempo, por causa dos fossos duplos, de 25 pés de largura, que rodeiam o forte, e das ameias que o coroam. Ainda mais dificultava o assédio o assento da fortaleza, porquanto poderia ser guardada com poucas sentinelas, sendo inaccessível mediante minas à conta dos rochedos. Segundo me informei, foram as seguintes as condições da rendição: sairem todos sem intimação, nem agravo, nem injúria, com o corpo e a vida incólumes; ser-lhes livre retirar espôsas e filhos, sem nada

*Rende-se a fortaleza. 29 DE AGOSTO DE 1639. Condições.*

sofrerem as mulheres e as crianças; levar cada uma sua roupa, mas nada de ouro nem de prata, lavrados ou não; pertencerem ao vencedor as mercadorias e escravos, menos doze, que por bondade êle concede aos vencidos; carregarem todos os objetos sagrados e demais ornamentos dos templos, menos os de ouro e prata; serem transportados em nossos navios para a ilha de S. Tomé os portugueses e mulatos com suas famílias e providos de mantimento suficiente; dar-se anistia ao desertor Hermann; sairem da fortaleza, no mesmo dia, o governador e os soldados, entregando-se ao vencedor as chaves, todo o aparelho bélico e o remanescente das vitualhas; retirarem-se os soldados sem honras de guerra, sem bandeiras, desarmados, sem morrões acesos, sem usar nenhuma praxe militar aceita.

Realizada a entrega da fortaleza, nela entraram Koin e Nicolau van Ypern, dispondo o que fôsse necessário à proteção e segurança da mesma. Encontraram-se quinhentos africanos, que da aldeia da Mina se tinham recolhido ao forte com as mulheres e filhos, sendo todos despedidos, exceto os escravos, cujo resto eram 140. Na igreja se haviam asilado as famílias dos portugueses com suas bagagens e alfaias. No morro sobranceiro ao forte colocou-se uma torre, e teria Koin levantado alí fortificação maior e mais sólida, se, temendo despesas, não achasse deveria comunicar isto antes aos Estados Gerais e aos administradores da Companhia. Assim, transmitiu-lhes uma planta do castelo por construir, bem como o desenho da praça sitiada e vencida, e pediu bastimentos que lhe permitissem conservar o que ganhara. *Despojos.*

No forte acharam-se 30 peças de metal, 9.000 arráteis de pólvora, 800 balas de ferro para canhão, 300 de pedra, 10 cartuchos de mosquete, 200 arcabuzes holandeses, 36 espadas espanholas, além de enxadas, machados e outros instrumentos congêneres, os mais dêles enferrujados. Saindo a guarnição, que foi conduzida para a Ilha de São Tomé, ficou Marburg com 140 soldados para guardar o forte. A bravura e zêlo dêsse homem estavam acima da inveja, e por isso o reclamava, por direito e por mérito, o comando da praça, pois não é possível ocultar a brilhante valentia dos militares, e, uma vez conhecida, não se lhe dar o devido aprêço.

Tendo realizado tais cousas no espaço de seis dias, dispôs Koin convenientemente o que importava à defesa do forte, julgando igualmente nobre vencer as fortalezas e, vencidas, restaurá-las. Depois retornou vitorioso para o Brasil, com a esquadra e o exército, tendo incutido o terror nas terras africanas e difundido a fama das nossas fôrças e da nossa guerra através dos vastos reinos dos

bárbaros transmarinos. E todavia, recebeu o govêrno do Brasil êsses incrementos mais pela energia e arrôjo dos ânimos do que pela robustez dos corpos. Portanto, admire-se nisto mormente a discreta prudência de Maurício, dando-se-lhe acesso a uma glória semelhante à de outros capitães batavos que fizeram guerras no além-mar. Sua façanha, sem dúvida, é comparável, na celeridade e na celebridade da vitória, aos muitos e grandíssimos louvores de outros generais. A êstes não desprazerá que fique ligada a uma parte da minha narração a vivacidade e a presteza vencedora de tal soldado.

*Elogio de Maurício.*

*Koin é recebido como vencedor.*

Os holandeses receberam Koin, por causa dos seus preclaros feitos em prol da honra pública, indo-lhe ao encontro com felicitações e salvas de canhões. Agora é êle, sob o Príncipe de Orange, tenente-general de artilharia e, com os seus triunfos na África e a sua patente na Europa, ilustra a nobreza de Meissen, da qual procede.

*Com que direito foi levada por Maurício a guerra à África.*

Interessa-te, leitor, saber o seguinte: logo que se incorporou a Companhia das Índias Ocidentais, antes separada em diversas câmaras e sociedades de comércio, entraram a fazer dela parte não só o tráfico dos que navegavam para a ilha de S. Domingos, Cuba e outras, mas também o trato da África, o qual era alí exercido, assaz lucrativamente, com cêrca de vinte navios. Fundeados não longe da costa, dêles se aproximaram os africanos em exíguos barcos, trocando, a exemplo de Diomedes e de Glauco, ouro, marfim, ébano, produtos para nós preciosíssimos, por ferramentas, corais, espelhos, tesouras, objetos vilíssimos. Por esta razão, aquilo que nessas plagas se achava em poder dos holandeses estava igualmente sob a jurisdição de Maurício e do Conselho Supremo do Brasil.

*ILIADA, 7.*

*ODISSÊIA, 1.*

*JUST. 1, 3.*

*SOLINO, CAP. 35.*

Essa forma de comerciar, já por mim mencionada, permutando-se as utilidades, é a mais antiga e a mais simples. Fez-se assim, nos tempos de Troia, quando o exército grego estava sempre escambando vinho de Lemnos por bronze, ferro, coiros de boi, bois e pelos próprios escravos. Palas, partindo para a Ítaca diz que alí fôra para trocar o bronze de Temese por ferro mais luzente. Licurgo, rei de Esparta, decretou que nada se adquirisse com dinheiro, mas pela permuta das cousas necessárias. Também os antigos britanos recusavam moedas: davam e recebiam cousas e obtinham o necessário, antes trocando que comprando. Tal foi ainda familiar a outros bárbaros, mas não que o fossem por isso. Aristóteles declara êsse modo de comerciar mais congruente com a natureza e as ne-

cessidades humanas. Onde êle se usa, insinuam-se menos nas repúblicas os contágios dos males de nações separadas, visto que é mais difícil o transporte das veniagas e objetos e mais fácil o do dinheiro. Por essa razão guerreando Cesar aquí (67), os mercadores raramente iam ter com os belgas do interior e levar-lhes as cousas que servem de efeminar os ânimos. E segundo o testemunho do mesmo escritor, não tinham tão pouco entrada no país dos nérvios, os quais não lhes deixavam levar alí vinho algum, nem outras superfluidades, julgando que tais cousas afrouxavam as virtudes. Mas entre os neerlandeses de hoje, tanto do interior como do litoral, não só teem os mercadores entrada freqüente (quem dirá se numa idade mais feliz ou mais infeliz?), mas ainda, pelo desejo de comerciarem, gostam de espalhar-se por tôdas as plagas do mundo, já permutando utilidades por utilidades, já resgatando-as com dinheiro, já escambando o próprio ouro por outras cousas. Portanto, consideram vã esta exclamação de Plínio: "Oxalá se pudesse rejeitar totalmente da vida o ouro, essa fome execranda, como disseram celebríssimos autores, o ouro, difamado pelos insultos dos melhores homens e achado para a ruína da vida."

*POLITICA, L. I.*

*GUERRA DAS GALIAS, L. I.*

*L. II.*

*HIST. NAT., liv. 33, c. I.*

A respeito dos negros, porque amiude ocorrem nesta história, convém explicar o seguinte: — são povos daquela parte da África, que, após a Barbária, a Numídia e a Líbia, é a quarta, e se chama Terra dos Negros, nome que tira ou dos naturais, que são de côr negra, ou do rio Niger, o qual corta a região pelo meio, fecundando os campos vizinhos à maneira do Nilo. É limitada ao norte pela Líbia, ao sul, pelo Oceano Etiópico, ao ocidente pelo reino de Gualata e ao oriente pelos reinos de Goaga. O ar, junto às costas da Guiné, é nocivo aos nossos compatriotas, por causa do excessivo calor e das chuvas, que geram a podridão e os vermes. É pouco verissímil ser a negrura dos íncolas devida à adustão do sol, pois os habitantes do Cabo da Boa Esperança são muito pretos, e os espanhóis e italianos, a igual distância do equador, são brancos. O sol não é menos tórrido no estreito de Magalhães, onde são brancos os naturais, do que nos extremos da África, onde são pretos. Os súditos do Preste João são trigueiros, e os habitantes da ilha de Ceilão e da região de Malabar são muito negros, não obstante se acharem na mesma latitude. Demais, por tôda a América, até mesmo nos países intertropicais, não se encontram negros em parte alguma, salvo uns poucos no lugar denominado Quareca. De sorte que a causa da côr da cutis parece dever-se atribuir antes às qualidades ocultas da terra, do céu e do ar (asilos, oh! pesar! da huma-

*Descrição dos negros.*

na ignorância) ou ao temperamento inato dos homens, recebido dos pais, ou a uma e outra cousa, principalmente quando, mesclando-se entre si brancos e negros, nascem os trigueiros, corrigida a negrura por uma coloração mais clara, por se confundirem os elementos geradores. É o tipo que os espanhóis denominam mulatos. Os romanos chamar-lhes-iam híbridos, isto é, gerados de pais desiguais, como os semi-ferozes, nascidos de ferozes e de mansos. Neste sentido Suetônio, na vida de Augusto, chama híbrido a certo Epicado (68) de Temesas (69), por ter nascido de pai parto e de mãe romana. Grégoras (70) designa êsses mestiços com a denominação de gênero gasmúlico (71).

*Mulatos.*

*O rio Niger.*

Dos negros fizeram menção Plínio, Estrabão, Estéfano (72): aqueles lhe chamam negritas, e o último negretas e ao rio Negreta.

Êste cresce, como também o Nilo, no mês de Junho, quarenta dias inteiros, durante os quais a região submersa faz-se navegável. Em conseqüência da cheia, cobrindo-se de pingue aluvião e limo, exubera com extraordinária produtividade. Por Claudiano, no Panegírico de Estilicão, é o Niger denominado Gis ou Gir: *"Et Gir notissimus amnis Æthiopum"* (73). — e em Sidônio Apolinário talvez se deva ler — *"Indorum Ganges, Gothorum Phasis, Araxes Armeniae, Gis Æthiopum, Tanaisque Getarum* (74)" —, em vez do que ora se lê — *"Tagus Æthiopum"* —, o qual se há de procurar na Espanha e não entre os etíopes.

A língua dêstes negritas varia com as terras, sendo também diversa a religião. No sertão há cristãos, maometanos e gentios. Os da beira-mar são idólatras. Em certas partes adoram o Sol, a Lua e a Terra. Cuspir nesta é pecado para êles.

*Costumes dos negritas.*

Sarjam êles próprios a pele e pintam-na com um ungüento corado, espetáculo para êles belo e para nós feio. Enquanto almoçam, abstem-se de beber; depois de almoçarem, bebem água ou vinho de palma. Uns há que furam o lábio superior e pelo buraco e narinas introduzem pedaços de marfim, tornando-se com isto, ao que lhes parece, lindíssimos. Alguns ainda, furam o lábio inferior, deitam por êle a língua como de outra bôca. Trazem outros, no próprio septo nasal, marfim ou conchas. Tingem de vermelho um dos olhos e de azul o outro. As mulheres mais ricas prendem às coxas grandes anéis de ferro, de latão ou de estanho. Enfim, comprazem-se admiràvelmente em sórdida e fétida barbárie.

Com largo lucro dos espanhóis e portugueses, são transportados daquelas costas para o Brasil e para as Índias Ocidentais, afim de naquele trabalharem principalmente no fabrico do açúcar, e nes-

tas cavarem as minas. Tolerantísimos dos labores, alimentam-se com pouco. Nascidos para sofrerem a inclemência da natureza e miséria da servidão, por muito dinheiro são vendidos como escravos.

*O Conde Bagnuolo devasta o Sergipe del Rei.*

Enquanto realizamos a nossa emprêsa na África, o Conde de Bagnuolo, com cêrca de 2.000 soldados, arrastando mais pròpriamente do que levando a guerra ao Sergipe del Rei, mandados para alí pequenos troços, infestava-nos as terras, lavouras e engenhos, queimando, talando, saqueando. Em conseqüência, resolveu Maurício expulsar daquela posição ao conde espanhol. Detido, porém, por grave enfermidade. com as fôrças quebrantadas pela pertinácia de uma febre contínua, que durou três meses confiou a ação ao coronel Schkoppe, militar ardoroso e prudente. Convocando as companhias estanciadas às margens do São Francisco, em Alagoas, no Cabo de Santo Agostinho, no próprio Recife e em Muribeca, mobilizou-as contra o inimigo. Teve Schkoppe para companheiro de armas e consultor João Gisselingh, membro do Conselho Supremo e Secreto. Já estavam armados 2.300 soldados, 400 índios, que Nassau chamara de suas aldeias, e 250 marinheiros, os quais Gisselingh, com extraordinária diligência aprestava para a guerra. Mandou-se o almirante Lichthart andar ao pairo diante da Baía de Todos os Santos, afim de atrair do interior o inimigo. Suspeitou Bagnuolo que Maurício usara aquele plano para lhe fechar o caminho e impedir aos seus o retrocederem, e, sendo informado de que Nassau fazia suas tropas passar o São Francisco, aproximando-se, conduziu o seu exército para a Tôrre de Garcia de Ávila, situada 14 léguas de S. Salvador, para o norte, e fê-lo com tal celeridade que arrastava os soldados, sem lhes dar descanso nem de dia, nem de noite. Ouvira dizer que as fôrças holandesas já se achavam presentes, tendo penetrado 20 léguas além do Sergipe, para a banda do sul.

*Expedição contra o Sergipe del Rei, sob o Coronel Schkoppe, por estar Nassau atacado de febre.*

*Tôrre Garcia de Ávila.*

*Bagnuolo abandona o Sergipe.*

Schkoppe, desalojando a Bagnuolo de suas primeiras posições, arrasou a própria cidadezinha do Sergipe, os engenhos dos adversários e os pomares. Feita esta devastação, reconduziu a soldadesca, com incrível velocidade, para as margens do São Francisco. Acampando aí, por ordem do Conde, na margem meridional do rio fez alto algum tempo, para que, apodèrando-se do gado, oprimisse os contrários com os incômodos de fome certíssima, o que, segundo a praxe militar, foi ardorosamente executado pelos nossos. Encontrando três mil cabeças de gado, voltou cada um para as suas guarnições. O facto seguinte mostra a abundância de gado que tem essa região: demorando-se alí Bagnuolo, abateram-se 5.000 reses e tangeram-se 8.000 para o consumo futuro da soldadesca; por nós foram

*O Sergipe é abundante em gado.*

mortas 3.000, além das que se transportaram para a margem do sul.

*Notícias de ter sido vencida Breda, na Holanda pelo Príncipe de Orange. 1637.*

Na mesma ocasião que Nassau levou à África a fama e o terror da guerra, chegaram-lhe notícias de ter sido expugnada por Frederico Henrique, príncipe de Orange, Breda na Holanda, fortíssima cidade do Brabante, aquela mesma que, arrebatada aos nossos doze anos atrás, caíra em poder do rei de Espanha com a vitória do Marquês Ambrósio Spínola.

*Descrição dessa praça.*

Tinha a cidadela quinze baluartes, dois outeiros elevados, próprios para do alto jogar a artilharia, três reparos baixos ao pé das muralhas e uma sebe de espinho; fossos em alguns lugares com 70 e em outros com 120 passos de largura. Sôbre os fossos tinham-se colocado quatorze casamatas. Havia, além disso, um parapeito de cinco pés de alto, sendo-lhe interpostos cinco hornaveques, e diante de cada um via-se uma meia-lua. Cingia-a segundo fosso e fora dêste, como um cinto, a couraça das fortificações externas. Enfim a cidadela, munida de trincheiras, pontes, arsenal e duplo fosso de água, era formidável pela artilharia assestada para todos os pontos que lhe pudessem dar acesso.

*Modo de vencê-la diverso do de Spinola.*

A maneira que Frederico Henrique usou para ganhá-la diferiu totalmente daquela com que a tomara o Marquês de Spínola. Êste expugnou-a pela fome, desesperando de poder vencê-la pelas armas. Orange, investindo-a com possante exército, mostrou um esfôrço supremo, impaciente de delongas.

As operações de Spínola custaram muito dinheiro e poucas vidas. As de Orange custaram mais vidas e menos dinheiro, de sorte que a vitória de um foi cruenta e a do outro incruenta. Orange julgava que, estando o inimigo armado, era necessária pressa, por causa dos meses estivos, próprios para atacar-se o nosso território. Spínola se arreceava menos da demora, em razão do inverno, pouco idôneo para se fazer guerra. A bravura dos sitiados, que combatiam intrèpidamente, dificultou o cêrco daquele; o dêste dificultou-o a necessidade de trazer provisões de longe. Um, para garantir o assédio, chamou da Alemanha as tropas auxiliares do Imperador. O outro contente com os soldados ordinários, venceu com mobilização menor. Tendo-se em vista o importe dos gastos, foi o italiano mais nocivo que útil ao seu rei. Fizemos guerra mais proveitosa, conquistando a cidade com menor dispêndio, mas dispêndio muito profícuo à segurança da República. Causou admiração ao mundo europeu que o Cardeal Infante, regente das províncias reais dos Países-Baixos, ilustre com a fama nova do seu govêrno, aparelhando o exército do qual dispunha, sem estar ainda rematada a circunvala-

ção do acampamento de Orange, se tenha dêle aproximado, contemplando-o de frente, sem nada tentar, conquanto lhe houvera sido fácil retardar o cêrco, fatigando os nossos com ataques continuos. Foi também de admirar que se compensasse a importante perda de Breda com as cidades mais fracas de Venloo e Ruremonde. Não foi menos irrelevante não ter sido possível ao inimigo, durante todo o tempo do assédio, interceptar o abastecimento, e haver sido a cidade com tanta rapidez rodeada de entrincheiramentos que o inimigo, chegando pouquíssimos dias após, considerou o campo intransitável para as fôrças. Enfim, foi extraordinário que, em sete semanas a partir da mobilização feita por Orange, se tomasse uma das praças mais fortificadas da Europa, a qual Spínola vencera sòmente após onze meses de sítio. É esta aquela mesma cidade que antes tomara o ilustríssimo príncipe Maurício, escondendo, num barco carregado de turfa, os recrutas das suas guerras. (75). Nessa ocasião foi ela atacada dormindo; agora foi-o velando; então vencemos com uma gleba sêca (76), agora com a gleba verde (77); tomámo-la toda então numa só investida, e agora lentamente e passo a passo. Não faltava então a falaz ousadia de algum Ulisses ou de algum Sinão (78), e desta vez não faltou um Aquiles para expugná-la pela fôrça. Da outra feita desempenhou o papel do cavalo de Troia um barco de carga, e desta, néscios de ardís, mostramos que os Nassaus podem triunfar de uma e outra maneira.

Pelas suas vantagens se avaliava a importância desta vitória, porque, pertencendo aos inimigos aquela fortaleza, acometia qual uma salteadora a Holanda, a Guéldria e a Zelândia, tornando insegura a navegação nos estuários do Wahal, do Mosa e do Escalda. Assentada sozinha entre Bois-le-Duc e Berg-op-Zoom, cortava as comunicações entre essas duas cidades aliadas e impunha às cidades e praças vizinhas a necessidade de grande presídio.

No outro hemisfério, sob outras constelações, ouviram os bárbaros que Breda fôra vencida sob os mesmos auspícios e pelas mesmas armas com que tinham visto a queda de Olinda, de S. Salvador, de Pôrto Calvo e outras praças formidáveis além do equador. E assim, aplaudindo aquí os holandeses a felicidade comum, proclamariam lá os brasileiros, em línguas desconhecidas, a nossa glória.

Para se renderem graças à bondade de Deus, solenizou Nassau o dia da vitória, afim de que nem a distância dos lugares, nem o renome dos holandeses reproduzido no Novo Mundo parecessem obliterar os sentimentos patrióticos no ânimo dos que se achavam

*O Conde soleníza o dia da vitória de Breda e o dos seus próprios triunfos.*

longe da Pátria. Atribuíram-se a Deus simultâneamente os prospérrimos sucessos das guerras ocidentais e a vitória sôbre Bagnuolo, recentemente pôsto em fuga.

*Os habitantes do Ceará pedem paz e auxílio contra os portugueses oferecendo o seu.*

Neste comenos, os índios moradores do Ceará pediram paz e ofereceram o seu auxílio contra os portugueses, rogando ao Conde que sujeitasse ao seu poder o forte dalí, ocupado pelos lusitanos, protegendo-lhes a gente contra as injúrias e a dominação dêles. Diziam que se conseguiria a empresa com pequena fôrça, compensando-se as despesas da guerra com as veniagas — âmbar, algodão, cristal, pedrarias, madeiras, (79) salinas e outras produções da região. Afim de alcançarem fé para si e para a sua proposta, deixaram como reféns dois filhos dos principais da sua nação. Resolveu-se a expedição, aprestaram-se naus, armas, provisões e soldados, sendo comandante o major Jorge Garstman, homem calejado para os imprevistos da guerra pela sua experiência militar. Apesar de ser o referido forte assaz distante das nossas fronteiras, muitas léguas ao norte de Pernambuco, aprouve, todavia, ao Conde mandar para lá alguns navios ligeiros, não só com o fim de afastar o adversário para mais longe dos nossos confins, mas também com o desígnio de conciliar, no território inimigo, maior número de índios para a Companhia. Istò parecia conveniente por causa dos ódios diuturnos contra os portugueses e porque, com estas atenções que lhes dispensávamos, ser-nos-iam os cearenses muito favoráveis e teriam inspecionados os lugares e fôrças do inimigo. De fato, da parte dos ofendidos sempre se esperaram não pequenos êxitos para as empresas, por se acharem escondidos entre as partes adversas, sob aparência de fidelidade e de amizade, aqueles que podem prejudicar aos do seu partido, porque não medra nunca sólida lealdade entre ofendidos e ofensores.

*Veem-lhe os cearenses ao encontro.*

*Expugna Garstman o forte.*

Arribando Garstman ao Ceará, informou da sua chegada ao maioral dos brasileiros Algodão e, desembarcada a soldadesca, conduziu-a pelo litoral, vindo-lhe ao encontro os naturais que lhe significavam a paz com bandeiras brancas. Depois de falar com o morubixaba, sentindo-se mais animoso com as tropas auxiliares (pois o régulo lhe trouxera de refôrço duzentos dos seus), atacou e tomou o forte, que era de pedra ensossa. Defendeu-se o inimigo frouxamente, com tiros de peça e de mosquete. Foram poucos os mortos e mais numerosos os prisioneiros, e entre êstes os mais graduados da milícia. Lucramos com a vitória três peças e alguns petrechos bélicos.

O Ceará se acha entre as capitanias do Brasil setentrional, com um âmbito sòmente de dez ou doze léguas, de poucos habitantes, os quais ocupavam o próprio forte. Tem porto pouco idôneo para navios de grande porte, e não é regado por nenhum rio notável. Sòmente à raiz do monte sôbre o qual está assentado o forte, corre do continente um ribeiro. Próxima da fortaleza está a casa do governador português, a qual é rodeada de algumas habitações esparsas dos moradores portugueses, nada resistentes contra as investidas dos inimigos. *Descrição do Ceará.*

Produz a região cana de açúcar, o qual, entretanto, não se fabrica alí em nenhum engenho. Vivem os bárbaros dos arredores em discórdias e lutas perpétuas com os portugueses.

Aqueles que, em 1609, chegaram a êsses lugares disseram que lá se viam homens de corpo avantajado, catadura deforme, cabeleira comprida, orelhas furadas e pendentes quasi até os ombros, com a cútis tingida de côr negra, menos desde os olhos até a bôca. Tinham alguns o lábio inferior esburacado, e outros também as ventas, em que metiam para o ornato pedrinhas e ossinhos. *Antigos habitantes.*

De volta para Pernambuco, perdeu o major Garstman um dos iates, que é incerto se pereceu por naufrágio ou por outro desastre. Este cometimento, realizado alhures, foi glorioso para o Conde e para a Companhia.

Em Pernambuco a administração dos negócios políticos e dos interêsses públicos do comércio ocupava os governadores. Destinou-se dinheiro para se edificar a casa do Conselho. Remeteram-se para a Holanda os minérios encontrados nas minas das montanhas, para que, rigorosamente examinados por metalurgistas, se determinasse o seu valor e quilate. Prometeram-se prêmios para os que levassem negros aprisionados na guerra, sendo 20 rixdales (80) o preço de cada homem, e seis o de cada mulher. Concedeu-se aos abactores de gado do inimigo a décima parte do mesmo. Reprimiram-se com rigorosas penas aqueles que usavam fraude com os exatores de impostos e direitos alfandegários e contra os que não declaravam com verdade as mercadorias ou as calavam, cominada certa multa para as fraudes praticadas de dia, outra mais pesada para as praticadas de noite, e se fossem oficiais os fraudulentos, perderiam o pôsto. Distribuíram-se, pelas comarcas, patrulhas, cada qual com o seu comandante, contra os saqueadores e incendiários, que, por toda a parte, o inimigo introduzia em nossas terras. Empregaram-se também nisto portugueses e indios, os quais, dado com um tiro *Negócios internos. ASSUNTOS POLITICOS. Prisioneiros. Fraudadores do fisco. Saqueadores.*

de peça sinal para irem contra o inimigo, logo compareceriam armados para coibir a violência e prender os que a fizessem.

*Abastecimento.* Havendo míngua de mantimento, foram obrigados por um edito todos quantos se utilizavam do trabalho dos negros a plantarem anualmente mandioca, na quadra costumada, isto é, em Janeiro e *Apelações.* Agosto. Para não aumentar excessivamente para os juizes superiores a tarefa das causas forenses, vedaram-se as apelações de me- *Homicidas.* nor importância. Contra os homicidas, como inimigos do gênero humano, foram promulgadas leis penais, como a razão e o direito divino e humano sempre as promulgaram; porquanto, cumprindo haver porfia de virtude entre as gentes, havia-a de crimes, e se verificava serem os piores aqueles que convinha fossem os melhores.

*ASSUNTOS ECLESIASTICOS.* Os predicantes e ministros da religião reformada representaram ao Supremo Conselho em Olinda os seus gravames (é êste o termo próprio), colhidos pelas classes, isto é, pelas suas ordens e *Resposta às representações dos predicantes.* assembléias. O Conselho, considerando que a causa da religião não podia ser tratada com indiferença, mòrmente entre bárbaros e ignorantes de uma disciplina mais rígida, e também entre povos rivais no zêlo religioso, isto é, papistas e judeus, respondeu com prudência a cada um dos pontos, dêste modo:

"1) Devem-se castigar severamente os incestuosos convencidos de tal crime. 2) Deve-se conceder aos escravos o descanso do trabalho servil aos domingos. 3) O Conselho ia proibir aos diretores da Paraíba o permitirem procissões e cortejos solenes de papistas pelas ruas e estradas, devendo encerrar-se nas igrejas e nos claustros. 4) A êstes seria defeso, sem autorização do Conselho, construir novos templos. 5) Ser-lhes-ia vedada a celebração do casamento por sacerdote católico, não precedido das denúncias usadas na igreja reformada, e bem assim a realização de cerimônias religiosas junto aos réus condenados pelos juizes. 6) Escolhessem êles (ministros e predicantes) em Olinda um templo para si, destinado aos exercícios da religião reformada. 7) Fossem permitidos aos judeus sua religião e seus ritos entre as paredes privadas, proibindo-se-lhes o culto público. 8) O Conselho se empenharia em refrear a deshonestidade dos negros, o vício do adultério e da prostituição, último companheiro de uma fortuna em ruina. 9) Queria o Conselho que, dalí por diante, sempre que os senhores de engenho desejassem pedir para os seus trabalhos a proteção de Deus, pedissem a bênção divina, não pelo bôca do padre católico romano, mas pela do predicante da igreja reformada.

Para firmarmos o poder, sem dúvida valemo-nos também das opiniões religiosas. Cada qual toma a que escolheu como instrumento idôneo para procurar a segurança em benefício não só da salvação dos homens, mas também da dominação.

Não foi menor o zelo que se votou ao comércio, à compra de açúcar e pau-brasil, quer fosse tomado ao inimigo, quer adquirido por dinheiro, quer cortado em nossas matas, e bem assim ao tráfico freqüente dos escravos, ao transporte do ouro americano para a terra pátria, às mercadorias importadas nas naus da Holanda, ao reparo das avariadas no mar, aos futuros carregamentos e às várias necessidades das que partiam. Tratava-se dos estipêndios, prêmios e rações dos indígenas incorporados na nossa milícia; das contínuas remessas, idas e voltas de vasos transportando armas e provisões para todos os territórios do Brasil, ora para êstes, ora para aqueles; das designações de magistrados em toda as províncias e, na ausência do Conde, das suas eleições; dos pedidos dos predicadores e ministros reformados. Demais, cuidava-se da assistência aos pobres, órfãos e enfermos; do recenseamento dos cidadãos em cada uma das cidades, e inúmeras outras cousas que cumpria fazer na terra e no mar, segundo a ordem prescrita pela Companhia no interêsse imediato da República. Era a constante matéria e execução dêstes objetivos, digo eu, que apertava o Senado Político.

*Partida do Conde para as capitanias da Paraíba e do Rio Grande. ANO DE 1638.*

O Conde, restituído a si e à milícia após moléstia assaz demorada; fortalecido contra os rigores de uma região aliás salubérrima e com o corpo já afeito às peculiaridades do ar estrangeiro e transmarino, partiu para as capitanias da Paraíba e do Rio Grande, em longa viagem por terra, afim de organizar as províncias, cidades e aldeias e prover os acampamentos de fortificações, soldados, armas e vitualhas. Mas, passando para estas províncias, não seria razoável ignorarmo-lhes a índole, a situação e as produções, pois elas ministraram matéria fecunda às guerras e ao tráfico dos nossos.

*Descrição da Paraíba.*

A Paraíba (81) está entre as quatro capitanias setentrionais. Tomou o nome de um rio que a banha, assim como um outro — o Mamanguape (82). Segue-lhe logo a colônia de Itamaracá. Ocuparam outrora a Paraíba os franceses e, expulsos êstes, os portugueses e por último os holandeses. Não possue outras povoações senão os lugarejos dos engenhos, que, pela multidão dos trabalhadores, constituem verdadeiras aldeias. Na margem meridional do rio há uma cidadezinha — Filipéia —, assim chamada em honra do rei Filipe. Agora, mudadas as partes, recebeu o nome de Fredericópole ou Frederica, em honra de Frederico, príncipe de Orange. As regiões

*Rios.*

*Filipéia, hoje Frederica.*

próximas do rio são planas; as mais distantes, entrecortadas de montes e de vales, são notáveis pela sua completa amenidade. Aquelas

*Produções. Açúcar. Mandioca.*

produzem cana de açúcar; estas, mandioca. Constitue o açúcar uma das delícias para o estrangeiro, e a madioca é um alimento para os naturais. Das raízes desta fabricam uma farinha, que lhes serve de trigo e de pão. Os portugueses chamam *"roça"* aos campos que a dão, e aos agricultores designam com o nome de *"lavradores"* e de *"roceiros"*. Os menos abastados alimentam-se com esta farinha, assim como os mais ricos se alimentam de trigo que costuma importar-se de Portugal e de outras partes.

*Outros frutos.*

Produz também a região outros frutos: milho, batata doce, ananases, cocos, melões, melancias, laranjas, limões, bananas, pacobas, maracujás (83), pepinos, tudo isto para utilidade ou dos homens ou dos animais.

*Cajús.*

Os cajús são peras silvestres, suculentas e inocentes, que se comem àvidamente durante o calor. No interior da pera cresce uma castanha, de casca muito amargosa, de miolo muito doce, quando se assa. A pera refresca e a castanha esquenta. Mas, a todo o gênero de frutas levam

*Ananases.*

a palma aquelas a que chamam ananases. A planta é de pouco talhe, e em seus ramos ficam suspensas pinhas muito tenras. Cortando-se estas em talhadas na sazão própria, são um alimento gratíssimo ao mesmo tempo pelo cheiro e pelo sabor, podendo-se comer imediatamente ou conservar no açúcar por largo tempo. Além disso são de ver muitas árvores frutíferas, que fôra longo enumerar, peixes, aves

*Animais.*

de côres variegadas e muitas espécies de quadrúpedes, em geral bravias, em parte por nós conhecidas, em parte desconhecidas. Nelas sempre aparece em quão admiráveis e diversos modos se desdobra a sabedoria divina pela vastidão da terra. E' notável a variedade dos papagaios, cuja plumagem de côres diferentes é para êles um ornamento, e, por outro lado, torna-os apreciáveis a língua, apta para reproduzir a linguagem humana. São tão numerosos alí que, voando aos bandos, escurecem o dia como nuvem negra.

*Condição dos habitantes.*

Os habitantes ou são livres. como os portugueses, holandeses e europeus em geral e até mesmo os brasileiros indígenas; ou escravos, os quais são ou índios, ou negros comprados já no reino de Anqola, já no Cabo Verde e levados para lá. Moram em povoados, cujas casas não são pegadas uma ás outras, qual, entre nós se usa, mas esparsas, seja por mêdo de se alastrarem incêndios, seja por imperícia de edificarem. Empregam pedras e têlhas, mas não ferro. Quando vão construir uma casa, levantam primeiro os esteios e escoras, estendem sôbre êles um ripado sôbre o qual armam o telhado, coberto de têlhas ou de fôlhas de coqueiro. Vivem nessas habita-

ções. O andar térreo serve-lhes de armazém e despensa. As paredes laterais são formadas de varas rebocadas, sem capricho, nem elegância. A cidade pròpriamente contém alguns edifícios bonitos, feitos de pedra, cujos cantos e janelas são de mármore branco, sendo o resto das paredes de alvenaria. Os habitantes, de estatura inferior à dos europeus, resistem pouco ao trabalho. Habitam os paraibanos sete povoações. A principal é *Pinda-Una*, que conta 1.500 almas, enquanto as outras sòmente 300. Cada uma destas aldeias consta de cinco ou seis casas oblongas, que se distinguem por pequeninas e numerosas portas, pelas quais se entra e se sai (84). Os íncolas andam nus, a não ser que uma tanga cubra as partes virís nos homens e uma camisa de linho resguarde as mulheres. Gostam de estar junto das espôsas e não sem ciúmes. São assaz desleixados quanto à criação dos filhos e, desconhecendo disciplina e educação séria, inhábeis para tudo o que é elevado, estão por isso presos a uma servidão natural. Teem aos portugueses ódio feroz, e êstes lho retribuem, como a réus de perfídia, de ingratidão e de falta de caráter. *Sete povoações Pinda-Una.*

As mercadorias que apresentam ao comércio dos estrangeiros são açúcar, pau-brasil, tabaco, coiros de boi, algodão e outros produtos. Possue a Paraíba dezoito engenhos, dos quais uns se movem à fôrça de água, outros à de bois. Veem-se tais engenhos suceder-se nas margens setentrional e meridional do Paraíba. *Mercadorias.* *18 engenhos.*

Entretanto, vindo-me água à bôca com a doçura do açúcar, não será estranho aspergir com o doce suco das canas as páginas desta narração, e comparar o açúcar dos antigos com o dos modernos Esta história, eriçada de têrmos guerreiros, amansará, misturando-se com esta suavidade das cousas e das palavras. E é certamente admirável que não se dome com tão brando alimento a barbárie e que perdure a aspereza e ferócia dos costumes naqueles que se nutrem com êsse néctar e ambrosia.

Fizeram menção do açúcar Plínio, Dioscórides (85), Galeno e Hesíquio (86). Os botânicos, porém, discutem se êste é o mesmo açúcar do nosso tempo. Os que sustentam que é outro dizem que o dos antigos se cristalizava nas próprias canas, enquanto o nosso se espreme líquido e se condensa ao lume. Dioscórides informa que o dos antigos era quebradiço nos dentes e friável como sal. O nosso logo se liqüefaz, convertendo-se num suco viscoso, e de modo algum quebradiço. O dos antigos era bom para o estômago, intestinos e fígado; e o nosso faz-lhes mal. Aquele aplacava a sêde; êste a excita. Mas os defensores dessa diversidade não esclareceriam fàcil- *Dissertação sôbre o açúcar.*

mente qual seja aquele suco diferente do açúcar que se encontra numa cana da Índia e da Arábia: "Não poderia com êsse suco rivalizar o doce mel", como traz o verso de Varrão (87), e do qual diz Lucano : "*Quique bibunt tenera dulces ab arundine succos*" (88), pois nada impede o beber-se diluído em água o licor do açúcar. Fiquem, porém, estas indagações abertas ao exame dos eruditos e dos intérpretes dos velhos textos.

*SIDORO, l. 17. c. 7.*

A cana sacarina não atinge a altura de uma árvore, mas a do milho e de outras canas, erguendo-se em cálamos de sete a oito pés, com uma polegada de grossura. É esponjosa, suculenta e cheia de um miolo doce e branco. Teem as fôlhas dois côvados de comprimento, a flor é filamentosa e a raiz macia e pouco lenhosa. Desta saem rebentos para a esperança de nova safra. Gosta de solo úmido, clima quente e ar mais tépido. A Índia Ocidental é feracíssima destas canas, conquanto também as produza a Oriental. O sumo das primeiras é de louvar pela limpidez e utilidade, e esta utilidade conhecem-na as cozinhas e as fármácias, os sãos e os enfermos, pois serve o açúcar de alimento e de remédio. É depois da manteiga, um regalo da nossa alimentação e um grato estímulo da gula nos doces e nas sobremesas.

O processo de fabricá-lo, ignorado pelos antigos, é o seguinte (89) :

*Fabricação do açúcar.*

Arrancadas as canas e limpas das fôlhas, cortam-se em pedaços de um palmo de comprimento. Assim cortadas, são espremidas numa prensa, recebendo-se o sumo numa caldeira de cobre. Diluído êle em água, ferve durante número certo de horas e vai-se escumando. Evaporada a água, despeja-se nuns vasos de barro — as fôrmas —, que teem o feitio de meda ou pirâmide, e aí cristaliza como sal. O buraco dessas fôrmas, a princípio tapado, conserva o açúcar coalhado e úmido; abrindo-se depois, deixa passar o mel para purgar o açúcar. Depois cobre-se de barro a cara da fôrma, porque se acredita que, repetindo-se várias vezes esta operação, se expelem mais completamente as impurezas, e o açúcar clareia mais. Êste é o primeiro trabalho que êle reclama. Entretanto, há mister novas manipulações e cozeduras para se obter um açúcar mais puro e clarificado. Assim, derrama-se no açúcar mais impuro uma lixívia de cal viva e claras de ovo, e, mexendo-se sem parar, escuma-se o caldo, limpando-o das impurezas, e, quando êle, fervendo, ameaça entornar-se, impede-se isto com deitar-se-lhe um pouco de manteiga. Coam-no depois num pano grosseiro ou numa estôpa, não estando ainda absorvida tôda a lixívia, para se apanharem as fezes que por acaso

restem, deixando-o ferver de novo até consumir-se a lixívia. Em seguida o viram, como que renascido, nas fôrmas, cobrem-se as caras destas com barro mais puro, e, secando êste à maneira de crosta, põe-se outro mais algumas vezes, com o mesmo fim que dantes, escorrendo de novo um mel mais grosso e mais impuro.

***Várias formas do açúcar.***

Distingue-se o açúcar em mole e duro. Êste, segundo sua forma, chama-se pão de açúcar, açúcar misturado, candi, e penídio (90). O açúcar em pão diversifica-se em açúcar da Madeira, das Canárias, fino, de Meli (91) e de S. Tomé. Os dois primeiros assim se denominam por causa das ilhas donde procedem. O fino é assim chamado por ter chegado ao seu fim, isto é, por ter atingido o ápice da alvura e da pureza. O de Meli tirou a denominação de Meli, ilha da Índia Ocidental, e o de S. Tomé designa-se assim, porque provém da ilha dêsse nome. Êste é de qualidade inferior e trigueiro, empregando-se principalmente em xaropes, conservas, remédios e clisteres. Chama-se misturado o que se transporta em caixas, sendo formado com fragmentos dos outros. O candi toma o nome dos gregos barbarizados, porque é facetado e, quebrando-se, salta em partículas angulares. A êste chamam-lhe os gregos modernos *χάντον*. Êrro é do vulgo e dos ignorantes que tem êle tal nome por derivar êste da palavra latina *candor*, como que significando *cândido*, ou por o tirar da ilha de Cândia, pois nem todo o açúcar candi é branco, nem todo o que é branco é candi. Há, com efeito, um outro açúcar cristalizado, semelhante a um cristal, que se faz com o açúcar fino; há um outro aloirado e que nunca clareia, que se fabrica com o de São Tomé e é assaz parecido com êle. O penídio faz-se com o açúcar em pão, com o de S. Tomé e até mesmo com o misturado. Recomenda-se por mais alvo, mais raro e mais moderado no calor.

***Paraíba vencida pelos nossos no ano de 1634.***

Em 1634, invadiram a Paraíba os coronéis Schkoppe, Artichofski, Henderson e outros e, expugnados todos os fortes, atribuíram-na à Companhia. É proxima dela, para o norte, a colônia do Rio Grande, que deve também o seu nome a um rio notável, cujo acesso é muito difícil por causa dos bancos de areia e do mar pouco fundo, mas tem as terras do sertão muito amenas. Chamam-lhe os bárbaros Potengi (92). Foi navegado pelos franceses, os quais, aliando-se aos indígenas, alí se estabeleceram. Os portugueses expulsaram aos franceses com o auxílio do governador da Paraíba, Feliciano Coelho (93), submetidos também, com alguns combates, os gentios. Caiu a região em nosso poder, tomando-se-lhe a fortaleza em 1633. Capitaneou a expedição Matias Ceulen, tendo

***Descrição da Capitania do Rio Grande do Norte.***

batalhado valorosamente, de um lado por terra, doutro por mar, os famosos cabos de guerra Byma, Cloppemburg, Friese, Lichthart, Garstman e Mansfeld. E pôsto se tivesse por invicta a fortaleza, à conta do seu sítio, açoitado pelo mar próximo, e das suas munições, ainda assim se deixou vencer pelas armas batávicas, mostrando com o seu exemplo nada ser impenetrável ao denôdo. Assentada sôbre um rochedo, debruça-se sôbre o rio, cingida por um muro de pedra bastante alto e provida de artilharia contra tôda a violência, sendo assim difícil o aproximar-se dela e possível o defendê-la com pequeno presídio. Quando ainda pertencia ao partido real, chamava-se o Forte dos Três Reis Magos. Adotando-se agora para êle a denominação de Forte de Ceulen, passou simultâneamente para o poder e recebeu o nome do conselheiro holandês (94). Mudados os regedores da possessão, foi pouco mudar o nome das cousas.

*'orte de van Ceulen.*

*'eem ter com o 'onde emissá-'os dos tapuias. )fertam-lhe presentes.*

Demorando-se Nassau às margens do São Francisco, vieram ter com êle emissários do rei dos tapuias, com presentes, arcos, flechas, lindíssimas penas de ema (95), com as quais se enfeitam indo para a guerra. Com a devida cortesia, aceitou-os como dádivas de paz e de um começo de concórdia e penhores de benquerença, e, tratando digna e magnificamente aos embaixadores, retribuiu os mimos, mandando-lhe vestimentas de linho, camisas de mulher, facas, chocalhos, missangas, corais, anzóis, pregos, objetos para êles desconhecidos ou pelo menos raros. Sobremodo contentes com isso, retiraram-se, prometendo persuadir seu rei de aproximar-se do Conde e vir saudá-lo.

*laurício restaura fortes.*

Fez Maurício restaurar na Paraíba o forte arruïnado do Cabedelo ou de Sta. Catarina e guarnecê-lo com um fôsso mais largo e mais fundo e, por cima, com uma coiraça. Mudou-lhe Nassau o nome para o de Margarida, como se chama sua irmã. Abandonou na margem setentrional do rio ou outro forte — o de Santo Antônio —, por causa das grandes despesas, deixando alí sòmente uma torre para a defesa do lugar. Mandou que os soldados cercassem com paus e estacas uma fortificaçãozinha — a Restinga —, e com uma trincheira o convento da Paraíba, procurando garantí-los contra os súbitos assaltos dos inimigos. Confiou esta incumbência a Elias Herckman, diretor da Paraíba, homem que, além de muitas virtudes, era dotado de engenho agudo e dado ao cultivo da poesia holandesa (96). Demais, calejado nos lances da navegação, marítimo experimentado, demonstrava inquebrantável fidelidade aos seus senhores e indefessa operosidade.

*logio de Elias Herckman.*

Com o rodar do tempo, não faltaram seus casos à fortuna das armas assim na terra, como no mar.

*Combate naval entre Schaap e os espanhóis.*

Travando combate naval, entre a Baía de Todos os Santos e a Tôrre de Garcia de Ávila, com algumas naus espanholas, pelejou bravamente o capitão Schaap, marujo em extremo valoroso. De uma delas teve de abrir mão por muito possante e apercebida de soldados e artilharia; outra encalhou-a nos parcéis da costa e só conseguiu por despôjo da vitória a terceira. Recebendo um ferimento, ficou aleijado, mas à pátria se mostrou útil e glorioso. No vaso capturado, encontraram-se maços de cartas escritas pelos portugueses, as quais nos revelaram, com juízos diferentes, os planos e intuitos dos espanhóis contra nós. Algumas havia que referiam estarem fundeados no Tejo, diante de Lisboa, dez galeões e em Cádix vinte, aos quais se iriam juntar trinta naus de transporte. Era opinião de uns tantos que se aprestava aquela armada para o Brasil; era a de outros que simulara o rei esta causa de necessidade, segundo o costume dos príncipes, para se apoderar, com tal pretexto, do dinheiro do povo, pois aos portugueses importava a restauração do Brasil. Neste desígnio, exigira o monarca novos impostos, o quinto dos bens. Isto levantara o povo a tal ponto que, agredindo os exatores reais, os havia trucidado em diversos lugares. Os castelhanos, folgando com êsses levantes, exerciam mais duro império contra os portugueses, a título de rebelião. O rei em pessoa se pusera à frente de um exército para reprimir os povos de Évora, do Além-Tejo e dos Algarves (97). Havia outras cartas que declaravam já estarem serenados os tumultos e procederem da plebe as desordens, tendo-se a nobreza conservado quieta; que em breve a armada se faria de vela para o Brasil, afim de restaurá-lo. Deveria comandá-la o conde de Liniarez; que, entretanto, definhava êle, minado por um veneno. Oquendo demandaria Cádix para aprestar a frota, cujo comando lhe seria dado.

*Cartas de portugueses interceptadas.*

Estas notícias não abalavam muito o Conde, não só porque não poderia a armada aportar nos meses do inverno, mas ainda porque eram incertas as outras informações, impedido o rei com a guerra contra a França (98). Êste, como traziam aquelas cartas, entregando-se mais à caça, procurava compensar, com lançar-se aos prazeres, a perda de suas terras e cidades, a êle arrebatadas pelo francês e pelo batavo triunfantes.

*Maurício medita novas emprêsas.*

Maurício, portanto, julgou de vantagem, enquanto estava suspensa a emprêsa dos espanhóis, valer-se das condições favoráveis para aumentar, em novos cometimentos, os domínios da Companhia.

Desejava também apoderar-se no mar da dita armada. Acreditava que, desbaratando-a, se aquietaria o Brasil, cousa propícia à produção e comércio do açúcar. Nesse intento, pedia aos diretores da Companhia lhe mandassem o maior número possível de naus, recomendando-as por duplo fim: servirem para vencer o inimigo e depois para transportarem açúcar. Não cessou o inimigo, conquanto ocupasse o sul do rio de São Francisco, de causar danos aos nossos. Levou prisioneiros para a Tôrre de Garcia de Ávila alguns marinheiros que haviam saltado em terra com o fim de capturar gado, e, atravessando em canoas o rio, ganhou-lhe a margem setentrional, onde caíu de improviso sôbre os nossos soldados, que vagavam descuidosos nas paragens do Cururipe (99). Além disso, chegando mais longe até o rio de S. Miguel (100) e percorrendo os territórios das Alagoas, Una e Pôrto Calvo, marchou por aí devastando, associados a si bandos de saqueadores. Aos portugueses tratava mais brandamente, mas com os judeus e com os holandeses mostrava ferocidade. Contra êsses depredadores foi mandado Picard, apesar de serem escassas as guarnições holandesas e, rondando êle com patrulhas distintas as vias públicas e encruzilhadas, rechassou, para as matas, com o terror por êle infundido, os salteadores, que andavam em maltas volantes, não adstritas a nenhuma disciplina militar, mas atirando-se à presa que a sorte lhes oferecia.

*Os inimigos levam suas devastações além do rio de S. Francisco.*

*Picard é mandado com patrulhas contra os saqueadores.*

*Volta Nassau da Paraíba.*

Finda a jornada da Paraíba, Nassau, coparticipando, pelos laços do sangue, da glória que, em altos precônios, celebrizava Orange em tôdas as nações pela tomada de Breda, mandou-lhe uma carta, na qual com êle se congratulava "*por tamanha vitória em razão da importância da praça, da celeridade do cêrco, dos labôres e lances e por haver êle príncipe escapado ao perigo da morte comum*" E acrescentava: "*que pela escassez de bastimento e de soldados, lhe haviam passado sem grandes feitos os meses do estio. Fôra por isso à Paraíba e ao Rio Grande com ingentes rodeios, percorrendo por terra 135 léguas para munir os lugares fracos e restaurar por tôda a parte as fortificações desmanteladas. Haviam chegado ao Recife doze naus holandesas com assaz de provisão e petrecho bélico, mas com 200 soldados sòmente de refôrço. Tinha determinado atacar a cidade do Salvador com os soldados que estavam à mão, no máximo uns 3.100, exceto 1.200 índios. Esperava impedir o abastecimento da cidade, a qual, segundo ouvira de fonte autorizada, padecia falta de vitualhas. Bagnuolo, acampado com um poder de 1.300 soldados e 500 índios junto à Vila Velha, espreitava ocasiões*

*de se lançar a emprêsas. O inimigo conforme corria voz, estava prestes para batalhar conosco, e êste era também desejo dos seus".*

Começou, pois Maurício a revolver no pensamento esta facção de maior tomo e de maior labor, isto é, a expugnação da Baía e de sua metrópole, da qual, tendo-nos antes dela senhoreado com varonil audácia, fomos depois privados por feminil covardia, por se haverem os guardas entregado à lascívia. Por cartas reiteradas dos diretores da Companhia, foram ao Conde prometidos auxílios para esta expedição. Tardando, porém, êstes e passando a quadra do ano própria para a guerra, o Conde, maior na grandeza do ânimo do que na das fôrças então disponíveis, convocou os soldados de todos os presídios e recenseou 3.400 holandeses e 1.000 brasileiros. Determinou que êstes se reünissem aos holandeses, presumindo que entre uns e outros se havia de dar emulação de valentia. Aprendera que se faz de um modo a guerra interna e de outro a externa; que, na primeira, tem-se de sustentar a luta, utilizando as fôrças militares que a pátria subministra, e, que na segunda, pode vencer-se o inimigo ainda mesmo por meio dos seus, os quais, impacientes de uma dominação diuturna e feroz, abraçam àvidamente o auxílio estrangeiro. A despeito de saber Nassau muito bem que, com o seu exército, não estava apto para meter ombros à expedição projetada, por ser mais poderoso o competidor, todavia não desistiu da emprêsa, alentado com a expectativa quotidiana das tropas auxiliares que lhe viriam da Holanda. Também incitavam o Conde os diretores europeus, apertando-o de contínuo para realizar a conquista da Baía, na qual levava a mira. Era alí, dizim êles, o principal refúgio dos portugueses; era alí que se dava a máxima atenção à resistência contra o invasor e à honra do rei da Espanha; em nenhuma outra parte havia mais engenhos de açúcar e presa mais rica; com aquela vitória poderia o Brasil dentro em breve estar todo sujeito à Holanda, e nenhuma outra cidade galardoaria mais dignamente os vencedores e causaria danos mais certos aos adversários. Da própria Baía e da cidade de São Salvador se denunciava ao Conde que a soldadesca das guarnições queixosa por não lhe serem pagos os soldos, se inclinava para a rebelião; que havia divergência entre Bagnuolo e o governador da Baía sôbre o modo de se fazer a guerra, que os baianos simpatizavam conosco e seriam nossos, segundo a vontade da fortuna; que o Conde, pela sua moderação, clemência e benignidade para com os portugueses, ganhava-lhes os ânimos, atraindo-os a si dia a dia; que o inimigo se sentia fraco pela penúria de armas e mantimento.

*Expedição contra a BAÍA DE TODOS OS SANTOS.*

*Razões da expedição.*

Maurício, cobrando maior ânimo com estas notícias e para não se acreditar que lhe faltava inteira confiança no seu próprio valor e no dos seus ou na fortuna da guerra, sabendo, demais disso, que nem sempre entram em peleja exército iguais até o equilíbrio, pois mais de uma vez as maiores hostes foram desbaratadas por um poder exíguo alentado por uma exígua esperança, preferiu tentar a sorte dúbia das armas a retardar, num ócio mal visto, as vantagens e a glória da Companhia. Neste entremeio, esperava chegassem, ou no começo do cêrco ou no curso dêle, os esforços enviados da Europa. Tendo de partir para uma campanha fora do país, para não deixar suas províncias expostas às irrupções dos inimigos e às convulsões intestinas, ordenou as providências que importavam à segurança delas. No Recife foram os cidadãos alistados em quatro companhias, cada uma com o seu comandante, para a guarda do lugar, acrescentando-se-lhes uma companhia de soldados pagos, sob o coronel Nicolau Ritter. Compunha-se cada uma de 130 homens. Na Paraíba deu-se uma guarda cívica de 150 homens para a defesa da cidade Frederica. Na ilha e na vilazinha de Itamaracá acantonava-se a do coronel Schkoppe, contando só 40 soldados. Assim também se formaram e colocaram guarnições em outras localidades do litoral, conforme o reclamavam as necessidades..

*ANO DE 1638.*

Em Abril de 1638, ao entrarem as chuvas (101), realizadas antes preces públicas, as quais são os piedosos inícios das ações que se vão praticar, proveu Maurício de mantimentos, armas e outros petrechos bélicos 22 naus para as necessidades do assédio, esperando que melhor obteria do inimigo o restante. Sem delongas, chamando para conselheiro o almirante Gisselingh, membro do Conselho Supremo e Secreto, partiu de Pernambuco, com vento de feição, aos 8 de Abril e, fazendo-se ao largo, surgiu diante da Baía de Todos os Santos, após seis dias de próspera viagem. Sói-se fazer tal derrota, nesta quadra do ano, apenas em quatro ou seis semanas. Uniram-se depois à esquadra nove naus, que se mandaram na dianteira abrir caminho para aquela navegação, de sorte que, ao declinar do dia, tivessem ante os olhos a chamada *Terra Branca*, afim de não perderem de vista a frota, desgarrando-se. Demandando do mar alto a terra, avistaram os holandeses primeiro a Tôrre de Garcia de Avila e a de Santo Antônio. Era parecer do Conde entrar no dia seguinte a Baía de Todos os Santos. Soprando, porém, ventos ponteiros, parou algumas horas junto à barra do rio Vermelho (102), demorando acinte a derrota com os bordos que fazia. Isso justamente enganou ao governador da Baía, o qual, suspeitando que se

*Gisselingh acompanha a expedição.*

ia transportar para aquele local todo o pêso da guerra e se preparava alí o desembarque, lá concentrou às pressas o exército, acompanhando-o Bagnuolo com fôrças.

Favorecendo depois os ventos, mesmo ao meio-dia, foi Maurício levado, com o fluxo da maré, para dentro do Recôncavo, entre os raios e trovões que, de uma banda, vinham dos acampamentos e, da outra, das naus inimigas e da cidade, de todos os lados enfurecendo-se em vão a artilharia contra a nossa armada. Quando o sol, como que atento aos feitos e movimentos dos holandeses, já dobrara o zênite, achava-se ancorada a frota, debaixo mesmo dos fortes dos inimigos. Depois conduzidos na esquadra um pouco além da ponta do forte de S. Bartolomeu (103), desembarcaram os soldados, sem nenhuma resistência, a légua e meia da cidade, num lugar muito vantajoso, onde se via um morro nu e aberto, despido de matagais, sendo-lhe os vales regados de águas frescas e doces. Assentados aí os arraiais e postos ràpidamente em terra todo o aparato bélico e mantimentos, soube Nassau de uns prisioneiros que, cêrca de meia légua do nosso campo, havia uma garganta difícil de passar, só dando trânsito a um de fundo na baixa-mar, por causa dos charcos e atoleiros em derredor dela, os quais vedariam marcharem os soldados em batalhões. Em vista disso, foi mandado na frente o major Tourlon com trezentos mosqueteiros para reconhecer o sítio. Encontrou êle o inimigo perto daquela garganta, o qual a tinha já ocupado, munindo-se com trincheiras e valo. Obrigado Tourlon por essa razão a fazer recuar os seus diante da maior fôrça do adversário, expôs ao Conde a situação do lugar e os perigos do desfiladeiro. Não se importou êste com tais estorvos e, para não perder em deliberações o tempo de entrar em acção, ordenou o exército no morro em frente do inimigo ficando de permeio a tal garganta, entre nós e nossos contrários. Ao mesmo tempo, determinou ao vice-almirante João Mast rumasse em linha reta para a cidade, e, ancorando fora do alcance da artilharia, aguardasse novas ordens. Não era outro o plano do Conde senão retirar do desfiladeiro ao inimigo, causando-lhe outro temor maior. De feito, temendo êste dano para a cidade desguarnecida, às pressas arrebatou os soldados da garganta, que abandonara, para a cidade, ainda que divergiam os comandantes, os quais aconselhavam travasse a soldadesca combate com os holandeses, e, mais forte, os atacasse primeiro, por serem mais fracos e estarem fatigados da viagem e dos incômodos do mar. Insistiam em que não havia refúgio para os nossos, a não ser junto às costas, nas naus e no mar;

*Com feliz navegação passa Maurício à Baía.*

*Desembarca.*

*Envia na frente Tourlon em reconhecimento.*

*Abandona o inimigo o desfiladeiro.*

que para si havia-os na cidade e nas suas proximidades, e por isso haviam de pelejar em condições e em lugar mais favoráveis.

*E' ocupado pelo Conde.*

Crescendo já a maré, via-se Nassau impedido de penetrar aquele mesmo dia o desfiladeiro. No seguinte, levantando o acampamento, marchou contra a garganta para forçá-la, se pudesse. De novo porém, a tinha ocupado com infantaria ligeira o general português. Depois de ter Maurício pelejado com êle, servindo-se de peças de campanha, e de lhe ter derribado alguns, fê-lo largar a posição. Nós, tomando e passando na mesma tarde o desfiladeiro, ficámos sobremaneira admirados da estulta fuga dos portugueses, aos quais teria sido facílimo defender o passo com pouca gente. Avançando mais, quasi meia légua da cidade, por tôda a parte encontrámos e repelimos tropas inimigas guardando as estradas, as entradas e margens dos rios, até que, estabelecido o acampamento mesmo debaixo das fortificações externas da cidade, esperámos a ofensiva dos adversários. Abrigados êstes da sua artilharia, que estava no alto, tinham dispostos os soldados, ao que parecia, para combaterem sob as muralhas. Entretanto, contendo-se em sua posição, com freqüentes disparos de peças alvejaram aos nossos e causaram algum dano à companhia de brasileiros, em extremo descuidosa. Ocuparam os holandeses o forte de Santo Alberto, construído de pedra, o qual tinham os portugueses abandonado. Garantiu êle o nosso campo de ser sitiado e investido da banda da praia. Mandou o Conde circunvalá-lo, e depois, por intermédio do tenente-coronel Brand, recebeu outro forte — o de S. Filipe —, situado na costa, com pequena guarnição, o qual capitulara, posto que se defendesse com cinco bôcas de fogo. No dia seguinte, apoderou-se do Forte de S. Bartolomeu, terrível por treze peças e providíssimo de grande cópia de petrechos bélicos. Tendo-nos caído nas mãos estas fortalezas, ficou-nos livre o acesso às naus para recebermos mantimentos, de que se podia prover a soldadesca em terra apenas por oito dias.

*Coloca os acampamentos junto à cidade.*

*Toma o forte de St.° Alberto, S. Filipe e S. Bartolomeu.*

*Levanta baterias*

Depois, a mandado de Nassau, levantaram-se duas baterias, uma para sustentar cinco peças grossas e a outra para duas menores, a que chamam de campanha. Enquanto nos ocupamos em construir essas trincheiras, fizeram os portugueses freqüentes sortidas, ora com 300, ora com 400 homens das guarnições; mas foram inócuas. Atirando continuamente das baterias contra o forte do Rosário, que era ao pé do morro, expulsámo-lhe o presídio. Entretanto, por causa da estância inimiga próxima, a cujos tiros

estava exposto o dito forte, não pôde ser êle tomado e ocupado pelos nossos, de sorte que não era de nenhuma das duas partes: constituía mais pròpriamente matéria de glória marcial que de vitória, antes arena disputada de quem estava com desejo de guerrear do que de quem triunfava da sorte do contendor.

Para a defesa da cidade; estendia-se-lhe em frente, nas alturas do Convento do Carmo, uma obra cornuta, da qual era fácil encarniçar-se a artilharia contra o forte e contra nós. Os habitantes da cidade, trabalhando uma só noite, num ardor incrível, tinham erguido a quatro pés de altura aquele hornaveque. Assim, nem podiam os nossos ofender aos cidadãos, nem êstes disparar contra aqueles os mosquetes e espingardas, à conta de um muro levantado no alto dêle, o qual separava os beligerantes. Importando-nos expugnar o tal hornaveque, incumbiu-se a emprêsa a quatro capitães e a quatrocentos soldados, adicionando-se-lhes vinte granadeiros e duzentos sapadores. Uma alocução do Conde, que sabia sempre tratar os ânimos militares, estimulou-lhes a ousadia. Porfiando, com grande bravura, contra o inimigo, deram sôbre um trôço de quatrocentos soldados ocultos num matagal. Pelejaram com resultado incerto, havendo perdas quasi iguais de parte a parte. Vencido esse trôço, surgiu novo trabalho causado por duzentas sentinelas, que, desde o recontro, lançando as armas com um mêdo ignóbil e pedindo em vão a vida, caíram mortos pelo furor da soldadesca.

*Combate-se ardorosamente.*

Era noite de luar, quando, investindo a obra córnea, tentaram os nossos a escalada após renhida peleja de duas horas. Foi porém, um esfôrço inútil: para alí conduzira o inimigo tôda a fôrça da guerra, combatendo como se o conservar aquela posição fôra o ponto central da luta. Acreditava-se ter sido êle avisado por um trânsfuga, pois antes nunca defendera o que era seu com tão fortes atalaias. Com extraordinária destreza dos soldados, já se haviam arremessado contra o hornaveque mais de trezentas granadas, defendendo-o, com igual ânimo e valentia, os portugueses, como se alí se pugnasse pela salvação da cidade.

*Ataque frustrâneo contra a obra cornuta.*

Além disso, punham êles tôda a diligência em fechar de lado o caminho aos nossos, fazendo sortidas freqüentes (pois tinham maior número de soldados) às quais se resistia tenazmente destacando-se para isso quatro companhias sob o coronel Hinderson, que, para garantir o caminho, se batia com o maior ardor em recontros sangrentos, morrendo vários de parte a parte. Depois tombaram o capitão Howin e o engenheiro Berchem, quando estavam de todo ocupados em tomar aos adversários a artilharia e a levar os solda-

*Morrem o capitão Howin e o eng.º Berchem e outros comandantes.*

dos para a estância inimiga. Declinou então para os holandeses a fortuna da guerra e, menos favorável, arrebatou-lhes as melhores ocasiões de atuarem. Caíram mortos os estrenuíssimos e experimentados capitães Abraão Ebrecht, Bongart e Hollinger e noventa e quatro soldados, pródigos da vida em prol da honra pública.

Raiando o dia, jaziam esparsos os cadáveres dos inimigos de envolta com os dos nossos, mostrando como fugiram e como resistiram. Por isso, combinado para aquele mesmo dia um breve armistício, aplicaram-se as duas partes rivais a enterrar os mortos. A maioria dos corpos dos nossos, encontrados dentro dos valos dos inimigos, mereceram do lugar onde tombaram, senão a glória de vencer, ao menos a do valor e do arrôjo militar.

Informado o general português, por trânsfugas e prisioneiros, da pouquidade do nosso exército e da nossa soldadesca, e terminadas já as trincheiras que, pouco havia, começara, marchou êle contra nós, com fôrças muito mais numerosas. Construindo-se baterias nos cimos dos morros, atirava-se sem perigo contra as posições holandesas, impossibilitados nós de o impedir, por causa dos paúes que mediavam, os quais o inimigo ligara às suas fortificações por um terrapleno. Disto resultou para os acampamentos batávicos o desastre de caírem, dia a dia, muitos mortos com o canhoneio, ficando vários feridos. Não intermitente, mas num furor contínuo, dia e noite, a artilharia jogava contra as nossas estâncias abertas. Se noutras ocasiões era ela danosa, então inda o era mais por causa do tempo chuvoso, em razão do qual conjecturava com acêrto o inimigo estarem os nossos soldados dentro das barracas, conquanto grande parte dêles, abandonando os quartéis, se haviam refugiado em esconderijos na terra e nas brenhas.

Por outro lado, os batalhões, ora de quinhentos, ora de seiscentos homens, que destacara o Conde para o sertão afim de impedirem o abastecimento e de comboiarem o gado, voltavam vazios por causa dos batalhões muito mais poderosos dos contrários e das fôrças defensoras das provisões, que, garantindo-os, lhes permitiam tanger para a cidade manadas do seu gado. Acrescia esta desvantagem: distantes quatro léguas da costa os arraiais, fôra fácil aos trânsfugas passar para a cidade, e por êles puderam os inimigos ficar inteirados do local, das fôrças e dos planos dos acampamentos.

*Causas de se ter levantado cêrco.*

Se bem fizesse Nassau, com o maior empenho, que não se transportassem bastimentos do mar para a cidade, aconteceu, todavia, que entraram duas naus de mantimentos; graças à noite escura e tem-

pestuosa, a qual, assim como nos furtou ao inimigo, assim também furtou êste a nós. Desabaram, com efeito tão violentos temporais que, numa só noite, doze naus, perdendo as âncoras, abalroaram umas com as outras com o maior risco e não sem perigo de naufrágio.

Em conseqüência sabendo o nosso general que aos votos dos comandantes nem sempre correspondem os eventos das guerras, e que nem sempre os desígnios divinos se sujeitam aos dos homens, dividido muitas vezes o império de Deus com o de Cesar, examinou rigorosamente, com o conselheiro Gisselingh e outros comandantes de terra e de mar, o aspecto da presente guerra, o estado dos acampamentos e tôdas as circunstâncias da emprêsa, concluindo o seguinte: que desfalcado o exército, restavam apenas, aptos para a luta, 2.400 soldados e 900 brasileiros; que com tais fôrças, não era possível nem a própria defesa, nem o ataque contra os inimigos, protegidos por diversos fortes e trincheiras, nem impedir o transportarem para a cidade as cousas necessárias; que as fortificações dêles holandeses estavam expostas ao inimigo, postado nas partes mais altas, resultando daí a certíssima dizimação dos mesmos; que a quadra chuvosa do ano era a pior geradora e alimentadora de doenças entre êles, já tendo morrido João Wendevile, capitão da guarda do Conde, e bem assim o capitão Israel Twyn e diversos soldados rasos; que, dia a dia, rareavam as fieiras, sem haver socorros às mãos, enquanto para os adversários crescia a fôrça e o exército, porque de tôda a parte eram os indígenas convocados às armas, conforme evidenciavam as seus desertores e as cartas interceptadas; que tinha o governador nas guarnições 2.000 infantes, parte portugueses, parte castelhanos; que o Conde Bagnuolo trouxera em auxílio 1.400 e mais 800 brasileiros; que se calculavam em 3.000 os cidadãos em armas, entrando nesta conta até eclesiásticos e estudantes; que ademais, tinha êle duas companhias de cavalo, além de escravos negros e mulatos e gente trazida dos campos, todos providos de armas; que se pode mais fàcilmente defender com muitos o que se possue do que expugná-lo com poucos. Além disso, levou-se em consideração no conselho que, por inútil demora no território inimigo, se iria sacrificar a fôrça principal da milícia brasileira, tornando-se patentes às ciladas e assaltos dos contrários as nossas possessões em outros lugares, resguardadas por módicas guarnições; que convinha escolher antes os expedientes cautelosos pelo conselho do que os prósperos pelo acaso, não merecendo a aprovação dos homens prudentes a pertinácia dos planos desesperados. Prouve, portanto, a

todos antes suspender o cêrco tentado que lançar em maior discrime e incertezas do acaso o resultado geral da guerra, pois era preferível reter as possessões a esperar de um tentame vão êxitos duvidosos, e a insistir numa empresa ancípite.

Às vezes cede o ânimo generoso à necessidade, e, inferior às fôrças da fortuna, atende à utilidade pública que fala; porque, se a gente não adere a resoluções mais arrazoadas, tem de sujeitar-se a quem segue com obstinação caminhos incertos. Mais fàcilmente persuadiria eu destas razões os espíritos vazios de paixão ou os não sujeitos a ela, e menos fàcilmente os malévolos e aqueles que só avaliam as virtudes de um general pelos seus êxitos. Em nós é vezo comum julgarmos ser dado a um general ganhar com as armas tudo quanto abrangemos em nossos desejos, e estar patente aos soldados quanto o está à cobiça. Estivéssemos na situação dêles, e outro nos seria o pensar. Notam os historiadores que raro se faz um exército retroceder ou se dá o sinal de retirada sem algum perigo. Nassau fez isso, porém hábil e militarmente.

*Faz-se cautelosamente a retirada.*

Estando tudo combinado e disposto para a partida, recolhida às naus a soldadesca, o aparelho bélico e até mesmo a artilharia tomada ao inimigo, preparou sem estrépito a retirada. Para evitar que os soldados a percebessem intempestivamente, comentando-lhe às tontas o ato, ordenara antes Nassau se transportassem do acampamento para as naus as peças de artilharia, como se fôsse trocá-las por outras, o que acreditou a soldadesca. Determinou que muitos saqueassem a ilha próxima e que se deixassem no acampamento as mulheres dos brasileiros, com as quais marcham êstes para a guerra, afim de afastar do espírito dos seus a suspeita da retirada. Além disso, no próprio momento de sair, empregou os sapadores em reforçar as munições, em levantar baterias e em estender trincheiras, para que o inimigo nada percebesse da retirada e não fôsse atacar pelo desfiladeiro a retaguarda dos retirantes. Ficou a operação oculta aos portugueses, os quais, em nascendo o dia, atiravam contra o nosso arraial com o mesmo furor de antes, até que, pelas nove da manhã, já não observando movimento no nosso campo, cessado o tumulto das armas e da guerra, saíram de suas fortificações e encontraram vazios e abandonados os entrincheiramentos dos holandeses. Incendiando aí as barracas, testificaram da cidade o seu efuso regosijo com salvas de artilharia.

Nesse mesmo dia, conservou o Conde a nossa armada no próprio Recôncavo, distribuindo os soldados pelos vasos. Mandou um corneta à cidade para tratar o resgate de sessenta prisioneiros, mas

em vão, porque o inimigo, mais insolente com os seus venturosos sucessos, se mostrava obstinado. Ainda se achava o corneta na cidade, quando abicou uma nau portuguesa, com dez bôcas de fogo de cada bordo e provida de copiosa gente de peleja, anunciando estarem presentes socorros e tropas de refôrço. Recreou-se o governador com tal notícia, e, perdido o temor e como que alcançada a segurança, detonou três vezes a artilharia. Não afugentara esta nau portuguesa à nossa armada, mas éramos impedidos pelo vento contrário de nos aproximarmos dela, incendendo-se inùtilmente os ânimos da maruja com a esperança de presa.

Conpreendeu-se então que haviam sido falsas as informações dadas a Nassau sôbre a discórdia entre Bagnuolo e o governador da Baía, pois cedera êste àquele tôda a sua autoridade sôbre a milícia e a administração da guerra, havendo o bispo acudido com dinheiro à aflitiva inópia da soldadesca queixosa.

Penetrou fundo no ânimo de Maurício não ter êle podido, por falta e por demora de auxílios, vingar, nesta célebre expedição, o renome da Pátria, da Companhia e o seu próprio, pois estaria pronto, estimulado pelos exemplos gloriosos de sua família, para dar a vida por isso.

*As despesas com a expedição compensadas com as tomadias feitas.*

Não pesaram à Companhia os gastos feitos com a emprêsa, porque os compensarem os despojos pouco antes ganhos na África e a venda de quatrocentos negros. Entretanto muito lhe doeu a Nassau a morte de valoríssimos capitães e de esforçadíssimos soldados. Em todo o caso, dizia ter colhido um proveito: lustrara de perto, com os próprios olhos, a posição e a resistência da cidade, dos fortes e de tôda a região, achando-se mais apto para retomar, com as guarnições e tropas auxiliares e em ótimas condições, o empreendimento que intentara.

Depois o general, prevenindo-se para o futuro e receando as censuras que de longe lhe fariam, dirigiu aos Estados Gerais a carta do teor seguinte, na qual lhes dava conhecimento dos atos praticados:

*Carta do Conde aos Estados Gerais.*

*"Entregara-se-lhe o govêrno supremo do Brasil para defender êle o que já se conquistara e ganhar o que ainda não se conquistara. Entretanto não é possível, sem soldados nem armas, garantir ou dilatar os reinos: sem êstes meios esmorecem os planos bélicos e fraqueia tudo o mais. Dia a dia, se lhe desfalcavam as tropas, extintos uns pela violência da guerra, consumidos e combalidos outros pelas doenças e pelos incômodos das caminhadas; tendo outros obtido*

*baixa, depois de desempenharem por brio marcial os seus deveres e serviços, e pedindo-a outros diàriamente em razão da milícia pesada e infrutuosa. A êstes retinha êle sob as bandeiras, não com larguezas e ambições, mas por boas maneiras, por brandura e severidade. Além disso havia mister mais guarnições para resguardarem dos danos e devastações dos inimigos os vastos territórios que se estendem desde Serinhaém e Pôrto Calvo até as margens do São Francisco. Ao contrário, ficavam dispersas as fôrças militares, tornando-se incapazes de proteger a República contra as inopinadas invasões do inimigo. Acometera à cidade de São Salvador com maior fama e estrépito que proveito. Aos combatentes não lhes faltara coragem, mas número. Na expectativa daquele cometimento, fôra afagado mais pelos seus desejos do que pelas suas fôrças: da fortuna esperava os sucessos da guerra, os quais poderiam tê-los dados ou a diligência dos seus ou uma sorte mais feliz. Se lhe fôsse permitido fazer contas, ao número de gente de guerra que, por acôrdo geral de tôdas as câmaras da Companhia, havia sido prometido, ainda faltavam mil e duzentos homens, além daqueles que ordens do Príncipe de Orange e dos diretores da Companhia determinaram se reservassem para outras expedições. Era ainda desejo seu fôssem êles remetidos. De fato, não basta, — são palavras do Conde —, decretarem-se para o Brasil as providências mais úteis: é necessário executarem-se a seu tempo. Para quem guerreia é vantajosa a celeridade e perigosas as procrastinações. Não dão remédio na necessidade as fôrças militares, se não são conscritas com antecedência, para que, consumidas as primeiras, não sejam ineficazes as subseqüentes. Não posso censurar desleixo em homens ponderados e zelosíssimo do interêsse público: posso, porém, lamentar a penúria, a qual se devera acudir, com extremo cuidado, em cousa de tanto vulto, como se faz nas moléstias do corpo. Dêsses males se padece entre inconcientes ou concientes. Conviria enviar juntos socorros maiores e não parceladamente: um exército unido é mais vigoroso que um separado em diminutos batalhões. São necessários nas guarnições 4.000 homens, e todavia não perfazem tal número os que aqui se acham sob as bandeiras. Com quais soldados então se há-de combater o inimigo? Com quais se há-de êle repelir quando sobrevém? Com quais se hão-de premunir as vias e entradas do país contra as rapinas e devastações dos malfeitores vagabundos? Desejo e peço me sejam enviados 3.600 homens, que, acrescentados àqueles que temos nas guarnições, montarão a 7.000. Com êste exército não só há esperança, mas confiança de poder a Companhia praticar al-*

*gum feito digno; mas de auxílios insignificantes não nasce nem esperança, nem temor infundido aos adversários. Um exército grande impede os ânimos a uma e outra cousa. Não ignoro a penúria do Tesouro, em conseqüência das guerras de tantos anos atrás, exaurido por vultuosas despesas, sem o encherem os réditos escassos e módicos. Entretanto, havendo vós empreendido cousas dignas do século e do valor dos batavos, deveis insistir nos vossos cometimentos e não desesperar dêles. A sorte está lançada: passamos não o Rubicão, mas o Oceano* (103). *Ou desabará tôda a construção do império brasileiro ou tem de ser esteada em grande coragem. Temos de navegar com velas e remos estas Sirtes* (104), *êstes Acroceráunios* (105) *do novo govêrno. Os mal afamados escolhos dos governantes são o receio dos perigos e das despesas. Acho mais glorioso obedecer-vos o Brasil e ser todo vencido, resgatado embora com muito dinheiro, do que, por parcimônia e negligência, perdermos nêle as nossas conquistas. Se perseverardes em remeter os socorros para êste ano, gozará de segurança a República, e recobrará vigor o erário. Se Deus, propício, desviar da safra do açúcar qualquer dano, poderá a Companhia contar, êste ano, com 600.000 florins, rendimento que aumentará anualmente, aumentando a segurança dos campos.*

*Não é maior a nossa fôrça marítima. Os vasos que chegaram estavam tão faltos de marujos que me foi preciso destacar trezentos soldados para governá-los. Além disso, os mais dêles, por avariados e quebrados, reclamavam reparo, não sendo idôneos nem para a ofensiva, nem para a defensiva. Remediar-se-iam tais males com esquiparem os diretores europeus da Companhia dezoito naus grossas, enviando-as com presteza. Com elas não sòmente se pode levar a guerra ao território inimigo, mas também transportar para a Holanda as mercadorias brasileiras e fazer rosto às armadas dos portugueses, se acaso aprestam êles alguma".*

Lemos que o Conde escreveu esta carta, revelando em verdade a sua prudência, pois um general deve olhar para o futuro, ainda fora da guerra, e proceder com cuidado e previdência, como se o inimigo já o atacasse e Aníbal estivesse diante das portas (87).

**Resposta dos Diretores holandeses.**

À carta do Conde deram os diretores europeus esta resposta: *"Não ignoravam que eram incertos e dúbios os resultados das guerras. A expugnação da Baía, fácil aos desejos, era dificílima às armas. Para isso necessitaria o Conde de maiores fôrças, mas fatos supervenientes impediram o remeter-lhas. Buscava-se remédio para*

*êsses males num erário mais sólido, e procurava-se o remédio do erário na liberalidade e na coragem dos sócios da Companhia. Êstes, por sua vez, buscavam o seu no sucesso e felicidade das emprêsas do Brasil. Assim por mútuas obras, teria a Companhia de ajudar o Brasil e o Brasil à Companhia, pois estavam ligadas a salvação e as vantagens de um e de outro. Aprovaram o alvitre do Conde de resguardar o rio São Francisco contra os saqueadores, para não se entregarem, rompido êste muro divisório da guerra e das partes adversas, à devastação do território e das lavouras dos holandeses e não talarem, a ferro e fogo, as plantações de cana de açúcar. Era ótimo o intento do Conde de não dar aos baianos repouso e lazer de sentirem as próprias misérias. Deviam êstes, portanto, ficar ocupados na terra e no mar para não nos causarem danos, nem cuidarem de nos fazer violência, porquanto, armados eram temidos, mas, inermes e inertes, eram desprezados. Tomasse o Conde a dianteira ao inimigo para não a tomar êle. É mais sensato espalhar o mêdo nas terras alheias do que experimentá-lo nas próprias, ou, o que entre as pessoas avisadas é igualmente desejável, nem temer continuamente, nem perecer. Teriam êles diretores por primeiro e último cuidado o fortalecerem as províncias do Brasil com a remessa de naus e soldados".*

*Controvérsia entre os diretores da Companhia sôbre se convinha abrir o Brasil ao comércio privado ou reservá-lo ao monopólio público.*

Por êsse tempo, agitava-se importante controvérsia entre os dirigentes da Companhia, a qual se travou principalmente entre as câmaras da Holanda e da Zelândia. Versava sôbre se seria proveitoso à Companhia franquear o Brasil ao comércio privado, ou se devia competir a ela tudo o que se referisse ao comércio e às necessidades dos habitantes daquela região. Cada um dos dois partidos sustentava o seu parecer. Os propugnadores do monopólio escudavam-se com o exemplo da Companhia Oriental, usando o argumento de que se esperariam maiores lucros, se apenas a Companhia comerciasse, porque, com o tráfico livre, dispersar-se-ia o ganho entre muitos, barateando as mercadorias pela concorrência. Confessavam que por êste sistema se formariam colônias, mas que destas se deveriam temer não pequenas desvantagens, podendo as mais populosas sacudir a dominação ultramarina, ou tornar-se a filha mais poderosa do que a mãe. Assim Cartago sobrepujou Tiro, Marselha se tornou maior que Focéia, Siracusa sobrelevou Corinto, Cizico e Bisâncio prevaleceram sôbre Mileto, alcançando tôdas mais poder que suas metrópoles. Além disso, é nas colônias que se reúne a escória da sociedade, não surgindo uma república organizada, mas

*Desvantagens das colônias.*

uma confusão de facinorosos e de perdidos. Mesclando-se a êstes, degeneram os melhores, os bem dotados de ânimo e de caráter.

Acreditava-se, porém, que os que assim falavam, tratavam, sob color do bem público, da sua utilidade particular, se bem não faltassem nas reüniões palavras especiosas e sentenças plausíveis, nas quais autorizavam a sua causa.

*Vantagens das colônias.*

Os defensores da liberdade comercial alegavam que se guardam melhor as possessões por meio de colônias do que pelas armas; que elas se estabeleceriam, concedendo-se a todos a faculdade de comerciar, e não se fundariam, se os administradores da Companhia, em número tão diminuto, tivessem a gestão exclusiva do comércio; que, com a multidão dos cidadãos, crescem as rendas públicas. Além disso faltavam à Companhia, com o erário esgotado pelas despesas e o crédito abalado, recursos bastantes para garantir o monopólio, porque o tráfico, a guerra, o sustento, a roupa e outras necessidades dos habitantes exigiam muitos gastos, e não havia esperança, longínqua embora, de se remediar tal penúria. Entretanto, nem a guerra, nem o comércio se podem fazer sem dinheiro, assim como não se podem os corpos mover sem nervos.

*Parecer do Conde*

Havendo os diretores pedido a Nassau o seu parecer, explanou-lho em carta desta substância: Tôda a salvação da Companhia estava na união dos seus dirigentes e tôda a ruína dela viria da sua discórdia. Enquanto, com aquelas contendas e deliberações, se buscam remédios, se ia, neste meio tempo, esgotando e arruïnando Sagunto. Não ignorava ser perpétua sorte da verdade gerar o ódio dos que sentem de modo diverso. Era-lhe porém, preferível a lealdade à condescendência e o antepor a vontade de ser útil ao desejo de ser agradável. E, conquanto lhe fôsse mais fácil dizer sua opinião que dar conselho, não obstante, ia apresentar alvitres, sem qualquer paixão, desviando, porém, de si os ódios que lhe pudessem advir de um resultado talvez imprevisto; porque, quando de boa fé se pede conselho, não se devem imputar ao conselheiro os sucessos desastrosos. Exageram-se, dizia êle, os lucros que tocavam outrora aos particulares, os quais poderiam ser da Companhia. Tinha, porém, desde então mudado a situação do comércio e das cousas. Antes, quando nos apoderamos desta parte do Brasil, tudo estava nas mãos dos diretores; agora porém, está, mediante contratos, também nas mãos de particulares. Antes, aquí se encontrou muito açúcar nos trapiches dos portugueses e poucas mercadorias nossas, das quais necessitassem. Assim, os holandeses as permutavam por açú-

car, com grossos lucros, o quádruplo ou quíntuplo, e isto principalmente porque os portugueses temiam para si e para o açúcar os efeitos da guerra externa. Agora, porém, encontra-se pouco açúcar, cujos preços se elevem, por se ter alcançado para o país maior segurança e, além disso, por haver abundância de mercadorias holandesas. Parecia-lhe de mais proveito conceder a todos licença para comerciar, em igualdade de condições. Negando-se tal licença, ficaria a Companhia privada de impostos, portagens e direitos alfandegários. Demais, não poderiam ser adquiridas pela Companhia as mercadorias necessárias aos brasileiros, a não ser por muito dinheiro, e dêste, segundo era manifesto, se achava ela então carecida. Nem tão pouco poderiam elas vender-se com lucro, em razão da afluência das veniagas particulares. Se quisesse comprá-las a Companhia na maior quantidade possível, não o conseguiria sem prejuízo; porque, comprando-as por maior preço, seria isto em detrimento público; se o fizesse por preço menor, seria em dano dos particulares, aos quais seria fácil ocultá-las e não mostrá-las aos compradores.

*Prova-se a necessidade das colônias.*

Além disso, prosseguia o Conde, não se podem, sem colonos, cultivar os desertos e as terras incultas do Brasil. Não é, entretanto, possível convidá-los a virem para o Brasil, sem lhes conceder licença para negociar. De um grande número de cidadãos podem esperar-se lucros, por causa das necessidades de cada um e de muitos. Assim, crescendo a população, cresceriam os dinheiros públicos, sem os quais não é possível ter armas, e sem armas não se consegue descanso para a nova nação.

Cumpre que os governantes façam sempre o seu orçamento para haver proporção entre a receita e a despesa.

Os colonos dariam mais resistência às províncias, diminuïriam as guarnições e trariam maior segurança à república, que confiaria nos seus próprios cidadãos.

Os portugueses manteem-se na obediência sòmente pelo temor. Dedicados no mais ao seu rei, são de fidelidade vacilante e prontos para mudar na primeira ocasião.

Sem esperanças de lucros não há esperanças de colonos: ninguém atravessa os mares na espectatvia da fome. Desprezam-se os perigos da vida, em brilhando o ganho, e dêste cada um será privado se exclusivamente comerciar a Companhia.

Insistia ainda Nassau nisto: que era importunado diàriamente pelas reclamações dos naturais, que pactearam viver sob a nossa dominação nas mesmas condições nas quais tinham vivido sob o rei da

Espanha, isto é, venderem a produção dos engenhos a seu arbítrio e não ao de outros. Arrebatando-se-lhes esta liberdade, prefeririam ir para outra parte a sofrerem uma laboriosa servidão, segundo a vontade e as licitações da Companhia.

Enquanto se debatiam estas questões entre os comerciantes, intercorriam as dissertações dos doutores. Alegavam que as colônias são outras tantas fortalezas e baluartes dados às possessões, e nada é mais sólido que a fundação delas. O mundo, como que agrilhoado por êsses vínculos, permanecera sob a obediência dos romanos, de sorte que se convenceram de ser a multidão dos cidadãos o alicerce de todo o poderio e o sustentáculo de um estado duradouro. Neste desígnio, o rei da Espanha cobrira de colônias o Novo Mundo. Os holandeses deviam habitar por tôda a parte onde haviam vencido, como dos romanos dissera Sêneca; porquanto, onde cada um possue os seus campos e haveres, obriga-se à defesa dos dominadores, se não quiser ser expulso, se também êles o forem. Demais, ter-se-ia um escoadouro para uma plebe pobre e gravosa à república, distribuindo-se como prêmio terras aos soldados que houvessem servido. Julgavam, portanto, que se deveria ir enviando em grupos essa plebe, à semelhança dos agricultores prudentes, que espalham os enxames por novas e numerosas colméias.

Ofereciam ainda ao exame dos que deliberavam estas considerações: que de melhor vontade se entraria na milícia, onde os soldados que tivessem servido na guerra conseguissem seu abrigo, seus animais, seus campos e lavouras, não sendo de recear tornar-se a filha mais poderosa que a mãe em plagas tão longínquas e tão precisada do auxílio da metrópole.

*Adota-se o parecer de Nassau.*

Os diretores da Companhia e os Estados Gerais adotaram o parecer de Nassau e, por um edito, franquearam a todos os súditos a navegação e o comércio do Brasil, reservando para a Companhia sòmente o tráfico dos negros, dos petrechos bélicos, das armas e do pau-brasil. Excluiram-se, porém, desta concessão os próprios diretores da Companhia, os administradores públicos do Brasil e em geral todos quantos se achavam ligados a ela por vínculos de fidelidade e juramento, evitando-se, destarte, que, sob aparência de comércio, houvesse lugar para ganâncias e rapinagens, e que, por ambição, se transformasse a fazenda pública em fazenda particular. Foi por esta mesma razão que os tebanos proïbiram por lei admitirem-se ao govêrno da república aqueles que não se abstivessem de relações comerciais por um decênio. Às mercadorias exportadas

para o Brasil e às dali importadas para a Holanda se impuseram direitos, de acôrdo com os interêsses da Companhia.

Estimulados por êsse edito, navegaram para o Brasil tão numerosos mercadores holandeses que o país se viu inundado por molesta cópia de mercadorias e cousas necessárias, cessando por algum tempo as queixas antigas. Os primeiros auferiram interêsse; os seguintes, porém, ganharam menos, por causa da afluência de veniagas e dos preços diminutos.

Entretanto, atacado depois, em escritos e discussões públicas de outros que pensavam diversamente, êste decreto sôbre a livre navegação e comércio do Brasil, o qual era tido por salubérrimo no juizo de muitos, cindiram-se os diretores da Companhia em partidos, com dano de todos e não sem mútuas contumélias, e êstes e aqueles eram acusados de promover antes os interêsses de algumas províncias e cidades que os públicos.

Neste entrementes, os diretores da Companhia, velando por tudo com extraordinária previdência, num afã diurno e noturno de resolver e de escrever, administravam de longe os negócios das Índias Ocidentais.

*Expedição contra o Ocidente sob o comando de JOL.*

Era-lhes muito viva a lembrança da frota da prata, apresada pelo ilustre Pieter Hein, a qual muito aliviara o tesouro então necessitado e recentemente abatera a fama e as fôrças do rei da Espanha. Por isso, determinaram tentar emprêsa semelhante, desafiando a fortuna com igual audácia e esperança. Para êste cometimento foi escolhido Cornélio Jol (107), criado no mar e entre as ondas desde tenros anos, enérgico e experimentado na mareagem, resoluto para tôdas as façanhas, marinheiro sereno e confiante em si, de grande reserva, de veemente arrôjo, capacíssimo de fadiga e de fidelidade, mas rude em tudo o mais. Almirante de uma esquadra nova e possante, recebeu dos Estados Gerais, do Príncipe de Orange e dos diretores da Companhia autorização e poderes para combater com o inimigo e atacar as naus que, carregadas com as imensas riquezas do Perú e dos reinos do Pacífico, tinham de passar da Terra Firme e do pôrto de Cartagena para a Nova Espanha, afim de se juntarem alí a outros navios com fôrças e mercadorias.

*Outro plano traçara o Conde.*

De outro lado, Maurício e o Supremo Conselho do Brasil, após o frustrâneo ataque contra S. Salvador, eram de parecer que, aproveitando os soldados ainda prontos para as hostilidades, se incendiassem todos os engenhos daquela capitania, tanto nas ilhas como no continente. A causa era porque, experimentando os adver-

sários aquela calamidade própria, desistiriam, depois dela, de fazer a mesma violência em nosso território, e, perdida a esperança da safra de açúcar, ficaria Portugal privado de suas rendas anuais.

Mas a chegada de Jol mudou êste plano, e, por ordem dos diretores, prouve dirigirem-se as hostilidades para outra parte. Todavia, tratou Nassau, valendo-se das fôrças que restavam, senão de atacar o inimigo, ao menos de garantir o território holandês. Postou naus e presídios no Rio de São Francisco, onde era mais fácil aos inimigos a passagem, e fechou as entradas de Alagoas, Pôrto Calvo, Serinhaém, Ipojuca, Cabo de Santo Agostinho, Goiana e Paraíba, afim de que êles, saindo das matas, não fizessem irrupções e devastações.

*Garante o seu território.*

Aos 14 de abril de 1638, partira Jol do pôrto de Texel, o mais célebre da Holanda Setentrional. Percorrendo o caminho entre a África e as ilhas do Cabo Verde, aportou ao Brasil. Aí, depois de algumas conferências com o governador Nassau e de ficar informado de seus planos, manifestou-lhe as causas da sua viagem. Instruído igualmente das ordens do Conde e recebendo um refôrço de naus, e além disso de 600 soldados e de mantimentos para sete meses, após breve descanso dos seus, fez-se de vela, cheio de votos. Ao embarcar, colhido entre o batel e o colo proeminente dos canhões, por se ter baixado e logo levantado um vagalhão, ofendeu a coxa e deu aos supersticiosos um preságio de êxito infeliz.

São os seguintes os nomes das naus com que foi para o Ocidente: Salamandra, Zwolle, Over-Yssel, Goeree, Tolen, Esperança, Orange, Rotterdam, Ernesto, Canária, Goiana, Ventor Mercúrio, Cavalo-emissário (108).

*Naus de Jol.*

Divulgada a notícia de tão gloriosa expedição, pesou sôbre a Espanha todo o Ocidente ingente terror, pois também na memória dos inimigos ainda não se apagara a facção de Hein. Pensava-se efetivamente, não sem fundamento, que também Jol, cujo nome era terrível e fatal para essas regiões, ia empreender, não com menor confiança, tamanho feito como quem alimentava esta única aspiração: alcançar fama com alguma façanha memorável, comprando com ela o seu quinhão de imortalidade. E não duvidavam o seus de que êle ia com o ânimo preparado para morrer e que só queria morrer pelejando com o inimigo, decidido ou a triunfar esplendorosamente ou a sucumbir gloriosamente. Nada cogitava nem elegia que fôsse medíocre. Por isso, tendo notícia o rei da Espanha de que se planeava nova expedição contra o Ocidente, despachou quatro navios ligeiros para avisarem da chegada da esquadra holandesa

*Causam terror aos espanhóis.*

*22 DE JUNHO DE 1638.*

sob o comando de Houtbeen (era êste entre os marinheiros o apelido do homem) os governadores de todos os portos e fortalezas, afim de velarem pela defesa da frota da Terra Firme e de, só no ano seguinte, deixarem fazer-se ao mar a da Nova Espanha.

Entretanto, já tinha largado a frota da Terra Firme, e, sabendo, por seus navios mexeriqueiros, os quais, para levarem avisos, costumam andar à capa junto ao cabo de Correntes, nas extremidades de Cuba, que tinham sido vistas doze naus holandesas, mas pouco de temer para a esquadra espanhola, seguiu esta a sua derrota para Cuba e Havana.

*Cabo Corrientes.*

Jol, seguindo as costas setentrionais do Brasil e passando tôdas as ilhas por alí situadas, esteirou a esquadra em linha reta para o Ocidente, afim de procurar os galeões da prata, tendo enviado adiante, segundo o costume dos caçadores, navios mexeriqueiros para tôdas as paragens. Depois de longos rodeios, souberam êles enfim que a frota se achava pelos portos e enseadas da ilha de Cuba e perto dos escolhos a que chamam *Los Organos*. Constava de oito galeões e seis vasos menores, sendo capitão-general D. Carlos Dievares. Se merecem fé os prisioneiros, avaliavam-se em 9.000.000 ou, segundo os diários de outros, em 20.000.000 de florins os tesouros e veniagas que transportavam. Era a capitânia espanhola que levava o grosso das riquezas. Jol, abraçando com os desejos, mas não ainda com a vitória, êstes estímulos de males, já impaciente da delonga, convocou os comandantes dos navios e, segundo o costume militar, inflamou-os para o combate: "*Num novo exemplo de valor, iriam arrebatar varonilmente a covardes* o *ouro e a prata. A frota do inimigo levava antes presa do que armas. Ninguém ia defender nem danificar aquela tomadia. Para um vencedor pobre era um prêmio um inimigo rico. Aquela artilharia tremenda protegia mais os tesouros do que o espanhol, e os estupendos bojos daquelas naus carregavam um lastro luzente e imbele e de modo algum soldado.*"

*Los Organos*

Em seguida, distribuiu a cada um o seu pôsto para a batalha. Êle próprio, como a primeira autoridade da esquadra, investiria a capitânia espanhola, associando-se-lhe no combate os comandantes da Rotterdam e da Tolen. O vice-almirante teria por adversária a almiranta espanhola; a nossa Lanterna defrontaria com a Lanterna dos espanhóis, e assim por diante, nessa ordem, cada uma delas atacaria a outra, e, onde fôsse maior a violência e a necessidade, pugnariam juntos, auxiliando-se mutuamente. Era grande a resis-

tência da Salamadra em que ia Jol, e, recém-construída, estava muito apta para a peleja; mas, em comparação com o porte colossal e a altura da capitânia inimiga, parecia ela apenas um iate.

Antes, dirigindo-se uma prece a Deus para que patrocinasse aquele grande feito, infundindo coragem aos guerreiros que se batiam em favor da República, o nosso almirante incendeu-lhes o brio com uma alocução. Depois, abordou a capitânia espanhola, aferrando-a fortemente com arpéus e correntes, não sob mostras de amizade, o que logo acreditou o espanhol, mas de maneira franca e indùbiamente hostil. A seu exemplo, atacou o vice-almirante a almiranta, prendendo-a à sua nau com cadeias e balroas, e não menos ardorosamente e com igual confiança atracou-se a nossa Lanterna com a Lanterna espanhola. *Batalha naval.*

Travava-se a refrega entre estas partes sós: as demais contemplavam inativamente — oh vergonha — a luta dos companheiros, fora do alcance e do perigo das armas.

Brigavam renhidamente três contra três, e quando se inflamaram os ânimos, lançaram-se ferozmente em recíprocas matanças. Cada qual se via encerrado em sua nau como num círculo fatal: era ela a área da vida e a da morte, a arena da glória. Tudo alí era vário: os lances, os ferimentos, as mortes dos que tombavam. A caligem, a fumarada, as fagulhas, as cinzas roubavam os contendores aos olhos e aos golpes certeiros uns dos outros. As balas das peças e mosquetes não matavam nem feriam tanto os combatentes quanto as estilhas arrancadas às traves dos navios. A nossa capitânia já havia lutado com a capitânia espanhola perto de duas horas numa peleja ancípite, demorando-se em associar-se ao combate os capitães da Rotterdam e da Tolen. Então os mais expeditos da nossa maruja, trepando ao alto, saltaram no convés da capitânia espanhola e ocuparam-lhe como vencedores a parte superior, trancando os espanhóis no porão. Fez-se isto assim: com os cestos da gávea da capitânia holandesa mal chegavam acima da amurada e do convés da espanhola, o nosso almirante, convertendo em utilidade as incertezas do ocaso, encheu-os de atiradores, que, de-cima, descarregaram, contra o vaso inimigo, sôbre os que lhes estavam em baixo, granadas de 24 e de 28 libras. E assim, fulminando aqueles ciclopes, esvasiaram para nós o convés. Tratou então o almirante com um dos marinheiros (isto sem dúvida prometia a vitória) que tirasse a bandeira da capitânia espanhola, e teria mil florins por paga da proeza. Já êle havia subido ao mastro para cumprir o ajustado, quando, chegando-se contra a nossa capitânia a almiranta e a Lan-

terna dos espanhóis, as quais se havim desenvincilhado dos arpéus e correntes, coagiram o nosso almirante a largar a capitânia adversa, fazendo sair do risco presente aquele audaz funâmbulo. Então se voltaram as outras naus inimigas contra a nossa capitânia, a qual, certa do perigo, escapou-se, virando de bordo, para não ser aprisionada pelos contrários, espalhados por tôda a parte.

*Houtbeen é abandonado pelos seus.*

Entretanto, as demais naus holandesas, separadas e errantes, por grande perfídia, esquivavam-se à luta, pois lhes era molesta a glória ou a salvação de Houtbeen.

Nesta refrega pereceram o vice-almirante Abraão Miguel von Rosenthal, o comandante da Lanterna João Mast e o fiscal João Muys, nomes dignos de passar à posteridade. Morreram cincoenta marinheiros e ficaram feridos cento e cincoenta. Jol, queixando-se e rangendo os dentes numa ira impotente por ter perdido, num só momento, a diligência e o trabalho de tantos meses e o fruto de tanto labor e atividade, chamando à sua presença, logo após esta peleja, que fôra renhidíssima, aqueles pelos quais tinha sido vergonhosamente abandonado, exprobrou-lhes acerbamente, como mereciam, a sua covardia e caráter efeminado. Mais agastado com o capitão da Rotterdam, que lhe dera uma resposta indigna, bateu nêle com um bastão que empunhava e o privou do pôsto. Volvendo-se depois para os outros, admoestou-os "*de que lembrassem do juramento pelo qual se tinha obrigado à Pátria, ao Príncipe de Orange e à Companhia. Deviam-lhes,* disse, *mais do que a vida. Alí se tratava da glória e da salvação de todos e também da dêles. Sendo de origem obscura, já tinham alcançado fama. Naquele lugar celebrizara-se Hein, a quem o caráter batavo fadara para a bravura e a imortalidade. Havia alí mais presa do que, perigo, e êste não era sòmente dêles, mas também seu próprio. Tomara-lhes por isso a dianteira no combate. Era vergonhoso a homens afeitos às batalhas navais aterrar-se com o tamanho daquelas naus: elas, por mais terríveis que fôssem para os covardes, poderiam ser expugnadas pelos valentes. Em voltando para a Pátria, seriam recebidos com palavras de ignomínia pelos seus concidadãos e amigos, como se tivessem ido ao Ocidente para admirarem o poder e a esquadra da Espanha e não para os expugnarem.* E acrescentava *que os tímidos se apartassem dos resolutos para o combate, e os péssimos não prejudicassem com o exemplo aos ótimos, nem os pusilânimes aos estrênuos. Sem mais detença mudassem os propósitos em atos consumado. Se ponderassem as causas da guerra, deviam naquele encontro ou vencer ou morrer, e seu destino era ou triunfarem como homens ou tornarem-*

*se escravos. Os fugitivos iriam precipitar-se na ruína comum, e era maior o perigo para os que mais temiam. Fôsse qual fôsse a volta da fortuna, seria glorioso acabar fora da Pátria, nas extremidades do mundo e da natureza.* Portanto, disse ainda Houtbeen, *reünindo as nossas fôrças, continuemos a batalha, esquecidos dos despojos até os tornarmos seguros, depois de alcançada a vitória. A necessidade de combater da qual fugis, acompanha-vos. Se recusais pelejar, porque tendes armas? porque empreendestes voluntàriamente a guerra? Sois audazes e turbulentos fora das ocasiões e, apresentando-se estas, sois covardes. Que esperança há aqui para os medrosos? Julgais que vos protegerá Deus, a vós que fugis à luta? É preciso que à espada nos apoderemos do mar e dêstes despojos. Aqui não estamos cingidos de muros e trincheiras: é necessária a audácia em vez de muro e de escudo. Eia! lembrando-vos do nome dos batavos, saltai naquela frota. Sirva de estandarte a minha proa. Mostrai a castelhanos e portugueses que êles não vos igualam, nem navegando, nem batalhando em terra. Ou não viésseis aqui ou compenetrai-vos de que tendes de lutar segundo exige a dignidade da Companhia. Não podemos partir antes de realizarmos a nossa esperança, vencendo a esquadra espanhola. Abstenho-me de outras razões: a própria indignidade e infâmia da retirada aconselham a perseverança".*

Depois, olhando o semblante dos seus, disse: *"Que tristeza é essa, companheiros, que insólita hesitação é essa? Desconheceis o inimigo, a mim, a vós mesmos? Que é o inimigo senão um guarda cuidadoso do tosão de ouro? Se o atacardes, logo empalidecerá, tornando-se da mesma côr do ouro. Eu vosso general, conduzo-vos para a glória e para o vosso bem estar. Vós, ilustres pelas vitórias ganhas na Pátria e fora dela, cobrai da fortuna e de tantos exemplos dos vossos compatriotas a confiança de ousar".*

A estas palavras, dirigiu outra vez sua esquadra contra o inimigo e com tiros de peça, deu o sinal para o combate. Mas, ou por igual medo, ou por igual espírito de rebeldia, como antes, quando chegaram ao alcance da artilharia, pararam inertes, inglòriamente, deixando a peleja ao almirante e mais uns poucos. Pedindo êle com instância que se associassem à luta e invocando a fidelidade prometida e o remordimento das conciências, um confessava o seu temor; êste exagerava o poder dos inimigos; aquele acusava a temeridade do almirante, afirmando abertamente que estavam certos do exício e que eram arrastados à perdição por causa da grande desigualdade das fôrças; que não era vergonhoso cederem os holandeses tem- **Combate outra vez.**

pestivamente, tendo-se por muito mais vexatório travarem combate, como quer que fôsse, para serem vencidos; outro afastava-se, preparando a retirada. Quasi todos, como de concêrto, desatendiam às ordens do general, sem dar ouvidos à sua autoridade.

*É de novo abandonado.*

No dia seguinte, estando ainda parada alí a frota inimiga, pela terceira vez reüniu Jol em sua presença, os capitães e comandantes. Obrigou por novo juramento cada um dêles a si e fez que todos assinassem um compromisso escrito, em virtude do qual declaravam que estavam dispostos para o combate, e que haviam de pelejar até o último alento. Depois de os exortar a lembrarem-se que eram batavos e a lavarem, por um rasgo novo de bravura, a mácula do dia antecedente, determinou a ordem da batalha. Iria êle na dianteira, acompanhando-o sucessivamente a Orange, a Fama, a Esperança, a Schwoll, a Tole, a Ernesto, a Over-Yssel, a Goeree e a Mercúrio.

*Trava combate novamente.*

Confirmados os ânimos pelo juramento militar, parecia ter voltado o amor da obediência, e maior ardor de batalhar seguia as palavras do almirante. Entretanto, estando prestes para a peleja, foram-lhes desfavoráveis os ventos e os mares, por haver o inimigo ficado a barlavento da nossa esquadra, de modo que era preciso navegar esta ao lado da frota adversa, expostos os nossos à sua artilharia. Neste recontro morreu o capitão João von der Diest, o qual, durante a vida inteira, exercitara o corpo nos perigos e o ânimo nos preceitos náuticos. E aqueles que haviam jurado faltaram ao dever, atacando o inimigo de longe e com tiros inúteis.

Malograra-se, portanto, a emprêsa. A 17 de setembro soube Jol, por navios mexeriqueiros, que a frota espanhola vogava perto dos escolhos de Cuba e dos Órgãos. Obstinado no seu propósito e ávido de presa, quís entrar em luta pela última vez. Mas, em primeiro lugar, achou a marinhagem relutante, e ela exprobrava a pusilanimidade e apatia de seus capitães e já não queria ficar adstrita à necessidade de obedecer-lhes. Então, destituiu Jol, como réus de traïção e de rebeldia, os comandantes da Schwoll, Over-Yssel, Goeree, Mercúrio e Ernesto, e, substituindo-os por outros, foi tanto o entusiasmo dos que iam combater como se, por uma esperança

*Quarta vez marcha contra o inimigo.*

indefectível, já houvessem subjugado o adversário. Rumando para os escolhos dos Órgãos, onde fôra a estância dos contrários verificou ter-se escapado a frota e esteirado para a Nova Espanha.

Assim a fortuna, depois de deixar crer a princípio que afagava Jol com os seus favores, pondo-lhe diante por presa a frota espanhola, logo o desamparou como se arrependida do seu desígnio. Julgando êle, por isso, que não lhe convinha deter-se alí mais com refractá-

rios para não prejudicar a fortuna da Companhia com uma demora improfícua, mandou parte da esquadra para o Brasil, deixou parte em Havana, afim de aproveitar-se ela das ocasiões, e voltou para a Holanda com as outras naus.

Êstes fatos foram relatados em carta dirigida ao ilustríssimo Conde João Maurício, governador do Brasil, e ao Supremo Conselho.

Quanto à punição dos culpados, pensava Jol que já não se tratava de uma causa sua, mas de todos os generais e comandantes dali por diante, para servir de escarmento. Abrir mão dela ser-lhe-ia deprimente e perigoso, porque de um lado a exigia o interêsse de sua justiça e do outro a utilidade geral. Poderia êle mesmo ter castigado os rebeldes, pois fôra enviado com autoridade suprema; todavia, pela morte dos que pertenciam ao conselho de guerra, preferiu entregar o julgamento aos Estados Gerais e aos diretores da Companhia a parecer que tomara precipitadamente uma desforra pessoal. Encontraram os rebeldes seus cabeças e instigadores, mas eram dois os principais culpados, movidos por sentimentos de rivalidade, porque, mais velhos, tinham de obedecer a Jol, mais moço, fato êste que estragou tantos aprestos bélicos, baldando e enganando a valentia do almirante.

*A rivalidade de poucos frustra a expedição.*

A tal ponto cede o amor da Pátria aos ódios privados que preferem os homens desprezá-la e deshonrar-se a ser subordinados a um popular e ex-companheiro de fortuna, como se fôra vileza obedecer aos conhecidos e aos menos ilustres pelo nome vão dos maiores. E é vício ínsito aos mortais o verem com maus olhos elevaremse em dignidade aquêles que tinham posição igual à sua.

De regresso para a Holanda, foram os rebeldes denunciados e processados. Obtiveram, porém, graça, seja pela intercessão de amigos, seja pela defensibilidade da causa, merecendo a impunidade e a liberdade.

Não é de meu ofício acusar a ninguém, por causa das iras fáceis dos comandantes, às vezes exasperadas pela sorte adversa e pelos malogros das emprêsas.

Jol, tratando diàriamente com os seus concidadãos e com os dirigentes da Pátria, deplorava a fortuna da Companhia e acusava os seus subalternos, os quais, por covardia e perversidade, lhe tinham arrebatado tantas honras marciais e a esperança da vitória que Deus dera. Nada sentia tanto como não ter morrido pelejando bravíssimamente. Fôra salvo, dizia, não para os prazeres da vida, mas para ludíbrio dos inimigos e dos invejosos. Aguardaria melho-

res tempos para se vingar do inimigo e da inveja. A seu tempo, memorarei o quanto fez êle depois em prol da Companhia e do bem público, em que esquadra foi outra vez ao Ocidente e depois à África, as praças, portos e ilhas que tomou.

*Camarão envia emissários ao Conde.*

Ao tempo que, no extremo Ocidente, se verificavam os infelizes sucessos que me detive a referir, vieram ter com o Conde João Maurício, da parte do capitão dos índios Camarão, três emissários, os quais lhe informaram que, ressentido, aquele chefe abandonara com suas fôrças ao Conde Bagnuolo e se acampara no sertão, perto da Tôrre de Garcia de Ávila. Vinham êles pedir-nos paz e aliança, afim de poderem todos voltar para suas terras e aldeias. Nassau, não ignorando reverterem as discórdias do inimigo em proveito seu, recebeu-os cortêsmente e, convidando por carta Camarão à nossa amizade, despediu-os com presentes. Logo, porém, correu voz que êle, por ser de caráter versátil e mutável em suas resoluções, se reconciliara com Bagnuolo.

*Caráter versátil de Camarão.*

Também se tinham separado dêsse general dos espanhóis, por desinteligências com êle, oitocentos tapuias, ficando então o território inimigo franco às invasões dos holandeses, que ganhavam ousio para destroçar os baianos num famoso desbarate. Mas, por falta de soldados e pela vã expectação de novos reforços enviados da Holanda, languesceu e frustrou-se aquela audácia.

*Reclamações.*

As representações e cartas dirigidas pelo Conde e pelo Supremo Conselho aos poderes da Holanda estão cheias de reclamações e pedidos instantes e suplicantes de socorros.

Alegavam que se ofereciam oportunidades para grandes tentames, as quais se perdiam pela incúria de outros; que falavam, porém, a surdos. Ordenavam-se trabalhos no Brasil, mas noutras partes agradavam os ócios. Nem Deus, nem a fortuna negavam a vitória e sim os homens. A inertes não queria o Céu conceder os êxitos da guerra. Adquirem-se possessões com soldados, armas e exércitos, e não com desejos inativos de longe e só com boa vontade. Mandavam-se copiosos escritos, cartas e promessas, mas negavam-se os meios com que soem defender-se os domínios. Eram insuficientes para matar a fome os mantimentos, e não bastavam tão pouco as cousas necessárias à soldadesca, à guerra e à defesa do império contra os adversários. A expedição de Jol a tal ponto reduzira o número das naus e dos marinheiros que se viam sem fôrças para resguardar o mar, mòrmente se sobreviesse por acaso o inimigo com um novo poder.

Nesse mesmo ano foi tão feliz a safra do açúcar, em razão das chuvas moderadas e tempestivas, que dava aos agricultores esperança de 18.000 caixas.

*Felicidade da safra.*

Seguiu-se à expedição de Jol uma conjura, tramada, ao parecer, por instigação de portugueses, pois sempre se inclinavam à rebelião os ânimos dos que, às ocultas, favoreciam ao partido espanhol, conquanto às claras nos prestassem obediência.

*Conjura de portugueses acreditada, mas não provada.*

Detidos os indiciados, foram nomeados pelo Conde e pelo Supremo Conselho Carpentier, assessor do Conselho Supremo e Secreto, o coronel Koin, do Senado Político, o capitão Carlos Tourlon, chefe da guarda do Conde, e o fiscal Jacó Aldricht para, na qualidade de juízes, conhecerem do fato e abrirem devassa. Tendo corrido o processo, pronunciaram o seguinte julgamento: que fôssem encarcerados alguns dos réus, exilados outros para a Baía, e os restantes para mais longe, nos confins do Ocidente. Entre êles distinguia-se pela sua dignidade e riquezas Duarde Gomes da Silveira. Por indulto do Conselho Supremo teve êle depois por menagem a fortaleza de Margarida. Apurei serem êstes os nomes dos outros conjurados: na província de Pernambuco — Pedro Cunha de Andrada, João Canaro, Filipe Barreto, Arnau de Holanda, Rodrigo Pimentel, Bernardino de Carvalho, Francisco Beringel, Melchior Ali e Antônio Pais; na Paraíba João do Souto. Eram quasi todos senhores de engenho.

Não poupou também o solícito cuidado dos governadores ao sexo feminino, propenso a desprezar a fidelidade pública pela fé conjugal e pelo amor aos maridos. Sob o domínio holandês viviam algumas portuguesas, cujos esposos, fiéis ao rei da Espanha, se achavam na Baía e noutros pontos do território inimigo, militando sob as bandeiras reais. Foram mandadas para junto de seus consortes, pois pareceu que se lhes fazia não um agravo, mas um favor, com a diferença de que o motivo disso era a cumplicidade numa culpa, e a partida delas semelhante a uma relegação. Eram elas: a mulher de Luiz Barbalho, com o qual batalharam os nossos, a de João Velho Barreto, a de Gaspar de Sousa e a de Baltasar Alves.

Se por um lado êsses acontecimentos afrontavam o nosso império, sem consentir que se considerasse inteiramente feliz, por outro impunha-se-lhe à dignidade atender às reiteradas solicitações que as câmaras provinciais dirigiam ao Conde, pedindo-lhe selos para autenticar os atos públicos, os quais se distinguiriam com insígnias e emblemas adequados aos característicos de cada uma das províncias. Deu-se êste cuidado à indústria do Conde (pois convém

*O Conde concede às províncias brasões em selos.*

que os governantes sempre se avantagem aos demais). Êle ideou para cada províncias o seu brasão próprio; depois formou o do Conselho Supremo, abrangendo num só escudo as insígnias de cada uma delas, para indicar assim os términos do Brasil Holandês. Sôbre êste escudo viam-se as armas das Províncias-Unidas e em baixo a divisa da Companhia das Índias Ocidentais. O sêlo do Senado Político (ou Conselho de Justiça) era constituído pelos brasões das quatro províncias, contidos num escudo semelhante, sôbre o qual se via a Virgem Astréia, trazendo numa das mãos uma espada, vingadora dos crimes, e na outra uma balança, regra dos comerciantes. A câmara de Pernambuco tinha por insígnias uma virgem mirando-se num espelho e como enlevada pela sua formosura, e empunhando uma cana sacarina, escrito o nome da cidade de Olinda. Com tal emblema significava-se a beleza e a riqueza da região. Receberam também os seus brazões próprios as outras câmaras de Pernambuco, a saber: Iguaraçú, Serinhaém, Pôrto Calvo e Alagoas. O de Itamaraca mostrava um cacho de uvas, porque nenhuma parte do Brasil os produzia tão belos e suculentos quanto a ilha de Itamaracá. O da Paraíba apresentava as formas piramidais dos pães de açúcar, ou por ser produtora de ótimo e estimadíssimo açúcar, ou porque, passando para nós essa província, foi aí maior o trabalho dos engenhos e o preço do açúcar. A província do Rio Grande tinha por armas um rio, em cujas margens pisava uma ema, por ser alí maior a bundância dessa ave. Êstes brasões foram gravados em sinetes de prata por escultores batavos, e não em latão ou ferro para não os carcomer o azinhavre ou a ferrugem.

*Sêlo do Supremo Conselho.*

*Sêlo do Senado Político.*

*Da Câmara de Pernambuco.*

*De Itamaracá.*

*Da Paraiba.*

*Do Rio Grande.*

Falei pouco acima dos presos portugueses. Sôbre êles e sôbre tôda a conjuração, que andava na bôca do vulgo (refiro fatos ocorridos pouco depois), li o seguinte nas crônicas do Brasil e nos relatórios e cartas do Conselho Supremo aos diretores da Companhia: ter partido aquela acusação do mêdo e de uma suspeita demasiado crédula. Não foram, porém, os acusados convencidos do crime que se lhes imputava, pôsto que processados. Mas, pela consideração e autoridade que gozavam entre os seus, assim como pelos cabedais que possuiam, receava-se que, em chegando a armada espanhola, como já corria, nos prejudicassem oculta ou abertamente. Julgou-se, pois, importar ao Estado e à utilidade geral segregá-los do povo, por um como ostracismo, afigurando-se que se praticam, sem violar as leis, os atos tendentes à segurança da república, ainda mesmo que, olhados em si, tenham alguma cousa de repreensíveis. Proce-

dendo-se assim, podiam os cidadãos que estivessem maquinando o mal ser desviados dêle, antes de o encetarem, desistindo de tentar a loucura de perder a pátria.

Tendo morrido Pedro da Cunha, que se considerava o principal dos conjuradores, e por temor da armada, cuja fama, a princípio tremenda, tinha langüecido um pouco, todos quantos haviam sido degredados por sentença judicial para a Baía e para as ilhas ocidentais, esperando das circunstâncias decisão mais benigna, pediram ou que fôssem desterrados para a Holanda ou que fôssem res-restituídos aos seus engenhos para fabricarem açúcar, sob a condição de se apresentarem sem hesitar, uma vez chamados. Nem se concederam inteiramente, nem se negaram tais pedidos: admitiu-se um meio têrmo entre a completa liberdade e a completa prisão, para que nem um rigor excessivo demovesse da fidelidade outros mais audazes, nem uma brandura demasiada defraudasse o acatamento devido aos juízes, livrando-se impunemente indivíduos suspeitados de tão grave crime, os quais já se tinham infamado com o labéu da prisão. De feito, convencidos êles, não teria a severidade dos poderes competentes comutado coisa alguma na punição de crime tão sério. Exerceram mais benignamente a autoridade dos governantes a prudência, a mansidão e a voz da conciência, a qual, fazendo-se ouvir após os erros desta natureza, não se pode abafar nem pela fôrça, nem pela fraude, nem pelo silêncio, nem pela dissimulação. Abriu-se rigorosa devassa contra Duarte Gomes da Silveira, que já dobrara os 85 anos, e, investigados todos os seus papéis, nenhum documento se encontrou com o qual se pudesse provar-lhe a culpa. Por isso, movidos os conselheiros em favor dêle por intercessão de muitos e dada caução de fidelidade, permitiram-lhe voltar para os seus engenhos, lembrando-se, e não mal, do auxílio por êle prestado na expugnação da Paraíba.

*Exculpam-se presos.*

Não me pesa nem me pejo de relatar êstes fatos, visto que não costumo nem tenciono louvar, de modo igual, as cousas honestas e as menos honestas. Expungí, há muito, das normas do justo e do direito estas palavras: — que não devem os governantes ser obstinadamente retos, e honestas tôdas as ações que praticam para guardar a dominação. Assim como é de justiça serem punidos os celerados pela memória da posteridade, assim também o é serem por ela absolvidos os inocentes.

*Censo do açúcar e de outras rendas.*

Iniciou-se nesta ocasião o lançamento das décimas do açúcar em todo o Brasil Holandês. Postas em almoeda, alcançaram os lanços seguintes:

Décimas de Pernambuco — 148.500 florins por um ano, arrematante: Moisés Navarro.

Décimas de Itamaracá e de Goiana — 19.000 florins, arrematante: Pedro Seulino Júnior.

Décimas da Paraíba — 54.000 florins, arrematante: Moisés Navarro.

As *pensões* dos engenhos pernambucanos foram arrematadas por 26.000 florins por um ano por João Fernandes Vieira.

*Pensões.*

As *pensões* dos engenhos de Itamaracá e de Goiana montaram a 9.000 florins por dois anos, arrematndo-as Pedro Seulino Júnior.

*Miúças.*

Os dízimos das *miúças* ou miüdezas subiram, nos distritos de Iguaraçú, São Lourenço, Paratibe e Nossa Senhora da Luz, a 4.800 florins por um ano, sendo comprador dêles Tomaz Espanhol.

Os dízimos das *miúças* nas terras de Várzeas, Santo Amaro e Moribeca foram arrematadas por 3.700 florins durante um ano por Conrado João Mackinia.

Êsses mesmos dízimos, em Santo Antônio, Ipojuca e Serinhaém, foram arrematados, durante um ano, por 4.300 florins, por Benjamim Pina, em Una, Pôrto Calvo e Camaragibe, durante um ano, por 2.700 florins, sendo comprador Conrado João Mackinia; em Alagoas até o rio de S. Francisco, por 4.200 florins, arrematante Tomaz Espanhol; em Itamaracá e Goiana, durante um ano, por 1.700 florins, arrematando-os Seulino; na Paraíba, durante um ano, por 3.000 florins, contratador Conrado João Mackinia.

A soma dessas várias importâncias perfaz 280.900 florins. Por aí bem se compreende que, defendidas de devastações as lavouras, não é infrutuosa a cultura do Brasil, podendo-se, em grande parte, compensar as despesas da guerra com tamanhos proventos.

*Chegada da armada espanhola.*

Em princípios de 1639, divisou-se a armada espanhola, composta de vinte e oito naus e formidável pelos seus galões. Navegando diante do litoral pernambucano, à vista do Recife, rumou depois para o sul. O Conde Nassau, nada suspendendo do que pertencia ao interêsse público, mandou alguns navios ligeiros seguí-la para explorarem que direção tomava e onde preparava o desembarque. Êle mesmo, com uma fôrça militar de escol, margeou, rota batida, a costa até Pôrto Calvo. Sabendo, porém, que a armada entrara a Baía de Todos os Santos, voltou para Pernambuco, aprestando em tôdas as partes limítrofes por onde passou o que se referia às

*O Conde explora-lhe o caminho e vela pelas fronteiras.*

provisões de bôca e petrechos bélicos e restaurando também fortes e trincheiras em Pôrto Calvo, Una, Serinhaém e Cabo de Santo Agostinho .

Foi nesta quadra que, pela terceira vez, veio ao Brasil, com oito navios e sete companhias militares, Cristóvão Artichofski, que gozava de antigo prestígio entre os diretores da Companhia. Deu isto ocasião a grave embate, de que surgiram partidos, cindindo-se os cidadãos e os soldados em sentimentos diversos, uns mais favoráveis ao Conde, outros a Artichofski, travando apaixonadas discussões até a respeito da autoridade que competia a cada um dos dois. Nada tão indigno nesta conjuntura do que ver-se o Conselho obrigado a despedir Artichofski, o qual, pertencendo antes à milícia brasileira, lhe participara das ações. E êste homem, noutras ocasiões tão cheio de serviços, tão notável pelas suas severas virtudes marciais, teve de ser recambiado, durante o govêrno do Conde, tão benévolo e brando, que, havia muito, cativara, pela sua humanidade e caráter bondoso, não sòmente os seus, mas também os bárbaros. Referirei as causas dessa pendência, mas preferia ignorá-las para que não a conheça e se regozije o espanhol, com pesar da Companhia e de todos os homens de bem. *Questão com Artichofski. 1639.*

Por prudente decisão e por parecer do Príncipe de Orange e dos Estados Gerais, tinha a Companhia dado a Artichofski, como de fato convinha, a intendência geral do armamento no Brasil, ordenando-lhe o rigoroso desempenho da sua função.

Receberam-no com simpatia e distinção o Conde e o Conselho, como o merecia um varão já célebre por várias expedições e pelos seus luzidos feitos no Brasil. Mostrando-lhes as instruções que lhe deram os Estados Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia, nenhuma dúvida puseram a respeito delas, conquanto remordesse tàcitamente ao Conde e aos conselheiros uma tal ou qual insinuação de malévola suspeita nelas esparzida, isto é, que, em chegando Artichofski, se cuidasse com maior diligência de todo o armamento, remetendo-se aos diretores da Companhia relação minuciosa e clara do estado dêle, e que êles queriam a milícia e tudo o que a ela se referisse em perfeita ordem. Os ânimos mais briosos acreditavam que nestas palavras eram acusados de má administração.

Já tinha decorrido quasi um bimestre que se geriam os negócios do Brasil com vistas concordes, sem nenhum rompimento entre os regedores, puros de qualquer suspeita má e da nódoa de qualquer arteirice. Então, depois de espalhados entre o vulgo rumores e pa-

lavras injuriosas ao respeito e autoridade do Conde, foi revelada pelo próprio Artichofski uma carta, motivo da grande contenda, carta por êle dirigida ao excelentíssimo Alberto Conrado von der Borg, burgomestre de Amsterdam, muito conceituado entre os diretores da Companhia. Tal missiva indignou profundamente não sòmente o Conde, senão também a todo o Conselho, porque, segundo criam, fôra escrita para descrédito de um e outro.

*Discurso do Conde sôbre a carta de Artichofski a van der Borg.*

Nassau convoca o Conselho e, ordenada a comparência de todos os seus membros, defendendo-se a si e aos conselheiros contra Artichofski, pronunciou um discurso desta substância: "Não é êste para mim o primeiro dia de fidelidade à Pátria e aos diretores da Companhia. Há vinte anos venho-a provando quer aos Estados Gerais e ao Príncipe de Orange, quer à Companhia, sem sombra de suspeita, sem mácula de maus conselhos ou paixões, sem intermissão dos meus deveres. Sempre considerei e ainda considero sacrossanta a conciência do juramento que perante êles prestei: jamais acontecerá que a dignidade da minha nação e da minha casa seja por mim aviltada com uma felonia, pois prezo mais do que a mesma vida a estima delas e a dos seus. Entretanto, ponderando os objetivos e maquinações de Artichofski e as instruções com que veio munido, certifico-me de ter incorrido na suspeita de má administração. Não é de crer tenha êsse homem a prudência e perspicácia com a qual parece se ia atrever ao que fez, com tal irreverência a mim, se não fôsse apoiado por seus instigadores, com cujo auxílio governaria e administraria estas cousas mal começadas. De fato, o seu modo de tratar comigo é indecoroso e desconhecedor de tôda a obediência, e as cartas dos diretores demonstram, com eloqüência, terem êles sabido há muito que se negligenceia a intendência dos armamentos e do aparato bélico, que está por terra a econômia dos arsenais, e perdidas estas cousas que cumpria zelar. Foi por isso despachado Artichofski para restaurar o que se acha arruïnado, velar com diligência pelo que é do uso público, — exatamente a principal atribuïção de meu cargo —, e escrever-lhes, minudenciosa e acuradamente, sôbre o estado do armamento, dos arsenais e das fortalezas em todo o território do Brasil Holandês. Tais palavras são, sem dúvida, de pessoas que lastimam e nos acusam.

Além disso, afirmou Artichofski que, doravante, não mandariam os diretores nenhuma das armas que temos solicitado dois anos a fio, a não ser a pedido dêle. Assim já serei convosco um nome vão e em breve nulo. Isto faz crer em verdade que não foi êle enviado para visitar a província entregue a nossa autoridade e meter-se con-

sigo, mas para intervir como escarnecedor e censor de tôdas as minhas ações. Confio fazê-las aprovar por vós e pelos meus senhores da Europa, e não deixarei faltar em mim as partes e os deveres de um bom general. Deveria vê-los Artichofski, antes de se tornar o detrator e maculador da minha reputação. Não devia eu ser infamado nem exposto à malignidade de um aleivoso, eu por cujos labôres, vigílias e perigos perdura firme a incolumidade do Brasil Holandês.

Se não reconhecerdes em mim grandes feitos, pois cabe a Deus o concedê-los, ao menos reconhecereis, de modo certo, um espírito voltado para a salvação pública e com ela preocupadíssimo: para alcançá-la igualei o meu desejo, todo o meu desvêlo, todos os meus perigos com os vossos desvelos e com os perigos de todos. De sorte que é certamente grave que mostrando eu os melhores intentos, haja homens, que, procurando estorvar-me os esforços, espalhem acusações contra mim, como se eu preferisse os meus aos vossos interêsses, gestor negligente e remisso do bem público.

E qual é o atrevimento de Artichofski? Ousa vir ler em nossa presença e não sem arrogância essa sua carta, vitupério do meu e do vosso nome, para acusar-nos mais audazmente por escrito, o que oralmente haveria feito com maior timidez e com voz débil. E leu-a perante vós para ter por testemunhas de tantas mentiras varões respeitáveis, companheiros e assíduos observadores dos meus trabalhos.

E não se mostra diferente como particular e entre particulares, pois nem ainda entre os meus domésticos se abstém dos ultrajes que contra mim atira biliosamente, sem ignorar que me chegarão aos ouvidos. Foi-me afrontoso ter êle aconselhado a um tenente-coronel não acompanhar-me, ainda mesmo que eu lho ordenasse, à expedição por mim empreendida, dizendo que eu iria com a escória dos soldados e com a deshonra dos homens. São êstes os elogios que êle dá à nossa milícia.

Também chegou a tal desafôro certo mosqueteiro de Itamaracá que disse nèsciamente não reconhecer doravante por superiores nem o Conde, nem os conselheiros, mas só Artichofski. Um tenente do seu regimento recusou obedecer a uma ordem minha, assinada por mim, alegando necessitar de licença prévia do seu generalíssimo (assim se intitulava Artichofski).

Como êstes fatos são inícios mal agoirados do que se pretende fazer, tendendo para as cisões e ruína pública, como poderei fiar-me em homem de tão mau natural ou admitir por sócio de meus tra-

balhos um inimigo oculto, que tenta romper a unidade dêste corpo, no qual nada está perturbado ou discorde, e abalar e destruir a organização ainda pouco firme da República? Portanto, dirijo-me a vós. companheiros a mim dados pela Companhia, como a testemunhas de minha vida e de todos os meus atos, pois, quando se vive entre uns, é difícil defender uma causa perante outros.

Nunca neguei a Artichofski a honra, a autoridade e o direito que lhe são devidos, e não é justo que eu tolere um solapador da minha jurisdição, da minha dignidade e do meu nome. É um só o corpo desta república e há-de ser regido pelo espírito de um só: a gestão suprema e geral me pertence: a dos outros é delegada e repartida. Acolho Artichofski como auxiliar de meus trabalhos e encargos, mas repudio-o como ditador: esta partezinha do Brasil não comporta dois governadores. Se divergirmos, se nos separarmos por emulação, por injustas suspeitas, partiremos a partezinha, e então já não é preciso aos espanhóis o vencer-nos, porque, graças às discórdias civís, seremos vencidos por nós mesmos. Temos para unir os nossos pensamentos, sem que nos apartem rivalidades, para deliberarmos em comum contra um inimigo comum. Os mais funestos males políticos, a peste dos Estados, são as contendas e parcialidade dos governantes: são mais danosas que as próprias guerras externas, a fome, as doenças. É vergonhoso e pernicioso degladiarem-se na mesma nau os remadores e marinheiros. Não faltam detratores ocultos à presente situação: precisamos de franqueza, de lealdade, de constância no direito. É assim que militam os bons, assim temos sempre militado.

Diante disso, rogo-vos decidais uma de duas: ou mandardes-me para a Holanda para eu dar lugar a Artichofski, ou mandarde lo para dar-mo êle a mim. A razão, a estabilidade do Brasil, a salvação e a prosperidade dos nossos aliados aconselham que se faça isto.

*Retira-se o Conde para uma saleta.*

Vou retirar-me para não parecer que, com a minha presença, influí nos votantes ou inclinei os sufrágios ao meu voto. Sempre tivestes da minha parte juízos livres e sempre os tereis. Dentro da vossa sabedoria, procurareis que nem a indignação, nem a afeição destruam essa liberdade".

Ao terminar, levantou-se, dirigindo-se para uma saleta próxima, apesar de lhe pedirem os conselheiros, instante e respeitosamente, que se não retirasse.

Atônito com aquele discurso, o Conselho, após longa e atenta deliberação, acordou nisto: que, retidos no Brasil tanto o Conde

como Artichofski, procurariam reconciliar os dois, e, obtendo dêste último um pedido de desculpas, abrandariam aquele por sua intercessão. Pareceu imprudente ao Conselho despedir Artichofski (êste já se achava detido em casa por determinação do Conselho), o qual havia pouco fôra enviado por autoridade dos superiores. Seria isso usurparem êles uma atribuïção dos diretores supremos da Companhia em negócio de tanta relevância. Mais imprudente ainda seria despedir ao Conde, porquanto lhe eram subordinados os conselheiros na autoridade, na condição, na dignidade, e não deixaria de haver perigo em ficar o Brasil sem um governador. Seria também afrontoso ao Conde e à casa de Nassau anteporem ao capitão-general de todo o Brasil e à segurança geral a defesa e os créditos de um homem de condição inferior.

Tendo conhecimento da decisão dos conselheiros de promoverem a reconciliação, para a qual se propunham para árbitros, perseverou o Conde na sua opinião. Passaram à segunda votação, convocando também o Conselho de Justiça, e, não lhes prazendo outra solução para o caso, igualmente Nassau firmou em nada ceder da sua resolução. No santuário da filosofia aprendera que os ressentimentos envelhecem por último; que os mortais se esquecem dos benefícios, mas lembram-se das ofensas; que é difícil harmonizar a ambição com o comedimento; aquela não descansa, se não alcançar os seus intentos, mòrmente nos impérios recentes, onde não deve haver rivalidades e onde é perigoso confiar em homens que se reconhecem por êmulos e invejosos da glória alheia.

Enfim, depois que os conselheiros discutiram entre si as razões, as circunstâncias dos fatos, as divergências dos chefes, as condições do momento, acordaram unânimes em reenviar Artichofski e no mesmo dia significaram-lhe, por intermédio de Carpentier, membro do Supremo Conselho, assim como de Elias Herckman e Mortemer, o pensamento de ambas as corporações. *Demissão de Artichofski.*

Não se demorou Artichofski e, embarcando-se na Paraíba em navios que voltavam para a Holanda, deixou o Brasil pela terceira vez. *26 DE MAIO DE 1639.*

Na qualidade de narrador e não de juiz, não presumo nem de o acusar, nem de o escusar. Referir fatos que estão nos documentos públicos é ato de quem rememora e não de quem recrimina.

Quanto ao mais, educado desde menino para a milícia e exercitado nos vários lances da guerra, unira aos exercícios de Marte o estudo das artes liberais, entregando-se com afinco à leitura da história e de conhecimentos às vezes necessários a um capitão. A êstes

predicados juntava a sua sobriedade, a sua fama espalhada pelo Brasil e o favor que muitos lhe dispensavam.

Relatou o Conde minuciosamente êstes sucessos aos Estados Gerais, ao Príncipe de Orange e aos diretores da Companhia na Holanda, não porque não pudesse desprezar agravos e ofensas pessoais, mas porque convinha gozar de boa reputação o governador de um império novo e não se menosprezasse a fidelidade refreadora da obediência de todos. Era êste o teor da carta:

"Distante de vós, excelentíssimos senhores, tendo partido, em defesa da República, contra o inimigo, expondo-me aos perigos do ultramar, depois de haver provado na Pátria, durante vinte anos, a minha fidelidade nos serviços da guerra, vejo-me caluniado, sem se levarem em conta os trabalhos por mim tomados, ainda mesmo com risco próprio, para promover os interêsses da Pátria e da Companhia. As novas instruções com as quais Artichofski se apresentou perante nós demonstram não obscuramente que os dirigentes da Companhia lançam sôbre mim suspeitas injustas e, por desconfiança de mim, esperam dêle melhor administração, parecendo-lhes que fui um tanto negligente a respeito dos armamentos, se bem eu próprio, mais de uma vez, tenha perlustrado os arsenais e exposto aos diretores, em listas, a penúria dos mesmos. Não ignoro qual seja a importância dos armamentos, quer para se fazer a guerra, quer para não se fazer temeràriamente, em razão do mêdo que êles infundem.

Entre as minhas atribuïções e nas instruções que recebí para o desempenho do meu cargo, inclue-se como um dos principais deveres cuidar zelosamente dêles. Responsabilizar-me, porém, pela sua carência é injusto, porque, solicitando-os tantas vezes, verifiquei não serem de modo algum remetidos. E não os distribuísse eu parcimoniosa e escassamente, teriam nossas possessões sofrido desastres cada vez mais graves. E, por dizer a verdade, parece não ter sido outro o motivo de se mandar Artichofski senão que havia de gerir mais cautamente o municionamento, dando dêle conta mais diligente aos diretores, e o faria com tal autoridade e poder que, dora em diante, nenhum aparelho bélico já deveríamos esperar da Holanda (são palavras dêle), a não ser a pedido seu. E realmente, desde que voltou, tem feito crer terem-no para aquí enviado como um esquadrinhador e fiscal dos meus atos. Uma vez que cumpro os meus deveres de homem honesto, não o deveria recear como tal, se êle se abstivesse de rebaixar meu nome e de captar o favor público, lançando sôbre mim acusações injustas.

Em todo o caso, poderia eu dissimular essas misérias e, em atenção à República, perdoar uma ofensa privada, esperando que se desfizesse pelo desprêzo a calúnia e que, amansada pela minha benignidade, se aplacasse para mim a improbidade. Foi tal, porém, o atrevimento dêste homem que não enrubeceu de ler (sem dúvida para ter graves testemunhas da sua imprudência) a carta, injuriosa a mim e ao Conselho, por êle dirigida a uma figura preeminente da Companhia na Holanda, deprimindo, além disso, a minha estima entre os meus domésticos. Já parecendo formarem-se partidos perniciosos à República e aos quartéis, levei o fato ao conhecimento do Conselho, pedindo-lhe instantemente ou a minha demissão ou a de Artichofski.

De ordinário, ainda sem discórdias civís, já são bastantes os nossos males; e não foi vão o receio de que o inimigo se aproveitasse dessa questão para arruïnar-nos, por se haverem enfraquecido membros importantes para o corpo todo inteiro. Assim, demitido Artichofski pelos votos do Supremo Conselho e do Conselho de Justiça, volta para junto de vós afim de vos referir talvez o que se lhe afigurara especioso e a mim pouco verdadeiro. À vossa prudência cabe ouvir-lhe o arrazoado, com tal que não seja em contumélia minha e se me conceda direito igual de defesa. Com a partida dêle, haverá paz para o Brasil, e os ânimos dos soldados, movidos destas más artes, obedecerão ao capitão-general com mais reverência e mais igualdade".

A carta de Artichofski escrita ao ilustre von der Borg, burgomestre de Amsterdam, da qual resultou esta pendência, era do teor seguinte. Como tradutor, apegar-me-ei às suas palavras para não ser tachado, pela liberdade delas, de injusto para com o autor.

"Excelentíssimo Senhor."

*Carta de Artichofski ao Sr. Alberto C. van der Borg, diretor da Companhia.*

"Não imputeis a negligência minha a tardança destas letras, senão à minha saúde desfavorável, a qual me incomoda tanto, prendendo-me no leito e quebrando-me as fôrças com dôres renais, que, após repouso de breve tempo, mal resisto o escrever-vos estas poucas regras.

Abala-me o sentimento dos males públicos e das queixas de muitos, de sorte que venho derramar estas lágrimas em vosso seio como no de um pai. Antes, porém, de começar a lembrar as misérias da república, direi que é tal a situação do Brasil, que nem somos nós atacados pelo inimigo, nem êle por nós. Com a mira nestas emprêsas e tentames, mantemo-nos parados, pois nos faltam armas e

aparato bélico, embora se haja escrito circunstanciadamente a respeito disto aos diretores da Companhia.

Acham-se as naus apercebidas sôbre as âncoras, com mil homens de armas, prestes para a expedição, com o almirante da esquadra e o tenente-coronel do meu regimento, e entretanto vou dissimulando tal expedição. De feito, só compareço ao Conselho, sendo chamado, e não me é lícito falar senão interrogado. Aguardo as ordens de meus superiores, as quais desejo cumprir como soldado honesto, se disto não fôra impedido por me serem retirados diàriamente os meios de o fazer. Estas cousas me trazem preocupado dia e noite, apresentam-se-me em sonhos, transformando-se para mim em bilis e negra peçonha. Esta é a realidade: não mandam os diretores da Companhia reforços para se restaurar o exército; faltam marinheiros, artífices, escreventes, praças de engenharias e outros trabalhadores necessários nos quartéis. Meu regimento é obrigado a suprir a míngua de tudo isso, e, o que mais é, alguns dos meus, dando baixa, ficaram senhores de si, conforme o costume da Companhia; alguns outros foram transferidos para outras companhias, sob outros comandantes, de sorte que do meu regimento saíram até hoje trezentos homens, os quais apontei nominalmente num índice, excetuando os que se retiraram por doença. Neste ínterim, naus que zarpavam para a Holanda apressaram-me o desejo de escrever.

Em se me oferecendo ensejo, escreverei acinte ao Conselho dos Dezenove sôbre esta matéria. Diàriamente sou importunado com a transferência de soldados de minhas companhias para outras e *vice-versa*. Não posso atalhar tempestivamente êste inconveniente pelo súbito das ordens. Em algumas companhias que, ao partirem da Holanda, tinham 150 homens, mal restam 100. E ocorreu isso no próprio momento da minha chegada, antes de se passarem dois meses desde que aportei aquí. Que há-de ser no bimestre seguinte ou após o quadriênio? E não se notará acaso nas outras companhias a mesma infelicidade e deficiência das minhas? E esta é tal e tamanha que nem um só dos tenentes-coronéis pode conhecer bem o regimento que lhe cumpre comandar. Notai, peço-vos, em que posição estou aquí, de que autoridade gozo, que atenção me prestam. O Conde provê em outros os postos vagos em minhas companhias. E até agora ninguém se encontrou que de mim se aproximasse com o respeito e as continências devidas ou pedisse o meu favor. Nas minhas companhias nem eu nem meus oficiais mandamos, e sim outros, que de freqüente removem os soldados antes de eu o saber

e poder remediar o mal. Amiúde correm de mão em mão bilhetes e cartinhas procedentes do vice-almirante, dos sargentos-mores ou ainda mesmo dos oficiais de mais baixa categoria e dirigidas não a mim, mas aos meus capitães, destacados para mais longe. Nela ordena o Conde que se despache ora um, ora outro para as naus ou para os serviços náuticos, ou para os trabalhos mecânicos ou para outras companhias. E conseguem-se tais coisas antes de se verificar a autenticidade das ordens. Retiram-se tambores e trombeteiros, substituindo-os por outros. Há muito que o tenente-coronel do meu regimento no Recife está fora de atividade, vivendo descansado e ocioso, afastado da vista e do comando das suas companhias. Estas se acham dispersas pelas guarnições, a distâncias imensas, dêsde o rio de São Francisco até a Paraíba, numa extensão de cem léguas. Assim, é preciso um mês para eu me inteirar do estado delas. E no entanto, fazem-se novas levas e renova-se a soldadesca, quando todas as companhias poderiam estar alojadas na mesma província, cada uma delas sob as vistas e a disciplina dos seus comandantes gerais, de sorte que, sendo diversas, conhecessem a autoridade de um só. Que de proveitoso poderíeis esperar de soldados assim instruídos e tratados? Com que êxito poderei levar contra o inimigo estas ovelhinhas mais pròpriamente do que soldados? Certamente para correr o perigo certíssimo de manchar, sem querer e sem culpa, a minha honra, até hoje ilibada.

Parecerá que digo estas cousas e muitas outras semelhantes contra o Conde e que elas contem uma queixa. Sendo elas, porém, de pequena importância, admitem fácil emenda, e crê-se que terão fim. Confesso que nunca me queixei francamente delas com o Conde, visto como, por doença, era impedido de o fazer e esperava todos os dias melhor situação.

Muitos assuntos também ainda não foram sujeitos a deliberação, quanto mais a decisão.

Desde o princípio, verifiquei ser tal a natureza e o trato do Conde que é preciso não ser bem homem ou ser de péssima estofa quem tiver com êle um dissídio. Provar-lhe-ei a minha obediência, brandura e equanimidade, e jamais acontecerá seja eu acusado de lhe desobedecer. Entretanto, não tange ao Conde, mas aos membros do Supremo Conselho êsse enfraquecimento e transtôrno das companhias. É realmente coisa lamentável, e em tantos anos não se puderam corrigir êstes males. Sirva de exemplo a última expedição e a que está em preparo.

Ouví ao Conde que no Brasil não se pode proceder por outra forma; que embalde se esperam socorros da Holanda, pois os diretores não levam em conta o que se lhes escreve; que não se mandam tropas auxiliares, e que a soldadesca, aí conscrita tumultuàriamente em bambochatas e tavernas, pega em armas para matar a fome, entrando na milícia o refugo das cidades, para o qual é maior a necessidade de se comportar mal. Assim, far-se-ia mister aquí, disse êle, um recrutamento mais conveniente, formando-se para a milícia os desconhecedores dela, que nunca tenham visto nem o inimigo nem os acampamentos, que nunca tenham desempenhado nenhum ofício militar.

São estas as justificativas dêsse modo de proceder, e não sem plausibilidade. Entretanto, o que se afigura conveniente aos que vivem no Recife é tido por inconveniente pelos dirigentes da milícia, tornando-se improfícuos e fracos os planos de guerra à conta das companhias deficientes, algumas com uns 18, outras com uns 40 homens, e êsses sem permanência nem estabilidade, mas errantes e mesclados, trocando cada um sua companhia por outra. Se prouver conservar-se êste sistema nas companhias com êle habituadas, deveria ao menos o meu regimento, favorecido com tantos privilégios, escapar dêle, conservando-se intacto.

Logo ao chegar, observando que com tais desacertos se poderia manejar mal esta serra, procurei os conselheiros e perguntei-lhes sèriamente se ratificavam a cláusula que contratara com os diretores da Companhia sôbre ser-me deixada livre a minha soldadesca. A princípio anuíram, parecendo extravagante controverter-se êsse ponto. Logo depois, começando-se a desfalcar meus soldados, quando me preparava para reclamar, responderam-me que eu ainda podia abrir mão de muitos. Desde então, como que rasgado o véu, patenteou-se quais árbitros de minhas coisas encontrara e qual ia ser a situação da minha milícia. A vós, Excelentíssimo Senhor, que tomastes parte saliente naquela assembléia aí na Holanda, qual era instado para esta província, não vos esquece ter-me recusado e não querer assumir novo compromisso com a Companhia, por causa dêste costume inveterado de se administrarem mal as companhias e regimentos. Por isso, pedí a todas e a cada uma das câmaras da Companhia e aos Estados Gerais cartas autenticadas para ficar isento dêstes estorvos, comandando meu regimento, sem ser êle modificado ao nuto e arbítrio de ninguém. Onde a fidelidade ao prometido, onde o respeito sagrado dos contratos? Até que ponto se arruïnou a autoridade da Companhia ou dos mesmos Estados Gerais,

se, depois de haver atravessado o Oceano, entre tantos perigos perderem o vigor e não se observarem os pactos concluídos comigo e jurados à face do céu? Quando um mercador não aceita uma letra, chamam os holandeses a isto fazer bancarrota. De que expressão usaremos então, se os delegados plenipotenciários não fazem cabedal das cartas e quirógrafos dos seus superiores, autenticados com suas chancelas? Aí tendes o resumo das minhas queixas, certo justíssimas, as quais julguei necessário confiar-vos. Li-lhes isto mesmo. Respondam o que quiserem. Se não procurarem remediar êstes males, está de pé o meu propósito de referí-los ao Conselho dos Dezenove e aos Estados Gerais. O motivo que me impediu a êstes queixumes é a minha resolução firme e imutável de cumprir cabalmente os deveres de um bom soldado, ainda que morra, não deixando aviltar-se em mim pela deshonra militar a dignidade dêste nome. Não está, porém, em meu poder salvá-la, se tiver de me servir na guerra de uma soldadesca indisciplinada, que desconheço e que me desconhece.

Ocorre-me ao espírito aquela arte de comandar dos antigos generais. De modo algum seria estranho aplicá-las a estas insignificantes tropas dos nossos. Tendo César tomado Roma, como afluísse para junto de Pompeu na Tessália grande multidão de romanos da ordem equestre, prevalecendo êle por uma soldadesca numerosa e luzida, conta-se que César, não obstante, disse: "Partamos contra o General", dando a entender que considerava apenas nomes os soldados de Pompeu, e antes estorvos do que auxílios da guerra. Entretanto, derrotando-os em Farsália, quando já perseguia as tropas e os veteranos de Pompeu às ordens de Petréio e de Afrânio, disse: "Partamos contra o exército sem general."

A tal ponto convém serem os soldados conhecidos do general e êste dos soldados. Havendo Aníbal desbaratado, numa carga de cavalaria, a Cipião, pai do Africano, refere-se ter exortado a soldadesca antes do combate com estas palavras: "Ides pelejar com um exército desconhecido do seu capitão e que desconhece a êste".

Quando vim ao Brasil pela segunda vez, comandava sòmente oito companhias, que, num exercício assaz longo da guerra, se acostumaram comigo e eu com elas. Quando entrava em campanha, punha as demais em segunda plana. Intrépido, as opús a dois e a três mil inimigos, com felicíssimo resultado. Agora, tendo às ordens uma soldadesca desaparelhada e lerda, se me é preciso às vezes encontrar-me com as fôrças adversas, hão-se de procurar esconderi-

jos e proteção para as hostes em debandada. Julgareis quanto destoa isto dos hábitos da Companhia e dos meus brios.

Tendes aí êstes motivos das minhas queixas, as quais me pareceu bem apresentar primeiro a vós para não serem desprezadas. Reclamo coisas justíssimas, isto é, cumprir-se o prometido, ou mandarem-se para mim outros soldados, ou serem-me restituídos os que foram retirados, ou dar-se-me desculpa de não ter administrado o que deveria. Se não me fôr concedido alcançar alguma destas pretensões, já não serei para vós outros o mesmo Artichofski que tenho sido. Posso ser enredado por outros dos quais será dificílimo desenredar-me (109). Resta, porém, um remédio: envolver-me no silêncio e deixar que rodem os interêsses públicos.

Já antes, sob o generalato de Waerdenburch, fui tratado quasi de modo indêntico, sem ser empregado nos negócios da milícia, tendo passado quatro anos inteiros entregue aos estudos liberais. Não recusarei gozar, nas mesmas condições, a liberalidade da Companhia, e, ficando-lhe muito obrigado, considerarei êsses ócios das Musas e essa vacação das armas o quinhão maior da minha felicidade".

Aí termina a carta de Artichofski. Em notas marginais, deu-lhes o Conde respostas escritas às pressas e transmitiu-as junto com a dita missiva aos Estados Gerais. Reüní-las-ei para que o leitor sagaz confronte os artigos da acusação com os da defesa, apreciando o vigor de uma e outra e passando a esponja nas nódoas lançadas ao Conde.

*Resposta do Conde à precedente carta de Artichofski.*

"Acaso alguém existe, disse Nassau, que acredite haver estado Artichofski enfêrmo e pregado na cama, tendo-lhe sido possível, durante a moléstia, assistir à festa de um casamento, ir aos templos e chegar, numa jornada de sete ou oito léguas, até a povoação de S. Lourenço no sertão? Andaria melhor, se cuidasse com mais diligência, durante êste tempo, de cumprir o seu dever, revistando os arsenais das praças vizinhas, pois sòmente lhe compete pelas suas instruções escrever minuciosamente sôbre o estado dêles aos diretores da Holanda. Mas, *já pouco tem que dizer*, como se calasse grandes e infandas cousas. Se expusesse claramente, uma a uma, as irregularidades que tinha para lançar ao governador, ter-se-ia mostrado homem menos desleal. Agora, para ocupar os crédulos, numa arenga chorosa e tímida, com a suspeita de enormes crimes, deixa suspensos tantos mistérios. Se tem escrúpulo de escrever êstes horrendos segredos de nossa dominação já os teria declarado na Holanda de rosto a rosto. A quem fala procurará qualquer um dar sa-

tisfação, mas a quem se cala nem a própria inocência o poderá fazer. Artichofski difama com acusações dissimuladas quem as ignora para enganá-lo com esta aleivosia.

Não fala verdade, quando se queixa *de lhe ter sido ocultada esta expedição* e de se lhe porem obstáculos para cumprir as suas obrigações de bom militar. Os soldados que retirei das companhias dêle, fi-lo por ter necessidade dos mesmos para a expedição, julgando desempenhar o papel de um bom cabo de guerra.

Nem era Artichofski impedido de se mostrar tal, obedecendo ao general do exército. Se *esperou ordens dos superiores*, não fez mais que sua obrigação. Nada tão justo e tão digno como esperar as ordens dos comandantes. Sem esta disciplina, muitas vezes pereceram exércitos inteiros: o soldado obedece ao capitão, êste ao coronel, e todos ao mesmo tempo reconhecem a autoridade do general. Lamenta que tenha perigado sua boa fama, porque se lhe tiraram soldados, não podendo êle assim atender à utilidade pública. Julguem porém, os peritos na arte militar, que teem capacidade e poder de conhecerem êstes assuntos, se é verissímil periclitar a boa fama de Artichofski, porque o general tira destas ou daquelas tropas uns poucos de homens por necessidade urgente ou por interêsse público. Estas cousas o *afligem dia e noite*, como se os sofrimentos da pátria tocassem ùnicamente a êste Atrida (111). Ora vai pregar a outra freguesia (112)! Mas, se êle próprio declara que da Holanda não se remetem os homens necessários aos quartéis, porque então se zanga de serem êsses tais buscados em seu regimento?

Censura falsamente que tenham obtido baixa trezentos. Esta se concedeu sòmente a um, que militava sob a bandeira de Nuyssemburg e que havia chegado ao Brasil antes de Artichofski, quando nada nos constava àcêrca dos pactos por êle concluídos com os diretores da Companhia. Além disso, pôs-se no lugar dêste um experimentadíssimo na milícia, que aquí se provara em vários encargos. Só por improbidade e por audácia se pode generalizar um fato singular. Demais, dos trezentos homens de que se queixa de lhe ter sido desfalcado o regimento, cala maldosamente os falecidos durante a viagem para aquí. Dos registos de óbitos consta terem dado baixa em algumas companhias vinte, em outras trinta, não por alvedrio meu, mas do destino. E que condição é esta de um general a quem não é lícito requisitar e escolher um soldado? Não ignora Artichofski os apertos em que nos vemos aquí, sendo compelidos a êsses atos, não por veleidade, mas por necessidade, para se queixar, com injustiça, de que tôda a disciplina militar decaiu e se arruïnou.

Os sargentos-mores de que fala comandam os corpos que lhes designo, e só durante a expedição, para se aliviar de despesas a Companhia.

Confesso que se reduz o número das companhias, mas por não ter eu trabalhadores e praças de engenharia que são necessários. Concluída a expedição, voltará cada um para as suas companhias e bandeiras. Aqueles que a morte neste meio tempo rouba aos comandantes, lancem à conta de Deus e não à minha a sua mortalidade.

Nego que esteja em desordem a milícia, quer por desmoralização, quer por ambição de honras, quer por imperícia. Se os oficiais negligenceiam fazer o que lhes compete, não me cabe tomar a responsabilidade alheia; se alguém me mostra agradecimento, fá-lo a quem o beneficiou. Ora tais benefícios foram feitos antes da chegada de Artichofski, quando ainda não se achava aquí aquele a quem êle julga se deverem os agradecimentos. Acusa falsamente que outros comandam as suas companhias e não os próprios capitães.

Quanto aos *bilhetes,* mediante os quais se requisitam soldados já para os serviços náuticos, já para os trabalhos mecânicos, nenhuns circulam que não partam de mim; nenhum procede de almirante, de sargentos estrangeiros ou escritos por oficiais inferiores. Quanto à escolha de cada soldado e à função a êle destinada, não tem folga o general para consultar Artichofski e pedir-lhe o assentimento. E aquí no Recife é dever de todos os coronéis e tenentes-coronéis, a que chamam majores, aguardarem as minhas ordens, que dependem das ocasiões, do lugar e do tempo. Mais desfaçado se mostra, quando nega que *tenente-coronel do seu regimento não é empregado nos negócios da milícia:* nesta mesma expedição que está em apresto, dei-lhe instruções, não por falta de oficiais, mas para fazer esta distinção ao regimento dêle.

Quer Artichofski que o seu regimento fique aquartelado *numa só província*. Mas apelo para todos vós que sois versados em assuntos militares e conheceis as regras do comando: convém alojar regimentos inteiros nas mesmas guarnições? Onde se ajunta uma soldadesca numerosa e vê as suas fôrças pela certeza da segurança, com facilidade intenta ela uma rebelião, se as coisas não lhe agradam. Muito salutar é ficar ela dispersa em grande extensões, para não planear uma violência ou uma traïção. Além disso, com dificuldade se poderia obter num só lugar alimentação para uma soldadesca excessiva.

Não há por que se lamente Artichofski a respeito *da instrução dos seus soldados*: não se descuidam os tenentes de instruí-los e formá-los nas artes com que se habilitam para a milícia. Tudo o que pode ocorrer na ordem da batalha ou nos combates tudo isso aprendem nos exercícios campais.

Logo, em palavras brandas, escusa a quem acusa, como se tivera eu perdido o senso da altivez e da dignidade firme. Se a situação pode ser por mim corrigida e se há esperança de o ser em breve, com que fim levanta êle êstes tumultos e essa tempestade? com que intuito apela para as autoridades da Europa com essas apóstrofes ultramarinas? Louva-me pelo meu *natural e afabilidade*. Isto, porém, é adulação e em verdade estúpida, e assim nem para o meu cavalo, nem para o meu cão invejarei louvores dêstes, conquanto sejam entes desprovidos de razão e de virtude. Ser louvado por esta forma não dista do vitupério. Calar aquilo que é de um bom general é criminá-lo abertamente. Elogia-me às claras para ferir-me com tais lisonjas.

Quando diz que *seus regimentos estão sendo desorganizados* e que isto não me toca, mal poderia notar uma pessoa grande quanto me põe a honra a barato. Que há mais desairoso que não pertencer-me o desorganizarem-se-lhe os regimentos, mas ao Conselho Supremo? quando, primeiro que todos, sou adstrito pela conciência do dever a não permitir que êles se desorganizem e enfraqueçam. E em verdade estou cabalmente persuadido de que esta é também uma atribuïção do Conselho, como provou êle à saciedade na última e na presente expedição. Não é dever só meu, mas também do Conselho Secreto, dos Estados Gerais e da Companhia Ocidental obedecer às ordens, a não ser que aconselhe o contrário a extrema necessidade da República, mais poderosa que tôdas as determinações e contratos e até mesmo que o ferro e o bronze. Entretanto os conselheiros não retiraram soldados das companhias, senão com ciência e consentimento meu.

Os Estados Gerais e cada uma das câmaras da Companhia *subscreveram as exigências de Artichofski*. Não as devera êle, porém, fazer tão ambiciosa e tão ciosamente, conhecendo as condições do Brasil, onde a necessidade se sobrepõe às instruções, contra as quais é permitido decidir, quando for isto do interêsse público. Conforme a apreciação das circunstâncias, necessitam de modificações condizentes com a utilidade geral. Sei que não se deve resistir sem motivo a um superior; mas quando êste mesmo periga, quando o Estado periclita, imitarei ao pontífice Corneliano Pisão.

o qual, não se apegando servilmente a nenhum parecer, sempre que sobrevinha a necessidade, moderava prudentemente as ordens de seu chefe. Não se segue sempre o mesmo caminho: adaptamos mais do que mudamos as resoluções dos superiores; viramos o Brasil qual uma nau, conforme as tempestades da República, dirigindo-nos todos para um só pôrto, se bem tomando rumos diferentes. Para que arrastar, odiosa e desprezìvelmente, a esta comédia a estima e o acatamento dos Estados Gerais, como se tivessem resolvido coisas que não podiam êles garantir a Artichofski, quando são terríveis ao potentíssimo rei da Espanha e mostram, com suas armas vitoriosas por tôda a parte, quanto valem?

Confere-nos Artichofski o soberbo título de *Delegados plenipotenciários*. Sem injúria nossa nem da verdade, não deveria recusar-nos a qualificação de fidelíssimos servidores da Companhia. Tomamos mais a peito a prosperidade e a incolumidade da Companhia do que êsses tais contratos feitos na Holanda, mudáveis segundo a variação das circunstâncias. E não com outro fim ordena ela as medidas mais prudentes, senão para não faltar a nossa prudência, e quer que lhe modifiquemos as prescrições, segundo os ditames da lei suprema — a salvação pública (114).

*Li-lhes isto mesmo,* diz Artichofski, *respondam o que quiserem*. Ouço realmente palavras cruas e desrespeitosas para os superiores, com as quais êle pisa a dignidade daqueles a quem devera obedecer.

Quando diz que se vê a braços com uma soldadesca indisciplinada, *que o desconhece e é dêle desconhecida,* fala palavras ofensivas aos soldados. Em todo o caso pretende parecer que aguenta sòzinho todo o pêso da guerra e esteia com o seu regimento as terras brasileiras. Considera sombras e nomes os que não se acham sob a sua disciplina. Alega Pompeu, Petréio, Afrânio, Aníbal, sendo êle muito dessemelhante de todos. Blasona de haver resistido a 3.000 inimigos com oito companhias. Mas, se alude ao combate que travou em Pôrto Calvo com D. Luiz de Rojas e Borja, defrauda de merecida glória capitães estrenuíssimos, aos quais, coagidos a pugnar sem esperar-lhe a ordem, se deve a vitória. Se, ao contrário, se refere ao cêrco do Castelo Real, neste se houve de tal sorte que, na esperança incerta de ferir ao governador, parecia querer gastar toda a provisão de pólvora, se, avisado da míngua dela, não arrefecesse o seu inconsiderado furor.

De três cousas pede que se lhe conceda uma: ou enviarem-se-lhe outros soldados, ou restituírem-se-lhe os que lhe foram tirados.

ou ser dispensado do serviço militar. Demos-lhe tudo. Consenti em que se suprissem as faltas das suas companhias com as tropas auxiliares esperadas da Holanda; em que lhe fôsse restituída a soldadesca que voltava da expedição, e concordei também no terceiro ponto, porquanto, em virtude de votação igual do Conselho Supremo e do de Justiça, foi-lhe anunciado que aprontasse as malas e partisse para a Holanda.

Teme não poder mostrar-se à Pátria tal qual se mostrou antes. Permita Deus que, daquí em diante, já não seja o mesmo: gemerá menos, pela ferócia dêle e pela matança de inocentes, a desgraçada turba dos goianenses, viúvas e virgens.

Diz que será consôlo seu *envolver-se no silêncio,* como se pelo silêncio dêle houvessem de perecer Amiclas (115) e todos os batavos.

Queixa-se de que, sob Wardenburch, foi tratado menos honrosamente. Tal cousa, porém, dita então para contumélia de outros, até hoje tem incomodado ao eminente general Wardenburch, cujos serviços à Companhia reputo superiores aos de Artichofski.

Enfim, parece congratular-se consigo mesmo pelo seu ócio, não esperando outra ventura que voltar às boas graças com as Musas, desembaraçado das preocupações marciais. Mas o estudante que põe de lado seus estudos e livros costuma ter a recompensa de um estudante vadio".

A êstes comentários acrescentou Nassau as seguintes linhas dirigidas aos Estados Gerais:

*"Não quero, entretanto, que julguem Vossas Altas Potências ter sido o motivo da despedida de Artichofski esta sua carta lamentosa, sôbre cousas frívolas para vós. Ela se baseia em providências que é necessário tomarem-se aquí, mas, além disso, em acusações falsas e afrontosas. Vi-me constrangido a expor êstes fatos aos dois Conselhos, pedindo-lhes a demissão de um ou de outro. Em todo o caso, foi preciso ocorrer aos males que ameaçavam e iam resultar disso, para que não me atinjam em breve os dissabores que sobrevieram a outros homens de bem, e para que, por uma acusação injusta perante os que ignoram a nossa situação, não se manchasse com a nota de infâmia o bom nome adquirido em esforços honestos. Entreguei a questão ao julgamento dos Conselhos Supremos e de Justiça e não receio os sufrágios de quantos quiserem parecer que zelam assaz a própria fama e a da Companhia. Afirmo que doravante ficará a governança mais tranqüila para nós, pois temiam todos fôsse ela perturbada por novas tempestades. A experiência*

*alheia nos ensina que pouco proveito se alcança com exércitos cindidos pelas injustiças e rivalidades, e assim era preciso remover as causas destas. Conquanto não apresente eu sòmente esta causa da partida de Artichofski, ainda assim achei bom comentar, sem mais atento cuidado, esta carta. Quem desejar aprofundá-la mais com o vigor do engenho e delibar o fel que ressumbra siga o seu gôsto.*

*Confio que esta sincera confissão da verdade prevalecerá sôbre as cegas simpatias de alguns com Artichofski, principalmente entre aqueles que não desconhecem de todo os atos por êle aqui praticados."* (116)

Os conselheiros do Brasil escreveram aos diretores da Companhia na Holanda no mesmo sentido que o Conde, achando que devia ser lavada, com uma defesa comum, a nódoa de desídia lançada em todos. Diante disso, acreditaram muitos que Artichofski, no pleno gôzo de suas faculdades mentais, destruíra, numa só carta, a autoridade assaz ampla e o renome por êle grangeado na guerra americana. E se não fôra vergonha exprobarem-se aos varões eminentes os seus vícios, poder-se-ia crer que Artichofski procedeu mal com o Conde por êrro da inteligência ou por paixão.

Referirei aquí os sucessos posteriores para não deixar suspenso o leitor, interrompendo a minha narração.

*Artichofski volta para a Holanda.*

Regressando Artichofski para a Holanda, apresentou-se inesperadamente perante os Estados Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia. Expostos aos vários juízos dêles, incorreu na repreensão de uns, por causa do seu descomedimento com o Conde, e mereceu a comiseração de outros pelo desprêzo e desmoralização em que caiu. Entre o povo, ganhou de alguns crescidos louvores pelo seu inflexível rigor. Os suspicazes, os que costumam profundar os motivos ocultos das cousas e aqueles a quem desagradam todos os atos dos governantes assim pensavam: a origem do mal estava em o terem mandado os diretores da Companhia ao Conde, que exercia no Brasil o comando supremo, dando-lhe como que poderes autônomos sôbre a superintendência dos armamentos, a qual devia competir sòmente a Nassau na qualidade de primeiro chefe militar. A não ser assim, ficaria o Conde com títulos vãos, enfraquecendo a sua autoridade e repartindo com outrem o seu poder. Dizia-se que as verdadeiras leis do comando não sofrem tais competições, nem se harmonizam estas com o nome de generalato; além disso, que não se devia ter ordenado a Artichofski a emenda de males que acaso houvessem surgido, mas ao Conde e aos

*É julgado vàriamente.*

conselheiros; enfim, que se imputava a êstes, sem o devido exame, por uma acusação ainda não provada, a culpa de negligência e de má administração. Os censores intrometidos espalhavam em conversas êstes e outros comentários. Aqueles, porém, que haviam amadurecido o espírito na honestidade e na prudência (assim somos os mortais agitados pelas ondas das opiniões) diziam consigo isto: nem todos temos sabedoria em tôdas as horas; ainda os mais sábios podem ser privados do melhor conselho; não poderiam absolutamente ter errado, por paixão, em sua conjectura e espectativa, homens zelosíssimos do bem público. Por outro lado, entre o vulgo descontente e dicaz, ouvia-se o seguinte contra os diretores: que se mandara Artichofski sòmente para apear e suplantar o Conde, determinando-lhe uma cousa os diretores e subentendendo-se outra. Tentava-se por estas artes que Nassau, ofendido, abandonasse o comando espontâneamente, por desgôsto ou por fraqueza de ânimo. Confiara-se a Artichofski a superintendência dos armamentos para pretexto, devendo atribuir-se-lhe os outros encargos do govêrno. Não obstante ignorarem os homens tais enredos, todavia proclamava-os o rumor público.

Durante esta pendência, encontrei um exemplo notável e digno de ser imitado pelos pósteros, isto é, ter o Conselho procurado prêmios para as pessoas de egrégias virtudes, já conferindo-os êle próprio, já sugerindo que fôssem conferidos pelos diretores da Companhia. Assim, João Koin foi promovido ao pôsto de coronel, em que antes tinha servido Artichofski. O Conselho Supremo solicitou para Koin ao Conselho dos Dezenove um sôldo proporcionado à patente, além de o elogiar pela sua fidelidade, bravura e perícia militar, porque já se havia êle ilustrado pela fama de muitas expedições e pela recente conquista do Forte da Mina, revelando-se varão de ânimo resolutíssimo para realizar as emprêsas e desempenhar as ordens súbitas. Subindo, portanto, de pôsto, merecia maior estipêndio, e havia de guerrear mais animosamente, se, elevando-se na hierarquia militar e no conceito dos diretores, gozasse também de maiores vantagens pecuniárias. *Elogio de João Koin.*

Foram também elogiados pelo Conselho os conselheiros Matias Ceulen e Adriano van der Dussen, homens notáveis pela sua habilidade política e administrativa, os quais se achavam prontos para regressar para a Pátria. O primeiro, vindo por duas vezes ao Brasil, prestou aí à Companhia serviços que não se esquecerão. Conduziu vencedor o nosso exército contra Goiana e depois contra a província do Rio Grande, onde expugnou o Forte dos Três Reis Ma- *Elogio de Matias Ceulen e de Adriano van der Dussen.*

gos, o qual, em honra sua, passou a chamar-se Forte de Ceulen. Quantos serviram nas primeiras guerras brasileiras conhecem a coragem com a qual, em companhia do tenente-coronel Bima, defendeu Recife, em luta contra a violência e os subitâneos assaltos dos inimigos, quando já tinham êstes penetrado, sob o comando de D. Martinho Suarez, até as trincheiras, pois aquela praça se resguardava com escassas guarnições.

*Elogio de João Giselling.*

Não foi menos valoroso João Gisseling. Pretendendo voltar segunda vez para a Holanda, estava aguardando a chegada dos novos conselheiros para dar-lhes todos os avisos e informações relativas ao regimento da república. Já anos antes, se afamara não só na política, mas também na milícia. De fato, atacara o Castelo Real nos Afogados com fundada, mas balda esperança de o tomar, e em grandes extensões conduzira fôrças, para o sul, em busca dos engenhos dos portugueses. Marchara também contra a Paraíma e as terras do Cabo de Santo Agostinho, onde se apoderou do forte do Pontal, que ainda hoje lhe guarda o nome.

*Elogio de Servácio Carpentier.*

O conselheiro Servácio Carpentier, já resolvido a partir para a Holanda, igualmente foi enaltecido entre os seus pelos votos de louvor do Conselho Supremo. Tomou êle parte nas expedições contra a Paraíba, o Rio Grande, Cabo de Santo Agostinho, Goiana e terras do sul.

*De van der Dussen.*

Pela zelosa administração dos negócios do Brasil, mereceu também Adriano van der Dussen os agradecimentos públicos. Partiu, pouco depois, da Paraíba, aos 29 de outubro de 1639, e, chegando à Pátria, apresentou aos diretores da Companhia um relatório sôbre o Brasil. Não causa fastio o transcrevê-lo, para se ver, numa como síntese, que incrementos tomaram as nossas pequenas possessões, tornando-se de mínimas máximas e desafiando, ao mesmo tempo, a inveja e a potência dos inimigos.

*Relatório sôbre o estado do Brasil, apresentado aos Diretores da Companhia pelo conselheiro van der Dussen.*

Todo o território até hoje conquistado sob os auspícios e pelas armas da Companhia das Índias Ocidentais divide-se em seis províncias: Sergipe del Rei, Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, Rio Grande e Ceará. A primeira e as últimas são desertas; as demais são cultivadas e mais habitadas pelos holandeses. A expedição do conselheiro Gisselingh e de Segismundo Schkoppe contra o Sergipe, outrora muito colonizado, o despovoou. Amedrontados pela nossas armas, refugiaram-se os colonos na Baía de Todos os Santos. Por direito de guerra, devastaram os nossos o Sergipe, para que os baianos não fôssem alí abastecer-se.

Os portugueses senhoreavam o Ceará, havendo alí número mais reduzido de habitantes. Defendiam-no com um forte pouco resistente. Passando êste para o nosso poder, guarnecemo-lo com um presídio de quarenta homens. Não auferimos até agora nenhum lucro ou provento notável do solo, mas os soldados e fôrças de índios dessa região teem às vezes ajudado os interêsses da Companhia.

A província de Pernambuco é a principal, numa posição amenissima e importante, entre o rio de São Francisco e a ilha de Itamaracá. Essa palavra Pernambuco significa na língua dos índios *pedra furada* (117), a qual se vê perto da ilha de Itamaracá, banhada em baixo pelas águas. Tem os seguintes portos, surgidouros e enseadas para abrigo dos navios: o *Recife*, não só do lado exterior, onde há um ancoradouro cheio de perigos, como em mar aberto, mas também do lado interior, que, não proceloso, dá mais confiança; o *Cabo de Santo Agostinho*, onde é menor a profundidade do mar e a entrada, assaz estreita, é impedida de escolhos; a enseada da ilha de *Santo Aleixo*, onde se abrigam os maiores vasos para reparos, não tendo ela outra utilidade; a baía da *Barra Grande*, larga e cômoda para as embarcações, entre Una e Pôrto Calvo, na qual se refugiou Bagnuolo e desembarcou a soldadesca, depois de ter travado batalha naval com o almirante Pater; o pôrto de *Jaraguá*, onde saltou em terra D. Luiz de Rojas e Borja; o *Pôrto do Francês* onde desceram as capitães Vidal e Magalhães (118); finalmente *Cururipe*, angra muito celebrada. *Portos da província de Pernambuco.*

Os rios mais importantes são: o das *Jangadas*, *Serinhaém*, o *Formoso*, o de *Pôrto Calvo*, (119) o *Camaragibe*, o de *Santo Antônio*, o de *S. Miguel* e o de *S. Francisco*. *Rios.*

Compreende Pernambuco seis comarcas, das quais Iguaraçú é a mais antiga, Olinda a segunda e maior, Serinhaém a terceira, Pôrto Calvo a quarta, Alagoas a quinta e a do rio de São Francisco a sexta, limite austral da província de Pernambuco. *Comarcas.*

São cinco as cidades da província: Iguaraçú, Olinda, Maurícia, que abrange Recife e uma cidade recente na ilha de Antônio Vaz, Bela Ipojuca e Vila Formosa do Serinhaém. As povoações são: Muribeca, S. Lourenço, Santo Antônio, Santo Amaro e outras do tamanho de vilas. *Cidades e Povoações.*

A região é muito montuosa, mas também fértil, mormente nos vales e nas ribeiras dos rios. Produzem fartamente os montes mandioca e outros frutos, e alguns dão canas de açúcar, pôsto que nos vales haja maior abundância delas.

*Freguesias. 121 engenhos.* As comarcas supra mencionadas se dividem em freguesias, espécies de comunas, e contam cento e vinte e um engenhos, mas nem todos se ocupam atualmente em fabricar açúcar, porque se acham parados muitos dêles, por estarem arruïnados ou por falta de trabalhadores.

*Itamaracá.* A província de Itamaracá, próxima à de Pernambuco, compreende uma só comarca com uma só cidade e um só pôrto. Embora abrigue êste navios no sul da ilha, onde é bastante profundo, todavia não permite que sem risco penetrem mais avante, num canal mais longo, por causa dos bancos incertos. Na outra parte da ilha, assaz fértil, teem engenhos o seu trabalho; uma outra parte é estéril por causa das constantes devastações das formigas, das quais é *23 engenhos.* perseguida principalmente esta ilha. Em suas quatro freguesias possue 23 engenhos, mas apenas 14 em atividade. A ilha produz copiosamente melões e frutas semelhantes, e as maiores e mais saborosas uvas de todo o Brasil.

*Paraíba.* A Paraíba, limítrofe de Itamaracá, ufana-se com o rio do mesmo nome, o qual, pela sua profundidade, dá vantajoso calado a naus *20 engenhos.* de carga. Não se divide em freguesias, mas em lugares (120), e conta 20 engenhos, estando parados dois.

*Rio Grande. Vila de Natal.* Depois desta vem a província do Rio Grande com quatro freguesias. Fica aí a vila de Natal (121), de aspecto triste e acabrunhador pelas suas ruínas, vestígios da guerra. Deu-se permissão aos moradores de edificar nova cidade, em lugar mais feraz e em sítio mais vantajoso, na freguesia de Potengí. A légua e meia de Natal *Forte de Ceulen* vê-se o forte de Ceulen.

O nome da província é o mesmo do rio que a banha, capaz das maiores naus. Nela se abrem placidíssimas baías. A região, escassa de habitadores e risonha pelos seus pastios, vive da criação de gado. Com as devastações das últimas guerras, porém, foi êste retirado *2 engenhos.* ou morto, sofrendo ela prejuízos com isso. Possuiu dois engenhos sòmente, um dos quais desapareceu, restando o outro, de modo que todo o Brasil holandês tem 166 engenhos, dos quais 120 se acham trabalhando, e os mais se vão restaurando anualmente para novos trabalhos. Difìcilmente se calcularia com exatidão quanto açúcar produz por ano cada uma das províncias, comarcas e freguesias, em vista da natureza desigual do solo e das diferenças das safras, resultantes ou da temperatura ou da diversidade dos lugares.

*Dos habitantes, uns são livres outros escravos.* Quanto à condição, distinguem-se os habitantes do Brasil em livres e escravos. Quanto à nacionalidade, são holandeses, portugueses e brasileiros, e os escravos são negros ou africanos, tapuias

ou americanos. Dos holandeses uns servem a Companhia das Índias Ocidentais, vivem outros por conta própria e não estão adstritos a prestar a ninguém serviços temporários. Êstes ou chegaram nesta condição ao Brasil ou a obtiveram alí, depois de haverem servido. Vivem todos na condição de colonos, quer tenham dado baixa da milícia ou conseguido sua dispensa de outras funções, e se acham preparados, quando as circunstâncias o exigirem, a seguir para a guerra ou a defender a liberdade conquistada. Os recenseamentos dão o número dêstes, indicando os que se podem armar para a infantaria ou para a cavalaria. Os que foram da Holanda para o Brasil por conta própria, ou são mercadores, ou empregados dêstes, ou de condição mais humilde como estalajadeiros, vendilhões, sapateiros, tecelões, obreiros. Alguns, enriquecendo-se, compraram engenhos e nêles trabalham; outros dão-se ao plantio da cana e à lavoura. A êstes se deve o desenvolvimento do Recife, que se cobriu de edifícios tão apinhados e numerosos que são elevadíssimos os seus preços, e estreitíssimos os espaços vagos. Disto resultou que a área aberta e vazia da ilha de Antônio Vaz, vendida em lotes, por alto preço, aos que pretendem construir e já habitada por numerosos cidadãos, impôs ao Conselho a necessidade de ampliar-lhe o perímetro até o forte de Frederico Henrique. Continuam as edificações, a despeito de se haver entibiado o comércio e de estarem há muito suspensos os ânimos dos cidadãos com a fama da armada espanhola. Onde se dissipou êste receio, desenvolve-se a atividade da mercância, sobem os preços das mercadorias e cresce o desejo de edificar. *Holandeses.*

Não seria vã a esperança de que, neste mundo estrangeiro, possa surgir, de tão brilhantes primórdios, outra Tiro, outra Sidônia. Para êste fim, resolveu o Conselho ligar por uma ponte o Recife e a ilha de Antônio Vaz. Um pegão de pedra, construído no leito do rio e resistindo ao contínuo embate das águas, dá a amostra e o início da futura obra.

*Cumpre estudar com que artes se poderiam atrair colonos para o Brasil.*

Muito importaria à grandeza do Brasil que os diretores da Companhia examinassem sèriamente com que artes se poderiam atrair colonos para lá, espalhando-os pelos desertos e terras ainda não cultivadas. Assim se proveria à cultura dos campos, aos proventos do tesouro, ao tráfico, às despesas da milícia e, além disso, à segurança, poder e glória da nascente república. Mas, sendo certo que ninguém ambiciona senão aquilo cujos frutos prevê, não se devem iludir os pretendentes com uma vã jactação de vantagens, pois não lhes poderiam ser doadas as terras vizinhas do mar ou da costa, ocupadas há muito pelos seus possuïdores, nem as do sertão

pela inópia de vitualhas. Cumpre, portanto, fomentar, com privilégios e concessões, a cobiça dos holandeses, sobretudo daqueles que se animarem a construir novos engenhos e a encetar a plantação de cana. Sabemos ter feito isto o rei da Espanha, o qual concedeu a tais colonos, no primeiro decênio, isenção de impostos, obrigando-os depois, pelo tempo adiante, sòmente à metade dêles. A mudança da situação não consente façam os nossos a mesma cousa, visto como as partes vizinhas do litoral estão ocupadas pelos seus donos, e as mais distantes afastam os novos colonos pela dificuldade de transportes, pelo preço dêstes e pela carestia de mantimentos. Faz-se, pois, mister imaginar outra negaça para os cobiçosos de lucros e suprir com o engenho a míngua pública. A nossa Holanda é abundante de artífices mercenários: ferreiros, mestres de obras, pedreiros, cinzeladores, uma onda de alfaiates e sapateiros, marceneiros, torneiros, vidraceiros, oleiros, canteiros, latoeiros, xaireleiros e tantos outros desta espécie, que poderiam cansar até o loquaz Fábio (122). Na Pátria êles se manteem a custo com o seu mister( julgando cada um que é de pobreza a sua profissão. Se passarem para o Brasil, poderão provocar à inveja a sua antiga fortuna e perceber jornal mais pingue. De feito, em parte nenhuma, não existe trabalho sem salário, nem salário sem trabalho. Em via de regra, o trabalho e o salário muito dessemelhantes em sua natureza, gostam de andar juntos, numa sociedade natural (123).

O jornal dos mestres de obras são seis florins e o dos seus ajudantes três ou quatro florins. Os mais elevados são os dos trabalhadores de engenhos. É necessário atrair êsses obreiros para na Holanda não serem pesados ao erário público, nem se atirarem como pobres às bolsas dos particulares. É preferível mandar para o Brasil êsses a remeter para lá os criminosos, os infamados por suplícios e a maruja de Ulisses (124). Isto é familiar aos espanhóis, e a escória de tais perdidos, por êles despachadas para o Brasil, produziu progênie mais viciosa, a qual, guardando os vestígios de sua ruím procedência, não faz distinção entre o justo e o injusto. Onde os oficiais mecânicos fizeram um lucrozinho, compram um campinho e interpretam os primeiros favores da fortuna que os afaga como promessa de maior fortuna.

*Quando são úteis os colonos e as colônias.*

Será muito promissor o estabelecimento de colônias, se se der aos colonos uma habitação garantida; se presidirem à república homens incapazes de fazer agravos aos súditos e de usar despòticamente do poder; se boas leis regularem o comércio. É, porém, pernicioso e desairoso àquela república enviarem-se-lhe indivíduos im-

peritos de qualquer arte ou mister, porque todo o seu meio de vida está nas tavernas e tascas e, expulsos destas, são compelidos a viver ou do suor alheio, à moda dos zângãos, ou de alguma atividade flagiciosa. São próprios para a colonização três espécies de homens: 1.°, aqueles que, providos de cabedais, gostam de aplicar-se à exploração dos engenhos; 2.°, os que vivem de um ofício; 3.°, os que, depois de terem servido à Companhia, se empenham em beneficiar a nossa possessão, dedicando-se à agricultura (125).

*Três classes de homens próprios para a colonização.*

Para o trabalho dos engenhos e da lavoura são necessários negros, que se teem de comprar, porquanto os nossos patrícios levados para o Brasil, ainda mesmo que tenham o corpo muito exercitado, não toleram essas tarefas, por enervar ainda os mais fortes ou a mudança do clima ou a da alimentação, gerando nêles imperceptivelmente a preguiça e o torpor, de modo que a desídia, a princípio odiada, começa por fim a ser-lhes agradável. Esta fraqueza não se verifica só no homem, mas também nalgumas cousas da Europa, ainda mesmo inanimadas, como o ferro, o aço, o latão, e tanto mais em seres corruptíveis e putrescíveis.

Dos holandeses que se dedicaram ao granjeio da lavoura e dos engenhos muitos recobraram a riqueza antiga, de sorte que se pode esperar com fundamento alcance o Brasil, em poucos anos, a importância que teve sob o rei. Já sobe o preço do açúcar, que se manteve baixo por muito tempo.

*Portugueses.*

Os portugueses (esta é a segunda categoria dos habitantes) ou se estabeleceram no Brasil há muitos anos atrás, sob o domínio dos seus compatriotas, ou então, pertencendo à seita judaica, transmigraram recentemente da Holanda para alí. Compram terras e engenhos e os exploram com diligência. Os mais dêles habitam no Recife e forcejam por dominar quasi todo o comércio. Outrora, foram na maioria senhores de engenhos e hoje compram aqueles cujos donos fugiram em conseqüência das guerras. Teem êles os seus trabalhadores, que plantam cana e fabricam açúcar, tarefa até hoje negada aos nossos patrícios, por lhes faltar perícia de temperá-lo e de purgá-lo, embora sejam capacíssimos noutras artes. Entretanto, não toleram também os portugueses êsses afãs, ordenando-os aos negros, mais aptos para ser mandados do que para trabalhar. A maioria dos portugueses nos são infensos, mantendo-se quietos só pelo terror, mas, apresentando-se-lhes ensejo, mostram-se contra nós desaforados e descomedidos em palavras. Antepõem a sua vantagem à boa fama e à lealdade; ocultam contra nós a sua cobiça

e os seus ódios, e assim temos êsses inimigos dentro das nossas muralhas, no próprio coração das cidades e dos povoados.

*Índios livres.* Os brasileiros, povo antigo, indígenas e senhores do país, não se mesclam aos portugueses, mas vivem dêles segregados em suas aldeias, habitando casas cobertas de fôlhas, de forma oblonga (126), sem decência nem beleza. O mesmo teto abriga quarenta ou cincoenta dêles. Noite e dia conservam-se deitados em leitos suspensos à maneira de rêdes (chamam-lhes *hamacas* (127), sem nenhuma separação de paredes. Sem fazer caso de qualquer alfaia, exceto essas rêdes e copos de beber, a que dão o nome de *cabaças* (128), e uns potes de barro, julgam supérfluo possuir qualquer outro traste. Todo o seu apresto bélico são setas e arcos. Cada habitação tem ao redor seu mandiocal e seu feijoal. Êsses indígenas, quando não travam guerras, passam muito tempo na caça e maior ainda na ociosidade. Gostam menos dos frutos plantados que dos silvestres e nativos. Matam a fome sem manjares delicados (129), mas não mostram a mesma temperança quanto à sêde, porque para êles é menos vergonhoso atravessar o dia e a noite bebendo. De raízes de mandioca esmagadas nos dentes e dissolvidas na água preparam uma bebida, deixando-as azedar, e uma outra dos tubérculos da taioba (130), conforme a sazão do ano.

Vivem dia por dia, descuidosos do trabalho e solícitos sòmente com bebida e com os panos de que fazem para as mulheres camisas e para si uma vestimenta exterior. Não se importam com dinheiro, a não ser para comprarem vinho espanhol e aguardente (131). Alentados pela promessa e esperança destas cousas, suportam alegres quaisquer labores, e sem elas os toleram de mau grado e um tanto triste.

Põem à frente de cada uma de suas aldeias um chefe, mais para exemplo e admiração do que para mandar. Designam um principal para cada uma das casas, ao qual obedecem espontâneamente, aprendendo da natureza que não se pode reger uma multidão sem a concórdia entre governadores e governados (132). Além disso, a cada uma das aldeias preside um capitão holandês, que tem por ofício avisar dos trabalhos os preguiçosos e os tardos, e acautelar que não sejam fraudados da sua paga pelos senhores de engenho. Ajustam seus trabalhos por 20 dias seguidos, transcorridos os quais, dificilmente seriam persuadidos a novos, e não esperam o pagamento, mas, incrédulos de receber a soldada, exigem-na antes de executarem a sua tarefa. Daí resulta que, fugindo, enganam os senhores de engenho. As mais das vezes se ocupam em cortar madeira para uso

dos engenhos. Hoje, porém, pela escassez e carestia dos negros, são empregados também noutros afãs, e. não os sabendo, antes querem fugir pèrfidamente que fatigar-se com o trabalho. Muito inclinados à guerra, temem procurar com o suor o que preferem procurar com o sangue, não tendo nenhum escrúpulo de desertar de suas parcialidades e bandeiras. Sempre que se fazem levas nas aldeias, escapolem-se antes de ser intimados. Sujeitam-se com dificuldade à mesma disciplina dos nossos, recebendo sôldo menor. São terríveis para os inimigos, não tanto pela fôrça quanto pela fama de ferocidade. Perseguem acérrima e ferozmente aos fugitivos. A ninguém perdoam a vida.

*Zêlo do predicante Davílio para converter o gentio.*

Muito remissos em matéria de religião, aprenderam com os católicos as orações cristãs, a Oração Dominical e o Símbolo dos Apóstolos, ignorando tudo mais. O predicante Davílio, para instruir aquela gente ignorante nas cousas divinas, aprendeu-lhe a língua, fixou-se no meio de suas aldeias, ensinou a infância, arrancou-os ao paganismo com o santo batismo da Igreja Reformada e casou-os segundo o nosso rito. Atualmente, nas aldeias de Alagoas, Una, S. Miguel, Goiana, Paraíba e Rio Grande, poder-se-ão achar 1.923 homens idôneos para a guerra, sendo mais do triplo o número das mulheres. Dos homens poderão separar-se 1.000 para a milícia, deixando-se aos velhos o cuidado das famílias. É comum irem as mulheres com os maridos para a guerra, dispondo-se para a mesma sorte dêles, tanto de vida como de morte.

*Escravos.*

Dos escravos uns são índios, outros africanos e outros trazidos do Maranhão. Já antes compraram os portugueses escravos índios cativados pelos tapuias, ou reduziram à escravidão, por se terem aliado a nós, os que abandonara, na baía da Traïção, o almirante Balduíno Henrique. Todos foram já libertados. Os maranhenses comprados como escravos pelos portugueses aos seus cativadores, mantivemo-los no estado servil, por não lhes devermos nenhum benefício. A terceira classe de escravos são os africanos, dos quais são os angolas os mais trabalhadores. Os ardras, muito preguiçosos, teimosos e estúpidos, teem horror ao trabalho, com exceção de pouquíssimos, que são mais caros por tolerantíssimos do serviço. Os de Calabar teem pouco valor em razão de sua preguiça, estupidez e negligência. Os negros da Guiné, os da Serra Leoa e os do Cabo Verde são menos próprios para a escravidão, porém mais polidos, mostrando mais gôsto para a elegância e para os enfeites, principalmente as mulheres. Empregam-nos por isso os portugueses nos serviços domésticos. Os do Congo e do Sonho são os mais aptos para

os trabalhos, de sorte que é do interêsse da Companhia tomar em conta o tráfico dêstes, unindo-se por laços de amizade os condes do Congo e do Sonho (133).

*Produtos.*

Os produtos do Brasil são açúcar, madeiras tinturiais e outras de côres variadas, tabaco, couros de boi e doces. Desde que se pratique a respectiva cultura, é bastante fértil de algodão e da tinta côr de laranja que se chama orelana (134).

Deter-me-ei mais um pouco em referir o supra mencionado processo de fabricar-se o açúcar (135). No açúcar combinam-se admiràvelmente a natureza, a arte e o trabalho. A natureza, por benefício do solo e do céu, elabora um sumo oculto na cana, o qual se aperfeiçoa com várias operações.

*Como se planta e cultiva a cana de açúcar.*

Planta-se um canavial, metendo na terra pedaços de cana, e êle basta para produzir açúcar durante uma vida humana. Intercalam-se novas entre as mortas, a menos que uma sêca excessiva queime os campos, ou as águas estagnadas dos rios cortem-lhes as raízes com o frio. É necessário limpar o canavial, porque, não o fazendo, as canas ainda muito tenras ficam abafadas nas ervas e produzem um açúcar menos apreciável e de côr pior.

As canas cortadas levam-se em carros para os engenhos, onde depois de várias manipulações em compartimentos e vasilhas diversas, o açúcar se cristaliza em diversas formas e qualidades.

*Pau-brasil.*

O sertão do Brasil, a dez ou doze léguas da costa, produz pau-brasil, não em matas inteiras e cerradas, mas esparsamente, de mistura com outras árvores. Ocupam-se os negros em cortá-lo nas suas folgas e nas horas vagas. Tiram-lhe a casca mais grossa, que não é pròpriamente vermelha, mas branca, com três dedos de espessura, nodosa, áspera, nem leve, nem glabra. A árvore é frondosa, com folhas miúdas e muito agudas, verde-escuras, as quais pendem, umas após outras, de ramozinhos delgados. Diz-se que esta árvore não dá nem flor, nem fruto, de modo que é verissímil propagar-se pelas raízes.

A mercadoria mais cobiçada pelos índios é o pano de linho, não o de Ruão, mas o de Osnabrück; porquanto alguns mercadores, seduzidos pelos lucros que auferiram do linho de Ruão, importaram-no, assim como o de Steinfurt, em tal cópia que, pela sua afluência, não se podem vender a retalho. Os panos de côres não alteraram o seu valor, e êste é elevado. Manteem-se os preços antigos para o latão, estanho, vinhos, cerveja, azeite, manteiga, queijo, farinha, peixes secos, toucinho, presunto, carnes defumadas. E' menor o preço das salmoiras, favas, ervilhas e outros legumes.

Voltando aos habitantes do Brasil, acha-se o governador Nassau de boa saúde, com o ânimo firme e empenhado em promover as conveniências e vantagens da Companhia. Os conselheiros Matias Ceulen e Gisselingh, assim como o assessor Servácio Carpentier, tendo já prestado longos serviços, pedem demissão para que forçados a continuar nas suas funções, não se entibiem por cansaço, degenerando das virtudes antigas por desfalecimento da alma.

O Conselho de Justiça, até aquí constituído de nove membros, já se reduziu a sete por morte de Hogeveen e pela partida de I. Bodecker. Dêle estão fazendo parte Elias Herckman, Nono Olferd, Baltasar van der Voord, Pedro Mortemmer, Gisberto de Witt, Pedro Bass e Daniel Alberti. Olferd está à frente das terras do São Francisco e das Alagoas; Pedro Bass das de Pôrto Calvo e Serinhaém, Daniel Alberti e Mortemmer respectivamente da Paraíba e de Itamaracá, de maneira que alí nos achamos reduzidos a um triunvirato. Herckman e von der Voord, encarregado da Fazenda Pública e do pagamento da milícia, estão deviados da administração da justiça, sendo, pois, absolutamente necessários novos conselheiros e ministros judiciários para preencherem o novenvirato e ampararem a república com os conselhos dos magistrados (136). Nós vos indicamos para assumirem êsse lugar e dignidade o fiscal Jacó Alrich, o médico Guilherme Piso e Teodósio Kaiser (137), em favor dos quais falam a sua virtude, fidelidade e diligência.

*Membros do Conselho Político.*

No Recife administram o culto Frederico Vesselero, Pedro Lantman e Francisco Plante, pregador da côrte, varões conceituadíssimos assim pelas suas virtudes como pela sua ciência eclesiástica. Em Olinda e nas aldeias dos índios Joaquim Sollero e I. Polhemio falam ao povo nas línguas francesa e portuguesa, e em Itamaracá faz o mesmo Cornélio Poelio. Na Paraíba o inglês Samuel Rathelario começa a pregar para os holandeses. O predicador holandês Daví Dorislaer empreendeu falar aos índios, nas suas aldeias, usando a língua dêles e a portuguesa. No Cabo de Santo Agostinho desempenha essa função João Stetino e em Serinhaém João Eduardo. (138) Assim, os homens da nossa fé já pregam também a Cristo entre os gentios, apesar-de ser para êstes uma loucura (139), e participam daquela glória de espalharem nas terras estrangeiras a luz do Evangelho, glória que os católicos romanos reclamavam só para si. Estão privados de tais predicantes os moradores do Rio Grande, de Pôrto Calvo e do Penedo, que se contentam apenas com os consoladores de enfermos. Não é melhor a sorte dos habitantes do Cabo Santo Antônio, de Capiguaribe e Goiana,

*Predicantes mais notáveis.*

onde são muito numerosos os holandeses, a quem os portugueses, por isso mesmo, exprobam, como a irreligiosos e profanos, o descaso do culto.

*Papistas.* É libérrimo aos papistas o exercício de sua religião, ainda que não sem pesar e murmurações de alguns. Dos eclesiásticos uns são clérigos, outros frades. Clérigos chamo aos presbíteros e sacerdotes, que, sujeitos aos seus vigários, celebram missa e assistem aos enfermos.

*Clérigos.*

*Frades.* Os frades, segundo a ordem a que pertencem, distinguem-se em franciscanos, carmelitas e beneditinos. O maior número é o dos franciscanos. Vivem em seis conventos de belíssima arquitetura: o primeiro é o de Frederica; o segundo, o de Iguaraçú (140), o terceiro, o de Olinda; o quarto, o de Ipojuca; o quinto, o da ilha de Antônio Vaz, e o sexto, o de Serinhaém. Não possuem os franciscanos, nenhum bem de raiz, nenhuma casa, sustentando-se com as esmolas quotidianas que recebem.

*Conventos dos franciscanos.*

*Dos carmelitas.* Os conventos dos carmelitas são o da Paraíba, o de Frederica e o de Olinda. As obras dêste último, encetadas com magnificência e ainda não rematadas, acham-se interrompidas. Êles se manteem com os módicos réditos que tiram de testamentos, construção de casas e lavouras.

*Dos beneditinos.* Possuem os beneditinos dois mosteiros, um em Frederica e o outro em Olinda. Teem lavouras na Paraíba, sendo ricos de gados, casas e canaviais. A êles pertence o engenho chamado Masurepe em Pernambuco.

*Judeus.* A maioria dos judeus foram da Holanda para o Brasil. Alguns de nacionalidade portuguesa simularam a fé cristã sob o domínio do rei da Espanha. Agora, livres do rigor papista (141), associam-se abertamente aos judeus, sob um dominador mais indulgente, prova evidente de que, pelo terror, se provoca a hipocrisia e se criam adoradores da realeza, mas não de Deus. Ostentando com bastante audácia a sua religião e os seus ritos, queixando-se os papistas no reino alheio, clamando os nossos, sequazes da Reforma, que saíram da Pátria, onde se permitem as sinagogas, conservaram êles, depois de avisados pelos conselheiros, o culto de Moïsés e as cerimônias judaicas mais às ocultas (142).

É muito tênue a esperança de conversão dos papistas, pela sua inveterada opinião de verdade, a qual dificilmente se lhes arrancaria, pois julgam que devem guardar a religião e as cerimônias recebidas dos seus maiores e que seria abominável abandoná-las.

Temos só um predicante que pode falar-lhes em português, mas nem um só papista, que deseje ouví-lo. Obstinados pelos conselhos dos seus padres, a quem dão lucros, e presos pela superstição, fizeram-se surdos à voz dos nossos. Preferem as velharias retumbantes às novidades, e antes querem uma religião esplendorosa e ornada que uma menos brilhante e vistosa.

Poderíamos instilar na infância os nossos preceitos, antes de estarem os espíritos imbuídos de outras doutrinas; mas os próprios portugueses a instruem entre as paredes privadas e, com prematura solicitude, gravam nessas tabuinhas rasas os seus ensinamentos.

*Plantação de mandioca.*

O alimento dos naturais é farinha, frutos vários e hortaliças. Preparam aquela com as raízes da mandioca. Esta apresenta ramos de nove folhas alternas, semelhantes ao cinco-em-rama ou pentafilão, à maneira de dedos. Não dá flores nem sementes. O caule lenhoso deita varas lenhosas (143). Em montezinhos de terra de 3 ou 4 pés de diâmetro, metem-se três ou quatro pedaços destas varas (144), deixando-se fora da terra até o meio. Formam-se e distribuem-se êsses montinhos por espaçosíssimos campos. Estas varas lançam raízes debaixo do solo, das quais nascem e se multiplicam ramificações subterrâneas e radiciformes, da grossura de um braço e às vezes de um côvado de comprimento conforme a qualidade do terreno. As raízes que os holandeses chamam doces (145), pôsto de grossura diferente da mandioca, brotam, fora da terra, em 2 ou 3 rebentos, os quais, tornando-se lenhosos no oitavo, décimo ou duodécimo mês, servem de semente. A mandioca difere das nossas plantas só nisto: nada sai do fruto da mandioca para a sua propagação, e nas nossas o fruto é que gera as sementes, pelas quais se reproduzem. É a mandioca um alimento bastante forte e mais agradável do que o pão para os portugueses, índios e negros e até para os nossos soldados.

É imensa no Brasil a multidão dos animais silvestres e mansos (146).

*Para agrado do leitor, inseri, no relatório de Van der Dussen, esta enumeração mais extensa.*

*"Neste número, para referir poucos, entram PORCOS SELVAGENS (147), animais anfíbios e de carne saborosa e saüdavel. Caminhando com patas de comprimento desigual, pois às dianteiras são mais curtas que as traseiras, andam de vagar, e acossados pelos caçadores, mergulham, quando podem, nas águas próximas.*

*As ANTAS lembram mulas (148), mas teem porte menor. A bôca é mais estreita, o beiço inferior oblongo à semelhança de tuba, as orelhas redondas, a cauda curta e o resto do corpo de côr cinzenta. Fogem da luz e só de noite vagueiam em busca de ali-*

*mento. Em amanhecendo, escondem-se em tocas. A carne é quasi do mesmo sabor que a de vaca. Os animais chamados COTIAS (149) na língua de gentio são do tamanho de coelhos ou menores e quasi sem cauda. As maiores denominam-se PACAS (150), e pouco diferem dos gatos na cara, de pêlo pardo sarapintado de branco. São tidas entre os manjares delicados por causa da carne assaz deliciosa.*

*Há também os TATÚS (151), do tamanho de leitões, com o coiro como que revestido de escamas, parecendo uma coiraça. Dêle deixam sair a cabeça como tartarugas. A carne, grata ao paladar, reserva-se para os banquetes requintados.*

*Existe ainda no Brasil grande abundância de tigres terríveis para os indígenas pela ferocidade, que a fome exaspera, e pela agilidade.*

*Os SERIGUÊS (152), do porte de uma raposa, mostram na barriga uma cousa insólita e curiosa: dela pendem duas como bolsas, onde carregam os filhos agarrados às tetas com tão forte sucção que não as deixam, antes de poderem, já mais crescidos, correr para buscarem comida por si.*

*Merece também admirado o animal a que chamam os portugueses PREGUIÇA, por trepar às arvores e delas descer lentamente, o que fazem a custo em quatro dias (153).*

*É também raro o gênero dos TAMANDUÁS (154), parecidos com carneiro, focinho comprido e fino, unhas longas e largas. Alimentam-se de formigas (155), em cujos formigueiros, onde os descobrem, cavando com as unhas, metem a língua e a recolhem coberta de enxames de formigas que engolem. Teem como esquilos uma cauda comprida e coberta de sedas, e sob ela se encobrem, sem nada aparecer do resto do corpo (156).*

*Os JAGUARETÊS (157), onça em português, são tigres negros.*

*Os COATÁS (158), de côr arruivada e cauda longa, deitam um cheiro almiscarado. O TEIÚ (159), é um lagarto grande, de côres variegadas.*

*BOIGUAÇÚ (160), cobra muito grande e versicolor.*

*BOICININGA (161), em português cascavel, serpente venenosa, que avisa o homem da sua chegada com sua cauda bastante longa e com um chocalho. BOIOBÍ (162) ou cobra verde.*

*Os CORIGÕES são os serigués de que já se falou.*

*Das aves encontram-se as espécies seguintes:* Espécies de aves.

*O TUCANO (163), do tamanho da pêga, com o peito amarelo e o resto do corpo preto, o bico grande e longo, mas leve, aloirado por fora e vermelho por dentro. O GUARÁ (164), todo de um vermelho alegre. Os PIRETAGUARAS (165), que deleitam pelo verde extraordinário da plumagem. Os PAPAGAIOS, bastante conhecidos. A ARARA, de côr vermelha e azul. Chamam-lhe corvo do Brasil, e êle se avantaja no tamanho e na beleza às outras aves (166). O AVESTRUZ (167) AMERICANO, menor do que o africano.*

*Não são apenas êstes e outros animais selvagens que se encontram no Brasil; mas também lá se reproduzem com singular fecundidade manadas de gado miúdo e de cavalos, que outrora levaram os portugueses para lá (168). Acham-se cavalos do melhor sangue e do maior preço, que os angolenses compram em grande número (169). Há também densíssimos rebanhos de ovelhas. Possuem não poucos quinhentos touros ou vacas, e alguns mil, principalmente nos campos de PIRATININGA, onde as pastagens verdejam férteis e viçosas. E, incrível a quantidade dos porcos, cuja carne é de tal excelência que serve de remédio e alimento para os enfermos (170). E, sem número o número das galinhas (171), em razão do clima temperado. São àvidamente procuradas tanto pelos índios quanto pelos portugueses, e criam-se com grande cuidado. Produz a região gansos maiores e melhores que os da Europa (172). São as ovelhas de gordura pouco apreciada e para os nossos piores no gôsto (173).*

*O mar é piscosíssimo, e os rios são célebres pela variedade de peixes.*

*O ÔLHO-DE-BOI (174), peixe marinho, tem êste nome por ter os olhos semelhantes aos do boi. Com tal palavra costuma Homero designar Juno (175). Êste peixe iguala no tamanho os atuns da Espanha, e é tão gordo que os índios preparam da sua enxúndia um óleo semelhante à manteiga. Entre os peixes principais se inclue o CAMURUPÍ, de ótimo sabor, eriçado de espinhas, uma das quais traz levantada no dorso (176). O PIRAMBÁ ronca à maneira de quem ressona. Mede oito ou nove palmos de comprido, é muito apreciado e de agradabilíssimo sabor. Tem dentro da bôca duas pedrinhas, com cujo atrito esmói os moluscos de que se nutre. Os índios suspendem essas pedrinhas ao pescoço como colares (177). Encontra-se no Brasil larga cópia do BEJUPIRA (178), semelhante ao esturjão de Portugal. E' de forma*

*redonda, de dorso negro e ventre branco. Há também peixes conhecidos aos mares da Europa, como os chamados TAÍNHAS pelos portugueses, muito salutares contra mordedura de cobra, e vários gêneros de CARPAS, denominadas pelos portugueses PARGOS e SARGOS, espécie de sardas, e mais RAIAS, AGULHAS e outros.*

*São excelentes também os DOURADOS, a que chamam os índios GUARACAPEMAS (179).*

*O ARAGUAGUÁ é um peixe com o focinho armado de espada (180). GUAPERVA, enxarroco (181), também dito PEIXE-PORCO, inteiramente eriçado de espinhos.*

*O QUACACUJA, morcego aquático (182). NHANDUGUAÇÚ, aranha muito grande (183).*

*Há nas praias abundância de tartarugas de grande porte, que põem na areia ovos semelhantes aos de galinha, redondos, brancos, recobertos de casca resistente.*

*Os TUBARÕES (184) são os mais cruéis dos peixes, funestos a quem nada. Teem para companheiros uns peixes furta-côres, que os portugueses denominam ROMEIROS. Armam os índios as suas setas com os dentes dêles por serem muito agudos e letalmente venenosos.*

*Há também os PEIXES-VOADORES, nos quais é lindíssimo o brilho dos olhos, que fulguram como pedraria. As asas, tais quais as dos morcegos, são implumes e de côr prateada. Quando fogem do peixe inimigo, defendem-se voando fora da água e muitas vezes precipitam-se nos navios, o que é bom agoiro, segundo pensam os marujos (185). Acredita-se existir também nestas partes o torpedo, a quem chamam os índios PURAQUÊ, porque produz torpor nos membros, e, quando alguém nêle toca, ainda mesmo com um pau, fica-lhe o braço dormente (186). Matando-se, perde a peçonha e come-se.*

*Para outros "peixe-mulher".*

*Além disso, maravilham mais os Tritões, denominados pelos indígenas IPUPIARAS (187), visto como lembram em alguma cousa o semblante humano, mostrando as fêmeas uma cabeleira comprida e um aspecto mais gracioso. Vêem-se a sete ou oito léguas da Baía de Todos os Santos, bem como nas proximidades de Pôrto Seguro. Crê-se que matam os homens, apertando-os com o seu abraço, não de propósito, mas por afeto. Os cadáveres lançados à costa ficam mutilados nos olhos, no nariz e nas pontas dos dedos, tornando-se verissímel que fiquem assim com a sucção e mordedura dêsses monstros.*

*Nestes mares superabundam as sibas (188), cujo sangue é uma tinta preta, assim como as lulas (189) e grandes urtigas (190). É também vasta a cópia de ostras e de outros testáceos.*

*Os índios servem-se das conchas dos mexilhões como de colheres e facas (191). Os búzios e pentes (192) rivalizam na boniteza e deleitam os olhos.*

*Das aves marinhas umas são dignas de menção pelo alongamento do bico, outras pela cauda de forma bifurcada, umas tantas pelo mal da epilepsia, tais pela variedade das côres e algumas pela incapacidade de voarem.* *Aves marinhas.*

*Já foram levados para o Brasil melões, pepinos, granadas, figos, produzindo êstes duas e três vezes ao ano, sendo também a região abundante de várias frutas medicinais, de arroz, milho e muitas sortes de legumes.*

*As árvores mais notáveis próprias da terra são: a COPAÍBA (193), de cuja casca, cortada durante o estio, mana um líqüido de cheiro suavíssimo, a modo de bálsamo, o qual tem a maravilhosa propriedade de curar as feridas e tirar as cicatrizes. Vêem-se estas plantas esfoladas pelo atrito dos animais, que, ofendidos pelas cobras, procuram instintivamente êste rémedio da natureza.* *Árvores e outras plantas.*

*A CABUREIBA verte também fragrantíssimo bálsamo (194).*

*A ICICARIBA (195), que dá a goma elemí; a ITAIBA (196), cuja resina é chamada anime pelos portugueses, de cheiro muito agradável e de grande utilidade; o ANDÁ (197) que produz castanhas catárticas; a MUCUITAÍBA, em português PAU SANTO (198); ANHUIBAPEAPIJÁ, sassafrás (199); CAJUCATINGA ou cedro brasileiro (200); o ACAJÚ (201), a primeira árvore frutífera do Brasil: o JENIPAPO (202), com cujo suco se pintam os naturais. Acrescente-se a MANDIOCA, da qual já se fez menção acima, e além disso, as árvores chamadas SAPUCAIAS (203), em extremo altas. Produzem uns cálices duríssimos semelhantes a uma caixa, com a bôca voltada para a terra e cobertos com uma tampa por maravilhoso artifício da natureza. Nêles se conteem castanhas de bom sabor. Quando elas estão maduras, abrindo-se a tampa, caem e ministram alimento aos ávidos mortais. Seria, porém, longo enumerar estas e outras produções do Brasil".*

"Não faltam madeiras de construção, e estas resistentes e duradouras, próprias também para fabricação de navios e pouco penetráveis às águas. Carece o país todo de obreiros, de cordas de *Continua van der Dussen.*

cânhamo e de pez, mas não de cal e tijolo. Empregam os ferreiros carvão vegetal e não de pedra, que os nossos patrícios preferem. Fazem-se cabos de cascas de árvores para os usos navais, suprindo a indústria dos índios a falta do cânhamo.

*Fortificações.* Agora considerai a fôrça da milícia, a resistência, situação e número dos fortes, as esquadras e os outros meios de defesa do Brasil.

Recife é a principal sede do govêrno, do comércio e da guerra, e também rica dispenseira de armas, bastimentos e mercadorias. *No Recife.* Da banda que entesta com Olinda, tem diante de si dois baluartes em forma de obras cornutas, um de pedra, olhando para o mar e para o pôrto, o outro de terra, pondo para o rio. Une-os uma cortina que corre entre os dois, defendida por uma paliçada. No meio dela abre-se uma porta para dar passagem aos que saem de Recife ou nêle entram. O baluarte de pedra protege-se com sete peças de bronze; o de terra, provido de cinco peças de bronze e duas de ferro, serve para a segurança do interior da costa e do exterior do pôrto.

*Duas baterias.* Uma bastida solidíssima mune o Recife inteiro, em disposição conveniente para se jogar a artilharia. Erguem-se aí, junto da costa, duas baterias, uma próxima da casa da pólvora, debruçando-se sôbre o pôrto; a outra ainda mais vizinha, ambas munidas de canhões de bronze e de ferro. A dois tiros de mosquete do Recife, no caminho de Olinda, mesmo na costa, surge, num cimo *Forte de S. Jorge.* bastante alto, o Forte de S. Jorge, feito de pedra e resguardado por um bastião de mármore e assentando treze bôcas de fogo con-*Castelo do Mar.*tra a entrada do pôrto. Em frente do Castelo da Terra, vê-se o do Mar, de forma redonda, formidável por sete peças de bronze, destinadas à defensão do pôrto, da barra e do litoral. Ficam-lhe *Forte do Brum.* ao alcance o Recife, os fortes de S. Jorge e do Brum e o Reduto. Não longe do Forte de S. Jorge, avista-se o do Brum com quatro bastiões e sete peças de bronze, fechado, demais, com a sua esta-*Reduto de Madama Bruyne.*cada. A distância igual dêste, acha-se a Tôrre ou Reduto, que se orgulha com o nome de Madama Bruyne. Essa tôrre é também circundada por sua cêrca e protegida por dois canhões de bronze. Está-se atualmente trabalhando em restaurar o forte arruinado do sul para receber uma guarnição de 15 ou 20 homens, de modo que sirva de refúgio aos olindenses contra a soldadesca vagabunda e devastadora.

*Forte de Wardenburch.* O forte de Wardenburch jaz ao lado da terra firme, ao pé das salinas. Tinha outrora quatro pontas e agora é resguardado por

três bastiões, por não permitir a natureza viciosa do terreno pôr-se-lhe o quarto. Julgando-se fôsse acessível aos estratagemas dos inimigos, lançaram-se-lhe cortinas duplas e valos da banda por onde podiam entrar. Levantaram-se agora guaritas sôbre os três bastiões, mais elevadas que as trincheiras, colocando-se nelas peças de bronze para afugentar o adversário.

*II) Na Ilha de Antônio Vaz.*

O forte de Ernesto ergue-se na ilha de Antônio Vaz, ao ocidente do Recife. Tem três faces e é munido de um fôsso assaz largo, de paliçadas e bastiões. Com quatro bôcas de fogo, guarda êle o rio, as planícies da ilha e a vila de Antônio Vaz, que aí nasceu.

*Vilas de A. Vaz e Mauriciópole. Forte de Ernesto.*

Esta, aberta na parte fronteira ao forte de Ernesto, está, na parte restante que olha o continente, fechada por uma trincheira bastante elevada, a qual seria necessário prolongar-se até o forte de Frederico, em vista da escassez dos habitantes e da falta de casas. Assim Mauriciópole, encerrada entre o forte de Ernesto e o de Frederico, se arrecearia menos dos assaltos dos inimigos.

*Forte de Frederico Henrique.*

Neste último forte puseram-se cinco peças de bronze. Chama-se das Cinco Pontas em razão do número dos seus bastiões. Rodeia-o um fôsso bem largo, um parapeito com uma sebe, acrescentando-se, para resistência, duplo hornaveque, um maior, outro menor. Com oito canhões de bronze, defende da aproximação dos inimigos toda a praia, assim como êsses hornaveques.

*Quatro redutos.*

Demandando-se o sertão, veem-se na margem do rio Capibaribe quatro tôrres ou redutos, que premunem de longe o Recife, demorando o inimigo. Tendo-se arruïnado, ainda não se acham restauradas.

*Forte do Príncipe Guilherme.*

No rio dos Afogados, existe o forte do Príncipe Guilherme, notável pela altura das trincheiras, pela solidez, elegância e forma quadrada, garantido, além disso, por uma paliçada e um fôsso. Guarda, com seis canhões de bronze, a estrada da Várzea (esta palavra significa planície) e as estradas que levam ao sertão.

*III) Na ilha de Itamaracá. Forte de Orange.*

Defendem a ilha de Itamaracá os fortes seguintes: o de Orange, na bôca meridional do pôrto. Tem quatro bastiões e é cercado de uma estacada, por falta de água nos fossos. Está armado de 12 canhões, 6 de bronze e 6 de ferro.

*Vila de Schkoppe.*

Constitue a fortaleza da vila de Schkoppe (205) uma munição construída em redor de uma igreja e de uma bateria. Essa fortificação protege o pôrto, e uma tôrre de atalaia, ao norte, guarda a porta da vila. Na bateria acham-se montados onze canhões, dois de bronze e nove de ferro. Na bôca setentrional, há outra tôrre quadrada, que garante a entrada do canal (206) com três peças de ferro.

*IV) Na Paraíba. Fortes de Margarida e da Restinga.*

Defendem a Paraíba êstes fortes : o de Margarida, muito sólido por todo o gênero de fortificações, tendo fôsso, trincheira, parapeito, quatorze canhões de bronze e quarenta e dois de ferro ; o da Restinga, que se ergue na praia, com sua paliçada, com quatro peças de bronze e duas de ferro ; o de Santo Antônio do Norte, quasi sorvido pelo mar, e que se reduz a uma tôrre protegida por uma cêrca e sua artilharia. A Fredericópole serve de fortaleza o convento dos franciscanos, cingido de trincheira. Reforçam-no meias-luas, fossos, estacadas e dez bôcas de fogo. Também aí existe uma tôrre para segurança do pôrto.

*De Santo Antônio.*

*Fredericópole.*

*V) Na capitania do Rio Grande. Forte de Ceulen.*

No Rio Grande o forte de Ceulen está a cavaleiro do mar, muito bem amparado pela sua posição e construção, e por dez canhões de bronze e dezeseis de ferro.

*VI) No Cabo de Santo Agostinho. Forte de van der Dussen e fortim de Domburg.*

São êsses os forte do Brasil setentrional. Ao sul do Recife nota-se, em primeiro lugar, o de Van der Dussen, no Cabo de Santo Agostinho, o qual defende o pôrto com seis bocas de fogo. Diante dêle estende-se o fortim de Domburg contra os assaltos súbitos dos inimigos. Na entrada da barra, ao sopé do monte, há uma bateria de mármore (207), com três canhões e muito conveniente para impedir a aproximação das naus. É aberta pelo lado de trás e não se poderá fechar por aí por causa dos morros bastante elevados e de uma e outra banda, dos quais está muito próxima.

*VII) Em Pôrto Calvo. Forte de S. Boaventura.*

Guardamos Pôrto Calvo com um forte que tem nome de bom agoiro — *Boaventura*. Assentado no cume de um alcantil, a quarenta pés de altura, é resguardado por fossos, bastidas e coiraça e tem sete canhões de bronze, um de ferro e dois pedreiros (208).

*VIII) No Rio de São Francisco. Forte de Maurício.*

O forte de Maurício presidia a passagem do rio de São Francisco, e está construído num morro alto e inclinado, a 5 ou 6 léguas do Oceano, na margem do norte. Dá acesso apenas de um lado. Poderoso pelos seus cinco bastiões e sete peças de metal, domina a planície circunjacente, submersa, durante os meses estivos, nas águas estagnantes.

*Inventário dos armamentos existentes nos arsenais.*

É o seguinte o inventário do restante material bélico existente nos arsenais : 67.000 libras de pólvora, 50 mosquetes, 60.000 libras de balas de chumbo, 36.000 libras de morrões, 200 bandólas, 12 clavinas, para uso da cavalaria, 5.000 pederneiras, 40 espingardas, para uso dos soldados navais, 16 sabres, 8 alabardas, 199 machados para cavaleiros, 1.400 machadinhas de mão, 100 foices roçadeiras, 80 carretas de terra, 3 trancas para portas, 40 escopetas, 1.600 balas de canhão, 10.350 de diversos pesos, 50 machadinhas, 110 serras de vários feitios, 10 verrumas. Estamos care-

cendo de outros utensílios militares, quais sejam mosquetes e bombardas mais compridas, lanças alfanges, trombetas, tambores, enxadas, machados grandes, martelos, fôrmas para fundir balas de chumbo, pranchas, material para açacalar espadas, limas, pregos de tôda a sorte, etc. Tudo isso, tantas vezes reclamado, enganou a nossa expectativa, e nisto está a causa de se verem, aquí e alí, fortes arruïnados e as fortificações prejudicadas.

*Falta de vitualhas.*

É maior a penúria de mantimentos, de modo que deixei aos meus o receio de fome certíssima, se não lhes acudirdes prontamente. Por mandado vosso, gastou-se certa quantia, de acôrdo com o respectivo pôsto, com o sustento de cada um dos que estão ao serviço da Companhia; mas, enviadas provisões assaz escassas, não se puderam fazer mais essas distribuïções, tendo sido, pois, necessário despender o dinheiro resultante do tráfico dos negros e dos rendimentos dos engenhos.

Chegando-se, assim, à última extremidade, por falta dêsse dinheiro, sem numerário nas arcas do tesouro e sem comestíveis nos armazéns, ordenou-se severamente aos naturais, sob pena capital, que transportassem para a cidade farinha e gado suficientes para alimentar os cidadãos e a soldadesca das guarnições, dando-se-lhes vales, resgatáveis depois por dinheiro (209). Destarte, a necessidade afasta a necessidade, e a fome tirânica arranca ordens rigorosas. Disse por alto com quantos danos esta míngua de víveres onerou o tesouro da Companhia, cujas rendas anuais, procedentes dos impostos e tributos, só a fome devorou, ficando as fortalezas, expostas ao maior perigo, pois, no meio de tal carestia, estávamos impossibilitados de velar-lhes pela defesa. Certo devemos atribuir a salvação pública mais à negligência do adversário do que ao nosso zêlo, porquanto não perdura a coragem do soldado, enfraquecendo-se-lhe o corpo, nem se lhe arrancam das mãos as armas com arma tão forte quanto a fome. Queremos em vão sejam homens aqueles a quem não permitimos viver na condição de homens.

Engana-vos a persuasão da prosperidade doméstica, pois esta não é bastante para tamanha multidão. Enganam-vos as remessas de comestíveis feitas por mercadores, as quais costumam vender-se a retalho por preços altos, nos engenhos e nos lugares do sertão.

*Recenseamento do exército.*

Dos corpos militares, uns se acham guarnecendo as praças, outros estão distribuídos pelas aldeias, por causa de mais fácil alimentação, por ser incerto o ponto da costa onde lançará ferro a armada espanhola e também para defenderem das irrupções dos inimigos as nossas fronteiras. No forte de Maurício, às margens

do São Francisco, acham-se acantonados 540 homens de armas, sob suas respectivas bandeiras e comandantes ; em Alagoas, 293 ; em Camaragibe e Pôrto Calvo, 480 ; em Serinhaém, 750 ; em Ipojuca, 75 ; no engenho de Panterra, 79 ; em Santo Antônio do Cabo, 240 ; no forte de Vander Dussen, 170 ; no território de Santo Amaro, 170 ; em Muribeca, 175 ; na aldeia de S. Lourenço, 422 ; no forte do Príncipe Guilherme, no rio dos Afogados, 263 ; no forte de Frederico Henrique, 230 ; na ilha de Antônio Vaz, o corpo da guarda do Conde ; no forte de Ernesto, 180 ; no Recife, 277 ; no forte do Brum, 125 ; em Olinda, 193 ; em Iguaraçú, 93 ; no forte de Orange, 182 ; em Goiana, 165 ; em Fredericópole, 101 ; no forte de Margarida, 360 ; no de Ceulen, 82. Desde a minha partida, juntaram-se a estas fôrças 150 homens enviados como tropas suplementares, da Zelândia e 66 da Holanda Setentrional, de modo que o total dos soldados no Brasil é de 6.180. Das fôrças tiraram-se 40 soldados para a defesa do Ceará. Providas e munidas as fortalezas com esta gente de armas, não resta mais nenhuma, quer para acometer o inimigo, quer para com cruzeiros defender da armada espanhola as costas do Brasil. Se uma calamidade fatal não houvesse diminuído esta armada, estaríamos certamente expostos à violência dos inimigos, porquanto, no tempo que passou ela diante de Pernambuco e entrou na Baía, não tínhamos ainda êste contigente, por ter sido feito o acréscimo com à chegada do regimento de Artichofski. O adversário dispunha de 3.000 homens que, havia pouco, trouxera da Espanha. Demais, conscreveram-se 700 na Baía, aos quais se deviam juntar 2.000 à ordem de Bagnuolo e mais 1.000 brasileiros. Além disso, tinha o inimigo esperanças de que 2.000 dos que habitavam entre nós, quebrando a sua fidelidade, se bandeassem com os espanhóis. Não estávamos de certo em proporção com essas fôrças para contrapormos a elas, fôsse como fôsse, a nossa audácia, retirando e raspando de tôda a parte os soldados (210). Como na guerra se costuma, aumentamos com a mentira o número dos nossos para comprimirmos as tentativas de sedição, caso se tencionasse planear alguma, e para aterrarmos o inimigo com o estrépito da fama, com o qual param as guerras. Entretanto, desde que chegaram os contrários à Baía, nada fizeram digno de tanto aparato. Sòmente mandaram os capitães Vidal e Magalhães, com pequeno destacamento, às aldeias dos brasileiros, espalhando cartas, nas quais gabavam o Conde da Tôrre, governador da Baía de Todos os Santos e procuravam enfraquecer os ânimos crédulos de alguns dos nossos

súditos. Ainda agora erram pelas cercanias da Várzea e de Muribeca, e com dificuldade se podem apanhar, pois seguem de dia caminhos ocultos e de noite os mais conhecidos. Teem um só intento: extorquirem dinheiro aos senhores de engenhos, saquearem quanto encontram e despojarem das armas os nossos soldados vagueantes. Asseveram, porém, ser-lhes vedado incendiar os canaviais e fazer devastações. Também rodam por tôda a parte, não sujeitos a nenhum laço de fidelidade ao rei e sem sôldo dêle, salteadores negros e mulatos, que causam aos habitantes do campo grandes, danos, conhecendo esconderijos e sabendo escapulir-se.

*Recenseamento das naus.*

Os registros dão os nomes de nossas naus grandes e pequenas contidas nos portos, baías e costas do Brasil, assim como o número dos tripulantes.

Para serem duradouras e segurança do Brasil, a utilidade da Companhia e a honra da República, far-se-ia mister mandarem-se, sem demora, naus e marinheiros, armas e mantimentos, soldados e roupas. Tudo isso é preciso para se firmarem as possessões. Nada temos, carecemos de tudo, e sem tais adminículos não se pode esperar vitória nem na terra, nem do mar. Inermes, somos tímidos; armados, somos assaz audazes.

A escrituração informa qual o dinheiro devido e quanto se despendeu com os oficiais e empregados (211).

Esperamos a safra dêste ano muito mais copiosa que a do passado.

*Reclamação sôbre o mau aparelhamento dos navios.*

Vou inserir nas minhas reclamações mais esta: muitas naus avariadas e desconjuntadas, já não suportam o mar; as que mandastes, apenas chegaram, requeriam abastecimento, o qual deveriam levar mais farto as recentemente despachadas da Holanda; outras, por falta de tripulantes, tiveram necessidade dos nossos soldados para os trabalhos náuticos.

*Soldados mal vestidos.*

Ainda não disse tudo: os soldados andam mal vestidos, cobrindo apenas a desnudez. Conquanto não nos causem horror, e não os desejemos ungidos de perfumes, todavia os quiséramos vestidos mais decentemente, porquanto êles ganham coragem não só com armas adequadas, mas também com o trato e alinho do corpo. Portanto seria do decoro e interêsse da Companhia que ela própria desse com largueza roupas e confortos desta espécie, porque, não sem lucro, seria fácil descontar nos soldos os preços respectivos. E não consentiriam isto de mau grado os filhos de Marte, porque, recebendo integral e constatemente a sua paga, não saberiam haver-se com tamanha ventura e gastariam, sem proveito,

o seu dinheiro nas tavernas e nas demasias, esperdiçando o tempo e a boa fortuna, ou então, vencendo a pobreza, segundo creem, desejariam voltar para junto dos seus na pátria.

*Sôbre a Baía.* Sabemos que a Baía é de tôda as cousas a mais hostil, tal qual uma unha doente num corpo sadio. Ela domina a terra com saqueadores e o mar com os seus navios, o que lhe é fácil em razão dos portos e baías acessíveis a ela em tôda a parte. Por conseqüência, ficando de pé esta Cartago, não havemos de ter nenhum descanso de guerrear. Precisamos de pôr êste remate a tantos triunfos; cumpre aos aliados expugnar êste antro de Caco (212) e êste valhacouto de vagabundos. Nisto estará o ápice e o principal de todos os labores nossos. Aquêles, porém, que vão tomar esta emprêsa necessitam de valiosos auxílios, pois aos guerreiros não ajudam sòmente os benefícios da fortuna, mas também as suas próprias mãos e a sua própria fôrça. A expugnação da Baía requer um exército de 5.000 homens, provadamente denodados e peritos na arte militar. Aconselharia eu que se recrutassem na Holanda e se remetessem para o Brasil, convenientemente armados, afim de serem a êles reünidos os conhecedores da milícia e dos lugares do país. Mas, para podermos espalhar também o terror pelo mar afora, desejaria 18 naus grossas e outras tantas ligeiras, esquipadas de gente e de armas. Quereria que estivessem nas costas do Brasil em começos do outono, afim de que, nos meses de março e de abril, durante os quais ficam em descanso os acampamentos por causa das chuvas continuadas, ou transportassem elas açúcar para a Holanda ou corressem fortuna no Ocidente, obrando alguma façanha assinalada. Carecemos ainda de embarcações menores, lanchas,

*Navios menores.* botes, patachos, para carregar e descarregar as grandes. As desta sorte estragaram-se no curso de tantos anos, desconjuntando-se, quebrando-se e afundando-se por acidente.

*Tesouro.* É tal a inópia do tesouro que, se não se lhe acudir prontamente com numerário, é de temer que faça banca-rôta. Os senhores de engenho recusam vender açúcar a não ser à vista, com receio de que, chegando a armada espanhola, tenham de emigrar os compradores holandeses, invalidando-se, assim, os títulos de dívida" (213).

Êsse é o teor do relatório escrito que van der Dussen, homem atilado e resoluto, apresentou aos Estados Gerais, ao Príncipe de Orange e ao Conselho dos Dezenove.

Antes, porém, de referir as grandes armadas e as célebres batalhas navais que conturbaram os mares, apraz-me deliciar o

leitor, expondo assunto mais ameno, a exemplo daqueles que, nas mesas dos banquetes, interpoem a carne de carneiro entre as veações, e os doces e confeitos entre as iguarias mais pesadas.

Tiveram outrora e ainda teem os mais eminentes príncipes e capitães o zêlo não sòmente de aumentar a sua glória com guerras e ínclitos feitos contra o inimigo, mas também de iterromper, com um ócio honroso, os tempos das guerras para estadearem a sua magnificência em construções grandiosas. Isso fez Nassau. Repartindo o seu govêrno entre tantos negócios de pêso, quis ocupar-se primeiro em construir um palácio para si e depois duas pontes, aquele mais para uso seu e estas para utilidade pública.

É injusto para os superiores quem recusa o alívio dos trabalhos e os regalos àqueles que, pelo brilho de sua dignidade e pela grandeza de sua estirpe, se elevam acima da condição vulgar, e principalmente o bem estar que se procura com uma habitação mais faustuosa, com a amenidade dos vergéis, e com a variada beleza das árvores, das hervas e dos quadros artísticos.

Teve Roma arquitetos, teve agricultores que venceram o mundo, conservando uma das mãos nas lavouras e nas granjas e a outra nos arraiais e nas trincheiras. Refiro-me aos Cúrios (214) e Augustos, aos Fabrícios (215) e Luculos (216), aos Pompeus (217) e Marcelos (218).

E de fato, o esplendor dos edifícios, tanto entre os concidadãos na pátria, como entre estrangeiros, mòrmente inimigos, costuma dar aparência de poder, segundo afirma Alcibíades em Tucídides. *TUCIDIDES, L. 10.*

Nada vale engrandecer uma dignidade com um edifício, se se busca tôda a dignidade só com o edifício, pois convém que êle se honre mais com o dono que êste com êle. Do contrário, fazem os donos que se hajam de ver antes as pedras, os mármores, as estátuas, as tapeçarias e tudo o mais do que a êles mesmos, e para êles já não brilham as riquezas como honra, mas como opróbrio.

*Nassau faz um parque na ilha de Antônio Vaz.*

Havia na chamada Ilha de Antônio Vaz (tal era o nome do antigo possuïdor) ampla área de terreno, entre o forte de Ernesto e a das Três Pontas (219), situada entre o Capibaribe (sua denominação deriva das capivaras, porcos anfíbios, cuja caça é freqüente neste rio) (220) e o Beberibe. Era uma planície sáfara, inculta, despida de arvoredo e arbustos, que, por estar desaproveitada, cobria-se de mato. Na margem ulterior do Capibaribe, erguia-se uma colina que, em tempos de guerra, havia de prejudicar a cidade, porquanto, não entrincheirada dessa banda, ficava acessível aos danos feitos pelos inimigos. Mais de uma vez sugeria o Conde

ao Supremo Conselho ligar por um valo os dois referidos fortes para se pôr a coberto aquela área, mas não logrou persuadí-lo em razão das vultosas despesas. Recear estas, quando há proveito, na verdade é próprio dos econômicos e dos mercadores, não, porém, dos que fundam possessões num território estrangeiro.

*Realizaram-se estas obras NO ANO DE 1639 e seguintes.*

Não obstante, ao Conde aprouve furtar aos olhos aquele terreno desnudo, sombreando-o com uma plantação de árvores, não só para não ficar exposto às ofensas do inimigo, mas ainda para os cidadãos e soldados, durante as quadras ásperas, delas tirarem o alimento e o refrigério dos frutos, encontrando também alí os habitantes um abrigo seguro. Realmente, houve uma ocasião em que, não se podendo entrar no Recife por causa do rio, trezentos cidadãos, passando além dêste para colherem laranjas, foram quasi exterminados, e aprenderam tardiamente a necessidade de seu abastecimento doméstico. Por conseguinte, Nassau, para não pesar ao tesouro e para prover ao bem público, adquiriu a sua custa aquele terreno, transformando-o num lugar ameno e útil tanto à sua saúde e segurança como à dos seus.

Cansado dos negócios públicos, deleitava-se então o Conde com os ócios (221) alí gozados. Nesta rusticação passava o exímio General as horas vagas, entregando-se à contemplação da Natureza, sempre que não lhe fôsse dado ocupar-se da República, e cuidando da guerra nesta mansão da paz, depois que cessava o estrépito das batalhas.

Marcharam as obras pròsperamente e, concluídas, causavam prazer e admiração a quem as contemplava.

Também o imperador Diocleciano (222) dava-se a esta mesma recreação, partindo êle próprio os canteiros e dedicando-se à jardinagem e arboricultura.

O Conde, edificando, teve o cuidado de atender à salubridade, procurando o sossêgo e obtendo a segurança do lugar, sem descurar também da amenidade dos hortos. De fato, observou-se tal ordem no distribuir as árvores que, de todos os lados, ficavam os vergéis protegidos pelos fortes e por treze baterias.

Surgiam, em lindos renques, 700 coqueiros, êstes mais altos, aqueles mais baixos, elevando uns o caule a 50 pés, outros a 40, outros a 30, antes de atingirem a separação das palmas. Sendo opinião geral que não se poderiam êles transplantar, mandou o Conde buscá-los a distância de três ou quatro milhas, em carros de quatro rodas, desarraïgando-os com jeito e transportando-os para a

ilha, em pontões lançados através dos rios. Acolheu a terra amiga as mudas, transplantadas não só com trabalho, mas também com engenho, e tal fecundidade comunicou àquelas árvores anosas, que, contra a expectativa de todos, logo no primeiro ano do transplante, elas, em maravilhosa avidez de produzir, deram frutos copiosíssimos. Já eram septuagenárias e octogenárias e por isso diminuíram a fé do antigo provérbio : "árvores velhas não são de mudar". Foi cousa extraordinária ter cada uma delas dado frutos que valiam oito rixdales (223). Depois do coqueiral, havia um lugar destinado a 252 laranjeiras, além de 600, que, reünidas graciosamente umas às outras, serviam de cêrca e deliciavam os sentidos com a côr, o sabor e o perfume dos frutos. Havia 58 pés de limões grandes, 80 de limões doces, 80 romanzeiras e 66 figueiras. Além destas, viam-se árvores desconhecidas em nossa terra (224): mamoeiros, jenipapeiros, mangabeiras (225), cabaceiras, cajueiros, uvalheiras (226), palmeiras. pitangueiras (227), romeiras, araticuns jamacarús (228), pacobeiras ou bananeiras. Viam-se ainda tamarindeiros, castanheiros, tamareiros ou cariotas, vinhas carregadas de três em três meses, hervas, arbustos, legumes, plantas rasteiras, ornamentais e medicinais. É tal a natureza das ditas árvores que, durante o ano inteiro, ostentam flores, frutos maduros junto com os verdes, como se uma só e mesma árvore estivesse vivendo, em várias de suas partes, a puerícia, a adolescência e a virilidade, ao mesmo tempo herbescente, adolescente e adulta.

Alegre Nassau com êste bom êxito de sua plantação, com esta benignidade da natureza, pois aquele arvoredo já ocultava o Recife inteiro a quem o olhasse de longe, pôs a mira no prazer de edificar ali o palácio e a residência do governador. *Palácio de FRIBURGO.*

Os heróis e os imperantes comprazem-se em habitar em mansões condignas, e em distinguir-se da multidão, não só na dignidade, senão também no modo de viver e na habitação. A casa que lhe haviam destinado os diretores da Companhia ameaçava ruína e não permitia reparos decentes sem grandes gastos.

O palácio por êle construído (chama-se *Friburgo*, isto é, cidadela da liberdade) tem duas tôrres elevadas, surgindo do meio do parque, visíveis desde o mar, a uma distância de seis a sete milhas, e servem de faróis aos navegantes. Uma delas, tendo no tôpo uma lanterna e jorrando sua luz nos olhos dos nautas, atrai-lhes a vista para si e para o forte da costa, indicando-lhes a entrada segura e certa do pôrto. De cima delas descortinam-se, de um *Distingue-se por duas tôrres.*

lado, as planícies do continente e, de outro, a vastidão dos mares, com os navios aparecendo desde longe. Idôneas para atalaia e para se vigiarem de dia os salteadores, ainda por esta serventia merecem o gabar-se-lhes a beleza e necessidade. Diante do palácio e como surgindo do Beberibe, estende-se uma bateria tôda de mármore, que comporta dez peças para segurança do rio. Não deixarei de dizer também que no parque existem poços distantes dos rios três varas das nossas ou pouco mais. Rodeados de águas salgadas, abastecem os moradores com abundância de águas doces, ou porque a grande firmeza do solo não permite que penetrem as águas salgadas, ou porque estas, filtrando-se através da terra, perdem a salsugem, ou porque êstes poços brotam de lençol mais profundo que o leito dos dois rios. São êles de grandíssima utilidade, porque não se podem buscar fora águas doces em razão de estarem rodeadas de inimigos. Entretanto, o que é mais de admirar é encontrarem-se no sertão, já bem longe do litoral, poços de água salgada.

Contém êsse mesmo parque três piscinas amplíssimas, providas de todo o gênero de peixes, confôrto valiosíssimo para a população, quando falta mantimento. No primeiro trimestre após serem cavados êsses viveiros, foi tão copiosa a pescaria, que três lanchas mal bastavam para o transporte dos peixes, além daqueles que a liberalidade do Conde cedeu aos soldados. Há outros viveiros ainda nos limites do parque, mesmo no rio, fechados por cêrcas, os quais fornecem larga cópia de peixe, na maré ascendente. Mais de uma vez já aconteceu que uma só pesca rendeu aos donos cem florins, lucro bastante avultado.

Ainda hoje pompeia, em seu esplendor, o palácio de Friburgo, protegendo a ilha de Antônio Vaz e deleitando os cidadãos, como perene monumento da grandeza nassóvia no outro hemisfério. É certamente admirável quanto estas construções e edifícios abalaram a confiança que tinham os portugueses, aumentando a dos nossos, que teem boa opinião da estabilidade dessas nossas conquistas, por verem Nassau engrandecê-las com tamanhas despesas e feitas do seu bolso. Só os desesperados, com efeito, largam mão do interêsse público, deixando perder-se por negligência a República, que presumem ligada à sua sorte dêles e digna por isso de se perder. Aqueles que o mêdo inspirado pela chegada da esquadra espanhola havia abatido, cobraram ânimo com as edificações de Nassau, a quem acima de todos importava não sofresse o Brasil dano algum. O povo aplicou-se por isso mais ativamente à cons-

trução de engenhos e à plantação de cana e de mandioca, porque o Governador reacendia a esperança de todos e de modo algum desesperava da República. Portanto, a êle, como outrora a República Romana a Varrão, deve-lhe agradecimentos também a nossa.

Funda o Conde a cidade de Mauricia, dando-lhe o seu nome.

Ligou o Conde, por uma trincheira, a ilha de Antônio Vaz com o forte das Cinco Pontas ou de Frederico. Águas estagnadas e moitas de arbustos davam aspecto desagradável a todo êsse espaço. Ultrapassava, pois, a credibilidade humana que se pudesse fundar ali uma cidade. Agora, porém, acreditamos, pelo testemunho dos nossos próprios olhos, tê-la erigido a diligência de Nassau, dotado de engenho e audácia para tentar, com sua arte e trabalho, ainda mesmo o que proïbira a natureza.

Repartida em ruas, praças e canais, como as cidades, com belos edifícios, dotada de armazéns de mercadorias, já tem habitantes. Foi-lhe dado o nome de Mauriciópole pela pública autoridade do Supremo Conselho, dos escultetos e dos escabinos. Também Alexandria, Constantinopla e Colônia tomaram sua denominação respectivamente de Alexandre, Constantino e de Agripina (229). Levantado um templo bastante decente na nova cidade, pela liberalidade da Companhia, do Conde e de particulares, consagraram-se a Deus, num movimento piedoso, os primórdios de Mauriciópole, os corações e a fortuna do povo.

Esta cidade e Friburgo pregoam, aquém do Capibaribe, a magnificência do Conde, como também o palácio da *Boavista*, assim chamado por causa da amenidade do seu sítio, pois em nenhuma outra parte encontrava Maurício prazer, quando descansava e sempre que convinha. Aí meditou êle planos de grandes tentames.

Constrói duas pontes.

Além disso, construiu duas pontes, uma sobre o Beberibe, entre Recife e Maurícia, a outra entre esta e o continente, sôbre o Capibaribe. Em verdade, não diferimos dos antigos na arte militar : César nas Gálias lançou duas pontes sôbre o Arar (230) e na Germânia uma sôbre o Reno, e o imperador Trajano outra sôbre o Danúbio.

O que determinou a construção destas pontes foi o seguinte : sob o domínio do rei de Espanha, governando o Brasil Albuquerque (231), discutiu-se muitas vezes se convinha abandonar-se Olinda, distante do pôrto e do acesso ao mar, transferindo-se os seus moradores para o Recife e para a ilha de Antônio Vaz. Para êste fim, seria de grande vantagem unir-se a ilha ao Recife, por se julgarem êstes lugares inexpugnáveis por causa dos rios que os cercam e da vizinhança do Oceano. Ficou, porém, suspenso, sem

nenhum resultado, êsse projeto, ou porque se temia, por imperícia da engenharia militar ou da arte das fortificações, encetar tão importante cometimento, ou porque se sentissem pesarosos os que se enlevavam com a amenidade de Olinda. Desaconselhavam isto os portugueses, a quem parecia irrealizável esta ligação das terras, em razão da violência do rio e da maré. Foram-lhes da opinião mestres de obras assaz peritos, que se mandaram vir da Espanha. Desde que começaram, porém, a senhorear o Brasil os holandeses, subjugadores das terras e das águas, aprouve escolher-se o Recife e a Ilha de Antônio Vaz para sede do govêrno. Como que condenada pelo destino, arruïnou-se a formosa Olinda, mostrando-se chorosa. As casas, os conventos e as igrejas, derribados, não pelo furor da guerra, mas de propósito, lagrimavam com a própria ruïna. Não parecia sacrilégio aos nossos essa demolição, como o foram os furores dos foceus contra o templo de Delfos (232), mas uma mudança de religião, admirando-se embora os bárbaros e os papistas de que admitissem tais profanações espíritos cultivados, instruídos nas normas mais elevadas e tão persuadidos do culto divino. Os holandeses, ao contrário, convencidos de que todo o lugar é igualmente sagrado e idôneo para se adorar a Deus, julgavam que não cometiam nenhuma impiedade, mas praticavam um ato de inteligência, desejando dar maior segurança à nova cidade e ao seu culto. Não queriam injuriar a Deus, (para longe tal cousa), mas sim que fôsse adorado de modo mais seguro e proveitoso. Sendo nós, porém, homens e capazes de comover-nos com o belo, não podiam deixar de lamentar a assolação da cidade aflita aqueles mesmos que a devastavam, pondo por terra o tôpo das igrejas e dos edifícios públicos e privados, que, feridos pelos raios do sol vespertino, apresentavam sugestivo aspecto (233). E se a gente agora visse Olinda, juraria que contemplava, jazendo em seu local desolado, Pérgamo (234), as ruínas de Cartago ou de Persépolis (235).

*Destruïção de Olinda.*

Assim o caráter tumultuoso da guerra ou o seu furor não deixa estável e duradoura nenhuma das cousas humanas, de sorte que nem ainda mesmo as pedras, os capitólios e os templos, que para o céu se erguem, logram sua perpetuïdade e quietação.

*Das ruinas de Olinda nasce Mauriciópole.*

Transportou cada um para o Recife os restos e os entulhos vendíveis da cidade demolida, aproveitando os materiais em novas edificações para que, desaparecendo a mãe — Olinda —, lhe sobrevivesse das ruínas, embora com outro aspecto, a sua filha — *Mauriciópole*.

Não faltaram razões aos conselheiros da destruïção de Olinda, tais como poder ela tornar-se um valhacouto de inimigos e exigir, para a sua defesa, soldadesca numerosa e entrincheiramentos. Ao contrário, soem a piedade e a humanidade poupar as cousas que não dispõem de muitas fôrças para fazer guerra. Com acêrto diz Políbio ser de raivosos o destruir aquilo que, destruído nem abate os inimigos, nem traz vantagens aos destruïdores. L. V.

E Cícero, na segunda Verrina (236), louva a Marcelo por ter poupado todos os edifícios públicos e privados, sagrados e profanos de Siracusa, como se lá fôra com um exército não para expugná-los, mas para defendê-los. Em reverência da religião, era familiar aos gregos e romanos conservar intactos os templos dos deuses. Com quanto maior razão se deve exigir isto de cristãos, pôsto que dissidentes do sentir, das opiniões e do culto dos maiores. Assim como é grato aos vencidos ver a inteireza dos lugares onde costumavam honrar a seu Deus, assim também é decoroso aos vencedores livrar do furor o que pertence a Deus.

Conhecendo o inimigo as vantagens que o pôrto e os rios conferiam ao Recife e à Ilha de Antônio Vaz, antes atacara aquele com um estratagema, sabendo que, à conta do rio que corre entre êle e a dita ilha, não seria possível mandarem-se-lhe desta socorros, mòrmente na vazante da maré. Tendo passado além da costa e dos baluartes, já estava prestes a cair de improviso sôbre os incautos, se por acaso um marinheiro, tomando um pau aceso na ponta, não desse fogo a um canhão contra os atacantes; que, tendo, com o estrondo, suas linhas em desordem, se puseram em fuga.

*Razões que induziram ligar-se a ilha ao Recife.*

Maurício, depois de ter muitas vezes examinado os portos e os inúmeros lugares do Brasil abordáveis e defensáveis, julgou que êste sítio bastava sòzinho para a sua própria defesa e que era capaz de se tornar, sem grandes obras, inacessível e inexpugnável. E para isso, aconselhou a ligação da ilha ao Recife por meio de uma ponte, facilitando o transporte do açúcar para a ilha, pois êste só se podia fazer durante o refluxo da maré e não sem dano, porque amiúde eram os carregamentos atingidos pela água e pelos respingos das ondas. Além disso, a passagem mediante barcos era perigosa, tendo êles mais de uma vez sossobrado, já pelo pêso e o excesso das cargas, já pelo açoite dos ventos. E em muitas ocasiões, foi preciso desistir-se de atravessar por causa do mar proceloso, da barra alvorotada pelos temporais ou da violência da maré. O que Nassau contìnuamente alvitrara por fim persuadiu, e resolveu-se lançar a ponte sôbre o rio.

*Nassau liga o Recife à Ilha.*

Empreitou o Conselho a construção dela por 240.000 florins. O construtor, iniciando o serviço e apertando com diligência o trabalho dos seus operários, depois de ter levantado alguns pilares de pedra, chegara ao leito da corrente, onde é maior a profundidade, calculada em onze pés geométricos ainda na baixa-mar. Perdendo, pois, a confiança em si e na sua arte, desesperava de executar a obra. Confessou que pode mais a natureza que a arte, não devendo as pessoas prudentes tentar o impossível; que só com o auxílio divino se poderia consumar aquela tentativa; que se teria de levantar a alvenaria desde o fundo à maior altura, não dando descanso o curso impetuoso do rio, nem tão pouco o Oceano, o qual se embraveceria com tanto maior violência quanto mais estreitamente se apertasse; que o Beberibe, rápido em excesso, arrebatado, às vezes crescido com grande massa de chuvas, removia para longe as margens, e onde era mais estreito se mostrava mais feroz e vorticoso.

De certo, cumpria ao construtor considerar tudo isto antes. Para suspender a obra usaram de descrédito aqueles que receavam e com razão, que, concluída a ponte, muitos mudariam do Recife para a ilha, por mais aprazível, baixando os preços das casas. Além disso cartas queixosas de alguns holandeses davam o Conde como o instigador daquela obra, baldando-se, em detrimento público, um trabalho tão dispendioso. Diziam que tinham sido sorvido pelas águas, num esfôrço inútil, 100.000 florins, e que o serviço interrompido, a ponte suspensa pela metade e os pilares exprobravam os que haviam empreendido tantas cousas vãs. Assim pareciam queixar-se, não sem visos de razão, aqueles que, acostumados com os cálculos particulares, se afizeram a medir pela mesma bitola as cousas úteis e as dignas do comando supremo.

Ignoram que é diversa a condição dos príncipes, cujo objetivo precípuo deve ser alcançarem fama. Julgando Maurício que importava à sua honra terminar o que tomara a peito e que era de um caráter fraco desesperar do interêsse geral pela desesperança de um só, meteu ombro à emprêsa, e, reünindo material de todos os lados e à sua custa, principiou a estear o resto da ponte, não em pedras, mas em madeira. Cortaram-se árvores nas matas, e das árvores se tiraram traves, com 40 a 50 pés de comprimento, impermeáveis à água pela dureza. Quis Nassau que fôssem elas as estacas e botaréus da ponte, cravando-se no fundo, com o auxílio de martelões, até doze pés, umas verticais, outras oblíquas, para obedecerem à correnteza.

A energia do Conde estimulou a dos operários, e não quiseram parecer preguiçosos, uma vez que êle os exortava e animava, determinando em pessoa para cada um a sua tarefa, e com tal critério que uns não estorvassem aos outros. Com dois meses de trabalho, concluiu-se a ponte tôda, em extensão de muitas varas de dez pés, dando ela caminho a peões, cavaleiros e carros. Assim nada é difícil aos audazes, ajudando a pertinácia à indústria, a esta o esfôrço e a êste uma liberdade fácil e larga.

Rematada a obra com admiração de todos, declarou o Conde ao Conselho os motivos do seu ato, figurando entre os primeiros e mais ponderosos as censuras de alguns, na Holanda, os quais lhe lançavam em rosto as despesas crescidas e inúteis. Dizia que era mister satisfazer êle esta culpa, porquanto não empreendera aquela construção temeràriamente, mas levado pelas razões mais relevantes. Já aprovavam os conselheiros, diante do êxito alcançado, aquilo mesmo que, antes de acabar-se, tinham reprovado (pois sói acontecer isto com os grandes cometimentos), e pediram fôsse aquela ponte do domínio público e pertencente à Companhia. O Conde aquiesceu sem dificuldade, mas com a condição de que o rendimento do primeiro dia coubesse aos pobres. E foi de fato tamanha a freqüência dos que, por amor da novidade, iam e vinham aquele dia, que o dinheiro recolhido montou a 620 florins. O tributo anual foi vendido por 28.000 florins. Os cidadãos pagavam de portagem 2 stuivers (237), os soldados e os escravos 1, os cavaleiros 4 e os carros de boi 7 cada um. A passagem do rio em barcas, que, antes da chegada de Nassau, rendia ao Tesouro apenas 600 florins, cresceu a tal ponto no valor que ainda antes de se coucluir a ponte, ascendeu a 6.000 florins mais. Certo, com esta renda mais opima, podiam resgatar-se as despesas feitas com a tentativa de nova ponte. Resistindo isto à inveja e à calúnia, abateram-se, em benefício da Companhia, 112.000 florins, no pagamento da construção, o qual, pelo contrato, era de 240.000. Com efeito, tendo-se gastado 100.000 florins na parte apoiada sôbre os pilares de pedra, e sòmente 28.000 na que o Conde fez de madeira, lucrou a Companhia o restante do primeiro pagamento, isto é, 112.000 florins.

*Constrói Nassau outra ponte, comunicando a ilha de Antônio Vaz com o Continente.*

Não se cansou Nassau de ser útil à Companhia, mas, de infatigável atividade, mandou construir, para aumentar os rendimentos da ponte do Beberibe, uma outra no sítio onde se atravessa o Capibaribe, afim de que, num ir e vir contínuo e desembaraçado, transitassem os habitantes do continente para a ilha e desta para o Recife. Construiu-a em seu terreno, por êle comprado à Companhia, e

muniu-a de marachões para que as águas transbordadas dos rios ou o Oceano entumecido nos plenilúnios e novilúnios não detivessem o caminheiro. Apressando-se as obras, ficou ela terminada dentro de sete semanas. As estacas, apertadas com cintas de pau e enterradas profundamente por meio de martelões, eram de bibaraba (238), madeira imputrescível de perpétua duração. O comprimento da ponte é de 86 varas geométricas. Fica-lhe sobranceiro o palácio da Boa Vista, muito aprazível alegrado também por jardins e piscinas. O Conde edificou em terreno seu e à propria custa.

*Edifica o Palácio da BOA VISTA.*

Quantos o contemplavam, punham em segunda plana as quintas de Baías na Campânia e as de Luculo no Lácio (239). Dizia-se que a mãe Natureza apresentava alí todos os encantos que aprazem aos mortais e todos os atrativos de uma vida mais tranqüila. Em nenhuma outra parte encontravam os mais ocupados prazeres iguais aos dalí. Naquele remanso, descansava Nassau, rodeado pela vista das suas construções e longe da pátria e das terras de tantos condes e príncipes seus parentes, gozando da felicidade que achara no ultramar. Contemplava astros nunca vistos pela sua Alemanha; admirava a constância de um clima dulcíssimo e mostrava aversão à intempérie da zona temperada onde vivera (240); olhava o rosto adusto dos índios e dos negros; mirava armas e habitações diferentes. Via Coridões e Filis (241) de narizes chatos, lábios grossos, mamas pendentes, conduzindo armentos e rebanhos diversos dos europeus. Outros gêneros de aves, outros gêneros de peixes abasteciam-lhe as mesas, quando jantava. Dalí passeava os olhos por aqueles mares, que dominava com as suas frotas, e pelas terras que sujeitava com a sua autoridade, com as suas armas e leis. Meditava alí na guerra contra a Baía, nos castigos dos depredadores, no terror que incutiria à armada, quando chegasse, e nos descansos e vantagens que proporcionaria aos seus. Alí temperava com prudentes alvitres as ordens da Companhia. Enfim, meditando, encerrava dentro do âmbito da Boa Vista o múltiplo benefício do céu, da terra e do ar, a República, o inimigo, os índios, os holandeses, as conveniências e proveitos das Províncias Unidas.

Nesta Ilha de Antônio Vaz existia não só o palácio, mas também o Museu do Conde, para o qual traziam as naus vindas da Índia Oriental ou da Ocidental, da África e de outras regiões, animais exóticos, plantas, alfaias dos bárbaros, trajes e armas, para espectáculo mais deleitoso e raro proporcionado ao Conde.

As construções sumptuosas causam amiúde a ruína dos potentados, e as obras feitas insensatamente tornam inúteis as somas com elas despendidas. Entretanto, a Boa Vista, edificada não só para recreio, senão ainda para defesa da ilha e de Mauricíopole, eleva-se próxima da ponte do Capibaribe, aterrando com descargas de mosquetaria, lançadas das guaritas, o inimigo que se aproximasse.

*O Conde, por causa da chegada da frota espanhola, cuida em tôda a parte das fortificações.*

Após a partida de Artichofski, Nassau, livre das questões domésticas, que lhe respeitavam principalmente como particular, repartia seus desvelos por terra e por mar, e julgava que, em tôda a parte, se devia olhar para as fortalezas da costa e do interior, de prevenção contra a súbita chegada da esquadra espanhola, que se demorava na Baía de Todos os Santos, afim de não desembarcar o inimigo em parte alguma, caindo improvisamente sôbre os holandeses desapercebidos. Êle próprio, dirigindo-se à Paraíba, mandou restaurar as fortificações arruïnadas, providenciando cuidadosamente todo o necessário à defensão desta província. Muniu o forte de Margarida com uma paliçada, por estarem secos os fossos, que as areias trazidas pelas enxurradas haviam enchido. Cercou também com uma paliçada semelhante o forte da Restinga, fronteiro ao pôrto. Reduziu, porém, o forte de Santo Antônio do norte (242) a uma tôrre de vigia, refazendo-lhe o parapeito e provendo-o de três peças contra os opugnantes. Na Ilha de Antônio Vaz levantaram-se três baterias no hornaveque. Protegeu Maurício também o forte de Orange, na ilha de Itamaracá, cingindo-o de estacada, e o mesmo fez com o de Ernesto e o de Frederico na Ilha de Antônio Vaz, com o do Príncipe Guilherme nos Afogados, todos por falta de água nos fossos, e com a própria frente do Recife. Igual tarefa executou Herckmann no Cabo de Santo Agostinho, onde está o forte de Van der Dussen, e o coronel Koin em Pôrto Calvo, onde chuvas violentas e tempestades haviam danificado o forte de Boa Ventura, fazendo-o ruir em mais de um lugar. Restaurou-se também a fortificação ao sul de Olinda, para não ficar a cidade aberta aos salteadores, depois de retirada a guarnição.

*Insidia naus inimigas.*

Por tôda a parte levantaram-se tropas, ordenando-as sob novos capitães, tenente e alferes, afim de não faltarem aos soldados chefes para mandá-los, e aos chefes soldados bem disciplinados para obedecer-lhes. Enviaram-se algumas naus para insidiarem as naus inimigas que se acreditava transportarem mantimentos do Rio da Prata e do Rio de Janeiro. Para não sentirem os nossos penúria de bastimentos, proïbiu-se a exportação de carnes salgadas, touci-

nho, manteiga, queijo, peixes secos, farinha, azeite e vinho da Espanha. Os demais gêneros alimentícios foram concedidos aos habitantes de engenhos para sustento dos trabalhadores.

*Exorta os chefes índios à guerra.*

Nassau, convocando de tôda a parte os chefes indígenas, convidou-os, num discurso adequado ao intento, a se associarem à guerra : *"Tratava-se agora da salvação de todos : uma vingança igual atemorizava o bárbaro e o holandês, o natural e o estrangeiro, êste por causa de velhas inimizades, aquele à conta da sua defecção e dos auxílios prestados aos batavos. Esperassem do espanhol não um pouquinho de agradecimento, mas o seu exício certo, e assim aprenderiam que não se ofendem impunemente os reis. Para escarmento deveriam ser castigados aqueles que, desprezando o soberano, tinham ajudado com as armas ao inimigo. Ser-lhes-ia salutar a desconfiança, e perniciosa a esperança do perdão. Sendo mortais, deviam preferir entregar-se ao destino comum da humanidade a serem para sempre escravos. Importava-lhes à fama,* dizia êle, *que, naquela conjuntura duvidosa, o escutassem confiantes e firmes. Conquanto numa expressão rude, fôssem chamados bárbaros pelos europeus, todavia não se mostrassem bárbaros na fidelidade, obediência e préstimo. Salvassem aqueles por quem sabiam que seriam salvos. Unindo os seus esforços, lançassem-se à glória e colhessem, entre os seus e entre os estranhos, antes o louvor de ter defendido do que de ter traído a Pátria. Já experimentei as vossas armas e a vossa bravura,* terminou Nassau, *afeita à nossa milícia, quando foi preciso expugnar os fortes de Pôrto Calvo (243) e do Ceará e quando se teve de expulsar Bagnuolo no ataque contra São Salvador. Dai a elas constância e perpetuidade. Para dizer tudo, ou agora tem de ser expulso do litoral o inimigo, ou será destruída a República e a felicidade de cada um".*

Animados por essas palavras, os chefes indígenas prometeram, unânimemente, que estariam em armas e que haviam de combater com Maurício, expondo-se aos mesmos riscos, e indo aonde estivesse a voz e a salvação do general.

O Conde aprovou-lhes e agradeceu-lhes a resposta generosa e cordata, distribuindo presentes com cada um dêles.

*Recenseamento dos cidadãos.*

Foram recenseados em tôdas as províncias todos os cidadãos que habitavam os campos, holandeses, alemães, franceses e ingleses. Deram-se-lhes comandantes de várias patentes — coronéis, tenentes-coronéis, sargentos-mores e comandantes de cavalaria, permitindo-se aos mesmos a escolha dos oficiais inferiores. Os conscritos do Recife ficaram às ordens do coronel Carpentier, afim de

se ter, em casos imprevistos, uma fôrça armada ao alcance. Nos campos comandava os recrutas, no pôsto de coronel, Gaspar van Nyhoven. Se bem não recebessem sôldo, era fácil convocá-los apenas mediante ordem escrita. Capitaneava um esquadrão de cavalaria Jacó Stackhower, assim como João Winand em Itamaracá, Isaac Razir na Paraíba e João Blar em Serinhaém.

Êsses esquadrões, não obstante dividirem-se em diversas companhias, tinham cada um número menor de soldados. Mas eram necessários os exageros entre indivíduos irrequietos que espiavam as ocasiões para se levantarem. Nêles nasce o mêdo ou a confiança, conforme a conta das fôrças ou segundo o maior ou menor terror que inspiramos.

*Recrutas portugueses.*

Ordenou-se aos conscritos que ficassem à disposição dos seus comandantes e que, exigindo-o as circunstâncias, estivessem a postos. Foram também alistados, em suas comarcas e freguesias, jovens portugueses (pois a juventude é ousada nos próprios perigos e inclinada para tôdas as novidades e incertezas). Nomearam-se fiscais para velarem com diligência que não se fizessem conciliábulos e que, sem permissão sua, não se transpusessem as respectivas fronteiras. Prouve também aos diretores que pela fidelidade e disciplina dos jovens portugueses respondessem seus pais ou qualquer cidadão conceituado. Ativamente cuidou ainda Maurício do abastecimento de farinha de mandioca, que é no país o sustento mais comum.

A todos e a cada um dos senhores de engenho foi imposta por um edito a obrigação de plantar mandioca e a quantidade em que deviam fazê-lo, cominando-se para os desobedientes pena de destêrro, de cárcere ou pecuniária. Muitas vezes, faltando o mantimento vindo da Europa, remediou a mandioca à míngua dêle. Entretanto, quanto mais necessária se tornava, tanto menor era a sua abundância. Assim, em mais de uma ocasião, deliberou Nassau sôbre os meios de se obter para a soldadesca das guarnições quantidade suficiente dela. Os naturais não se preocupavam de plantá-la além do necessário para cada família, por essa incúria fatal dos homens, que só buscam os remédios, quando apertam os perigos.

*Leis sôbre abastecimento elaboradas por Nassau. De que modo se pode ter abundância de farinha ou de mandioca.*

Aprendera Nassau, havia muito, que, nas cogitações de um general, antes das armas estão as vitualhas : quem destas carece é vencido sem ferro. Por isso, elogia Lívio a Quinto Fábio Máximo (244), porque, tendo-se chegado à extrema míngua e vendo-se Roma solícita pela carestia do mantimento, *"foi êle tal, durante a*

*paz, na distribuïção dos víveres, providenciando, adquirindo, transportando trigo, qual fôra em muitas ocasiões durante a guerra"*. Lera com quanta solicitude se dedicaram os tribunos às leis anonárias e os imperadores romanos à repartição do trigo pelo povo (245).

Portanto, ouvindo o parecer de outros sôbre este assunto, baixou as seguintes determinações concernentes à distribuïção da farinha :

"I. Em cada comarca, dever-se-á arrolar a extensão de terra que cada um possue, afim de se fixar para o proprietário a obrigação de plantar mandioca, proporcionalmente a essa extensão".

"II. Ninguém será isento desta obrigação".

"III. Ao proprietário será permitido repartir esta cultura, entre vários lavradores, ainda mesmo empregando militares, ou confiá-la a quem quiser".

"IV. Anualmente aprovarão os escabinos, cada um em sua comarca, esta repartição dos trabalhos".

"V. Faça cada um a referida plantação e forneça a farinha fixada pelo escabino".

"VI. Será perpétua e invariável essa medida, ainda mesmo vendidas as terras".

"VII. Ficarão, porém, isentas dêste onus as terras estéreis e deshabitadas, pois não há intensão de se exigirem dos súditos serviços gravosos".

"VIII. Se, pela ausência do proprietário, parecer iníqua a exigência da cultura da mandioca e do preparo da farinha, tomarão êste cuidado os escabinos, ordenando-lhe a execução a rendeiros".

"IX. Trimestralmente, em Março, Julho, Setembro e Dezembro, entregará cada um a respectiva medida de farinha".

"X. Duas vezes por ano, em Janeiro e Julho, taxará o Supremo Conselho o preço da farinha, e comprà-la-á a dinheiro à vista".

"XI. Cada produtor a transportará para o lugar que lhe fôr designado nas comarcas respectivas".

"XII. Os agentes do fisco pagarão as despesas do transporte".

"XIII. O Supremo Conselho exigirá, não do rendeiro das terras, mas do próprio dono, a medida de farinha a que está obrigado. Se êle não o fizer, o Conselho suprirá a falta com farinha de trigo, tirando-se o preço dos bens do proprietário ou condenando o contumaz à prisão".

"XIV. Caberá o mesmo direito ao dono contra o seu rendeiro, mas só na qualidade de querelante, e não na de juiz".

"XV. Cada proprietário terá de declarar ao Supremo Conselho, antes do fim de Janeiro, a quantidade de mandioca que é obrigado a plantar e a medida de farinha que lhe compete fornecer, para saber ao certo o Conselho qual a provisão de mantimentos para o exército".

"XVI. Feita a distribuïção do trabalho do plantio, as câmaras chamando os donos de terras, indicar-lhes-ão a medida de farinha exigida de cada um pela autoridade pública, medida que passará invariável e perpétua a filhos e netos".

XVII. Será tudo isso lançado em registros públicos, afim de que dêles constem as obrigações prestadas ou não por cada um e as penas nas quais houver incorrido".

Tendo rememorado os trabalhos e cuidados de Nassau, recordemos também as honras que mereceu.

*Homenagens rendidas a Nassau pelos pernambucanos.*

O Senado da Câmara de Pernambuco, por ser o primeiro dentre tôdas as câmaras das províncias, na dignidade, população, poder e comércio, conferiu solenemente a Nassau o título de Patrono, pela singular proteção por êle dispensada ao Brasil e à gente portuguesa, pelo aprêço que mostrava àquela corporação e aos cidadãos, pela sua honrosa atuação na paz e na guerra e pelo fulgidíssimo nome da casa de Nassau. Significavam com tal título que reconheciam o governador por Pai, Defensor e Salvador da Pátria, por cujo patrocínio eram garantidos, tanto no Brasil como na Holanda, os interêsses e bens dêles. Nesta manifestação pública, prendiam-se inequìvocamente ao governador por laços de fidelidade e de obediência e pelo compromisso de todos os serviços, e o Governador se obrigava a êles pelo amor, zêlo e benevolência. Diziam que era costume dos espanhóis darem louvores públicos aos capitães beneméritos e que iam pedir por carta aos Estados Gerais e ao Príncipe de Orange a ratificação daquele título. Nassau, sem fazer cabedal daquela gloríola, a êle dada pela adulação de uns e pela afeição de outros, e para não parecer desdenhar com fastio as simpatias de seus súditos, respondeu-lhes que tais homenagens o advertiam do seu dever. Com aquêle título não se tornava êle mais eminente e sim mais afável para os seus e mais fovorável a êles. Na pátria ou fora dela, velaria sempre pelo bem estar e pelos interêsses dêles, preferindo ser Patrono pelo seu próprio esfôrço a ser vangloriosamente proclamado tal pelos seus.

*O inimigo atravessa o S. Francisco. É Doncker mandado contra êle.*

No mês de Julho mil e duzentos inimigos atravessaram o rio de São Francisco em demanda de Alagoas. Para detê-los chamou-se apressadamente o coronel dos índios Doncker, que, escolhendo trezentos dêstes, marchou contra os contrários e sustou-lhes o ataque.

*Portugueses acusados de traïção.*

Quasi por êste mesmo tempo, foram conduzidos para Olinda pelo escul̦teto Luberg alguns alagoanos suspeitados de crime de alta traïção, a saber: Gabriel Soares, Francisco Vaz, Gonçalo Fernandes, Rui de Sousa, Simão Fernando, Pedro Marques, Domingos Pinto e Antônio Brasileiro. Processados perante o Conselho de Justiça, foram condenados os cabeças da conjuração, Soares e Vaz, aquele ao confisco da terça parte dos bens e a dez anos de prisão, êste ao confisco da metade dos bens e a vinte anos de prisão no forte de Ceulen.

*Os mamelucos são filhos dos apóstatas da fé cristã, quais os tem o palácio do sultão da Turquia.*

Como o inimigo talasse impunemente o nosso território com bandos não grandes, formados de negros e mamalucos, prouve ao Conde armar uma companhia de gente da mesma raça e condição, para que, com a semelhança dos costumes e dos crimes e com o conhecimento dos caminhos e esconderijos, se pudessem colher às mãos os campanhistas, vencidos por indivíduos exercitados no mesmo sistema de guerrear.

*Combate naval.*

Em princípios de Setembro, quatro naus holandesas, denominadas o Sol, o Cisne, os Campeões e o Arco-Iris, bordejando nas proximidades da Baía de Todos os Santos, pelejaram, renhidamente e com supremo esfôrço, contra dois galeões espanhóis e duas naus menores, que se preparavam para dali sair. Foi tal a investida dos nossos que os vasos inimigos foram coagidos a retroceder, e os nossos a desistirem de acossá-los, receando as costas e os baixios.

Algum tempo depois, anunciou-se haverem zarpado da Baía dezoito ou vinte naus grossas com algumas menores. Por isso, dois patachos mandados por Nassau em reconhecimento informaram que o grosso da armada tinha partido da Baía, ficando no pôrto sete navios grandes, além dos pequenos. Do tôpo dos seus mastros pendiam os galhardetes das almirantas para, com êste sinal, fingirem a presença delas e da capitânia.

*Diligência de Nassau para descobrir a armada espanhola.*

Entretanto, a noite escuríssima permitiu à armada espanhola furtar-se aos navios holandeses, que, após uma busca inútil de três dias, rumaram diretamente e rota batida para o Recife, na suposição de ter o inimigo aproado a algum ponto do nosso litoral. Mas por ordens súbitas de Nassau, para quem tôda a defesa estava na energia e na pressa, foram elas destacadas para diversas partes

da costa, Olinda, Cabo de Santo Agostinho, Santo Aleixo, Rio Formoso, Pôrto Calvo, Alagoas, Itamaracá e Paraíba, pondo-se ao pairo, atentas em descobrirem a armada. Não sendo ela avistada, voltou o Almirante ao Recife para juntar a si outras naus e ir mais forte contra o adversário. Logo foi o Conde informado por prisioneiros baianos de que a frota espanhola, tendo-se feito ao mar a 15 de Setembro, voltara para a Baía, depois de assegurar a alguns navios mercantes a navegação para a Espanha e de conduzir para o Morro de S. Paulo (246) dois galeões que reclamavam concertos. Diziam que das praças do Rio de Janeiro tinham sido enviados socorros e muitos bastimentos, esperando-se também do Rio da Prata algumas naus e de Portugal novas tropas, e que assim, estava prestes a cair sôbre nós tôda a violência da guerra, vindo os portugueses recobrar as suas perdas.

É, pois, tempo de levarmos para o largo tôda a armada espanhola, apercebida para restaurar o Brasil e destroçar os holandeses. O rei de Espanha, com efeito, julgava seria morosa a guerra feita no Brasil com expedições terrestres, organizadas de quando em quando, não se ressarcindo os prejuízos públicos com incêndios alternados de fazendas, engenhos e casas, que são danos de particulares. Por isso, aprestando poderosíssima armada, semelhante àquela comandada pelo duque de Medina Sidônia, com a qual outrora, no reinado de Isabel, atacara Filipe II a Inglaterra (247), determinou acometer o litoral do Brasil sujeito aos holandeses e, em vez de enfraquecê-los com uma luta arrastada e lenta, esmagá-los como sob uma alude guerreira, reünindo as fôrças de terra e mar.

Nesse intento, não havia muito ajuntara, nos portos da Espanha, Portugal, Galiza e Biscaia, elevado número dos maiores vasos para tentar fortuna no mar. Havia a esperança de que, destroçada e vencida a esquadra holandesa, se franqueariam todos os portos brasileiros e seria fácil recuperar-se a terra, vedando-se a nós a entrada nas baías e costas.

Eram as naus da armada espanhola de estupendo porte, formidandas pela artilharia e pelo efetivo de soldados e marinheiros. Chamavam-se galeões, cujo costado são pranchas emalhetadas, numa espessura de cinco palmos e mais, quasi impenetráveis às balas de canhões de vários calibres. Transportavam uns 800, outros 600, quais 500 homnes, tanto de peleja, como de mar. Passando junto ao litoral de Pernambuco e da Paraíba, entraram na Baía de Todos os Santos e lançaram ferro a 16 de Janeiro de 1639. Eram muitos mil marinheiros, de várias nacionalidades, — espa-

*Descrição da armada espanhola.*

nhóis, portugueses, biscainhos, bretões, holandeses — recrutados no norte e até na Europa inteira. Nem era de achar na Espanha tantos entendidos de mareação. Havia condes, príncipes, cavaleiros, pertencentes à flor da nobreza espanhola, alegres de se lhes deparar ensejo de provarem ao seu rei, como alguma luzida façanha, a sua fidelidade. Quasi ninguém tinha dúvida de se subjugar e recuperar o Brasil Holandês. Diziam, com efeito, que os batavos, lutando com falta de soldados e de mantimentos, em vão sustentariam o embate de tantos veteranos, afamados já em várias campanhas e em várias expedições navais.

Durante o ano inteiro permaneceram as naus ociosas nas estâncias, sem tentar nenhuma hostilidade. A causa desta demora era a espera de tropas suplementares mandadas vir do Rio de Janeiro e de outros lugares, por terem morrido na travessia três mil homens, atacados de peste junto à chamada costa do Cabo Verde, na África.

*Interceptam-se cartas dos espanhóis.*

Neste entrementes o nosso Almirante, andando ao pairo junto à Baía com dezoito naus, apresou um transporte carregado de açúcar e interceptou maços de cartas escritas pelo Conde da Tôrre, capitão general da armada, e por altas patentes do exército espanhol. Elas inteiraram Nassau das condições dos inimigos, do poder da frota, dos contratempos por êles sofridos e dos planos do rei. Informavam que tôda a armada constava de 46 naus, sendo 26 os galeões; que contara 5.000 homens de armas, tendo perecido 3.000 na viagem pelo ar pestilento da África, e que os demais, levados enfermos para a Baía de Todos os Santos, definhavam e morriam. Continham entre as instruções do rei que, apenas chegasse a armada ao Brasil, fôssem logo desembarcados os soldados nas vizinhanças de Olinda, fechando-se todo o mar para os holandeses e cruzando alguns navios o Oceano para insidiarem as embarcações vindas da Holanda.

Havia entre os holandeses do Brasil tal penúria de mantimento e de petrechos bélicos que, se os reveses do mar e a malignidade dos ares não tivessem assolado a armada, e se Deus, a nós propício, não lhe tivesse frustado os planos, seria lamentável e próximo da ruína o estado da Companhia.

O inimigo, entretanto, aplicava-se sem descanso a reparar a frota, alistava com a maior diligência os íncolas aptos para a milícia, procurava refôrços por tôda a parte, e fortalecia os soldados enfermos, calculando que em Agôsto seguinte, feita junção com as tropas de Bagnuolo, desembarcaria no continente 5.000 homens

para a invasão do nosso território, deixando 2.000 nas naus. Haviam-no, além disso, convencido de que dois ou três mil portugueses, residentes entre nós, intentavam rebelar-se, o que de modo algum se julgava sem fundamento, por ter essa gente pouca firmeza e honradez e odiar muito aos holandeses.

Nassau, porém, reputava pouco temíveis todos aqueles aprestos, à conta da extrema falta de provisões com que lutava também a Baía, porque, consumidas elas durante a longa travessia, não bastava a região para sustentar tão grande multidão. Tinha o adversário esperanças de obter farinha por intermédio dos moradores do Rio de Janeiro e do Rio da Prata, aguardando, demais, da Espanha e das Ilhas Ocidentais, 2.000 homens de refôrço. Firmando com tais apercebimentos, ameaçava os holandeses como que com o seu dia derradeiro.

*Comandantes da armada espanhola.*

Nas listas encontradas figuravam os seguintes comandantes e militares : D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Tôrre, capitão-general de terra e mar, João de la Vega, almirante de Castela, que comandava 16 galeões, fora as naus sujeitas à jurisdição do rei (248); Rodrigo Lobo, almirante de Portugal, tendo às ordens 10 galeões, exceto os vasos diretamente subordinados ao mando real ; o Conde Bagnuolo, mestre de campo general ; Francisco de Moura, coronel de cavalaria ; Antônio Rodrigo, tenente-coronel de cavalaria ; Nuno de Melo, Tiago Pires de Lucena, Francisco Pezaram de Castro, comandantes dos esquadrões ; Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos, general de artilharia ; Paulo Nuno, tenente-general de artilharia. Davam ainda as listas os nomes dos seguintes coronéis : Urbano de Unada, que comandava 1.000 soldados ; Fernando da Silveira, 1.100 ; Luiz Barbalho, 1.500 ; Manuel Mascarenhas, 800 ; Fernando de Laduenga, 500 ; Heitor de la Calce, 160. Eram os seguintes os tenentes-coronéis : Alonso Ximenes, Pedro Corco de Somona e Martinho Ferreira. Eram êstes os sargentos-mores : Antônio de Freitas, Francisco Duarte, Paulo Bagnuolo, João de Araujo, Pedro Martins e Paulo de Parada.

Contavam-se 900 soldados naturais do país, 600 índios às ordens de Camarão e 400 negros capitaneados por Henrique Dias. Tinham-se, além disso, nas naus, 2.000 homens de reserva, não incluindo os que, por amor do rei, tomavam armas sem receber sôldo, como o Conde de Castelo Melhor.

Em grande inferioridade, não armava Nassau mais de 3.000 guerreiros, pela deficiência dos batalhões, das levas e das vitualhas.

E se não houvera sido apresada uma nau inimiga transportando farinha, desde muito teriam sucumbido os holandeses, levados às extremidades da fome. Entretanto, por bondade de Deus, acudiu-se de certo modo àquela inópia, pois já não restavam mantimentos.

Pelas tais cartas apreendidas ficou manifesto haver o rei mandado a frota cruzar diante do litoral brasileiro durante dois anos inteiros, e que êle enviaria anualmente quantidade suficiente de fôrças e de naus, para se tornar senhor do mar e arrebatar aos holandeses o domínio dêle.

Êste fato induziu também Maurício a pedir instantemente aos Estados Gerais contínuos reforços, se não quisessem ver por terra a nascente fortuna de tão grande império e expor a vida de tantos batavos aos escárneos e à ferócia dos adversários. Estavam mais dispostos a sucumbir pelas armas do que pela negligência dos seus. Era, de fato, pensamento assente do Conde disputar ao inimigo a dominação e tentar a sorte da guerra, pois não se tinha que escolher entre uma morte gloriosa e a morte obscura causada pela fome, entre os lances de uma refrega e as angústias da miséria.

*Informações de um prisioneiro negro.*

Caíra casualmente nas mãos dos índios do Sergipe del Rei certo negro, soldado de Henrique Dias e porta-bandeira. Interrogado a respeito da armada, disse alguma cousa, mas não muita, calando-se ou por ignorância, ou por lealdade aos seus.

Adiantava êle que muitos dos embarcados na armada, por longa demora nas naus, primeiro antes de zarparem de Portugal e depois na altura do Cabo Verde, tinham sido atacados de doença e morrido, recolhendo-se outros, maltratados dos incômodos do mar, a um convento da Baía, onde se iam finando dia a dia; que fôra êle destacado pelo Governador para, com tropas volantes, queimar os canaviais e inflamar contra os batavos os portugueses, índios, mamalucos, mulatos e quantos negros pudesse, arrastando-os a si até abicar a armada, a qual, segundo a sua opinião, preparava o desembarque em Nazaré.

Recebeu, porém, o Conde estas informações sem lhes dar grande importância, pois não era verissímil que os espanhóis, tão convictamente esperançados de restaurar o Brasil, cogitasse de destruir a safra. Com efeito, é próprio dos que guerreiam, segundo as regras, poupar as terras às quais vieram com a intenção de as vencer e não assolar aquelas onde pretendem firmar possessões. Saquear, devastar, incendiar as mais vezes são atos de um exército desesperado, e não vantagens de um exército guiado por bons preceitos.

*A armada espanhola sai da Baía.*

Obtidas fôrças auxiliares no Rio de Janeiro e outros lugares e repartidas por tôda a armada, composta de 86 velas, havendo assim perto de onze ou doze mil homens de peleja, fora os índios e os conscritos do sertão, largou ela da Baía de Todos os Santos e fez-se ao mar. Correndo voz da sua chegada, houve grande alvorôço no povo, ficando alerta as guarnições de tôda a parte, porque, pela incerteza em que todos se achavam do ponto onde desembarcaria o inimigo, nenhum lugar das províncias estava livre de mêdo e de perigo. Zarpara da Espanha esta armada, de conserva com os navios que, sob o comando de Oquendo, rumaram, com maus agoiros, para a Holanda, afim de amedrontar simultâneamente os holandeses do Brasil e os das Províncias-Unidas, com a junção das frotas e com o grande número de navios. Logo, porém, emarando-se, separaram-se as duas esquadras, e uma, com destino infeliz, foi opugnar o Brasil, e a outra, por via diversa e com resultado igualmente desastroso, veio atacar a Holanda. Quatro dias antes de partir da Baía de Todos os Santos a armada espanhola, a holandesa, sob o comando de Guilherme Cornélio Loosen, que havia andado ao pairo junto à costa de S. Salvador, planeando assaltar os espanhóis, esteirara para o pôrto de Pernambuco, com treze naus carecedoras de mantimentos e outras cousas. Muito oportunamente a estas se juntaram oito naus que chegavam da Holanda, depois duas e logo mais nove. Abicaram tôdas elas, depois de haver saído da Baía de Todos os Santos a armada espanhola.

*A nossa armada.*

Daí a consternação para uns, a audácia para outros. Uns pareciam temer, outros intimidar, porquanto ou era cada um alentado pela animação e estímulo dos seus, em razão dos novos reforços, ou se deixava abater, por desesperar da vitória. Era tanta a necessidade de se apressar a guerra que os vasos vindos da Holanda, antes de se descarregarem, tiveram de adaptar-se para o combate e para o desempenho de serviços bélicos, recebendo soldados do Brasil, que Nassau havia tirado de suas tropas e companhias de terra. Contávamos quarenta e uma naus, desiguais no tamanho, na artilharia, na soldadesca. Fazendo-se ao largo com elas, o nosso Almirante, cheio de coragem e confiança, fundeou em frente de Olinda, a quatro léguas da costa, de onde lhe era fácil seguir os espanhóis para qualquer lado. Fôra delatado a Nassau (249) que êles deviam ir ou para o Pau Amarelo (é um ribeiro da Província de Pernambuco, que comporta navios ligeiros), ao Norte, ou para a Candelária, ao sul. O desembarque aí lhes teria sido danoso por causa das fortalezas e estâncias, munidas de guarnições e artilharia

*Número das naus.*

contra a violência, e bem assim à conta dos matos e sítios arenosos, que se julgavam de proveito para os nossos, e também em razão dos rios, cobertos de pontes e de navios para remessa de socorros, acaso necessário em alguma parte.

Corria o mês de dezembro, quando passou a armada espanhola à vista da costa austral de Alagoas, onde lançou ferro junto ao rio de de S. Miguel, indo os marinheiros fazer aguada nas suas lanchas (250).

*Mansfeld com fôrças posta-se em terra.*

Neste tempo, postara-se o major Mansfeld, com algumas fôrças, em certo passo, a seis léguas do litoral, ordenando-lhe o Conde que, ao avistar a esquadra espanhola, se retirasse êle com o seu destacamento, porque não estava alí garantido por nenhumas fortificações para resistir aos contrários. Não obstante, lá permaneceu êle impertérrito oito dias e avisou ao Conde a chegada da frota e de seus tripulantes. Por se haver dito, falsamente embora, prepararem êles o desembarque, mandou Nassau que a nossa esquadra para alí se dirigisse em marcha acelerada, afim de acometer de improviso a armada espanhola ainda sôbre as âncoras, e, se não a encontrasse, voltasse a sua primeira posição.

Destarte, acendia-se simultâneamente a guerra marítima e a terrestre, e de um lado os soldados de terra, do outro os de mar, confrontavam, com a jactância militar, os seus riscos e deveres, e, diferindo nos desejos, cada um maldizia da própria sorte, e quem militava em terra desejava a milícia naval, e quem militava sôbre as águas invejava a milícia campal.

*Nossa armada faz-se de vela.*

Apenas dera à vela o nosso Almirante, favorecido pelo vento do norte, quando parou diante de Barra Grande, enseada muito cômoda para os navios. Entanto, declinando o dia e já fazendo escuro, receou explorar o pôrto e proejou de madrugada para alí, onde supunha encontrar a frota adversa e ensejo de combate. Levado, porém, ao rio de S. Miguel, topou sòmente com quatro navios menores, os quais transportavam aparelho bélico para os batalhões que se conduziam por terra. Os nossos iates os impeliram para a costa e para os parcéis.

*ANO DE 1640.*

Partida a armada, julgando que, por estar uma parte do nosso exército em Alagoas e a outra em Pôrto Calvo, deveria o Conde achar-se em outro lugar e com fôrças menores.

Favorecendo outra vez o vento, toda a esquadra holandesa, a 1.° de Janeiro de 1640, estava surta nos portos de Pernambuco, atenta a tôdas as eventualidades, para que nem escapulisse o inimigo nem desembarcasse impunemente. Anunciou-se então que

se avistava a armada espanhola não longe da Paraíba e que ocupava com alguns barcos a bôca do rio, simulando o desembarque, sem outro fim que atrair também para alí parte do exército. É estratagema usual aos comandantes apresentarem-se num ponto e dirigirem-se para outro. Não tardou muito em ser ela vista da ilha de Itamaracá. Foi, por isso, ordenado à nossa esquadra que, na mesma noite, se fizesse ao largo, soprando o norte mais em proveito do inimigo do que nosso.

Pouco antes, reüniu Nassau todos os almirantes e capitães, dirigindo a todos a seguinte exortação : "*Lutai bravamente, pois vos depara o Céu ocasião de pelejardes. Em nenhuma outra parte podereis vencer de modo mais certo ao espanhol do que nestas costas, onde é fácil varar-lhes os navios nos baixios e escolhos. No mesmo lugar está posta a salvação e a glória de todos. Na balança da fortuna estão suspensas a honra do rei da Espanha e a da Companhia das Índias Ocidentais.* *Nassau exorta à luta os almirantes e capitães.*

*Estas duas esquadras conduzem o domínio do Brasil : se triunfar a nossa, está-nos garantida a dominação ; no caso contrário, caberá ao espanhol.*

*Acrescentai aos muitos anos durante os quais temos pugnado nestas plagas por pedacinhos de terra êste dia glorioso em que devemos disputar o império inteiro. Provai aos Estados Gerais, ao Príncipe de Orange e à Companhia que nem vos falta coragem para combaterdes, nem fôrças para vencerdes. Não temos naus de estupendo porte, nem velas feitas para terror dos que fàcilmente se amedrontam. Dão-vos confiança, as vossas mãos, as vossas armas e o favor divino que eu devia ter nomeado primeiro. Se tivésseis de batalhar com povos desconhecidos, com os bárbaros, os patagões, os antropófagos buscara eu novos argumentos. Ides, porém, pelejar com espanhóis e portugueses, cuja milícia naval já vos é conhecida. São aqueles mesmos, cujas esquadras já queimou a vossa gente, à vista de Todos os Santos e na própria Baía (251), a êles consagrada ; são aqueles mesmos a quem ela arrebatou, em luta incruenta, os tesouros do Perú e do México. Mostrai-os também os mesmos e perseverai na fama brilhante que no mar alcançaram os batavos. Decidirão os fados : aconteça o que acontecer terá sido façanha memorável vencer ou morrer no dia de amanhã. Para os que combaterem estão reservados os prêmios da guerra e para os recalcitrantes, o castigo e a morte. Nem a vossa sorte permite escolher-se terceiro caminho, nem o meu pôsto, o qual, assim como está incli-*

*nado a recompensar, assim também de modo algum, renunciará à severidade que exigir o vosso crime".*

A estas palavras despertou o ardor de todos, e com grande vivacidade correram para as costas, para as naus e para as armas.

O inimigo prepara o desembarque.

De manhã sopravam mais a nosso favor os ventos do sul. Avistámo-nos mùtuamente, nós e os inimigos, deante das praias do Pau Amarelo, onde resolvera o adversário pôr em terra 7.000 que já tinham passado para os navios menores em demanda do litoral. Mas, pairando a armada inteira com as embarcações espalhadas, algumas naus que haviam tomado a dianteira às outras, vendo as nossas, preparavam-se para juntar-se ao resto da frota. As naus holandesas, porém, conseguindo vantagem da posição e guiadas favoràvelmente para o lado dos espanhóis, seguiram o inimigo que, escapando-se um pouco para o norte, só pelas três horas da tarde nos deu possibilidade de batalhar.

O nosso almirante exorta os seus.

Então o almirante da nossa armada, Guilherme Loosen, dirigindo-se aos seus soldados e capitães disse : "*A ação de hoje será de êxito e de bravura, e não de furor e de intempestivo ganho. Portanto, camaradas, enchei-vos de coragem, vós que não podeis suportar a deshonra nem com os olhos, nem com o ânimo. Em nosso favor militam todos os estímulos de vitória : o vento, as ondas, a vantagem do navio para a refrega. Não há muito quando tardava a esquadra adversa, ouvia eu perguntarem os mais valentes dentre vós : "Quando virá a armada ? quando encontraremos o inimigo ?" Fatigavam-vos a sua demora e a vossa expectação. Agora tendes os inimigos fora dos seus esconderijos e da sua Baía. Estão satisfeitos os desejos e esperanças de todos : em frente, ante os olhos, pela proa e atrás das popas estão os espanhóis. Se não os afugentardes, achar-se-ão em breve dentro das naus e nelas vos perseguirão. Desiguais em número, somos superiores na necessidade de pugnar. Quanto a mim, estou no firme propósito de voltar para o adversário não as popas, mas as proas. Eia pois, com o favor de Deus, atacai comigo aquela capitânia, e, se algum dia pelejastes pela glória, conservai-vos agora observantíssimos da disciplina naval e prestai à Pátria o vosso eficientíssimo auxílio. Neste ensejo tão propício de se destruir o inimigo, não vos deixarei de dar as recompensas e os louvores prometidos".*

Cortou a alocução a necessidade presente, e, com as velas empandinadas por um vento favorável, rompeu êle por entre a armada inimiga, desenvolvendo todo o esfôrço para investir com a capitânia espanhola. Durante três horas, combateu, obstinada e

ferozmente, com ela e com outros quatro galeões que o rodeavam, encarniçando-se as partes em incansável canhoneio. Ferido, porém, no início da luta e auspiciando a vitória com a sua morte, não sobreviveu à sua glória. Tombaram neste primeiro recontro, além do Almirante, três marinheiros, ficando feridos quatro.

Entretanto, a nossa capitânea cercada de inimigos por todos os lados, livrou-se do presente perigo, graças à energia dos seus tripulantes, e evadiu-se.

Na mesma tarde, levou-se o corpo do Almirante para Itamaracá, onde foi condignamente sepultado.

Por sua vez, a nau Alkmar, fortemente batida e varada pelas balas da artilharia inimiga e fazendo muita água, pôs-se em retirada, inapta para combater.

Deu-se êste primeiro encontro entre Itamaracá e Goiana, a três milhas do litoral.

*Primeira batalha, entre Itamaracá e Goiana. 12 DE JANEIRO DE 1640.*

Sobrevindo a noite, fez cessar a batalha, mas não o denodo dos batalhadores. De feito, consertadas, com a possível prontidão, as velas, as enxárcias, os parapeitos, as toldas, que a violência da artilharia tinha despedaçado, foram no dia seguinte chamados à armada os membros do Conselho Secreto pelo major Pedro Legrand, comandante dos soldados. Informados da morte do Almirante, substituíram-no pelo vice-almirante Jacó Huyghens, herdeiro da sua nomeada e bravura. Apenas assumiu o comando da nau Fama, entrou também logo a ser celebrado pela voz da fama (252).

Feitas preces a Deus e cheios de ânimo e entusiasmo os marinheiros, atacou êle a armada inimiga, e, soprando o sul, travou refrega cruenta e terrível. Numerosas naus espanholas foram opugnadas por um punhado das contrárias, e as maiores pelas menores, de sorte que lutavam oiteiros com montanhas, cabaninhas com tôrres, bojos vastos e arqueados de corpos gigantescos contra conchas de amêijoas.

Levávamos vantagem nisto : enquanto as naus inimigas, pelo seu volume, se mantinham quasi imóveis, podiam as nossas virar para qualquer bordo e dar-se ao vento. Proas encontroavam proas e desconjuntava-se o travamento dos navios, ora com o choque das popas, ora com o dos flancos. As lascas e estilhas arrancadas pelas balas dos canhões às cintas e toldas matavam os combatentes mais do que a própria artilharia. Mergulhando-se êles no mar ou sendo capturados, tornavam-se presa do vencedor ou eram trucidados nas águas pela fúria do guerrear, desconhecedora de moderação. Tão

intenso era de parte a parte o furor da artilharia, que a cerração e a fumarada escondiam aos olhos o próprio céu e os inimigos.

*Segunda batalha (13 DE JANEIRO), entre Goiana e o Cabo Branco.*

Durou êste segundo conflito até tarde velha. Em relação à atrocidade da briga, houve do nosso lado poucos mortos ou feridos. O teatro desta batalha foi entre Goiana e o Cabo Branco.

O nosso navio denominado o Louro Sol (253), feito pedaços pela artilharia inimiga, sossobrou com o coronel Mortemeer e 44 soldados. O capitão do navio, entretanto, e 34 marinheiros saltaram num escaler e, apesar de alvejados pelas contínuas descargas dos contrários, escaparam-se a salvamento.

Por sôbre as rêdes jaziam esparsos os cadáveres com os membros mutilados, espetáculo contristador, mas também glorioso.

Ao narrar estes sucessos, vem-me ao espírito êste pensamento: que o choque entre dois exércitos de guerreiros, assim armados, assim travados, não difere da luta das feras. Flamejam os olhos, empalidecem os rostos, o semblante descobre o furor, a voz ronqueja de raiva. Há uma grita louca de alucinados. O homem inteiro é de ferro e minaz e cruento. Estrondeiam as armas, fulminam as bombardas, trovejam os canhões, não menos horrendos que os verdadeiros trovões, porém mais funestos. E que rictos em cada um, que frêmito, que crueza, que embates furiosos, que mescla tumultuária, que cruéis alternativas dos que tombam e dos que trucidam, cadáveres amontoados, amuradas e toldas escorrendo sangue! E é de maravilhar que, nascendo homens para sermos humanos, mansos, bons e brandos, nos tenha algum deus ou algum acaso impelido a desembainhar, intrépidos, o ferro mortífero uns contra os outros, em tôdas as campanhas, em tôdas as armadas. E, todavia, somos arrastados por uma necessidade superior a estas matanças humanas por amor da liberdade, da religião, do poder ou das riquezas, sendo um heroismo e um dos maiores títulos de glória arriscar a vida para afastar dos filhos e das esposas, dos altares e dos lares; a violência, e dilatar os términos do próprio poderio.

*Terceira batalha junto à Paraíba. 14 DE JANEIRO*

Ao amanhecer do dia seguinte, ajudados os holandeses pelo vento do sul, acometeram terceira vez a armada espanhola, que navegava desfavoràvelmente.

O Almirante Huyghens, inaugurando dignamente o seu novo pôsto, meteu-se entre as duas capitâneas de Castela e de Portugal, pois julgava pouco lutar com um só adversário. E pelejou-se aí com tal ferocidade que se ignora quem foi mais feroz. Cada um dos comandantes valia-se doutamente da sua perícia náutica, do

céu, dos ventos e do mar. Cada um dêles preferiu afundar, com celeridade e furor, as naus contrárias a salvá-las, apresando-as. Cada um dêles misturou com o próprio valor alguma cousa de temeridade e converteu em prudência o que o acaso oferecia. Batalhámos com tal felicidade que pouquíssimos caíram na luta, porque Nassau previra sàbiamente que suas naus não abordassem as do inimigo para não serem metidas a pique pelo número de soldados contidos nas capitâneas adversas. E assim, com avanços e recuos freqüentes, atacámos os contrários com reiterados canhonaços.

Esta batalha, que só terminou ao pôr do sol, feriu-se junto à Paraíba, a duas milhas da costa. Aconteceu que a esquadra espanhola foi impedida pela hostilidade do mar e dos ventos para os confins setentrionais do Brasil, onde as correntes marinhas, dirigindo-se com grande rapidez para o ocidente, arrastam quaisquer navios sem que êles o queiram.

Neste recontro foi derribado e partido pelas balas o mastro de uma das nossas naus, denominada o Cisne. Servia-lhe de botafogo Jacó Aldrich, soldado notável nos combates marítimos. Tendo-se inutilizado esta nau para a peleja, foi coagida a procurar defesa, ancorando-se. Conhecendo-se isto, lançaram-se contra ela doze naus grossas espanholas para a tomarem, pois se via impedida por causa do velame atrapalhado a caído. Vendo o nosso Almirante o perigo, mandou-lhe em socorro alguns navios, com cuja chegada largaram o Cisne seis naus espanholas. Travaram-no as demais, deitando-lhe os arpéus, e logo duzentos ou trezentos inimigos ocuparam-lhe como vencedores o convés e o castelo de popa. Aldrich, com o ânimo obstinado até os extremos da luta e com a fereza do seu caráter, expulsou-os virilmente, graças à covardia dos espanhóis e à indulgência da fortuna. A ousadia misturada com o desespêro e a vergonha misturada com o temor foram os autores de tão brilhante proeza. De fato, cortadas as amarras que detinham a âncora, deu a nau nos parcéis e recifes da costa, para onde a seguiram, presas ao mesmo fado, quatro naus espanholas. Estas, porém, à vista do perigo, arrebentaram as cadeias e abandonaram o Cisne, deixando nêle os camaradas, não já vencedores, mas prisioneiros. Consternados com êste caso, parte dêles saltaram ao mar e parte, buscando outro meio de salvar-se, pereceram numa luta cruel, ou trucidados a ferro ou tragados pelas águas.

. Uma quinta nau, capitaneada por Antônio da Cunha Andrade, comandante da esquadra de socorro enviada à ilha, ignorando que o Cisne encalhara no banco, abeirou-se dêle por êrro e, varando

igualmente na areia, travou com êle peleja. Enraivaram-se ambos os vasos horrendamente e, de lado a lado, jogou a artilharia de tal modo, que os espanhóis, deitando às ondas as espadas que empunhavam, pediram quartel, suplicantes e acovardados. Trinta que se tinham precipitado nas águas, nadaram para serem salvos pelo nosso Cisne, pôsto que navio inimigo. Entretanto, embravecidos os ânimos dos marinheiros pelo calor do conflito, foram êles expulsos, degolando-os a sanha ou sorvendo-os o Oceano.

Os marujos holandeses transportados pelo Cisne, retirando dêle o que lhes podia aproveitar e saltando num batel, entregaram ao mar o bojo vazio da nau.

Ensinou então a experiência, mestra de tudo, nada poder conseguir a destreza humana contra a violência e o ímpeto dos canhões. Logo depois puseram-se em batéis os espanhóis que a nau de Andrada levava em número de 230. Entre êles se achava o próprio Andrada, capitão da frota de socorro, quatro frades, dois capitães e outros tantos alferes e um médico.

Calculava-se em 30.000 florins a presa de prata amoedada, lavrada e em barra, feita no navio, fora um colar de ouro e outros objetos substraídos pelos marinheiros. O conde Maurício remeteu para a Holanda êste Andrada, homem de inteligência cultivada e caráter afável, julgando pudesse ser útil à Companhia detê-lo alí algum tempo.

No dia 15 de Janeiro experimentou a mesma clemência dos ventos e do céu, soprando ainda o sul. Convocando então o Almirante os comandantes das naus, pronunciou estas palavras varonís:

*O Almirante exorta os seus a perseguirem a armada.*

*"Não deixeis escapar-vos das mãos a vitória. Está em fuga o inimigo, arrastado para sítios do mar hostís e temerosos pelo ímpeto de suas correntes. Praticareis ação digna de marinheiros, se vos quiserdes salvos e cheios de glória. Não deixeis de tentar nada por mêdo".* E como visse a armada espanhola aproximar-se da costa, avisou por um iate ao governador do forte de Ceulen, sito às margens do Rio Grande, que estivesse alerta à chegada do inimigo e defendesse a sua posição.

*Marcha de novo contra o inimigo.*

Depois, com extraordinária galhardia e descuidoso de todos os perigos, dando, como o permitiam as circunstâncias, a ordem da batalha onde podia, marchou de novo contra o espanhol. Sobreveio, porém, quando já estava proximo dêle, tal calmaria, que as duas frotas se tornaram joguete das ondas e não consentiam ser governadas pelas velas e lemes. Durou ela até às 3 horas da tarde, em que cursou outra vez o vento. Para que a tarde iminente não

interrompesse intempestivamente o combate e não confundissem as trevas os beligerantes, pareceu bem transferir-se a luta para o dia seguinte. Ao amanhecer êste, providos nós de armas e de pólvora trazidas de fresco por um iate, encetamos a batalha, que foi acesa e renhidíssima o dia inteiro, cessando sòmente ao pôr do sol.

*Quarta batalha em frente da Capitania do Rio Grande. 17 DE JANEIRO.*

Neste conflito, travado perto do Cunhaú (254), em frente da capitania do Rio Grande e à vista da costa, atormentámos e varejámos a tal ponto a capitânia espanhola que ela se retirou da refrega com vento próspero, circundada de navios menores, que desafiavam e maltratavam a nossa almiranta, embora com resultado adverso, qual experimentaram também os galeões inimigos.

No início da ação, a esquadra holandesa rompeu pelo meio da espanhola com tal destreza que logrou a vantagem dos ventos e do mar ficando a frota inimiga a sotavento da nossa.

Não foi sucesso verificado sem a vontade de Deus o terem morrido, nestas quatro aspérrimas pelejas, só vinte e dois dos nossos, ficando feridos oitenta e dois.

Arrastava-se assim a guerra dia a dia, e todos éramos também arrastados para as regiões setentrionais do mar, numa situação desigual, cedendo o inimigo ignominiosamente, apertando-o nós gloriosamente.

Então o nosso Almirante, consultando com os oficiais superiores da esquadra, mandou repetir-se o combate no dia seguinte para expulsarem de todo o inimigo do litoral brasileiro, impelindo-o para as partes perigosas do mar.

Forcejavam os contrários para se abastecerem de água, mandando à costa para êste fim navios pequenos, pois careciam dela, e a marinhagem quasi sucumbida de sêde. Mas os nossos iates, cruzando próximos da costa, impediam essas tentativas. Além disso, três transportes inimigos, tocados para o litoral, naufragaram, salvando-se, protegidos pelas brenhas e esconderijos, os tripulantes, os quais, em número de trezentos, se tinham evadido para a terra firme.

*Baixios.*

Já se via a frota espanhola desgarrada e desfalcada, e assim cobraram os holandeses ânimo de investir o adversário. Êste não sabia que alvitre tomar, porque, próximo da nossa esquadra e preso por ela, verificava ser-lhe impossível atravessar os bancos e recifes chamados *Baixios de São Roque* (255), à conta do porte das naus. Demais, vedavam-lhe de todos os lados saltar em terra e prover-se de água, da qual tinha prementíssima necessida-

de. Fez-se ela, portanto, ao largo durante a noite, com vento de sueste, deixando os nossos junto ao Rio Grande, decidida, nesta derrota, ou a passar o equador, de volta para a pátria, ou a navegar em direitura do Ocidente.

Os entendidos de navegação, assim holandeses como portugueses, julgavam que a esquadra, atirada contra êsses parcéis, não retornaria, em razão do impetuoso arrastamento das águas para o Ocidente e dos ventos que alí sopram sempre ponteiros.

*Parte a armada espanhola.*

Observando o Almirante holandês que a armada dos inimigos seguia mau rumo, impediu que a sua os encalçasse, e não quis que os seus, por um desejo mais vivo de guerrear, se precipitassem na mesma ruína à qual, segundo previa, se iam êles arremessar. Conhecendo êle também a falta de água nas naus de sua esquadra, conteve os cobiçosos e deu descanso à sua marinhagem junto à foz do referido Rio Grande.

Refeitos alí e soprando o vento do norte, chegaram vitoriosos a Pernambuco a 1.° de Fevereiro. Em todos os lugares do Brasil holandês, renderam-se públicas ações de graças ao Deus libertador, por ter sido expulsa do seu litoral a poderosíssima armada espanhola, terror do Brasil, fôrça e sustentáculo único do rei. Na côrte e nas fortalezas, nas cidades e povoações, deram-se várias mostras de regozijo público, com fogueiras, luminárias e salvas de artilharia. Na Baía, porém, e em todo o território inimigo, abatera o ânimo de todos a dor de cada um e a geral consternação : uns choravam aos parentes, outros lastimavam a sorte dos amigos ou a triste fortuna do rei.

Um dos nossos iates, seguindo a distâncias aos espanhóis, trouxe a notícia de terem êles ancorado perto dos baixios já mencionados, a 15 léguas ao norte do Rio Grande, junto ao rio *Utetugo,* onde saíram a fazer aguada.

Acreditavam os marinheiros que dalí poderiam tornar os navios pequenos, mas os grandes.

Desbaratando e pondo em fuga a pontetíssima armada espanhola, provou Nassau que o valor marcial não morrera com os Cipiões, os Régulos, os Cimões, os Duílios e os Pompeus.

E para eu lembrar sòmente fatos recentes, depois de vencerem os batavos o conde de Bossu no mar Neerlandês, o duque de Sidônia no mar de Inglaterra, Frederico Spinola no de Flandres e por último o almirante Oquendo nas Dunas da Inglaterra, veio esta esplêndida vitória acrescentar a glória das Províncias-Unidas. Com ela destruímos no Ocidente o poderio espanhol, zombâmos do

aparato assombroso de tantos navios, arruinâmos a esperança de se recuperar o Brasil aos que se preparavam para ultrajar a potência da Holanda e mostrámos os instrumentos da nossa legítima defesa. Por um revés da fortuna, aconteceu aos espanhóis arrastaram-se assaz morosamente na viagem da Baía a Pernambuco, a qual se pode e se costuma fazer tôda mais ou menos em doze dias, pois lutaram alguns meses com o desfavor dos ventos, consumindo a sua água potável, de que muitíssimo necessitavam por causa do calor intenso. Assim, em conseqüência das fadigas e demoras, perdeu-se a armada, que, no primeiro assalto, teria sido poderosa e apta para a vitória.

*Infelicidade da armada espanhola.*

Nestas batalhas, ostentaram-se várias virtudes. Assim, a perícia náutica soube utilizar a vantagem dos ventos e as marés. O arrôjo, travando-se com inimigos mais poderosos, envolveu-se nos mesmos riscos que êle. Preferiu a prudência militar queimar e submergir as naus adversas a capturá-las e conservá-las não sem dispêndio público. Pugnou heròicamente a fidelidade, a constância, o esfôrço. A moderação ficou satisfeita com debandar o adversário, que era impossível abater com tão pequena fôrça. A clemência salvou os inimigos próximos da perdição. Manifestou-se mais de uma vez a amizade, socorrendo os companheiros em perigo. Uma entusiástica pressa, que não consentia folga aos desígnios do inimigo, acometeu-lhe reiteradamente as naus apercebidas para pelejar, mas movendo-se tardamente.

Tudo isso consta dos nossos anais e histórias.

Entretanto, aqueles que combateram entre os espanhóis, vendo-lhes mais de perto os desastres, referiram o que passo a dizer, para valer a verdade tanto pela confissão dos contrários quanto pela nossa.

*Narração dos espanhóis relativa ao que aconteceu nessas batalhas.*

Partindo da Espanha a armada, dobrado o Cabo Verde e percorrido o comêço do Oceano Etiópico, foi arremessada pelos ventos e correntes em frente do litoral do Cabo de Santo Agostinho. Temendo-se fazer aí o desembarque à conta dos pernambucanos próximos, rumou ela para a Baía, onde cruzavam doze naus holandesas, enviadas para explorar e fazer presa. Acossando elas a frota trabalhada dos incômodos do mar, para lhe poderem desde logo causar dano, os almirantes espanhóis, avisados por uma barca pescareja, entraram o Recôncavo, onde há a proteção da artilharia das fortalezas. E, como logo aparecessem em socorro algumas naus de guerra vindas da Baía, os holandeses, achando não se devia pelejar, largaram a esquadra. De fato, naquela paragem

hostil, onde tudo lhes era infenso, onde o adversário era mais poderoso, mostrava-se-lhes maior o temor do dano que a esperança do lucro. Chegou para o espanhol considerável refôrço de 24 vasos, providos de mantimentos e soldados. Mandara-os de Portugal o rei, além de mais dois, que os moradores do Rio da Prata haviam guarnecido cada um com 16 bôcas de fogo. Enquanto alí se demoravam os portugueses, foi seu principal cuidado repararem a esquadra rôta e estragada e limparem as naus das sujidades marinhas, estôrvos da navegação. Dominava-os o fundado receio de serem então os seus navios hostilizados pelas naus de Pernambuco, quando estivessem em sêco e sem artilharia. Ficou enfim desimpedida tôda a armada, que se compunha de 93 velas, entre as quais 24 galeões aterrorizavam pela sua enormidade. Havia outras naus menores no tamanho e desiguais na capacidade, de 400, 150 e 100 toneladas. Conduziam muitos mil homens de armas, alistados na Espanha, Portugal, Baía, Rio de Janeiro e Rio da Prata, os quais alí mantinha o poder real, nem todos experientes, nem todos inexperientes da milícia.

Zarparam da Baía de Todos os Santos, em alegre celeuma e com a esperança firme de grandes feitos. Velejaram para Alagoas, onde lançaram em terra dois mil homens, sob o comando de João Lopes Barbalho, rumando daí para Pernambuco. À frente da armada ia uma nau holandesa, a qual, em contínuos disparos de artilharia, contra os espanhóis, indicava aos seus a chegada da frota inimiga, levando esta notícia para o Recife. Não muito depois, apresentou-se corajosamente contra os espanhóis tôda a armada holandesa, composta de 33 naus, conforme se acreditava, alentada pela esperança de que o inimigo devia vencer-se no mar; porquanto, se êle desembarcasse a sua soldadesca, em breve se avantajaria aos batavos no exército de terra.

Encruecendo a refrega, a capitânia holandesa — a Fama — metendo-se entre os contrários, parou entre a capitânia castelhana e a portuguesa, que tinham os nomes veneráveis de Jesús e de Maria, como se tivessem elas de combater sob o seu patrocínio. A primeira jogava 32 peças, e a segunda 28. Fama atirou, feroz e pertinazmente, contra ambas, caindo uns mortos no tiroteio e retirando-se outros feridos.

Apenas havia principiado o combate, quando tombou entre os primeiros sacrificados o almirante dos holandeses, ao iniciar êle a ação, cuja glória não lhe foi concedido testemunhar. Posteriormente vieram os portugueses a saber isso dos nossos. No afunda-

mento do Áureo Sol, aos espanhóis se deveu a salvação de um só dos seus, mas a de oito mais aos próprios holandeses.

Ao amanhecer do dia seguinte, recomeçada a luta, pugnaram tenazmente 35 naus holandesas, com perdas quasi iguais de parte a parte. Foi arrancada a antena da Lanterna dos batavos e derribado o mastro de mezena. Em alvorecendo o terceiro dia, a Corno Grande e a Grão Cristóvão abalroaram a nau espanhola São José, deitando abaixo o pavilhão e a cruz que lá se erguia como o emblema dos cristãos. Era capitão da Corno Grande um tal Antônio, alcunhado Camponês de Dürckendam, temibilíssimo para os adversários. O seu denôdo ensinou que também entre os lavradores nascem homens eminentes e fadados para luzidos exemplos.

No quarto dia feriu-se nova e atroz batalha. As naus holandesas Grão Cristóvão e Corno Grande travaram peleja com a almiranta S. José, formidável por seus 54 canhões de bronze. Foi tal o aspecto do conflito, tal o seu ardor como se os beligerantes esperassem por certo ou afundarem o antagonista ou serem por êle afundados. A esquadra lusa sofreu tamanho destrôço que julgou necessário bater em retirada, refugiando-se nos escolhos chamados Baixios de S. Roque.

O comandante da almiranta Francisco Pimenta e outros declararam terem morrido nestas refregas alguns milhares dos seus. Da S. José, que conduzira 700 homens, pereceram 400.

Ou por medo dos almirantes Lichthart e Jol, que, segundo tinham ouvido, iam chegar, ou tangidos para o ocidente por mares e ventos contrários, faltos de água e de mantimentos e levados por alvitres diversos, navegaram então os espanhóis por onde podiam e arribaram à ilha de Margarida (257), tendo morrido de fome vários dêles. E não podendo a fortuna dar-nos nada melhor que a discórdia dos inimigos, cindiu esta os comandantes, o almirante e vice-almirante dos portugueses. Êste último proejou para a ilha Terceira e dalí chegou a Cádiz, com a maruja quebrantada de fome e sêde. O galeão São Filipe tivera 300 mortos de doença, não contando os que prostrara morte mais atroz e gloriosa. Dos galeões tornaram à pátria S. José, S. Domingos, S. Filipe e S. Bernardo, fora os dois transportes S. João e S. Jorge. As outras naus ou pereceram no mar, ou, desconjuntadas, fizeram-se pedaços junto às costas da Nova Espanha ou das ilhas interjacentes.

Temo asseverar se esta narração dos espanhóis diz rigorosamente a verdade.

*Quasi na mesma ocasião, as Províncias-Unidas triunfam da armada espanhola junto às costas da Inglaterra.*

Enquanto pratica Maurício êstes feitos nos mares do Ocidente, um outro do seu sangue, o Príncipe de Orange, igualmente vitorioso no norte, dominou o Mar da Inglaterra e, em curto intervalo, conduziu-lhe por tôdas as costas as suas bandeiras triunfais. Como não alcançaram os batavos mais assinalada vitória, já pelo atroz morticínio, já pela grandeza das gestas, assim de uma como da outra parte, merece ela ser consignada nos livros (258).

Comandava a armada de 60 naus o famosíssimo almirante D. Antônio Oquendo, que já se celebrizara bastante pela recente batalha travada com os nossos na Baía de Todos os Santos. Entre essas naus havia diversas capitâneas, levando umas 1.000, outras 800, 700 e 600 homens. Contava a armada 10.000 soldados e 14.000 marinheiros, de várias nações — espanhóis, portugueses, bretões, biscainhos e até flamengos.

Oquendo saiu com esta frota da Corunha, o maior pôrto da Galiza e, sulcado o golfo de Biscaia, entrou na Mancha. Nesse mar bordejava, com uma esquadra apenas de 12 velas, o almirante Martinho Herperts Tromp. Tomara êle parte na memorável batalha de Gibraltar, sob as ordens do almirante Heemsterken e depois, navegando e pelejando sob o comando do almirante Pieter Hein, assistiu-lhe à morte e testemunhou-lhe a glória, de sorte que, por determinação do destino, galgou o pôsto do almirante falecido, de quem não era desigual nas virtudes marciais.

*Martinho Tromp Gibraltar.*

Logo que de longe se avistou a armada espanhola, aumentaram-se as fôrças de Tromp, pela junção de cinco vasos e, pouco depois, de mais dois, capitaneados por Witte Wittens. Com êsses começou Tromp, alta noite, a lutar com o inimigo, e, jogando a artilharia, preludiava maior embate. Ardeu um de nossos navios, cujo paiol da pólvora se incendiou por descuido.

Ao luzir da aurora, recebeu Tromp um refôrço de mais 12 naus de guerra, que tinham fechado o pôrto de Dunquerque, na Flandres, e deu início à batalha. Vedou, porém, se aferrassem as naus, como é costume nos combates marítimos, para não sermos vencidos pelo porte dos vasos inimigos e pelo número dos guerreiros. Navegando ao redor das naus adversas e metendo-se no meio da armada já dispersa, verejava-a com descargas contínuas. Apresou-se um navio pequeno e um galeão. Descuidando-se os vencedores de vigiar êste, na intempestiva cobiça de despojos, retomaram-no os seus e arrebataram-no triunfalmente. Oquendo, assaz

confiante no vulto e número de suas velas, levou a proa contra a nossa capitânea, forcejando impetuosamente para desgarrar a esquadra neerlandesa, estreitamente unida. Mas, com as naus rasgadas e varadas por cargas de artilharia grossa, virou de bordo, deixando-nos e esquivando-se ao combate. Passou-se o dia, que era sexta-feira, em crua refrega. O seguinte, sábado, foi de repouso para as frotas por causa do nevoeiro, até que, pela meia-noite de sábado para domingo, recrudeceu a batalha, começando o inimigo a cuidar de fugir, seja por mêdo, seja por lhe ter sido ordenado pelo rei que não combatesse.

Segundo a opinião dos conhecedores de tática naval, foi êrro gravíssimo dos espanhóis não esgotarem os nossos com incessantes recontros, pois eram muito mais poderosos, e por isso reprovavam os estrategistas náuticos aquelas ordens estritas e severas, principalmente em assuntos marítimos, considerando que o mar é sujeito aos casos fortuitos e nêle concorrem muitas cousas : a vantagem dos ventos, do céu e do tempo, o fluxo e o refluxo da maré, as trevas, a luz, a profundidade das paragens ; amiude teem-se também de acelerar as marchas, buscar a comodidade e segurança da esquadra. Não podendo adstringir-se tudo isso às instruções e ordens dos reis, parece prudente que os marinheiros batalhem mais livremente.

Oquendo, portanto, ainda não vencido, após algum estrago dos seus, com as naus fendidas e arrombadas, com as pontes quebradas, com as proas e popas em lastimável estado, recolheu-se às costa da Inglaterra, onde são as Dunas. Julgava que seria alí protegido pelas fortalezas do rei da Inglaterra, o qual não nos permitiria violar aquele lugar, defendido por suas leis e a coberto das guerras.

Enquanto a armada espanhola se conservava sôbre as âncoras, imbele e ociosa e como sob a guarda de inimigo menos potente, serviu de mofa de um lado aos ingleses, do outro aos franceses, que contemplavam espetáculo tão indigno do rei da Espanha. Com efeito, permitiu aquilo ao almirante holandês convocar reforços de tôda a parte, reparar as naus danificadas e guarnecê-las de novos instrumentos de guerra ; porquanto, carecendo de pólvora e obtendo, por oportuno obséquio do conde de Charraste, governador de Calais, o necessário para a luta, apresentou-se ao lado dos espanhóis como guarda, mas não como amigo. Enquanto, porém, conserta Oquendo as pranchas rôtas e se esconde covardemente sob os fortes britânicos, envia Tromp uma carta aos Estados

Gerais, solicitando-lhes auxílio e pedindo com instância o que se havia mister para destruir totalmente a frota espanhola. Sabendo os Estados Gerais que a armada inimiga se achava em apêrto, encalhada numa areia fatal, reüniu as naus desimpedidas de todos os portos e estâncias da Holanda e com tal pressa que não parecia terem sido fabricadas, mas nascido ou chovido do céu. Convocaram-se igualmente todas as corporações marítimas denominadas *almirantados* e as duas Companhias de comércio, e das Índias Orientais e das Índias Ocidentais, para que o dominador da Ásia e da África fôsse oprimido não por um só antagonista, mas pelas fôrças juntas da Holanda. Autorizado por um decreto dos Estados Gerais sôbre o ataque contra a armada espanhola, escolheu Orange nos quartéis 2.000 mosqueteiros dentre os mais valentes e os distruibuíu pelas naus das Províncias-Unidas. Já estavam reünidos ante as costas da Inglaterra mais de cem vasos de guerra, atentas as nações vizinhas ao desfêcho de tamanha luta.

Então, acometido primeiro pelo inimigo, manda Tromp dar à trombeta, enquanto os ingleses, como espectadores do conflito, se manteem com a sua esquadra fora dêle.

O almirante holandês lançou sua armada contra o adversário, divindindo-a em cinco esquadras, e prescrevendo a cada uma a obrigação de combater. Não pareceu o espanhol recusar o embate, não de confiança ou de propósito, mas por ver-se sitiado e rodeado de inimigos. Houve, em verdade, tal precipitação nas naus espanholas que, para acelerarem a fuga, à qual era favorável o nevoeiro e escuridão densíssima, picaram as amarras.

Tromp primeiro investiu com a capitânia próxima de si, que tinha o bem agoirado nome de S. Salvador. Mas, batendo esta em retirada, apresentou o espetáculo da mais acesa luta a capitânia de D. Francisco Feio, almirante da Galiza. No primeiro encontro foi-lhe derribado o tôpo do mastro de proa e arrancados o cesto da gávea (259), os velachos e o joanete, arfando a nau à mercê das ondas, sem poder governar-se como se queria. Entretanto, sòmente se rendeu, vencida, pouco antes de entardecer. Pelejou-se ferozmente com a capitânia portuguesa Teresa, a qual escolheu o capitão Müsch, valente guerreiro, para matéria da sua glória; mas Tromp, mandando brulotes contra ela, incendiou-a (260). A nau de Müsch, envolta nas mesmas labaredas, presa pelos arpéus e enredada nos calabres do inimigo, conflagrou-se igualmente, salvando-se, todavia, por diligência do almirante, o

próprio Müsch e os mais dos marinheiros. Mandaram-se ainda outros brulotes, e uma das capitânias, tangida para a costa, fez naufrágio.

Perfurada de balas e fendendo-se, teve igual sorte aquela que era capitaneada por D. Andrés de Castro.

Ninguém, entretanto, revelou mais brilhante valor e constância do que Lopez. Com uma parte de sua nau afundada, a outra em chamas e tendo êle próprio um dos braços decepado, ainda sustentou o combate, e, sòmente tragado pelas águas, deu fim ao seu encarniçamento contra nós e ao denôdo com que, pertinaz e gloriosamente, se batia por seu rei.

Receoso Oquendo de que, em conseqüência dos incêndios e chamas próximas, também o seu galeão pegasse fogo, escapou-se em companhia de alguns navios, proejando para Dunquerque, na Flandres, onde a capitânia que o levara naufragou, arrojada por um temporal contra um banco de areia. Nesse mesmo dia, foram vencidas várias outras naus e lançadas contra os parcéis, conspirando contra o espanhol, num como triunvirato de deuses, Netuno, Éolo e Vulcano.

Antemanhã, tendo sido furtadas à vista as remanescentes da armada, seguiam derrotas incertas, salvo uma, que se rendeu ao primeiro embate. E não foi sem luta para os batavos a noite imediata, por êles gasta em procurar afincadamente o inimigo. Quasi três dias durou essa batalha tão atroz, o trovejar enfurecido dos canhões e a braveza do fogo, que grassava pelas pranchas alcatroadas. Pelo litoral inglês voavam as carruagens dos duques, príncipes e senhores, que afluiam para contemplarem aquele espetáculo.

Nos visos dos montes, uma turbamulta olhava, não sem horror, aquele crudelíssimo certame, manifestando a sua alegria ou o seu pesar, conforme os sentimentos que a incitavam.

Preso ao tratado que celebrara com a Espanha e conosco, manteve-se neutro o rei Carlos de Inglaterra, e ordenou ao general da sua armada se abstivesse de entrar no conflito. Condoeu-se, todavia, de algumas naus espanholas, que, para seu uso, salvou de tamanho nufrágio. Além disso, graças à boa vontade do general da armada inglesa, nada sofreram quatorze vasos inimigos, que, antes da batalha, se evadiram através de baixios. Uma das naus, atirada, logo após o combate, às costas da França, tornou-se presa dos franceses.

Narro um sucesso extraordinário e digno de passar à posteridade. Ao encontro de sessenta e sete naus, e estas assombrosamente grandes, marcharam doze naus pequenas. Atacámo-las com dezoito e pouco depois com trinta velas. Acometemos um exército de 24.000 homens (tantos ou mais levava a frota do rei) apenas com 3.000 arrastando-os às últimas extremidades e à estreiteza das costas e cercando-os como a prisioneiros para não poderem escapulir. Ao próprio Oquendo, estando nas Dunas, cedeu, por favor, o nosso almirante um iate para êle transportar do pôrto inglês madeira afim de concertar os mastros partidos, e, reparadas as naus, apressar a batalha. Finda a ação naval, o almirante das Províncias-Unidas enviou, triunfante, para os portos de Texel, do Mosa e da Zelândia, os navios capturados, muitos soldados espanhóis e até alguns capitães. Mas em Dunquerque, Antuérpia, Bruxelas, tudo era fúnebre e lutuoso. Na Espanha, em Portugal, na Biscaia, na Galiza, nas Astúrias, uns choravam os irmãos, outros os filhos, outros os amigos. As pessoas mais cordatas ruminavam consigo que convinha abandonar os holandeses ou aplacá-los com um armistício ou com a paz ; que o inimigo vencedor não se conserva onde triunfou: há-de buscar o que está patente à sua ambição e às suas vitórias.

Os holandeses nunca alcançámos triunfo para nós tão incruento e pouco danoso. Perdemos uma só nau e apenas cem homens entre soldados e marinheiros, ao passo que, conforme sabemos, subiram a muitos milhares as perdas dos inimigos, entre mortos, afogados e aprisionados. Suas naus foram quarenta entre queimadas ou capturadas, salvando-se as restantes ou pela fuga, ou por benefício dos ingleses.

*Expedição terrestre de Camarão ao chegar a armada espanhola.*

Deixemos agora o mar e volvamos para as terras do Brasil, onde o inimigo, com empenho não inferior ao que mostrámos, contra êle, se aplicou a causar-nos danos. Porquanto, antes de partir da Baía de Todos os Santos a armada espanhola, já várias vezes mencionada, dois mil homens de armas, portugueses e brasileiros, e entre êstes alguns tapuias, foram mandados para o nosso território. Separaram-se em diversos batalhões, não só para, reünidos, não ficarem sem mantimentos, mas também para não serem repelidos das fronteiras, se nelas se apresentassem em grande número, por um poder maior de holandeses.

De fato, em troços menores, poderiam ser desdenhados, mas, tornando-se de temer pela sua multidão, provocar-nos-iam à legítima defesa. Tinham recebido as seguintes instruções : junta-

rem as tropas na povoação de S. Lourenço, distante sete léguas do Pau Amarelo, e esperarem chegar a frota espanhola. Se, depois da sua chegada, não permitissem os holandeses postados no litoral o desembarque das fôrças contrárias, deveriam êles apresentar-se em armas, e, expulsando os nossos, abrir caminho para os seus e franquear a entrada no sertão. Neste propósito, já se tinham apossado do ânimo dos habitantes, alardeando o poder hispânico e tornando-os infensos a nós. Comandava essas tropas o caudilho índio Antônio Camarão, ilustre entre os seus pela experiência da milícia, pela sua extrema astúcia e ardimento. Para cumprir êle o que lhe fôra ordenado, acampou junto ao rio Una com os seus batalhões. Foi-lhe fácil penetrar alí, porque a nossa soldadesca, retirada do sertão, guarnecia quasi tôda o litoral, na expectativa da armada inimiga. Livre, porém, Nassau do temor por ela inspirado, expulsando-a para as zonas perigosas e impérvias do mar, lançou imediatamente contra Camarão uma fôrça escolhida de mil homens, à ordem do coronel Koin, militar muito experimentado e valoroso. Vendo isto o adversário, pois não se achavam as partes distantes nem o espaço de uma légua, limitou-se Camarão a retirar-se, marchando com os seus soldados divididos, através de brenhas e carrascais. Koin, com igual habilidade, enviou também os seus em bandos distintos e a marcha forçada, tomando tôdas as passagens e saídas usuais das matas. Deparando-se o capitão Tack, perto de Ipojuca, a primeira ocasião de combate, destacou contra o inimigo dois batalhões de mosqueteiros, e, travando peleja com seiscentos portugueses ao mando de João Lopes Barbalho, lutou renhidamente, morrendo alguns dêles e debandando-se os mais. Dos nossos tombaram um alferes e sete soldados de linha, e saíram feridos dezessete.

*Opõe-se-lhe o coronel Koin.*

*Camarão é expulso e derrotado.*

A segunda oportunidade de combate aproveitou-a o major Mansfeld. Conduzia êle um batalhão de quatrocentos holandeses e cem brasileiros, e com êstes veio às mãos com Barbalho em S. Lourenço, pondo-o em fuga às primeiras surriadas de mosquetaria. Eram duzentos os adversários, os quais, de todo em todo indignos, desfaziam-se vergonhosamente das armas, infamando o nome de militares. O próprio Barbalho, dando aos calcanhares, deixou em poder de Mansfeld a sua barretina, que por acaso lhe caíra, quando fugia, e bem assim a espada, as cartas que tomara aos portugueses do nosso partido e as instruções em que o Conde da Tôrre, capitão general do exército advérso, traçava o plano das operações por executar. Nelas determinava expressamente que, vencedores os

*Mansfeld combate com o inimigo.*

seus, não poupassem aos holandeses, deixando-se abalar pela clemência, mas que matassem indistintamente, não só êstes, mas também os brasileiros a nosso sôldo, concedendo graça ùnicamente aos portugueses.

*André Vidal, ao chegar a armada, instiga os portugueses à sedição.*

Por essa mesma época, detinha-se na província da Paraíba o capitão André Vidal, que, mandado alí da Baía, seis meses antes, com cartas para os senhores de engenhos, incitava-os clandestinamente à sedição, para pegarem em armas, ao chegar a frota, recuperarem, sob o seu rei, a antiga liberdade, eximindo-se da dominação holandesa, e reservarem farinha para abastecimento da potentíssima armada. Muitos não se recusavam e, quebrando a fidelidade com aquelas várias instigações, arrastavam, em conversas escondidas, para a sua parcialidade os piores elementos e os desejosos de rebelião.

Estando já a frota à vista e prontos também os outros auxiliares da insurreição, incendiou Vidal alguns engenhos e montes de canas, afim de atrair novamente da costa os holandeses, aterrados com aqueles súbitos incêndios, e, enquanto êles procurassem coïbir os prejuízos particulares, deixariam para a frota o litoral vazio e desguarnecido. Mas os comandantes batavos, conhecedores de semelhantes estratagemas, sem fazer caso dos danos privados e entregues à defesa pública, persistiram no seu pôsto. Logo depois, afugentada a esquadra, Maurício, livre dos perigos, mandou para lá o corpo de sua guarda e setecentos soldados às ordens do coronel Carlos Tourlon para reprimir as tentativas dos conjurados e conter os rebeldes incendiários. Às margens do Cunhaú, havia sido desembarcada uma partida de 300 soldados, sob o comando de Francisco de Sousa e Henrique Dias, bem como do Rabelinho, o qual, separando-se dêles por uma certa rivalidade, juntou-se depois a João Barbalho.

*Tourlon peleja com os inimigos saindo vencedor.*

Com êles brigou Tourlon numa aberta das matas, morrendo-lhes oitenta e sete e ficando-lhes diversos feridos e prisioneiros, e assim zombou-lhes dos planos. Pôde ser indício da morte de Francisco de Sousa o ter-se encontrado entre os despejos a sua coira, que foi reconhecida pelos prisioneiros. Entre os feridos contou-se Henrique Dias, que, deitando fora o escudo, a espada e a barretina, fugiu inglòriamente. Havia entre êles precipitação e mêdo, e, como se desesperasse de receber em terra os que vinham na frota espanhola, cada qual forcejava por evadir-se e voltar sem perigo para S. Salvador, indo por onde pudesse em razão da caminhada longa e molesta e da falta de alimento.

Dois meses antes de a armada zarpar da Baía de Todos os Santos, desceram do sertão para o Rio Grande 3.000 tapuias com as mulheres e filhos. Espantaram-se os holandeses com a novidade do fato, pois antes disso não se tinham aproximado de nós em tão grande número e só em ranchos de uns vinte ou trinta. Tinham vindo de lugares tão remotos do litoral que ignorávamos onde era o solo natal e morada daquela nação de antropófagos. Estimulava alguns a esperança de recobrarem a primitiva liberdade, e a muitos o ódio aos portugueses, cuja dominação não desesperavam de ser possível subverter-se por meio de outros povos europeus. Alguns havia que se prometiam com a rebelião fortuna próspera e ricos despojos, e, preparando-se já para se aliarem aos nossos, marchavam em armas para aquele território. Em tal quadra, eram para nós como um auxílio dado pela Providência, pois ninguém pensava que naquela província se desdobrasse uma cena da guerra. Apenas desembarcaram muitos marinheiros inimigos não longe do Rio Grande para comboiar gado e transportar água para reconfôrto da armada, logo escreveu Nassau uma carta ao morubixaba Janduí, na qual lhe pedia com encarecimento impedisse o inimigo de abastecer-se e de fazer aguada. O chefe indígena, protestando a sua singular inclinação para nós, despachou sem demora ao seu filho com alguns tapuias para o forte de Ceulen, como fiadores de sua fidelidade e benevolência, dizendo gravemente teria a mesma sorte de vida ou de morte que nós, tendo jurado, havia muito, ser inimigo dos portugueses. Para fazerem fé as suas palavras, assassinou doze portugueses que por alí moravam, vítimas infortunadas do seu ódio àquela nação. Aos tapüias juntou o Conde sessenta dos seus soldados, sob o comando do coronel Garstmann, para que, de comum acôrdo e sob a nossa disciplina, marchassem contra o adversário. Alistados, portanto, na milícia holandesa 2.000 homens, tapuias, (assim chamados do nome de sua nação) e outros índios, que guerreavam a nosso favor com a maior fidelidade, mostrámo-nos mais valentes contra os portugueses simpáticos à Espanha. Em verdade, o soldado nacional, mais que o estrangeiro, é obediente, leal e respeitoso aos chefes, e defende mais o país do que os nascidos noutra parte.

*3000 tapuias aliam-se aos holandeses.*

*Nassau escreve ao rei dos tapuias.*

Nassau, para prender a fidelidade dos tapuias com vínculos fortes, mandou levar para a ilha de Itamaracá as mulheres e filhos dêles e ser alí mui bem tratados. O motivo dessa determinação foi dissuadí-los de desertarem, à vista dos seus mais caros penhores, caso a isso os aconselhasse por carta Camarão, o que real-

*Admirável habilidade de Nassau.*

mente fez. Entre as cartas de Barbalho que se interceptaram havia algumas nas quais se punha em dúvida a fidelidade dêsse chefe e dos índios que lhe militavam sob o mando. Para captar-lhe as boas graças e aliciá-lo com um como mexerico, transmitiu-lhe Nassau aquela correspondência.

Pouco tempo depois, soube Maurício da bôca de certo capitão do mar, de três soldados e quatro marujos prisioneiros que as naus restantes da armada espanhola, arrebatadas para o ocidente pela braveza dos ventos e das correntes, estavam sôbre os ferros, tendo ido os navios menores fazer aguada na costa. Referiram-lhe mais que a capitânia de Castela, perdendo três âncoras, correu extremo risco, assim como duas outras capitânias e os galeões. Um transporte carregado de açúcar encalhara nos *Baixios de S. Roque*. Os espanhóis, cercados por êsses perigos do mar, escolheram então outro surgidouro, e os navios que tinham ido à costa prover-se de água doce, vendo mudado o ancoradouro pelo general da armada, abandonaram o litoral e, sem esperar-lhe as ordens, rumaram uns para a ilha Terceira, outros para o Maranhão. O próprio general da armada, tangido para oeste, achava-se no pôrto do Ceará com alguns galeões. Acreditou-se também que o general Conde da Tôrre passara com os seus domésticos para um patacho, o qual o levou para a Baía de Todos os Santos, ordenando-se aos mais vasos cuidassem de si ou deliberadamente, ou entregues aos favores da fortuna. Acrescentavam os referidos prisioneiros restarem só seis pipas de água à capitânia de Castela, e por isso foram todos os galeões coagidos por necessidade, em razão da falta de água, a dirigirem-se para o ocidente, impedidos que estavam de transportá-la das ilhas vizinhas, por se verem desprovidos de patachos, lanchas e navios pequenos, quasi todos perdidos nos recentes combates.

*Barbalho volta por terra para a Baía com 11.500 soldados.*

Entretanto, os remanescentes chefes da infausta expedição — o Conde Bagnuolo, Francisco de Moura e Luiz Barbalho —, vendo a frota dispersa, arruïnada e impossibilitada de retornar à Baía, convieram finalmente no seguinte: Luiz Barbàlho, com 1.500 soldados, providos de todo o gênero de armas, voltaria por terra para a Baía, abrindo caminho para si a ferro. Francisco de Moura e o Conde Bagnuolo, embarcando-se num navio menor de carga, seguiriam para alí por mar.

Barbalho, encetando a jornada, mandou trucidar, por dura necessidade militar, os enfermos e os incapazes de acompanhá-lo para evitar que, aprisionados pelos nossos, dessem notícias dêle e

de sua marcha por terra, o que receiava ansiosamente, conforme viemos a saber dos que se haviam escondido nos matos e foram por nós capturados.

*Bento Henrique.*

Por essa época, certo judeu de nome Bento Henrique, grande blasonador e prometedor, como é vezo dêsses tais, levantou o ânimo dos conselheiros com a descoberta de importante segrêdo, isto é, de certa mina. Não vendia, porém, por preço insignificante a incerta esperança de riquezas. Pedia para si e para seus filhos nascidos e nascituros, por paga da indicação, metade dos proventos e lucros que se auferissem. Os conselheiros, sabendo que a penúria é mãe das fraudes e que a pobreza se farta com fantasias túmidas e estultas, não recusaram, nem aceitaram de todo as condições exigidas, limitando-se a prometer as recompensas concedidas, por prescrição dos diretores da Companhia, aos descobridores de cousas úteis. Bento, porém, ocultava, não sem arrogância, tão relevante achado, tencionando ir à Holanda, mas, não obstante, abatia alguma cousa nas suas exigências. Receosos os conselheiros de revelar a outros a sua descoberta ou então, surpreendido pela morte, de não a revelar a ninguém, entraram outra vez em conversações com o judeu, e, propondo-lhe novas condições, nada conseguiram. Ordenaram-lhe, todavia, a permanência no Brasil para não divulgar o seu segrêdo, e durante muito tempo sentiram-se embalados com a expectativa de tamanha felicidade. Posteriormente, transigindo o judeu, em contrato solene, com o Conselho dos Dezenove, dirigentes supremos da Companhia, trouxe para Pernambuco da mina, aonde fôra em pessoa, amostras de minério. Submetidas a rigoroso ensaio, concluíu-se serem matérias sulfúreas e plúmbeas, sem valor algum e, além disso, achar-se a mina sita ao sul do São Francisco, em zona disputada pelas armas de portugueses e holandeses, e longe do mar.

*Vidal faz devastações.*

Vidal, de quem pouco atrás fiz menção, era homem audaz, astuto e, conforme o negócio em que se empenhava, perverso ou enérgico (261). Talando as terras da Paraíba, a ferro e fogo, causava os maiores danos aos engenhos e lavouras de canas de açúcar pertencentes aos portugueses. Para obviar a estas devastações, enviaram-se para alí, em defesa dos engenhos, diversos destacamentos, que, reünindo seus esforços, quando o exigissem as circunstâncias, expulsassem o invasor. Entre os soldados de tôdas as guarnições, puseram-se a preço a cabeça dêste mesmo Vidal e a de Magalhães, ambos saqueadores.

*Processo contra depedradores do cidadãos.*

Foram também castigados alguns holandeses que, em Alagoas e Pôrto Calvo, vexavam criminosamente o povo com saques e extorsões. Confiou-se ao capitão Carlos Tourlon, comandante do corpo da guarda do Conde João Maurício, o encargo de processar êsses depredadores e reprimir os autores de violências contra o público.

*Vendem-se negros por alto preço. Discurso sôbre os escravos.*

Foram algumas vezes vendidos em hasta pública escravos negros importados da África, os quais renderam ao erário lucros avultados. A freqüente menção que faço dos escravos exige de mim uma breve digressão sôbre a sua origem e condição. Uns o são por um vício da natureza, outros em virtude de lei. Àqueles chamo os que, por defeito de inteligência e de aptidões, não logram elevar-se às cogitações mais altas e dignas do homem, convindo mais viverem ao nuto e arbítrio alheio do que ao seu. A lei faz escravos, não a natural, que manda nasçamos todos livres, mas o direito das gentes, contrário à natureza, é verdade, mas, não obstante, introduzido não sem razão. Tais são os prisioneiros de guerra, que, podendo ser mortos, em virtude dêste direito, reservam-se, todavia, para a escravidão ou, por fôrça da mesma lei, podem ser vendidos e comprados por determinado preço (262). Esta servidão, usada não só pelos romanos, mas ainda por outras nações, dava em tôda a parte aos senhores o direito de vida e de morte sôbre o escravo (263), até que, sob o império romano, se restringiu êsse domínio por leis mais brandas, tornando-se necessário dar-se conta das mortes e das sevícias perpetradas contra os escravos (264). Cesar nas Gálias vendeu em hasta pública os prisioneiros, e o mesmo fez Augusto entre os salassos, povo dos Alpes.

Também os cristãos, nos primórdios da Igreja, tiveram escravos, e muitos séculos depois. A palavra divina dos Apóstolos não condena a servidão, mas apenas a regulamenta dentro de certos preceitos ((265). Existem leis de Carlos Magno, de Luiz, o pio, e de Lotário relativas aos servos (266). Há também decretos dos pontífices Alexandre III, Urbano e Inocêncio sôbre casamentos dos escravos. Entretanto, em época posterior, aboliu-se a escravidão entre os cristãos, abrandados pela doutrina e espírito de Cristo. Assim, desde o tempo do imperador Federico II, não houve mais escravos, ou por se crer contrário às leis divinas escravizarem-se homens remidos pelo sangue de Cristo para a liber-

dade de filhos de Deus, ou para se atraírem, com esta nova e insólita forma de humanidade, as almas dos gentios, alheios do ensinamento evangélico.

Com razão escreve Sêneca "*que o nome de escravo nasceu de uma injustiça*". Maior respeito, sem dúvida, tiveram ao decôro e à utilidade pública os antigos germanos: não abusaram cruelmente dos seus escravos, como costumavam os romanos, limitando-se a exigir dêles, como de colonos, certa quantidade de trigo, de roupa ou de gado, e lhes permitiam terem o seu lar e os seus penates conforme quisessem. Podem-se observar vestígios claros dêsse regime servil na Suécia, Polônia e outros países. "*E' raro açoitarem um escravo, porem-no a ferros ou forçarem-no a um trabalho. Soem matá-los, não por um espírito de disciplina ou de severidade, mas um ímpeto de ira, como se mata um inimigo, com a diferença de o fazerem impunemente*" (267). Ainda hoje muitos gentios e cristãos costumam dar quasi o mesmo tratamento aos seus escravos. Sêneca recomenda clemência e moderação para com êles: "*São escravos?* diz êle, *mas também homens. São escravos? mas também companheiros. São escravos? mas também humildes amigos. São escravos? mas também escravos como nós próprios, se considerarmos que a fortuna tem sôbre êles o mesmo poder que sobre nós. Pois tanto podes ver um escravo livre, como pode êle verte escravo. Já é cruel e deshumano abusarmos dêles como de homens, quanto mais como de animais! Reflete que este a quem chamas de escravo nasceu da mesma semente que tu, goza do mesmo céu, respira como tu, vive como tu, morre como tu. Vive, pois, com o teu inferior da mesma forma que desejarias vivesse êle contigo, se fôsse teu superior. Sempre que te vier à mente quanto te é permitido contra o teu escravo, lembra-te igualmente que outro tanto é dado contra ti ao teu senhor. Vive com o teu coescravo clemente e afàvelmente*".

*EPIST. 31.*

*TACITO GERMANIA.*

*EPIST. 47.*

Depois que a avidez do ganho medrou ainda mesmo entre os cristãos, que abraçaram fé mais pura e mudada para melhor (268) abrindo caminho com a guerra e com as armas, também os holandeses voltámos ao costume de comprar e vender um homem apesar de ser êle imagem de Deus, resgatado pelo sangue de Cristo e senhor do universo, escravo apenas por vício da natureza e do engenho. De sorte que nesta época na qual os cristãos dominam o Brasil, poderia um escravo qualquer lamentar-se, exclamando: "*Que mísera sorte, ó Júpiter e Deuses, é ser escravo de um senhor louco*". Em verdade, acontece não raro que um homem mais sá-

*ARISTÓTELES, IN PLUTO.*

bio sirva a um mais estulto, um bom a um mau, um inteligente a um estúpido, sujeitando ao alvedrio de outrem, não por defeito da natureza, mas por dureza da sorte, a sua alma, parcela do espírito divino.

Foi desterrado para as ilhas das Índias Ocidentais certo Francisco de Barros Rêgo, homem de fidelidade suspeita, pois vivia ociosamente às margens do São Francisco e vendia às escâncaras os seus serviços ao rei da Espanha, como provou com cartas autênticas dos oficiais régios.

Quem defende os impérios nascentes deve desconfiar dos vencidos, sempre dispostos para a traïção e a deserção.

*Proibem-se os duelos.*

Naquele mundo bárbaro, irrompiam também contra a nossa gente os vícios da terra, mormente a infrene mania dos combates singulares, que acabavam em mortes, ferimentos e graves ofensas, com desdouro do nome cristão. Reprimiram-se, pois, em severíssimos editos, os duelos, restabelecendo-se contra os homicidas o rigor das leis.

Reclamando os habitantes de Serinhaém, Una, Paraíba, Alagoas e Pôrto Calvo contra a falta de farinha, conseguiram a punição dos que ocultassem aos respectivos diretores (269) a produção de mandioca.

Para não faltar alimentação à soldadesca dos presídios, fixou o Conselho uma ração de pão para matar a fome dos seus, até chegarem da Holanda provisões mais fartas.

Em fins de 1639, transportou-se para Maurícia o corpo do ilustríssimo conde João Ernesto de Nassau, pois decretara o destino que, nascendo na Europa e morrendo na América, se assinalasse em ambos os hemisférios, e dessa prova da sua mortalidade aonde viera, em companhia de seu irmão Maurício, dar prova da sua bravura.

*Acontecimentos posteriores ao desbarate da armada.*

Disse eu que a frota espanhola, destroçada e dispersa, tomara rumos diversos. Voltando a nossa para Pernambuco, mandaram-se as naus despejar os carregamentos e satisfazer os desejos dos mercadores, o que antes, ao começar a batalha naval, não se pôde fazer por estreiteza de tempo.

Desembarcando as suas fôrças, mostrou-se Nassau em terra temível aos inimigos. Contra Luiz Barbalho, que ameaçava a

*Picard opõe-se a Luiz Barbalho.*

Paraíba com 2.000 homens, marcharam o major Picard e o capitão Day, para espiarem o inimigo e privarem-no de abastecimento, recolhendo o gado a currais. Ordenou-se também aos capitães do mar e aos que vigiavam as costas, que estivessem com as naus

prestes para qualquer eventualidade, se algures tentasse o português uma irrupção. Enviaram-se muitos navios para a Baía afim de observarem e apresarem, se o acaso o permitisse, as naus dos contrários. E, como Luiz Barbalho ocupasse com as suas tropas as proximidades da Paraíba, mandaram-se de Goiana os soldados da guarnição e o capitão Melling, comandando o seu batalhão, os índios e o batalhão que estivera às ordens de Artichofski em Iguaraçú, para onde foi a companhia do capitão Einten. Para Olinda seguiu a que obedecia ao capitão Piron.

*Punição de comandantes covardes.*

Foram nesta ocasião punidos pelo Conselho de Justiça alguns capitães de mar por negligência no cumprimento do dever. Efetivamente alguns dos capitães que tomaram parte nas batalhas navais lutaram valorosamente, e, indefessos na peleja, deram aos outros exemplo de bravura marcial; alguns, porém, numa vergonhosa covardia, com o ânimo abatido pelo temor da morte, macularam a honra da milícia, com ser espectadores e não atores da luta. Nassau, para manter a disciplina militar com exemplos de severidade, escolheu juízes para julgarem e punirem os réus, afim de não ficar inulta a glória bélica ofendida, propiciando-se Marte com um como sacrifício expiatório. Dois foram sentenciados à pena capital, pagando com a vida a sua pusilanimidade; brandiu-se sôbre a cabeça de um outro uma espada, como sinal da clemência com que se lhe perdoava a morte por êle merecida; a um terceiro concedeu-se graça em atenção aos seus antigos serviços. Presenciou êste espetáculo de severidade Antônio da Cunha Andrada, admirando o rigor inflexível da milícia holandesa, ainda mesmo após a vitória, louvando-o, todavia, como tenacíssimo vínculo da segurança pública e sustentáculo da nossa dominação numa terra hostil (270).

*Recompensas concedidas aos beneméritos.*

Os capitães que prestaram serviços de vulto foram elogiados e premiados cada um com uma medalha de ouro, comemorativa da ação. Numa das faces trazia uma representação da esquadra e das naus com esta inscripção: *"Deus abateu o orgulho dos inimigos"* (271). Na outra face apresentava a efígie e o nome do Conde João Maurício.

Barbalho procurava caminho, conduzindo os seus soldados através dos matos do sertão. Foi-lhe no encalço Tourlon para cercar-lhe as estradas. Ordenou-se a Picard e a Doncker que, abandonando Goiana e seguindo para Terra Nova, empenhassem tôda a diligência ou em desbaratar ou em afugentar as fôrças

*Derrota de algumas fôrças holandesas.*

adversas, se em algum lugar o pudessem. Entretanto, o inimigo com igual atividade, deu improvisamente sôbre os nossos batalhões aquartelados em Goiana, sendo mortos Picard, o capitão Lochmann e cem soldados rasos, ficando outros feridos ou em debandada.

*Prepara-se Nassau para a guerra.*

Nassau, maguado com êsse desastre dos seus, reünindo de tôda a parte fôrças militares, determinou fazer êle próprio a guerra. Retirou das naus para o exército de terra os soldados e 250 (272) marinheiros, sob o comando do capitão Jacó Alard. Por ordem do Conde, juntaram-se às tropas, na povoação de S. Lourenço, Mansfeld e Hoochstraten. O capitão Hauss, tirando os soldados de Moribeca, dirigiu-se para Olinda, juntamente com dois outros capitães, Dick e Schluyter. Determinou-se ao esculteto Stat que alistasse nos engenhos oitenta negros para transportarem as bagagens do exército. Impôs-se aos cidadãos a guarda de Olinda, depois de evacuada das guarnições.

O capitão Eint foi convocado de Iguaraçú para apresentar-se com a sua companhia.

Tourlon, perseguindo da Paraíba ao inimigo, em marchas forçadas e molestíssimas, pois fizera 17 milhas em 12 horas, com os seus mortos de fome, nenhum resultado alcançou; porquanto, informado o adversário da sua chegada por indicações de portugueses, retirou-se, com grande precipitação, para os matos, conforme parecia, por causa das mochilas e bagagens abandonadas aquí e acolá. Trucidaram os nossos a alguns dos inimigos, fazendo-os sair dos canaviais onde se haviam ocultado.

*Desiste-se da guerra.*

Referidos êstes fatos ao Conde, resolveu-se desistir-se da expedição e recolherem-se os soldados conscritos a suas companhia e quartéis, e os marinheiros às suas naus.

Pouco tempo depois, combateu Mansfeld nos matos com um batalhão adverso. Lançando êste por terra as bagagens, pôs-se em fuga. As mochilas, que os soldados deixaram em número de 200, estavam cheias, para sustento dêles, não de farinha, pela falta desta, mas de açúcar.

*O Conde manda os seus perseguir o inimigo.*

O Conde não cessou de perseguir ao inimigo nos vários lugares onde o pedia a segurança pública. Contra Camarão e João Barbalho enviou êle Tourlon; contra Luiz Barbalho despachou Mansfeld com 1.200 homens sob o seu comando, ordenando-lhe acossasse o inimigo até as margens do São Francisco. Ao coronel

Koin, porém, determinou que reconduzisse a soldadesca até Una e dalí para Serinhaém. À todos os nossos portos remeteram-se muitas naus transportando mantimentos para refocilar as tropas.

*Destêrro de alguns eclesiásticos.*

Por êsse tempo, sessenta eclesiásticos, franciscanos, carmelitas e domínicos da província de Pernambuco, em conseqüência de ajustes clandestinos com o inimigo, de tentativas de deserção de soldados e de remessas ocultas de mantimentos para os espanhóis, foram detidos na ilha de Itamaracá e daí, em virtude de um decreto do Supremo Conselho, relegados para as ilhas da Índia Ocidental. Conquanto pudesse ser nociva a sua influência, pela sua afeição aos espanhóis e pelo seu espírito partidário, todavia, achando-se a considerável distância do Brasil, estavam alí impedidos de nos causar danos. Esta providência a princípio alvoroçou o povo, mas, depois de retirados do meio dêle os que desejava reter, arrefeceu com a indignação aquele desejo, mormente por lhe terem sido deixados os párocos para celebração do culto.

O inimigo fôra expulso do nosso território não só pelas armas, senão também pela falta de mantimento. Em vista das necessidades da guerra, tinha-se proïbido, durante algum tempo, negociar êste com os naturais; mas de novo permitiu o Conselho aos súditos que vendessem farinha nas terras e vilas próximas e onde quisessem. Os sabedores da ciência política e da arte militar aprenderam que, fora da guerra, podem fornecer-se os mantimentos; entretanto, durante ela, não é de modo algum injusto proïbir o fornecerem-se. Considera-se, portanto, partidário do inimigo quem, depois da notificação pública, vender e exportar vitualhas, porque a fartura dos bastimentos aumenta a guerra, assim como a escassez dêles a diminue.

Determinou-se aos índios que se tinham incorporado na milícia que, cessando o receio das irrupções do inimigo, voltasse cada um para suas aldeias e se dessem à lavoura, afim de remediar-se à míngua de gêneros alimentícios.

Durante a paz, empenharam-se os diretores da Companhia em remeter reforços para o Brasil, porque tinham as lutas alí travadas consumido a gente de guerra, tantas vezes solicitada com instância pelas cartas do Conde e dos conselheiros. E como não podiam aqueles sustentar o pêso de tão grande domínio só com os proventos e lucros ministrados pelo Brasil, tendo sido por tôda a parte arruïnados os engenhos e destruída a safra, traçaram o plano de restaurar, pelas armas e pela fortuna da guerra, a república enfraquecida e volveram o seu poder contra os galeões da prata,

que, carregados de tesouros, partem anualmente da Terra Firme (273), da Nova Espanha e de Honduras. Neste propósito, aparelharam uma esquadra de 28 velas, comandada pelo almirante Cornélio Jol e pelo vice-almirante João Lichthart. Zarpando êstes da Holanda no princípio de 1640, aproaram ao Brasil ao entrar da primavera (274). Levavam consigo João Walbreeck, que ia assumir o cargo de assessor do Conselho Supremo, Nieuland e Alewin, que seriam conselheiros, e Moucheron, fiscal.

*Expedição de Jol contra a Baía 27 DE MARÇO DE 1640.*

Deliberou-se sôbre o que conviria fazer-se em proveito da Companhia, e, pelo voto de todos, punha-se a mira na cidade de São Salvador, capital do Brasil espanhol, que havia sido recentemente atacada em vão pelos nossos. Sujeita ao nosso poder, logo nos assenhoraríamos do Brasil inteiro e de tôda a produção do açúcar, à conta dos numerosos engenhos daquela capitania. Mas, se é fácil abranger na esperança as maiores cousas, é difícil realizar tudo o que se deseja. Nassau julgava que não dispunha de fôrças bastantes para sitiar a cidade, emprêsa para a qual se faziam necessários no mínimo 6.000 homens; que era ela guardada por fôrtes guarnições, podendo-se, depois disso, chamar fàcilmente em socorro os povos vizinhos; que expugná-la pela fome exigiria maior demora do que a permitida pela quadra do ano por causa da estação chuvosa, e que, além dessas razões, por instruções recentes dos diretores da Companhia, declarava-se guerra ao Ocidente e à frota da prata.

Resolveu-se, pois, enviar novos soldados às terras inimigas, os quais, à imitação do que amiúde tentara e executara Barbalho dentro das nossas fronteiras, deveriam talar e saquear a ferro e fogo o que encontrassem, e assim, tornando-se o adversário mais prudente à custa dos próprios danos, de futuro faria a guerra com mais clemência. Praticada a devastação, haviam de faltar-lhe vitualhas para sustentar as guarnições, resultando disso lucro para os mercadores, rendas para o erário e descanso e sossêgo para nós.

*Fins das devastações.*

Talvez houvessem inspirado esta resolução os exemplos dos antigos romanos, os quais, com idêntico fim, assolaram a Espanha, a Campânia, a Ligúria e as terras dos nérvios e menápios. O mesmo obraram antes dêles os haliates contra os milésios, os trácios contra os habitantes de Bisâncio, não tanto por ódio ao adversário quanto por prudente cálculo, destinado a atenuar as hostilidades e forçar a paz. Em conseqüência, enquanto se apercebem as naus e as outras cousas necessárias para a arrojada expedição con-

tra o Ocidente, Jol, com oito navios conduzindo 700 soldados e 200 brasileiros, fez-se de vela para o Pôrto do Francês, afim de dar caça ao resto dos batalhões de Barbalho, que permaneciam em Alagoas, matando e saqueando. Conhecida a sua chegada, marchou Barbalho para o sul, levando consigo todos os moradores da região, exceto três ou quatro e evacuando tôdas as localidades. Confiscamos os bens, casas è terras dêles como de trânsfugas e partidários do inimigo.

*Lichthart tala o território baiano.*

O vice-almirante Lichthart e o coronel Carlos Tourlon partiram para a Baía com poderosa esquadra de 20 naus, que levava 2.500 homens de armas. Desembarcando alí os soldados, deram provas horrendas de cruéis do seu furor bélico. Reduziram a cinzas todos os engenhos de portugueses, menos três; tomaram ou queimaram quantos navios pequenos encontravam aquí e acolá; devastaram e depredaram, à vista dos cidadãos, as lavoiras circunvizinhas, os casais, granjas e prédios. A ilha de Itaparica (275) e outras foram inteiramente postas a saque, para não se mencionarem outros danos, porquanto em parte alguma estorvou ou sustentou o inimigo a nossa violência.

Trucidavam-se a ferro os homens e os que podiam pegar em armas. Foram poupadas sòmente as mulheres e crianças. Estas duas classes de pessoas inspiraram compaixão e lograram escusa, visto como é cruel fazer das mulheres o prêmio da guerra, e contra as crianças, que há tão pouco tempo vieram ao mundo, nem mesmo a calúnia tem que dizer.

No Pôrto do Francês, recebeu nas naus o coronel Koin três companhias militares, seguindo em direitura do Rio Real, sujeito aos espanhóis, para fazer alí igual devastação. A razão dêste feito foi aliviar Pernambuco da penúria de mantimentos, mudando-se para o território inimigo o teatro da guerra, pois em outra parte haveria sustento para os nossos soldados. Acresciam ainda estas razões: serem dalí fáceis as incursões nas capitanias portuguesas; ser preferível levar para fora a violência da guerra a sofrê-la dentro das próprias fronteiras, destruindo, assim, as plantações e safras dos adversários e impedindo a captura do gado de que se alimentavam; que sòmente com esta estratégia poderia induzir-se o antagonista a velar pela própria defesa, retirando das províncias holandesas as suas tropas; além disso, ocupadas em outros lugares as nossas fôrças, gozariam os súbditos holandeses mais tranqüilidade.

*Razões de se talarem as terras inimigas.*

Enquanto, porém, nos demorávamos alí, desforçando-nos a ferro e fogo, não se encontrou gado suficiente para os holandeses, porque as tropas de Barbalho, em suas idas e vindas através daquela região, tinham acabado com êle. Também, quando chegou o coronel Koin, já se havia ordenado aos ribeirinhos do Rio Real e do Itapicurú tocar para a Baía de Todos os Santos todos os armamentos que houvesse. Sendo esta a situação, desejava Koin ser útil noutra parte, pois não se lhe deparara ensejo de fazer mal ao inimigo em trecho algum daquele território, que percorrera numa extensão de vinte léguas.

E já o major Brand ouvira de prisioneiros inimigos que D. Jorge de Mascarenhas, vice-rei do Brasil, velejara para a Baía com uma esquadra de 18 navios, que transportavam 2.500 homens, entre gente de mar e guerra; que levara consigo cinco mestres de campo; que, por mandado do rei, fôra detido o governador, Conde da Tôrre e que Barbalho recebera ordem de voltar para Portugal.

Marchando corajosamente para o interior à frente do seu batalhão, logo foi êsse mesmo Brand cercado e batido pelos adversários, e sofreu não pequeno desbarate, mortos cem dos seus e aprisionados diversos, entre os quais êle próprio.

*Ataque frustrâneo contra o Espírito Santo.*

Koin, homem aliás de grande ânimo e prudência, tentou frustrâneamente opugnar a vila do Espírito Santo, na capitania dêsse nome, malogrando-se a emprêsa pelo pouco traquejo dos soldados e por falta de navios menores, a qual impedia o rápido desembarque das fôrças. Demais, avisado prèviamente, o inimigo munira com obras apressadas a vilazinha, mandara vir em auxílio brasileiros do Rio de Janeiro e se recolhera a um morro, donde com cinco peças atacava proveitosamente os holandeses. Forcejando o coronel por galgar o tope do monte para dalí expulsar o adversário, foi obrigado a bater em retirada pela pusilanimidade e covardia dos seus. Incendiaram êstes a vila em vários pontos, mas não pegou fogo, graças às casas construídas de tijolo. Foram levadas do rio sòmente duas naus de carga com 450 caixas de açúcar; mas o inimigo disparou a artilharia contra elas e desconjuntou-as tôdas, de sorte que foi o seu doce lastro transportado como presa para outras naus. Dos nossos tombaram mortos sessenta soldados rasos e alguns de pôsto mais alto, e ficaram feridos oitenta.

Saqueava Lichthart a Capitania de Todos os Santos, e Barbalho, para acudir à aflição dos seus habitantes, chamou às pressas

as companhias que se achavam no nosso território e, atravessando o São Francisco, extrema austral do Brasil holandês, voltou para a Baía, com os seus soldados reduzidos, famintos e enfraquecidos com as exaustivas caminhadas.

Nessa ocasião, Nassau e o Supremo Conselho, seu colaborador, concentravam seus cuidados em dois projetos: tomarem a Baía e a cidade de São Salvador e levarem ao cabo a resolvida expedição de Jol contra o Ocidente. Não se pôde realizar o primeiro por falta de soldados e provisões de bôca, as quais a esquadra de Jol, a ponto de partir para o Ocidente, havia absolvido. Assentou-se portanto, executar-se o segundo projeto. Dois fatores igualmente prejudicavam os lucros da companhia: 1.°) os salteadores e devastadores, que forçavam os habitantes do campo a darem-lhes dinheiro em troca de sua tranqüilidade, e esta foi a causa de ter diminuido o talho do pau-brasil; 2.°) os incendiários e malfeitores, que operavam ou por si ou instigados pelo inimigo. Na medida do possível ocorreu-se a êsses males, com se espanharem pelas zonas infestadas, segundo os recursos e extensão das mesmas, soldados que prendessem os ladrões negros e também portugueses e os apresentassem à autoridade judicial do lugar. Era chefe dêsses bandidos um negro, um tal Pedro Visto, que, recebendo instruções dos inimigos, causou aos holandeses danos consideráveis, mas ùltimamente sofreu também da parte dêles não pequenas perdas, pois lhe foram arrebatados cem negros por êle roubados aos senhores de engenhos.

Muito se esforçaram o Conde e os conselheiros para tornarem os portugueses, nossos súditos, mais favoráveis e justos para nós. Os mais dêles apegavam-se à opinião de que não podiam, de boa fé, tomar armas contra o rei e reprimir a ferocidade e as incursões quotidianas dos salteadores, e por isso os favoreciam com o silêncio, com os conselhos e com a própria cooperação. Diante disso, mandou o Conde formar lista, nas três províncias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, dos portugueses mais conceituados pela posição social, pela riqueza e pelo bom nome, e lhes rogou que colaborassem com êle na defesa da segurança pública; que renunciassem às relações de amizade com o inimigo, pois nenhum auxílio mais poderiam esperar da armada espanhola; que reavivassem a atividade do comércio e, numa ação conjunta, desvíassem dos altares e dos lares (276) tôda a violência. Êle nada omitiria em proveito dêles e em honra da nação portuguesa; preveniria, por severíssimo edito, que fôssem tratados indigna-

mente por seus soldados ou oficiais, e que qualquer indivíduo pacato sofresse dano por parte quer de grupos, quer de uma só pessoa. Com estas e outras palavras próprias para aplacar e vencer os ânimos, tomou, com o assentimento de todos, salutares providências.

*Estado financeiro quanto a lucros e rendas.*

Os tesoureiros registram nessa época terem entrado para os cofres da Companhia, saídos dos domínios régios, 350.000 florins, resultantes das décimas do açúcar e dos impostos sôbre gêneros alimentícios e pesos. Entretanto, concedia-se por eqüidade alguma remissão aos respectivos arrematantes, em atenção aos danos causados aquele ano (277) pelos incêndios e pilhagens. Os direitos das mercadorias importadas da Holanda e pertencentes a particulares montaram a 400.000 florins, e os do açúcar exportado do Brasil para a Holanda ascenderam a 300.000 florins. Os impostos devidos de vendas de engenhos, de imóveis e de negros escravos importavam em 2.400.000 florins. O dinheiro proveniente dos despojos de guerra somava 300.000 florins. Os negros comprados na África e vendidos no Brasil renderam 600.000 florins. Estas são as rendas e lucros só do Brasil, além das que na Holanda recolhiam como próprios as arcas dos holandêses. E sem dúvida teriam sido muito mais vultosos os réditos, se não os houvesse diminuído a baixa do açúcar, cujo preço se teria podido aumentar, parte com a destruïção dos engenhos dos inimigos, como já fôra encetada, parte pela proïbíção dos açúcares levados anualmente pela Companhia das Índias Orientais.

*Interêsses da Companhia das Índias Orientais.*

O Supremo Conselho julgou muito importar aos interêsses da Companhia restabelecer a antiga lei portuguesa pela qual proïbiu o rei se penhorassem, por títulos de dívida, os escravos que trabalhassem nos engenhos e os utensílios dêstes, porque, sendo retirados, cessaria o trabalho, e com isso acabariam de todo os proventos que dêles auferia o rei. Com efeito, assim como dizem os peripatèticos que os céus não se movem sem uma Inteligência (permití, leitores, êste peíodo ao historiador), que não se pode governar uma nau sem um pilôto, nem um carro sem um cocheiro, assim também dizem os brasileiros que sem os negros, como figuras indispensáveis, não é possível tocarem-se os engenhos. Achou ainda o Conselho ser necessário remeter-se para o Brasil mais dinheiro holandês para as transações diárias, pois os portugueses escondem ou gastam com parcimônia o dinheiro cunhado pelo rei e o de mais valia. Seria também proveitoso, segundo alvi-

trava, revigorar-se o antigo valor do tabaco brasileiro, e que os naturais se dedicassem à cultura do gengibre. Nada, porém, tão útil e frutuoso quanto a remessa freqüente de colonos e a liberdade do comércio privado, não sòmente pelas grossas rendas que disto se poderiam esperar, mas também em favor da segurança do império, porquanto não se deve crer na amizade dos vencidos, e as nações desafeitas a novos dominadores sacodem fàcilmente o jugo a elas imposto. Determinou mais o Conselho que se equipassem diversos iates para vigiarem os postos de Angola, na África, e os do Rio de Janeiro e do Rio da Prata, e para insidiarem aos navios de carga dos inimigos, porque costumam transportar mercadorias de grande preço, — escravos, farinha, vinhos e outras veniagas, estimadas em Pernambuco, onde são vendidas pelos cúpidos mercadores. A falta de navios, entretanto, não permitiu realizar-se êste plano na medida que a situação exigia, pois Jol levara consigo a maior parte dêles.

*Heitor de la Calce é obrigado por necessidade a fundear na Paraíba.*

Por essa época aconteceu um fato para nós vantajoso: Heitor de la Calce, mestre de campo do terço napolitano, tendo partido pouco antes da Baía de Todos os Santos, foi obrigado por necessidade a fundear na Paraíba, quando esteirava para o Ocidente com 600 soldados, por estar com a sua nau aberta e desconjuntada. Para não nos ser pesada a manutenção de tantos prisioneiros, foram transportados para o Ocidente, retendo-se Heitor e os oficiais, para com êles se resgatarem os holandeses cativos no pôrto de Havana. Mandou o Conde para a Holanda a êste mesmo Heitor, homem, segundo estou informado, de ótimo carater, e o fez a pedido dêle próprio. Quis êle, porém, ser de tal fidelidade que recusou voltar para a Espanha, enquanto não se obtivesse a remessa dos nossos patrícios prisioneiros fora da Holanda, pagando-se à Companhia as despesas feitas com o transporte dos seus para o Ocidente.

Passemos, porém, a narrar a expedição de Jol e de Lichthart.

*JULHO DE 1640*

Costeando o norte do Brasil, conduzira-os a sua frota para o Ocidente já havia alguns meses. Constava ela de vinte e quatro naus perfeitamente aparelhadas para a guerra e contava dois mil marinheiros e mil e setecentos soldados. Na expectativa de próspero resultado, levantara esta emprêsa os ânimos assim dos brasileiros como dos europeus, portugueses e holandeses. Efetivamente, em nenhuma outra parte se afigurava mais útil e cúpido o pelejar do que onde se deparasse importante matéria à cobiça humana, não as especiarias, as madeiras pre-

ciosas, os açúcares, mas os próprios tesouros do Ocidente, as valiosas barras de ouro e de prata. Entretanto, o que não é infreqüente na guerra, malogram-se os mais importantes cometimentos, principalmente no mar, onde os projetos humanos ficam sujeitos ao arbítrio dos ventos e das ondas.

*A armada de Jol diante do pôrto de Havana.*

A 1.° de Setembro achava-se tôda a frota diante do célebre pôrto de Havana, em Cuba. Logo, dividindo-se em esquadras, pôs-se à capa, até findar o mês, e, com êle, a esperança de presa ; porquanto aguardava a frota e desejava ansiosamente que saíssem dos portos as naus espanholas, acendendo a vontade de pelejar-se. Incentivada pela vizinhança das riquezas, extasiava-se, ante tamanha fortuna, a cobiça de todos.

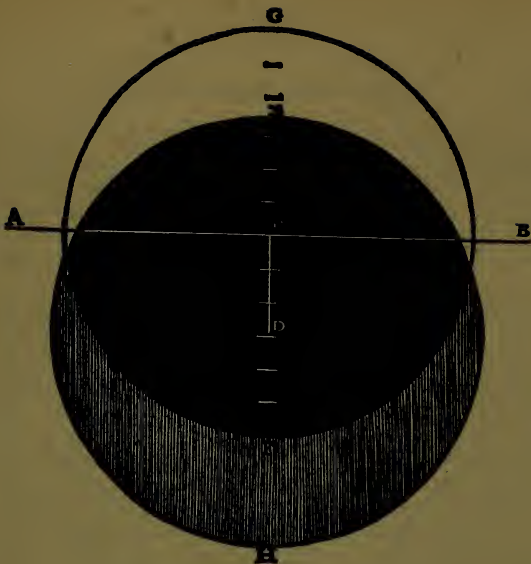
Frustou-se-lhes, porém, a expectativa. A sêde do dinheiro não sofre delongas, e nada se ficou sabendo de outiva sôbre a chegada das frotas da prata, por mais que se interrogassem a respeito pescadores apanhados aquí e acolá. Cada uma delas efetivamente, por ótimos alvitres e por prudente receio, permaneceu nos seus respectivos portos, não achando razoável expor à ambição armada o ouro e a prata que levavam : tiveram por preferível adiarem o transporte e tantas riquezas a espô-las a riscos certos.

*É dispersa por uma tempestade*

Crescendo o vento, desencadearam-se tão rijas tormentas contra a nossa esquadra que ela se dispersou, e algumas naus deram à costa de Cuba, naufragando com os vagalhões que se erguiam e sendo aprisionados os tripulantes que escaparam.

Os que foram levados para o pôrto de Havana e alí detidos por algum tempo, voltando depois para Pernambuco, elogiaram, cheios de admiração, a humanidade e cortesía dos espanhóis para com êles. Disseram que não tinham sido guardados em cárceres imundos, mas postos em custória assaz livre, com alimentação farta, segundo as necessidades. Quatro outras naus foram ter aonde as impeliu a sorte, a fúria do mar ou os ventos. Despachou-se uma delas para a Holanda por mensageira da malaventurada empresa. Das quatro que haviam errado pelo mar, duas, Nassau e Ernesto, tangidas através do estreito de Bahama, arribaram salvas a Pernambuco ; uma outra foi parar na Holanda setentrional. Refeitos os tripulantes na baía de Matanzas, chegaram ao Brasil, mas muito estragadas, as dezeseis naus remanescentes, que conduziam 690 militares e 938 marujos sobreviventes.

Restauraram-se sem demora para novas expedições, afim de não se perder o fruto de tantas despesas.




| | |
|---|---|
| A B. | Ecliptica. |
| C. | Centro do Sol. |
| D. | Centro da Lua. |
| C D. | Distância entre o centro do sol e o da Lua. |
| E F. | Grandeza do eclipsé em digitos e min. |
| E G. | Restante parte do Sol luminosa. |
| F C E G. | Diâmetro do Sol. |
| H F D E. | Diâmetro da Lua. |

| | |
|---|---|
| Tempus æquabile Vraniburgi d. $\frac{3}{13}$ Novemb. h. | 3. 12'. 3". |
| Locus Terræ perpendiculariter Soli subjectus | 21°. 4'6. 2". Scorp. |
| Locus ☊ | 21. 23. 21. Scorp. |
| Reductio | 6. Subtr. |
| Locus Lunæ in Orbita | 21. 45. 56. Scorp. |
| Arcus inter centra | 2. 5. Bor. |
| Ampliatus physicè | 2. 7. |
| Párallaxis Lunæ, seu Semidiameter disci terræ | 63. 41. |
| Semidiameter Lunæ | 16. 22. |
| Solis | 15. 27. |
| Semissis parallaxis Solis | 30. |
| Semidiametér Penumbræ | 32. 19. |
| Semidiameter Lunaris Vmbræ | 55. |
| Súmma Semidiametrorum | 1. 36. 0. |
| Horarius Solis } veri | 2. 32. |
| Lunæ } veri | 38. 27. |
| Lunæ à Sole verus | 35. 55. |
| ampliatus physicé | 36. 29. |
| Erit igitur defectus alicubi centralis & totalis. | |
| Scrupula dimidiæ durat. omnimodæ Eclips. | 1. 35. 59. |
| Scrup. dimid. moræ total. umbr. Lunæ in disco | 1. 3. 39. |
| Scrupula dimidiæ moræ penumbræ in disco | 31. 18. |

| | | |
|---|---|---|
| Ergo | H. | |
| Tempus dimidiæ durationis | 2. 37'. 51". | |
| moræ Vmbræ | 1. 44. 41. | |
| moræ penumbræ | 0. 51. 28. | |
| Tempus adparens mediæ Eclips. Mauriciæ erit die $\frac{2}{12}$ Novemb. H. | 23. 47'. 48." | |
| Tempus adparens visæ Veneris & maximæ Eclipsis Mauriciæ in Brasilia, $\frac{2}{12}$ Novemb. — H. | 23. 27. 6. | |
| Ad illud tempus datur Latitudo Lunæ visa | 7'. 25". | Merid. |
| Aggregatum Semidiameter Solis & Lunæ | 31. 49. | |
| Ergo | | |
| Pars deficiens | 24. 24. | |
| Et Quantitas deliquii Solaris 9. Dig | 28'. 32". | |
| Scrupula durat. dimidiæ omnimodæ | 30'. 56". | |
| Hinc | H. | |
| Tempus duration. dimidiæ omnimodæ | 1. 13'. 59". | |
| Et Initium Eclipsis Mauriciæ | 10. 13. 7. | } ante mer. |
| Medium | 11. 27. 6. | } ante mer. |
| Finis | 0. 41. 5. | post mer. |
| | d $\frac{3}{13}$ | Novemb. |

O Conde, na sua indefessa atividade, mandou uns navios fazer-se de vela para o Rio de Janeiro, sob o comando de Lichthart, afim de atacarem os vasos dos inimigos que por acaso entrassem o pôrto ou ganhassem o alto; enviou outros para as costas de Angola, afim de aguardarem alí as naus dos portugueses e buscarem ocasião de combater.

No fim do ano de 1640, houve um eclipse do sol, quasi total para o Brasil. Noto-o aquí, não como um fato maravilhoso para o nosso tempo em que já se tornaram conhecidas as causas dêste fenômeno, mas por ter sido êle recebido como feliz agoiro pelos cidadãos benévolos, isto é, por aqueles que se comprazem em prometer aos príncipes, mediante a observação dos astros, o favor do céu e a indulgência de Deus. Animavam êles os que esperavam na realização dos seus votos, e, interpretando esta privação da luz celeste como o ocaso e desaparecimento do esplendor hispânico nas terras do Ocidente, exaltavam ao Conde por quem pôde ser empanado o intenso fulgor do poderio real.

*13 DE NOVEMBRO DE 1640.*

*Descrição de um eclipse do sol.*

Ocorreu o eclipse a 13 de novembro. Em Maurícia começou às 10 horas e atingiu o máximo às 11, obscurecendo-se três quartas partes e 28' do disco solar, de sorte que alí ficou brilhando menos de um quarto dêle. Às 12 horas e 47 minutos, de novo resplendeu com a plenitude da sua luz.

Tomou o eclipse aspectos diversos conforme os países onde era visível, em razão das diferenças de longitude e latitude da esfera celeste. Assim, em Nicarágua mostrou-se o sol inteiramente imerso na sombra da lua; mas contemplaram-no sob outra forma os habitantes de Cartagena e do Rio de Santa Marta, ao norte da América Meridional, e bem assim os de Pôrto Seguro, no Brasil, os angolenses na África e os moradores do Rio da Prata e do estreito de Lemaire.

Entre outras provas de louvável curiosidade e inteligência dadas pelo ilustre Conde João Maurício figura esta pouco vulgar: mandou desenhar e descrever êsse eclipse pelos seus astrólogos, os quais traz consigo, na paz e na guerra, a exemplo dos maiores e mais célebres generais, que, no meio das batalhas, entregavam-se à contemplação do céu e dos astros, como de si diz César em Lucano. Além disso, deu instruções a todos os capitães de navios que iam fazer-se ao mar para cada um dêles, no lugar onde se achasse, observar atentamente e notar no papel o futuro eclipse em tôdas as suas fases e aspectos. Para agrado dos que se comprazem em conhecer os fenômnos da máquina celeste e as constan-

tes alternativas dos planetas, ponho ao lado a representação dêste eclipse, em tôdas as suas fases, conforme a desenhou, com todo o rigor astronômico, Jorge Marcgrav, que o Conde tinha por seu astrólogo naquele mundo bárbaro (278).

Partiu Lichthart do pôrto de Santo Aleixo, transpôs os parcéis chamados os Abrolhos e, depois de estar na baía do Rio de Janeiro, dividiu a frota em três esquadras, saindo àvidamente ao encontro das naus inimigas. A sorte, porém, assaz adversa, nada lhe deparou digno de tão grandes aprestos. Sòmente apresou duas naus: uma com vinho e outra com algum açúcar. Valeu aquela 94.000 florins e esta apenas 2.000. Diante disso, deixou

*Ilha Grande.*

a tripulação descansar junto à Ilha Grande e voltou para Pernambuco. Esta expedição contra o Rio de Janeiro descontentou na Holanda os diretores da Companhia: afirmavam que o Brasil dispusera de quantidade de armamentos, soldados e navios suficiente para expugnar-se a Baía e a capital do Brasil. Julgaram os administradores do Brasil que lhes importava à honra não serem acusados de tamanha negligência e refutaram com vigor tal incriminação. E para não darem lugar a que se suspeitasse mal dêles, escreveram para a Holanda mais ou menos neste sentido: que os diretores da Companhia tinham feito mal o cálculo, pois no Brasil não se tinha tido o número de naus ou de soldados que êles haviam pôsto nas suas cartas: achavam-se à disposição 23 navios pequenos e não 41, 12 iates e não 22, 18 naus de carga e não 30; que o recenseamento dos soldados orçava por uns 5.300 e não 11.000. Acrescentavam que a cidade do Salvador estava, naquele tempo, protegida por grandes e fortes guarnições; que havia necessidade de muitos soldados pelas províncias para os afastarem, afim de não perderem os senhores de engenho tôda a safra de açúcar; que fôra preciso guarnecer os lugares da costa contra as agressões externas e contra as maquinações intestinas dos portugueses, e alegavam ainda outros argumentos tendentes a desfazer as insinuações e as más interpretações dos altos poderes.

*O inimigo pensa em moderar a guerra.*
*ANO DE 1640.*

E' cousa inquieta o espírito dos mercadores: ainda a fortuna mais completa não lhe saciaria os desejos. Fàcilmente encontra êle que imputar aos administradores dos seus haveres, e, quando decide antecipar suas esperanças, já quer realizado tudo aquilo em que pôr a mira.

O vice-rei que governava nesta ocasião a cidade de São Salvador, considerando os danos que, havia muito, vinha sofrendo

da parte dos holandeses, por ter sido dada aos devastadores licença franca para guerrilharem, arrependeu-se tarde de tão cruel e deshumano costume, e tratou de moderar aquele sistema de guerra. Com efeito, dirigindo-se ao clero católico de Pernambuco, conseguiu fàcilmente dêle, pelo sofrimento de uma calamidade comum, que apresentasse ao Conde e ao Supremo Conselho uma petição impetrando o restabelecimento das leis usadas entre beligerantes, por meio das quais se reprimisse aquele feroz encarniçamento de seviciar os prisioneiros, os desarmados, os que se entregavam, e de talar os campos e tudo o que encontravam. Inclinado à brandura e infenso a tôda a crueldade, não se mostrou difícil o Conde, pois não teria chegado a tais rigores a não ser provocado pelo inimigo, que mandara primeiro não se poupassem os holandeses vencidos nem se concedesse a vida a nenhum. Despachou a petição, declarando que não lhe desagradaria um modo mais brando de guerrear, se o abraçassem e respeitassem os adversários. Aprendera, efetivamente, que as nossas terras podiam ser invadidas e assoladas com pequenas companhias, ao passo que as do inimigo só o poderiam com maior mobilização e por via marítima; que entre os seus súditos havia quem defendesse às ocultas a causa dos contrários e patrocinasse aos incendiàrios; que no território inimigo não tinha êle tais partidários, e que também se perdia a esperança de ganhar o resto do Brasil, com as pilhagens de que eram vítimas os seus habitantes e com os incêndios dos engenhos e fazendas.

*Razões que levaram o Conde a fazer o mesmo.*

Não se opôs o vice-rei, Marquês de Montalvão, às justas pretensões do Conde, e, dados mútuos reféns, entraram as partes em acôrdo. Pelo Conde foram mandados como reféns ao Marquês o tenente-coronel Henderson e o coronel Day e pelo Marquês ao Conde, o português Martinho Ferreiro e o espanhol Pedro de Arenas. Foram embaixadores do Conde e do Supremo Conselho os conselheiros Teodoro Coddey van der Borch e Nunin Olferd, indo por secretário da embaixada Abraão Tapper, secretário do Conselho de Justiça. Determinou-se-lhes que usassem nos pactos o latim para não os enganarem os portugueses com as palavras da sua língua. Posteriormente deu esta embaixada os seus resultados. Após longas deliberações, convencionou-se que, de ambos os lados, se restaurassem as leis de guerra concernentes aos prisioneiros e à devastação das lavouras. Entretanto, os diretores na Holanda (para acrescentar eu o que se fez depois) interpretaram mal estas convenções, entendendo que elas abriam

*Reféns dados. Embaixadores de uma e outra parte.*

caminho ao inimigo para penetrar nos segredos do Brasil holandês, por uma familiaridade inóxia e segura. Foi, todavia, fácil aos regedores do Brasil refutar isto, respondendo que não tinham pactuado um armistício, mas apenas um abrandamento de hostilidades; que no território sob a sua jurisdição já havia muitos espiões, sendo supérfluo recear os de fora; que não houvera outra esperança de se colher a safra do açúcar senão mediante aquele acôrdo, e que não se encontraria ocasião de transferir as armas, para o Sergipe, o Maranhão e a costa da África a não ser com a segurança conseguida até aquele momento.

*Lengton passa para os inimigos.*

Enquanto desempenhavam os embaixadores o seu mandato, um certo Lengton, homem de caráter inconstante, que fôra recebido na comitiva dêles, abandonou os seus senhores e foi ter com o vice-rei, a quem revelou, com desmarcada perfídia, as nossas cousas até onde as conhecia. Aconselharam, contudo, os reféns holandeses a êste desocupado que abandonasse o vice-rei e tornasse aos seus primeiros senhores e à fidelidade devida à pátria. Êle voltou, e quem antes se comprometera em crime de traïção, agora incorria na tacha de estultice e leviandade. Encarcerado para um inquérito mais rigoroso, corrompeu, segundo se acreditava, o carcereiro e com êle fugiu. Prometeu-se recompensa a quem o prendesse, cominada a pena de morte e de confisco para os que dessem hospitalidade ao traïdor.

*O vice-rei do Brasil anuncia ao Conde a revolução de Portugal.*

Ainda não haviam regressado para Pernambuco os embaixadores holandeses que tinham ido tratar com o inimigo sôbre o abrandamento da guerra, eis senão quando chega ao Conde uma carta do vice-rei, inteirando-o da revolução de Portugal. Dizia-lhe que os portugueses tinham aclamado por novo rei o duque de Bragança, jurando-lhe fidelidade; que tôdas as praças do reino lhe haviam rendido espontâneamente preito e homenagem; que êle vice-rei e os soldados sob o seu comando tinham reconhecido o referido rei e prestado a êle juramento, exceto os castelhanos e napolitanos, os quais escrupulizavam em aderir à revolução e abandonar o seu antigo senhor. Tinham chegado, havia pouco, à Baía, enviados pelo rei de Portugal, o jesuíta Francisco Vilhena e o tenente-mestre-de-campo Pedro Correia da Gama, não só para levarem a notícia de tão importante acontecimento, mas também para receberem, em nome do novo monarca, a vassalagem a êle jurada pelo vice-rei e pelas fôrças militares que houvesse nas guarnições. Foram êstes dois homens enviados pelo govêrno da Baía ao Conde João Maurício para pedirem um ar-

mistício entre portugueses e holandeses até que se tivesse certeza do acôrdo celebrado entre D. Tristão de Mendonça e os Estados Gerais. Para obterem êsse armistício, o govêrno lusitano põe em liberdade trinta prisioneiros holandeses, retendo, porém, Garstmann e Brandt, e, em vista das graves reclamações e das cartas ameaçadoras dos governadores de Pernambuco, chama Paulo da Cunha, que ainda assolava impunemente as nossas terras e fronteiras.

Concluídas as negociações, voltou Vilhena para a Baía, e ficou Pedro Correia, porque queria.

Nessa ocasião uma notícia mentirosa abalou os baianos: — equiparem os Estados Gerais uma armada de cincoenta vasos para invadir a Baía de Todos os Santos e atacar São Salvador. Alvoroçados com esta nova, puseram os portugueses tôda a diligência em fortificar a cidade, até que se acalmaram, por ser desmentido pelo Conde o boato.

Logo que as duas partes beligerantes tiveram conhecimento da memorável insurreição de Portugal, traçaram os inimigos uns planos e os holandeses do Brasil outros. De fato, conjecturavam elas fàcilmente que o feito dos portugueses deveria induzir um tratado de paz ou de tréguas para as terras de Portugal e das Províncias-Unidas e em conseqüência para o Brasil. Com a paz ou com as tréguas, cessaria o direito de adquirir novos domínios e ampliar as possessões. Diante disso, resolveram, de comum acôrdo, o Conde e o Supremo Conselho que, achando-se a Espanha perturbada com a defecção de Portugal, se tentasse algum lance do qual pudesse advir notável incremento aos interêsses da Companhia. Os mais sagazes reputavam aquela transição oportuna para grandes tentames, e cumpria estar atento àquela ocasião e aproveitar as circunstâncias. Por estar o inimigo lutando com os seus e contendendo acêrca do poder supremo, havia aso para pegar enguias.

*Carta dos Estados Gerais persuadindo ao Conde, que pedira demissão, a sua permanência no Brasil. Nela se dá conta da revolução de Portugal.*

Nassau, já informado da revolução pelos Estados Gerais, recebera instruções para aumentar o império. Em verdade, à carta em que pedira demissão responderam êles o seguinte: "*que era tal a situação do govêrno do Brasil e da Europa que de modo algum convinha ser êle demitido naquele momento; que o conhecimento do país e do caráter dos seus habitantes lhes facilitava a governança; que, alargadas as fronteiras e expulsos de tôda a parte os inimigos, tinham êstes perdido a ferocidade, e os cidadãos o mêdo; que Portugal, convulsionado por uma grande revolução,*

*tinha abandondo o rei Filipe e aclamado o duque de Bragança. Êstes acontecimentos não poderiam deixar de dar a Nassau ensejo para tentar algum cometimento insigne e glorioso nas terras ocupadas pelo rei da Espanha com as suas guarnições e armas. Os altos poderes da República tinham votado que se auxiliasse o duque de Bragança contra o inimigo então comum dos portugueses e dos holandeses. Sendo esta a situação, êles Estados Gerais não duvidavam de que Nassau permitiria prorrogar-se-lhe o govêrno por mais alguns anos em razão do amor que dedicava à República das Províncias-Unidas. Dever-se-ia tirar partido das sedições dos inimigos em benefício da dominação, trabalhando-se no meio das discórdias dêles. Abatida a potência da Espanha pela aberta defecção dos seus súditos, desse Nassau perpetuidade, com a sua presença e sabedoria, aos empreendimentos com felicidade encetados. A fama dos seus feitos, o procedimento com que capta o ânimo dos homens e o seu aspeto agradável até mesmo aos adversários tinham-lhe conciliado a obediência, a simpatia, o amor de muitos. Ser-lhe-iam, pois, os Estados Gerais devedores de grande benefício, se êle consentisse em ser mais diuturno o seu govêrno, iniciado com tanto brilho. E os representantes da Pátria pretendiam galardoar com prêmios e honras condignas a condescendência do Conde".*

26 DE FEVEREIRO DE 1640

Por sua vez, o Conselho dos Dezenove, em instruções expedidas ao Conde, recomendou-lhe explìcitamente isto: *"Depois que Portugal, abalado pela revolução, não pudesse mandar socorros para o Brasil, deveria êle, espiando as ocasiões, tratar sèriamente de ampliar o território e prolongar as lutas numa glória contínua, antes que fôssem sopitados ou terminados por tratados de paz os ardores marciais. Tudo ainda estava patente ao vencedor, ao passo que, pelo tratado, cada uma das partes teria salvas as suas possessões e não se poderia ir mais além. Não prescreviam rigorosamente os diretores o modo de se fazerem as cousas, pois devem estas realizar-se de conformidade com as circunstâncias, os lugares, as fôrças e a situação dos inimigos. Todavia, muito desejavam que, reünindo de tôda a parte as guarnições e as tropas auxiliares de brasileiros, se assaltasse de novo a Baía de Todos os Santos, em vista da admirável vantagem do pôrto, da sua comodidade para a construção de navios e da segurança de tôdas as províncias sujeitas à Holanda. Empregasse, pois Nassau todo o vigor do engenho e tôda a sua atividade militar para expugná-la ou à fôrça ou por manha. Se não pudesse conseguir isto, ao me-*

*nos cercasse a cidade e lhe fechasse tôdas as entradas, porque não é insignificante a importância das cidades sitiadas, pois são mais fáceis de ganhar, quando se discute a cessação das armas".*

*Nassau anexa ao domínio da Companhia o Sergipe ou capitania do Ciri.*

Pela obediência e veneração à Pátria e aos seus representantes e movido pelas cartas dos Estados Gerais e dos diretores da Companhia, aquiesceu Nassau a prorrogar-se-lhe o govêrno por mais algum tempo e, resolvido a permanecer no cargo, determinou dilatar o território da Companhia, anexando-lhe primeiramente o Sergipe del Rei, região antes deserta e do primeiro ocupante. Com êsse fim, partiu para alí com tropas André, governador do forte de Maurício no Rio de São Francisco. Tendo munido prévia e pròvidamente a sua fortaleza, invadiu aquela capitania, cingiu com trincheira uma igreja alí existente, construiu um arsenal e fortificou a vilazinha contra os assaltos do inimigo.

A causa desta expedição foi porque, situada essa região entre a capitania da Baía e as terras do domínio holandês, era vantajosa para a defesa das nossas fronteiras, abundava de gado e dava mais de uma esperança de minas.

Se não me engano, só o escritor português Nicolau de Oliveira enumera o Sergipe entre as capitanias. Chamam-lhe os índios Cirí, nome de um rio. Vai-se à vilazinha por um rio pequeno, inaccessível a navios maiores pela exígua profundidade do estuário. Dista do Rio Real onze léguas para o sul, e do São Francisco apenas sete, para o norte. Possuía a região vários currais de gado, que, achando-se em ruínas, podem ser restaurados pelo cuidado dos governadores. Quanto à pesca, é afamada a região, por estender-se à beira-mar. Entretanto, foram os holandeses burlados nas suas esperanças de minas alí, pois os minérios cavados em vários sítios não conteem prata nem valem nada, segundo declara Pedro Mortammer, a quem se confiara a pesquisa dêste segrêdo. Tôda a segurança dos habitantes depende do forte de Maurício, porque o sertão não pode ser defendido contra as fôrças ordinárias do inimigo.

*Expedição contra o reino de Angola, comandada por Jol.*

São êstes os fatos ocorridos no Novo Mundo, em terras do Brasil. Deram-se, porém, outros de maior vulto no Velho Mundo, na África.

Sendo grandíssima a importância do resgate dos negros no reino de Angola, por imprescindíveis aos trabalhos das minerações reais e dos engenhos brasileiros, prouve a Maurício levar a guerra também lá (279). Por êste meio, a Companhia, que alí já prosperava muito com a compra e venda de escravos, chamaria a

*30 DE MAIO DE 1640.*

si o monopólio daquele rendoso tráfico. O Conde e o Conselho deram a Jol, sempre auxiliar de grandes façanhas, a incumbência de realizar a importante emprêsa. Navegou êle para a África com o vice-almirante Hinderson, numa armada de vinte velas, provida de 900 marinheiros, 2.000 homens de peleja e 200 brasileiros. O favor presentíssimo de Deus protegeu o desembarque das fôrças, mais do que teriam querido, porquanto foi tão fácil a vitória que, além do plano do assalto e do trabalho de um só combate, quasi não deixou a fortuna outro exemplo de bravura.

Conduzidos os holandeses não longe da cidade, entre as próprias fortalezas dos inimigos, desprezaram o furor delas, que faziam fogo de um e outro lado. Jogando com igual furor a artilharia inimiga contra as nossas naus, foram elas abandonadas de todos os seus guardas, que puderam assim saltar em terra.

*Hinderson ataca a cidade de São Paulo de Loanda.*

Henderson, dispondo os seus em ordem de batalha, marchou com o seu exército para a cidade de S. Paulo no mesmo dia em que desembarcara. Encontrando alí o adversário formado para o combate e munido de duas peças, Henderson rompeu fogo, sustentando os mosqueteiros o primeiro ataque. A princípio lutava-se com resultado quasi igual e com danos iguais. Depois, recrudescendo a refrega e apertando os holandeses ao inimigo, primeiro puseram-se em fuga muitos mil negros, que seriam úteis na guerra. Seguia-os, fugindo com semelhante covardia, o governador de Loanda, Pedro César de Meneses, que conduzia um exército de 900 homens, tanto soldados como cidadãos em armas.

*24 DE AGOSTO DE 1640.*

Tendo abandonado a estância de sua artilharia, entregou ao poder dos holandeses tôda a cidade, fortes e trincheiras. Além de alguns soldados, pesados de vinho e de comezainas, e de alguns velhos trôpegos, não se achou mais ninguém, porque, com a notícia da nossa chegada, tinham escapulido e fugido todos. Couberam-nos por despojos 29 canhões de bronze, 69 de ferro, grande quantidade de armas e petrechos bélicos, muito vinho e farinha, 30 naus entre grandes e pequenas.

A cidade, posta num monte, não é fortificada, mas é bonita pela multidão das suas igrejas, conventos e belas casas. Sobranceiras ao pôrto, alinham-se em longa extensão diversas fortalezas. Vencida a cidade, foram munidas apressadamente pelos nossos, com trincheiras e fossos, tôdas as praças e acessos. Depois, por sugestão de Nassau, construíram-se alí uma fortaleza maior e duas menores para resistirem a novos motins, deixando-se doze companhias para defesa do lugar.

*Constroem-se fortalezas.*

*O governador de Loanda queixa-se de agravo, após a violência feita pelos nossos.*

Estavam persuadidos os portugueses de que haviam os holandeses ido até alí sòmente em busca de presa, mas sem intenção de lá se estabelecerem e de conquistarem aquelas costas. De fato, havendo-se vista da frota, mandara o governador que cada um levasse para fora suas mulheres, filhos e bens de maior estimação. Depois, informado de que os holandeses vindicavam para si a cidade e as fortalezas como conquista de guerra; queixou-se do agravo em carta endereçada a Jol e insistia em que já estavam em harmonia os Estados Gerais e o rei de Portugal e que a Holanda já se havia ligado por um tratado à sua nação, desaparecendo as causas das guerras e dos rancores. Os holandeses, acusados de rapinagem, responderam que nada lhes constava, de fonte autorizada, a respeito daquela transação com Portugal e que ignoravam se Meneses seguia o partido do novo rei ou de Filipe IV. Se o governador tinha conhecimento de tais negociações, devê-las-ia ter significado, antes de expugnada a cidade e de consumada a violência por parte dos nossos. Era tardia entre vencedores aquela reclamação, depois de superados os perigos e os lances da guerra.

*Deseja pactear, propondo condições desvantajosas.*

Para não faltar água aos nossos hóspedes daquele clima tórrido e sêco, cercaram os nossos com trincheiras uma casa e uma fortaleza às margens do rio Bengo para garantir o abastecimento de água. Irrompendo os negros contra aquela fortificação, foram mortos e rechassados. Como o governador não alcançasse, nem com queixas, nem com violência, a restituïção da sua cidade, quis negociar tréguas por oito dias para que, neste meio tempo, ou passasse para nós com os cidadãos, reconhecendo-nos vencedores, ou aprestasse a sua partida. Mas, como exigia cousas descabidas, mandado retirar-se dez milhas da cidade, proïbiu aos seus conversação com os nossos. Por terem querido alguns dêles amistar-se com os vencedores, sofreram a pena última.

Diversos dos régulos e chefes que dominavam nas cercanias, pactearam aliança conosco e, movidos de igual ódio contra os portugueses, os acossavam até os esconderijos das selvas.

Os portugueses da Baía, a qual fica defronte de Angola, tendo notícia do ocorrido na África, enviaram, em socorro dos angolenses, uma caravela provida de todo o gênero de armas. Foi ela apresada com o auxílio dos negros, que saciaram sua crueldade com o sangue dos portugueses, trucidados todos, conforme os ia apresentando a sorte. Salvaram-se só quatro, que se haviam es-

condido no bojo da nau. Voltando os habitantes para a cidade, até mesmo os eclesiásticos, ofereceram aos holandeses metade dos escravos, contanto que lhes fôsse permitido passar com os restantes para a Baía de Todos os Santos. Julgou-se, porém, mais frutuoso deter alí os cidadãos e chamá-los de novo para a cidade com promessas liberais, porquanto, segundo constava das contas dos administradores de Angola, só o tráfico dos escravos podia render 6.600.000 florins, deduzidas as despesas com guarnições, navios e empregados. Efetivamente, o próprio rei da Espanha se acostumou a levar dalí anualmente 15.000 negros, dos quais se utilizava para trabalharem nas minas do Ocidente. E', pois, certo que o rei tentará extremos para recuperar o reino de Angola, de tanta importância para o império hispânico.

*Rio Congo.*

Êste reino entesta ao norte com o do Congo, e o rio do mesmo nome, outrora Zaire (280), dista de Loanda cem léguas ou milhas espanholas (281). Estende-se ao sul até a fortaleza de Benguela, que se acha outras tantas léguas distante de Loanda. Tem o reino quarenta léguas de contôrno. Os naturais eram tributários do rei de Castella, a título de vassalagem. Os negros que se veem mais longe, até o cabo Negro, a distância de cem léguas de Benguela, ligados por tratados aos portugueses, faziam com êles mútuo comércio. Os habitantes do sertão, num espaço de duzentas léguas, pagavam aos governadores régios páreas e portagens, gozando igùalmente da sociedade do tráfico. A principal mercadoria são os próprios negros, cuja venda tem dado ao rei um rendimento anual de 1.000.000 de florins. Privado êle desta veniaga e lucro, não terá para o futuro nem ao menos a facilidade de obter escravos para trabalharem nas minas do Perú e nos engenhos do Brasil, pertencentes aos seus súditos.

*Ilha de Loanda.*

A dita Loanda é uma ilha, com sete léguas de comprido, plana e baixa, sem montes nem colinas. Quando nela se cava a terra estando o mar grosso, encontram-se águas doces; quando se faz o mesmo com êle manso, encontram-se águas salgadas. Tem ela um convento, uma casa de escravos e uma povoação habitada de negros. Jaz defronte do continente africano, em cuja costa se erguem a cidade de S. Paulo e algumas fortalezas.

Apoderando-se desta parte da África, Nassau comunicou-o aos Estados Gerais, procurando persuadí-los, com fortes razões, de que o govêrno dela deveria ser anexo e sujeito ao do Brasil.

De feito, sòmente daquela costa africana soem transportar-se escravos para o Brasil, onde são vendidos para tôda a parte. E, além disso, só o Brasil, por ser vizinho de Angola, poderia defendê-la com as armas e ajudá-la com alvitres, de modo mais eficaz e pronto. Acrescentava que era de todo em todo justo e conforme ao costume da guerra entregar-se a governança dos lugares àqueles que, com seu esfôrço e pugnacidade, os venceram e subjugaram. Seria também cousa perigosa nomear-se para alí um governador com poderes plenos, que fôsse menos conspícuo pelo nascimento ou pela fama, para alí, onde a perfídia dos portugueses, movidos pela vontade de um só, poderia pôr em extremo risco a estabilidade da província e a dominação conquistada para a Companhia. Pensaram, porém, de outra maneira os diretores da Companhia: assentaram ficassem sob a sua administração as províncias da África, porquanto o mesmo tinham feito antes os reis de Portugal e de Castela, separando sempre os governos das terras brasileiras e africanas. A êles os induziam ainda estas razões: que o próprio Brasil tem de esperar da Holanda o seu abastecimento de vitualhas e que estas, assim como as mercadorias necessárias, não podiam bastar também para a África; que era de recear o grande trabalho da contabilidade do Brasil e a confusão com os negócios da África; era mais longo o caminho e feito com rodeios, pois a navegação da Holanda para Angola fazia-se em viagem direta e quasi no mesmo tempo que para o Brasil, ao passo que a navegação do Brasil para a África se realizava com voltas, maior demora e perigos aumentados. Nem poderiam os comestíveis, com êsse desvio pelo Brasil, conservar-se em bom estado. Demais, havia mais vantagem em aportar-se primeiro a Angola, porque, desembarcando-se alí as mercadorias, se podiam receber nas mesmas naus os escravos exportados para o Brasil, donde voltariam para a Holanda carregadas de açúcar.

*Razões pelas quais conviria sujeitarem-se ao govêrno do Brasil as possessões africanas.*

*Opinião contrária dos Diretores da Companhia.*

Não se limitou a êstes sucessos a atividade de Nassau, mas, demorando-se o tratado das tréguas entre os Estados Gerais e rei de Portugal, inteiro ainda o direito e as causas da guerra, Jol, vencedor, dirigiu sua frota contra a ilha de São Tomé. Desembarcou primeiro onde se mostra o engenho de Santa Ana, a duas milhas da própria vila, o qual serviu na mesma noite de abrigo e poisada aos soldados ainda incólumes e bem dispostos.

*Expedição de Jol contra a Ilha de São Tomé. 11 DE OUTUBRO DE 1647.*

No dia seguinte, mandou-se que as naus ancorassem justamente debaixo da fortaleza e não praticassem nenhum ato hostil, a não ser provocadas antes pelo inimigo. Entretanto, êste, jogando

furiosamente a sua artilharia contra os holandeses e recebido por êles com igual furor belicoso, viu que se travava uma luta séria. Ou atingida pela artilharia adversa, ou por descuido dos seus, que guardaram mal a pólvora, incendiou-se a nau Enkhuizen e fez um triste noviciado de guerra, pois pereceu no mar ou no fogo grande parte da tripulação.

Entretanto, desembarcadas na praia e em vão hostilizadas pelos negros aquí e acolá, marcharam as tropas para o forte, abandonado de todos os soldados e guardas, mas de temer por seis canhões, que o defendiam. Apoderando-se dêle, chegaram a um forte maior, cujos muros se elevavam à altura de 28 pés. Daí recuaram os holandeses depois de renhida peleja, pois faltavam escadas de assalto.

*Povoação, cidade da Ilha de São Tomé.*

Ficaram muitos feridos, os quais se levaram às pressas para as naus afim de serem tratados. Avançando para cidade, que se chama Povoação (282), encontraram-na vazia de cidadãos, soldados, alfaias e trens domésticos, de sorte que nem havia adversários para os que desejavam pelejar, nem despojos para os que ambicionavam possuir. Volveu então o almirante tôda a sua atenção para o forte, e, levantada sem demora uma bateria, junto de uma capela vizinha, entrou a alvejá-lo e atacá-lo com balas de morteiros, as quais, caindo dentro dêle, como parecia, produziram pouco dano. Havia perto outra fortaleza e, porque fizesse fogo contra os sitiantes, mandou-se o capitão La Valette acometê-la com 200 soldados. Julgando-se pouco proveitosa, arrazaram-na os nossos depois de a tomarem e transportaram para a cidade a artilharia. Colocando-se depois seis peças grossas na bateria recém-levantada, foi o primeiro forte compelido, dentro de poucos dias, a render-se, depois de receber 65 balas delas (terrível e exicial invento para as cidades), das quais vinte causaram o maior estrago e devastação. Saindo o governador com 80 soldados da guarnição, com brancos, negros e mestiços, levou consigo para Portugal, conforme pactuara na capitulação, 25 soldados do rei. Pelos vencedores foram encontradas na fortaleza 36 peças grossas, das quais 20 de bronze, quantidade de pólvora, morrões e balas suficientes para assédio mais longo. Mantimentos, porém, só os havia para um mês.

*O almirante investe e expugna o forte.*

Senhor da cidade e da fortaleza, chamou, por meio de bando, os portugueses para a cidade e ordenou que estivessem presentes dentro de quatorze dias para com êles tratar segundo as mais equitativas condições. Vieram dois dos principais da nação

portuguesa, que resgataram por 5.500 cruzados e 10.000 arrobas de açúcar o saque dos engenhos e a observância das suas leis. Além disso, cederiam aos vencedores os réditos e tributos do rei. Muitos negros e senhores de engenhos pediram e obtiveram passaportes, e por bom alvitre foram despachados os que eram contrários à nova dominação e se mostravam queixosos contra os regedores batavos.

*Uma endemia ataca os holandeses.*

Quando os holandeses se aplicavam a restaurar a fortaleza, já sem recearem perigo por parte dos adversários, foram atacados, em consequência das más condições do clima e dos ares, de uma endemia familiar àquelas terras. Grassava o mal de maneira que os corpos por êle acometidos pareciam ter sido reservados não para o triunfo de Marte, mas da Morte. Os mais robustos arrastavam os membros lângüidos, e os soldados, que pouco antes se esforçavam contra os muros e trincheiras, jazem agora imbeles e inválidos. Aqueles que haviam combatido em batalhões, enfermavam também em batalhões, e os que havia pouco, eram conduzidos em fileiras para o campo da luta eram levados, mais ou menos nas mesmas fileiras, para a sepultura. A cidade, que fôra o teatro da vitória recente, tornara-se a lutuosa morada de Libitina (283). O quotidiano espetáculo dos agonizantes e dos mortos por tôda a parte descoroçoava os sãos. Reduziramse as companhias a tal exigüidade que apenas dez ou doze em cada uma se julgavam de saúde perfeita. A malignidade do ar atacava sem distinção soldados e comandantes. Finaram-se exímios cabos de guerra e famosos militares entre os seus, a saber : Mastmacher, La Calette, Dammert, Clous, Tack, Teer, assim como o próprio chefe da expedição, o almirante Jol, que, durante o assédio da fortaleza, passara muitas noites sem dormir, dirigindo assìduamente as obras para apressar os aproxes e minas. Foi sepultado com a possível pompa fúnebre e não com a que merecia. Seu corpo foi inumado na matriz da cidade, tornando-se ela morada de uma alma audaz. Não era êle homem para o aparato e as elegâncias áulicas, e sim para a singela pertinácia naquilo a que punha ombros e no extermínio dos espanhóis. Com o desejo da imortalidade enobrecia os dotes naturais, que eram nêle desprimorados e incultos. E essa imortalidade esperava alcançá-la com infligir aos inimigos alguma assinalada calamidade. Sem ostentar nunca o fausto próprio dos generais, sem buscar regalos para si, servia-se da mesma comida e bebida que os outros marinheiros. Não sòmente participava-lhes de tôdas as fadigas, mas era sem-

*Morrem diversos comandantes e o próprio almirante.*

*Funerais e elogio fúnebre de Jol.*

pre o primeiro em tomá-las, sendo o seu incentivador, e a tal ponto merecia a veneração de todos que os marujos desejavam com ardor fazer tudo com êle e por êle. Com o seu valor exaltou a sua origem humilde, atestando-o em muitos feitos de armas, sendo êste sob o equador o derradeiro. De tal forma a Providência lhe traçou o destino que tivesse de alcançar alí a sua última vitória e alí ficasse, naquela parte onde o sol, ôlho do mundo e testemunha dos seus méritos, duas vezes por ano mostrasse, por igual, com os seus raios verticais, êste triunfador ao hemisfério do norte e ao do sul. Não tiveram de lhe disputar o túmulo o setentrião e meio-dia, porque, sepultado sob a linha equinocial, jaz a distância igual de um e de outro. Não expirou sem deixar em seu pôsto digno sucessor, Mateus Janson, que, na qualidade de vice-almirante da armada, capitaneara a nau denominada a Leoa.

*Seu sucessor.*

Como êste julgava que não pode haver cidade sem cidadãos, com grande humanidade e cortesia convidou os portugueses para o comércio e para restabelecerem as antigas negociações e, sem desluzir a sua dignidade de general, mostrou-se para os súditos ao mesmo tempo senhor e pai.

Raivando ainda a inclemência da endemia, quando mal restavam soldados para fazer a guarda e sòmente marinheiros bastantes para duas naus, escreveu-se ao Conde, pedindo-lhe remessa de soldados, mantimentos, um vinho estomacal mais forte, e bem assim petrechos bélicos e ferramentas. No caso contrário, tudo ficaria pior e seria de temer alí uma fortuna instável. Despachou-se também um iate para ilha de Ano Bom, afim de reclamar para os novos dominadores de São Tomé as décimas que até então pagava o governador daquele lugar ao desta última ilha.

*Ilha do Ano Bom.*

Todos quantos em São Tomé pereceram daquele mal, eram atormentados sem remitência de uma dor de cabeça de enlouquecer, perturbando-se-lhes o cérebro com o calor da febre. Alguns, queixando-se de cólicas, morreram em três ou quatro dias. Como sói acontecer nas cousas insólitas (284), cada um conjecturava uma causa diferente para a enfermidade. Os mais entendidos atribuíam-na à cohabitação com as mulheres africanas, ou a refrescos tomados com o corpo muito quente, ou ao dormir no chão, ou ao excessivo uso do açúcar preto, ou ainda ao leite de coco, que provocava diarréia.

*Causas das doenças na ilha de São Tomé.*

Além disso, fica a ilha de vez em quando coberta de vapores malignos e venenosos, devendo-se a gente, durante êste tempo, conservar-se dentro de casa, o que os holandeses deixaram de fazer.

A veemência do calor mudara extraordinàriamente o aspecto e o semblante dos portugueses. Diziam que para todos êles era a existência de breve duração, não indo além de meio século, mas que ainda assim consideravam a cobiça do ganho preferível à vida, e por isso gostavam daquele reino de Morbônia (285), chegando muitos a tal opulência que não poucos empregavam duzentos ou trezentos escravos na fabricação do açúcar. Soubemos dos curiosos dos fatos que os reis de Portugal, há uns cem anos atrás, conhecida a fertilidade da ilha, para lá mandaram alguns colonos. Morrendo todos êles com a malignidade do clima, outros depois para lá foram, estabelecendo-se primeiro na Guiné, logo após em Angola e por fim na ilha de São Tomé, para irem assim aprendendo a suportar como gradualmente a intempérie do clima. Soubemos também que o rei D. João, coagindo os judeus à fé cristã, vendeu como escravos os recalcitrantes e transportou para alí em grande número os filhos dêles batizados. Dêstes procede a maioria dos habitantes atuais da ilha.

Colocados mesmo sob o equador, contemplam nos dois equinócios, isto é, em Março e em Setembro, o sol no zênite, e teem a sombra ora para o norte e à direita, ora para o sul e à esquerda, e duas vezes por ano não teem sombra nenhuma ao meio-dia.

No princípio da primavera e no outono, isto é, em Março e em Setembro, temperam as chuvas o calor atmosférico; no fim da primavera e no estio, isto é, em Maio, Junho, Julho e Agôsto, moderam-no os ventos do ocidente e do sul. Alí não sopram os ventos do norte e do oriente, ou por causas ocultas, ou porque a África, fronteira à ilha, detém o curso dêsses ventos. Quando o sol, em Dezembro, Janeiro e Fevereiro, atravessa o Capricórnio, o Aquário e os Peixes, aumenta o calor.

Os brancos que habitam a terra sentem cada oito dias uma fábrícula, precedida de um calefrio, seguindo-se um calor que, durante cêrca de duas horas, se espalha por todos os membros. Para remediarem êsse mal, tratam de sangrar-se quatro vezes por ano. Os naturais gozam de boa saúde, mas quasi sempre morrem os estrangeiros. Aqueles desconhecem a espécie de febre chamada

pestilenta. Os negros chegam a um século e até o dobram, hospedeiros benignos de pulgos e piolhos, de que são imunes os brancos.

*Porque se chama Ilha de S. Tomé.*

Deu-se à ilha o nome de São Tomé por terem-na descoberto os portugueses na festa dêste santo. No meio dela ergue-se um monte, coberto de muito arvoredo, e branqueja com perpétuas neves e tão densas que das selvas manam águas para irrigar as canas de açúcar. O solo é viscoso, pegajoso e de côr avermelhada. Cria uma espécie de caranguejo verde-mar, que mora na terra a modo de toupeiras, subvertendo o chão, roendo e destruindo tudo em grande extensão.

*Ilha do Príncipe e do Ano Bom.*

Não longe de São Tomé, mais ou menos a três graus da linha equinocial, está a ilha do Príncipe, célebre pela produção do açúcar. Tirou o nome do fato de tocarem ao príncipe de Portugal os rendimentos dela. Existe outra ilha, a do Ano Bom, já mencionada, a igual distância. Nela aparecem os peixes voadores.

Na ilha de São Tomé jaz a cidade Povoação (286), às margens de um ribeiro de águas limpidíssimas e gratíssimas de beber. E' habitada por umas setecentas famílias. Tem um bispo e outros eclesiásticos. O solo se ergue em colinas e montes e é muito próprio para produzir cana de açúcar. A temperatura é muito moderada, mormente para os holandeses, assim como o é também a de quasi todo o litoral africano que se estende para o sul.

Não foi descabido o que depois Nassau escreveu aos Estados Gerais, isto é, que aquela ilha dificilmente poderia ser defendida e habitada por soldados e colonos holandeses. Deveriam os Estados Gerais fazer o mesmo que o rei da Espanha, o qual determinou fôsse ela colônia de degredados e de galés. Os infames e condenados da Holanda poderiam viver alí com proveito maior para o bem público e morrer mais honradamente, em vez de envelhecerem ignominiosamente nos cárceres e masmorras da pátria. Por isso, o próprio Nassau desterrou posteriormente para lá criminosos condenados, escória das cidades.

Mencionei as causas da doença que grassava em São Tomé. Entretanto, quasi todos asseveravam que a falta de remédios era a causa de não se curar a mesma. Imputavam essa míngua aos diretores da Companhia, que, na falsa persuasão de que naquelas terras se encontravam os remédios para os seus próprios males, proïbiram a remessa de medicamentos, deixando os doentes entregues a si e à inclemência do clima. Comparecido da sorte dos seus, o Conde não deixou de pedir por cartas alívio para os

enfermos e o auxílio dos farmacêuticos. O mesmo fizeram os médicos e boticários de Pernambuco, dirigindo missivas aos diretores da Companhia para os moverem à comiseração.

*Expedição de Doess contra a dita ilha de São Tomé.*

Em 1600, foi ter à referida ilha de São Tomé uma frota holandesa de que era almirante Pedro van der Doess ou Verdues e vice-almirante Storm. Morreram da dita doença com dezesete capitães de mar, e dos comandantes de terra sobreviveu só um. Havia para os nossos larga tomadia, mas também a morte, causada pelo ar infecto. Apesar de avisado da pestilência do clima, fôra Van der Doess à ilha, levado pela cobiça de presa. Lá chegou em 26 de outubro e, postos em terra sete canhões, rendeu-se o primeiro forte, e fugiram os guardas do segundo. Como os cidadãos sòmente ofereceram 10.000 ducados para resgatarem os atos de violência, foi a cidade incendiada, e tôda a presa transportada para as naus : umas mil caixas de açúcar, grande cópia de dentes de elefantes, estofos de seda e panos de lã, fora 21 canhões de bronze, entre os quais dois de extraordinária grandeza, pesando cada um 10.000 libras. Dentro de quatorze dias pereceram mil soldados com dôres de cabeça e cólicas. Abertos por isso os cadáveres, achou-se no abdome uma gordura liqüefeita como água. Finavam-se em três ou quatro dias. Depois de partir dalí a frota, demandaram o Brasil seis navios para tentar fortuna. Os outros fizeram fôrça de vela para a Holanda, onde, pela maior frialdade do clima, se multiplicaram tanto as doenças quanto as mortes. De uma só vez contaram-se 1.800 enfermos, os mais dêles atacados de escorbuto, a ponto de se ter de afundar uma nau por falta de homens. Outra, indo para perto de Sluis (287), desgarrada pelo nevoeiro, caiu em poder do inimigo, com a presa que levava.

*Entrada de Elias Herckmann pelos desertos de Copaoba.*

Neste lugar passa a nossa admiração ao arrôjo e valentia de Elias Herckmann, a quem me terei de referir várias vezes nesta história, não sem o louvor de homem valoroso e prudente.

Para provar à Companhia a sua fidelidade com uma façanha digna de memória, empreendeu, com o consenso e esperança de todos, uma entrada através de regiões ínvias e temerosas, no propósito de abrir caminho para si, onde pudesse, através de paragens ásperas e silvestres.

Enquanto outros franqueavam, com as armas e a guerra, estrada para o poderio da Holanda, esforçou-se êle, por diligente exploração das terras e estudos dos povos, para aumentar-lhe, pe-

la sua atividade, o poder e a riqueza. A fortuna, porém, superior aos desígnios humanos, não consentiu a realização dos grandiosos cometimentos.

*3 DE SETEMBRO DE 1641.* Por alvitre do Conde e do Supremo Conselho, partiu do Recife a 3 de Setembro de 1641, e, depois de passar a noite em Iguaraçú, vila de Pernambuco, parou às margens do Gramane e do Mumbaba, porque, com as cheias, as águas transbordadas interceptavam o caminho. Marchando dali para a vila Frederica na Paraíba, depois de conversar com Paulo von Lingen sôbre esta entrada e indagar sôbre guias, sôbre os caminhos acaso existentes, sôbre currais de gado, providenciou machadinhas e foices roçadeiras, para desbatar os matos e carrascais que encontrasse, abastecimento de farinha, companheiros para a viagem, tanto brasileiros como soldados, calçados e botas para vencer os sítios pedregosos e escarpados. Proveu-se outrossim de remédios, principalmente da teriaga contra as doenças que sobreveem aos jornadeantes. Conversou-se também sôbre essas cousas com Manuel Rodrigues, alcaide da Paraíba, o qual, em 1625 e sob os auspícios do governador Gregório Lopes, percorreu, o sertão durante cinco meses, fazendo 150 léguas desde os confins do Rio Grande, com mantimento para um trimestre. O resto do tempo alimentou-se de cobras, ratos do mato e mel silvestre. Informava Rodrigues que a viagem podia fazer-se a pé e não a cavalo, por causa dos precipícios dos montes, e que o solo, inteiramente sêco e tórrido, matava de sêde o caminheiro. Em partes remotíssimas, encontrava-se um rio largo, que, segundo conjecturava, ia desaguar no São Francisco, porque se dobrava para o sul. Nas campinas achavam-se poços de só um pé de diâmetro e de uma braça de profundidade, os quais eram cercados de moitas e arbustos e brotavam sempre águas doces e frescas. Tinha êle transposto montes, onde os pés, batendo no chão, davam um tinido como se embaixo houvesse minas. Dois da comitiva tinham morrido de sêde durante a jornada. Penetrara cêrca de 60 milhas em Copaoba, mas fôra obrigado a voltar por míngua de alimentos. Estava, porém, convencido de se poder ir mais além, margeando o Mamanguape (288).

Colhidas estas informações, providenciadas tôdas as cousas necessárias para a viagem — soldados, índios, mantimentos, petrechos bélicos que bastassem para uma derrota sem estorvos, partiram Herckmann e sua comitiva da vila Frederica na Paraí-

ba em demanda da povoação do Tiberi e daí ao rio Tenhaha (289). Chegaram a engenhos, cujos senhores eram ora hospitaleiros e afáveis, ora esquivos e rabugentos. Depois foram ter a Pacatiba (290), onde existem as criações de gado e os canaviais de Ventura Mendes. Atravessando aí um ribeiro, viram no seu caminho paletas e areias fulgentes quais as do ouro, pois são atentos os desejos e vigilantes os olhos da pobreza. Cavando logo a terra com extraordinária alegria até a profundidade de um pé, encontraram também alí misturadas areias e paletas brilhando como as auríferas. Lançadas ao fogo inflamaram-se como o vidro moscovítico chamado talco.

Contando-se então o pessoal da comitiva, achavam-se quarenta soldados e trinta e seis índios. Tinham ficado para trás, ou por cansaço da caminhada, ou por fraqueza do corpo, treze militares e vinte e quatro índios. Haviam-se agregado ao bando três ou quatro voluntários, que iam desligados de qualquer obediência, atraídos só pelo desejo de viajar e pela novidade das terras. Seguiam algumas índias para cuidarem dos maridos e para servirem de vivandeiras e criadas dos soldados. As bagagens eram transportadas em sete carros de aluguel.

Acamparam com êsse rancho ao meio dia junto ao rio Guaratai (291), onde se viam os vestígios e as ruínas de uma aldeia destruída. Sôbre a tarde, pernoitou-se na povoação Tamoatamerí. Matou-se uma vaca para ceia dos soldados e um novilho para a do chefe da expedição. Êste dormiu dentro de casa e aqueles ao ar livre. Refeitos todos, até os animais, prosseguiram a jornada, ora por campinas e planícies, ora através de brenhas e bosques, transpondo torrentes e regatos secos, os quais prometiam claramente que adiante faltaria aos viajantes água para beber. Viram-se aí, perto do rio Poesapaíba (292), árvores grandes e barrigudas como pipas, finas em baixo, junto à raiz, e em cima, onde se espanham em forma de coroa (293), e com o seu estranho aspecto detinham elas os holandeses. Passava de meio dia, quando pararam no curral de Duarte Gomes da Silveira, às margens do Mamanguape. Como não houvesse caminho de lado nenhum por causa dos arvoredos e dos arbustos muito densos, indo à frente roçadores, abriram ativamente passagem para si com machadinhas e foices, afim de que o trabalho e a diligência conduzissem aonde a natureza não permitia. Chegaram depois a uma serra, onde Herckmann, reconfortando a todos das fadigas com uma ceia assaz farta, conciliava os ânimos em seu favor com

qualquer liberalidade que fôsse. No dia seguinte, continuaram não menos ardorosamente a romper através de bosques e ermos, queixando-se os carreiros de ser levados mais longe. Acalentada com promessas, serenou-lhes a impaciência, até que vencidos, numa extensão de légua e meia, os matos e brenhas, saltaram o rio Carambí (294) e ganharam as planícies de onde se podia avistar a serra de Copaoba. Entretanto, a conselho dos índios, deram pequena volta por causa dos prescipícios e acharam um trilho bom para as cavalgaduras e carros.

Por êle foram guiados de novo a uma brenha, onde os índios descobriram abundante mel no ôco das árvores. Percorrendo êsse trilho, alcançaram o rio Cibambí (295), envolvidos numa rara e gratíssima fragrância de arbustos, que fazia parar os caminheiros. Seguindo daí e mandados à frente roçadores, atingiram uma lagoa e depois a planície de Araruquéia (296), que ardia tôda, por estarem as urzes em chamas. Suspeitou-se que os índios houvessem ateado a queimada para aterrarem os holandeses. Foi ela abafada e extinta com ramos e folhagens para que os animais de carga, assustados com a novidade do espetáculo, não arrebentassem as rédeas e disparassem. Por causa dêste sucesso, denominaram aquele sítio o "lugar do incêndio". Toparam novas matas e logo se lhes ofereceu o grande rio Araçaí (297). Por troncos de árvores esparsos e cortados aquí e alí, notou-se que os portugueses já tinham passado por lá em demanda de Copaoba. Aí se demoraram um dia inteiro, enquanto os índios rasgam caminho na espessura das brenhas. Alí se observaram surdindo da terra umas varas lenhosas e umas cepas, umas rastejantes e outras enlaçadas com as árvores vizinhas. Curvando-se para o chão, de novo se erguiam onde se tinham incurvado, parecendo não um ramo que se levantava outra vez, mas outra árvore, nascida da mesma raiz. Talhadas, manavam um líquido avermelhado, que logo coagulava numa substância viscosa e glutinosa. Diziam os bárbaros que servia para sarar feridas.

Moveu-se daí o bando através de canaviais bravos e chegou ao sopé de um monte. Tinha surgido o fundado receio de que os incendiassem os habitantes da montanha, pois a ninguém seria possível escapar dos danos e do furor das chamas. Apareceram em seguida os despenhadeiros dos montes e os trechos impérvios para as cavalgaduras. Aí foram os carreiros dispensados de prosseguir, despachando-se para o Conde um mensageiro que lhe relatasse o caminho até alí feito.

Estando cansados, estendem o corpo por tôda a parte, e, refeitos com módica ração de farinha, galgam o cume da montanha, deixando à raiz dela os inválidos e os incapazes de seguir, a quem se madou que voltassem para junto dos seus na Paraíba.

No cimo da serra, o brazão da Companhia, gravado numa coluna, trouxe aos bárbaros do Novo Mundo a memória dela, a exemplo do que fizeram Alexandre Magno e outros. O nome daquela serra era polissílabo e tremendo *Irupari-bakaí*, isto é: *"Aquí o diabo olhou para trás"*. Entre os índios surgiu em verdade a lenda de que, havendo o diabo subido àqueles cumes, como que atônito com a novidade da grande altura, olhara para trás.

Incumbindo aí alguns soldados e brasileiros de cuidar da comida, animou-se Herckmann a ir mais longe. Dissuadiram-no, todavia, as matas que a cada passo se encontravam pelo caminho e a grande fadiga de vencer em tôda a parte os montes. Quanto mais se elevavam, tanto mais bravios e ínvios eram os sítios que os recebiam. Diante disso, resolveu-se perlustrar o norte e as campinas por onde costumam os tapuias seguir do sertão para a província do Rio Grande. Assim, evitados os pendores das montanhas, marcharam através de lugares mais chãos, onde viram duas pedras de moinho, perfeitamente redondas e de estupendo tamanho. Mediam 16 pés de diâmetro, mas era-lhes tão considerável a espessura que apenas a metade da pedra podia ser atingida pelas pontas dos dedos de um homem em pé no chão. Do centro surgia, num espetáculo admirável, um pé de caraguatá. Na grande ignorância destas cousas, não me será fácil dizer com que fim as teriam alí amontoado os bárbaros.

Indo ter à aldeia onde habitaram os índios potiguaras, fugitivos da baía da Traïção por temerem a tirania dos portugueses, rasgaram-se para os expedicionários vales amenos e abundantes de águas saudáveis. Os indígenas, companheiros desta expedição, diziam ser alí o seu torrão natal, donde haviam sido atraídos e levados para o litoral pelos portugueses, que se arreceavam de vizinhos poderosos. Cativados, por isso, com a doçura do solo pátrio, como os outros mortais, pediam demora mais longa. Herckmann, porém, insofrido de qualquer detença, apertava com os vagarosos e, exortando-os a partirem, mandou abrir passagem nas brenhas. Cortaram os caminhantes por lodaçais que, às vezes, lhes davam pelos joelhos. Saindo dêstes, forcejaram para galgar, com as mãos e os pés, um monte: agarravam-se às pedras salientes e firmavam-se nas de baixo como em degraus. Consu-

mido um dia entre o mêdo e a fadiga e superada a montanha, todos, cansados da marcha contínua, estiraram-se por tôda a parte e, junto de um arroio de águas doces e copiosas, jazeram naquelas paragens ínvias afim de repousarem. De manhã, proveram-se de comida para alguns dias e tiveram de subir e descer uma longa série de montes.

Viram outra vez pedras de desmesurada grandeza, amontoadas pela mão do homem, quais possue também na Holanda a região de Drent, para onde não se crê tenham podido ser carreadas nem transportadas por fôrça humana por causa do seu volume. As tais pedras pareciam-se na forma com altares.

Chegaram depois à aldeia Guirarembuca, antiga habitação de índios, onde se observaram vestígios humanos. Avançando até o rio Tambuarirí (298), deram-lhe nova denominação — *Rio de Almiscar* —, por causa do cheiro forte dos crocodilos e cobras, semelhante ao aroma do almíscar. Notou-se alí a mudança de aspecto do solo e da paìsagem : o que até então aparecera areento, escuro, negro, mostrava-se agora amarelo, gleboso, feraz, e por tôda a parte vicejavam ervas bravas por falta de cultura. Toparam logo limpidíssima torrente, a qual, por abastecer de água os portugueses que alí guerreavam outrora, se chamava Capiiraguaba (299), isto é, *torrente da aguada dos cavalos.* No vale, contemplavam todos atentamente dois rochedos elevados como tôrres redondas. Um dêles, separado do monte, podia ser contornado ; o outro, meio inserido e apoiado na montanha, lembrava o aspecto daquela obra que se vê em Leide, no meio da cidade e à margem do Reno, construída pelos antigos saxões sob o comando de Engisto. Aqueles rochedos, porém, pareciam obra da natureza e não da arte.

Em seguida, subiram os expedicionários uma serra, a mais alta de quantas superaram, donde divisavam as demais. Mas, ao longe, uma névoa densa e escura tolhia a vista. Diziam os índios ter sido alí a vila Ararembé (300), forte e populosa. Invejando o comércio com os franceses, tomaram-na os portugueses, comandados por Duarte Gomes da Silveira. Morreram diversos índios na guerra, e foram muitos levados para a beira-mar. O próprio chefe do lugar foi remetido ao rei da Espanha, onde morreu exilado, longe das suas selvas. Naquele mesmo bando conduzido por Herckmann, havia dois filhos do dito chefe, que figuravam entre os principais de Masurepe e Gargaú (301).

Chegados alí, os índios, aterrados com as dificuldades do caminho, enchiam aos companheiros com igual temor, instigavam-nos secretamente a não prosseguir e asseveravam que nunca tinham visto os caminhos para adiante. Aconselharam por isso a volta, queixando-se de recear falta de água, fôsse quanta fôsse a farinha que restasse. Alastravam-se como um contágio as murmurações entre os soldados, os quais, assim pela sua volubilidade como pelo cansaço da viagem, davam mostras do seu azedume de ânimo com invectivas e palavras ásperas, dizendo que estavam sendo conduzidos para onde a natureza negava caminho, através da espessura das selvas, dos precipícios das montanhas, dos rodeios das vias, sem nenhuma esperança de glória nem de lucro.

Discurso de Herckmann aos companheiros.

O chefe, porém, mais animoso, respondia-lhes *que estavam no início da viagem e que, vencidos tantos incômodos, esperava fruto próximo; que a derrota até alí feita por êle tinha mais fama e trabalho do que proveito; que os brasileiros lhes mostravam aqueles transtornos para interromperem a expedição por preguiça; que eram exageradas as cousas por êles espalhadas; que, por mêdo, nada se devia omitir ou largar sem experimentar. Lembrassem-se que eram batavos e neerlandeses, os quais não se perturbam com facilidade. Guardassem entre os estrangeiros a fama da antiga valentia, prosseguindo para onde os fados os conduzissem. Acompanhassem-no como a um chefe que, participando da mesma sorte que a dêles, se contentaria para alimentar-se com um punhado de farinha e um bocado de toucinho. O gôsto e o prazer da caça,* dizia êle, *arrasta os homens através de neves e geadas, de montes e florestas. Não teremos nós, para as cousas necessárias aquela mesma paciência que os prazeres e os divertimentos aconselham? Trago entre as minhas instruções* (mostrou os papéis e os interpretou em português) *a ordem de explorar cuidadosamente as terras e os desertos de Copaoba e de examinar a natureza e produções do solo. Não se empreendera aquela entrada para os índios visitarem as suas antigas aldeias e reverem, para regalo do ânimo, o torrão natal. Se desconhecessem os caminhos, descobrì-los-ia êle, guiado pela fortuna e pela inteligência. Tinha na mão a bússola, cujas indicações são certas. Não desesperava de ter que beber, pois é sabidíssimo que os montes teem seus vales e os vales água. Era diminuta a tarefa de romper o mato, pois já não se teria de abrir passagem para os carros, mas para pedestres. Buscassem esta glória: terem os mais dêles encontrado, através daqueles alcantis, morte gloriosa apesar de improficua.*

*Auxiliassem a diligência e energia do seu chefe com obediência e disciplina. Portanto, se os espíritos obstinados, era fácil voltar, não daria êle ao Conde e ao Conselho outra causa do intempestivo regresso senão a inércia, o temor e a rebeldia.*

Verberados por essas e semelhantes palavras, significaram que não desatenderiam às ordens e que estavam prontos para tudo arrostarem, com tal que se lhes fornecessem machadinhas, foices e outros instrumentos.

Já se aproximava o dia, quando, após aquela objurgação, o chefe, confiante e esperançoso, manda todos preparar-se, animando-os a prosseguir. A avidez tanto de glória como de lucro não deixava nada parecer ínvio, estorvado, distante. Mandaram-se alguns buscar os comestíveis, que se tinham deixado atrás. Os outros da bandeira construíram apressadamente barracas para si no sítio onde haviam acampado. Foram recambiados para a Paraíba dez, de cuja insolência de palavras e gênio turbulento se tinha que recear.

*Descrição do armadilho segundo Ximenes.*

Houve então a primeira caça de um animal bravio chamado pelos índios tatú e por nós armadilho. Mais atrás fiz menção dêle. Descreve-o minuciosamente Francisco Ximenes. E', diz êle, animal extraordinário, do tamanho de um cãozinho de Malta, mas de cauda maior, com as patas como as do ouriço: as dianteiras com quatro dedos e as trazeiras com cinco. O focinho tem o mesmo feitio, porém é mais comprido e mais fino. As orelhas são cartilaginosas e sem pelos. Apresenta o corpo inteiro, menos no ventre, e em redor do pescoço, coberto de escamas, como as de um cavalo revestido de armadura. Elas se reúnem por meio de certos tendões, de modo que êle se pode mover fàcilmente em tôdas as partes. Essas escamas são inteiramente ósseas. Pulverizadas e bebidas no pêso de uma dracma num cozimento de salva, provocam o suor e são um remédio singular contra o contágio venéreo. Por outro lado, o penúltimo ossículo da cauda, no ponto onde ela se liga ao corpo, reduzido a pó finíssimo e transformado em pílulas com vinagre rosado e pôsto sôbre os ouvidos, tira como por milagre a surdez proveniente de uma causa quente. Também as escamas, trituradas e amassadas com água, tiram espinhos de qualquer parte do corpo.

Não tiveram os expedicionários outro dia de chuva senão êste, e o frio noturno foi agudo como o da Holanda naquela quadra. Ficaram de vela para caçar coelhos, mas nenhum foi apanhado. Alí de novo se levantou o brazão da Companhia para

contemplação e maravilha da posteridade. Dirigiu-se a derrota para o sudoeste, segundo a situação das serras. Atravessaram torrentes, viram lagoas, campos, matas, canaviais bravos, pedras de rara grandeza, as quais se diriam outras Pirâmides, outros Mausoléus, sendo de tal feitio que se juraria serem fabricadas pela mão do homem. Tão lenta foi a jornada que apenas fizeram duas ou três léguas por dia. Eram às vezes de tal maneira talhados os penhascos que dificilmente se podiam ver do alto sem causarem vertigem ao mesmo tempo aos olhos e ao espírito. De onde em onde, eram tão opacas as florestas, pela densidão do arvoredo e dos ramos entrelaçados, que mal se via o céu. Os jornadeantes caminhavam de dia num trilho incerto como durante marcha noturna, porque, assim como parecem escuras as cousas mais distantes, assim também afiguram-se negras, com a fronde assaz espêssa das árvores, as cousas mais próximas.

Encontravam-se dois auxílios nestas dificuldades: a perícia dos índios para descobrir os caminhos e o trabalho de abrí-los.

Depois chegaram a uma aldeia de tapuias e nada encontraram além de umas choçazinhas arruïnadas, quais costumam levantar, cobertas de fôlhas verdes chamadas carauatá. Continham singela alfaia, assaz módica para o uso de gente pobre. Havia uns vasos a que chamam cabaças e umas panelas de barro, das quais se utilizavam êsses nossos andarilhos para cozer as carnes, que assam em espetos de pau. Acharam-se ainda chapéus, calçados, bandoleiras, instrumentos de pesca, arcos, setas, chocalhos, guizos, objetos de jôgo, mas tudo estragado e bolorento. Tais cousas, que se consideravam abandonadas, faziam acreditar terem os índios partido e fugido tumultuàriamente. Era mais crível ter sido aquilo um aldeamento, não de tapuias, mas de tapivís (302) ou de negros, habitantes do mato, conforme indicavam os chapéus e calçados.

Enfim, logo que chegaram às moradas dos tapuias, pararam e, receosos dêles, fortificaram o acampamento com árvores cortadas e postas diante do mesmo, ficando fechados contra os assaltos como por uma estacada. Continuando a viagem, acharam águas vermelhas, turvas e de sabor desagradável, logo nenhumas e depois salgadas como as do mar.

Sendo a soldadesca inclinada a queixar-se, surgiu outra divergência com o chefe. Êle, firme no seu propósito, intimou-lhes que fôssem aonde ia à frente, e de novo exortou-os ou a morrerem ou a escaparem com a mesma sorte que êle. Perseverassem ainda

alguns dias com igual sustento, e seguissem-lhe antes o exemplo do que as ordens. Ouviram-no, porém, murmurando e mostrando que a obediência era forçada e extorquida parte pela vergonha, parte pelo mêdo.

Continuando a jornada, atravessaram rios e depois montes e campinas, indo ter outra vez a paragens silvestres, em descidas e subidas, em linha reta ou sinuosa, ora para o sul, ora para o ocidente. Aí de novo falaram alguns soldados em voltar e pediram ao chefe que os deixasse partir, o que lhes foi negado. Observadas do cimo de um monte as campinas circunjacentes, avistou-se a serra de Copaoba, mas distante nove ou dez léguas. E como estivessem todos mortos de sêde e prontos para regressar, vendo-se Herckmann no meio de uma multidão discorde, de línguas maledicas, com todos já inconversáveis, receou o descomedimento e audácia de uma turba desmandada e julgou não se devia demorar mais tempo. Consentiu, portanto, no retôrno, único meio de atalhar os males iminentes. O monte de onde voltaram se ficou chamando o Monte do Retôrno (303). Quando regressavam, observaram que no rio Araçaí se erguiam árvores desde o fundo sôbre a tona da água, em cujas franças aderiam algas e musgos. Daí inferiram, por um raciocínio lógico, crescer o rio até aquela altura.

*Retorna Herckmann.*

Durante a viagem tôda, houve fartura de ratos, arganazes e cobras, mas nada de cabras ou da espécie suína. Apanharam-se apenas três ou quatro armadilhos. Durante êsses dias, não se viram aves pelo ar.

Transpostas de novo as serras por onde tinham ido, pararam no lugar em que tinham ficado os carros, cavalgaduras e mantimentos. Dirigiu-se então a derrota para o norte e para o sertão do Brasil, com o fito de explorar não só o aspecto daquelas regiões, mas também as suas produções. Temia-se em todo caso que a improficuidade da empreendida viagem servisse de ludíbrio para malévolos e invejosos.

Varou-se através de sítios montuosos e inóspitos até alcançar-se a confluência dos rios *Araçaí e Maracujaí* (304), através de canaviais bravos e juncais, onde se viram árvores de canafístula e um rio tão cheio de meandros e curvas que teve de se passar sete vezes (305).

Houve lugar onde se arremessaram com ávida diligência à raiz de certa serra, porque tinham visto uns fragmentos de pedra, e julgando fôssem minérios, examinaram cuidadosamente se pelo brilho prometiam ouro ou prata. Mas ainda alí as pedras engana-

ram-lhes a expectação. Houve sítio onde, deitando fogo a uma árvore, saltaram do tronco semi-adusto duas cobras, que, cortadas a espada, se imolaram a Vulcano.

Como, porém, depois de palmilhados tantos vales e superadas tantas serras, aparecesse a mesma paìsagem, sem haver esperanças de proveito, deu-se o sinal de partida, e volveram ao lugar onde estavam os comestíveis.

Determinou esta digressão de Herckmann para o norte a notícia de existirem ali minas de prata, às quais tinham ido em vão, no ano de 1637, alguns holandeses, coagidos a voltarem por falta de provisões de bôca. A maioria, porém, acreditava que se apregoavam fantasias e esperanças de riquezas com o intuito de enganar os nossos, induzindo-os a empreender, por insaciável cobiça, viagens longuíssimas e temerárias.

Recolhidas tôdas as bagagens, regressaram para o Brasil, perlustrando caminhos novos e também ínvios, onde as serras e os plainos apareciam a cada passo salpicados de lâminas vítreas faiscantes aos raios do sol. Acreditaram serem aqueles os montes de cristal, dos quais fizeram menção os escritores, apesar de os brasileiros desconhecerem o cristal. Quanto a mim, por se transcreverem mais cousas do que as que se crêem, nem desejo afirmar o de que duvido, nem omitir o que li.

Após uma caminhada de algùns dias, chegaram aos currais e aos engenhos e fazendas dos portugueses, já conhecidas.

Quando vinham de volta, encontraram um rancho de sertanejos ou habitantes dos desertos, que, alvoroçados com a chegada dos nossos, se haviam retirado, mas agora, vendo-os ir-se embora, preparavam-se para tornarem ao sertão.

Após uma peregrinação de dois meses, desde 3 de Setembro até 4 de Novembro, entraram no Recife e em Maurícia, carregados de incômodos e vazios de dinheiro.

Quem ler isto refletirá por certo que tudo fizeram a Companhia, Nassau e o Supremo Conselho para promoverem o bem público. Buscaram-se lucros guerreando, comerciando, explorando terras. Nem as selvas, nem os penhascos, nem os rios, nem os mares obstaram à sofreguidão do ganho. Tão veemente é a estima votada ao dinheiro que ela ousa e realiza coisas extraordinárias e incríveis, quer investigando lucros latentes, quer devorando os manifestos. Entretanto, não dão completa felicidade as vantagens encontradas, e é digna da maior compaixão essa avidez de procurá-las.

*Expedição contra a Capitania do Maranhão.*

Depois de vencida Loanda e a ilha de São Tomé, na África, transferiu-se a guerra para o norte do Brasil, sendo expugnado pelas nossas armas o Maranhão. Aconselharam a expedição os diretores da Companhia, em carta ao Conde, datada de 28 de Março de 1640.

*Razões da expedição.*

Fundava-se a entrepresa nas seguintes razões: dilatar-se-iam com ela as possessões da Companhia, reforçando-se e garantindo-se as conquistas anteriores; conciliar-se-ia, em mais amplo espaço, o auxílio e o ânimo dos índios, e muitas das suas nações se adaptariam aos costumes holandêses. Além disso, criar-se-iam grandes desvantagens ao comércio dos portugueses, tornando-se tal a situação, que nada mais se teria para recear, depois de havermos submetido aquelas costas, senão ataques marítimos dos espanhóis. Demais era o Maranhão vantajoso para se infestarem as ilhas do Mar Setentrional, Hispaníola, Cuba, Jamaica, Pôrto Rico e as costas do continente ocidental; para alí eram convidados os holandeses pela salubridade do clima, pela uberdade do solo para produzir açúcar, algodão, gengibre e tabaco, pelo comércio do sal e pela esperança de minas.

*Comandam a expedição Lichthart e Koin, militares veteranos e ilustres.*

Comandavam a expedição Lichthart e Koin, sucessor de Artichofski, afamados por um longo exercício da milícia. Partindo do Pôrto de Pernambuco a 30 de Outubro de 1641 com oito naus grandes e seis pequenas, pararam nas proximidades da foz do Maranhão, ansiosos por causa dos alfaques e baixios, infestos aos que pretendem entrar o pôrto. Por isso, evitando expor todos os navios ao mesmo risco, mandaram alguns adiante para procurarem acesso mais seguro. Navegaram êles pròsperamente e em curso direto para o braço ocidental do rio, e, passando ante a fortaleza inimiga, que atirava ferozmente contra êles, lançaram ferro mesmo diante da cidade de São Luiz. Koin, saltando na ilha e desembarcando as tropas, aproximou-se do forte para investí-lo. Vieram-lhe ao encontro dois emissários do governador da fortaleza, um civil e o outro eclesiástico, que perguntaram a Koin se êle tinha intenção de pactuar. Anuíu Koin, julgando humano não tentar pelas armas o que se poderia conseguir pela brandura. Concedendo a todos garantia de vida e de bens, penetrou no forte, desarmou os soldados da guarnição, encontrados em número de 330, e, cóm equitativas condições militares, fê-lo da sua jurisdição. Nada se contratou sôbre a administração do culto. Conseguiram fàcilmente que se permitisse aos soldados permanecer alí até que por outra forma resolvessem o Conde e o Con-

*20 DE OUTUBRO DE 1641.*

*Koin toma posse do forte.*

selho do Brasil. Acharam-se lá 45 peças grossas, bastante pólvora e também vinho para as necessidades do vencedor. Só havia seis engenhos aproveitáveis, por estarem ainda inacabados os outros. Na terra firme existiam alguns em Itapicurú. Os moradores dêste lugar, prometendo fidelidade à Companhia e passando-lhe à jurisdição, abriram o seu forte ao capitão Schadde. Depois bandearam-se conosco os de Tapuitapera (306) e os de três aldeias na ilha do Maranhão.

Era insignificante ou quasi nulo o valor das nauzinhas que alí encontramos.

Quarenta e cinco marujos foram levados para a ilha do Sal, como lhe chamam os nossos, no arquipélago do Cabo Verde. Negociou-se com os habitantes de Itapicurú acêrca de 300 caixas de açúcar, deixando-se lá uma nau para recebê-las e transportá-las para a Holanda. Três outras naus proejaram para as Barbudas e a Ilha de São Cristóvão para traficarem. Ficaram seiscentos holandeses para acabarem as fortificações e defenderem os naturais contra os ataques dos inimigos.

Não é intuito meu expor minuciosamente as contendas dos geógrafos a respeito do rio Maranhão : se lhe cabe alí tal nome ou se esta é sòmente a denominação da ilha, ou se outras designações foram dadas pelos bárbaros aos rios vindos do continente e quais sejam elas. Sei apenas que as descrições e diários dos holandeses conferem o mesmo nome Maranhão tanto ao rio como à ilha. Julgo cousa de leve importância o terem errado os nomes das terras e dos rios, uma vez que a Companhia tenha a posse certa daquelas terras, rios e barras.

*Descrição da ilha do Maranhão.*

Tem a ilha do Maranhão um circuito de quarenta e cinco léguas. Está próxima da linha equinocial, de que dista cêrca de dois graus. E' rodeada e banhada por três grandes rios que, vindos do continente, se despejam naquela baía. Um dêles, o oriental e maior, é chamado pelos indígenas Munim ; o segundo, o do meio, Itapirucú ; o ocidental, Mearim (307).

Apresentam as aldeias uma forma interessante : constam de poucas habitações quadrangulares, deixando-se no meio delas uma área bastante larga, como praça. Essas casas, com 250 passos de comprimento por 25 de largura, construídas de troncos de árvores ligados entre si e de fôlhas de palmeiras, oferecem um aspecto mui gracioso. Sopram na ilha os ventos de leste, donde a boa saúde que gozam os insulanos. Nem nevoeiro nem miasmas infestam aquela ameníssima ilha. Março, Abril e Maio são

chuvosos; os outros meses são sereníssimos. Possue numerosas fontes de águas doces, conquanto cingida de todos os lados por águas salgadas.

O calor apressa a maturidade dos frutos, e os produz várias vezes cada ano. Das raizes do *aipim* (308) fazem umas papas, de que se alimentam. Além do açúcar, produz a ilha pau-brasil, açafrão, algodão e também uma espécie de laca e de bálsamo, não inferior ao da Arábia, pimenta, de sabor muito ardente, e tabaco apreciável. Ostenta muitas árvores desconhecidas no nosso hemisfério. Entre elas se distingue pela altura o acajú, o qual, cousa pouco freqüente, produz frutos de quatro formas diferentes: um, semelhante a pero verdeal, com uma castanha para caroço, suculento e amarelo; o segundo tem suco mais ácido e côr vermelha; o terceiro é muito azêdo, e dêle fabricam vinagre; o quarto tem sabor agradabilíssimo.

E' grandíssima a variedade e multidão de papagaios e outras aves. Entre estas sobressái pelo tamanho, ferocidade, fôrça e beleza da plumagem o Ovyza-Ovassou (309), quasi duas vezes maior que a águia. Tem por hábito dilacerar as ovelhas e encarniçar-se contra os cabritos. Vivem alí infinitos morcegos, terríveis até para os próprios homens.

O mar, piscosíssimo, fornece muitas sortes de peixes, de notável comprimento e de feitios diversos. Além de veados, cabras, ouriços, macacos, cercopitecos, cria a ilha o armadilho, chamado *tatú* pelos índios, do qual falei atrás, e bem assim raposas, semelhantes às rapozinhas da Europa. Entre as serpentes a mais formidável é a chamada *boietê* (310). Tem a pele malhada, e mata com a sua mordedura e golpes de cauda. Esta tem a forma de vesícula, dividida em artículos, com cujo estrépito, parecido ao de um chocalho, anuncia, quando serpeia pelos espinhais e moitas, a sua presença e a morte que ameaça o homem.

Dos quadrúpedes o mais curioso é aquele a que chamam *unau*, do qual já se falou páginas atrás. A cabeça é pequena em relação com o corpo e coberta, assim como parte do queixo e da garganta, de pelos curtos e avermelhados. Na cara se parece, de certo modo, com o macaco: é curta, glabra, com nariz chato, dentes miúdos, mas largos, e bôca não muito ampla. Caminhando com as quatro patas, move-se pouco para a frente; com elas, fendidas em três unhas, agarra-se às árvores e nelas trepa. E' tão lento e preguiçoso que lhe deram os espanhóis o nome de preguiça.

Os indígenas são de estatura elevada, de corpos robustos e aptos para carregar pesos. O nariz é chato, a côr escura um tanto azeitonada. Vivem muito e não encalvecem. Tanto os homens como as mulheres cuidam muito dos cabelos, e os dispoem em cabeleiras para se alindarem. Trazem as narinas e lábios perfurados, adornando-os com pedrinhas e pedacinhos de pau. Com uma pedra afiada sarjam a cutis e pintam-na de côres. São antropófagos, muito truculentos contra os inimigos, a quem engordam cuidadosamente, matam e comem. Teem os tapuias por vizinhos, mas são inimigos. Há cêrca de vinte e quatro anos passados, vieram a esta ilha para traficarem mercadores de Amsterdam e de Rotterdam.

*Elogio de Koin e de Lichthart.*

Deve louvar-se o procedimento de Koin e Lichthart, atraindo os bárbaros com singular exemplo de humanidade, ao amor dos holandeses. Determinaram com efeito que não seriam considerados escravos os brasileiros ou quaisquer índios, gozando do mesmo direito à liberdade que os holandeses. Concessão idêntica já fizera antes Nassau aos habitantes do Ceará, isto é, que fôsse permitido resgatar por dinheiro os inimigos e filhos dêstes cativados pelos tapuias, os quais esta nação antropófaga noutro tempo reservava para matar e devorar.

Tal ódio votam os maranhenses aos portugueses que difìcilmente os pode conter a nossa autoridade para não se arremessarem contra êles e os imolarem à sua vingança, derramando-lhes o sangue.

*Salinas do Upanema.*

Em Upanema foram descobertas salinas por um tal Gedeão Morritz e depois entregues à administração de Elberto Smienth, as quais deram grandes esperanças de rendimentos. Entanto, após as tréguas dos dez anos com os portugueses, e depois que a varíola dizimou alí a população, e por causa das despesas maiores que os lucros, foram elas abandonadas.

Os governadores portugueses, indignados pelos danos sofridos na África e no Brasil, já narrados, apelaram para o tratado do armistício.

*Reclamações do embaixador do rei de Portugal.*

O próprio rei de Portugal, por um embaixador junto aos Estados Gerais e não sem bilis, advogou a sua causa e reclamou o que perdera, dizendo ser iníquo que os mesmos Estados Gerais enviassem frotas e socorros ao rei dos portugueses, e em outras partes e com outra frota, mandassem invadir-lhe as terras; que apresentavam, como se diz, a arma em uma das mãos e o fogo na outra; que violavam o direito das gentes e o natural com a

opressão dos amigos, e que não se deviam perturbar os propósitos da paz com outros novos movimentos de guerra. Falava, porém, a surdos, pois todos aqueles atos tinham sidos praticados e concluídos ou antes de se negociarem as tréguas, ou de serem ratificadas pelo monarca português, ou de se promulgarem, o que se deveria ter feito, segundo as condições das mesmas, para entrarem em vigor.

*Resposta.*

*10 DE NOVEMBRO DE 1641.*

Pelo armistício de dez anos celebrado com o rei de Portugal, foi Nassau proïbido de fazer guerra a esta nação. Mas, por não ficar inteiramente inerte a Companhia, à qual era nociva a paz, pois tôda a sua glória e proveito estava nas armas, mostrou-lhe êle a possibilidade de se transferir vantajosamente a luta para outro campo, onde se encontraria matéria para exercitar o valor. Observou-lhe estar franco todo o Oceano Pacífico, para onde é fácil e expedita a navegação desde o Brasil, uma vez que, durante o estio, sopram os ventos do setentrião, com cujo auxílio se poderia chegar ao Oceano Austral pelo estreito de Magalhães ou pelo de Lemaire, recentemente descoberto (311). Conviria experimentar alí se os chilenos, ajudados pelos holandeses se animavam a expulsar os espanhóis. Depois, oferecer-se-iam alí ensejos de se atacarem as naus do ouro do Perú, e as que do pôrto de Acapulco se dirigem para Manilha, as quais foram outrora presa do valentíssimo cavaleiro Tomaz Cavendish. Demais seria então possível explorar, com despesas menores, as regiões da Terra de Magalhães e da Austral. Se prometessem elas algum proveito lá poderiam ir os brasileiros por via mais breve.

*Nassau sugere à Companhia novos modos e caminhos para dilatar-lhe os domínios.*

Aquele ano (312) foi célebre para o Brasil, não só pela insurreição portuguesa, que dava aos batavos esperanças de grandes cousas, mas também pelas suas calamidades particulares. Caíram, de feito, chuvas tão continuadas e fortes, sem intervalos, que se encheram os rios, inundando por tôda a parte as terras e arrebatando as plantações nas suas águas e voragens. Rompendo e superando os marachões, a cheia cobriu os campos, que eram transitados por navios, e os lavradores faziam o ofício dos marinheiros.

*Chuvas contínuas afogam a safra.*

Foram lamentáveis as mortes de homens e de animais, principalmente às margens do Capibaribe. As canas de açúcar, novas e ainda em erva, ficaram afogadas, e as mais crescidas, prejudicadas com a frialdade das águas, enganaram a esperança dos senhores de engenhos, pois uns vermezinhos, nascidos na água, lhes roíam todo o miolo. Com outros sinais ainda atestou Deus a sua

ira, acrescentando a esta calamidade sofrida pelos campos outra enviada aos homens, isto é, uma epidemia de sarampo e de varíola, que de tal forma raivou por todo o Brasil, que só na Paraíba morreram 1.100 negros, arrastando muitos os membros debilitados e perdendo quasi o uso dos músculos. Com esta dizimação ou quebrantamento dos trabalhadores, cessaram os proventos da lavoura.

*Grassa o sarampo e a varíola.*

De uma safra perdida brotou uma outra de petições de remissões, moratórias, abatimentos de débitos e de títulos. Importava aos credores o concederem-se e afigurava-se de restritíssimo direito o não concederem-se. Pela relevância da matéria, remeteram-se, portanto, cartas aos diretores da Companhia na Holanda, solicitando-lhes que, segundo o seu alvitre, resolvessem o caso. Responderam que fôsse qual fôsse o débito, oferecessem os arrematadores das décimas sómente a décima parte das que devessem, e segundo diziam êles, era êste o costume usado sob o rei, sempre que o valor delas baixasse por fôrça maior.

Já nesta ocasião havia sido transmitido ao Conde o texto do tratado celebrado entre os Estados Gerais e D. Tristão de Mendonça, embaixador do rei de Portugal. Desde então as partes beligerantes se mostraram mais brandas, e já não se encarniçavam mais contra as lavouras e engenhos. Aplacara-se a luta, mas não havia paz: noutras partes, principalmente no mar, ainda a fortuna da guerra dava pequenas mostras de rancor.

*Recebe o Conde a cópia do tratado firmado entre os Estados Gerais e D. Tristão de Mendonça.*

Entretanto o rei de Portugal, duque de Bragança, retardava, em desproveito seu, a ratificação do tratado. Enfim, depois de transcorrer um ano, tiveram os Estados Gerais conhecimento dela. Enviaram-na logo a Maurício, no Brasil, o qual mandou sem detença anunciá-la solenemente por todo o território do seu govêrno, rendendo-se antes públicas ações de graças ao Deus principalmente da paz e da concórdia. Partiu para a cidade do Salvador, um trombeta que a levasse. Transmitiu a notícia ao Maranhão a nau Loanda que alí encheu de alegria os povos com os têrmos do armistício. Fez-se a mesma comunicação às costas da África, acolhendo-a com simpatia a Mina, Loanda e a ilha de São Tomé.

*Envia-se a ratificação do mesmo um ano depois.*

Até esta data tem sido nosso, por título incontroverso, tudo quanto ganhámos pelas armas, e as reclamações posteriormente feitas contra atos praticados antes da publicação do armistício foram palavras vãs, porque, naquela fase de uma paz ainda suspensa e duvidosa, vigorava o direito de guerra.

*Expõem-se as suas causas*

Para conheceres, leitor, a origem e as fontes de tal controvérsia, convém citar, mais a fundo, o tratado entre o rei de Portugal, duque de Bragança, e as Províncias-Unidas. Primeiramente discutido e mais tarde firmado, não sòmente mitigou a guerra, mas também nos deu ensejos recentes para vitórias nas terras da África e noutros pontos.

*Revolução de Portugal. 1 DE DEZEMBRO DE 1640.*

Efetivamente, após a defeção da Catalunha, Portugal, agitado por novos levantes, depôs Filipe IV e jurou fidelidade a D. João, duque de Bragança. A conspiração, tramada durante muito tempo, irrompeu num só momento, e o furor e a rebelião desencadearam contra os castelhanos os ódios ocultos.

Lisboa, levantando-se, foi cabeça do grande movimento. Atacando-se o paço e afastando-se a duquesa de Mântua, que governava em nome do rei, trucidou-se-lhe o secretário (313) como vítima do ódio popular e destituiu-se da autoridade real o antigo senhor. Clamando o que desejavam, pegaram os conjurados em armas e, empregando violência e tomadas como por um rio de povo as praças de todo o reino, procuraram garantir o novo monarca. Rebentara o incêndio da vingança, encoberto tantos anos, e serviu de ensinar aos príncipes que o mêdo por êles infundido é o que menos tempo mantém os súditos na obediência (314). Oprimidos por êsse temor, espiavam os portugueses a ocasião e a fortuna de sacudir o jugo de uma dominação odiada.

A indignação, na côrte, dos nobres e poderosos, os conciliábulos, as conspirações trouxeram a adesão do povo ao seu partido.

*Causas da revolução de Portugal contra Filipe IV.*

Queixavam-se, de bôca ou por escrito, de que Portugal fôra ocupado injustamente por Filipe II e de que só pela tirania era conservado sob o domínio da Espanha, pois os reinos adquiridos por meios maus soem ser governados por outros ainda piores; de que o povo era espoliado e esfolado com excessivas exações; de que eram excluídos das funções públicas os portugueses, dando-se preferência aos castelhanos; de que se desprezava a religião, assim dentro como fora do reino, e finalmente de que se preparava para Portugal a mais desgraçada servidão e todos os extremos do infortúnio. E' como se falasse em nome da liberdade, palavra especiosa, fazendo-se impiedosas invectivas contra o rei de Espanha, captaram os rebeldes o favor da plebe, e os de mais pronta audácia mereciam mais fé para a insurreição. Foi escolhido para cabeça do movimento o duque de Bragança, envolvido na velha contenda relativa à sucessão ao trono de Portugal por morte do rei D. Sebastião, trucidado pelos mouros, e do cardeal

D. Henrique, seu tio paterno. Eram partes na então famosíssima lide Filipe II, filho de D. Isabel, irmã de D. Henrique e primogênita de D. Manuel, décimo quarto rei de Portugal; D. Manuel, duque de Sabóia, filho de D. Beatriz, segunda filha de D. Manuel; Rainúncio Farnésio, filho de Alexandre, duque de Parma, e de D. Maria, filha de D. Duarte, irmão de D. Henrique; D. João, duque de Bragança, em nome de sua mulher D. Catarina, considerada mais próxima do rei Filipe em grau de consangüinidade; D. Antônio, prior do Crato, filho de D. Luiz, irmão de D. Henrique, o qual alegava não ser bastardo, conforme acreditava o vulgo, mas nascido de legítimo matrimônio; enfim Catarina de Médicis, viúva de Henrique II, rei de França, a qual fazia remontar a seu direito a Afonso III e à Condessa de Bolonha (315). A contestação principal era entre D. Filipe II e D. Catarina de Bragança, em igual grau de parentesco com D. Henrique (316).

A Juizo de muitos, deferia-se o reino a Filipe II, se bem que o favor do povo sustentasse D. Antônio, prior do Crato, filho de D. Luiz, irmão do cardeal D. Henrique, o qual foi aclamado em Lisboa pelo partido popular. Mas Filipe II, sem se embaraçar com as opiniões ancípites dos jurisconsultos, nem com a afeição da plebe lusitana a D. Antônio, decidiu o litígio pelas armas. Mandou o Duque de Alba com um exército invadir Portugal e, expulso D. Antônio, que levantava tropas em vão, conteve, por sessenta e quatro anos, o povo em paz, apesar de queixoso. Entretanto, estavam antes sopitados que extintos os ódios, e recrudescendo, depois de tantos lustros, a animosidade da nação portuguesa contra o rei de Castela, destituiu Filipe IV, neto de Filipe II e aclamou soberano D. João, duque de Bragança, neto de D. João de Bragança (317). Êste, depois de serenarem os primeiros tumultos, entrou a procurar o apôio e o auxílio das nações estrangeiras para firmar o reino. Enviou, pois, embaixadores aos reis da França e da Inglaterra e às Províncias-Unidas, esforçando-se para trazer uns à aliança da guerra contra um inimigo comum, e para provar aos outros as razões que teve para aceitar a realeza.

Veio à Holanda D. Tristão de Mendonça Furtado, um dos principais conjurados contra Filipe IV, e assim como professava a sua fidelidade e amor ao novo soberano, assim também manifestava a confiança que dêste merecia e o ódio entranhado que votava ao rei de Castela.

A 1.° de Março de 1641, firmando-se o tratado do armistício com os Estados Gerais, consentiu o embaixador em diversos artigos contra o rei de Castela (já não era próprio chamar-se rei da Espanha, após o desmembramento da Catalunha e de Portugal). Alguns dêles foram abrandados na interpretação e outros eliminados. São os seguintes os que importam ao Brasil e à Companhia das Índias Ocidentais:

*Artigos das tréguas entre o Duque de Bragança, hoje rei, e os Estados Gerais no que se refere à Companhia.*

"I. Durante dez anos, em virtude de concessão dos Estados Gerais, haverá tréguas nas terras, portos e mares compreendidos nos limites fixados para o comércio da Companhia das Índias Ocidentais. Só entrarão, porém, em vigor seis meses depois de ratificadas pelo rei de Portugal".

"II. Os habitantes e cidadãos das províncias do Brasil Holandês, bem como todos quantos se acham ligados à dita Companhia, qualquer que seja a sua nacionalidade, condição ou religião, gozarão, em tôdas as terras pertencentes ao rei de Portugal no continente europeu, do mesmo direito de comércio, das mesmas vantagens e imunidades de que gozarem os demais habitantes das Províncias-Unidas".

Mendonça pôs sòmente esta restrição: "contanto que os holandeses não importem para Portugal açúcares, pau-brasil e outras veniagas e produtos próprios do Brasil".

"III. Enquanto durar o armistício, ficarão os holandeses e portugueses obrigados a prestar-se mútuos auxílios e assistência, onde os reclamarem as circunstâncias e a necessidade".

"IV. Considerar-se-ão hostís a um e outro povo e inimigos seus, sem levar-se em conta nenhuma razão de limites, todos os fortes, cidades, navios e indivíduos que se mantiverem fiéis ao partido do rei de Castela".

Concordou Mendonça, acrescentando, porém: "com tal que seja prèviamente avisado o governador do lugar, onde e donde se devesse realizar o feito guerreiro ou praticar áto de violência contra o inimigo".

"V. Vencidos os contrários ou pelos holandeses ou pelos portugueses, ficarão pertencendo ao vencedor tôdas as terras por êle conquistadas".

"VI. Pela própria promulgação do armistício, cada um dos povos continuará na posse das cousas ganhas e possuídas antes dêle e como as possuía. Dividir-se-ão, porém, entre êles todos os territórios situados entre as fortalezas fronteiriças e adquiridos

pelas armas, assim como os povos e colonos respectivos, para que desta maneira, constem para os holandeses e portugueses os limites do seu império e defesa".

"VII. Todos os bens, anteriormente do domínio privado, que, depois de feita esta divisão de lugares, tocarem a uma das duas partes contratantes, não serão de modo algum restituídos aos seus donos que habitavam o território holandês ou português, se houverem sido por êles abandonados, tendo cada um de se contentar com o que levou consigo em partindo.

VIII. Entretanto, continuarão pertencendo aos respectivos donos os imóveis que foram sempre ocupados e cultivados por êles ou seus administradores, sendo competente o foro do seu distrito para as questões a êles relativas".

"IX. Cada um dos dois povos poderá exercer livremente o comércio entre os seus, não sendo lícito aos holandeses traficar em terras dos portugueses, nem a êstes fazer o mesmo em terras daqueles, salvo se posteriormente aprouver às partes o contrário"

Quis Mendonça que se restringisse êste artigo ao Brasil.

"X. Sempre que houver receio de infestarem os castelhanos a navegação para o Brasil, nenhum holandês ou português poderá navegar para alí senão em navios maiores, equipados e armados segundo ajuste prévio. Se, porém, quiser alguém transportar para alí mercadorias em navios menores, não lhe será permitido voltar aos portos donde houver partido, e quem fizer o contrário sofrerá a pena de perder a nau e as mercadorias. Aplica-se esta mesma cláusula aos que navegam da África e aos navios negreiros".

Condoído Mendonça dos portugueses pobres e de fazenda medíocre, pediu a eliminação dêste artigo.

"XI. Nem aos portugueses, nem aos holandeses será permitido levar mercadorias ou mantimentos às Índias Castelhanas e aos outros lugares inimigos, sob pena de perderem a nau e as mercadorias, sendo os transportadores tratados como adversários.

"XII. As possessões holandesas e portuguesas na costa da África não precisam de ser delimitadas, sempre que se extremarem pela interposição de regiões de outros povos bárbaros.

"XIII. Será permitido a ambas as partes o comércio nessas mesmas costas da África, na ilha de São Tomé e nas outras. Entretanto, pelo tráfico do ouro, dos escravos e do marfim nas mesmas terras se pagarão ao senhor do lugar os mesmos direitos que os portugueses costumam pagar".

Mendonça pediu que se excluisse a ilha de São Tomé, por estar situada não aquém, mas além da linha equinocial.

"XIV. Tendo a Holanda reduzido a província parte do Brasil, quando os seus habitantes, então súditos do rei de Castela, se reconheciam por inimigos das Províncias-Unidas, assim como os portugueses, ora seus aliados e amigos, não será absolutamente permitido, com o presente congraçamento, reclamar, por direito de postliminio ou outro semelhante, as terras e engenhos que os holandeses possuem por compra. Não será também lícito aos súditos da Holanda demandar os portugueses sôbre antigos títulos (318), nem êstes demandar àqueles, tendo cada um direito à posse e gôzo dos bens que provar ter possuído desde a publicação das tréguas".

"XV. Para se observar um sistema eqüitativo de comércio entre os súditos portugueses e holandeses, serão iguais para ambas as partes os encargos das mercadorias, tanto das exportadas da Holanda e Portugal para o Brasil, como das importadas daquele país".

Mendonça, tendo em vista os privilégios outorgados por seu rei aos súditos portugueses, pediu também a eliminação dêste artigo.

"XVI. Finalmente, em conseqüência dêste armistício de dez anos, os súditos do rei de Portugal e os das Províncias-Unidas observarão, sem disfarce nem dolo uma paz recíproca, esquecendo-se das antigas ofensas e de tôdas as injúrias recebidas de parte a parte".

Chamado o Conselho dos Dezenove a examinar mais a fundo êsses artigos, pois a êle compete a direção de tão relevantes interêsses, expôs aos Estados Gerais os seus pontos de vista, a saber:

I. Ser preferível a paz perpétua a uma temporária, excluindo-se a expectativa de uma nova guerra, pois nunca tinha tído êle controvérsias com o Duque de Bragança.

II. Não ser permitido aos portugueses importar para a Holanda açúcares, pau-brasil e outras mercadorias brasileiras, uma vez que o embaixador de Portugal suprimira do comércio mútuo a importação dessas veniagas para Portugal, feita pelos Holandeses.

III. Não ser conveniente a cláusula introduzida por Tristão, em virtude da qual se fizesse necessário que, planeando os holandeses ou portugueses, algum ato de hostilidade contra o

inimigo, se desse conhecimento disso ao governador do lugar, porquanto com a demora do aviso, poderia escapar a ocasião de se realizar a emprêsa inventada.

IV. Não ser admissível a delimitação entre as possessões dos holandeses e portugueses feita outrora por êstes mas sim aquela que deverá ser estabelecida por comum acôrdo das partes.

V. Tornar obrigatório por fôrça de lei, emanada dos Estados Gerais, o porte das naus que cursarem de Portugal para o Brasil e não deixá-lo facultativo e regulado pelas posses dos mercadores, segundo quer Mendonça, afim de que vasos aparelhados insuficientemente e fracos contra o inimigo não caiam em poder dêle.

VI. Incluir entre as mercadorias que se proïbia exportarem-se para as Índias Castelhanas também navios e negros, dos quais mais necessitava o inimigo.

VII. Ser iníquo privar os holandeses de freqüentar a ilha de São Tomé, porquanto o presente tratado de tréguas se refere à liberdade de comércio limitada pelo trópico de Cancer e o Cabo da Boa-Esperança, términos em que está incluída a dita ilha.

Estas e outras cláusulas, avençadas entre D. Tristão de Mendonça e os Estados Gerais a respeito do Brasil, tornaram-se para ambas as nações artigos do armistício.

*Carlos Tollner é mandado pelo Conde à Holanda para expor a situação do Brasil.*

Enquanto não obtém Nassau a sua demissão, mais de uma vez solicitada aos Estados Gerais, despacha para a Holanda o seu secretário Carlos Tolner, afim de lhes dar conta da situação e das necessidades do Brasil. Expôs êle que todo o litoral brasileiro, desde o Maranhão, recentemente submetido à Holanda, até o Rio Real, se achava em completa paz; que os campos, lavouras, engenhos de açúcar, cidades, vilas e aldeias não eram infestadas por inimigo nenhum; que se restauravam as ruínas e se reparavam os estragos produzidos pela guerra, restituindo-se as cousas ao seu primitivo estado e dando-se-lhes em tôda a parte melhor aspecto.

Entretanto pedia vênia aos Estados Gerais para dizer que o Conde inteiramente desaprovava a determinação que recebera da Companhia para demitir os oficiais mais graduados e reduzir o número dos militares. Partira aquilo de um desejo de intempestiva economia, mas seria danoso à República, por causa das ocultas maquinações dos portugueses e do amor que dedicavam ao seu rei, já nacional. Êste haveria de aproveitar, com a maior avidez, as ocasiões de recuperar as suas perdas, principalmente as

recentes conquistas feitas pela Holanda no Maranhão e na África, enquanto se demorava a promulgação do armistício.

De uma carta do Marquês de Montalvão, ex-vice-rei do Brasil, ao Conde, assim como das que certo capitão, enviado ao Brasil pelo rei de Portugal, entregara ao mesmo Conde e ao Supremo Conselho, se patenteia quanto aquêle monarca traz êsses prejuizos no pensamento. Portugal era infensíssimo aos holandeses, dizia êle, por causa da expulsão dos jesuítas e dos frades, tendo-se deixado para administrarem o culto alguns sacerdotes, vergonha do clero, os quais sacrificam mais à gula que ao altar. Numerosos portugueses, obrigados à Companhia e a cidadãos holandeses por vultosas dívidas, espreitavam ansiosamente perturbações da ordem, e provaram quanto desejam a nossa ruína, quando estava para chegar a última armada espanhola. Os judeus, por índole sempre inclinados à revolta, não são de mais sólida fidelidade. Afirmava ainda Tollner que diversos comandantes, ressentidos com a notícia dessa decisão sôbre o seu licenciamento, quebraram os laços de fidelidade à Companhia e partiram para Portugal, afim de militarem sob a bandeira real, pois julgavam indigno pagarem-se-lhes com tal destituïção as suas canseiras e o seu sangue derramado. Alquebrados e exauridos, eram recompensados com o desprêzo e o desamparo.

*O Conde desaconselha uma súbita mudança na milícia.*

Diante disso, estava o Conde na firme opinião de que, em razão do recente armistício, não conviria ainda mudar a organização da milícia, nem destituir das honras militares os comandantes beneméritos, que se distinguiram na guerra pela sua leadade. Cassá-las logo seria ato de quem quisesse apressar motins civis e militares. Eram-lhes, pois, ingratas as ordens que tivessem de cumprir-se, maguando os soldados e os cidadãos. Deviam os portugueses ser afagados e atraídos com benefícios, e não ser tratados com desdém; era necessário satisfazer, escrupulosamente, a promessa da liberdade do culto, e, além disso, estimular com certos títulos pomposos a um povo que se incha com o fausto. Para a prosperidade da Companhia nada se requeria tanto quanto a moderação e a brandura. As mais das vezes aplacam-se com remédios brandos aqueles que resistem pertinazes à violência. Um dos pontos capitais da administração do Brasil é que sejam perpétuos e não anuais os seus diretores, visto como os sucessores dêles, assumindo a governança de um país desconhecido, continuariam a imperícia dos antecessores e tomariam resoluções contrárias às dêstes e menos salutares e adaptadas às circunstâncias.

*Avisa que se devem tratar brandamente os portugueses e cumprir as promessas feitas.*

*Não aprova os diretores anuais.*

Assim, entre essas deliberações de contínuo interrompidas e êsses planos intervalados, perdiam-se ótimas ocasiões, e ficavam suspensas pelos sufrágios incertos e discrepantes de vários indivíduos emprêsas da máxima relevância.

Com grande firmeza declarou Tollner que tinham sido feitas pelo Conde reiteradas reclamações concernentes à carestia do mantimento e que, não se providenciando em tempo, o Brasil ia passar fome e tudo se perderia. Com atestados médicos provou que muitos óbitos se verificaram por falta de medicamentos, e mostrou que as terras recentemente conquistadas do Sergipe, Angola, ilha de São Tomé e Maranhão consumiam os celeiros do Brasil, e concluíu dizendo que os sucessos infelizes ocorridos em várias partes eram injustamente lançados ao Conde, quando deviam ser imputados não a êle, mas a outros.

*Situação da milicia.*

Apresentou o mesmo Tollner a seguinte resenha do exército distribuído pelo Brasil e pela África: Ao Sergipe del Rei deram-se 3 companhias; ao Forte de Maurício, às margens do São Francisco, 4; às Alagoas, 2; a Ipojuca, 2; ao forte de Santo Antônio, 1; ao de van der Dussen, 1; ao de Muribeca, 1; para defesa do forte do Príncipe Guilherme, 2; para a do forte de Frederico Henrique, 1; a Mauriciópole, o corpo da guarda do Conde, com cêrca de 300 homens; ao forte de Ernesto e o das Três Pontas (Wardenburch), 1 para os dois; ao Recife, ao forte do Brum, ao castelo da costa, a Olinda, Iguaraçú, a Itamaracá junto com o forte de Orange, a Fredericópole, 1 para cada um, 4 companhias defendiam o forte de Margarida, a barra do norte e a Restinga. O forte de Ceulen no Rio Grande e o Ceará tinham 1 para cada um; 4 foram acantonadas na cidade de São Luiz, no Maranhão, e 1 no fortim do Itapicurú. No reino de Angola, o tenente-coronel Hinderson domina a cidade de Loanda e a fortaleza de Benguela com 10 companhias. Na ilha de São Tomé, 4 guarneciam a cidade, bem como o forte de São Sebastião. Assim, avaliava-se todo o efetivo do exército em 4.843 homens.

Disse Tollner que êsse contingente se reduzia diàriamente por morte de uns, por partida e baixa de outros, e por isso pediu instantemente, de ordem do Conde, reforços militares e abastecimento mais liberal, se não queriam que a República fôsse arrastada à ruína. Os soldados dariam a ela movimento, e as vitualhas alma. Sem isso, nem poderia o Conde vencer, nem viver com os

seus. Faltando um ou outro dêsses elementos, não poderia subsistir nem a segurança, nem a glória da República.

*Carta ao Conde do vice-rei marquês de Montalvão, na qual se queixa da violência feita contra a África e o Maranhão.*

A carta de D. Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão e vice-rei do Brasil, à qual me referi mais atrás, lisonjeira nuns pontos, túmida em outros, era desta substância :

*"Depois de ter desempenhado no Brasil o cargo de vice-rei, gozava de influência na côrte e lograra o valimento do soberano. Era consultado nos negócios mais importantes relativas às rendas e às armadas do rei, sendo admitido aos mais íntimos conselhos (319), e o que era o principal, merecera o título de Vice-governador da Nobreza de Portugal, sob o príncipe herdeiro. Ser-lhe-ia gratíssimo saber que eram prósperas e ótimas as condições do Conde.*

*O seu rei sentira vivamente a violência praticada pelos holandeses na África e no Maranhão, no momento em que negociava com as Províncias-Unidas um tratado de paz e em que conseguira do rei da França e dos Estados Gerais frotas auxiliares contra o rei de Castela. Estava plenamente convencido de que a casa de Nassau e o descendente conceituadíssimo de tão ilustre família não tinham culpa de ação tão odiosa e de audácia tão ímproba, pois êle Nassau deveria julgar a sua ínclita prosápia não um penhor de violência e de injustiça, mas de justiça. Cabia-lhe, pois, aconselhar aos Estados Gerais e ao chefe da emprêsa Hinderson a restituïção do que arrebataram injustamente, se não quisessem fôsse também recindido pelo rei o pacto de tréguas. Não devem condescender com as demasias dos soldados os grandes generais, que aspiram à suprema honra da milícia, que buscam fama na inteireza de um ânimo generoso e que abominam a barbaria de uma soldadesca rapinadora. A melhor regra é a abstenção da guerra injusta e a diligente conservação das vantagens da paz. O maior desejo do rei era que o Conde tivesse sob o seu comando a maior parte do exército real. Quando, porém, conversava Montalvão com o monarca sôbre tal assunto e mostrava sua opinião favorável, perturbou o que começara a superveniente notícia da ocupação de Angola pelos holandeses. Não desistiria, contudo, daquilo, enquanto não soubesse do Conde todo o ocorrido. O reino de Portugal achava-se forte pelo seu exército, as fortalezas fronteiriças providas de guarnições, e pelos seus conselhos renovava-se a marinha"*, e outras cousas dêste teor. Eram quasi iguais a estas as que escrevera o capitão Antônio Fonseca Dornelas, enviado ao Conde pelo rei.

*Maurício, ao iniciarem-se as tréguas, reduz o censo militar.*

Empenhado Maurício em promover os interêsses da Companhia, foi seu primeiro cuidado, ao descansar da guerra, revistar o exército do Brasil e reduzir o recrutamento e o efetivo militar, para de algum modo aliviar o Tesouro do pêso dos estipêndios. Tomou-se, porém, essa providência com tal circunspecção que se resguardou o sertão contra os latrocínios dos malfeitores e devastadores. Em segundo lugar, dispensando-se os empregados da Companhia e do govêrno do Brasil, cada um trataria dos seus interêsses particulares. Não se pôde, porém, fazer isso imediatamente, em atenção à míngua pública e para não se privarem os diretores de todo o auxílio, pois ainda não se tinham apagado dos ânimos as astutas e pérfidas maquinações dos portugueses.

Parecia assaz proveitoso para a consolidação do império estabelecerem-se colônias por tôda a parte, não se defendendo o Brasil sòmente com as guarnições e o temor, mas com a fidelidade dos súditos. Para se atraírem novos colonos, conceder-se-ia aos casados isenção das décimas por sete anos, e, decorridos êstes, acrescentar-se-ia um ano de semelhante concessão para cada um dos filhos. Receava, porém, o Conde as reclamações daqueles que exploravam engenhos (permita-se-me conservar esta palavra espanhola, ainda mesmo expulsos os espanhóis), daqueles por cujos labôres tinha até então prosperado o comércio, daqueles cuja lealdade tinha êle experimentado. Alguns se tinham vinculado por matrimônio à nação holandesa e haviam sofrido as asperezas da guerra. Parecia iniquíssimo conceder tal favor aos novos habitantes e negá-lo aos antigos, e por isso reservou-se esta medida para mais refletido exame.

*Vendem-se terras de lavoura em benefício da Companhia.*

Obtida a segurança dos campos, houve interêsse pela agricultura, e enfiteuticaram-se terras lavradias, cobrando-se módico fôro para a Companhia.

Por outro lado, não se descurou, onde necessário, a fortificação das praças, mas, empregando o Conde nestas obras os soldados já sem serviço, não os deixou inertes em proveito dêles próprios e da Companhia.

*O Conde mostra moderação.*

Dera esta ao Conde instruções para restringir assaz o culto papista, e todos os predicantes da igreja reformada insistiam tenazmente com êle sôbre tal questão, isto é, sôbre o próprio interêsse dêles. O Conde, porém, receioso de suscitar, por falta de confiança nos portugueses presentes, novos motins, manteve o meio têrmo entre uma liberdade infrene e aquela compressão das conciências, e temperou com prudente brandura as ordens recebidas,

de modo que nem ofendesse os correligionários, nem se malquistasse com os do credo diverso. Declarou, além disso, aos diretores ser tal o espírito e pertinácia dos portugueses que só se estabeleceriam onde soasse a voz dos seus sacerdotes; terem apelado para as cláusulas da capitulação e para a liberdade do culto público outrora prometida, e não haver sido então intuito das partes circunscrever-se na liberdade doméstica o exercício do culto, mas ser êle público, qual era no tempo do rei. Concedeu-se à província do Maranhão, recentemente submetida ao nosso poder, essa liberdade, devida em virtude do que dispõe o artigo 26 do Tratado das Tréguas, proïbindo Nassau, depois de se terem reduzido alí as guarnições, que, por intempestiva restrição religiosa, se abalasse uma conquista tão firme.

Importava não pouco ao zêlo da piedade e à propagação da religião cristã reformada uma solicita educação da infância e a fundação de escolas por tôda a parte, para incutir nos bárbaros os preceitos da nossa fé e formá-los para um culto melhor. Quando já se achava pacificada a República, cuidaram disso com diligência, a mandado do Conde, as assembléias dos predicantes, isto é, as classes e os sínodos. Na verdade, era justo gozarem então os nossos súditos da salutares vantagens de uma piedosa tranqüilidade, com se espalharem pelo território holandês, após as fadigas da guerra, êsses mensageiros da paz.

Maurício obrigou a novo juramento de fidelidade todos os estrangeiros que procuravam estabelecer-se nos domínios do Brasil batavo. Julgou, porém, tentame capaz de provocar tumultos sujeitar a novo juramento os portugueses que já tinham prometido fidelidade.

*Regula o valor da moeda.*

Regulou também o valor da moeda, o que não é dos últimos interêsses de uma república, porque, variando êle, não só oscila ao alvedrio do povo o preço das cousas, mas também fica incerta a estimação dos haveres. Aos portugueses seus subordinados mostrou a humanidade e eqüidade que em geral se exige de cada um, e tanto mais quanto o agravo ou benefício feito a muitos é mais sensível. Nada queria tirar aos vencidos senão a possibilidade de causarem dano, porque se devem fazer as guerras para, sem opressão, viver-se em paz. Conquanto se possam privar os vencidos de tôda a faculdade de se governarem, todavia permitiu aos portugueses seguir, nas relações privadas e nas públicas de menor importância, as suas próprias leis, costumes e juízes. Quis que nessa indulgência entrasse o exercício da religião, o qual

não deve ser tolhido senão por meios suasórios, porque tal procedimento não sòmente é grato aos vencidos, mas também inóxio aos vencedores. Desvelou-se, entretanto, em não ser a religião verdadeira oprimida pela errônea, o que antigamente fez também Constantino, depois de triunfar do partido de Licínio, e, após êle, os reis francos e outros. E com tal clemência e benignidade tratou Nassau os portugueses que quis se associassem e confundissem os interêsses dêles com os dos holandeses, com se fôssem uma só nação, nada tendo distinto e exclusivo senão a religião. Se alguém os agravasse ou tratasse com dureza, êle se mostrava um defensor severo, por ser igual o direito entre vencidos e vencedores. Reputava, com efeito, mais seguro fazer amigos do que escravos, e governar antes os que aceitavam de bom grado a sua autoridade do que os coagidos a isso.

*O Conde pede novamente a sua demissão.*

Quando já estava o govêrno do Brasil organizado com ótimas leis, Nassau, cuja governança devia durar um quinquênio, pediu de novo a sua exoneração. Já o fizera antes, esperando ocasiões de prestar na Holanda maiores serviços à República. Os Estados Gerais e o Conselho dos Dezenove, porém, negaram várias vezes a demissão pedida, porque Nassau, tornando conhecido o seu nome através do Brasil e das nações vizinhas, já era poderoso e inspirava terror aos estrangeiros, amor aos súditos e admiração a todos. Ninguém melhor que o Conde sustentaria aos ombros assim a boa fortuna dos súditos como o acatamento prestado ao govêrno brasileiro. Depois de engrandecido o Brasil e ampliadas as suas fronteiras, não querendo contrariar o desejo de um espírito que tinha mais altos desígnios, concederam enfim a exoneração solicitada. Mas todos os conselheiros que tinham de ficar à frente da administração do Brasil haviam aconselhado antes aos Estados Gerais e aos diretores da Companhia que prorrogassem a governança de Nassau. Tinham-lhes escrito à porfia : *"Tendo cessado naquele momento as hostilidades, eram de temer os perigos do ócio, por se inclinar o ânimo dos habitantes à sedição, às carnificinas, a tôdas as violências e agravos. Guarnecia as praças e cidades situadas ao longe uma soldadesca de nações e línguas diversas, e tôda essa gente inquieta não se mantinha fàcilmente no dever, senão pela autoridade do Conde, que a tinha penhorado com muitos benefícios. Pela sua afabilidade, cortesia, e benevolência, tinha êle captado a estima de todos. Um novo governador talvez fôsse odiado por excessiva cobiça, ou soberbo com a excelência de sua família, ou desdenhado pela*

*Consegue-a enfim.*

*Os conselheiros do Brasil insistem na permanência dêle.*

*obscuridade desta. Nassau assumira o govêrno do Brasil, conhecendo a política e à milícia. Tinha notícia cabal das terras inimigas, da sua fôrça, das suas pretensões, dos seus aprestos. Dever-se-ia recear a ruína certíssima da república, se fôsse entregue a um Faetonte (320) imperito. Tôda a grandeza dela seria destruída, se êste Atlas não impedisse o desmoronamento do Estado. Tinha êle de avir-se no Brasil com holandeses, judeus e portugueses. Os holandeses estavam queixosos dos diretores da sua nação, e eram considerados mais difíceis e refractários para suportar encargos. Os judeus, gente volúvel, uma vez que não se lhe impedisse o culto, seguiam qualquer partido. Os portugueses desprezavam a autoridade dos vencedores, tinham-se acostumado com as leis da sua nação e onde podiam solapavam a estabilidade presente da república com os seus clandestinos manejos. Os individados julgavam necessário arruïnar-se a República e, além disso, animados pelo rei e ofendidos com as novas restrições do culto divino buscavam matéria para revelarem a sua malignidade. Sòmente Nassau, governador venerável pela glória incontestada de seus maiores, ilustre pelo fulgor de suas virtudes e das ações praticadas no Brasil e noutras partes, poderia dar remédio a todos aqueles males".*

Estas alegações elevaram perante os altos poderes das Províncias-Unidas o conceito e o prestígio do grande Conde, de sorte que, antes de lhe darem a demissão, haviam conseguido dêle mais longa permanência no cargo.

*Vidal e Pacheco veem a Pernambuco.*

Ao iniciarem-se as tréguas, foram a Pernambuco o sargento-mor André Vidal e o capitão Manuel Pacheco, providos de instruções do seu novo governador, Antônio Teles da Silva. Conversaram com os seus sôbre o comércio de Angola e do Brasil e levaram as respostas do Conde e do Conselho. Eram bastante sóbrias e restritas, porque os diretores da Companhia tinham reclamado para si a administração de Angola.

*Revolta do Maranhão.*

Neste meio tempo, notícias de acontecimentos adversos vieram inquietar o govêrno de Pernambuco, mostrando a pouca firmeza da tranqüilidade alcançada. Tinha-se informado com certeza que o Maranhão sacudira o nosso jugo; que portugueses e brasileiros, mancomunados para tamanho crime, tinham trucidado, com abominável ousadia, os soldados holandeses, que nada esperavam e, ocupando o forte do Calvário às margens do Itapicurú, sitiavam a cidade de São Luiz, onde praticavam tôdas as violências da guerra; que os sitiados necessitavam de socorro imediato,

porque, vencida a cidade, periclitaria a província. Os governadores de Pernambuco, que tudo veem e arrostam, logo mandaram para lá, com trezentos soldados e duzentos índios conscritos no Ceará, o tenente-coronel Hinderson, para que, subjugados os cabeças da rebelião, restabelecesse êle a ordem e fizesse voltar o amor da obediência.

Atacando o inimigo com essa fôrça, expulsou-o da sua trincheira, mas, quando investiu o reduto maior, foi coagido, após acesa refrega, a bater em retirada, indo acampar alí perto. Os inimigos, por terem morrido os primeiros dos seus, saíram da ilha durante a noite inteira, e assentaram os arraiais no continente, à beira do rio, no lugar onde as gargantas dos montes fechavam as entradas. O exército dêles compunha-se de setecentos homens, entre portugueses e mestiços, e mais três mil índios. Além disso, esperavam-se do Grão Pará poderosos reforços, de sorte que ruïria tôda a esperança dos proventos e rendas daquela capitania, se não se tratasse de recuperar as perdas com maior mobilização. Mas Pernambuco, passando falta de tudo, confessava-se fraco para tal fim.

Lançava-se a culpa dêsses infaustos acontecimentos ao governador do Maranhão. Conhecido pela sua intemperança, cúmulo de vícios, provocara, com o procedimento fero e deshumano, indivíduos quietos a irar-se contra os holandeses e vingar-se dêles. Um parente seu e secretário, Guilherme Negenton, desembarcou da ilha no continente, por vergonhosa malvadez, vinte e quatro portugueses, alheios de qualquer suspeita de perfídia, os quais a crueldade dos tapuias antropófagos, pelo ódio votado à nação dêles, logo chacinou. Negenton, preso e encarcerado por êsse crime, ficou aguardando o castigo da justiça.

*Maurício projeta contra a cidade de Buenos-Aires uma expedição comandada por Lichthart.*

Por essa época planeava Maurício nova façanha contra as terras situadas ao sul do Brasil, contra a cidade de Buenos-Aires, quer dizer de bom ar e de bom clima, situada às margens do Rio da Prata, pois dela se pode ir, em viagem terrestre pelo interior, ao Perú, donde se costuma transportar para ela muita prata, que dalí segue para o Brasil e, através do mar Etiópico, para Angola. Se conseguisse a Companhia assenhorear-se da dita cidade, poderia chamar a si o tráfico dos negros de que teem os peruanos necessidade, quando impedida a importação dêles pelo Panamá e Nova-Espanha.

Foi emprêsa confiada a Lichthart, auxiliado pelos conselheiros Nunin Olferd e Baltasar van Voorden. Reüniu-se o maior

número possível de naus grandes e pequenas, e o capitão da guarda do Conde, coronel Henrique van Hauss, comandaria um exército de oitocentos homens.

*Notícia da rebelião dos portugueses na ilha de São Tomé, na África.*

Quando se ocupava o Conde com êstes aprestos, eis que, com maus agoiros, foi informado de que duas naus expedidas de Portugal tinham desembarcado fôrças na ilha de São Tomé; de que os naturais, estimulados com a chegada delas e na esperança de recuperarem a antiga dominação e vingarem-se dos holandeses, haviam expulsado da cidade, sob o comando de Lourenço Pires, as nossas guarnições, restando-nos só a fortaleza. E temia-se que os portugueses se atrevessem a façanha semelhante no reino de Angola e no Sergipe del Rei, alastrando-se os exemplos sediciosos. Estava como governador da ilha de São Tomé João Triest, homem de nascimento e nome obscuro, de sorte que, vacilando alí o domínio batavo, parecia êle antes perdê-lo que firmá-lo. Tão estreito sítio tinham os portugueses pôsto à fortaleza que os sitiados, sem água, apenas com súplicas a conseguiram dos sitiantes. Muitos dêles bandearam-se aos magotes com o inimigo, e assim nenhuma estabilidade e firmeza temos que esperar alí.

Êstes sucessos e a expedição contra o Chile, confiada ao almirante Brauer, modificaram os projetos de Nassau, porque a Brauer foram cedidas naus de guerra, algumas centenas de soldados e marinheiros e provisões bastantes para quinze meses. E, apesar de terem os diretores da Companhia atribuído a si a administração da ilha de São Tomé, ainda assim, pela tardança com que poderiam ter notícia dos fatos alí desenrolados, causada pela distância e pelo inverno, prouve ao govêrno de Pernambuco, para a República não sofrer detrimento, mandar naus em socorro, capitaneadas por Adão Tessmar, homem idôneo para aquele comando. Além disso, escreveu-se aos angolenses que se acautelassem contra a aleivosia dos portugueses, os quais não se deviam ter por amigos, mas por inimigos ocultos, capazes de ousar tudo, em achando instigadores. Já tinham, com efeito, provado manifestamente que nenhum caso faziam do tratado concluído com o rei. Era recente a carnificina do Maranhão, e a rebelião de São Tomé fôra excitada pelo próprio Portugal, donde se haviam expedido soldados para tentar a sedição. Para a revolta não faltavam pretextos e justificativas, porquanto poderia reclamar-se com igual direito o que havíamos tomado durante as tréguas. Essa audácia dos seus patrícios dava coragem aos portugueses do Brasil, e soltavam-se pùblicamente palavras violentas

e sediciosas, de sorte que o Conde julgou necessário desarmar os turbulentos em tôdas as províncias. Para êsse fim foi às regiões do Camaragibe, Pôrto Calvo, Una e Serinhaém André Filtz, ex-diretor alí; a Ipojuca e Muribeca, Nunin Olferd; a Goiana, Iguaraçú, Itamaracá e terras vizinhas, Baltasar van Voorden; à Paraíba e ao Rio Grande, Gisberto Witt; à Varzea e aos distritos de Santo Amaro e São Lourenço quem o Supremo Conselho escolhesse; aos povos do São Francisco foi enviado o major Cray. Todos êles cumpriram com diligência as ordens.

*Plano de se destruirem os Palmares.*

Resolveu-se também destruir os quilombos dos Palmares, para onde se dirigia uma aluvião de salteadores e escravos fugidos, ligados numa sociedade de latrocínios e rapinas, os quais eram dalí mandados às Alagoas para infestarem as lavouras.

*Descrição dos Palmares grandes e pequenos.*

Os Palmares são povoações e comunidades de negros (321). Há dois dêsses quilombos: os Palmares grandes e os Palmares pequenos. Êstes são escondidos no meio das matas, às margens do rio Gungouí, afluente do célebre Paraíba. Distam de Alagoas vinte léguas e da Paraíba, para o norte, seis. Conforme se diz, contam seis mil habitantes, vivendo em choças numerosas, mas de construção ligeira, feitas de ramos de capim. Por trás dessas habitações há hortas e palmares.

Imitam a religião dos portugueses, assim como o seu modo de governar: àquela presidem os seus sacerdotes, e ao govêrno os seus juízes. Qualquer escravo que leva de outro lugar um negro cativo fica alforriado; mas consideram-se emancipados todos quantos espontâneamente querem ser recebidos na sociedade.

As produções da terra são os frutos das palmeiras, feijões, batatas doces, mandioca, milho, cana de açúcar. Por outro lado, o rio setentrional das Alagoas fornece peixes com fartura. Deleitam-se aqueles negros com a carne de animais silvestres, por não terem a dos domésticos. Duas vezes por ano, faz-se o plantio e a colheita do milho. Colhido êste, descansam quatorze dias, entregando-se soltamente ao prazer. A êsses palmares se vai margeando a Alagoa do Norte. Certo Bartolomeu Lintz vivera entre êles para que, depois de ficar-lhes conhecendo os lugares e o modo de vida, atraïçoasse os antigos companheiros e servisse de chefe da presente expedição.

Os chamados Palmares Grandes, à raiz da serra Behé, distam trinta léguas de Santo Amaro. São habitados por cêrca de 5.000 negros, que se estabeleceram nos vales. Moram em casas

esparsas, por êles construídas nas próprias entradas das matas, onde há portas escusas, que, em casos duvidosos, lhes dão caminho, cortado através das brenhas, para fugirem e se esconderem. Cautos e suspicazes, examinam por espias se o inimigo se aproxima. Passam o dia na caça, e, ao entardecer, voltam para casa e se inquietam com os ausentes. Espalhando primeiro vigias, prolongam uma dança até a meia-noite e com tanto estrépito batem com os pés no chão que se pode ouvir de longe. Dão ao sono o resto da noite e dormem até às 9 ou 10 horas da manhã. O caminho dêstes Palmares é do lado das Alagoas. Encarregara-se um tal Magalhães, morador nas Alagoas, de comandar uma expedição contra êstes Palmares, mas deveria ser tentada só em Setembro, porque, adiantando-se o estio, há falta de água. Assim, calcularam os holandeses que poderiam subjugar aquelas populações com uma fôrça de 300 soldados, armados de mosquetes e espingardas, 100 mulatos e 700 índios guerreando com as suas próprias armas. Os petrechos bélicos eram machados, enchadas, bipenes, facões, que serviriam de abrir e aplanar os caminhos, fora os instrumentos empregados nas nossas guerras. Prometiam-se recompensas aos índios, único meio de animá-los para o perigo. Entretanto, a rebelião de São Tomé e os aprestos de Brauer, que ia partir para o Chile, fez fracassar esta expedião traçada pelo Conde e pelo Conselho.

*O rei do Congo e o conde do Sonho escrevem a Maurício. Embaixadores que o último lhe envia.*

Surgindo questões no reino de Angola entre o rei do Congo e o conde do Sonho, recorreram a Maurício, a quem se apresentou uma carta do rei e diversos negros como presente à Companhia.

As dádivas feitas a Nassau foram duzentos negros, um colar e uma bacia de ouro. Pouco depois chegaram três embaixadores do conde do Sonho, um dos quais seguiu para a Holanda afim de falar com S. A., o Príncipe de Orange, e os outros dois foram pedir ao Conde João Maurício que não mandasse reforços ao rei do Congo. Não se recusou Nassau, mas, em carta dirigida aos diretores holandeses de Angola, procurou serenar e não fomentar aquelas guerras e contendas daqueles chefes, por serem ambos aliados holandeses. Responderam-lhe os diretores que, achando-se em Loanda, caíram-lhes por acaso nas mãos cartas assinadas pelo governador português e pelo bispo, nas quais se manifestava o oculto e criminoso plano de expulsar dos seus reinos o rei do Congo, o que fôra assentado por êles, antes de ocupada Loanda pelos nossos. Portanto, depois de cortêsmente rece-

bidos pelo Conde, tornaram para a pátria os embaixadores do rei do Congo, com cartas e presentes para êle, afim de lhe revelarem aquela nova. Êsses presentes consistiam num manto comprido, todo de seda, com fímbrias de ouro e de prata, uma banda, um gibão de setim, um chapéu de pele de castor, com um cordão entretecido de ouro e de prata. Acrescentou o Conde como dádiva sua um alfanje tauxiado de prata com o respectivo talim.

Ao conde do Sonho foi oferecida uma cadeira estofada de setim vermelho, com franjas de ouro e prata; um manto muito comprido de setim variegado, uma túnica de veludo e também um chapéu de pele de castor. Segunda vez o rei do Congo e o duque de Bamba dirigem-se por dois embaixadores a Nassau, que, julgando conveniente cair-lhes em graça com algum serviço, os acolheu a expensas públicas e dêles se despediu, quando estavam de partida para a Holanda, onde apresentaram ao Príncipe de Orange uma carta do seu rei e outras aos diretores da Companhia. Eram êles de compleição robusta e sadia, rosto negro, muito ágeis de membros, que ungiam para maior facilidade de movimento. Vimo-lhes as danças originais, os saltos, os temíveis floreios de espadas, o cintilar dos olhos simulando ira contra o inimigo. Vimos também a cena em que representavam o seu rei sentado no sólio e testemunhando a majestade por um silêncio pertinaz. Depois vimos a cena dos embaixadores vindos do estrangeiro e adorando ao rei, conforme o cerimonial usado entre suas nações, as suas posturas, a imitação das suas cortesias e mostras de acatamento, cousas que, para divertimento dos nossos, exibiam, um tanto alegres depois de beberem.

*Outros embaixadores vão ao Brasil e dali partem para a Holanda.*

*Descrição dos embaixadores congos.*

O reino do Congo é vasto e poderoso. Estende-se do cabo de Santa Catarina para o sul até o cabo Ledo. Seu principal rio é o Zaire que, em certos trechos, tem cinco milhas de largo. Despeja no Oceano Etiópico tamanha massa de água que elas se conservam doces numa extensão de várias léguas. Na foz do rio existem umas ilhas, que o rei do Congo rege por intermédio de vice-reis. Da árvore *Licondo* fazem barcas, que comportam duzentas pessoas. Apanham crocodilos, hipopótamos e o peixe chamado *Ambize angulo*, de 500 libras e de excelente sabor, o qual são os pescadores obrigados a reservar, não para si, mas para o rei.

*Reino do Congo.*

*O rio Zaire.*

A cidade real do Congo está edificada às margens do rio Letunda. Pescam-se alí conchas que servem de dinheiro. Possue o Congo uma árvore, *Enseda*, cujos ramos, caindo ao chão em filamentos, dão filhos e arborescem com admirável fecundi-

*Cidade do Congo*

dade para propagar-se. São seis as províncias do reino: *Bamba, Sonho, Sondi, Pungo, Bata e Bembe*. Bamba na costa é regida por vários governadores, aos quais intitulam *Mani Bamba, Mani Loanda, Mani Coanza*.

São os naturais de estatura assaz elevada, de uma robustez de gladiadores e de vigorosa musculatura. Cingem espadas parecidas com as espadas suíças, as quais compram aos portugueses. Para êles não é nada cortarem um homem com um só golpe, nem deceparem a cabeça de um boi. Alguns há que carregam fardos de 325 libras. Fazem para si colares de caudas de elefante. Armam para a milícia muitos milhares de homens tais.

Sonho é às margens do rio Zaire. E' abundante de elefantes, macacos, tigres, almiscareiros, víboras e todo o gênero de aves, principalmente papagaios verdes e cinzentos. A capital é *Sonho* ou *Songo*.

Sondi estende-se desde a cidade do Congo até o rio Zaire. E' abundante de metais, salientando-se o ferro, do qual forjam espadas, facas e armas. Possue a região zibelinas, martas e outros animais, que se encontram também nas outras províncias. A mais importante de tôdas as províncias é o Congo, que toma o nome da sua capital.

O rei do Congo (322) se ufana com êstes títulos e denominações: *Mani Congo por graça de Deus rei do Congo, de Angola, Macambá, Ocanga, Cumba, Lula, Zuza; senhor do ducado de Buta, Suda, Bamba, de Amboila e suas províncias, senhor do condado do Sonho, Angola e Caconge e da monarquia dos Ambondaras e do grande e maravilhoso rio Zaire*.

Entre os do Congo o mais poderoso é êsse conde do Sonho. À mulher do rei chamam *Mani Mombanda*, isto é, Rainha ou Eminentíssima entre os bandos ou rebanhos de tantas concubinas.

Jactam-se de cristãos, mas em geral quando convém simular religião na presença de cristãos. Em tudo o mais são gentios e idólatras, adoradores mais do rei que de Deus. Esta província produz fartamente trigo, milho, arroz e árvores frutíferas. Possue diversas espécies de palmeiras: uma que dá tâmaras, outra que dá as nozes da Índia, uma terceira de que fazem óleo, vinho, vinagre e pão. Do cimo da árvore, quando furado, escorre um leite, a princípio doce e depois azêdo. Da polpa dos frutos extrai-se um óleo, parecido com a nossa manteiga e empregado nos alimentos, nas unções e nas candeias.

Quando Nieuland estava administrando Loanda e depois de promulgado o armistício, ficou ajustado entre êle e o ex-governador, habitar as terras banhadas pelo rio Bengo, cultivando-as e atraindo novamente os indígenas refugiados nas selvas e nos esconderijos à cultura dos campos e ao antigo comércio. Fez-se isto com inteira boa fé, e já se uniam holandeses e portugueses em frenqüentação e comércio diário. Dava Meneses significativas demonstrações de sua simpatia aos nossos diretores, chegando até mesmo a ceder liberalmente a Nieuland farinha, de que êste carecia, para alimentação de mil negros que comprara. Surgindo contendas sôbre a pesca dos portugueses e o tráfico dos negros, logo se acomodaram de tal maneira que Nieuland prometeu fielmente considerar ratificado o pacto das tréguas, e Meneses, reprovando o procedimento dos insulanos de São Tomé, declarou que mais depressa havia de cair o céu do que romper êle a sua fidelidade. Entretanto, pouco depois, transtornados os ânimos por funestas suspeitas, praticaram atos pouco louváveis. Com efeito, cêrca de duzentos mosqueteiros, partindo de Loanda, precipitaram-se de madrugada contra a estância de Meneses, cometendo violências contra os portugueses, que ainda estavam dormindo, e trucidando uns quarenta dêles.

*Matança de portugueses em Loanda.*

Depois de prometerem garantia de vida a alguns, roubaram-lhes os bens, que, fora os escravos e mercadorias tomadas, se avaliavam em 100.000 ducados.

O próprio governador Meneses ficou sob rigorosa custódia. Cento e sessenta portugueses, dos quais havia receio, lançados numa nau aberta e desconjuntada, com provisões em extremo escassas e para breve tempo, foram enviados para a Baía de Todos os Santos. Depois dos rodeios e incômodos da travessia, tendo morrido de fome oito e achando-se os restantes debilitados com o pouco alimento, arribaram êles a Pernambuco, onde se abriu inquérito sôbre as causas dêsse tumulto e se apurou que os holandeses tinham cometido aquela agressão, inflamados com a notícia da revolta de São Tomé e da matança do Maranhão. Planeara-se aquilo, porque os diretores acreditavam que Meneses, chamando um trôço de homens dos confins de Massangano, maquinara contra êles diretores algum ato hostil. Entretanto nenhuma prova se fez da culpabilidade de Meneses, pois depusera uma testemunha duvidosa, que referia cousas ouvidas não por si mes-

*Ocasião.*

ma, mas de outros. São, de fato, sempre inclinados às suspeitas os espíritos daqueles cujas possessões se encontram em situação dúbia.

Os administradores da África Nieuland, Molss e Kruse escreveram ao Conde que tinham em mira atalhar tempestivamente a ousadia e os intentos sediciosos dos portugueses, apoderando-se do governador e de uns poucos dêles capazes daquele feito, para que, prevenindo-se, não sofressem também desastre semelhante ao do Maranhão. As sentinelas, porém, da estância de Meneses e depois os cidadãos, ao perceberem-lhes a chegada, foram os primeiros em atirar e usar de violência.

Fez-se, entretanto, isso no ultramar, na África, sem Nassau o saber e contra as suas ordens, pois êle sugerira avisos, não aconselhara armas. Os diretores de Angola comunicaram o ocorrido ao rei do Congo e ao duque de Bamba, que ouviram, cheios de alegria, os infortúnios dos portugueses. O Dr. Simão Álvares de la Penha, que então cumpria por acaso uma incumbência do governador Teles junto ao Conde em Pernambuco, indignado com a notícia do fato, queixou-se por escrito a êle da crueldade e perfídia dos nossos, e atestava ter-se violado o direito das gentes, quebrando-se o juramento da recente paz e suspendendo-se os propósitos de amizade entre as duas nações. Além disso pediu fôssem restituídos às suas moradas os prisioneiros e os desterrados, ressarcindo-se a cada um a perda dos seus bens.

*Protesto de portugueses.*

Reponderam-lhe o Conde e o Supremo Conselho que Loanda não pertencia à sua alçada, mas à dos diretores da Companhia.

Talvez interesse aos holandeses saber, para se esclarecerem as causas ocultas da revolta de São Tomé, que o negro livre Cristóvão Sanches afirmou perante testemunhas juradas em Pernambuco o seguinte: que Antônio Carvalho, cidadão de São Tomé, mandara uma carta a Lourenço Pires, morador em Lisboa, na qual dava notícias minuciosas do estado da ilha, dizendo que, mortos da endemia a maior parte dos holandeses, já se podia recuperar a fortaleza ou por fôrça ou pela rendição; que, levadas essas novas ao rei, fôra por êle despachado Pires, depois de prometidas grandes honras, com duas naus e cincoenta homens de armas, vinte dos quais êle próprio os recrutara para si, e o rei ajuntára os trinta restantes, que eram condenados; que eram estas as instruções do soberano: arribasse Pires ao lugar de Santa

*Plano secreto da conjura de São Tomé.*

Ana, onde êle próprio explorava quatro engenhos, depois se insinuasse no espírito dos holandeses e se apoderasse da fortaleza, ou por dinheiro ou por estratagema. Disse ainda o tal negro que Pires partira de Lisboa no começo de Julho de 1642 e, dirigindo-se primeiro para a ilha do Ano-Bom e depois para a de São Tomé, onde, feito o desembarque, logo se fortificou, negou direitos alfandegários aos incumbidos de cobrá-los e matou vinte e cinco soldados holandeses, acometendo-os insidiosamente. Não muito depois, invadiu a cidade com uma fôrça constituída de indígenas e negros, muniu-a com um novo forte, refugiando-se os nossos na fortaleza, único asilo seguro. Isso ocorrera justamente quatorze dias depois de promulgadas as tréguas, e cincoenta dos nossos soldados, que êle peitara com promessas, abandonaram o nosso partido e voltaram as armas contra nós. O governador holandês, porém, mostrou resistência, e os íncolas envenenaram as águas para perder os remanescentes dos nossos. Êstes Sanches militara sob as ordens de Pires, e assim podia saber dêsses fatos.

*Carestia de mantimentos na África e no Brasil.*

Por esta ocasião, extrema necessidade de mantimento oprimia Loanda, assim como o Brasil. Não se acreditava que houvesse outro remédio para tal carestia senão a diligente cultura das terras em Alagoas. Declaravam os portugueses que outrora nem o Brasil os havia provida de vitualhas, sendo-lhes preciso pedí-los a Portugal ou aos ribeirinhos do São Francisco. Decidiu-se, pois, empregar tôda a diligência em colonizar as Alagoas.

*Vai Maurício às Alagoas.*

De boa vontade resolveu Maurício viajar para alí em companhia de Pedro von Haguen, para que, depois de examinar a natureza dos terrenos, os vendesse aos futuros colonos. Pôs à frente dêste importante negócio Henrique Moucheron, a quem confiou a administração das províncias das Alagoas, Pôrto Calvo e São Francisco.

*Viagem de Rodolfo Baro.*

Afamou-se no Brasil pelos seus arrojados tentames certo Rodolfo Baro, que, auxiliado pelos tapuias, empreendeu, em companhia de três dêsses selvagens, uma viagem para o ocidente com o fim de descobrir as terras dos Waripebas e dos Caripatós. Saiu da aldeia do Carerí sem levar mantimento, que os tapuias, habituados a viver dia a dia, procuravam para si, caçando. Tendo deixado à direita a serra de Cupaova, junto ao rio da Paraíba, penetrou no sertão, num percurso de sessenta ou setenta léguas, sem encontrar nenhumas populações. Foram ter sòmente a uma serra, onde havia talco ou vidro moscovítico. Voltaram dalí e

dirigiram a derrota para o sul, chegando às aldeias dos Waripebas e Caripatós. Êstes, depois de os receberem cortêsmente, quiseram que de cada aldeia se escolhesse um para companheiro, afim de visitarem e saüdarem o Conde. Acolheu-os Nassau com igual cortesia, remetendo-os aos seus, não sem presentes.

Habitavam em quatorze aldeias na serra que aparta o Brasil das terras ocidentais, e viviam de caça, pesca, mel agreste e outros produtos do seu solo. Ouviram-lhes os expedicionários que mais além, para o poente, estanciavam nações mais poderosas e belígeras, com que costumavam guerrear. Moravam elas em planícies e vales e tinham abundância de rios e de vitualhas.

O Conde contratou êste Baro, mediante um ordenado anual, para êle, como explorador inquieto, dedicar-se ao descobrimento de terras.

*Da nação dos tapuias.*

Mas para não escaparem os tapuias a quem trata do Brasil, merecem que dêles se faça também uma descrição.

*Regiões onde vivem.*

E' célebre no Brasil holandês o nome dos tapuias, por causa do seu ódio aos portugueses, das guerras com os seus vizinhos e dos auxílios mais de uma vez prestados a nós. Habitam o sertão brasileiro, bastante longe do litoral, onde dominam os lusitanos ou os batavos. Distinguem-se por suas designações, línguas, costumes e territórios. São-nos mais conhecidos os que moram nas vizinhanças do Rio Grande e do Ceará e no Maranhão, onde impera Janduí ou João Wy (323). Difundem-se por grandes espaços, abrangidos por cinco rios: o Grande, o Quoauguho, o Ocioro, o Upanema e o Woiroguo (324). Êstes rios penetram diversas léguas pelo sertão a dentro, se bem que o rio Grande apenas seis, sendo de admirar que tenha tal nome, a não ser que se explique talvez pela embocadura bastante vasta, qual é na Holanda a do Mosa. Acreditam os naturais que tenha sido maior o seu curso, mas ignoram para onde desviou o álveo.

São os tapuias rodeados em parte de amigos e em parte de inimigos: com êstes às vezes estão em paz, às vezes em guerra. Vagueiam à maneira de nômades e não se deteem sempre em aldeiamentos ou territórios fixos, mas, mudam de morada, conforme a quadra do ano e a facilidade da alimentação.

*Compleição.*

Teem compleição assaz robusta em tão grande número dêles quasi a mesma para todos. São minazes no semblante, ferozes no olhar e de cabelos pretos. Na velocidade da carreira difìcilmente cedem às feras. São todos antropófagos e aterrorizam aos outros bárbaros e aos portugueses pela sua fama de crueldade. Sua terra,

*Caráter e indole.*

eriçada aquí de selvas, alí alteada de montanhas, acolá baixa e paludosa, é fecunda de gados, frutos e mel de vários gêneros. Fazem êles por astúcia o que não podem fazer por fôrça, e preferem enganar o inimigo, a experimentá-lo em guerra aberta; mas, compelidos pela necessidade, não recuam da luta. Pelejam com arcos e flechas, dardos de pedra e clavas de pau. Por admirável contradição da natureza, gostam da inércia sempre que não empreendem guerras, mas odeiam o ócio, quando há lugar para a vingança e para a glória. Mostram uns aos outros inimizades encarniçadas, acima do que permite a humanidade ou o ódio: nada é vergonhoso ou feio para aquêle que deleita a vista com os males dos adversários. *Armas.*

O cuidado da família deixam-no para as mulheres e para os velhos: de tudo o mais em que há honra e utilidade cuidam os homens e os mais vigorosos.

Sob o morubixaba Janduí vive-se do seguinte modo e observam-se êstes costumes: de manhã e de tarde, o chefe anuncia e prescreve pùblicamente o que se tem de fazer durante o dia ou durante a noite, aonde se há de ir, onde se deve estanciar, quando convém levantar de novo o acampamento. Quando vão partir, banham-se, após o banho esfregam o corpo com areia grossa, lavam-se outra vez e espreguiçam-se todos como para sacudir e afugentar a moleza, estalando, numa forte tensão, as articulações de todos os membros. Aquecendo-se ao fogo, do que gostam, raspam e coçam a pele com um pente de dentes de peixes como um raspador, até que, abertos os poros, tirem sangue. Dizem que assim se tornam bem dispostos para a jornada e que não se quebrantam de cansaço. Assentado o acampamento não longe da tenda do rei, dividem-se, de um lado e outro, em dois exércitos e bandos. Depois, escolhidos um de cada um dos dois bandos, divertem-se carregando pequenas árvores e correndo. Os bandos seguem o vencedor. Cortam árvores que encontram e cravam os galhos e ramagens à beira dos rios para gozarem da sombra. Esta sombra é o único abrigo contra o calor do meio-dia e o refúgio dos velhos e dos jovens. As mulheres, os serviçais e os meninos entram alí com os carros em que transportam as bagagens e trastes. A sua alimentação é simples: frutos agrestes, caça fresca, peixes e mel, sem temperos, nem condimentos. As mulheres idosas e estéreis vão buscar as raízes de que se faz pão. As mulheres moças cohabitam com os homens, trazem amendoins (325) para uso comum e preparam a comida. O trabalho *O rei Janduí e as suas ordens.* *Modo de se banharem.* *Viagens.* *Alimentação.* *Serviços e exercícios.*

diurno dos homens é a pesca, a colheita do mel e a caça. Para êles é glorioso porfiar na luta e no embate das lanças. O fim de quem a êle assiste é o prazer, principalmente dos amantes. As mulheres se pronunciam sôbre o valor de cada um e sôbre a vitória. Achando-se, destarte, próximos os penhores da contenda, são os estímulos da peleja, as pregoeiras da bravura e as servidoras dos manjares. Não obstante, afastaram-nas dos acampamentos os romanos, porque prolongam a paz com a moleza e a guerra com o mêdo.

*Amores.*

Quando cai a noite, propícia aos amores, os jovens na flor da idade e que já pensam em casar andam pelo acampamento e pelas barracas, e a êles se unem as donzelas com igual simpatia e afeto. Começam então cantos e danças, ficando as moças atrás dos namorados : isto é um sinal de pedido de casamento. Sempre que se pede a mão de uma virgem, o namorado oferece ao pai dela presentes, não procurados para as delícias feminís ou para ornato das futuras esposas, mas consistentes em caça e mel. Levam ao rei espontâneamente e a cada homem bastantes gados e frutos, o que é recebido como uma honra.

*Noivas.*

Acendem fogueiras na terra ligeiramente cavada, poem sôbre elas as carnes, cobrem-nas de areia e esta de brasas, de sorte que as carnes, fiquem perfeitamente assadas em baixo e em cima. A bebida é feita com mel. Rematam os banquetes com cantos e danças, se os executaram com o semblante alegre, consideram isto presságio de uma caçada feliz ; se, porém, o fizeram com a fisionomia mais triste, é sinal de uma caçada infeliz.

*Feiticeiros e advinhos.*

Grande é a veneração dêles para os seus sacerdotes, a que chamam feiticeiros e advinhos. Nada do que interessa à comunidade se faz sem êles, seja para darem fôrça a um bom desígnio, seja para obstarem a um pior. Retiram-se para as matas afim de consultarem o demônio, murmuram consigo mesmos e, de volta, clamam em alta voz : *"Ga, Ga, Ga"* e *"Anes, Anes, Anes, Iedas, Iedas, Iedas, Hade, Congdeg"*. E a estas palavras grita o povo : *"Houh !"* É trazido com o sacerdote algum demônio ou quem, sob a aparência de demônio, se pronuncia sôbre o êxito de uma expedição, sôbre os sentimentos favoráveis ou desfavoráveis que lhes vão mostrar os povos para junto dos quais partem, sôbre a caça de animais bravios e sôbre a fartura de mel. Se êle diz cousas desagradáveis e infaustas, açoitam o adivinho e o demônio. Quando se preparam para alguma novidade, tiram auspícios nas vozes das aves: gritam quando elas gritam e perguntam-lhes se

trazem alguma cousa de novo. Causam também admiração os sonhos dos adivinhos, e êstes os expõem ao rei, fantasiando sucessos prósperos. Daquí se torna manifesto que nada governa mais a multidão do que a supertição: dominada por esta, seja embora vaníssima, obedece mais aos adivinhos que aos próprios chefes. O muito criterioso historiador Tácito chama a isso *"segredo da soberania e da dominação"*, e Aristóteles na Política, *"artifícios do mando"*. Depois de Minos, Licurgo, Midas, rei da Frígia, Numa Pompílio, Druso e outros, fazem o mesmo, no outro hemisfério, os bárbaros, através dos quais nem sequer perpassou tênue aura dos gregos e romanos. Efetivamente, conteem-se os homens dentro da ordem ou com o temor do verdadeiro Deus ou com o do falso, assombrando-os ou com imaginações séries ou fátuas. Mais de uma nação finge para si uma Egéria ou Veleda ou Aurínia, e até mesmo a América ouve as respostas dos demônios, e também nas suas cogitações intervém alguma cousa maior e mais santa que o homem. Assim, também a respeito da falsa religião é verdadeira a afirmação de que com ela se pode constituir e conservar a república, embora os religiosos adorem ao verdadeiro Deus, e os supersticiosos temam aos falsos.

Os sacerdotes dos tapuias vão para as brenhas afim de impressionarem os crédulos com o secreto do lugar e pavor das trevas, sobretudo quando já estão os espíritos dominados pela crença no falso deus. Consideram-se ministros dos demônios e a êstes conhecedores do futuro. Entre êles é usada, não a circuncisão, mas a incisão dos infantes, a qual praticam com solenidade. Ficam de pé numa longa fila os feiticeiros, cantando e saltando à maneira dos sacerdotes sálios (326). Um dêles sustém na mão a criancinha elevada ao ar, enquanto o povo olha para ela, e depois de umas tantas carreiras, coloca-a sôbre os joelhos. Aproximando-se outro sacerdote, fura-lhe com um pau agudo as orelhas e os lábios e nêles introduz ossinhos, e durante isso chora a mãe dela. O próprio rei assiste a estas cerimônias, e, em acabando elas, repetem os seus cantos e danças.

*Incisão dos infantes.*

As virgens que desejam casar com honra sua e dos pais são guardadas em casa, sob os cuidados dêstes, até se manifestarem com as regras os sinais da puberdade. As mães revelam êste segredo aos adivinhos, e êstes ao rei, que julga poder a donzela casar honestamente, louvando a virgem e sua mãe pela guarda da virgindade. Portanto, como diz Tácito dos germanos, vivem também elas cercadas de castidade, não corrompida pelas sedu-

ções dos espetáculos e dos festins. (327) A mãe pinta de vermelho a que vai casar e apresenta-a ao rei. Êle acaricia-a com a mão, manda-a sentar-se junto de si numa esteira, trata-a ternamente e depois envolve-se a si e à virgem em fumaça de tabaco. Em seguida, num laço dextro, atira com um dardo a uma grinalda posta na cabeça da noiva. Se com o tiro ofende e fere-lhe a cabeça, lambe êle o sangue, e isto lhe promete vida mais longa (328).

*Nobres.*

Todos quantos se distinguem na luta, no combate com lanças e na caça consideram-se os mais nobres e entram no número dos heróis. Além disso, pela excelência do seu valor e fortaleza, merecem ser ambicionados pelas próprias virgens, pois julgam que os melhores nascem dos melhores e que não é vão o nome da nobreza, mas se transfunde com o sangue.

*Casamentos.*

São assaz severos os casamentos, apesar de serem polígamos os tapuias. Entretanto, achando-se grávida uma das mulheres, abstem-se de relações com ela e cohabitam com outra. As que estão para dar à luz, retiram-se às matas e esconderijos, se o céu está sereno. Nascendo a criança, cortam-lhe o umbigo com um caco afiado, cozinham (veja-se que barbárie) e devoram as próprias mães as secundinas, banqueteando-se e alimentando-se a um tempo consigo mesmas. É costume que a puérpera e o recém-nascido se lavem duas vezes por dia. Durante todo o período da lactação, evita o marido relações sexuais com a puérpera, salvo se for marido de uma única mulher. Fazem também às puérperas êste favor: livram-nas de carregar a criança, quando teem de mudar o acampamento. São raros os adultérios, cuja punição se permite aos maridos. O marido expulsa de casa a ré de violação do tálamo, depois de açoitá-la, e mata aquela que surpreende em flagrante, o que, segundo dizem, fez com muitas o morubixada João Wy.

*Objetos sagrados.*

No meio da barraca real, está suspensa uma cabaça ou caixa sagrada, da qual não é permitido ninguém se aproximar sem licença do rei. Todo aquele que o consegue a perfuma com fumaça de tabaco, à semelhança de incenso. Nela estão contidas pedras que não se veem senão com reverência, chamadas *Cehuterah* e frutos denominados *Titscheyouh*, que se estimam mais do que ouro (329). Crêm que nêles existe alguma cousa santa e profética; com êles procuram desvendar o resultado de graves guerras e façanhas.

O rei medica os meninos doentes com fumigação de tabaco, e acham que isto os melhora. A própria mãe com alguma de

suas parentas come o cadáver do que morre. Nós chamamos a isto imanidade, e êles piedade e amor.

Quem viu e escreveu estas cousas (330) refere que, estando o rei a queixar-se de dores nas pernas, no lado e no ventre, logo se lhe atirou às coxas um curandeiro, aderiu a elas com a boca aberta como se fosse devorá-las. Chupando-as forte e continuamente, depois de dar um berro, começou a soltar cuspidelas copiosas e com uma destas deitou uma enguia, que o rei declarava ser a causadora do seu mal. Outro colou-se de igual maneira ao ventre do rei e, depois de dar também um berro, cuspiu uma pedra branca. Em seguida, aplicando-se aos flancos do rei, expeliu, após forte sucção, uma raiz ou cousa semelhante. O rei e o povo aceitavam tudo isto com inabalável fé. Homero conheceu que esta sucção pertence à medicina. De Macaão curando a Menelau ferido diz êle : "*sugando o sangue,* espalha na ferida suave bálsamo" (331). *Remedio aplicado ao rei.*

Quando troveja e sopra mais veemente o vento, é copiosíssima na lagoa Bajatach (332) a pescaria de peixes tão gordos que não é necessário deitar-lhes gordura. *Pescaria.*

Os tapuias não semeiam nem plantam sem o auxílio e consagrações dos seus sacerdotes, que sopram sôbre os campos o fumo do tabaco e enchem os crédulos com imaginação de fecundidade. Feita a semeadura e a plantação, o rei convoca pùblicamente os adivinhos e o povo. Êles se pintam de formosíssimas côres e se enfeitam com as penas mais elegantes. O rei cinge uma coroa verdejante. Assim se sentam juntos naquela pompa, secam ao fogo frutos de árvores, trituram-nos depois de secos e misturam-nos, depois de moídos, na água, a qual bebem até vomitá-la. Em seguida, levantam-se os sacerdotes uns após outros, cantarolando e, erguendo para o céu flautas de cana, permanecem com o corpo em tal imobilidade, como se estivessem enlevados com a contemplação de alguma visão celeste, manifestada no ar. Alguns há que trazem pendurado às costas um feixe de plumas de ema, o qual aberto tem a circunferência de uma roda de carro. Outros há que lançam ao ar penas mais leves para verificarem donde sopra êle. E' opinião de todos que o pão cai do céu naquele feixe de plumas, e, se êste for mais abundante, promete colheita farta ; se, ao contrário, for mais escasso, pressagia colheita diminuta. *Cerimônias por ocasião das plantações.*

Como em Abril de 1641 engrossassem as águas dos rios, com vultosos danos para os agricultores, foram os adivinhos consulta-

dos acêrca de tamanha calamidade. Trouxeram-se as pedras dos áditos e da cabaça do rei para darem os augúrios, porquanto nenhuma outra cerimônia sagrada merece tanta fé, não só por parte da plebe, mas também dos próceres e do rei.

Começavam-se tais consultas bebendo-se, cantando-se e dançando-se. Lá estavam seis adivinhos para vaticinarem. O primeiro, iniciando o vaticínio, tirou uma pedra e disse que os holandeses haviam travado combate com os baianos, mas já se tratava da reconciliação. O segundo, mostrando uma bandeira de milho, proferiu seu prognóstico sôbre a fartura dêste cereal. O terceiro, apresentando uma pedra lacticolor, proclamou a cópia do leite. O quarto exibiu um seixo em forma de pão e significou que se ia ter abundância de farinha. O quinto, deixando ver um arco e uma flecha circundada de plumas, asseverou ser aquilo dom dos anjos e interpretou o número das penas como outras tantas caçadas de animais bravios. O sexto, mostrando uma pedra côr de cera, pressagiou maior cópia de mel e disse que tôdas aquelas cerimônias eram necessárias para que, aplacado o nume dêles, baixassem as águas, e de novo dessem os campos as referidas produções.

*Teem a Ursa Maior por Deus.*

Em lugar de Deus, adoram os tapuias a Ursa Maior ou o Setentrião, a que nós, pelo seu feitio, chamamos com o povo a Carreta. Quando de manhã vêem essa constelação, alvoroçam-se de alegria e dirigem-lhe cantos, danças, etc.

*Maneira de se purgarem.*

Quando, querem purgar o corpo, introduzem na garganta até o estômago uma haste, que formam de fôlhas ásperas, até tirarem sangue com a aspereza delas.

*Festas.*

Anualmente, durante o estio, reünem-se em bandos e exércitos distintos para bailes, concursos de lanças e outros jogos consagrados ao Setentrião. Dura a festa três dias. Marcham os antagonistas adornados de penas variegadas como para os certames olímpicos. Envolvem as pernas em cascas de árvores, que a elas amarram, servindo-lhes de grevas. Untam a cabeça com mel e torcem o cabelo no alto dela em nó, como os sicambros, no qual cravam uma pluma cumprida e elegante, como novos mirmilões, polvilhando a cabeça com um pó vermelho e pintando o resto do corpo.

*Lutas.*

Atam aos braços as asas da ave chamada Kohituh (333), pende-lhes das costas um festão de folhagem e cinge-lhes o pescoço uma gola das mais lindas penas. Desta maneira se encontram e travam os combates. O vencedor zomba do vencido com saltos insólitos e inimitáveis. Alimentam uns contra os

outros inimizades ocultas e transformam os seus jogos em sérias matanças e mútuas chacinas. As mulheres e os filhos tornam-se os despojos e os prêmios da luta.

*Alimentam-se de cobras.*

Não teem os tapuias repugnância de comer cobras, isto é, às que chamam Manuah. Elas teem na cauda uma ponta, que cravam com grande fôrça no corpo do homem ou da fera que encontram, e, enroscando-se na árvore mais próxima, pois teem quatro côvados de comprido, sugam-lhes com a vida todo o sangue. Há também serpentes venenosas, contra cuja mordedura nem mesmo os sacerdotes estão seguros. Matam, se não se corta logo com espada a parte ofendida.

*Devoram os cadáveres dos amigos.*

Os sacerdotes talham membro a membro os cadâveres. As velhas acendem fogueiras para assar os membros e celebram exéquias com lágrimas e lamentações. Depressa as terminam, mas guardam mais tempo a sua dôr. As mulheres comem as carnes e as raspam até os ossos, não em sinal de inimizade, mas de afeto e fidelidade.

*E também os ossos e os cabelos.*

Os cadáveres dos magnatas são devorados pelos magnatas, isto é, a cabeça, as mãos e os pés. Guardam cuidadosamente os ossos até a celebração do seguinte festim solene. Então os engolem reduzidos a pó e dissolvidos em água. O mesmo se faz com os cabelos do defunto que os parentes bebem, e não voltam às suas danças e cantos senão depois de consumirem todos os restos do cadáver.

*Maneira de sagrarem o rei.*

Para sagrarem o rei comparecem magotes de adivinhos e sacerdotes e, fulgentes de plumas e côres, ungem-no com um bálsamo precioso e põem-lhe na augusta cabeça uma coroa tecida das mais lindas plumagens. Depois repetem os cantos e hinos e, se durante essas mostras de regozijo público, se lembram por acaso do defunto, derramam lágrimas e soltam medonhas ululações. O rei domina mais por uma autoridade suasória que imperativa, a não ser que alguém trame violência contra êle, o que será funesto ao autor.

*Crêem na imortalidade das almas.*

Crêem êsses selvagens na imortalidade das almas isto é, das daqueles que se finaram de morte natural e não de mordedura de serpente, nem de veneno, nem de qualquer violência praticada por inimigo. Fabulam e mentem a respeito da raposa, que suscitou contra êles o ódio do seu deus, a Ursa Maior, e lhes afastou da nação o favor de tão grande nume. Dizem que viveram outrora vida ótima e muito fácil, quando, sem trabalho, encontravam o alimento; que agora é outro o seu modo de vida, a qual tem de

ser ganha com labor, em razão da ofensa feita ao Setentrião e da sua cólera. Pretendem que as almas dos mortos passam para o reino do demônio, onde, conforme fingem do inferno os poetas, se reúnem elas e são transportadas pelo demônio para a outra margem. Depois que êste lhes perguntou qual o seu gênero de morte, a saber, se pereceram de morte natural ou violenta, são conduzidas para um lugar de delícias como os Campos Elíseos, no qual existe fartura de mel e de peixe. Tal é a sua concepção da imortalidade das almas.

Nos desertos, durante o estio, tudo fica tórrido e sêco por causa dos montes altíssimos e vales muito fundos e da reverberação dos raios solares. Entretanto, no mês de Janeiro, caindo chuvas bastante copiosas, reverdece e germina o solo, tornando-se ameníssimo o aspecto das campinas. As águas que se ajuntam nos abismos das montanhas os fazem caminhar ou parar durante o estio.

Nas planícies sacrificam às pedras e penedos que topam, para não serem, segundo acreditam, pos êles mordidos.

*Modo de fazer pão.*

Preparam pães da raiz *attouh* (334). Pondo-o sôbre uma pedra, esmagam-na com um pau e recolhem o suco esprimido com as mãos em vasos de barro. Depois, tornam a pisá-la e triturá-la até reduzí-la a massa, da qual formam bolas que mergulham no suco antes esprimido. Do pó que se assenta no fundo fazem bolos, os quais se assam, no borralho e servem-lhes de pão. Raízes há que êles comem cruas, e outras que êles comem cozidas.

Em tal concórdia e equidade vivem que aquele que mais possue, de bom grado, reparte o seu com quem possue menos, mostrando igual facilidade de dar e de pedir uns aos outros.

*Trajes.*

Andam nus e imundos, e logram aquele desenvolvimento do corpos e dos membros que os holandeses admiram. As mulheres, por um sentimento de pudor, cobrem as partes com um cinto de fôlhas, conservando descoberto o resto do corpo. Cada dia põem êste cinto novo e fresco. Os homens escondem os orgãos sexuais com tangas feitas de cascas de árvores. São depilados em tôdas as partes do corpo, ainda mesmo nas sobrancelhas. Só no alto da cabeça deixam crescer uma guedelha mais comprida, não sem ostentação e jactância.

Absteem-se de marchas noturnas, por medo de cobras e serpentes, que então saem das tocas. Não começam uma jornada, senão depois de ter o sol desfeito o orvalho nos campos.

Aos amigos acolhem-nos com alegria e depois com chôro. Se topam com um inimigo, matam-no.

*Ação cruel de Janduí.*

Por essa época, o rei dos tapuias, Janduí, amava a filha, casadoira e formosa, de um magnata vizinho — Juckerí. Tendo-a pedido em casamento por intermédio dos sacerdotes, recusou-lha Juckerí. Ressentido com a repulsa, Janduí, a conselho dos adivinhos e do povo, jurou a morte de Juckerí e a ruína de seus súditos. Encobre a sua mágua e o engano que preparava. Simulando-se amizade, é convidado Juckerí com tôda a nação para um certame recreativo, e êle, sem suspeitar o ardil, desce à arena para a luta. Quando um e outro se abraçavam para brigar, as mulheres do exército de Janduí voaram furibundas contra os cabelos dos outros e, apanhando-os incautos e detendo-os pelas guedelhas, expuseram-nos à crueldade e à chacina dos seus. Assim o rei arrebatou, com a violência e com o crime, a donzela que não pudera conseguir pedindo-a. Tinha então Janduí quatorze mulheres, e tinham sido cincoenta, das quais lhe nasceram apenas sessenta filhos. Já êle havia dobrado os cem anos. Isto consta dos escritos do alemão João Rabí (335), do condado de Waldeck, o qual, a pedido do rei Janduí e com permissão do Conde de Nassau, partira para as terras dos tapuias, afim de servir de intérprete entre os holandeses e aquela nação. Viveu quatro anos com os costumes dêles, agradável ao rei, espectador e testemunha bem aceita de tudo.

*Partida de Henrique Brauer para o Brasil e logo depois para o Chile.*

Quando o Conde Maurício preparava a sua partida para a Holanda, foi êsse Rabí chamado por êle e despedido por Janduí, levando consigo vinte e cinco tapuias por interêsses da nação.

Na história e nos fastos da Holanda deve também figurar o nome de Henrique Brauer, varão que buscava ao mesmo tempo as honras e os trabalhos e que mostrava grande confiança naquilo a que a sua própria convicção o animava. A pureza de sua vida era a do comum dos homens. Para os seus era autoritário como um ditador, exigia tudo dentro de rígida honestidade e mantinha a sua autoridade fôsse como fôsse, não com brandura, mas com rudeza e quasi sempre fazendo-se temer, sendo por isso odiado pelos marinheiros. Depois de ter, durante alguns anos, administrado as Índias Orientais, merecendo alí francos louvores dos particulares pelos seus feitos gloriosos, veio também às Índias Ocidentais investido de autoridade para se afamar em partes opostas do mundo. Nomeado pelos diretores da Companhia membro do Supremo Conselho do Brasil, consentiu em que se

lhe confiasse o comando de uma expedição contra o Chile, na esperança de poder aliviar-se, com o comércio e com os proventos das minas auríferas daquele país, a Companhia endividada. Antes de tratar desta expedição, inserirei na minha história as instruções dadas a êles e depois uma descrição completa do Chile.

*Instruções dadas a Brauer.*

Foram estas as instruções :

1) Aguardasse o almirante o tempo próprio dos ventos do norte, os quais desde o mês de Outubro até o princípio da primavera, sopram favoráveis nas costas do Brasil e no estreito de Lemaire.

2) Dirigisse a derrota pela Mancha ou pelo norte da Escócia e pelo mar de Irlanda, conforme o permitisse a clemência do céu e dos ventos.

3) Chegando ao Brasil, tomasse posse de membros do Supremo Conselho e se desobrigasse dignamente das funções do cargo.

4) De acôrdo com o Governador e com o Conselho, reünisse às suas naus as naus idôneas de tôda a frota do Brasil, assim como um patacho, munidos de gente de mar e de peleja, armas e bastimentos.

5) Com esta armada rumasse imediatamente para o estreito de Lemaire, e no pôrto de Valência, situado na sua margem esquerda, se provesse de água potável e de lenha.

6) Transposto o estreito, se fizesse ao largo e, demandando o poente, se acautelasse para não ser arremessado pelo ímpeto dos ventos ocidentais, dominantes no Pacífico, para o sul do estreito de Magalhães. Depois esteirasse para o norte e, se fôssem propícios os ventos do oeste, proejasse, margeando a costa, para o pôrto de Castro ou Chiloé e, lançando ferro alí, lustrasse num iate o interior do reino. Desfraldando depois uma bandeira branca em sinal de paz, convidasse os naturais à fala, aproveitando as ocasiões de sondar-lhes os ânimos e de indagar os segredos e os proventos das terras.

7) Reparasse atentamente que, naquela enseada, o Oceano entumece consideràvelmente nos novilúnios, e por isso se precavesse com diligência para não varar nos bancos durante a preamar, sendo obrigado a esperar a lua nova seguinte.

8) Depois, entrando em conversa com os principais do povo (chamam-lhes caciques), lhes expusesse que alí chegara através de imensas distâncias, através de tantos casos e perigos

do mar, chamado pela fama das guerras que êles, brava e gloriosamente, tinham feito, desde 1555, sob o comando de Caupolican, Lautaro e outros capitães, contra a nação inimiga dos espanhóis para recuperarem a liberdade; que o mesmo ânimo traziam os holandeses, cujas guerras com o mesmo inimigo, em prol do direito e da liberdade de govêrno, já se protraíam ao seu octogésimo ano. Alcançada e garantida pelas armas esta liberdade na pátria, foram mais longe, através dos mares, e, tendo expulsado os portugueses, sujeitaram ao seu poder algumas províncias do Brasil, donde haviam ido ao Chile, com uma navegação de dois meses, para concluíres com os chilenos pactos de aliança e de comércio. Tinham levado armas da Europa, fortes quer para uma guerra defensiva, quer para uma ofensiva.

9) Apresentasse depois Brauer as cartas do Príncipe de Orange e corroborasse e juntasse fé às suas palavras, invocando o nome respeitável dos Estados Gerais.

10) Aconselhasse aos principais chilenos uma viagem à Holanda para verem pessoalmente as terras batavas, o seu sistema de govêrno e de guerra, as suas praças e fortificações, as guarnições da República contra o espanhol, as mercadorias de todo o gênero, firmando-se a amizade por meio das relações mercantís.

11) E como os habitantes de Auraco, Tucapel e Purén são considerados os mais fortes e belicosos daquela nação, foi Brauer mandado tratar de preferência com êles, por estarem próximos de Valdívia, terem abundância de minas de ouro e gozarem, mais que os outros, de um solo fértil.

12) Desse-lhes esperanças de se restaurar Valdívia, prometesse-lhes auxílio para isso, garantisse a si e aos chilenos, por meio de fortificações, contra a violência dos espanhóis, e indagasse hàbilidosamente (isto era o principal) das riquezas, dos sagrados recessos do seu ouro, dando a êste o mesmo valor das armas e petrechos bélicos.

13) Se os chilenos ocupassem Valdívia, atacasse êle a ilha próxima de Santa Maria, celeiro segundo se crê, dos espanhóis que vivem nas guarnições dalí.

14) Livrasse os chilenos da escravidão dos castelhanos e considerasse quaisquer dêstes como presa de guerra, afim de ganhar a simpatia daquela nação desconhecida com êstes auspícios de clemência para com ela e de severidade para com o inimigo.

15) Não permitindo o espanhol que os nossos se apoderassem da ilha, e, reünindo fôrças de todos os lados, se esforçasse para recuperá-la, seria dever do almirante ponderar se conviria resistir ao inimigo e defender ao mesmo tempo a ilha e a cidade de Valdívia, ou se teria por mais acertado saquear aquela e abandoná-la e defender esta.

16) A segunda hipótese agradaria aos diretores, porquanto poderia a cidade ser defendida pelos chilenos, os quais já antes, sem o auxílio dos europeus, tinham sido mais poderosos do que os castelhanos, conforme mostraram os habitantes de Osorno, Arauco e Purén.

17) Cuidasse, porém, em segundo lugar, de que o inimigo não ocupasse e fortificasse a ilha depois de abandonada por nós. Surgisse no outro hemisfério uma Dunquerque que, vizinha dos portos chilenos, insidiasse as naus dos castelhanos e lhes embargasse a passagem, quando elas entrassem ou saíssem.

18) Se o inimigo, avisado da chegada dos holandeses, se mobilizasse, deveria o almirante indagar solìcitamente quais as fôrças dêles, qual o aparato de guerra, qual a organização do exército, o que seria facílimo de saber das barcas dos chilenos que encontrasse aquí e alí. A não proceder-se dêste modo, seria de recear converter-se a expedição em miséria nossa, se o inimigo tomasse armas mais poderosas que as holandesas.

19) O primeiro cuidado após o desembarque seria inquirir sôbre as minas, quais fôssem, onde se achavam situadas, se era fácil ou difícil a extração do ouro, se eram próximos ou distantes os mares e rios pelos quais se pudessem transportar os metais; se os ânimos dos indígenas eram favoráveis ou adversos a isso.

20) Encontradas as minas e assenhoreando-se do ouro, deveria escrever tudo isso aos governadores do Brasil, para que, aumentando êles as fôrças, os soldados, as mercadorias e os armamentos, apressasse com mais felicidade o resultado da emprêsa.

21) Como lhe fôsse possível, expulsasse de suas fortalezas os castelhanos, e, achadas as minas de ouro, se apossasse sòzinho das mesmas, em nome da Companhia, pois sòmente elas faltam para a felicidade dos mercadores. Para tal fim seria muito útil levar do Brasil peritos de mineração, capazes de julgar da vantagem e abundância dos vieiros. Também procurasse o almirante que se descrevesse minuciosamente a civilização dos chilenos, sua

religião, modo de vida, forma e sistema de guerra e de armamento; se informasse dos seus lanifícios, da sua arte de tecer e pisoar, da sua terra cimólia para limpar os panos.

22) Transportasse para o Brasil alguns casais de ovelhas do Chile destinados à propagação, por ser-lhes apreciada a lã, e também certa quantidade de salitre para compensar os gastos da viagem, assim como tintas de várias côres, algumas das quais melhores do que a cochonilha.

23) O Conselho dos Dezenove dera também instruções a Brauer para explorar a terra austral, pois cobiçava e firmemente esperava descobrí-la.

24) Se a situação fôsse tal que os castelhanos dominassem com guarnições Valdívia, a ilha de Chiloé e outras fortalezas, deveria o almirante desviar-se para as proximidades, afim de que, conseguindo aí a amizade dos chilenos e a faculdade de comerciar, pudéssemos nós, ajudados pelas fôrças dêles, expulsar de alguma praça o inimigo, atacar a ilha de Santa Maria e defendê-la por meio de colonos chilenos. Celebrado com os chilenos um pacto de comércio de guerra contra o inimigo, seria permitido a Brauer voltar para a pátria, deixando em seu lugar Elias Herckmann, o qual deveria ser por êle industriado para aquele cargo e maduramente instruído pelos seus conselhos.

Para a Companhia não realizar sem Deus tão grandes emprêsas, porque sobrepõe ela a piedade aos interêsses humanos, quis que Brauer cuidasse de propagar entre os bárbaros a religião reformada, livrando os Chilenos, que haviam abraçado a doutrina papista, de tamanhas trevas e trazendo-os de futuro para maior luz, e que espancasse o gentilismo com o Cristianismo e velasse pela salvação dos que desgarraram do caminho da verdade, afim de não parecer que sòmente desejamos enriquecer, mas sim que também nos compadecemos de quem erra. Administraria o resto a seu arbítrio para glória do nome de Deus, fama da República e incolumidade da Companhia.

Agora já se deve tratar do próprio Chile. *Descrição do CHILE.*

Está situado na parte austral da América, fora do trópico de Capricórnio, entre o Perú ao norte e a Patagônia ao sul. Ao ocidente olha para o Oceano Pacífico, num longo trato de costas de 500 milhas de extensão. E' limitado a léste pelo Oceano Atlântico, e ao sul pelo estreito de Magalhães. Se avaliarmos a sua área pelas possessões espanholas, ficará encerrado em limites assaz estreitos. *Situação.*

*Etimologia.*

Tira o nome da palavra "frio", que em peruano é *chili*, em razão das regiões frígidas e nevosas dos Andes, que são obrigados a transpor quantos desejam ir do Perú para lá (336). Se dermos crédito aos escritores, aquele frio alí é tão agudo e intenso que tolhe os cavalos com os cavaleiros, endurecendo-os como mármore. Os chilenos são antecos dos castelhanos. Experimentam as chuvas, os raios e as variações do ano em intervalos distintos, como na Europa, com a diferença de que, pela inversão dos solstícios, é para êles estio, quando para nós é inverno. Pode observar-se o polo antártico por causa da translação de uma nuvenzinha branca em tôrno dêle.

*Clima.*

Não é o Chile habitado e cultivado em tôda a sua extensão, mas principalmente à beira-mar. E' plano e não apresenta colinas elevadas, senão na parte montanhosa dos Andes. A temperatura da região varia com o lugar. Na clemência do ar e do céu não cede a nenhuma parte das Índias Ocidentais, e também no número de habitantes. E' assaz abundante de mantimentos, os quais, pelo transporte fácil, devido à constância dos ventos do sul, reparte com o Perú.

*Corpo dos naturais.*

Os naturais são corpulentos e fortes, membros robustos e afeitos às armas, sobretudo os de Arauco e Tucapel, que habitam as montanhas e esgotam os espanhóis com guerras incessantes. Moram em vales distintos, onde cai um orvalho mais denso, mais doce e mais gordo qúe o nosso, o qual tem o mesmo emprêgo de um maná ((337).

Os pastios não pertencem a ninguem e, por vontade do rei da Espanha, são considerados de uso comum, assim como a caça e a pesca. Os prados deleitam pelo seu verdor quasi perpétuo, causado pela humidade dos vales.

*Governador. Bispados: Santiago e Imperial.*

São os chilenos muito hospitaleiros para os viajantes. Recebem do vice-rei do Perú o seu governador. Conta o Chile dois bispados, o de Santiago, que toma o nome da càpital, colônia de espanhóis, e o da cidade Imperial.

*Províncias do reino do Chile.*

Dividem os espanhóis o reino todo nestas províncias: *Copiapó, Guasco, Chile, La Serena ou Coquimbo, Quillota, Mapocho ou Santiago, Promaucaes, Concepción ou Penco, Arauco, Tucapel, Purén, Ongol, Imperial ou Cautin, Vila-Rica ou Mallolaquén, Valdivia, Osorno ou Chauracauhin, Castro* e as terras e ilhas dos patagões, espalhadas até o estreito de Magalhães.

Estou escrevendo vocábulos peregrinos, que, por insólitos e ignotos aos europeus, são recebidos com certa repugnância, se bem sejam gratíssimos no Chile pelo seu emprêgo e significação.

*Copiapó.*

A província de Copiapó é recomendável pelo seu pôrto. Os espanhóis visitam-no anualmente para comprar turquesas, que vendem por alto preço entre os povos Incas. Êstes usam-nas como enfeite e elegância, e põem-nas, ainda mesmo brutas e não lapidadas, em suas faixas e coifas. Nessa província de Copiapó até hoje não se encontraram vestígios de ouro. O solo é muito feraz de outras produções, e a terra lavradia ótima.

*Guasco e Chile.*

*La Serena e Quillota.*

Semelhantes a ela na boa qualidade do solo são Guasco e Chile. Dizem que se descobriram nestas betas auríferas, bem como em La Serena e Quillota, conquanto privadas de água e de mineiros índios, que só se obteem por elevado preço.

*Cidade de Santiago em Mapocho.*

A província de Santiago deve o seu nome à cidade assim chamada, sede de um bispado. O nome originário da região é Mapocho, regada por um rio muito conhecido o Topocalmo. Produz vinho, trigo, cominho, anís e vários outros gêneros alimentícios, provendo-se a si própria de mantimentos. Antigamente dava ouro mais abundante, hoje mais escasso.

*Cidade de Conceição em Penco.*

A cidade de Conceição, sede do govêrno e residência do governador, é desprovida de muralhas e aberta de todos os lados para quem chega. Calcula-se-lhe a população em 2.000 habitantes, italianos, portugueses, biscainhos, castelhanos e mestiços, como lhes chamam os espanhóis. E' defendida por uma só companhia militar, que constitue a guarda do governador.

*Ilhas de la Mocha e Santa Maria.*

A região, que na língua chilena se denomina Penco, é também famosa pelos seus vieiros auríferos. Suas ilhas principais, fronteiras ao continente, são La Mocha e Santa Maria. La Mocha fica ao sul, em frente do rio Imperial, e é eriçada de montes e abundante de vitualhas. Os seus habitantes são daquela nação chiléna que, expulsa pelas guerras dos de Arauco, para alí se retirou. Vivem em paz com o espanhol e com os chilenos a que chamam Ucaus, mantendo-se neutros entre as partes. Os castelhanos vão alí comerciar e permutam mercadorias por gêneros alimentícios. Os de La Mocha transportam-nas em suas barcas para os de Cautin, Toltén e outras nações da vizinhança.

*Arauco e Tucapel.*

A ilha de Santa Maria jaz defronte de Arauco. E' também fértil e produz copiosamente milho, trigo, favas.

Arauco, que compreende Tucapel, é também célebre pela uberdade do solo, e possue minas de ouro. Os íncolas, arrasta-

dos pelos espanhóis aos trabalhos da mineração, tomaram armas contra êles para se porem em liberdade. Depois de guerrearem muitos anos, vivem em paz, não obstante surgirem ás vezes questões que a perturbam, como sói acontecer entre povos reconciliados. Obedecem hoje a um senhor assaz dedicado aos espanhóis, de nome Catamaco, sob o qual teem vivido quietos e tranqüilos. Tendo êle morrido agora, voltaram ao seu natural turbulento e contrário à paz. Lá construíram os espanhóis o forte de São Filipe para reprimir os desordeiros, acantonando nêle uma guarnição de quinhentos homens.

*Regiões austrais.* As restantes regiões austrais são as dos Ucaus ou povos adversos aos castelhanos, excetuada Castro, que os chilenos denominam Chiloé (338). São estas as regiões: Llanquihue, Cobija, Carelmapu, Maule, Malleco, Guadalauquén, Linlin, Meulin, Cavancha, Aconcagua, Lima, Quintero e diversas outras, assim como a fortaleza Calbuco, que está na província de Ancud, junto a um braço de mar. Tôdas se acham sob o domínio espanhol, sendo governador Fernando Alvarado, nascido de pais espanhóis de Osorno e subordinado ao governador de Conceição. São elas admiráveis e ubertosas, produzindo em abundância milho, cevada, ervilhas e favas. O trigo, pelo frio e humidade do lugar, é mais escasso e de côr escura. Há também com fartura maçãs, marmelos, nabos e outras hortaliças, batatas doces e tubérculos. Nas ilhas há muitas ovelhas, cabras, porcos, galinhas e outros animais miudos de comer, sendo, porém, mais raras as vacas. Nos rios é muito farta a pesca de vários gêneros de peixes, tais como corvinas, do tamanho de um badejo pequeno, robalos, anchovas como uns peixinhos e ostras semelhantes às da Europa.

*Ilha de Chiloé.* A ilha de Chiloé, onde está Castro, contém ouro, mas temeram os naturais procurá-lo, receosos de serem contra a vontade escravizados pelos espanhóis aos trabalhos da mineração. Agora é livre a cada um penetrar nas entranhas da terra e extrair ouro, contanto que se pague o quinto ao rei.

*Cidade de Castro* A cidade de Castro, com poucas habitações, assenta às margens do rio Gamboa (339), que desemboca numa enseada ou esteiro. Tem aspecto aprazível pelos seus jardins e quintais. Possue três igrejas: a Matriz, as Mercês e a dos Jesuítas. As casas, incendiadas que foram, se acham em ruínas, conseqüência das guerras.

*Ongol.* A província de Ongol fica no sertão, longe de Arauco, e nela houve uma vila chamada pelos espanhóis Vila-Nova. O solo

viceja com singular fecundidade, e a província é benigna produtora de trigo, figos, vinho e outros frutos. E' fama que lá também há ouro, mas dêle não tratam. Entre os chefes dos angolenses ou caciques existem alguns partidários dos espanhóis, e vivem também em paz com os araucanos. Teem os espanhóis uma fortaleza em Ongol, mas sem guarnição.

A província de Purén, banhada pelo mar ao ocidente, não contém ouro, mas é fértil em tudo o mais. Antes de fazerem paz com os espanhóis, eram os naturais sujeitos aos araucanos, mas agora se separaram dêles, aliando-se aos de Imperial. O espanhol administra alí os seus interêsses por intermédio de asseclas e fautores ocultos. *Purén.*

A cidade Imperial, antes sede de um bispado, devastada pela guerra, oferece hoje triste aspecto. Corria voz que os castelhanos, com uma fôrça de trezentos homens, construíram alí uma fortaleza, e que alguns dos chefes chilenos já tinham quebrado a fidelidade a seus compatriotas. Entretanto, reprime-os a nação selvagem e bravia dos Puelches (340), mais rude ainda por habitar nas montanhas. Não tem ouro essa província. São os espanhóis muito odiados pelos naturais, que várias vezes foram por êles escravizados. Não há, de fato, mais fecundo e certo motivo de ódio que a opressão ou o roubo da liberdade. Enquanto os holandeses se demoravam em Valdívia, o cacique de Cautin, Lemolemo, enviou ao comandante dos holandeses, conforme o costume da sua nação, um dardo por um mensageiro, pedindo-lhe a amizade. Quando esse cacique se aprestava para a viagem, afim de tratar pessoalmente com os hóspedes estrangeiros, os Puelches, para quem êle era de fidelidade suspeita, por ter favorecido aos espanhóis, invadiram-lhe a província, mataram-lhe alguns e levaram-no cativo com os seus. *Cidade Imperial.*

A região é tão fértil quanto as outras, mas os frutos alí amadurecem mal, à conta do ar mais frio.

Vila-Rica é o nome tanto de uma das províncias como da sua cidade. Deve à ferocidade dos índios a sua devastação e deplorável aspecto. Quanto ao mais, é de solo ubertoso, mas um tanto frio. Tem minas de ouro, porém desprezadas e inexploradas. Quando estiveram os holandeses no Chile, era seu governador um tal Curuwanchas, que, falando com Herckmann em Valdívia, a 3 de Fevereiro de 1643, conveio conosco e ao mesmo tempo com os de Valdívia e de Cunco nas condições da paz. *Vila-Rica.*

*A província de Valdívia compreende nove comarcas.*

A província de Valdívia se divide em nove comarcas ou partes: Mariquina, Pelehue, Renihue, Callecalle, Gaudalauquén, na qual está a cidade de Valdívia, Quinchilca e outras. Os seus naturais negam pertinazmente que exista ouro nelas, salvo em Mariquina, a tal ponto execram êste engôdo da cobiça, por outros procurado. Nenhum dêles se gloria com êsse dom da natureza, e todos se doem dêle, por causa da servidão e tirania que antigamente sofreram dos espanhóis. O solo de Valdívia é frio e úmido em razão das chuvas freqüentes provocadas pelas fases da lua. Os frutos são mais ou menos quais os nossos, mas as uvas não amadurecem em conseqüência do frio e dos ventos gelados. O perímetro de Valdívia é uma légua. De seus muros se vêem surgir macieiras, que, à semelhança de denso bosque, estorvam a cada passo as ruas e calçadas. Dois anos após a destruïção da cidade, trezentos castelhanos construíram um forte num ângulo do rio, junto ao Convento de São Francisco, onde morreram por falta de alimento, com exceção de setenta, que se acolheram em Osorno, quebrantados e exhaustos da viagem. Desde então Valdívia, abandonada pelos espanhóis, ficou, de quando em quando, exposta às incursões dêles.

*Cidade de Valdivia.*

*Chauracauhin. Osorno.*

Chauracauhín foi outrora célebre pela cidade de Osorno, distante 20 léguas de Valdívia. Goza de clima salubérrimo e de solo fértil, e alimenta muitas ovelhas. Tem prados e pastios viçosos, e ganha a palma pela sua lã mais fina e gabada e pela cópia e variedade de seus frutos. Possue minas de ouro. Seus habitantes, mais humanos e policiados que os de Valdívia, obedecem a um chefe de nome Picomano, comandante de uma antiga milícia, o qual merece entre os seus grande honra e veneração. A cidade, edificada às margens de um rio que os espanhóis denominam Rio Bueno, tem um pôrto accessível a navios pequenos, mas não a grandes, em razão dos bancos e escolhos pelo rio afora.

*Povos do Chile.*

Dos chilenos vivem uns sob o domínio dos espanhóis, e os outros são independentes. Aqueles são mais civilizados e adaptam-se mais aos costumes apurados da Europa. Teem o sentimento da existência de Deus e moram em casas. Os outros levam vida agreste e bravia, com propensão para as piores cousas, avigorada pelos costumes inteiramente bárbaros dos seus maiores.

*Caracteres corporais.*

Teem a cabeça bastante grande, o rosto chato. Com uma conchazinha que para tal uso trazem pendurada em volta do pescoço, tosam os imberbes o cabelo que vai nascendo. Rapam a cabeça e arrancam também a barba e os bigodes, para que o inimigo

não lhes agarre os cabelos como meio de lhes fazer mal. Entretanto os que se acham sob o govêrno dos espanhóis usam os cabelos compridos e soltos. Quasi todos andam de cabeça descoberta, apertando-a com uma faixa, que é mais ornada e bonita para os chefes e os mais eminentes dentre êles, porquanto a enfeitam com lâminas de prata, turquesas e variegados corais. Cobrem também a cabeça com peles de doninha, pondo-a de maneira que fique na fronte a cabeçinha do animal, lançada a cauda sôbre a cerviz. Pouquíssimos usam chapéus, mas sabem fabricá-los industriosamente. São de côr branca, cabelo denso e tirante a negro, o qual aparam em redor das orelhas. Também as mulheres teem o costume de andar de cabeça descoberta, com o cabelo sôlto, não penteado nem encaracolado. Umas tantas apertam com um nó em tôrno da cabeça a cabeleira sôlta sôbre a cerviz. Fazem isso sempre que são casadas e durante a menstruação. As mulheres da região dos Ucaus não cortam os cabelos, o que é, porém, costume das de Chiloé, tomado dos Peruanos. Êstes deixam os cabelos crescer até as sobrancelhas, como é mais ou menos a moda dos europeus. São tôdas hábeis na arte de tecer, *Tecelagem.* mas não fabricam uma tela além de quatro ou cinco côvados. Fazem para os homens uns mantos de panos de lã, com os quais agasalham êles os ombros e os braços nus. Conforme o grau do frio, vestem uns sôbre outros, ora brancos, ora azues, ora amarelos e até listados como os cobertores dos espanhóis. Não vestem jaqueta, mas sim calções, como os holandeses. Não usam nem camisas, nem meias, nem sapatos. Os indígenas independentes não formam, reünindo-se, nem cidades, nem aldeias: habi- *Habitações.* tam em casas esparsas, muito singelas, baixas e feitas de ramos, canas e juncos. Não há divisões internas, sendo um só cômodo, com uma cobertura de côlmo inclinada. No alto rasga-se uma abertura descoberta, por onde entra a luz e sai o fumo. Êsses in- *Trajes.* dígenas andam descalços, salvo nos dias de festas e nas assembléias solenes, em que põem meias, mas não sapatos. As mulheres usam por vestido uns panos de linho, que, de um dos ombros, pendem para frente e para trás cosidos de um lado, ficando, porém, aberta a parte próxima do peito. Ligam-nos sôbre o ombro com alfinetes grandes de prata ou de metal, conforme as posses de cada uma. Apanham e atam essa vestimenta no meio do corpo e lançam-lhe em derredor um manto pequeno, que prendem com um alfinete abaixo da garganta. Como os homens, andam descalças, sem meias nem sapatos, acostumadas com a vida dura.

Sua alfaia é excessivamente escassa, sem luxo nem superfluidade, conforme convém a um povo há muito habituado à pobreza : duas ou três vasilhas para guardar a bebida, um vasinho de chifre e uma tijela por onde se bebe, como se vivessem segundo a regra dos Cínicos. Os assentos são troncos de árvores. Os mais opulentos, porém, cobrem de peles o chão em honra de um amigo que os visite. Desfrutam descuidosos os réditos do ano. A isto se limita a sua cobiça. O ano seguinte dá-lhes outros cuidados e trabalhos. Incluem entre as riquesas os gados, que se criam, não por esfôrço dêles, mas por benefício da natureza. No comêço de Outubro, fazem as sementeiras, tempo em que dez ou vinte famílias da mesma região se reúnem numa sociedade de trabalho, aram, estorroam e semeiam os campos. Na época da colheita, prestam-se de novo mútuos auxílios nos trabalhos. Teem hora certa de comer — de manhã e de tarde. Bebem pouca água, misturando nela farinha de trigo ou de cevada ou fubá de milho à semelhança da nossa cerveja. Nos dias festivos usam uma bebida de milho a que chamam *Chiche*, quasi da mesma côr e sabor de soro de leite azêdo. Trituram o milho, maceram-no e fazem dêle uma pasta, que, mascada pelas velhas, se reduz a umas como tênues papas. Põe-se nelas água e deixam-se fermentar, dando então uma bebida que os embriaga. Preparam, mais ou menos do mesmo modo uma bebida de maçãs, mastigadas para obterem, segundo creem, fermentação mais forte.

*Alimentação.*

*Governadores.*

Elegem os seus regedores pela valentia e dignidade da família e chamam-lhes *Ulmenes* ou *Pulmenes*. A palavra *cacique* (241) importada das Índias Ocidentais para o Chile, é de origem estrangeira. Alguns dos ulmenes governam vinte, outros trinta, uns tantos cincoenta ou cem famílias. Isto é indício certo de não poder subsistir uma multidão entregue a si, sem ordem nem chefe. Sua principal autoridade é na guerra e nas assembléias, nas quais falam em primeiro lugar. É-lhes permitido convocá-las, quando o pede a necessidade; mas não lhes é lícito exigir tributos, senão quando cumpre fazer guerra. Nesta devem ser os comandantes e vanguardeiros, sob os auspícios do governador supremo, chamado *Nentoquiendo*, a quem obedecem. É-lhes vedado deliberar em particular sôbre os interêsses da comunidade : falam ao ar livre, achando-se o povo em tôrno dêles, porque êsses indígenas são suspicazes e imaginam sempre o pior, levantando falsas acusações. A governança hereditária transmite-se ao primogênito e depois aos outros filhos, e, na falta dêstes, aos paren-

tes mais próximos. Se não forem considerados dignos do mando, conferem esta dignidade de chefe aos mais merecedores.

Usam os chilenos armas decentes. São lanças de vinte e oito pés de comprimento, com uma ponta de ferro ou de madeira muito dura, com as quais combatem dextramente a cavalo. Mostravam, também aos holandeses alfanjes e terçados espanhóis, e bem assim couraças garantidas contra os golpes, havendo tomado essas armas nas derrotas infligidas outrora aos espanhóis. Estragadas as bainhas por longo uso, cingiam as espadas amarrando-as. Usam também maças, ameaçadoras pelos cravos nelas fincados. *Armas*

Trazem além disso arcos e flechas, como costumavam seus antepassados. As pontas destas, de pedra polida e alisada, são envenenadas e matam logo a quem ferem. Tal costume, porém, não é geral, mas da nação dos chamados Puelches, que habitam a parte oriental das montanhas denominadas por êles *Cordilheiras*. Fabricam também para si, com muitas peles unidas, capacetes e couraças, com que evitam os golpes mortais. Sua cavalaria é mais valente que a infantaria, e quando esta se desdobra nos campos de batalha, fàcilmente se põe em fuga, principalmente com os tiros de espingarda e mosquetes dos nossos. São considerados hábeis em brandir lanças, mas inhábeis em manejar armas de fogo. Ensinados a guerrear de emboscada, atacam o inimigo desprevenido e trucidam-no. Muitas vezes os nossos ouviram gabar-se-lhes a bravura, mas nunca a experimentaram, visto como trezentos dêles podem ser afugentados por dez mosqueteiros. Cruéis para os vencidos, não poupam a vida a nenhum. Dilaceram a dentadas sangrentas o coração arrancado ao adversário que prostaram, invocando o nome de Pilan (342), a quem, como a um nume e um gênio, imolam tal vítima.

Desconhecem o Criador, o culto divino, a imortalidade da alma, e não distinguem dias santificados e profanos. Todavia, parece terem idéia de uma divindade ou de um demônio, porque adoram a seu Pilan como a um espírito do ar. Cantam-lhe carmes e hinos (343), mormente quando alienados pela bebida e como tomados de furor. Sempre que os trovões lhes aterram as mentes pávidas, rogam que êles causem a perdição dos inimigos, e, soprando da bôca e das narinas fumadas de tabaco, repetem "*Pilan Pilan*", como celebrando uma cerimônia sagrada com tais fumigações. Quando alcançam vitória, fazem festa, demasiam-se em comezainas e bebedeiras e, cravando na terra uma lança, *Religião.* *Demônios.*

dançam em tôrno dela, dedicando seus cantos a Pilan. Praticam o mesmo, quando vão matar um inimigo. Enquanto êste dança e se banqueteia com êles, no meio daquelas alegrias, derribam-no com uma clava, despedaçam-lhe com os dentes os membros semivivos e ainda palpitantes, continuando o canto e a vociferação de todos em honra de Pilan. Punem de morte os homicidas, os ladrões e os réus de alta traïção e nesse espetáculo, ainda que trágico, celebram idêntica solenidade com os mesmos cantos. Todos os homens estrênuos que excedem aos outros na audácia e na prudência são por êles denominados, em louvor do seu deus *Pilan*, isto é, divinos, julgando dignos de igual honra os seus cantores e os ministros do seu culto. Honram também um outro demônio, a que chamam *Murà-Poante* (344) e, sempre que casam, invocam-no como a uma Lucina (345). Se, por inspiração dêle, se entregam aos prazeres do amor, êle lhes dá a indúbia esperança de fecundidade. Dizem que êle só lhes fala por inspirações e sonhos, celebrando-se antes jogos e solenidades com cantos e danças.

Teem êles maior ou menor número de mulheres, na proporção das suas posses. Compram-nas aos pais, e daí o dizer um provérbio corrente entre êles "que é mais rico o chileno que tem mais filhas". Não é nem a formosura, nem a posição da família que determinam os casamentos, mas a diligência e a operosidade. Assim, são preferidas as que possuírem tais dotes. Em geral são as mulheres que se ocupam da lavoura. Os maridos, ociosos e indolentes, nada fazem e ficam aquecendo-se ao sol. Elas tosquiam o rebanho, fiam, tecem e moem os grãos. Os homens quasi de nada cuidam além da semeadura. Para o trabalho desta e para o da colheita também chamam as mulheres. Quem pede para mulher a filha de alguém, não tem por necessário conversar com ela ou meter empenhos : trata a compra com o pai. O preço das esposas são coifas valiosas, cavalos e ovelhas. Dados êstes objetos, conforme o ajuste, leva-se a noiva para casa sem nenhum aparato. Divulgando-se, porém, a notícia do casamento, os amigos e parentes sacrificam uma vítima do rebanho e dirigem louvores ao deus Mura-Poante, protetor dos casamentos. Depois, estendendo no chão couros de ovelhas, banqueteiam-se. O marido dá uma casa a cada uma das mulheres. Quando quer estar com alguma delas, anuncia-lhe a sua chegada, e então só a ela dispensa os seus carinhos, ficando as outras como criadas. Quando elas dão à luz, banqueteiam-se com uma ovelha e servem à

*Casamentos.*

parturiente e à criança das carnes e do caldo. O resguardo não é, como na Europa, de cinco ou seis semanas : no dia seguinte ao parto, voltam, fortes, aos seus trabalhos, posto sejam pequenas de corpo. Respeitam muito aos maridos e são tratadas como fâmulas. Se olham atentas algum dos que não sejam o marido, são açoitadas por ciúme. Êles, de acôrdo com as suas leis, matam as mulheres surpreendidas em adultério; mas nem por isso vivem elas mais castamente, conquanto o mais cautamente que podem, fechando os maridos os olhos para as menos amadas. Os casamentos, realizados por um tráfico, não se podem desfazer com outro, mas é lícito repudiar as adúlteras. Pode o marido abandonar a mulher, ainda sem ela o merecer, mas corre perigo de vingança. Por impune maldade dos mais poderosos, ousam também raptar criminosamente as mulheres uns dos outros, e, na esperança de se apoderarem das espôsas, matam-lhes os maridos. Aos que perguntam pelos defuntos respondem : "*Levou-os o demônio*".

Choram os mortos e conservam alguns meses os cadáveres insepultos e envoltos em ervas e aromas para preservá-los da corrupção. Quando querem enterrá-los, convocam três dias antes os parentes, fazem um festim e colocam junto à cabeça do defunto a sua ração num prato, como se fôra banquetear em companhia dêles. Após três ou quatro dias de comezainas, sepultam-no em casa. O costume permite que a mulher se case logo depois da morte do marido. Quem vai recebê-la em segundas núpcias é obrigado a distribuir presentes liberais com os filhos que ela acaso tenha, para afiançar aquela união. Julgam, porém, mais honroso que as viúvas vivam como tais.

*Ritos fúnebres.*

*Segundas núpcias.*

É hábito dos homens e das mulheres banharem-se de manhã no rio, ainda mesmo duro de gêlo.

Quando, em virtude de um pacto, teem de ir à guerra, enviam um dardo aos aliados : se êstes nêle tocam com a mão direita, está confirmada a aliança e feito o juramento contra o inimigo. E porque entre êles não se costuma exprimir por escrito aos ausentes os sentimentos do ânimo, mandam alguém, ciente dos seus segredos, para anunciar o estado de guerra, exibindo na dextra um dardo de que pende uma fita. Se querem associar-se à guerra, põem na mão direita do mensageiro, quando êle volta, o mesmo dardo, e atam uma outra fita sôbre a primeira. Se, porém, é necessário comunicar a outros os planos, mostram êsse dardo e as fitas como sinais da aliança feita.

*Ceremonial dos tratados.*

Esfregam com cinza as partes pilosas do corpo e arrancam à mão os pelos com a raiz para não crescerem mais. Consideram o trovão um deus e o nomeiam *Pilan*. Quando troveja durante os seus festins, dispersa-se a reünião, fogem e gritam que se acham presentes os espanhóis, e, além disso, tomam armas tumultuàriamente, como se estivesse próximo o inimigo. Tal é o horror que ainda hoje inspira aos netos e trinetos a nação odiada, por estar viva a lembrança das crueldades praticadas outrora contra os seus antepassados, que acreditam ser a ferocidade dos espanhóis a causa de o céu estrondejar e tremer.

*O deus Pilan.*

*Eleição do governador.*

Elegem o governador dêste modo: aquele que pretender suceder ao morto tem de examinar se suas riquezas bastam para êle recompensar aos *ulmenes* ou magistrados inferiores. Depois, convocando-os, alega, num discurso ao povo, os merecimentos de sua família e de seus maiores, o poder dos amigos e a glória das suas virtudes militares. Responde ao discurso um dos principais e, encarecendo os méritos do futuro chefe, recebe o juramento dêste e dos seus. Depois, tirando-lhe do pescoço uma faixa fulgente de pedras preciosas, distribue-as entre os senhores dos territórios ou *ulmenes*. Então aclamam o novo governador e entregam-se às comezainas, que para êles são o princípio e o fim de tudo.

*Animais.*

Os animais do Chile diferem notàvelmente dos nossos. Das ovelhas umas são bravias, como as da Escócia, outras são mansas. Algumas se parecem com camelos no feitio do corpo, mas não no tamanho. O pescoço delas é redondo e mais longo, o focinho fendido, mas não teem corcova. A côr varia: branca, preta, cinzenta, mas a das bravias é avermelhada e fulva. Os donos guiam-nas à vontade, perfurando-lhes as orelhas e passando por elas uma corda, com que se governam como os cavalos com os freios. O Chile cria um animalzinho do tamanho de uma arda, sem pelos e de muito valor para os Peruanos. Chamam *chinchilla*. É grande ali a quantidade de gado miúdo e de avestruzes. Os frutos levados da Espanha para lá medram fàcilmente. Além de outros cereais, produz a região uma espécie peculiar de trigo chamado *teca*. Os naturais se alimentam menos com a flor da farinha do que com êsse trigo moído e torrado. Derramando-se nêle uma pouca de água, serve de alimento; se o diluem mais, serve de bebida. Nasce lá uma árvore denominada

*murtilla* pelos espanhóis e *ugni* pelos indígenas. Do fruto dela se espreme um licor muito parecido com o vinho e muito saudável para o estômago.

Aportaram ao Chile os célebres navegadores Francisco Drake, Tomaz Cavendish, Oliveiro van der Noort, Jorge Spilberg e outros. Quem nêle penetrou primeiro conduzindo tropas foi Diogo Almagro, que superou com grandes riscos os cimos dos Andes. Depois Valdívia subjugou-lhe as províncias e construiu as cidades Imperial e Valdívia, dando a esta o seu nome.

Os araucanos são os mais belicosos de todos os povos chilenos. Muitas vezes desbarataram aos espanhóis com grandíssimo estrago, atacando-lhes e queimando-lhes com tal ferócia cidades, vilas e colônias que não lhes permitem dilatar as suas fronteiras, mas, com expulsá-los de tôda a parte, os prendem, como rechassados, dentro de território mais estreito.

O móvel da expedição empreendida pela Companhia e por Brauer foi a riqueza do Chile em minas de ouro. Os mortais em verdade vamos de bom grado aonde esperamos aplacar a cobiça, e não de má vontade folgamos com as ilusões do futuro, se delas tiramos algum proveito.

*Os que foram ao Chile.*

Alarguei-me bastante na minha descrição, cativado com os costumes, os povos e a novidade das terras chilenas. Volto agora a narrar o que comecei.

*Ano de 1643.*

Deram-se a Brauer cinco naus, que levavam 360 soldados armados à ligeira, distribuídos em três companhias sob outros tantos capitães, a saber: Blaubeeck, Forstermann e Pedro Floriss, militares experimentados e conhecidos nas armas. Partindo Brauer do pôrto brasileiro de Santo Aleixo e rumando para o sul, lançou ferro perto do estreito de Lemaire. Atravessando êste, observou mui atentamente a ilha denominada dos Estados, procurando saber se era continente ou de fato ilha. Tornou depois ao mesmo estreito, determinando a chegar à baía de Valência, que alí se avista ao sul da Terra de Maurício, na latitude de 54° e alguns minutos. Mas, arrojado por uma tempestade para a parte oposta da ilha, foi arrebatado em tôrno de tôda ela, deparando-lhe a fortuna ocasião de achar passagem nova e mais curta para o Oceano Pacífico. Os marinheiros, para perpetuar o fato, chamaram àquela passagem Mar de Brauer. A baía a que me referi apresenta uma estância muito vantajosa par dez ou doze naus. Sem ter peixes nem gado, mostrava-se a terra circunjacente naquela quadra coberta de umas bagas avermelhadas, encontrando-

*Brauer descobre uma nova passagem para o O. Pacífico.*

se também com fartura amêijoas, e mariscos, água fresca e madeiras para vários usos. Reünidas as naus naquela enseada, velejaram tôdas as salvamento e sem escala até arribarem ao pôrto de Chiloé, ao qual se deu o nome de Brauer. Desgarrara a Orange, que, chegando alí depois e não achando a esquadra, tornou para Pernambuco. Surta a frota, foram mandados subir o rio no iate Delfim o Capitão Crispim e o major Blaubeeck para se informarem dos chilenos que primeiro encontrassem sôbre as condições do país e as fôrças dos espanhóis.

*Chega ao pôrto de Chiloé. 1.° DE MAIO DE 1643.*

As margens do rio, vestidas de amenissimo arvoredo, mostravam algumas casas esparsas e rodeadas de cêrcas de paus dispostos em aspas. Os chilenos à vista de homens estrangeiros e desconhecidos, dirigiram-se para uma colina que se erguia à beira do rio para serem vistos pelos holandeses. Saindo êstes para virem à fala, afastaram-se êles das margens do rio para o interior. Os nossos fincaram na praia uma estaca com um pano branco em sinal de paz e puseram-lhe ao pé faquinhas e corais, que são alí objetos de comércio, proferindo, em voz alta e branda, palavras de amizade. Mal voltaram os holandeses para a embarcação, logo chegaram um cavaleiro e três peões, arrancaram a estaca e levaram-na com o resto aos seus. Em seguida encaminharam-se para a margem e os lançaram na água. Êste fato, pela indignação que parecia demonstrar, causava suspeita de serem aqueles lugares possuídos por espanhóis, dos quais seria insensatez esperar benevolências. Três dias depois, Blaubeeck entrou mais pelo rio acima, com um batalhão, para convidar os íncolas a mútuas conferências. Recebera ordens de dar repetidos tiros de peça, mas de pólvora sêca, e de desfraldar uma bandeira branca para tranqüilizá-los, e, se êles, apesar disso, não quisessem atender, então deveria desdobrar uma vermelha e disparar tiros verdadeiros para aterrar os presentes. Mas nada conseguimos. Sempre que o lugar os fazia audazes, dirigiam aos nossos ultrajes e palavras feias, ameaçando-os de morte, quando saltavam em terra. Os dois capitães Forstermann e Floriss, depois de feito o desembarque e de armarem ciladas, apanham um chileno e uma velha com dois filhos, que, por não falarem espanhol, não informaram cousa alguma. Entretanto, havendo os espanhóis aprisionado um dos nossos marinheiros, foi crível terem sido pelo mesmo inteirados das causas da nossa chegada. Partiram os holandeses para mais longe, para o forte de Carelmapu, desembarcaram sob o fogo da artilharia inimiga e debandaram corajosamente uma força de

*Blaubeeck sobe o rio.*

*Fogem os espanhóis.*

cavalaria e de infantaria de noventa adversários, que casualmente encontraram e que tentava agredí-los, tendo escapulido vários dêstes para as florestas próximas. Neste recontro morreram o próprio comandante espanhol D. André Muñoz Herrera e oito ou nove soldados rasos. Poder-se-iam então fazer prisioneiros, mas Brauer ordenara severamente a Blaubeeck que não poupasse inimigo algum, mas trucidasse quantos encontrasse e lhe fizessem rosto. Logo investiram os holandeses a fortaleza de Carelmapu, que os espanhóis defendiam com sessenta homens da guarnição e duas peças de bronze. Vencida ela, mataram todos sem exceção, afim de que, espalhando-se o terror do nosso nome, se abrissem à nossa chegada as partes mais íntimas da região. Assim pareceu a Brauer. Pronto sempre a guerrear todos os espanhóis, combatia mais cruamente aqueles de que esperava despojos opimos. Julgaram, porém, seus companheiros de armas que o seu procedimento foi pouco atilado, porquanto, não deixando ninguém, faltavam informadores e ensejos de se descobrirem as cousas ignoradas que êles queriam saber. A referida fortaleza erguia-se mesmo às margens do rio, na fronteira dos povos de Cunco (346), Osorno e Valdívia, os quais vivem em guerras quasi perpétuas com os espanhóis. A quatro léguas dalí para leste, possuem os espanhóis outra fortaleza — Calbuco —, que defendiam com uma guarnição de quarenta homens, e uma peça de bronze, além de uma tôrre. Na fortaleza de Carelmapu se achou uma carta escrita em 28 de Fevereiro de 1642 e endereçada de Lima para a cidade de Conceição e daí para Carelmapu. Nela se avisava aos de Chiloé que não faltassem com a sua defesa e que os holandeses chegavam em doze naus, divididas em duas esquadras. Teve o inimigo conhecimento disso certamente por censurável costume dos nossos, propensos a levar aos estrangeiros os negócios domésticos. Demolida e arrasada a fortaleza de Carelmapu, junto da qual havia trinta habitações, teve a mesma sorte a cidade de Castro, edificada na ilha. Abandonada dos seus moradores, caiu em poder dos holandeses. Os cidadãos incendiaram-na, e o almirante ainda lhe aumentou o incêndio para que ela, do alto mar, representasse Troia expugnada e fumegante. Não teria sido outro o destino de Calbuco, se os bancos, os escolhos, as marés e os temporais impetuosíssimos no tivessem obstado a que se navegasse até lá. Por ordem de Bauer foram destruidas até os alicerces as igrejas e as casas meio derribadas de Castro, afim de nada dos inimigos restar inteiro e salvo.

*Toma-se a fortaleza de Carelmapu*

*Fortaleza de Calbuco.*

*Destrói a vila de Castro.*

Procurava então o almirante aprisionar ou atrair com palavras brandas alguns que lhe pudessem dar informações relativas ao Chile. Mas foi em vão, porque os habitantes fugiam horrorizados com as asperezas da guerra, e, em conseqüencia das chuvas contínuas e do desconhecimento dos caminhos, não conseguiram os holandeses ninguém a quem pudessem dirigir-se com brandura e afabilidade. Já todos desejavam a tomada de Valdívia, enviando-se para lá Crispim. Mas a inclemência dos ventos e vários reveses não permitiram ainda que fôsse ocupada. Logo três espanhóis capturados disseram alguma cousa sôbre as condições do país. Entrando em conversa com seis chilenos, lembramo-lhes a tirania dos espanhóis, seu jugo odioso, as matanças cometidas contra os seus antepassados e os numerosos males sofridos. Dissemos que alí estávamos para vingar-lhes a liberdade antiga e libertarmos a nação oprimida; que se aliassem aos nossos intentos e armas; que tínhamos soldados experientes e todo o aparelho bélico, acrescentando mais algumas cousas tendentes a incitar os ânimos. Segundo a natureza dos ambiciosos, éramos largos e excessivos em promessas. Os chilenos ouviram aquilo favoràvelmente, e, divulgada na ilha a nova de terem chegado os nossos, significaram, por intermédio dos seus principais, que sòmente desejavam ser arrancados ao jugo e escravidão dos espanhóis poder ser levados para junto dos seus em Valdívia. Êsses principais eram Diogo de Carelmapu e Filipe de Ulentelica, que, reünindo às pressas um exército de duzentos homens, se dispunham a marchar por terra para Osorno e Valdívia, armados de alabarda, dardos, mosquetes e pólvora, cujo preço pagaram aos holandeses com vinte e cinco cabeças de gado grosso. Entretanto, como tivessem os espanhóis fechado todos os caminhos, pediram os chilenos fôssem conduzidos em naus ao seu destino. Já o tinham alcançado, quando um dêles, mais prudente, disse ser conveniente avisar primeiro aos de Osorno e Valdívia a chegada dos holandeses, para não praticarem alguma hostilidade, supondo-nos inimigos. Apresentaram-se três, que, sabendo os desvios dos caminhos, encarregaram-se de dar sem demora aquele aviso. Não me pejo de contar que aquele Filipe de Ulentelica, para confirmar a sua fidelidade aos nossos, cortou com as próprias mãos a cabeça a um espanhol e mostrou-a, já pútrida e fétida, para não duvidar nenhum daquela nação de ser êle inimigo dela e de querer, com tal exemplo, fôsse trucidada e exterminada.

*Morre Brauer.*

A morte, porém, surpreendeu Brauer, suspendendo êstes inícios brilhantes e tão bem auspiciados. Após uma doença de dois meses, morreu êle na ilha de Castro, encontrando para o seu traspasse um lugar novo, sem ter achado ainda o lugar da nova glória a que aspirava. Com efeito, agravando-se a enfermidade e sentindo-se êle inapto para trabalhar e realizar seus tentames, declarou-se desapegado da vida, recomendou aos presentes seus interêsses particulares e os públicos e, perfeitamente conformado com o seu fim, que lhe vencera todos os cuidados, entregou a Deus a sua alma invulgar. Êle merece a memória da posteridade por ter sido o primeiro que abriu caminho para o Chile e o Oceano Pacífico, não pelos estreitos, mas pelo mar largo. Incumbira seus funerais a Herckmann e Crispim, escolhendo Valdívia para lugar de sua sepultura. Para desempenharem êles os seus deveres de acôrdo com a amizade que dedicavam ao morto, retiradas as vísceras do cadáver e enterradas, procuraram conservá-lo, embalsamando-o. Colocaram-no depois no porão mais amplo de uma nau afim de transportá-lo para Valdívia (346-A). Por prescrição secreta da Companhia, a qual então se patenteou, sucedeu-lhe no mesmo pôsto Elias Herckmann, varão prudente e grave, diligente administrador da Companhia Ocidental, membro do Conselho de Justiça, governador da Paraíba e célebre por mais de uma expedição marítima. Dotado de sentimentos mais brandos e moderados do que Brauer, infenso a uma precipitada ferocidade contra o inimigo e a uma dura dominação entre nações estrangeiras, assumiu o comando com rédeas mais frouxas. Segundo penso, tinha-o abrandado o estudo das boas letras, principalmente o da poesia, à qual se dedicava com êxito feliz, tendo publicado livros sôbre as navegações dos antigos e dos modernos. Convocado todo o conselho de guerra e comandantes militares, juraram-lhe fidelidade e obediência e ratificaram as determinações da Companhia, congratulando-se com o novo almirante e mostrando-se contentes por lhe conhecerem as virtudes.

*Elias Herckmann sucede-lhe.*

*Entram os holandeses em Valdívia.*

Quando ainda estava enfêrmo o almirante, as naus holandesas entraram o pôrto de Valdívia, que fôra outrora capital dos espanhóis, e ficaram sôbre as âncoras. Viram-se as ruínas da grande cidade, queimada e destruída pelos bárbaros em 1599, quando, ao alvorecer, um exército de cinco mil dêles, cavaleiros e infantes, alguns revestidos de couraças de ferro, acometeram os habitantes descuidosos, e, tomada a cidade, mortos quatrocentos

espanhóis e incendiadas as casas, voltaram carregados de despojos. Depois disto, restauraram Valdívia e de novo a presidiaram.

Os nossos, partindo da ilha de Castro para ela, restituíram a liberdade a quatrocentos chilenos, entre homens e mulheres, acolhendo-os nas naus e desembarcando-os lá. E não nos foi pesada a sua mantença, porque, embarcando, proveram-se, com tôda a precaução, de frutos, ovelhas e porcos.

*Pôrto de Chiloé.*

O pôrto de Chiloé é muito cômodo para nêle invernar-se, comporta naus grossas, e dêle ganha-se o mar com ventos muito favoráveis. As ilhas espalhadas deante de suas costas abundam de gado, cabras, cavalos, vacas, porcos, ovelhas. Produzem milho, painço, cevada, ervilhas, feijões, nabos, linho e dão bem trigo. Os habitantes fazem plantações, mas pequenas, para uso próprio e não para os estrangeiros. Em Chiloé como nas ilhas vizinhas calcula-se a população em 2.000 chilenos. Distribuídos em grupos e vivendo na condição servil, ficam sujeitos a feitores a êles impostos pelos espanhóis. Não é lícito vendê-los nem transferí-los para outro lugar. Não recebem paga de seu trabalho e sòmente roupa e comida. Pela escassez de índios, que se dão à lavoura, não há alí mineração. Os espanhóis, temendo-se de naus estrangeiras, todos os anos revistam cuidadosamente a costa inteira, desde Lima até Chiloé.

Não o fizeram desta vez, sabedores de terem chegado os holandeses. Enquanto êstes se demoram em Valdívia, souberam dos íncolas que se achavam no pôrto de Lima algumas naus do rei, além de outras de mercadores; que daquelas umas jogavam 26 peças e algumas 30.

*Os Chilenos veem à fala com os holandeses.*

Entretanto, os chilenos que se tinham dirigido por terra para Valdívia, concitando de tôda a parte os povos com a notícia da chegada dos nossos, fizeram que alguns principais daquela nação, escoltados por denso trôço de cavaleiros e peões e enviados aos holandeses, descessem para conferenciar com o nosso chefe

*Discurso de Herckmann.*

Herckmann. Discursou-lhes êste do mesmo modo que antes o fizera aos de Castro, dizendo muitas cousas sôbre os agravos a êles feitos pelos espanhóis, sôbre as simpatias que lhes votavam os holandeses, sôbre as suas intenções e sôbre a liberdade já próxima a raiar. Discorreu sôbre as nossas guerras feitas com o espanhol durante tantos anos e com grandes êxitos. Mostrou que os batavos, ilustres por tantas vitórias, difundiram o seu império primeiro no Oriente, depois no Ocidente; que, expulsando os portugueses inimigos, dominavam o Brasil; que dêste era breve a na-

vegação para o Chile, cujos habitantes podiam ligar-se-lhes pelas relações do comércio e pela sociedade da guerra. Demais disso, transformando o discurso em elogio, exagerou perante a assembléia as lutas dos chilenos contra os espanhóis, o heroismo dos seus antepassados e os seus preclaros feitos. Exibiu a carta de S. A. o Príncipe de Orange, que foi traduzida por intérprete. Beijando-lhe o papel, receberam-na com grande respeito, dados sinais de não pequena alegria. Depois, associando-se numa guerra comum, prometeram reforços de cavalaria e infantaria contra o inimigo e contra a violência que êle preparava contra os novos estrangeiros. Consentiram que, levantada uma trincheira na praça de Valdívia, cuidasse o almirante da defesa dos seus. Não quiseram, porém, que se consignasse por escrito o ajustado, segundo o costume dos nossos, porque diziam que ignoravam a nossa língua, mas não a nossa lealdade e, quando a boa fé e a sinceridade concluem um pacto, não há precisão de papel. Como falasse Herckmann em permuta de mercadorias e, o que era o principal, tratasse positivamente de ouro, todos, como de concêrto, confessaram a sua ignorância e não sem horror se assombraram com a palavra ouro, como se fôra nome de cousa fatal e funesta. Declararam que não tinham ouro e que ainda não se lhes apagara da memória a crueldade dos espanhóis, encarniçando-se contra a vida e a fazenda dos seus antepassados e cortando-lhes àqueles infelizes orelhas, mãos e pés. Não criariam, porém, dificuldades aos holandeses, se êstes procurassem as minas e se entregassem êles próprios aos trabalhos da mineração (parecia quererem esquivar-se a êstes). Encontraram-se até alguns que não relutaram em dizer que alí havia abundância de ouro e não era difícil o modo de obtê-lo. Trocaram algumas peças de gado grosso e algumas ovelhas por ferramentas, mas parcamente. E como gostassem de contemplar as armas dos europeus, alimentavam as nossas esperanças de que se entrasse em mútuas negociações. Afirmavam ser o seu desejo e vontade que nós, voltando forças contra os espanhóis, atacássemos Lima, Arica e outros portos dêles. Expulsos dali os espanhóis, tudo do Chile estaria franco à Companhia. Também os Peruanos, inclinados à defecção, esperavam o mesmo movimento. Êles chilenos tinham igualmente guerreiros valentes e armas. Tôda a extensão da província do Chile era defendida apenas por 1.500 espanhóis. Êsses podiam ser expulsos com um exército de 1.200 holandeses, unindo a êstes aqueles que convocassem da sua própria nação. Ex-

*Apresenta-se a carta do S. A. o Príncipe de Orange.*

*Levantam os holandeses uma trincheira em Valdivia.*

*Ao falar-se em ouro, espantam-se e horrorizam-se os chilenos.*

pelidos os espanhóis, estaria desimpedido o caminho contra as naus de Arica, que transportam para Lima e daí para o Panamá a prata do monte de Potosí. Êste monte, que se oferece à nossa narração, está na região de Charcas e contem minas de prata extraordinàriamente ricas. Com efeito um só quintal de minério rende oitenta marcos da mais pura prata, o que é inaudito em outros lugares. Entretanto, dizem estarem agora mais escassos os veios, porquanto de cem libras podem apurar-se apenas dez *pesos* e menos ainda. Tal riqueza permaneceu oculta para os antigos senhores do Perú. Descobriram-na tardiamente uns índios que, caminhando casualmente por aqueles sítios, toparam a mina. Logo que o fato se tornou conhecido na cidade de La Plata (seja permitido chamar-lhe Argirópole), imediatamente prouve distribuir-se a montanha entre os cidadãos para ser cavada. Êles com o trabalho dos índios extraíram e ainda extraem tamanha cópia de prata que abastecem a Europa inteira. É ela minerada por alguns mil bárbaros, que alí vivem ocupados dia e noite, sujeitos a verdadeira escravidão. Da massa da prata extraída alí cada ano renderam ao rei da Espanha 1.000.000 de ducados, apenas um quinto da prata tirada.

*Descrição do monte de Potosí.*

*Pesos são 30 reales.*

Voltando ao meu assunto, os valdivenses, osornenses e chiloenses teem a mesma estatura, mas o corpo dêstes é mais carnudo e mole, em razão da sua vida ociosa e dos prazeres, que não gostam de rejeitar pelo trabalho. Apenas se notam entre êles vestígios de religião. Galhofeavam ébrios, em desordem, entregues a noitada e comezainas (347). Não se importam com o govêrno nem o receiam: tudo entre êles está mais próximo do desregramento do que da disciplina e da ordem. Julgam haver nisto mais felicidade do que gemer na lavoura, afanar-se na mineração, administrar, entre esperanças e temores, seus haveres e os de outrem. Guerreiam de modo muito diferente do dos outros bárbaros, quais como os europeus: sabem, com efeito, dispor o exército em linha, manter-se debaixo de forma, entrincheirar os acampamentos, armar ciladas ao inimigo ou atacá-lo em campo raso.

*Descrição dos Valdivenses.*

O almirante Herckmann mandou por Elberto Crispim anunciar a Nassau os sucessos da expedição ao Chile, pedindo o que era necessário para se levar avante a emprêsa: armas, soldados e bastimentos. Crispim, seguindo a mesma derrota de Brauer pelo mar largo, sem avistar sequer a Ilha dos Estados, chegou ao Brasil e obteve fàcilmente do Conde que partisse uma nau de refôrço para Valdívia e outra para a Holanda, mensageira de tão impor-

*Herckmann anuncia a Nassau o sucesso.*

tantes fatos. Enquanto se prepara isto no Brasil e cento e trinta homens escolhidos nas companhias se dispõem a seguir viagem para Valdívia, aporta a Pernambuco a nau Orange, que chegara atrasada a Chiloé e não encontrara as demais naus. Dias depois, contra a expectativa geral, apresenta-se o almirante Herckmann com tôda a frota, pouco havia confôrto dos chilenos, sua futura libertadora e terror dos espanhóis. Deu ao Conde como razão da sua volta a míngua de mantimentos, a longa e dúbia expectação da próxima colheita, as promessas vãs dos chilenos de fornecer vitualhas, as murmurações dos soldados sôbre a ração diária da comida, suas ameaças e deserções, tendo sofrido a pena capital alguns que foram presos na fuga; os armamentos, a cavalaria e a infantaria dos espanhóis, que marchavam contra êle, e aos quais não era igual com poucos soldados. Nem todos receberam estas razões com o mesmo ânimo. E enquanto divergiam as opiniões, Herckmann adoecendo, atalhou com a morte os juízos alheios, e findou o curso da vida e do destino, acompanhando a Brauer numa sorte igual. A tal ponto é verdade ser vivíssimo para os mais felizes o sentimento da adversidade.

*Inesperadamente volta Herckmann para o Brasil.*

Antes de partir Crispim para o Brasil, era o nosso almirante visitado pelos principais dos chilenos, até mesmo por aqueles que viviam entre os espanhóis, e faziam-se estimar pela fidelidade e lhaneza do trato quotidiano. Disseram êles, e principalmente um tal de nome Manquiant (348), que havia espalhadas por aquelas terras as minas de ouro, que, cavadas por africanos, dariam cada dia cinco ou seis pesos de ouro e não com grande trabalho; que se abstinham delas para não armarem de novo a cobiça dos espanhóis contra as suas cervizes; que preferiam a pobreza a êsses perigos da vida e a falta das riquezas a bens que lhes causariam mal; que cuidavam de procurar o sustento do ano, não estendendo além dêsse tempo os seus desejos, afim de que o espanhol não intente incursões e não lhes arrebate o que granjearam, se tiverem fartura e se orgulharem com o atulhamento dos celeiros. Tinham ouro só para o seu uso e para o esplendor doméstico e para nada mais.

Certamente, com o importuno e ávido pedido de ouro, pareceu ou têrmos grande falta dêle ou desejarmos imoderadamente as cousas com que os mortais nos tornamos arrogantes e piores. E confessando a nossa sêde de ouro, pôde inspirar sus-

peita a nossa probidade, porque uma ambição imódica aconselha ao crime e aos atos piores até mesmo os que ainda não se habituaram ao mal.

*Carta de Herckmann ao Conde e ao Supremo Conselho.*

Não deixou Herckmann de inteirar da sua partida os chilenos, apresentando as seguintes razões : que não haviam cumprido as promessas, negando mantimento; que, preguiçosos e tímidos, não se importavam com ouro nem com minas, e que se esquivavam a comerciar com os nossos. Entretanto, depois de sair a frota da baía de Chiloé e ao entrar já em alto mar, para ela navegaram de tôda a parte os senhores dos lugares vizinhos, declarando que sentiam a partida dos holandeses, escusando-se com a escassez de mantimento entre os seus e prometendo tudo mais farto com a próxima colheita, reforços contra os espanhóis, ida às minas de ouro e outros consolos vãos para os que partiam. Aconselhavam-lhes que voltassem e, com fôrças e coragem novas, retomassem o que haviam começado; que levassem negros consigo para cavarem as minas e que êles chilenos não deixariam de valer aos holandeses, quando fizessem aquilo. Herckmann, porém, acautelado com o futuro, não quis expor os seus a um perigo iminente e fazer dêles, pela expectativa incerta da próxima colheita, o ludíbrio dos inimigos. Informou o Conde e o Supremo Conselho desta sua resolução nos seguintes têrmos :

"*Escreví, pouco há, o que até então havíamos feito na terra e no mar, qual a duração da viagem desde o Brasil, onde arribámos, quais os sentimentos e o ânimo dos naturais em relação a nós. Depois disso sobrevieram contratempos, porque os valdivenses frustraram-se a esperança de obtermos mantimentos, correndo a frota inteira e todos os estrangeiros que ali aportámos iminente risco. Vieram os principais dos chilenos, escoltados por numeroso bando dos seus, e significaram que já era a quadra própria para se fazer a plantação e que, se o céu a fecundasse, haviam de nos acudir à míngua e aliviar-nos a penúria. Lembrando-lhes as suas promessas, pedí-lhes que nos fornecessem víveres para as necessidades de um ou dois meses até serem trazidos com abastança da Holanda ou do Brasil. Disseram que não podiam senão depois de seis meses, mostrando-se difíceis, não sem simularem humanidade e benevolência. Respondi que a nossa provisão de mantimentos e a presente conjuntura não podiam sofrer tal demora e que não deviam estrangeiros, por uma esperança incerta de vitualhas, deter-se alí sem a certeza nem de socorros, nem de fidelida-*

*de, nem de comércio. Então um dos principais, venerável pela velhice, de nome Chemulen, falando pelos outros, começou a invectivar os labôres do ouro e da mineração e narrou, num discurso dramático, os infortúnios dos antepassados e as crueldades dos espanhóis, afirmando que, nos descendentes, tinha morrido não só o amor dos montes, das minas e o do ouro e o desejo de investigá-los, mas, também a lembrança de tais cousas. Deram-nos, porém, a esperança de nos fornecer gado para sustento de alguns dias, mas foram palavras vãs. Portanto, procurei informar-me rigorosamente de todos os nossos bastimentos, afim de que o tempo da nossa demora ali não excedesse a medida dêles. Com trincheiras e baterias mandei munir apressadamente os valos contra inimigos escobertos ou declarados. A soldadesca, queixosa da ração parca, teve de ser compelida a êsses trabalhos com palavras severas e ameaças. Não havia ocasião para devastações afim de se procurar alimento em outros lugares, porque ainda não era garantida para nós a posição do acampamento. Entrementes anunciaram os valdivenses, para aterrorizarem os nossos, que haviam chegado os espanhóis e ocupado Imperial, notícia que eram publicadas com o povo todo a ouvi-las, para que todos os aprestos do inimigo, verdadeiros ou fingidos, se tornassem bem conhecidos de cada um e nada ficasse secreto ou oculto. Ocorreu um fato vergonhoso: cincoenta dos nossos, fazendo uma conspiração, planeavam uma deserção, e ter-se-ia consumado o crime, se um prisioneiro castelhano, a quem tinham comunicado o seu projeto flagicioso, não o tivesse denunciado. Para escarmento foram sete condenados a ser fuzilados, intimidando-se os restantes para não pretenderem imitar semelhante loucura. Entre êsses discrimes e revezes, julguei preferível voltar sem concluir a emprêsa a insistir pertinazmente no que se começara e a lutar contra a fortuna adversa, cuja benignidade ninguém per si pode garantir".*

Acredita-se que nenhum motivo pesou tanto para Herckmann regressar para o Brasil como saber que os seus, em secretas conjurações, maquinavam a deserção de seu partido, temendo êle por isso dano certíssimo para os interêsses da Companhia.

***Sepultura de Brauer.***

Tal foi o fim de tão importante expedição e da vida de Brauer. Êste, nascido num hemisfério e sepultado em outro, entregou ao Ocidente as honestas riquezas que granjeara no Oriente, porque, nutrindo grandes esperanças no ouro do Chile e desconfiando dos réditos do Oriente, perdeu simultâneamente os

seus haveres e a sua indústria. A fortuna, com efeito, nunca favorece plenamente com os seus dons, querendo ser perpétua e como propriedade de um só. Os funerais de Brauer, realizados em Valdívia, entre nações estrangeiras sem a pompa que merecera como almirante, não deixaram de ser concorridos por causa de sua glória e da lembrança de seus feitos (349).

Revolvendo no espírito êstes exemplos modernos e alguns antigos, reparo nos ludíbrios das cousas humanas nos mais relevantes negócios. A esperança e o cálculo põem o fito em certos resultados, e a fortuna esconde outros.

Demorando-se os holandeses nas costas do Oceano Pacífico, no reino do Chile, já perdida a grande esperança de ouro que antes haviam concebido, enquanto vedam os fados levarem-se para a Holanda cousas mais preciosas, mandaram êles palavras e vocábulos vazios, abastecimento e lastro muito fáceis de obter, mas não invejáveis. Por curiosidade não de todo inútil, os nossos tomaram nota dêles e da sua significação.

Podem dar aos estudiosos das línguas ensejo de examinar se o idioma dos chilenos é primitivo, se oriundo de outros, e, a ser isto verdade, qual a língua a que deve mais, qual a que deve menos ou nada. Além disso poderão servir de nomenclatura e intérprete aos que por acaso fizerem a mesma viagem. Observo que, pela mescla e convivência com os espanhóis, insinuaram-se vozes de origem espanhola e latina, as quais provam que alí subsistem não só certas virtudes e vícios, mas também os seus nomes.

## VOCABULOS CHILENOS

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Tipanto* | ano | *Putcy* | anteontem |
| *Tien* | mês, lua | *Bachiante* | hoje |
| *Toninco* | semana | *Mintay* | agora |
| *Ante* | dia, sol | *Weitiva* | Então |
| *Paun* | noite | *Wantarulei* | Alta manhã, no fim da manhã |
| *Tabuyo* | tarde (subst.) | | |
| *Eppeun* | manhã | *Taptou* | tarde (adv.) |
| *Ranglante* | meio-dia | *Biliante* | sempre |
| *Urle* | amanhã | *Chumel* | quando |
| *Eppoê* | depois de amanhã | *Chem chuem* | como, assim como, tal qual |
| *Vya* | ontem | | |

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Hueno* | céu | *Chou* | pai |
| *Quereb* | ar, vento | *Nenque* | mãe |
| *Tomo* | nuvem | *Cheche* | avô |
| *Wangelen* | estrêlas | *Domo cheche* | avó |
| *Pilan* | trovão | *Weuco* | tio materno |
| *Gualio* | raio | *Mama* | tia materna |
| *Buta que quereb* | vento forte, tempestade | *Pelcuchau* | padrasto |
| | | *Caulla* | madrasta |
| *Maoni* | chuva | *Botum* | filho |
| *Pirén* | neve | *Neaque* | filha |
| *Verqumao* | orvalho | *Penu* | irmão |
| *Pilingei* | gêlo | *Lamoên* | irmã |
| *Quetal* | fogo | *Guempo* | sogro |
| *Kô* | água | *Vilca* | sogra |
| *Tue* | terra | *Choupo* | genro |
| *Mappo* | campo, solo | *Weuro* } *penco* | parente |
| *Pele* | gleba, cola, argila | *Wama* } *penco* | parente |
| *Cura* | pedra | *Cunewa* | menino |
| *Maviel* | madeira | *Buytha* | velho |
| *Aluven* | madeira de construção | *Cude* | velha |
| | | *Penienboe* | parteira |
| *Millia* | ouro | *Apô curaca* | governador |
| *Lien* | prata | *Curaca* | senhor |
| *Paila* | metal | *Apô* | generalíssimo |
| *Titi* | estanho | *Nentoque* | regedor |
| *Pavillue* | ferro | *Ulmen* | eminente, de primeira dignidade |
| *Qutal cura* | pederneira | | |
| *Chadi* | sal | *Pulmen* | nobre |
| *Lyl* | escôlho | *Leptoque* | imperador |
| *Milla mappu* | minério de ouro | *Machi* | médico |
| *Alyquen* | árvore | *Cona* | soldado |
| *Cahu* | erva | *Retave Caman* | ferreiro |
| *Nebo* | amêndoas, nozes | *Guito Woc* | tecelão |
| *Pino* | colmo, palha | *Challo acaman* | pescador |
| *Cairon* | feno | *Nilla cabôe* | mercador |
| *Wento* | homem, varão | *Turintawe* | tintureiro, |
| *Domo* | mulher | *Chumpiro caman* | barrete, chapéu |
| *Quidungen* | jovem | *Tultunça caman* | tocador de tambor |
| *Yecho* | mocinha | | |
| *Penien* | menino | *Nichetaniweni* | criado |
| *Domo penien* | menina | *Voêrquin* | mensageiro |

| | |
|---|---|
| *Langan Cheboe* | homicida |
| *Chuguiboê* | ladrão |
| *Illuiboe* | mendigo |
| *Alvee* | diabo |
| *Rucca* | casa |
| *Ullin* | porta |
| *Chaquana* | escada |
| *Pylca* | parede |
| *Wana ruca* | telhado |
| *Pithe ruca* | cabaninha |
| *Guetaltuange* | fogão, lar |
| *Lolcura* | comestíveis |
| *Cawijto* | leito, cama |
| *Deptuaruca* | cárcere |
| *Weltelve* | patíbulo |
| *Pengal* | sepulcro |
| *Louquen* | mar |
| *Levo* | rio |
| *Butawampo* | nau |
| *Pichuampo* | bote, batel |
| *Dolio* | canoa |
| *Wampo* | barca, escaler |
| *Aliwen* | mastro |
| *Mou* | cabos, cordas |
| *Vela* | vela |
| *Wyta* | remo |
| *Guetal* | fogo |
| *Tubquen* | cinza |
| *Cuju* | carvão |
| *Ale* | chama |
| *Aypel* | brasa, tição |
| *Lucaton Guetal* | acendalha |
| *Wietun* | fumo, fumaça |
| *Càtila* | candeia |
| *Wino* | faca |
| *Witi* | colher |
| *Guidi* | panela |
| *Paila* | bacia |
| *Lepôe* | vassoura |
| *Couwwe* | fusos |
| *Lepo boruwe* | palito |

| | |
|---|---|
| *Pavilla Lonco* | capacete |
| *Waiqui* | lança |
| *Pylqui* | seta |
| *Pulqui Tuboi* | arco |
| *Tultunca* | tambor |
| *Macane* | maça de ferro |
| *Cachal* | machadinha |
| *Wita* | enxada |
| *Juisue* | crivo, peneira |
| *Chilca* | carta |
| *Quido* | vestido |
| *Macum* | camisa |
| *Charawilla* | ceroulas |
| *Chompiro* | barrete, chapéu |
| *Tariwe loun* | faixa, diadema |
| *Icla* | vestido de mulher |
| *Domo Ruida* | túnica |
| *Couchon* | saco |
| *Congi* | alimento, comida |
| *Cobque* | pão |
| *Nul cobque* | miolo de pão |
| *Liquangue* | luz |
| *Dumingei* | trevas |
| *Oun* | bocadinho |
| *Quemeiquen* | doces, confeitos |
| *Medda* | polme, suco, papas |
| *Core* | caldo, ôlha |
| *Ilon* | carne |
| *Cuicha ilon* | carne de ovelha |
| *Wara ilon* | carne de vaca |
| *Cuchi ilon* | carne de porco |
| *Cuchi cham* | presunto, pernil |
| *Chaditues ilon* | carne salgada |
| *Caucan* | carne assada |
| *Avaun* | carne cozida |
| *Puytscha* | tripas, intestinos |
| *Curam* | ovo |
| *Quecuram* | gema de ovo |
| *Ly curam* | clara de ovo |
| *Iwÿn* | manteiga |

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Ylu* | leite | *Pilo* | surdo |
| *Puulco* | bebida | *Hilca* | que vê com um só ôlho |
| *Uino* | vinho | | |
| *Chiche* | cerveja chilena | *Topilgen* | zarolho |
| *Cutan* | doença, dor | *Topil* | coxo |
| *Aren cutan* | febre | *Jeca* | corvo |
| *Towongen* | cabeça | *Buica* | perú |
| *Lanco cultano* | dor de cabeça | *Guereo* | tordo |
| *Veno aren* | sarna, gafeira | *Tuco* | coruja |
| *Pituw* | sarna da cabeça | *Gogo* | cuco |
| *Albungien* | ferida | *Uullyn* | abelha |
| *Molbuen* | sangue | *Pulli* | môsca |
| *Touma* | cego | *Uulgn Muskÿ* | rainha das abelhas |
| *Cawinto* | banquete | | |
| *Colchou* | varíola, bexigas | *Petar* | piolho |
| *Wocubo* | fera | *Nerem* | pulga |
| *Pangi* | leão | *Piro* | verme |
| *Naguel* | tigre | *Culculla* | formiga |
| *Cavallô* | cavalo | *Cunincunin* | cigarra |
| *Cuchy* | porco | *Vilo* | cobra |
| *Michun* | novilho | *Bylcum* | lagarta |
| *Dewe* | rato | *Ponon* | sapo |
| *Waren* | arganaz | *Challua* | peixe |
| *Tuwe dewe* | toupeira | *Cawel* | delfim |
| *Tewa* | cão | *Jene* | baleia |
| *Pulpeo* | raposa | *Uouqui* | anchova |
| *Noquen* | ursa | *Vilo chalva* | enguia |
| *Lame* | foca | *Chadituel chalva* | peixes salgados |
| *Lemo cuchi* | javalí | *Anquen chalva* | " defumados |
| *Chumam* | veado | *Quin pilon* | ostra |
| *Puedo* | bode marinho | *Chapes* | mexilhões, mariscos |
| *Quelen* | cauda | | |
| *Chíliwequi* | ovelha chilena | *Melon* | caracol |
| *Zunem* | ave | *Coinoüw* | caranguejo |
| *Lyppe* | pena | *Quichiquinchio* | falcão |
| *Mepoi inem* | asa | *Manco* | águia |
| *Guelem inem* | veste de penas | *Choroi* | papagaio |
| *Dani inem* | ninho | *Poo* | ramo |
| *Achawal* | galinha | *Kempo mamel* | tronco |
| *Alchahawal* | galo | *Bope mamel* | lenho sêco |
| *Pylken* | adem | *Nebue* | avelã |

| | |
|---|---|
| *Nido Iwas* | videira |
| *Nidu* | estaca, haste |
| *Uaguen* | morango |
| *Couchouw* | groselha preta |
| *Litue* | cogumelos |
| *Cachu* | herva |
| *Pilun Proque* | tanchagem |
| *Calicai* | trevo |
| *Curi* | urtiga |
| *Pragyn* | flôres |
| *Manen* | semente |
| *Methen* | farinha |
| *Chiquelen* | farelo |
| *Gueli Uanca* | coral |
| *Kispy* | vidro |
| *Cudi* | mó de moinho |
| *Pel* | limo, grude, gluten |
| *Tassaquido* | tributo |
| *Quengu* | dote |
| *Dereno culÿn* | dívida |
| *Culÿn* | mercadorias |
| *Nillawÿn* | preço de resgate, resgate |
| *Aucantupain* | gracejos |
| *Quyn* | um |
| *Eppo* | dois |
| *Quila* | três |
| *Meli* | quatro |
| *Quechu* | cinco |
| *Cuyn* | seis |
| *Relgi* | sete |
| *Pura* | oito |
| *Aïlla* | nove |
| *Maripataco* | cem |
| *Warama* | mil |
| *Guiltui* | caroço |
| *Tapel* | fôlhas, frondes |
| *Nul* | casca, cortiça |
| *Aliquem* | árvore |
| *Wul* | raiz |

| | |
|---|---|
| *Juei pingeimi* | como te chamas? |
| *Juam pingen* | chamo-me João |
| *Cheo Ruaimi* | aonde vais? |
| *Moppo Muruam* | vou ao campo |
| *Cheo tui mi* | donde vens? |
| *Niro comotoun* | venho de casa |
| *Chumel quipa tual mi* | quando virás? |
| *Chumel Prutuai mi* | Quando irás? |
| *Ale prungi tam ruca* | Tua casa é muito longe? |
| *Picherungei* | E' perto |
| *Ale prungei* | E' mais longe |
| *Inchi quiparum camappumu* | Penso em outras regiões |
| *Chemnibla quiparui mi camappumu* | Por que pensas em outras regiões? |
| *Merelya tiva mappumu* | Nenhumas vitualhas há aquí. |
| *Aleibelaitwachi tipanto benibla ale geniepayn* | Este ano foi estéril, por isso temos falta. |
| *Cheo mappungen tamichau* | em que região vive teu pai? |
| *Alueiei* | o demônio levou |
| *Aieimi ruaju inchio* | Queres acompanhar? |
| *Aïlan* | não quero. |
| *Aien* | quero |
| *Chuben quecken neieimi tania* | tens que comer |
| *Cancan achawal neem* | Tenho galinhas assadas |
| *Mu wy* | quantos? quantas? |
| *Munalei enchintavia* | bastar-nos ão |
| *Chuben putuayn?* | onde beberemos? |

| | |
|---|---|
| *Aile mangun-meinis* | agradeço-te |
| *Chuben domo triva* | quem é esta mulher? |
| *Inchi tan Curí* | é minha espôsa |
| *Nî nave* | minha filha |
| *Ni domo* | minha concubina |
| *Ale teminigei vei domo* | é uma mulher bonita |
| *Quipangnei* | vem cá |
| *Amotunge* | vai-te |
| *Umatuaygn* | vamos deitar |
| *Utajuca* | ergamo-nos |
| *Wira Cuchay Compay tam mapumu* | os espanhóis invadiram estas terras |
| *Quipa waicha laimi* | queres lutar juntamente? |
| *Waiquinagelan* | careço de armas |
| *Ina ên peain Waiqui* | Segue-me, apoderar-nos-emos das armas |
| *Ali teum inche* | estou contente |
| *Pelli* | alma |
| *Calel* | corpo |
| *Lai calel* | cadáver |
| *Vên* | carne |
| *Molvin* | sangue |
| *Boro* | perna |
| *Telqui* | pele |
| *Uen* | nervo |
| *Uen moluin* | veia |
| *Lonco* | cabeça |
| *Tol* | fronte |
| *Lenglen* | crânio |
| *Lonco* | cabelos |
| *Teren lonco* | cabelos brancos |
| *Lolo* | cérebro |
| *Angen* | rosto, semblante |
| *Taun* | faces |
| *Ne* | olhos |

| | |
|---|---|
| *Tacune* | membros |
| *Denen* | sobrancelhas |
| *Ua Wingne* | cílios, pestanas |
| *Ju* | nariz |
| *Peloju* | narinas |
| *Merum* | monco |
| *Pilum* | orelhas |
| *Oun* | bôca |
| *Adem* | suor |
| *Quewen* | lingua |
| *Melbue* | lábios |
| *Boru* | dentes |
| *Ilga* | dente molar |
| *Bida bida* | palato |
| *Coun* | cuspo |
| *Rulmewe* | garganta |
| *Neên* | espírito |
| *Quette* | mento, queixo |
| *Paiun* | barba |
| *Pylco* | pescoço |
| | cerviz, cachaço |
| *Lipan* | ombro |
| *Puilpa* | braço |
| *Cue* | mão |
| *Mancue* | mão direita |
| *Wele cue* | mão esquerda |
| *Puley cue* | palma da mão |
| *Changelcue* | dedos |
| *Buta changel* | polegar |
| *Wili* | unhas |
| *Zevo* | peito |
| *Moju* | maminha |
| *Pue* | ventre |
| *Weddo* | umbigo |
| *Cadi* | costelas |
| *Buri* | dorso |
| *Anca* | lombos |
| *Quichio* | nádegas |
| *Penem* | penis |
| *Collu* | testículos |

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Metu* | partes pudendas da mulher | *Alengei* | demasiado |
| | | *Munálai* | muito pouco |
| *Chan* | coxas | *Chemibla* | por quê ? |
| *Lucu* | joelho | *Ueinibla* | por isso ? |
| *Wethuntoy* | panturrilha | *Uei mai* | seja (sê) |
| *Toy* | canela | *Wei* | êste, aquele |
| *Hemum* | pernas | *Temunei* | bonito |
| *Namon* | pés | *Waranei* | feio, disforme |
| *Changil Namen* | artelhos | *Newonei* | forte |
| *Prencoy Namen* | calcanhar | *Leptungei* | célere, ligeiro |
| *Puley Namen* | planta do pé | *Chouwo* | preguiçoso |
| *Piuque* | coração | *Alilonconei* | muito sábio |
| *Wocum* | pulmão | *Wentannei* | grave |
| *Que* | estômago | *Queunei* | soberbo |
| *Curique* | fígado | *Culenei* | rico |
| *Uecaque* | baço | *Cunewal* | pobre |
| *Quelche* | intestinos | *Toucu* | tolo |
| *Villin* | bexiga, urina | *Molgei* | nu |
| *Mee* | excremento | *Ilungei* | vestido |
| *Perquen* | traque | *Queten* | estreito |
| *Nomoy* | fedor | *Anquen* | sêco |
| *Pelengsley* | aranha | *Prequin* | avarento |
| *Inche* | eu | *Prequiboe* | liberal |
| *Eimi* | tu | *Buta* | grande |
| *Tubei* | êle | *Pichi* | pequeno |
| *Inchen* | nós | *Montingei* | gordo |
| *Tecengen eimen* | vós | *Tou Tau* | magro |
| *Liengen* | êles | *Pettun* | côr |
| *Emma* | assim, sim | *Queli* | vermelho |
| *Muh* | não | *Calbu* | azul |
| *Pichumei* | perto | *Carel* | verde |
| *Alerungei* | longe | *Choot* | louro |
| *Taymen* | contra | *Curi* | negro |
| *Woecun* | fora | *Lye* | branco |
| *Compay* | dentro | *Nilla caju* | trocar |
| *Pulon* | em baixo | *Illuwyn* | dar |
| *Wono* | em cima | *Tuignei* | estar alegre |
| *Buri* | depois, atrás | *Umatum* | dormir |
| *Junengen* | antes, adiante | *Limen* | despertar |
| *Quelleb* | junto, ao pé | *Tangnune* | quebrar, |
| *Munai* | bastante, assaz | *Bemgne* | ajuntar, amontoar |

| | | | |
|---|---|---|---|
| *Playn* | achar, encontrar | *Cudepain* | brincar, folgar |
| *Uangen byn* | perder | *Quequatum* | advogar (uma causa) |
| *Necul* | correr | *Locatum* | litigar |
| *Amon* | ir | *Langawÿn* | matar |
| *Utalenge* | estar, estar em pé | *Mecowÿn* | carregar |
| *Wi-wÿn* | ser | *Chuquin* | furtar |
| *Chuheleyn* | jazer | *Gualluluene* | entregar |
| *Tecanen* | dançar | *Peltenei* | pagar |
| *Padenatum* | cair | *Lay* | morrer |
| *Utalenen* | levantar | *Rengalgei* | sepultar |
| *Auinge* | sentar, estar sentado | *Quedau Capay* | trabalhar |
| *Dimgune* | falar | *Intunge Milla* | extrair ouro |
| *Temelenge* | calar | *Nilla Teubÿn* | vender |
| *Puronge* | cantar | *Nilla vin* | comprar |
| *Pÿlcunge* | clamar, gritar | *Chu pipai mi* | que dizes ? |
| *Quipay* | vir | *Quimla Wi tami piel* | não sei o que dizes |
| *Ien* | comer | *Chu pipaimi* | que fazes ? |
| *Butun* | beber | *Chumpaila* | nada |
| *Mepai* | evacuar | | |
| *Willan* | urinar | | |

Quando nós batavos lemos e falamos estas palavras, recebidas de uma gente ultramarina e de nós separada por todo um oceano e por zonas inteiras, não é manifesto que os inquietos mortais, à semelhança da esfera celeste, são arrastados para o Oriente, para o Meio-dia, para o Ocidente, para o Setentrião, afim de visitarem uns e serem por outros visitados, afim de se deslocarem ou serem deslocados ?

Os atenienses foram outrora à Ásia, e no meio das regiões dos bárbaros viram-se cidades gregas, entre os persas e os indos ouviu-se a língua da Macedônia. Passaram os gregos à Itália, os tírios à África, os cartagineses à Espanha. Os Pireneus não impediram a passagem dos germanos, nem os Alpes as dos gauleses. A curiosidade humana rompe por lugares ínvios e incógnitos, e os homens conduzem através dêles os filhos, as espôsas, as mercadorias, seja porque o excesso da população faça sair colonos, seja porque a fama de um país fértil e muito gabado ou a esperança de lucro ou de ouro atraiam os que dêle estão distantes. Todos os dias no vasto orbe muda-se alguma cousa : aquí edificamos novas cidades, em outra parte destruímos as antigas ; aprendemos novos nomes de nações ou nos esquecemos dos an-

tigos ; com os próprios homens transportamos as línguas de mundo em mundo. Fomos ter ao Chile, região situada longe, porque a julgávamos rica de ouro. Durante muito tempo, desejou-se aquela terra bárbara para que ela, com liberal mão, desse ouro aos que não são bárbaros e às nações para as quais é grande barbárie nada possuírem. Assim, não é de admirar que o ouro tivesse sido chamado barbárico por Marão (350), porque sói pedir-se aos bárbaros. A expectativa inútil dêle no Chile foi uma das causas da pobreza pública da Companhia e da pobreza privada de Brauer.

*Rebelião do Ceará.*

Depois da expedição do Chile, soube Nassau que estalara no Ceará nova revolta. Bandos de brasileiros, chamados à guerra, tinham tomado ardilosamente o forte ocupado pelos holandeses e o arrasaram, trucindando o governador Gedeão Morritz, todos os soldados da guarnição e até os trabalhadores estabelecidos não longe dêle, nas salinas do Upanema. A mesma sorte estava reservada para o comissário do Maranhão. Ignorando o que alí havia acontecido, arribou àquele lugar infeliz para recensear os soldados e caíu nas mãos dos rebeldes, perecendo com todos os seus de morte semelhante. Além disso, como se achasse em reparos no pôrto do Ceará um dos nossos patachos, desembarcaram num barco o patrão do navio, um capitão, um tenente e alguns soldados rasos, os quais os cearenses, encobrindo o ódio com blandícias, mataram sem êles o esperarem. Evadiram-se três marinheiros que se haviam escondido no mato e viram o forte derribado e os seus entulhos. Não eram, porém, os maranhenses, se bem próximos e limítrofes, considerados instigadores desta nefária sedição : imputava-se a culpa da mesma à ferocidade e à dominação assaz dura dos nossos contra os súditos. Nada exaspera mais um povo já irritado do que sofrer opressão. Assemelha-se às feras, que, presas em laços muito apertados, se assanham e, contidas em liames mais frouxos, se aquietam.

*JANEIRO DE 1644. Os Palmares grandes são assaltados pelos nossos.*

Fez-se mais atrás menção dos Palmares. A expedição contra êles, que, pouco havia, fôra impedida, obtendo agora algum efeito, arruïnou os Palmares grandes, onde salteadores, que compravam o ócio com latrocínios e roubos, tinham o seu valhacouto e refúgio. O chefe da entrepresa foi Rodolfo Baro, de ânimo audaz e destemido, o qual, reünindo cem tapuias às suas demais fôrças e preparando-se para devastar e saquear os Palmares pequenos, caiu sôbre os grandes e destruiu-os a ferro e fogo. Tombaram cem negros e um dos nossos logo no início do ataque, fi-

cando quatro feridos. Levaram-se prisioneiros trinta e um, entre os quais sete índios e alguns mulatos de menor idade. Defendiam-se êstes salteadores com uma tranqueira dupla, dentro da qual cabiam mil famílias, além das cafuas dos solteiros. Em tôrno, estendiam-se canaviais, mas, exceção feita do grande número de galinhas, não se observava abundância de nenhuns outros animais. Nada lhes refreia a cobiça de presa, e resistem com uma alimentação escassa e simples, indiferentes, como os de Angola, a quaisquer alfaias e elegâncias.

*1.º de outubro de 1643.*

Chegamos ao momento em que Nassau se decidira a voltar para a Europa, obtida finalmente dos Estados Gerais e dos diretores da Companhia a licença de regressar. Para tal fim enviou êle, no ano anterior, a todos os governadores das províncias do Brasil cartas escritas mais ou menos nestes têrmos : "*Em outros assuntos talvez seja conveniente que eu fale convosco e exponha oralmente o meu sentir a respeito da república. No presente negócio é preferível que eu fale distante de vós. Depois de reiteradas solicitações minhas, de vós conhecidas, enfim consegui dos Estados Gerais, de meu primo Príncipe de Orange e dos diretores da Companhia a minha exoneração e a licença de tornar para a Holanda, a cujos serviços há muito dediquei de coração. Em tôda a parte, lembrar-me-ei do que fiz convosco e vós comigo para o bem público, e jamais me pesará de vos ter tido para colaboradores. O serviço que puder eu prestar a todos em geral e a cada um em particular, julgai-o feito. Reconheço-vos por meus coadjuvadores nas minhas maiores obras, e, assim como antes vos chamei para vos associardes aos meus labôres, assim também quero participeis das minhas honras e dos meus méritos. Reparto convosco os agradecimentos que me rendem os Estados Gerais, e, côncio da fidelidade e diligência de todos vós, não quero ser louvado sòzinho. Sem vós não teria eu podido o que pude e convosco, fui aonde se vai de comum acôrdo: sòzinho poderia errar, mas todos não poderíamos. Em partindo para a Pátria, quero que sejais testemunhas do meu govêrno e que vos lembreis da minha afeição para convosco*".

Todos responderam a esta carta quasi no mesmo sentido : "*Nada lhes poderia causar maior pesar e reputar-se mais nocivo à República do que a partida do Conde. Na paz ou na guerra, precisava ela do tino e do auxílio de chefe e defensor tal qual só êle era. Com o afastamento de tão grande governador, eram de recear entre indivíduos diversos de condição sentimentos facciosos,*

*e entre os da mesma condição sentimentos de rivalidade, cousas que na sua presença eram contidas pela eminência de suas virtudes. Merecera o Conde dos seus muita estima pelo seu amor da clemência, justiça e humanidade. Era também o terror dos inimigos pela fama do seu valor, da sua ciência militar e da sua felicidade. Não era a lisonja que dizia aquilo, mas as cidades vencidas, as províncias subjugadas, os adversários destroçados e afugentados, os lares e os altares defendidos e, o que era mais digno de louvor, a paz alcançada. Quem negasse isto estaria procurando encobrir o sol e procederia contra a própria conciência. Seria supérfluo recomendar a quem domara o ânimo dos inimigos, que lhe proclamavam a virtude. Obrigara a República e a todos os ligados à Companhia por tais benefícios que não os poderiam retribuir iguais".* O Senado da câmara de Pernambuco e os diretores de Serinhaém, Pôrto Calvo, Iguaraçú, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande escreveram isto ao Conde, autenticando as cartas em que davam os seus testemunhos públicos com o sêlo de cada província (351). Por sua vez os judeus espalhados por tôdas as províncias enalteceram também a Nassau em palavras honrosas e em cartas a êle dirigidas, agradecendo ao seu governador a moderação e prudência com que se houve no govêrno e o piedoso zêlo que mostrou quanto aos interêsses e à religião da gente dêles e outras cousas.

Não pôde, porém, o Conde partir naquele momento, a despeito de haverem os diretores da Companhia marcado a primavera para o regresso, porque ainda não conhecia o pensamento dos Estados Gerais sôbre êsse ponto.

Antes já lhe haviam escrito os referidos diretores que reduzisse as fôrças militares a dezoito companhias e que suprimisse para os ministros da justiça e do culto os emolumentos de casa e mesa. Esta medida suscitara não leves protestos, pois contra aquelas ordens se insurgiam as necessidades da subsistência, que não se podem reduzir a ponto de não permitirem a vida. Em carta representou o Conde, outra vez, aos Estados Gerais a respeito destas cousas, o que já muito antes fizera por intermédio do seu emissário Tollner, julgando que eram ordenadas com menos prudência. Obtemperou que os administradores da justiça renunciavam o cargo, tomando por afronta aquela supressão do sustento; que ainda mesmo os mais moderados dispunham-se a retirar-se com dissimulada amargura; que êle Nassau ia ficar privado de amigos, que são os instrumentos da governança; que todos

*Carta do Conde aos Estados Gerais.*

estavam prontos para bem servirem a Companhia, mas não podiam sofrer o menospreço que se lhes mostrava; que uns declaravam abertamente a ofensa a êles feita, enquanto outros a velavam no semblante para se vingarem depois. Sugeria, portanto, que se lhes permitisse gozar daquela antiga vantagem do sustento, no que êle já tinha consentido para não perigar a salvação pública. A esta muitíssimo importava não se reduzir a tal escassez o número de militares. Não poderia defender com tão módico presídio terras que se estendem a algumas centenas de léguas, nem guarnecer tantas fortalezas, cidades e portos. Havia um armistício, mas pouco seguro: os portugueses velavam, sob mostras de amizade, os antigos ódios contra nós; espiavam as ocasiões e, achando instigadores, praticariam os seus criminosos desígnios. Gloriavam-se de já terem um rei nacional e se indignavam, com a maior veemência, contra a opresão da liberdade religiosa, em oposição com o que se havia prometido. Execravam os nossos tributos e impostos, assim como a permissão concedida aos judeus para celebrarem o seu culto. Nassau manifestava ainda o desejo de que os Estados Gerais considerassem que os portugueses estavam obrigados à Companhia por vultosos débitos de comprar de engenhos, avaliados em 5.900.000 florins, e dêles quasi não se poderiam libertar senão convulsionando a República. Assim, estariam mais seguros no meio dos nossos perigos, esperando riquezas e honras de uma situação duvidosa e túrbida. Preferiam ser esmagados na ruína pública a sê-lo na individual, dando menos na vista, se perecessem com muitos. Além disso, odiavam os costumes, a língua, as leis, a religião dos holandeses, sem haver esperança de medrar entre uns e outros uma paz sólida. Portanto, pensava o Conde que os portugueses deveriam ser contidos pelo terror, e êste dependia das armas e de guarnições mais poderosas, vínculos em verdade descaridosos, mas necessários. Revelou aos mesmos Estados Gerais que os portuguêses do Brasil, como se fôssem vassalos do rei de Portugal, lhe haviam mandado uma carta, lamentando que não tivessem ocasião de lhe demonstrar, a exemplo de outras províncias, a sua fidelidade e obediência; que gradativamente eram privados do exercício do seu culto, e que não podiam admirar-se de não ter sido feita por D. Tristão de Mendonça, no tratado das tréguas, referência alguma sôbre liberdade religiosa. Acrescentava o Conde que reputava censurável e digno de castigo o dirigirem-se os portugueses do Brasil, súditos da Holanda, a um rei do ultramar.

O historiador tem liberdade de lembrar, neste ponto da narração, fatos ocorridos anteriormente. Pouco antes também, os diretores da Companhia, queixando-se das aperturas do erário, haviam tido uma questão com o Conde relativa às despesas da sua côrte. Não é infreqüente suspeitar-se das excessivas riquezas dos governantes, porque amiúde abusam do poder, sacrificando a liberdade pública. Isto, em verdade, contrariou a Nassau, atento em ajuntar apenas as raspas do dinheiro. De modo algum, porém, impediu que êle desempenhasse o serviço público com a mesma atividade e bom humor de antes. E porque esta contenda parecia pouco digna dos ânimos generosos de casa tão ilustre, achando-se que os diretores podiam ocupar-se com assuntos mais graves, acomodou-se sem maior tumulto e ofensa.

*O Conde transmite o govêrno. Supremo Conselho*

Para não vacilar a República com a partida de Nassau, os diretores da Companhia entregaram o govêrno ao Supremo Conselho do Brasil. Depois que o Conde lhe transmitiu o poder, mandou-se comunicar isto a tôdas as províncias para constar aos oficiais militares e às autoridades civís a quem de futuro teriam os súditos de prestar obediência. Por decisão do Conselho assumiu o comando geral do exército Henrique van Haus, capitão da guarda do Conde, homem dotado das virtudes exigidas para um general. Êle já tinha servido em diversas províncias, robusto de corpo e de engenho, cauteloso, ponderado e perito na arte militar.

*Criteriosa norma de govêrno do Brasil deixada pelo Conde ao Conselho.*

Distribuída e organizada a milícia, Nassau transmitiu também aos conselheiros, a pedido dêles, uma norma do que cumpria fazer, e desta forma aquele a quem tinham visto governando pessoalmente e com sabedoria, êsse mesmo, ausente, continuaria no futuro a guiá-los com os seus conselhos, e com o mesmo espírito com o qual êle animara o grande corpo do Brasil, com êsse mesmo espírito êles o sustentariam. Revolvendo, portanto, no ânimo o conjunto da governança e examinando sensatamente cada uma de suas partes, estabeleceu o seguinte, desempenhando-se da sua incumbência, não como quem ordenava inflexìvelmente, mas como qùem aconselhava cautamente para não aguardar o inimigo o desatino de sua gente, se errassem alguma vez por imprudência os governantes :

*Como haver-se com os soldados.*

"Tereis de governar, disse êle, três classes de homens, assim portugueses como holandeses : militares, comerciantes e cidadãos em geral. É' também tríplice a divisão do govêrno : civil, eclesiástico e militar. Quanto a êste, aplicai-vos a que os soldados, propensos ao pior, julguem bem de vós : obedeçam-vos es-

pontâneamente como a dignos de obediência e não sejam forçados a esta por homens indignos de ser obedecidos. Com o desejo das virtudes, suprí a veneração que não podeis obter pelo brilho de vossa família ou pelo fulgor de vossa linhagem, se bem sois de nascimento honrado, afim de merecerdes o favor dos soldados, que se ganha mal com a largueza e a indulgência. Atendei-lhes prontamente aos pedidos, evitando delongas, para que não se agastem, impacientes, com inútil demora, e não maquinem depois, em conciliábulos, traïções, deserções ou violências contra os cidadãos, o que no Brasil é comum e fácil de acontecer, por causa da vizinhança dos inimigos, das quadrilhas de ladrões e dos esconderijos dos criminosos. Tende conta em pagar os soldos mormente os dos comandantes : nada provoca tanto a desobediência dos soldados ou lhes impõe a necessidade de delinqüir, quanto a penúria. Sem músculos não andam os homens, nem teem êles resistência para a guerra sem dinheiro e sem mantimento : com estas duas cousas são eficazes as armas, as quais a miséria torna sem vigor. Dei a maior atenção a êste mal, tanto mais quanto vários se inquietam pouco com êle. Na punição dos militares aconselharia mais a severidade que a clemência. Vivem no meio da barbárie, onde os vícios não teem medida, e pelo trato quotidiano com os bárbaros peca-se pelo exemplo, e, por mais belos que julguem os nomes das virtudes, são muitos os que, entre selvagens, se descuidam da própria honestidade. E' verdade antiga que a impunidade é negaça para o pecado, e que os maus se corrigem com o castigo e o temor. Descansareis de puní-los, se êles descansarem das faltas : estas serão mais raras, se eliminardes a indigência, causa de se insurgirem êles contra vós. Recomendarei para com os comandantes benignidade, polidez e afabilidade, contanto que isto não diminua a autoridade. E' raríssimo serem respeitados os superiores por aqueles com os quais tenham vivido mais familiarmente. Acreditai num experimentado : os chefes de estado devem ser pouco acatados e até perderão valia, com a sua contínua presença e conversação. Alheios de qualquer ódio ou favor, conferí aos mais merecedores os prêmios dos postos militares. Guardai igualdade em relação àqueles que na guerra são iguais em bravura e fidelidade : se sofrerem injustiça, tentarão as piores cousas. E' sinal de estar corrompidíssima uma república, se nela são venais as honras militares ou se, por intercessão de amigos, são para elas preferidos os inidôneos. Quan-

*Com os comandantes.*

do se dá aos valorosos a devida recompensa, tornam-se mais valorosos, e crescem a fidelidade, a dedicação, a obediência, e, no caso contrário, langüecem e se extinguem estas poderosíssimas virtudes. Diligenciai sèriamente que os soldados não molestem aos colonos e lavrador. E' êste um mal familiar ao Brasil, resultante da penúria quotidiana do sustento, e daí a contumácia, a desdenhosa recusa de obediência, a violência, os agravos contra os súditos. Onde não há disto, êles toleram com paciência os encargos que se lhes impõem, ainda que pesados. E os senhores de engenho receiam êstes males mais em tempo de paz que de guerra : esta aconselha o trabalho, aquela a ociosidade, e da ociosidade nasce a intemperança e a petulância. Penso que se devem atar a nós, com agrados e promessas liberais, e reservar-se para conversações mais secretas uns tantos portugueses, que merecem dos seus firme confiança, afim de conhecerdes as fôrças e maquinações dos inimigos. Devem êsses tais simular ódio à nossa gente e dissimular o seu amor a ela para gozarem de crédito. Os mais capazes dêsses artifícios são os eclesiásticos, porque, senhores de todos os segredos, seu ministério sagrado os põe acima de qualquer suspeita. Não se deve tão pouco acreditar fàcilmente em populares que não teem critério nem verdade : julgam e anunciam quasi tudo segundo opinião preconcebida, misturando o falso e o duvidoso com o verdadeiro, por precipitação e temeridade, conforme o sentimento que os domina. Não possuindo riquezas, invejam aos ricos, odeiam tudo quanto é antigo e buscam novidades, desejosos de mudar tudo, premidos pela estreiteza do seu patrimônio. Além disso, para agradarem aos mais poderosos, rejubilam-se, por um mau sentimento, com os perigos e danos alheios. Assim, dão por averiguado o que ouvem e enganam os crédulos com exagerar tudo. Esperai narrações e denúncias verídicas e sérias dos mais distintos, nem há mister muitos delatores, mas apenas um ou dois de boa fama e merecedores de maior fé. Devem receber-se tais delações com cautela, sendo bastante saberem-nas os governadores para não ser nocivo o ignorarem-nas. De modo algum desejaria que se levassem tais cousas às outras Câmaras, não só pelas discussões freqüentes e longas que suscitam, mas também porque, entre diversos, elas se divulgam. Conformai-vos com que incumba sòmente a vós o investigá-las. Habituei-me a proceder assim com ótimo resulta-

*Com os colonos.*

*Com os portugueses.*

*Como receber as denúncias.*

do. Tende por suspeita a credibilidade dos trânsfugas: gostam de falar ao paladar dos comandantes. Não recomendo muito as torturas: com elas extorquireis tanto verdades como falsidades, e não sòmente sujeitareis inocentes à suspeita, mas também os perdereis.

*Não convém dar crédito aos trânsfugas. Como aplicar as torturas.*

Cumpre revistarem-se mais amiúde as fortalezas que defendem todo o Brasil, para que, arruïnando-se pela inércia, não fiquem expostas às ciladas dos inimigos. Provei-as de mantimentos, armas, guarnições para que possam sustentar a demora de um cêrco. E quando os seus fossos ficam secos em razão do solo arenoso e são por isso protegidos de estacadas, deve-se velar sempre não atraiam estas o inimigo por se acharem abertas e estragadas pelo tempo.

*Cumpre munir as fortalezas.*

É de alta importância que o parque de Friburgo e os viveiros de peixes a êle adjacentes sejam vossos e permaneçam em vosso poder, porque, em ocasiões muito difíceis, são vantajosos aos nossos para o abastecimento de água, a qual, rebentando guerras, buscareis não sem grande risco em outras partes. Examinai também se não será útil fortificardes com um reduto a ponte da Boa-Vista, na margem de lá, afim de não se franquear um caminho seguro para Várzea. Não é menos importante defender-se a ponte que liga o Recife com a ilha de Antônio Vaz, não só em atenção à utilidade dos que vão e veem diàriamente por ela e do rendimento dos direitos que se cobram por isso, mas também para que, comunicando-se entre si a ilha e o Recife, prestem-se mùtuamente um como auxílio suplementar, se alguma vez apertar a necessidade da guerra. Aprendemos por experiência, quando ainda não se havia lançado a ponte, que o Recife quasi sucumbiu por falta de socorros, varando na areia e nos mangues, durante o refluxo, as embarcações que conduziam as fôrças auxiliares. Convém ainda ter-se diligentemente em conta a mata de corte e os campos que se estendem na margem citerior do rio, entre o forte do Brum e o das Cinco Pontas, visto como dêste lado é o Recife exposto a ciladas, já tendo sido várias vezes atacado com estratagemas.

*Deve-se garantir a Boa-Vista com um reduto, assim como a ponte que liga a ilha de Antônio Vaz com o Recife.*

Não aconselho que se moleste sem razão o governador da Baía de Todos os Santos, nem que, estando êle em paz, se lhe deem ocasiões de guerra. A nação lusitana deseja muito seja êle tratado cortêsmente. Não ignorais a quantos danos e calamidades estão sujeitas as nossas possessões, quanto lhe é fácil

espalhar batalhões de soldados em nosso território e excitar, à sua vontade, a ferocidade e as armas dos indígenas.

*Como tratar os portugueses traidores.*

É a severidade o remédio mais eficaz contra os portugueses convencidos de rebelião e além disso cúmplices de crimes atrozes: pela experiência se tornou manifesto que nestes casos ela é preferível à misericórdia e que é mais salutar não quebrá-la por nenhuma indulgência. Se os delitos permitirem pena mais branda, tenha lugar a clemência, e contentai-vos com o castigo mais leve ou com o arrependimento do inculpado. Gosto de que se temperem estas virtudes umas com as outras, e, assim como não é possível cederem só à clemência tôdas as outras virtudes — a prudência, a justiça, o amor dos súditos e dos semelhantes —, assim também seria tirânico e de suma imprudência nunca ceder a severidade à clemência.

*Não convém exacerbar os portugueses.*

É pernicioso à nossa gente exacerbar os portugueses com injúrias e contumélias. Deve ter-se o mais diligente cuidado em que isto não se verifique, principalmente por parte dos soldados. Se tal acontecer, periclita a república, e não será fácil reprimir uma sedição promovida por desesperados, porque êles julgam o desprêzo dos perigos e a ousadia o remédio dos males presentes. Não reputeis colocada nos castelos e fortificações a cidadela da dominação, mas sim onde habita a coragem, nem penseis que a verdadeira grandeza e potência dos reinos se mede pela sua extensão e latifúndios, mas sim pela fidelidade, benevolência e respeito dos súditos. Não quero amontoar razões para provar isto, pois fomos ensinados, pelos recentes exemplos da África, do Maranhão e do Ceará, que não é diuturno um poderio odiado. Olhai também que não seja permitido a todos indistintamente o porte de armas. Eu o permití, mediante autorização por mim assinada, aos holandeses, a alguns franceses e ingleses, aos que teem de freqüentar o campo para cobrar as suas dívidas, e bem assim aos portugueses que habitam em moradas esparsas e insuladas e teem de lutar não sòmente com os ladrões e salteadores, mas também com a ferocidade de animais bravios e das onças. É realmente cousa perigosa que um povo, divergindo de outro nos costumes, nacionalidade, religião, prevaleça nas armas e se torne temível. É razoável tirar as fôrças a um povo hostil, que nos havia de castigar de modo pior, se pudesse.

*Não deve ser permitido a qualquer um o uso de armas.*

Passando a tratar de assuntos civís, seria útil que tantas e tão várias petições não fôssem despachadas pelo Conselho todo, em vista do grande número delas e da demora das deliberações.

Aconselharia, porém, que se escolhessem uns poucos para decidirem as causas menos importantes, afim de que não suportem todos o ódio suscitado pelas decisões.

Tratando-se mais brandamente os portugueses, obedecem fàcilmente; mas se forem tratados mais duramente, serão refractários e semelhantes a cobras no meio de nós. Mais de uma vez observei que os anima e contenta mais o mostrar-se-lhes honrosa estima do que a esperança de riqueza.

*Índole dos portugueses. Não se deve dar crédito fácil aos holandeses que contra êles depõem.*

Acreditai com reserva nos depoïmentos de holandeses contra êles, porque os odeiam e por isso hão de querer-lhes a perdição, e sobretudo nos depoïmentos dos militares, os quais, indignando-se de serem pobres, e de serem ricos os portugueses, desejam que os mais opulentos sejam condenados para fazerem êles presa.

É incrível o poder que tem nos ouvidos do vulgo para provocar tumultos a palavra áspera — tributos. Se os impostos são velhos e recebidos, não os aumenteis, nem mesmo quando se exigem para resgatar uma dívida pública. Não imponhais também novos tributos às províncias: êles perturbam a paz dos súditos mais pela cobiça dos exatores do que pela relutância daqueles em obedecer. Se forem de todo necessários, degustai apenas, mas não devoreis as riquezas; tosquiai, mas não esfoleis êste rebanho, porquanto êle é dotado de razão, e com estas demasias se torna turbulento e feroz. Quando se inflama, despreza varões gravíssimos pelo patriotismo e serviços, e aterroriza aqueles a quem deveria temer. Não deixeis sair numerário das províncias, nem transportar-se por mar para outras partes: sem êle são fracos o mercador e o soldado. Necessitam de reforma os negócios forenses e os juízos inferiores. E' preciso refrear a ganância dos advogados, procuradores, tabeliães, escreventes, leguleios e meirinhos, mal a que se deve pôr côbro, assim como às procrastinações das demandas. Cumpre obedecer religiosamente às decisões dos diretores da Companhia, até onde convier serem elas observadas. Quando, porém, parecem prejudiciais por haverem mudado as circunstâncias, preferiria eu não observá-las. Em geral, a grande distância dos lugares e a incerteza dos acontecimentos fazem que no Brasil sejam tidas por inconvenientes providências que pareciam vantajosas na Holanda, e desta sorte se executariam aqui imprudentemente cousas prudentemente resolvidas noutra parte. Sempre que tiverdes negócios com a nossa gente, não lhe toqueis nos bens, como se fôssem cousas sagradas. São homens tais que preferem sofrer dano na vida a sofrê-la na fazenda: esta é para

*Como exigir os tributos*

*Atos forenses.*

*Como haver-se com os holandeses.*

êles mais cara que a menina dos olhos. Depois de perderem, por ofendidos, o respeito, odeiam hostilmente aos que tinham acatado servilmente. E porque são compatriotas dos governadores, julgam assaz iníquo sujeitá-los às mesmas leis a que se sujeitam os outros. Nada execram tanto os portugueses quanto as extorsões quotidianas dos escultetos nas províncias, praticadas sob color de direito, e com as quais esfolam o povo além da contribuïção devida. O remédio para isso será abolirem-se as penas dos delitos leves e várias leis, salvas aquelas com as quais se reprimem os crimes graves. Privados, assim, êstes grilos e sanguessugas dos nomes de tantas multas, se escravizariam menos ao seu ganho ou satisfariam menos a sua insaciável cobiça. Além disso, conviria entregar estas funções sòmente aos mais conceituados, afastando-se delas os ladrões, que como Geriões (352), vão arrebatar o alheio com seis mãos. E' do interêsse público punirem-se com o maior rigor os duelos e os homicídios deliberados, sem se ter em conta a condição das pessoas. Não são, porém, de punir aqueles que são imperados por uma ira cega ou uma justa dor.

*Extorsões dos escultetos nas províncias.*

Cobrai escrupulosamente o dinheiro devido à Companhia. São tenazes as mãos dos mercadores, e mais depressa arrancarieis a clava a Hércules do que o dinheiro a êles. Consideram lucros tôdas as moratórias que obtiverem. Além disso, elevam os seus cabedais ao triplo ou ao quádruplo com os bens a êles confiados pela Companhia, preocupando-se mais com que artes hão de transferir para outros os seus débitos do que com o pagar aos administradores da Companhia o que a ela devem. A demasiada facilidade do ganho e os prazos longos para os pagamentos aumentam êstes males. Aconselho, entretanto, que se tratem mais moderadamente os senhores de engenhos em atenção às incertezas da safra, a qual às vezes lhes engana a expectativa. Não desejaria que se tentassem medidas extremas contra êles, a ponto de se embargarem os próprios bois, instrumentos dos trabalhos, depois as terras, e em seguida prender-se o devedor.

*Como cobrar as dívidas.*

*Como tratar os senhores de engenhos.*

Ao assumirdes a república, é da maior importância sejam bem agoirados os inícios do vosso govêrno. Sê-lo-ão, se o povo o aplaudir; aplaudí-lo-á, se vos dispuserdes a ganhar fama de clemência. Dêste modo, cobrarão os súditos vigor e ânimo, e tudo será para os governantes risonho e feliz. Portanto, é necessário comunicar a minha partida aos diretores das províncias e declarar-lhes que tôda a autoridade estará doravante em vossas

*Quais devem ser os atos iniciais do govêrno.*

mãos ; cassar as penas impostas por decretos anteriores ; conceder perdão das infrações cometidas antes ; condenar os abusos dos escultetos e cercear-lhes as faltas e os pretextos de delinqüirem ; haver para todos libérrima apelação para vós da improbidade dêles ; abrirem-se fáceis, os ouvidos dos Conselheiros às queixas, para se dar a cada um o que é seu, o que é a suprema regra da justiça. Cumpre não mitigar, nem diferir as penas contra os ladrões e saqueadores de fazendas e lavouras, para que essa misericórdia não se converta em miséria. São êles inimigos do gênero humano e da salvação pública, havendo interêsse em escarmentá-los com suplício mais rigoroso para não arruïnarem tôda a fortuna do povo. Nem pode haver crueldade em se punir a atrocidade de tamanhos crimes. Aprendei dos portugueses os melhores meios de apanhar êsses criminosos. Aponto dois : a impunidade de alguns e as recompensas para as delações. Concedei perdão aos próprios celerados, se denunciarem os companheiros, pois não exterminareis melhor êsses malfeitores do que por meio de seus parceiros no crime. De feito, quando uns desconfiarem dos outros, terão receio de se associarem para o delito, afim de não serem traídos pelos sabedores dêle. Suspeitando-se a deslealdade de alguns e aplicando-se cada um de per si ao mal, se dispersarão pela inutilidade dos esforços. Prometei prêmios e dai-os. Vereis que se teem de correr perigos e de se empregar trabalho naquilo de que se esperam vantagens.

*Como punir os ladrões e salteadores.*

Na administração das cousas divinas e dos negócios eclesiásticos, deve-se usar aquí no Brasil a mesma moderação que em qualquer outra parte. E não obstante desejar-se que todos aceitem e professem a mesma religião que vós, todavia é preferível tolerardes com ânimo sereno os dissidentes a ser a república agitada por tumulto maior. Considerai as circunstâncias, às quais sabem os mais prudentes que devem obedecer. É de melhor aviso deixar as opiniões inveteradas do que tornar-se público que vós quereis proïbir aquilo cuja proïbição não sois capazes de efetivar. Nada é mais perigoso que um remédio intempestivo para erros medrados e arraïgados : cada qual ama a religião que bebeu em tenros anos, e se aferra a ela. Se resistirdes, ser-vos-á oposta a contumácia, e assim é melhor fechar os olhos do que, com alvitres imprudentes e intempestivos, extinguir essa chama sagrada. Portanto não aprovaria que vos ingerísseis muito com a religião dos portugueses ou que os coagísseis a se habituarem com o nosso culto e cerimônias. Conservem os seus sacerdotes e o govêrno

*Como tratar os eclesiásticos e a religião.*

da Igreja que receberam dos seus antepassados. Discerní os facciosos dos moderados. Reprimí ou afastai aqueles e retende êstes para não parecer que vos irais contra uma classe, mas só contra indivíduos. Assim serão os vossos atos recebidos sem malquerença, e se apagarão os ódios nos ânimos. Pensa a nação portuguesa ser abusivo e de mau costume intrometerem-se os seculares nos negócios eclesiásticos e confundirem-se as cousas profanas com as sagradas. Nada move mais eficazmente os portugueses que a autoridade dos seus sacerdotes, e aquí no Brasil é imprudente e arriscado abrir contra êles devassa mais rigorosa. Não deis demasiada atenção às acusações e queixas dos homens da nossa religião: quer cada um que seja de todos a fé que abraçou, e que, sob o mesmo céu e o mesmo governador, tenham todos a mesma crença. Daí os ódios contra os dissidentes, as invectivas contra os dogmas e artigos da fé, os exílios, cadeias, cárceres e penas capitais. Atendei mais à tranqüilidade de muitos do que ao fanatismo e ao zêlo exagerado de poucos. Assim vencereis as situações difíceis, e reinará a paz. E não me terão por dissidente aqueles que julgam ser necessário coïbir com castigo a insolência dos que insultam a fé alheia e o culto público dos portugueses e que lhes atacam a religião e os ministros com motejos e palavras ultrajantes. Êles, com isso, ficam mais irritados e amam, com mais veemente preconceito, as cousas desprezadas pelos adversários. Examinai o que aconselha a firmeza da república e a própria piedade.

Parece-me ter-vos já exposto o que eu quis fôsse a norma dos meus atos e que desejaria fôsse também a dos vossos. Com êste modo de proceder, alcancei segurança para o império, favor e boa fama para mim na pátria e fora dela. Não permitais nada venal, nada acessível mediante dádivas. Guardai o caminho da honestidade: não se abram as vossas portas à cobiça para vos maculardes, nem à lisonja para perderdes os bens.

Temendo mais a conciência do que a opinião, oponde uma virtude constante e inquebrantável aos maus conselhos e às calúnias.

Talvez pareçam à primeira vista mais belos os conselhos de outros: achei, porém, êstes meus melhores pela experiência. Acuse quem quiser esta benevolência e brandura ínsita ao meu caráter, uma vez que não me arrependo dela e espero que o mesmo acontecerá a vós".

Nassau aconselhou prudentemente essas e outras cousas para o bem comum, afim de que a república, privada do auxílio de tão ilustre governador, não fôsse perturbada pela violência ou pela traïção.

Nada fará conhecer melhor a prudência do governante e a majestade e fôrça adquiridas pela República do que os editos com os quais houve êle por bem refrear a licença infrene e multiforme dos que delinqüiam.

*Enumeração de tôdas as leis e determinações promulgadas, durante o govêrno de Nassau, contra os delinqüentes.*

Resumi-los-ei, antes de partir do Brasil o primeiro dos Nassaus que mereceu o cognome de "Brasileiro". Seguirei a ordem cronológica, enumerando as leis e determinações promulgadas, que nem foram nenhumas, para não julgarmos a república muito perfeita, nem foram demasiadas para não a crermos sempre muito corrompida.

*Entulhos de Olinda.*

Sete anos antes, quando Nassau, voltando da expedição de Pôrto Calvo, se dispunha a ordenar a república, aconteceu que cada um se esforçava, por qualquer meio que fôsse, para se apropriar das mercadorias dos fugitivos, as quais tinham sido por êstes ocultadas em matas e esconderijos. Deu-se aos súditos permissão para em Olinda, que os primitivos moradores tinham abandonado, construírem novas casas e restaurarem as arruïnadas, e foi severamente proïbido que se transportassem para outro lugar os entulhos, madeiras, pedras, ferragens. Estabeleceu-se uma lei na qual se determinava que ninguém se arrogasse aquelas cousas, mas as entregasse aos governadores do Brasil, cominando-se pena de morte e de confisco para quem procedesse em contrário, porque eram bens da república e não de particulares nem alimento fácil da cobiça individual. Por outro lado, prometiam-se recompensas aos que indicassem objetos ocultos e denunciassem os possuïdores clandestinos de cousas escondidas. Proïbiram-se demolições na velha Olinda para não faltar à capital de Pernambuco tôda a decência e para não se perder de todo a esperança de restaurá-la: mas, ao revés, permitiu-se aos cidadãos edificar novas casas e consertar as arruïnadas.

*Ladrões e saqueadores.*

Expulsos das fronteiras os inimigos e conseguida a segurança para os naturais, tomaram-se medidas severas contra os ladrões e saqueadores e deu-se licença aos súditos para se defenderem com armas, em virtude da lei que recebemos da natureza e não aprendemos (353).

*Observância do domingo.*

Para não se esquecerem na prosperidade as cerimônias religiosas que se observam na adversidade, ordenou-se aos mais ne-

gligentes em matéria de religião respeitassem o domingo, concedendo-se aos próprios escravos descanso do trabalho.

*Jogos de azar*

Não ignorava Nassau que a milícia se refreia pela morigeração e se relaxa com os desregramentos. Por isso vedou-se aos soldados esbanjar o sôldo nos jogos de asar e em outras dissipações, evitando-se assim que a pobreza instigasse uns para o crime, e a vista, mais rara, de muito dinheiro impelisse outros para as tavernas e os prazeres, destruindo-lhes a bravura e ardor do ânimo.

*Saques de soldados.*

Foi rigorosamente defeso aos soldados molestar os lavradores, fazendeiros e qualquer indivíduo pacato, tomar ou ofender o gado alheio, devendo cada um viver contente com os próprios meios de subsistência, sem destruir aquilo que viera a defender.

*Conservação das trincheiras.*

E' costume antigo considerar as praças e fortes os sustentáculos do império. Afim de ficarem êles inteiros e aptos para resistirem à violência dos inimigos, determinou-se por um edito que os súditos não andassem nas ruínas das fortificações nem nos baluartes caídos com as chuvas, nem tocassem gado por êles.

*Fraudes dos mercadores.*

Para se coïbirem as fraudes dos comerciantes foram todos intimados a dar a rol público as suas mercadorias, antes de serem elas levadas para as naus.

*Soldados vagabundos.*

O Conde mandou, sob severas ordens, que se recolhessem às respectivas companhias os soldados pagos que não estavam à mão nos seus postos, e sim vagando ociosos pelo municípios, e foram os súditos proïbidos de deter ou demorar estas inúteis sanguessugas do dinheiro público.

*Campanhistas.*

Tendo invadido o território dos holandeses o capitão dos espanhóis Souto, não com muitos soldados, disposto antes para o latrocínio do que para a guerra, ordenou-se aos naturais que o expulsassem, se não quisessem ser considerados traïdores e punidos por esta espécie de culpa.

Prometeu-se avultada soma de dinheiro a quem apanhasse êste mesmo Souto vivo ou morto. Permitiu-se aos íncolas que cada um tomasse posse das lavouras, terras e casas abandonadas em conseqüência da guerra e dos saques e as fôssem habitar e cultivar.

*Dos abusos dos administradores nas províncias.*

Os administradores das províncias, tanto autoridades civís como militares, foram mandados garantir a tranqüilidade dos camponeses, de modo que não fôssem temidos pelos proprietários rurais.

*Restauração de Olinda.*

Anunciou-se ao povo a restauração de Olinda, que se achava em ruínas por se terem as armas encarniçado perto dela.

*Pesos e medidas.* Promulgou-se depois uma lei que proscrevia as fraudes relativas aos pesos e medidas, restabelecendo-se a igualdade entre os preços e as mercadorias, que, havia muito, tinham sido alterados pela improbidade de muitos. *Limpeza de ruas e praças.* E para que uma gente civilizada e afeita ao esmero do solo pátrio vivesse com asseio, prescreveu-se, numa lei rigorosa, a limpeza semanal das ruas e praças. *Freqüentação das tavernas.* Para a freqüentação das tavernas fixaram-se umas tantas horas, depois das quais era proíbida. Entretanto nas horas destinadas ao culto divino, não foi permitido sacrificar-se nelas a Baco e à gula.

*Duelos.* Para que os homens conhecessem devidamente o valor da vida humana, foram vedados os reptos e duelos, aos quais eram os nossos convidados pelos exemplos de uma gente bárbara e sanguinária.

No ano seguinte, foi reprimida por lei a violência de militares contra lavradores, pois a êles cabia garantirem as fazendas e lavouras. *Plantação de mandioca e outras providências.* Publicou-se também uma lei sôbre plantação de mandioca e sôbre o pêso dos pães, para favorecer os famintos, assim como sôbre o valor da moeda, em benefício dos mercadores. Lançou-se o impôsto da quarentena dos imóveis, proïbiram-se os escritos difamatórios contra os cidadãos, os insultos contra os guardas noturnos e sentinelas, as correrias noturnas de indivíduos armados ou munidos de cacetes, os crimes de peculato e contrabando, a apropriação de negros aprisionados na guerra. Decretaram-se muitas medidas úteis sôbre tomadia de gado, da qual depende a maior parte do abastecimento, sôbre exportação de gêneros para o território inimigo, sôbre administração de vias e pontes, sôbre estâncias navais, sôbre guarda cívica. E como a engenhosa indústria dos mercadores inventa mil maneiras de fraudar os réditos públicos, vedou-se que alguém, sem ciência dos fiscais da alfândega, entre, de dia ou de noite, em naus de transporte ou leve para elas qualquer mercadoria. A escassez de mantimentos fez que não fôsse permitido exportarem-se vitualhas do Recife para outra parte, salvo se disso tiverem conhecimento os encarregados do abastecimento público. *Devedores.* Ordenou-se que se apresentassem os devedores da Companhia que se achavam em mora.

*Concussionários.* Também não davam sossêgo aos súditos os concussionários, que, procurando pretextos e a despeito de serem os principais do povo e os guardiões da lei, se lançavam sôbre os haveres dos infelizes. A autoridade pública refreou também a crueldade e

cobiça dêstes, dando aos cidadãos licença de se queixarem ao Conde e ao Conselho.

*Blasfêmias e outros crimes.*

O primeiro cuidado de Nassau, que vivia no meio de tantos homens maus, foi o de Deus, a respeito de quem é dever da piedade não só fazer o mais alto conceito, mas também dizer as cousas mais elevadas. Por isso impôs-se o freio do silêncio aos inimigos da religião e aos ultrajadores do seu Criador e de tôdas as cousas sagradas, intimidando-os com o suplício que lhes castigaria a própria língua. Não ficaram também impunes, no govêrno de Nassau, os incestuosos, adúlteros, amancebados, para os quais foram severas as penas, conforme o delito. Cobrou as décimas do arrendamento das casas e regulou por lei a arquitetura. Foram defesos os tiros de armas de fogo, nos dias consagrados a Deus, e bem assim os trabalhos remunerados dos empregados da Companhia, para que êles, recebendo paga dupla, não sirvam mal duas vezes. Por graves razões, houve o Conde por bem fôssem recenseados todos os indivíduos que, senhores de si, fixassem residência no Brasil, lançando-lhes os nomes num registro público ou matriculando-os, para não se franquearem as cidades à traïção dos inimigos, por crescer ocultamente a multidão dos imigrantes. Além disso, fixaram-se as décimas e os pesos do açúcar, primeiro para utilidade pública, depois para a utilidade particular dos mercadores.

*Trapaceiros.*

Crescendo o valor das moedas de ouro e a ousadia dos trapaceiros, vedou Nassau que se recebesse dinheiro a não ser com balança, para que o dinheiro da Europa correspondesse ao do Brasil.

*Dia de ação de graças a Deus.*

Robustecida a república no Brasil, expulsos os inimigos, sacudido o jugo espanhol, aclamado pelos portugueses o novo rei, mudado o senhor da África, da Ásia e da América, e arruïnada a dominação de um só, planeada tanto tempo pelo espanhol, quis o Conde que o povo se voltasse para o Autor de tamanhos benefícios e consagrou, em tôdas as províncias, um dia a Deus, no qual se apregoasse, pública e solenemente, a infinita bondade e clemência dêle para nós.

*Talho de madeira*

Não longe do Recife, havia matas que forneciam madeiras de construção. Não quis Nassau que fôssem cortadas para não virem a faltar algum dia às necessidades públicas.

Citaram-se perante o Conselho aqueles cujos bens eram devidos ao fisco para entrarem em acôrdo, pois os réus cavilavam e procuravam subterfúgios.

Já surgia na ilha de Antônio Vaz a nova cidade de Maurícia. Entregando-se a esta ocupação, o Conde aterrara depressões, aplainara elevações, abrira praças, cingira de fortificações a cidade. Para merecer esta a simpatia dos cidadãos prouve abandonar outra vez Olinda, mais distante do pôrto, e ordenar em Maurícia a construção de casas novas.

*Injúrias contra os judeus.*

Importava à tranqüilidade pública que tantos povos de religião diversa se unissem, senão nas opiniões, ao menos nos propósitos. Para que se pudesse esperar isso, cominaram-se penas assaz rigorosas aos que injuriassem aos judeus ou dêles escarnecessem e, que, em vez de lhes ensinarem melhor doutrina, os provocasssem atrevidamente.

*Escravos furtados.*

A cobiça dirigia-se para os escravos e africanos, procurando uns furtá-los aos outros. Determinaram, pois, o Conde e o Conselho que fôsse cada um dêles restituído aos seus senhores, não os podendo mais reter os possuïdores de má fé.

*Órfãos.*

Da piedade de Nassau procedia a atenção por êle dispensada aos órfãos. Nomearam-se, por isso, quatro curadores que, mediante leis muito acertadas, se comiserassem daqueles a quem faltavam meios, pais, cuidados. Declarando-se Nassau pai e supremo tutor dêles, não julgou ser isto alheio dos mais ilustres varões, mas obra genuína da religião cristã e mais santa que tôdas as controvérsias dos teólogos. Não quis sòmente como general defender com as armas os adultos: quis também como pai defender a infância imbele.

*Plantação e preço da mandioca.*

Em outros casos, pode-se acudir à precisão no tempo próprio, mas a alimentação e o abastecimento de víveres não teem outro remédio na necessidade senão o obterem-se antecipadamente. Foram por isso mais iterados os editos sôbre plantação de mandioca, preparo, venda, transporte e preço das farinhas para alguma vez não sofrer a república por descuido de ser aprovisionada e para não ficarem as fortificações abertas aos inimigos.

*Pesca.*

Foi consôlo para os súditos conceder Nassau a cada um o direito de pesca, salvo nos lugares arrendados ou naqueles que particulares tinham tido o cuidado de cercar.

*Açúcar.*

A principal fôrça do comércio estava no açúcar e nos engenhos, e por isso foram tomadas a respeito várias providências para utilidade de todos.

*Escolas.*

Não foi das últimas preocupações do Conde a fundação de escolas para formar e instruir a juventude, não com o fim de se

persuadirem forçadamente os portugueses às nossas crenças, mas para receberem instrução preparatória para todos os estudos liberais e elegância de costumes.

*Armas dos cidadãos.*

Não é de pequena importância para a firmeza do império saberem tratar as armas não só os soldados, mas também os cidadãos, pois o que vale na guerra é a arte e o exercício, e não uma multidão indouta e rude. Quis, portanto, o Conde dar também a êstes instrução militar, não sendo lícito a ninguém ausentar-se de suas companhias, quando houverem de se mostrar em público. Vedou que se vendessem armas a jovens e meninos, ou que as trouxesse quem não tivesse idade para isso. Além disso, para tirar aos saqueadores de lavouras meios de causar dano, proïbiu aos portugueses comprarem armas, ou terem-nas em casa, exceto aqueles a quem êle o permitisse. Para tal fim, decretou-se a busca de armas, ordenando-se aos cidadãos depositá-las nas mãos do Conde, para que não faltassem as necessárias aos soldados ou não abusassem das desnecessárias os que não fôssem militares.

*Taxação do preço dos mantimentos.*

Para não subirem ilimitadamente, ao alvedrio de qualquer um, os preços dos comestíveis e das bebidas, taxou-se-lhes o valor, tomando-se para êle a média entre a nímia cobiça dos vendedores e a estreita e tenaz avareza dos compradores.

*Notários.*

Foi também mais rigorosamente fiscalizada a fé dos notários, não sendo válidos os documentos por êles passados, se o escrevente não fôsse confirmado pela autoridade pública.

Estas e outras medidas mostram a situação do Brasil, o que há de firme e de incerto no império ultramarino, a fortuna instável dos cidadãos, as inimizades francas e ocultas dos inimigos, o espírito dos homens inclinado para os flagícios, os labôres e revezes de tão importante governança.

A prudência humana, até onde lhe foi possível, remediou êsses males com leis : se estas são desprezadas, estimula-se e alimenta-se a improbidade ; se, porém, são respeitadas, promove-se a utilidade de cada um e de todos, conforme é de desejar.

*Forma e organização do império brasileiro. Estados Gerais.*

Resta agora, Quando Nassau se dispõe a partir, enumerarmo-lhe as dignidades e mostrarmos aos leitores a forma e organização de todo o império brasileiro, para saberem os desejosos de tais notícias com qual indústria se revelou êle, no outro hemisfério, inviolável à fôrça dos inimigos e dos criminosos, aos costumes e paixões de povos diversos. Não quereria eu, de fato, que ninguém duvide de ter sido esta prudência dêle necessária e conveniente à segurança e ao renome públicos. Além disso, apreende-

rá mais fàcilmente o espírito o quadro de tão notável administração, examinando-o em conjunto, porque, visto esparsamente e por partes, escapa aos olhos e à mente.

Todo êsse império do Brasil, é parte das Províncias-Unidas dos Países-Baixos, as quais, depois de haverem declarado jurìdicamente deposto Filipe, rei das Espanhas, por ter violado as leis da República, não sòmente defenderam dentro de suas fronteiras o que lhes pertencia, mas ainda revidaram à Espanha a guerra que ela trouxera a êste país, e navegaram, de um lado, para as últimas terras das Índias Orientais, do outro para os confins das Índias Ocidentais, mandando-lhes as armas juntamente com o comércio. Navegaram também para o Brasil, onde o ínclito valor dos batavos, apoiado pelas riquezas de uma nova Companhia, fulgiu contra o mesmo inimigo que na Holanda.

*Conselho dos Dezenove. Governador e capitão general do Brasil.*

A referida Companhia geriu, como sob a forma aristocrática, essa República e, com sábios alvitres, dirigiu, por intermédio do Conselho dos Dezenove, êsse domínio estrangeiro. Não, porém, sem um principado, porquanto, suprimido alí o título de rei e de vice-rei, sob cujos auspícios se governava antes o Estado, recebeu legítima autoridade para isso o ilustríssimo Maurício, com o título de Governador e capitão-general, com supremo poder na terra e no mar. Ratificaram esta investidura os Estados Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia. Na qualidade de Governador do Brasil competia-lhe presidir ao Supremo Conselho e ao Conselho Secreto, decidir no Brasil os negócios militares e políticos, nomear governadores para as províncias e fortalezas, construir novas fortificações e demolir as velhas, velar pelo culto e religião oficial dos holandeses, assim como pelos direitos dos cidadãos, pelos bens, domínios e rendas da Companhia, conferir aos mais merecedores honras e dignidades judiciárias e militares, comandar tanto os soldados das guarnições como os enviados à guerra, perdoar penas de crimes, tudo dentro das normas de administração em que haviam concordado os ditos diretores da Companhia e o Capitão-general.

*Conselho Supremo e Secreto.*

Quanto mais numerosas eram, porém, as cousas que deviam ser feitas pelo Governador, tanto mais necessitava êle de homens prudentes para a governança. Embora pudesse tudo ser gerido pela autoridade de um só, não poderia, entretanto, sê-lo pelo trabalho e providência de um só. Isto não foi alheio dos exemplos dos antigos príncipes, os quais, se bem dotados das maiores virtudes, todavia chamaram os varões mais experimentados para re-

partirem com êles os cuidados. Foram dados a Nassau para o seu conselho secreto alguns dos conselheiros, três ou quatro, escolhidos pelo Conselho Supremo e Secreto. Êles deliberariam em comum com o Governador sôbre a guerra, o comércio, elaboração de leis e sua interpretação nos casos duvidosos e sôbre tôda a administração da República. Decidiriam em última instância as demandas e reclamações dos cidadãos, depois das sentenças dos juízes inferiores; interviriam nos assuntos da marinha e no almirantado; cuidariam da esquipação de frotas e naus; imporiam encargos, segundo a necessidade pública; escolheriam os magistrados provinciais e urbanos dentre os indicados; aplicar-se-iam à construção de fortalezas e arsenais. Perante êles e o Conde se discutiriam as controvérsias das cidades, vilas e aldeias e outros assuntos momentosos. Além do Conselho Supremo e Secreto e inferior a êle, foi instituído o Senado Político, que constou primeiro de treze e depois de dezesete membros e que foi posteriormente denominado também Conselho de Justiça. Compete-lhe tutelar os direitos dos cidadãos, presidir aos processos capitais e pecuniários, decidir em grau de apelação, as causas, segundo o direito romano e o costume da Holanda.

*Conselho de Justiça ou Senado Político.*

Êstes conselheiros são vitalícios, só podem ser removidos pelos diretores da Companhia e recebem ordenado.

*Magistrados provinciais.*

Cada uma das províncias tem também a sua magistratura que exerce jurisdição sôbre as cidades e vilas do seu território. Os membros dela chamados eleitores e os escabinos desempenham função temporária e não remunerada. Perante êstes servem o cargo de promotores públicos, não sem autoridade, aqueles que se chamam escultetos, pretores ou balios. Existe além disso uma Câmara das Contas (354), que administra o erário da Companhia e examina as contas públicas bem como as do fisco. Houve-se por bem escolherem-se os membros desta Câmara do número dos conselheiros de Justiça sempre que deixassem o cargo. Dois dêles, pois são cinco, funcionam cada ano como tesoureiros. Há também aquele que, na marinha, vem logo depois de Nassau, com o título de vice-almirante, e que comanda as esquadras, capitães de mar e tôda a classe naval. E como em grande parte se gerem os negócios do Brasil pelo freqüente remessa de naus daquí para lá e de lá para aquí, prescreveram-se aos comandantes delas as suas atribuïções já quando fôsse necessário navegar em esquadras, já com um só vaso; quer em proveito da Companhia, quer de particulares; quer se desse permissão para pelejar com

*Câmara das Contas.*

*Vice-almirantes.*

o inimigo, quer não; quer se fizesse mister ancorar, quer se devesse prosseguir a navegação. Ordenou-se ainda o que cumpre fazer, sempre que uma tempestade desgarrar as esquadras, sempre que os marinheiros da mesma frota quiserem ser admitidos a conferenciar com os superiores; qual a disciplina e qual a ração diária com que devem viver os marujos; qual o sistema, a lei e a medida da administração da justiça entre os insubordinados; em que atos religiosos, quando e de que modo deve a gente ocupar-se; qual a ordem que cumpre observar para se escreverem os anais; qual a sucessão nos postos dos que morrerem; como devem ser tratados os inimigos prisioneiros e distribuídos os depojos; em que portos se deve entrar e com que cautela convém fazê-lo; que surgidouros se devem escolher. Compete ao Conselho de Marinha tomar conhecimento de tudo isso, conforme as circunstâncias. *Conselho de marinha.*

*Govêrno da Igreja Reformada.* Está em uso no Brasil a mesma forma de govêrno eclesiástico que nas igrejas holandesas. A suprema autoridade pertence ao Conde e ao Conselho Secreto, aos quais incumbe também dirigir esta nau, sacudida pelas suas ondas, atacada pelos seus inimigos, sofrendo dos seus vícios. A autoridade dos Sínodos é maior que a das Classes e a desta superior a dos Presbitérios. *Sínodos, classes e presbitérios.* As decisões dos Sínodos não teem sido válidas sem aprovação dos diretores da Companhia. Não é permitido realizá-los, senão depois de prèviamente conhecida a matéria das deliberações, afim de se poderem examinar não só as cousas menos necessárias, mas também as menos úteis. Em razão dos estreitíssimos vínculos entre o Estado e a Igreja e do modo de sentir comum a respeito do bem e do mal, comparecem aos Sínodos delegados do Conde e do Conselho. Ordenou-se aos pregoeiros da palavra divina zêlo sério e flagrante das almas e que atraíssem os bárbaros com o exemplo de uma doutrina e vida mais austera; que os impregnassem com o suco salutaríssimo da fé cristã e lhes falassem tais cousas e em tal ordem que fôsse conveniente para converterem os gentios; que mandassem adiante a natureza e expusessem depois a Escritura para que êles, tornando-se discípulos da natureza, creiam mais fàcilmente na Escritura. *Predicantes.* Dessem prova de que a nossa gente não tinha ido ao Brasil, combatido e vencido só pelo desejo de um lucrozinho sórdido ou de alargar a sua dominação, mas, muito ao contrário, pelo amor da felicidade eterna de tantos homens que erravam nas trevas. *Seus deveres.* Foram mandados não cuidar de política, não inquietar-se com o ganho, não servir aos ambiciosos, mas conservar-se nos limites do seu

sagrado ministério e escrever amiúde aos diretores sôbre o estado dos negócios eclesiásticos e conversão dos gentios, não por serem indignos de falar de assuntos políticos, mas por ser indigno dêles tratarem de tais cousas como quem devia ocupar-se de outras melhores. Mandou-se-lhes também não irar-se pùblicamente contra os chefes que pecassem por fraqueza humana, expondo-os, com o nomeá-los, às contumélias do vulgo afim de nem se envilecer a autoridade dos governadores, nem se acusar a si mesma de falsa uma repreensão ardente, precipitada e biliosa. Quis ainda Nassau que fôsse inviolável a veneração devida à classe eclesiástica e garantida pelo temor das penas contra a protérvia e as línguas insolentes dos maus. Não admitiu que fôssem os predicantes removidos de uma nau para outras, ou mandados de uma aldeia ou vila para outras, senão com o consenso do Magistrado e dos superiores eclesiásticos. Determinou que os eclesiásticos reformados conduzidos a bordo ou nomeados para as fortalezas deviam sentar-se condignamente à mesa dos comandantes, para que os semeadores das cousas espirituais não merecessem desprêzo entre os soldados rasos e não tivessem falta de um sustento decente.

*Restrições impostas aos papistas.*

Li achar-se a religião católica-romana no Brasil subordinada às seguintes restrições.

I) Ninguém reconhecerá no Brasil holandês a autoridade de nenhum vigário, bispo ou sufragâneo, não deverá obediência a nenhum dos de fora, não poderá combinar planos com êles ou ministrar-lhe dinheiro subreptìciamente.

II) Todos os presbíteros que desejarem viver sob o domínio dos holandeses terão de obrigar-se por juramento de fidelidade ao Conde e ao Conselho Supremo, e não esperarão o govêrno do bispo da Baía.

III) Os que entrarem no nosso território sem salvo-conduto serão detidos como prisioneiros.

IV) Ninguém poderá casar, sendo celebrante do ato um presbítero, sob pena de exílio e multa de trezentos florins, e os filhos não adirão a herança.

V) Os católicos romanos realizarão as cerimônias de sua religião no recinto das igrejas e não fora, pelas ruas e estradas.

VI) Pertencerão à Companhia as rendas eclesiásticas, que serão convertidas nos usos pios escolas, templos e hospitais (355).

VII) Ser-lhe-á livre pensarem o que quiserem e dizerem sem ofensa o que pensarem".

Impuseram-se aos judeus as seguintes restrições :

*Restrições impostas aos judeus.*

I) Não edificarão êles novas sinagogas.

II) A nenhum judeu será permitido casar com cristã ou ter concubina cristã.

III) Não poderão converter cristãos ao mosaísmo, nem chamá-los da liberdade evangélica para os encargos da Lei velha, nem da luz para as sombras.

IV) Nenhum judeu poderá ultrajar o sacrossanto nome de Cristo.

V) No recenseamento dos corretores, não excederão a terça parte do respectivo número.

VI) Comerciando, não fraudem a ninguém.

VII) Os filhos nascidos de judeu e de cristão, morrendo os pais, serão entregues para serem educados aos parentes cristãos. Os que não tiverem êstes serão educados em orfanatos, se forem pobres, ou ficarão sob os cuidados do Conselho Secreto, se forem ricos".

*Império africano.*

Era um pouco diferente a organização do govêrno no reino de Angola e na ilha de São Tomé, porque não obstante haverem essas possessões obedecido primeiro a um só governador, todavia foram posteriormente confiadas a dois, por terem assim opinado os diretores da Companhia. Sendo, com efeito, a costa africana dividida pela linha equinocial, um dêles rege a parte do norte, onde está S. Jorge da Mina e outras possessões holandesas ; o outro tem sob a sua jurisdição a parte do sul, onde se acha a capital de São Paulo de Loanda, a ilha de São Tomé e todo o trato da costa até o Cabo da Boa Esperança. Mais tarde os diretores acrescentaram a êstes dois governadores um terceiro, os quais, distribuindo entre si as funções, administram a república, a justiça, a fazenda pública, e o comércio, com a condição de que um é responsável pela culpa do outro, medida previdente, cujo fim é ligá-los mais estreitamente pela fidelidade à Companhia e por amizade recíproca. A administração religiosa pertence aos ministros e predicantes, aos quais se recomendou que aprendessem a língua dos gentios e lhes conhecessem os costumes, índole e gostos, falando-lhes depois de Cristo de modo mais puro que os papistas.

O comando militar coube a princípio a um só e em seguida aos referidos governadores. Êstes nomeiam o comandante da milícia com a patente de capitão, o qual recebe dos governadores

a senha e lhes dá um relatório sôbre as guardas e sentinelas. Cabe-lhes defender os lugares florescentes por algum comércio por meio de fortalezas e tôrres, provê-las de mantimentos para um semestre, firmar alianças com o rei do Congo e outros chefes e introduzir nas suas côrtes sentimentos mais puros a respeito de Deus e de Cristo.

*Concórdia do Conde com os diretores da Companhia.*

Assim, em tôda a parte foi a República confiada a diversos e aos melhores, tal qual a louvaram sempre os mais sábios e qual a aprovam os mais famosos exemplos dos antigos e modernos, e muitos acreditam que dêste modo principalmente floresceram os romanos.

Foi essa a organização do govêrno brasileiro sob o Conde João Maurício. A sua admirável concórdia com os diretores da Companhia, pois de um lado êle lhes obedece às instruções, e do outro êles o amam e respeitam, de modestos começos elevou o Brasil ao maior desenvolvimento.

Achava-se prestes nas costas da Paraíba a frota que ia levar a Maurício para a pátria, depois de exercer no Brasil um govêrno tão notável e brilhante.

*Estando para partir de Maurícia para a Paraíba, despede-se o Conde dos seus.*

Quando estava para sair de Mauriciópole, cumpriu o dever de se despedir, com igual cortesia, dos membros do govêrno, dos cidadãos, dos militares de terra e mar, deixando alí incríveis saudades, as quais foram tão aumentadas depois pelas calamidades que se seguiram que ninguém hesitava em proclamar, com louvor e justiça, as cousas por êle feitas com tôda a circunspecção. Depois, conforme o costume militar, por onde êle passava salvava a artilharia, e tanto os soldados como os civís davam descargas de mosquetaria, trovejando com fragor todo o céu e todo o mar, e assim, quando cessaram os votos de felicidade dos populares, o ribombar dos canhões, difundindo-se até mais longe, prolongou os desejos do povo e o favor da República, que o seguia. Abalaram-se as cidades e as vilas, as aldeias e os campos. Dos engenhos e casais havia confluído ingente multidão para significar o seu pesar pela partida daquele cujo govêrno equitativo haviam experimentado. Era de ver a turba de pobres, de ricos, de velhos e de jovens, em bandos promíscuos, que ora lhe vinham ao encontro, ora o acompanhavam e logo o rodeavam, manifestando-lhe, com lágrimas e aclamações, a sua simpatia. O mesmo faziam diversos portugueses, nos quais se gravara assaz fundamente a lembrança da moderação e indulgência de Nassau para com êles. Não era de alegria, mas de tristeza tôda esta cena, pois uns lhe

*Concurso de povo pelos caminhos, apresentando-lhe votos de boa viagem.*

desejavam felicidades, chamando-lhe pai, outros chamando-lhe senhor e protetor. O consôlo de uns era terem-lhe apertado a mão, o de outros haverem-lhe tocado no gibão. Todos sentiam o mesmo pesar, cravando os olhos no Conde, e era sem distinção o abatimento de tôdas as fisionomias, de grandes ou pequenos, de homens ou mulheres. Alguns havia que clamavam ter caído o Brasil e já não restar esperança, e tão afoita e audazmente o diziam que se creria não se haverem lembrado dos demais governantes. Acompanharam o Conde até a povoação de Paratibe e Iguaraçú cem cidadãos a cavalo. Os escultetos e escabinos das vilas, indo-lhe ao encontro, receberam-no com invariável cortesia e acatamento e, em luzido cortejo, o seguiram até a Paraíba. E já de partida, não lhe davam descanso as petições e memoriais dos portugueses, brasileiros e outros, desejando cada um que as suas pretensões fôssem transmitidas honrosamente ao Estados Gerais, ao Príncipe de Orange e aos diretores da Companhia.

*O rei dos tapuias envia filhos seus ao Conde.*

Poucos dias antes, o rei dos tapuias João Wy ou Janduí enviara a Nassau três filhos seus, com uma comitiva de vinte da mesma nação, perguntando-lhe as causas da sua partida, rogando-lhe com encarecimento mais diuturna permanência e prometendo-lhe com liberalidade mantimento bastante para êle e seus domésticos. Dois dos bárbaros foram para a Holanda com Maurício afim de verem terras, astros, povos ignotos. Os demais, honrados com presentes insignificantes, quais são facas, machadinhas, espelhinhos, mimos agradáveis aos selvagens, voltaram para a sua pátria e para junto do seu rei. Outros quatro, da nação dos Carapatós e Vaipebas, índios que, pouco havia, tinham invadido os recessos dos Palmares Grandes e exterminado a malta de salteadores alí escondida, manifestaram desejo, com o auxílio do seu intérprete, de serem também companheiros de Nassau. A nação dos brasileiros delegou cinco dos seus, que iríam em companhia de Maurício, pelo desejo de visitarem a Holanda e o Príncipe de Orange, único titular que entre êles avulta, para depois darem aos seus relação do estado e costumes do nosso país, pois era familiar aos portugueses vilipendiá-lo como terra de piratas, a qual acode à sua inópia com alguns barcos pescarejos. Tão vivas pareciam as simpatias dos brasileiros com o Conde, tão grande o empenho de cada um em testemunhar-lhe o seu afeto que, empurrando para trás os holandeses como por emulação, tomaram-no sôbre os ombros, conduziram-no carregado desde a praia e através das ondas até o escaler, e, voz em grita, repetiam-

*Passam à Holanda alguns tapuias.*

lhe, a seu modo e em sua língua, os seus adeuses. Julgavam, com efeito, altíssimo dever e honra levar nas costas, a quem nas suas levara, tanto tempo, os destinos e a salvação de todos. Entretanto, mais se revelou o amor dêsses homens ao Conde, quando no dia seguinte, depois de passarem a noite nas praias, se lançavam aos magotes nos batéis e nos navios de transporte que conduziam as bagagens, como se fôssem navegar junto com êle e expor-se aos mesmos riscos do mar e da travessia. Rogava-lhes, porém, Nassau que não lhe estorvassem a viagem com intempestivas homenagens, e, empregando palavras brandas e persuasivas, acomodou-os, distinguí-os com presentinhos e fê-los voltar para a praia, chorando e soluçando. Declarou que se enternecia com as provas de tamanha afeição e que jamais se esqueceria daquela gente tão amiga dêle. Assim se fez de vela no dia 22 de Maio de 1644, que amanhecera sereno e prometia segurança aos navegantes.

*Parte o Conde da Paraíba. 22 DE MAIO DE 1644.*

A frota em que êle se passou à Holanda compunha-se de treze naus, era artilhada, e esquipada de gente de mar e de peleja contra a violência do inimigo e ia carregada de mercadorias do Brasil, tanto para lucro da Companhia como de particulares. Regressaram com o Conde alguns políticos, eclesiásticos e militares, ou por já ter expirado o prazo de suas funções, ou por lhes parecer duro permanecer no Brasil mais tempo, estando ausente Nassau. Subia a mil e quatrocentos o número dos que partiam, entre soldados, marinheiros e outros viajantes. Consigo transportou Maurício alguns cavalos de raça e sangue brasileiro. Além disso, trouxe para a Holanda muitas cousas exóticas, que aquí os batavos admiram como raras e nunca vistas: despojos de quadrúpedes, de peixes, de aves, utensílios, armas, colares, braceletes, penachos, e tudo isso êle guardou, não para o seu deleito exclusiso, mas para uso e prazer de muitos. E' testemunha disso o Teatro Anatômico da Universidade de Leide, no qual, como nas Cavas Capitolinas (356), hoje se vêem essas cousas, por doação e munificência de Nassau. Desta sorte, êle não sòmente deu no Brasil provas de sua perícia militar, mas também, de retôrno para a Holanda, suspendeu dos pórticos dos letrados tantas maravilhas da natureza, subsídios e recursos dos físicos e dos médicos. Demais disso, mandou representar aquelas cousas em desenhos e pinturas e tecê-las em tapetes para a longa lembrança dos pósteros, afim de que, estragando-se os espécimes restassem as imagens daquilo que o Novo Mundo tem para se admi-

rar. Podem ver-se tais pinturas e tapizes na entrada do magnífico palácio que êle construiu de mármore em Haia, além de outras obras de arte apreciadas e admiradas, por serem executadas em marfim e dentes de elefantes. Havia nas naus, assim da Companhia como de particulares, quantidade de mercadorias, açúcar, madeiras, marfim, ouro da África, tabaco, doces e couros no valor total de 2.600.000 florins.

*Chega o Conde ao Pôrto de Texel, na Holanda Setentrional.*

Tendo o Conde atravessado outra vez o Oceano e a linha equinocial, a qual tinha êle agora por testemunha, não do que ia fazer, mas do que fizera, chegou a salvamento ao pôrto de Texel e alí desembarcou. Haviam-no, porém, afligido, os incômodos do mar, e assim teve de parar na aldeia de Heldes, onde tratou de se restabelecer. Com a saúde mais firme, percorreu diversas cidades da Holanda e chegou a Haia. Aí o receberam os príncipes seus parentes, os Estados Gerais e os diretores da Companhia, todos os quais, dando-lhe as boas vindas e rendendo-lhe agradecimento, declaravam os seus assinalados serviços e o cabal desempenho dos seus deveres de governador. Entretanto o Conde, depois dos cumprimentos e visitas de praxe, discorreu perante êles, em várias reüniões, sôbre as cousas do Brasil e sôbre todo o govêrno, províncias, riquezas, habitantes, fôrças militares, esquadras, mostrando os socorros e reformas de que necessitava. Seria ocioso referir o que já foi dito por outros e por nós mais atrás, isto é, em que províncias se divide o Brasil, quais as suas produções e rendimentos, com que fortalezas se defende, de que e de quais povos é habitado. Todavia, extrairei da exposição de Nassau aquilo que ainda não se escreveu e que será aos diretores da Companhia agradável e necessário de saber.

*É recebido pelos seus.*

*Relatório de Nassau sôbre o Brasil.*

"Outrora se arrecadavam do Brasil inteiro um milhão de arrobas de açúcar e isto anualmente. 100.000 destas tocavam ao rei em pagamento de décimas, sendo isento dêste pagamento, em razão do seu baixo preço, o açúcar chamado *panela*. A ninguém era permitido exportar êsses açúcares para outro lugar senão para Portugal e sòmente em naus saídas de Lisboa, Viana do Castelo e das ilhas Terceira, Canária e Madeira. Para tal fim era o Brasil freqüentado por trezentas naus, parte galeões, parte caravelas, espécie menor de navios, as quais naus partiam do reino carregadas de vinho, azeite, farinha, peixes salgados, panos de linho e de lã, ferro, cobre e outras veniagas, para comerciarem lá. Elas rendiam anualmente aos seus donos alguns milhões, proven-

tos êstes que iam estimular a atividade e a cobiça dos mercadores em vários países da Europa.

Sergipe.

Os limites do Brasil holandês, dilatados pela felicidade das armas, estendem-se dêsde o Rio Real, que separa o Sergipe da capitania da Baía, até o rio Maranhão. O Sergipe, numa extensão litoral de trinta e duas milhas, foi primeiro anexado ao domínio português por Cristovão de Barros Cardoso, a quem o rei das Espanhas doou, em recompensa de seus serviços, essas mesmas terras entre o Sergipe e o rio de São Francisco, com direito de vendê-las e reparti-las com os colonos que quisesse, com a condição de fundar alí as colônias dentro do prazo marcado pelo rei. Isto fez que diversos baianos emigraram atraídos para lá e, decorridos alguns anos, construíram quatro engenhos, pôsto que de menor custo, quarenta currais de gado e uma vilazinha, que contava uns cem fogos. Tudo isto, devastado pelas guerras, deixou de si tristes vestígios, sendo dispersos os habitantes e expulsos para a Baía. O gado remanescente coube ao inimigo, a nós ou à voracidade das onças, e a tal ponto se tornou escassa a tomadia dêle que raros caçadores o buscam.

Não há esperança de se restituir a esta região a sua antiga prosperidade, senão mandando-se-lhe colonos, e nunca se conseguiriam êstes, a não ser com o conceder-se-lhes habitação segura e com o doarem-se-lhes terras e granjas. Calculam mal os que acreditam que o aproveitamento da região pode ser feito pela Companhia e que a criação do gado pode ser promovida pela administração pública, porquanto a região não está resguardada das invasões dos inimigos, é de resultado incerto a pecuária, e por melhor êxito que logre, será vil o preço do gado, em razão da extrema economia de moeda na presente quadra. Para defender a província seriam precisas algumas companhias de cavalaria e de infantaria e outros recursos, que se orçam no mínimo em 150.000 florins. Além disso, haveria receio de que a gestão dêsses interêsses despertasse no administrador a cobiça, levando-o a lucros iníquos e a cruéis extorsões contra a população, segundo consta de exemplos recentes. Depois de freqüentes análises, verificou-se que nenhum valor teem os minérios que se apanham nas montanhas do Sergipe (chamam-lhes Itoabouhanas). Dizem que foram descobertos êsses minérios, durante o govêrno de D. Luiz de Sousa, por um mamaluco Melchior Dias, o qual, lançando casualmente os olhos à umas pedrinhas brilhantes, supôs que encerravam prata. Referido o caso ao rei da Espanha, Sousa,

a quem êle mandara explorar os montes e desvendar-lhes os segredos, enviou ao seu soberano vãs esperanças e a notícia do trabalho perdido.

Quanto se pode coligir das safras de alguns anos para atrás, o solo da província de Pernambuco não cede a palma em fertilidade a nenhum lugar do mundo, a não ser nos areais estéreis e nos pedregais. E' a mais importante das províncias pela situação, riquezas, população e comércio. Pelos edifícios públicos e particulares das suas cidades, pontes, tôrres, baluartes, é adequada e fortificada para a sua utilização e cultura. E' abundante de pastios ubertosos ; produz e alimenta armentos de inúmeros bois e vacas, notáveis pela corpulência, pela produção copiosa do leite e pela beleza das pontas. Os campos, quando cultivados, são feracíssimos. Nas matas é muito lucrativa a caça de aves e animais bravios, e nos rios o é a pesca.

*Solo da provincia de Pernambuco.*

A região dá também copiosamente bálsamos de várias espécies, óleos, ervas e raízes medicinais. A parte habitada estende-se apenas até oito léguas do litoral, já porque a costa é mais apta para a importação e exportação, já porque os portugueses, seus primeiros habitadores estrangeiros, não puderam difundir mais amplamente os colonos, em razão do seu número reduzido, e também porque temiam internar-se mais além pelo sertão, ante a resistência oposta pelos selvagens. Cada um dos engenhos se distingue pelos seus senhores, pelas suas famílias importantíssimas, pela sua escravaria. O número ingente dos escravos, entre o rio de São Francisco e o chamado Rio Grande, se calcula em três ou quatro mil. Para não diminuir por morte dêles êste número, teem sido importados anualmente em suplemento 3.000 negros, procedentes das costas da África : — Cabo Verde, Mina, Angola, Ardra e Calabar. Se não fôra a negligência e a má administração dos nossos, poderia esta região abastecer-se a si mesma. Padece atualmente tão calamitosa carestia que, dentro em pouco, por falta de gado, que foi tomado e mal tratado, se receia para os senhores de engenhos e lavradores a cessação de todo o trabalho.

*Número de escravos.*

Muito importa à Companhia conhecer quais os males e vícios dêste domínio, quais as suas causas e remédios. Entre os vícios os primeiros são a pobreza e a perfídia dos portugueses, a carência de produtos agrários, a queda e diminuïção do comércio,

*Males e vicios dêste império.*

a situação confusa e difícil do erário público e das contas, males êsses que, desprezados a princípio, se arrastam uns aos outros como por propagação.

*Dívidas.* E' vultoso o dinheiro devido à Companhia e a particulares pelos senhores de engenhos, metade do qual pertence à Companhia. Estando, porém, vinculados entre si os conselheiros, os senhores de engenhos, os comerciantes, trabalhadores, banqueiros, por causa das necessidades comuns da vida, acontece que a ruína de um acarreta a de outro, e o primeiro desastre abrange os seguintes.

Recentemente mostraram os maranhenses a perfídia da sua gente com a sua famosa rebelião, e esta teria igualmente rebentado em Pernambuco se não se houvesse sufocado no nascedouro o criminoso plano. A desesperados nenhum cometimento incerto mete medo, e assim parece quererem tentar qualquer cousa que os liberte dos seus débitos aos holandeses e da dominação dêles.

*Carestia de produtos agrícolas.* Os principais produtos do Brasil são mandioca, açúcar e madeiras. Se a primeira fôsse copiosa, poderia a Companhia ficar aliviada de enviar sempre mantimentos, e seria ela assaz copiosa, se os naturais se dessem à lavoura para utilidade de muitos, pois estão acostumados a produzir para si e para os seus, e não para os outros. Da penúria da mandioca resulta que os preços sobem sem medida, de sorte que um alqueire, comprado antigamente por 24 stuivers, agora só se obtém por 10 florins. Em conseqüência disso, a plebe faminta, que não sabe temer, devasta as lavouras, assalta os engenhos, pratica furtos e latrocínios, pródiga da vida para garantir a vida. Os remédios dêstes males podem e devem ser ministrados pelos conselhos que dei noutra ocasião e que mereceram aprovação pública.

*Madeiras.* Creio também que é mal feita a exploração das madeiras do Brasil, pois não se dispôs nada sôbre a quantidade, nem sôbre a qualidade das que se deveriam cortar, quero dizer, quantas e quais árvores conviria cortar, procedendo nós em contrário do que faziam os administradores do rei da Espanha. A êstes não era permitido talhar mais de dez mil quintais. Vêem-se os nossos derrubar árvores sem lei, nem medida, mesmo as novinhas, ainda não crescidas; de sorte que é mister proïbir êste comércio, por destruir-se nos germes a esperança de novas árvores. Não se remediará êsse mal, senão ordenando severamente que se abstenham de abater as mais tenras e de cortar excessivamente as crescidas.

Nada é mais lucrativo que o açúcar, além das grandes rendas dos tributos, impostos e direitos aduaneiros. Entretanto, se se fizer cálculo rigoroso de todos os gastos que o Brasil exige, é de duvidar se haveria equilíbrio entre a receita e a despesa. Demais, a situação e o vigor do comércio languescem, porque os mercadores holandeses não auferem lucros com que possam pagar as mercadorias mandadas pelos da Holanda. Portanto, colhem êstes velas, teem mão nos seus corretores, remetem mercadorias com maior moderação, cobram mais rigorosamente seus títulos e querem sejam pagos os não vencidos. Vacilando o crédito, ninguém empresta dinheiro, senão garantido por penhor. As letras de câmbio são repudiadas por causa das fraudes, e daí vem que muitos, obrigados a fechar seu banco, abrem falência e comprometem os sócios. Os armazens de mercadorias acham-se vazios. A tal ponto caiu o preço das casas e terras que uma têrça parte delas ficaram inferiores ao antigo valor. Agora se compra por 30, 40 ou 60 rixdales um negro que noutro tempo se conseguia a custo por 200 ou 300. Os oficiais mecânicos estão sem trabalho e, pelas suas aperturas, abraçam a milícia ou voltam para a pátria.

*Açúcar.*

*Situação do comércio.*

Se a diligência dos diretores da Companhia não apressar o o remédio para êsses males, parecerá que pouco falta para o desastre completo. Tal foi, no último biênio, a dificuldade do tesouro e da fazenda, que não se pôde fazer, no tempo certo, o pagamento do soldo e a distribuïção de mantimentos, quanto mais resgatar os títulos de dívidas, que, com prejuízo de 20 % eram vendidos por corretores com grande dano para a Companhia.

*Situação financeira.*

Enumerei os males. Agora mostrarei as causas dêles para que eu, mais seguramente, possa remediá-los.

*Causas dos males.*

A pobreza dos portugueses, a qual lhes ensina as piores artes, procede em parte das guerras, que mais de uma vez acarretaram devastações, em parte da persuasão a que os induzira a esperança de que a armada espanhola nos ia obrigar à fuga e reduzir-nos às últimas extremidades. Bastante animados por tal confiança, entraram a comprar, por qualquer preço que fôsse, engenhos, terras, escravos, oficinas, sem cuidar como os pagariam. Os institores, com leveza notável, entregaram os cabedais dos seus preponentes a êsses tais e fizeram de uma posse certa uma posse incerta, estimulando-os a ambição do lucro que tiravam do dinheiro à vista. A isto seguiu-se o excesso dos serviçais, a baixa do açúcar, a carestia do mantimento, a morte dos negros por varíola,

*Pobreza dos portugueses.*

o abandono das lavouras, o estrago das plantações pelos saqueadores, a devastação causada pelas lagartas, arganazes, camondongos, as inundações e a sêca produzida pelo calor. Como sofressem todos êsses reveses e não pudessem pagar seus débitos no prazo estipulado, contraíram empréstimos com elevadas usuras e, metidos em demandas, arruïnaram-se ainda com êsse desatino. E' costume exigir juros de 3% ou 4% ao mês e amortizar-se todo o capital dentro em dois ou três anos. A esta iniquïdade acrescem estas outras causas : todos os meses, em novos recibos, cresce o capital adicionado à usura, e assim esta aumenta consigo mesma. As custas e taxas dos escrivães, escreventes, notários, corretores, procuradores, correios e outros vampiros forenses mungem os pobres ou fazem êstes. Depois a cobiça dos exatores, que agarram os ricos como presas, atira-se sôbre os desgraçados e esfola com multas e extorsões aqueles que lhes parece proveitoso sejam considerados réus. A estas sanguessugas, pôsto que tudo roubem, tudo falta, como sói acontecer com as cousas mal adquiridas.

*Decadência do comércio.*

A queda do comércio resulta em parte dos fatos referidos, em parte dos excessivos encargos com que se gravam os produtos brasileiros, de sorte que, se bem correspondam as safras aos votos, todavia não se salva a fazenda, porque dia a dia afrouxa na Holanda o preço dos açúcares. Entre as causas da diminuïção do tráfico está a desvalorização da moeda, assim como o valor diminuto dos direitos para transporte de numerário. Isto faz que os mercadores, por causa da duvidosa colocação do dinheiro a juros e dos prejuizos com a baixa do açúcar na Holanda, meteram em cabeça mandar para fora dinheiro, fruto e instrumentos do comércio, não às claras, sabendo-o os fiscais da alfândega, mas às ocultas.

*Esgotamento do Tesouro.*

Quanto ao tesouro público, pôsto que tôda a sua prosperidade dependa da prudente administração dos negócios brasileiros e do legítimo proveito auferido assim das mercadorias importadas como das exportadas, todavia está perto da verdade que, entre as causas das más condições dêle, se inclue a imperícia e o desmarcado desejo de possuir de alguns. Com efeito, desde que o Brasil começou a experimentar os reveses da sorte, muitos deixaram de conhecer a situação dos lugares e o acesso a êles, a natureza do solo e a índole dos povos, e assim, pela ignorância e negligência dêsses, escapou a ocasião de mais de uma vitória, e o êxito de mais de uma emprêsa, depois de se perder considerável dinheiro, desmentiu a expectativa dos seus instigadores. Diretores conceituadíssimos tentaram muitas cousas excelentes, mas

realizaram menos do que desejavam, porque, em razão do seu cargo temporário e de traçarem os seus sucessores outros planos, não houve constância nem diligência igual para os empreendimentos. Entre os erros públicos figura o de darem alguns mais crédito às cartas e denúncias de particulares que escreviam para a Holanda do que às oficiais e às dos que exercem uma dignidade, e assim encheram os ouvidos dos crédulos aqueles que preferem falar para cair em graça a ser úteis. Por isso, ora se suspenderam expedições por intempestiva economia, ora se empreenderam com profusa liberalidade; remeteram-se, ora com mais largueza, ora com mais parcimônia do que convinha, vitualhas, naus, armamentos e outras cousas necessárias para a guerra, e assim a salvação pública lamenta, não sem motivo, o terem-se perdido crescidas despesas. Provém da mesma fonte o haverem recebido os governadores do Brasil determinações que mal se poderiam cumprir, instruções contrárias a outras e amiúde também ordens que haviam de ser prejudiciais, como tomarem-se escravos, em solução de dívida, doar terras que não é lícito serem doadas, vender negros a prazo, quando havia aquí fartura de dinheiro, os quais somos agora mandados vender à vista, depois que fugiu todo o numerário. Daí resulta que continuam os débitos antigos, e se tornam tão baratos os escravos que se vendem aquí por preço inferior ao que custaram na África. Não me é, porém, fácil acusar dêsses fatos os Estados Gerais, cujo intuito foi tentar as medidas mais importantes e úteis à República. O êxito das cousas não depende dos desejos, e o acaso ludibria os projetos mais sàbiamente assentados. Entre outras causas da inópia do tesouro do Brasil entram as seguintes: os socorros mandados a Angola, São Tomé e Maranhão; os gastos feitos com a restauração de fortalezas; as rações e o pagamento diário dos soldos, as soluções demoradas dos débitos e as execuções difíceis, pôsto que ordenadas pelo juiz. Mas, indicar o remédio para os presentes males com queixas e lamentos seria fatigar-vos o espírito, perturbando-vos a visão da verdade. Darei, portanto, minha opinião sôbre os meios de saná-los, salva e íntegra melhor sentença. *Remédios dos males.*

Seria confôrto para os senhores de engenho e para os portugueses esgotados de dívidas conceder-lhes a Companhia alguma folga de tempo para refazerem o patrimônio arruïnado pelas guerras e outras calamidades imprevistas e mandadas por Deus. Se isto não fôr possível, aconselharia eu cobrarem-se as dívidas com maior brandura, mediante a vendas dos açúcares, das alfaias, *Contra as dívidas dos portugueses.*

joias e outros bens móveis, mas não dos escravos e dos utensílios necessários ao fabrico do açúcar, nem dos bois, sem os quais não podem trabalhar os engenhos, salvo se forem tão grandes os débitos que se torne preciso vendê-los em hasta pública com todos os seus utensílios e pertenças. Está verificado que, tirando-se aos engenhos os seus instrumentos de trabalho, êles se depreciam, porquanto os que estão providos do necessário valem 100.000 florins, e os que não o estão valerão apenas 40.000, quantia que, rateada entre vários credores, dará a cada um minguada quota. Além disso, deve atender-se a que um edito do ano de 1640 determinou que pelas dívidas garantidas por penhor não se cobrassem juros superiores a 12% e pelas não garantidas apenas de 8%. São fáceis os exemplos de quão enormemente os nossos burlaram esta lei, exigindo um juro ilegal. Cosme de Oliveira, morador no Tijucopapo, tendo comprado alguns escravos por 9.000 florins, depois de pagar 12.000 de mora, foi preso por uma dívida de mais 15.000 florins. João Soares, cidadão de Muribeca, tendo recebido a crédito bens no valor de 36.000 florins, tendo pago 60.000, ainda devia de mora (ah! invoco o testemunho dos homens!) igual quantia! Seria, certamente, legal e justo abater-se os débitos dêstes quanto lhes foi cobrado com suma injustiça. Isto fizeram os Romanos, elaborando a Lei das Doze Tábuas para conterem os furores da plebe e suas justíssimas reclamações. E não encontrarei fácil freio para a celerada cobiça de alguns, senão a atrocidade das leis e das penas contra êsses milhafres roubadores e infrenes onzenários. Além disso, cumpre cercear as custas dos processos, peste do fôro, e reprimir os latrocínios dos escultetos contra as bolsas dos clientes. Uma república nascente exigirá também leis suntuárias para se coïbir que o luxo se arroje a tudo aquilo com que se dissipa dinheiro, mormente os requintes das mesas e dos vestuários, que são indícios de uma nação doente. E como já está próximo o têrmo fixado para o tráfico do Oriente, convirá que os Estados Gerais se esforcem para que se deixem de importar os açúcares orientais, porquanto é certo abaixarem êles na Europa o preço dos açúcares brasileiros. Será do interêsse da Companhia ter maior cuidado com os negros, visto como, dos 64.000 exportados da África, morreram dentro de ano e meio 1.525. Quero crer que a causa disso não é outra senão que, maltratados nos navios, desprovidos do necessário para a vida, morrem êsses infelizes pelo desasseio e péssima alimentação. Os preços dêles variam conforme estejam bem ou mal nutridos.

Após a travessia, dê-se um espaço para se refazerem os corpos. Do contrário os magros perdem quasi inteiramente o valor, ou, debilitados pelos incômodos da navegação, morrem logo após o desembarque. Daquí por diante, seria menos conveniente vendê-los a prazo, como se costuma. De fato, como entre a imensa turba dos circunstantes, não se podem tomar em consideração os compradores ou os caucionantes, acontece que grande parte dos negros são vendidos àqueles que menos cuidam em pagar as suas dívidas, ou àqueles que vivem de roubo nas selvas e obteem êstes companheiros para os seus crimes, os quais, em latrocínios e saques, se tornam ferozes para o mesmo gênero de vida. E' por isso que se veem os livros de contas cheios de débitos vãos e de compradores pobres. Não convém tão pouco vender escravos à vista, quando há poucos compradores, os quais mais endinheirados, deixam decrescer e enfraquecer os preços na arrematação pública, antes de fecharem o contrato com o vendedor. Por isso eu aconselharia que, investigando-se primeiro por um agente o estado de cada engenho e os recursos econômicos dos senhores, a êstes se vendessem a prestações fixas ou a dia certo, com a condição de que todos quantos quiserem pagar à vista entrem logo no uso e gôzo dêles; os que não o quiserem, enquanto não satisfizerem integralmente o pagamento, julguem os negros comprados, apenas de seu uso, mas públicos na posse e domínio. Portanto, quereria que fôssem assinalados com a marca da Companhia os corpos dos escravos, para que os indivíduos inclinados à fraude não substituam os melhores pelos piores. Parece-nos que isto serviria para aliviar a pobreza de muitos, diminuir as dívidas e aplacar os ânimos em relação a nós. Se insistirmos num proceder mais rigoroso, adquiriremos mais inimizade do que poder. Introduziremos nas províncias as comoções domésticas, as armas estrangeiras ou a solidão. Entretanto, para restituir-se a todo o comércio o seu vigor, é necessário haver nova deliberação relativa aos impostos e à moeda. Desejaria que se isentasse o açúcar de meio stuiver em cada libra, pois os açúcares de qualidade inferior não suportam êste recente aumento. Além disso, estando já o Oceano mais seguro contra os ataques dos flamengos, poderão as navegações ser aliviadas de parte das despesas, nem há necessidade de tamanho aparato de naus de guerra e de combóio, uma vez que tudo se pode levar em navios de cargo e de transporte. Se, pelo contrário, dura ainda o mêdo inspirado pelos flamengos, deve-se navegar em esquadras pelos mares setentrionais, entre a Grã-Bre-

***Contra a decadência do comércio.***

tanha e a Irlanda ou, sendo aí rigoroso o inverno, pela Mancha, sob a proteção de navios de combói. Seria proveitoso organizar a fazenda pública mediante boas leis. Um profundo golpe desfechado contra os comerciantes foi a depreciação da moeda, e não pode êle ser curado senão com o incremento dela. As moedas chamadas cruzados (357) valem na Baía 12 florins, as chamadas reales valem três florins e 12 stuivers. De todo o lucro que se apura dêste valor, cabe um têrço ao rei, um têrço ao dono e um têrço aos eclesiásticos. Seria necessário inventarem alguma cousa semelhante os industriosos, a quem aquela decantada mestra das artes prodigaliza engenho fácil, para que os nossos, cujo ouro há muito aprendeu a andar entre os cortesãos, não o passem para a Baía, seduzidos pela esperança de um lucrozinho. Talvez fôsse útil cunhar-se nova moeda, que corra só no Brasil, de sorte que fugindo ou faltando o dinheiro espanhol, haja alí numerário bastante para os estipêndios militares e os negócios comerciais.

*Pistolas. Reales.*

Para restaurar o tesouro seria de proveito o seguinte: se, além de se cuidar do que ficou dito, cortarem-se as despesas com as construções navais; enviarem-se mais liberalmente da Holanda mantimentos e outras cousas e manter-se o preço das mercadorias brasileiras; reduzir-se o número dos oficiais civís e militares; abastecerem solìcitamente os intendentes as fortalezas, segundo o costume da Europa, e não venderem muito caros aos soldados os gêneros alimentícios; não exigir com excessívo rigor o dinheiro devido à Companhia, nem desprezá-lo com excessiva facilidade. Dos devedores uns são oficiais mecânicos, outros mercadores, outros lavradores e fazendeiros. Com os primeiros se deve proceder rigorosamente, porque gostam de sustentar-se com o sangue alheio, pobres por sua própria culpa. Com os segundos, da mesma forma, enquanto tiverem íntegro o seu crédito, pois julgam importar à sua honra o correr ela perigo. Se perderem os seus haveres e crédito, qualquer delonga é danosa, pois só ela lhes resta para entrouxarem ou esconderem os próprios bens. Com os últimos se deve proceder mais branda e moderadamente, porque desta fonte manam as esperanças de todos os proventos e lucros do Brasil, elementos em que se apoiá com tôda a evidência a riqueza da Companhia. Desejaria eu que se prevenissem de todo êsses extremos, para não cessar o trabalho diário dos engenhos e das lavouras, ficando desocupados os escravos. Entretanto, convém transigir com êles, conforme a felicidade das safras, a qual só Deus pode conceder. Não se lembre ninguém de se

admirar de haver eu narrado esta Ilíada de males, a qual importaria evitar ou corrigir. A culpa disto não me cabe a mim, em cujo poder nunca esteve o desviar tais inconvenientes: os governadores do Brasil teem necessitado do auxílio alheio e externo; além disso, nem êles, nem os próprios diretores da Companhia na Holanda puderam quanto quiseram, e assim temos de imputar alguma cousa aos fados, alguma cousa à incúria, muito à imprudência e mais ainda à inópia pública.

*Grande importância do Brasil.*

Tudo o mais que se empenharem de conhecer Vossas Senhorias, de bom grado o exporei, pronto para ouvir os contraditores. Certo julgo tamanha a importância das províncias que tendes sujeitas às vossas armas, que seria indigno da nossa geração e da posteridade abrir mão delas. Se ainda não se gabam por seus grandes proveitos, gabar-se-ão mais, quando aumentar a colonização, e os holandeses se espalharem, por mais largo espaço. São tais essas províncias, que, munidas pela natureza e pelas fortalezas, podem desprezar um poderosíssimo inimigo. Se por desleixo ou por discórdia forem menoscabadas, nunca se poderão recuperar. Obteve-se no Brasil a estabilidade do nosso domínio mediante soldados e fôrças, e assim deve ser ela conservada. Senhoreais pelas armas mais de uma parte da África para que seja dado passar dalí para o Ocidente e penetrar-lhe os recessos. Vamos em dois meses ao Chile, província banhada pelo Oceano Pacífico, e em quatorze dias a Havana, lugares favoráveis às maquinações dos nossos. Desde que tomámos os réditos de Honduras, despojámos a frota da prata e fechámos a frota da prata e fechámos nos portos outras armadas para não prosseguirem derrota, foi tanto o terror por nós espalhado através do Ocidente que, tendo-se queixado o vice-rei do México do perigo corrido pelos seus reinos, deu êle tais cuidados ao rei de Espanha que êste se decidiu a meios extremos para restaurar o Brasil. E pôsto lhe tenha sucedido mal essa tentativa, pelo recentíssimo destrôço da armada espanhola, o qual devemos à proteção de Deus, planeou êle nova emprêsa, perturbada, porém, pela revolução de Portugal. Em conseqüência desta, perdeu mais de uma possessão, não só no Algarve, mas também nas ilhas dos Açores, nas costas da África e das Índias Orientais, de sorte que tem agora de garantir, com subidos gastos, os réditos da Terra Firme e da Nova Espanha.

Se for realizável a fusão da Companhia Oriental e da Ocidental fusão em que se está pensando, segundo ouço dizer, não

duvido de que não sejam os espanhóis desapossados, com a união dessas fôrças, do senhorio do Perú, de Manilha, do Rio da Prata e das minas de Potosí. E não serão capazes de defender o reino de Havana, Cartagena e México. Só a notícia de tal fusão há de imperar a paz ao gloriosíssimo rei da Espanha. Se formos, porém, expulsos do Brasil, perderemos Angola, São Tomé e todo o tráfico dos negros".

É êsse o resumo do que o Conde teve de expor para serem conhecidos os interêsses da guerra e da paz no Brasil. Êle administrou ou aconselhou tudo isso para honra de Deus, progresso da Companhia e glória da Pátria. Disse o que sente e o que aconselha, exortando os Estados Gerais a utilizarem seu parecer e alvitres para a salvação da República, e a que ou deliberem por si o que parecer de proveito, ou se dignem de ouvir-lhe os salutaríssimos conselhos. Discorreu também sôbre a índole dos brasileiros (358) e observou que devem ser tratados mais liberal e livremente, concedendo-se-lhes a liberdade e imunidades prometidas afim de não os ensinarmos intempestivamente a voltarem contra nós as armas que mais de uma vez tomaram em nosso favor.

"A segurança, dizia êle, deve ser pactuada mediante uma segurança mútua : a obediência dos súditos e benignidade dos governantes. Assim se levantará para a segurança das províncias um muro de bronze contra os embates das circunstâncias. Importa à prudência do Príncipe o que se pode fazer às vezes com severidade e o que se faz noutras ocasiões com moderação. E será muito louvável que a Companhia se resolva fàcilmente a pôr em ordem tão consideráveis interêsses".

*Os Estados Gerais, o Príncipe de Orange e os Diretores da Companhia, agradecem ao Conde a sua administração do Brasil.*

Os Estados Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia, a quem estas cousas pertenciam, depois de terem agradecido ao Conde o haver êle, com a sua sensata administração do Novo Mundo, ajudado ao Velho, aprovaram-lhe sem contestação as contas, obrigando-o a êle, prontíssimo em obedecer, à promessa de prestar para o futuro perpétuos serviços à República. Certamente êste julgamento de uma assembléia gravíssima livrou dos dentes da calúnia a um General cheiíssimo de louvores, a respeito de cujos virtudes nada se pode imaginar tão excelente que chegue à altura verdadeira dos seus méritos.

*Linhagem da Casa de Nassau.*

Narrei os feitos praticados no Brasil durante o govêrno de Maurício, que regressou não só dos perigos de tão longa navegação, mas também da guerra feita entre tão profunda barbárie. Deixando de parte as minúcias, escolhi os fatos mais conspícuos pela exemplaridade, grandeza e proveito.

A linhagem do Conde filia-se na casa de Nassau, que muitos séculos atrás, foi célebre pelo seu poderio, casamentos e ações ilustres na paz e na guerra, não só na Alemanha, mas em tôda a Europa. Adolfo de Nassau (359), obtendo o Império Romano-germânico, foi quem primeiro engrandeceu a casa nassóvia. Renato de Chalons e Nassau acrescentou-lhe o principado de Orange. Há duzentos anos transportou-a para os Paises-Baixos o Conde Otão. Elevaram-na Engelberto I e seu neto Engelberto II, que a fizeram sobressair na Holanda por suas cidades dotais e riquezas. O imperador Maximiliano colocou Engelberto II no govêrno das florentíssimas províncias neerlandesas, depois de ter êle praticado as mais brilhantes façanhas na França e em Flandres. Sucedeu-lhe seu sobrinho Henrique de Nassau, filho de um irmão seu, o qual não só comandou o poderosíssimo exército do imperador Carlos V na França, mas ainda governou todo o Brabante e outras províncias. E não é menor a glória e a dignidade de Renato de Chalons, de Guilherme I, de Maurício, assim como a de S. A. o Príncipe Frederico Henrique, hoje em tôda a parte vitorioso, todos êles príncipes de Orange e reservados venturosamente pelo destino para regerem os Países-Baixos.

*Ramo de Dilemburgo. Dilemburgo, cidade do Condado de Nassau.*

Entre os ramos da casa de Nassau inclue-se o de Dilemburgo, ao qual pertencem os ditos príncipes, e bem assim êste nosso o Conde João Maurício, de quem trata a presente história. Dilemburgo, cidade do Condado de Nassau, às margens do rio Dile, é pátria e solar de tantos Nassaus. O avô do Conde, João de Nassau, o velho, irmão do príncipe Guilherme de Orange e vice-governador de Gueldres, enquanto viveu, amplificou a sua glória com grandes virtudes. João, pai de Maurício, irmão do Conde Guilherme, eminente governador de Frísia e de Groninga, depois de celebrizar-se na Holanda, sob Maurício nas artes da guerra, deu muitas provas de perícia militar como capitão-general do exército de Carlos, rei da Suécia. Sua mãe Margarida, filha do duque de Schleswig-Holstein, princesa de ventre fecundo, deu à luz para alegria de seu marido João, com que foi casada em segundas núpcias, a João Maurício, Jorge Frederico, Guilherme Otão, Henrique, Bernardo, Cristiano e João Ernesto, bem

*Avô de Maurício. Pai, mãe, irmãos.*

como a diversas filhas. Nascido na cidade Dilemburgo de Nassau, foi Maurício, de menino, instruído nas letras pelo pai, e de jovem o foi nas armas. E sendo tantos os exemplos de fama guerreira dos Nassaus, levou-o ainda seu pai aos Países-Baixos, campo de luta, onde eram muitos os afãs da milícia. Logo se lhe deparou ocasião de levar para o Brasil a dignidade da família de Dilemburgo e a prudência e heroísmo da raça nassóvia. Seu irmão Jorge Frederico ainda agora serve na milícia sob S. A. o Príncipe de Orange, no pôsto de comandante de um esquadrão de mosqueteiros e de sargento-mor de um regimento de cavalaria. A vitória de Lípsia celebrizou a Guilherme Otão, que combatia sob o belicosíssimo rei Gustavo Adolfo, e, na patente de capitão de cavalaria, o cumulou de grande glória a fortuna, por causa da sua bravura. Henrique, major e militar experimentado, depois de haver participado, em cumprimento dos deveres de um digno soldado, da expugnação de várias cidades e praças neerlandesas, foi elevado por seus méritos a governador da fortíssima cidade de Hulst, na Flandes. Bernardo morreu muito jovem, mostrando-se, porém, capaz da fortuna para a qual era criado. Cristiano, batalhando sob os auspícios do Landgraf de Hesse no pôsto de general, continua a receber do seu destino a consagração da fama, seguindo o caminho de seus maiores. João Ernesto, o mais novo dos irmãos, indo para o Brasil com o mano Maurício, alí encontrou, por dignação do Capitão-general, o lugar de sua morte e de sua glória. Das irmãs do Conde umas casaram luzidamente, e as oútras ficaram solteiras.

*Irmãs.*

*Viver de Maurício no Brasil.*

Maurício, desde que entrou no Brasil, quis lhe fôssem do agrado os labôres e os perigos. Os feitos e as recordações de seus avoengos, os triunfos de seus parentes no Países-Baixos, por cuja influência, mais que pela dos astros, se forma o caráter dos príncipes, estimulavam-lhe o exercício da guerra. De tal maneiro combinou entre os estrangeiros a bravura, a prudência, a probidade, virtudes exímias dos generais, que aos soldados deu exemplo do seu denodo bélico e aos domésticos o de uma vida moderada e exata. Ninguém mais civil do que êle nos deveres sociais, na conversação, no traje, no andar. E por outro lado inacessível às lisonjas, odiava os semblantes mascarados, amando sòmente a sinceridade e a inteireza. Com esta bondade, ganhava os corações de todos e, desta maneira, benquisto dos próprios bárbaros e antropófagos, gozava de estima entre monstros. Severo guarda do direito e da justiça, conteve, com lei igual, os mais

altos e os mais humildes, os bárbaros e os cristãos, os mercadores e os cidadãos. Velou por tudo quanto era em proveito e glória da Companhia. Obedeceu-lhe aos diretores, quando aconselhavam as melhores medidas, mas com tal circunspecção que às vezes tomava liberdade de modificar e diferir as instruções recebidas, se assim o persuadia a utilidade da República ou a necessidade, a exemplo de Augusto, de quem diz o historiador Dions (360) não ter êle cumprido tôdas as resoluções, quando temia tivessem pouco êxito, mas ter disposto certas cousas às circunstâncias e adiado outras. Não ficou isento da penúria geral, sofrendo junto com os seus súditos as calamidades da guerra ultramarina. Aumentou-lhe os labôres do govêrno o ter vivido entre povos na maioria discordes pela rivalidade, dúbios na fidelidade e mais infensos à nossa gente do que a êle. Nenhum inimigo sofreu dêle violência, senão quando cumpria ser vencido; nenhum dos seus compatriotas lhe conheceu a benevolência, a não ser para remediar-lhes a miséria ou promovê-los. Era extraordinária e contínua a sua energia e atividade para enxergar e examinar as cousas. E sendo fàcil entre estrangeiros cair-se na dissolução, de modo nenhum se entregou aos costumes dos americanos ou quebrou com a licença a sua fortaleza. Desviou do seu generoso coração as duas pestes dos que reinam: a sensualidade e a ambição. Sem dar crédito algum aos boatos sem importância, levados para se alcançar favor, ponderava maduramente as cousas verissímeis. Quem poderá citar uma a uma tôdas as suas obras? *Síntese dos seus feitos.* Durante os oito anos de seu govêrno, desempenhou todos os deveres de um egrégio soberano. A organização da República foi um dos seus principais feitos. Ampliou o território do domínio do Brasil, incorporando-lhe novas províncias, e defendeu as antigas. Só os engenhos e terras de portugueses que tinham fugido e viviam no território inimigo, postos em leilão e vendidos por direito de guerra, deram ao tesouro da Companhia um lucro avultado 1.963.000 florins ou mais. De despojos de guerra e outros *1.963.000 florins.* bens tomados ao inimigo alcançaram-se 2.017.478 florins ou *2.017.478 florins.* mais. Levantou fortificações para resguardar as províncias contra os perigos dos tempos. Anexou ao nosso domínio o Sergipe del Rei e as terras do Maranhão, expugnou fortalezas e cidades — a cidade de São Luiz do Maranhão, os fortes do Calvário, do Itapicurú e de Tapuitapera. Expulsou de Pôrto Calvo as guarnições espanholas, pondo em fuga o Conde Bagnuolo. Edificou no São Francisco o solidíssimo forte que tem seu nome. Apo-

derando-se do forte no Ceará, uniu-nos mais estreitamente aos tapuias e êstes a nós. A guerra da África, que inspirava grande terror e aumentava dia a dia, foi em breve consumada pelos conselhos dêle; porquanto sujeitou ao nosso poder, nas costas da África, o forte da Mina, o reino de Angola, a cidade de Loanda, a fortaleza de Benguela, a cidade e o forte da ilha de São Tomé. Na expedição contra a Baía, venceu três fortes e alguns navios, que lhe caíram como presa. Com vigorosos planos e armas, expeliu do litoral brasileiro uma poderisíssima armada, na qual punham os espanhóis tôda a sua salvação. Mais de uma ver aterrorizou as partes mais distantes das Índias Ocidentais, mandando frotas contra elas. Concluiu aliança com os chilenos. Obrigou os baianos a fazer guerra mais moderada. Levou as armas batavas através do Novo e do Velho Mundo e arrastou os bárbaros, em exércitos inteiros, à sociedade da guerra. Nenhum sossêgo deu aos inimigos, ou impedindo-lhes as devastações ou destruindo os devastadores, e, depois de havê-los amedrontado, não se esquivou aos convites da paz ou de guerra mais comedida. Nêle encontraram amparo nações tanto brasileiras como africanas, recebeu-lhes honrosamente os embaixadores e defendeu o renome das Províncias-Unidas, assim na paz como na guerra.

*Açúcar* : *Da Companhia* : branco - 104.555 *caixas* ; mascavado - 27.803 *caixas* ; *panela* - 5.766. *De particulares* : branco - 54.593½ *caixas* ; mascavado - 22.100 *caixas* ; panela - 3.403 *caixas*. *Pau-brasil* : 2.593.630 *libras*.

Quem poderia enumerar tôdas as riquezas e cada uma delas e a grande quantidade de mercadorias que em seu tempo circularam no comércio? Por essa época, exportaram-se umas 100.000 caixas de açúcar, entre as da Companhia e as de particulares. Dos livros da alfândega consta o seguinte cálculo delas : 104.555 caixas de açúcar branco ; 27.803 do que chamam mascavado ; 5.766 do açúcar panela. Estas eram da Companhia. De particulares era o seguinte o número : 54.593½ de açúcar braco ; 22.100 do mascavado ; 3.403 do panela. Pau-brasil : 2.593.630 libras, para não falar do cálculo da exportação do tabaco e de outras veniagas de menor valia.

Além disso, o Conde enriqueceu e ornou com edifícios vilas e cidades. Construiu pontes e palácios para utilidade e beleza. Erigiu, em parte por sua munificência, um templo para a piedade e para o serviço divino. Teve consigo e favoreceu, na paz e na guerra, os mais eminentes artistas : arquitetos, geógrafos, pintores, escultores para que êles mostrassem, vencidos, aos holandeses de além-mar os lugares, as terras e as cidades que êle próprio vencesse. Julgava legítimo que o cultivo do engenho deveria acompanhar o império aonde êle fôsse. Mandou desenhar cartas

geográficas com grande cuidado e a sua custa, nas quais se representavam as cidades, vilas, povoações, fortalezas, currais, lagoas, fontes, cabos, estâncias navais, portos, rios, escolhos, engenhos, igrejas, conventos, plantações, posição das regiões, suas longitudes e latitudes e outras cousas, sendo autor delas Jorge Marcgrav, exímio geógrafo e astrônomo, o qual, incumbido de fazer o mesmo na África, lá morreu. Para agradar-lhe mandou o Conde construir numa eminência um observatório, onde se estudassem os movimentos, o nascer, o ocaso, a grandeza, a distância e outras cousas referentes aos astros. A êstes estudos juntou ainda aquela diligência com que fez desenhar e pintar artisticamente os animais de várias espécies, as maravilhosas formas dos quadrúpedes, assim como das aves, peixes, plantas, serpentes e insetos, os trajes exóticos e as armas dos povos. Estamos na expectativa certa de tudo isso, que deve sair a lume com as respectivas descrições.

Se bem que tratava o Conde a todos com distinção, admirava e amava aos doutos, principalmente aqueles a quem conhecia na intimidade. Entre êstes estavam em primeiro lugar Francisco Plante e Guilherme Piso, aquele seu capelão e pregador, êste seu médico, aquele diligentíssimo em excitar as almas à piedade, êste em revelar a natureza à maior das ciências, ambos insignes pela sua ilustração e louvados na sua arte. Por isso quiseram não sòmente ser testemunhas das ações praticadas, mas também dar a conhecer a flora do Brasil. Um, dirigindo o espírito para as ficções poéticas, exaltou, num poema de mérito, que intitulou Mauricíada, os feitos gloriosos de Maurício no Brasil. O outro, dedicando-se ao estudo da natureza rara e das virtudes das plantas exóticas, julgou que lhe competia dar-lhes a descrição. Fizeram êstes dois que não fôssemos vencidos no engenho e na erudição por aqueles cujas armas vencêramos com as armas, cuja barbárie vencêramos com a brandura.

De tôdas estas cousas, nenhuma teve o Conde por maior que a religião, nenhuma por mais sublime que a fé. No govêrno delas de tal modo se distinguiu que, na diversidade das crenças, conquanto professava pùblicamente a sua, isto é, a verdadeira, manteve-se eqüitativo em relação às outras e não impôs aos súditos, com editos minazes, a forma do culto divino que abraçara, mas deixou-a pura qual a encontrara, ou a ela os atraiu plàcidamente. Por isso aconselhou se ganhassem os ânimos dos gentios para êles acreditarem que lhes queriam ensinar o melhor aqueles

que os amavam. Em verdade, não se persuade o que é preciso crer àqueles a quem se faz mal, nem poderão êles esperar os bens espirituais e de vida melhor daqueles que veem alcançarem os bens terrenos com o roubo e obterem o poder com derramar sangue. Não se diria que Maurício vivia entre bárbaros, tal a polidez, mansidão e eqüidade com que governava o povo. Por esta razão todos o louvavam abertamente, gozando êle aquela simpatia e prestígio com que se firma a autoridade. Sobrelevava na piedade : era um severo observante do culto religioso, mas sem ostentação. Aproveitou os melhores conselhos dos cidadãos, impediu os prejudiciais, encaminhou os duvidosos, evitando em tôda a parte que não se ajuntassem indivíduos discordes, mormente onde estão próximos os que alimentam o incêndio civil e longe os que o extinguem. Também não se concentrou a governança de Nassau num território estreito e insignificante, mas extraordinàriamente vasto. Os amplíssimos confins do Brasil abrangem largas extensões de terras e de mares, achando-se esparsas também pelas ilhas as fôrças da dominação. As províncias são munidas de tropas, que, nas cidades, povoações, fortalezas e armadas, são mais ou menos numerosas, conforme as circunstâncias. A soldadesca esteve aquartelada já nas fronteiras, já no interior, onde fôsse menos onerosa para os súditos e mais proveitosa contra os inimigos. As armadas estanciaram terríveis no mar e nos rios para não deixarem o inimigo entrar, para conterem os piratas, para atacarem novas terras e permitirem fàcil transporte aos seus. Os comandantes, preclaros pelas suas virtudes cívicas e militares, memorados por outros e por mim, não se mostraram inferiores, na coragem e nos feitos, nem aos gregos, nem aos romanos. Começaram a fundar-se colônias, ótimo e sapientíssimo invento de Rômulo. Eram crescidas as rendas das décimas, dos gêneros alimentícios, das alfândegas. Viam-se arribar ao Brasil ou dêle partir tantas e tão grandes naus de carga e de guerra que se poderia crer ser êle o empório do mundo inteiro. Daí a inquietação da Espanha, de todo o Ocidente, dos mexicanos e peruanos. No Brasil alarga o holandês os limites da sua glória, e, habitante do Velho Mundo, se apossa do Novo, como seu novo hóspede e inimigo (361). Quem disser que Nassau não administrou e governou com prudência o Brasil, compare o que se fez antes dêle e o que aconteceu depois. Logo após a sua partida, verificou-se, pesa de dizê-lo, que, vacilando a concórdia das partes, começaram elas a ofender-se, e em conseqüência disso, andaram para trás os negó-

*Extensão do império brasileiro.*

cios da Companhia, porque os nossos quebravam a fidelidade, os inimigos se mostravam audazes, as fortalezas capitulavam e os soldados holandeses ficavam sujeitos às derrotas, e além disso, já não foram mais os saqueadores portugueses contidos pelo mêdo, nem os holandeses pela conciência do dever. O Conde, reservado para cousas maiores, pediu a tempo a sua demissão, de sorte que ficou duvidoso se mereceu maior louvor em administrar as terras bárbaras ou se em deixá-las. Foi-lhe mais pronto entregar o govêrno que aceitá-lo, e o que sôbre si tomara a pedido alheio renunciou de vontade e ânimo sereno. Certo se deveu ao destino que, despindo-se, nas terras estrangeiras, da sua dignidade de governador e capitão-general, se houvesse revestido de outra na pátria, sem deixar de ser quem foi e tornando-se até maior do que foi. Antes obedeceu até às ordens dos mercadores, agora sòmente às dos Estados Gerais; antes servia um cargo temporário, agora perpétuo; antes administrava interêsses da Pátria, ausente dela; agora faz o mesmo, residindo nela; antes governava bárbaros, agora governa a sua gente; antes comandava milícia mais imperita, agora tem às ordens milícia mais organizada. Com efeito, foi nomeado pelos Estados Gerais não só governador da ínclita Wesel (362), a mais forte das praças fronteiriças, mas também tenente-general de tôda a cavalaria, sob o príncipe Guilherme de Orange (363), e, lembrando-se dos méritos de seus avós e votando-se aos interêsses da Holanda, vê a trajetória, mas não o têrmo, das suas honras.

*Voltando Maurício para a Pátria, é honrado com altas dignidades.*

Os invejosos e descontentes se inclinam a diminuir os louvores dos que governam, mas aqueles que seguem os sentimentos de justiça e os sufrágios dos melhores não ouvem as vozes vãs do povo. Os que vão julgar dos capitães cumpre que lhes examinem os planos, conselhos, fidelidade e feitos, e não ùnicamente isso, mas ainda aquilo que poderia ter sido por êles realizado, pois sabido é que amiúde não se lhes deparam ocasiões, amiúde se vêem privados de armas e aparelho bélico. E além disso, não podem responder, por si próprios, pelos sucessos de todos os cometimentos, porquanto as cousas da milícia são muito sujeitas à sorte. Também é esta condição dos potentados: — consideram seus todos os feitos prósperos, mas imputam aos seus generais tôdas as emprêsas infelizes. Nassau nunca deixou escapar-se a Fortuna, quando ela se apresentava, nem permitiu, por negligência, que ela se oferecesse ao inimigo. E, quando êste prevalecia em armas, nunca êle achou que se devesse desdenhar, nem temer-

se, quando a necessidade e a esperança da vitória incitavam a ousadia. E' fácil aos moradores da Europa vencer pelos desejos uma terra inimiga, conversando e bebendo. Cada um de nós inventa a seu gôsto modos de vitórias, e mostra-se maior no entusiasmo que nos conselhos, diligentes na língua e nada mais tentando além das palavras. Mas um general vigilante, moderado e prudente, assim como pode tolerar os paroleiros batavos, assim também sabe precatar-se de empreender ações superiores às suas fôrças, onde faltam bastimentos, reforços, dinheiro. A expectação pública é em verdade impaciente dos resultados, se bem seja a dos particulares loquaz mais entre os imperitos de tais assuntos. Maurício, sem importar-se com êsses, seguindo seu próprio parecer ou o dos seus, firmado em grandes exemplos e não na opinião do vulgo ou nas vacilantes e levianas considerações dos que estavam de longe, praticou, num mundo bárbaro, durante a paz e a guerra, entre inimigos ocultos ou declarados, na terra e no mar, feitos digníssimos do seu século, gloriosos às Províncias-Unidas, aos Nassaus e a êle próprio e úteis à Companhia. Portanto, se quisermos emitir juízo verdadeiro, afirmaremos que não foi dado ao Conde o govêrno do Brasil, mas sim o Conde àquele govêrno, e a ninguém, senão aos inimigos, pode pesar de haver sido o Brasil administrado por êle.

FIM

# REGRESSO DE MAURÍCIO
OU
# CONGRATULAÇÃO
DIRIGIDA AO EXCELENTISSIMO E ILUSTRISSIMO CONDE

# JOÃO MAURÍCIO
## CONDE DE NASSAU

CATSENELLENBOGE, VYANDEN E DIETZ, SENHOR DE BEILSTEIN, GOVERNADOR E CAPITÃO-GENERAL DO

# BRASIL,

AO RETORNAR, SÃO E SALVO, DA AMÉRICA PARA A EUROPA
POR
GASPAR BARLÉU

*De volta do Ultramar, já se acha Nassau entre nós e já os holandeses saúdam o general que regressou. Não o queimou ainda de todo o ardente Febo, e assim mostra êle a antiga alvura e, com os vestígios da côr nativa, conserva também os traços da sua primeira retidão. Partira, como guerreiro, para o hemisfério ocidental e para as tuas terras, cansado Sol. A êle que se arrojava à glória, não lhe pareceu bastante a Europa e a parte do orbe que, primeiro, foi abalada pela fama dos seus. Foi-lhe preciso ir buscar no mundo bárbaro o adversário ibero, e aos deuses súperos aprouve que, no próprio Ocidente, se vencesse o rei da Ásia e os Filipes, soberanos de tantos senhorios. Alí se abre imensa terra, propícia para os troféus; alí se estendem, por vastas regiões, reinos e campos, onde se mostra terrível a fereza de seus nus habitadores. Alí admiramos outros costumes, outras cidades e corpos criminosamente cevados com carne humana e repulsivos manjares, semelhantes aos pratos que Atreu aprestou para o irmão, reduzindo-os a horrendas postas. Entre tal gente, a suprema glória marcial é para os homens sepultarem os vencidos nas vísceras e dilacerarem nos dentes os odiados inimigos, para que inteiros, não causem dano, nem ressurjam da própria morte.*

*Alí Castela contemplou um dia outro céu, outros astros, e dos olhos lhe desapareceu a Ursa e o fero Alcides. Alí, em parte alguma não assomou o Boieiro, nem Perseu se virou para desem-*

*bainhar a espada. Viu admirada Castela ao Centauro, e mais para o Sul, ao Índio e o Altar.*

*A terra recebe o alívio de sombras duplas, vendo-as ora à direita, ora à esquerda. Sempre que nós, sem sol, calcamos, nas noites hibernas, o agudo gêlo, arde ali a lâmpada de Titânio e, abrasadora, queima as fuscas frontes dos naturais. Ali não anda o íncola pela ribeira do Vaal ou do Reno bicorne, nem olha o Liger e o cítico Araxe. O nobre nome da nação amazônica, o Maranhão que rega extensos territórios e o vasto Rio da Prata, que golfa límpidas ondas, dão às águas a sua denominação.*

*Em seus giros oblíquos, mal se escondem os astros, e apenas breve intervalo medeia entre os dias.*

*O poderio romano, amplo embora, não levou àquelas terras as suas águas audazes. A Grécia não conquistou Olinda. O papagaio trazido de tais regiões não pronunciou o nome de Esparta, nem o de Tebas, fundada pelo fenício Cadmo, nem o teu, Milcíades, nem o teu, vitorioso Teseu. Esta sorte coube à Hespéria, e esta glória foi reservada para o Betis e para o regedor do Tejo. A êste se entregou o bárbaro e depois se acostumou com os dominadores iberos. Também nós, cuja marcial bravura não sabe conter-se no mesmo lugar, e cujo grande arrôjo, a exemplo dos reis, quer sempre passar mais além, atravessando o imenso mar, para transpor em breve as lagoas infernais, também nós lá fomos ter e naquelas plagas suspendemos os nossos louros.. Desfrutamos, assim, o que conquistamos, tornando-se despojos dos nossos batavos os reinos ganhados outrora pelos Lusitanos.*

*Ali possue hoje o holandês pacíficas moradas e tranqüilos tetos. O nome dos Oranges apagou a fama dos capitães índios e espanhóis. Emigramos para longe: a Holanda entrega ao próprio Oceano os cidadãos peregrinos e cobre de edificações as terras estrangeiras. O colono, com a sua gente, muda de céu, faz correr notícias de si pelos vales auríferos, abala as próprias entranhas do solo onde se acha o fulvo ouro e amedronta as profundezas do Érebo. Alegra-se a terra de tratarem as nossas mãos o seu dulcíssimo açúcar, e de nela viverem os Matíacos e os Sicambros, lá onde antes os naturais se alimentavam de carne crua e onde as horríficas machadinhas talhavam membros humanos.*

*Aquela terra, eminente General, foi reservada para os teus triunfos e para o teu comando. Havia muito, sob o excelso Príncipe de Orange, eras soldado e, salpicado com a pólvora da nossa guerra, ajudaste os interêsses públicos com emprêsas magnâni-*

*mas, arrancando às garras do espanhol uma sólida fortaleza e defendendo, em favor dos batavos, os seus lares e as fronteiras do Reno, façanha memorável da tua dextra.*

*Para prêmio do teu mérito e carreira do teu futuro, coube-te então imenso hemisfério, que tôda uma idade desconheceu. E tu, ó grande sucessor do intrépido Colombo, seguindo o caminho de Vespúccio, só paraste onde para o Sol. Ali fincou a Natureza a meta dos seus longínquos términos. E' em tal região que vemos ofegante os corcéis de Febo, e não vai mais além a cobiça de honras e de reinos, nem êsse anseio de conhecer cousas peregrinas. O célebre filho da poderosa Alcmena deteve-se em Gades, confins do mundo antigo, e as colunas que lhe tomaram o nome limitaram-lhe o império. Também a última Tule bastou outrora aos regedores latinos. Através do vasto mar, das ondas errantes do Atlântico e dos dilatados domínios de Nereu, surgiram-te novas gentes, e povos ferozes reconheceram-te por senhor e por chefe. Todos êles consagraram-te a própria vontade, e, desnudando os membros, apresentaram-te os braços e tiraram das aljavas os dardos para te obedecerem às ordens. Pelos ombros brincaram-lhes as plumas e, matizando o corpo, congratularam-se consigo e "juraram-te fidelidade, pois tal gente não é ignorante do justo, e a própria barbárie pressente algo do honesto. Aceitam a lei natural e, por favor do Céu, trazem gravados na mente os ditames do dever", conquanto a virtude se esconda, sepultada sob densas trevas. Partiste louvado em tantas línguas quantos os reinos circunjacentes, e a dessemelhança dos costumes não afastou o amor e a obediência a ti devidos. Acataram-te ferozes turbas, de ânimos indômitos, e sob ti, pôde amansar-se e a fazer-se à vida policiada a bravia impetuosidade daquelas nações. Das mãos lhes foram arrancadas as clavas, e do corpo dos condenados se desataram as rígidas cordas e se desviaram as armas feitas de letíferas pedras. "Assim já é certa a fé de que o homem, nascido mau, pode regenerar-se sob uma lei branda". Já o bárbaro caminha pelas calçadas, desembarca em nosso país e, velando o corpo, aprende o antigo pudor. Quanta fereza nesses homens! Que vida rude e desconhecedora da moleza! Que semblantes de olhar bravio, que faces esfuracadas, que braços flexíveis! E com que precípite rapidez o seu pé calca a terra, através de ínvios lugares, quer siga os rastros do célere veado, quer, veloz acosse a lebre no meio dos campos. Quão dextramente vibram o dardo, e, hábeis em ferir o que encontram, prostram o inimigo com certeiros golpes.*

*Lembro-me que, ao largares o litoral batávio, contra ti se voltaram todos os deuses do mar. Os Zéfiros e os Notos desgarraram-te as naus, e os numes irados invejaram-te a sorte. E por que? Surgiu então uma outra Juno a hostilizar os holandeses. Quis Júpiter que partisses com o fado de Enéias e que, através de duros lances e dos perigos vários do Oceano, visses longínquas praias e arribasses a outras terras e a outro Lácio, levando para o Ocidente os filhos de Setentrião e os deuses penates. Eras então, no além mar, um novo Cipião, o vencedor da África, e não tocou sòmente ao Cartaginês essa glória de devassar o Oceano. Tu, para nós um outro Hanão, ousaste aportar a novos mundos com armadas que iam a vencer, pois julgaste menos digno de um capitão apegar-se ao torrão natal e aos lares pátrios. Por Eudoxo foi abandonada Faros e a soberba Menfes e desprezado o palácio hospitaleiro do rei Latiro. Subiu êle o mar Eritreu, e percorrendo em naus a vastidão pelágica, enfim parou, êxule, nas costas hespérias. Êsse foi o destino de Nícias, e os Conões da Grécia demandaram, através das ondas, os países estrangeiros. A mesma sorte exaltou a Lisandro e aos senhores de Roma. E' pela bravura e pelos transes do pélago que se provam os grandes ânimos. São os discrimes que nos tornam fortes, e não teme pequenas cousas quem desdenhou o mar. Mas, assim como o chefe troiano, depois de mil perigos, aportou enfim, salvo, ao Tibre, e sentiu-lhe propícios os deuses súperos, assim também tu arribas, a salvamento, às costas do Brasil, transpões os seus já hospitaleiros rochedos, entras na cidade protegida de recifes e nos lugares, pouco faz, habitado pelos espanhóis, e alcanças o fastígio de um esplêndido govêrno.*

*Logo à tua chegada, és vencedor, e o bravo Bagnuolo é o primeiro que se dói de ser vencido pelo Príncipe. Debandaram-se-lhe as hostes, e as arcas de Pôrto Calvo entregaram-te as suas riquezas.*

*O' afortunado Conde, herdeiro de memorando nome, viram os Trópicos praticarem-se tais façanhas, e a zona que, de um e outro lado, termina o caminho de Febo quis se encerrassem os teus feitos entre os mesmos limites, demarcando com o Câncer e o Capricórnio esta ação marcial. Quando se venceu Penedo, acreditou-se que, em teu favor, aguçou o próprio Quirão as suas setas e auxiliou o Capitão batavo. Orionte ofereceu-te o seu escudo, quando a tua dextra audaz expulsou os indígentes de todo o litoral, e a grandíssima capitania de Pernambuco, tranqüilizada*

*por tão ilustre regedor, se livrou da antiga dominação. E não te pareceu bem o enfureceres-te: a clemência é o eterno dote da tua família. A todos indistintamente dás a esperança certa da salvação e da vida, e, abrandado, atraís, com plácidas condições, os indecisos e o próprio espanhol. E não te basta isto: fortificas a cidade por terra e por mar e fechas a entrada aos inimigos, enquanto o pai dos deuses jorra das nuvens as chuvadas e franqueia os caminhos, e os Faunos dansam na relva densa.*

*Apenas foi a República firmada pelos teus cuidados, e recebeu suas leis aquela região ameníssima, logo envias as trombetas belicosas contra o Níger fronteiro e contra as costas africanas, cobertas, em largo espaço, de fulvas areias. E' a morada dos Etíopes, semelhantes aos espíritos decaídos que se agitam nas profundezas do Aqueronte. Alí está situada a poderosa fortaleza da Mina, que se eleva rodeada de valos e que, possuída, muito tempo, pelos Filipes austríacos, era o único objeto de receio que fazia tremer o mercador batavo. Tomaste-a, e aquele famoso forte juntou-se aos teus troféus. Faltava-te ainda uma vitória marítima, faltava-te ainda a coroa naval, com que se galardoa o desbarate das armadas, e eis que, ameaçando males extremos, vieram aterrar-te os inimigos, e os bordos vizinhos das naus, com os seus bancos de remeiros, e o côro dos Santos. Tu afundaste-os a êles que erravam pela vastidão dos mares, fazendo fatais ameaças de guerra, e condenaste a grandes estragos os heróicos filhos da Bética e o orgulho do Tejo. Riram-se as serenas Nereidas, e favoreceram-te o mar, os astros e os ventos.*

*Lá onde a linha ardente fere os povos que sob ela vivem e corta em partes iguais as imensas alturas do céu, estende-se uma terra, a qual nada no mar que a rodeia inteiramente. E' fértil de doenças e do suco e feliz orvalho que as doces canas produzem. Abre-se alí um teatro das tuas glórias, e aquela terra aceitou o teu freio, assim como o rico morador de Angola e os indígenas negros espalhados pelas orlas do Oceano. Uns oferecem ao mercador o branco marfim, apresentam-lhe outros o fulvo ouro e, com preço iníquo, registam os que se vendem como escravos. "Por que és roubada ao homem, doce liberdade? E por que, ó natureza, queres sofra êle a servidão? Todo aquele que é homem é imagem de Deus, e quem nasceu inocente não merece a violência. Todos os mortais somos gerados sob leis iguais e com iguais direitos, mas logo nos tornou dessemelhantes a injustiça, o furor da guerra a êsse insano furor de fazer mal".*

*Sob teus auspícios, sulcou a nossa gente as ondas do Pacífico e aportou ao remoto Chile. Patentearam-se então ignotas vias marítimas, atalho das derrotas, e foi por nós procurado o ouro que não encontrámos.*

*Grande Conde, sòmente a paz, vindo-te ao encontro, deteve as tuas navegações. E a concórdia, chegando às terras lusitanas, suspendeu as lidas marciais e, em tôda a parte, conteve as espadas, calou as tubas e aplacou as iras belicosas, mostrando a própria Belona a pacífica oliveira.*

*Imorredouro General, rebento venerando de um sangue antigo, tu, conhecido já através de um hemisfério a nós ignoto, retorna, ó herói, para a Batávia e para o Velho Mundo. A minha Holanda, não cansada dos teus louvores, para ti guarda encargo de que és digno. Na Pátria ainda existe preclara matéria para os teus labôres. A Flandres, prestes a ser vencida, franqueia-te as fronteiras mal guarnecidas. Aquí ainda não demos descanso às armas: estua o amor da guerra e, com o mesmo entusiasmo, enfraquecemos os reinos de Filipe. Despreza os têrmos bárbaros — os Magajates, e os Tabajaras, os quais para si fabricam armas que fazem empalidecer, e os Tapuias de corpo pintado, os Patagões e os Canibais e a horrenda raça que se nutre de sangue humano, e os duros Caetés, os Tupiguais e Amixocorós, e os sevos Perijvos, e os povos dos Tupinaquins. Esquece-te, Germano, de falar tais vocábulos e usa de vozes nossas. Pronuncia o nome dos Batavos e dos Frisões, do branco Sicambro, dos Matíacos e dos Morinos e dos cidadãos que o Issel abraça. Um herói de sangue irmão, Orange, fulmina a Flandres e rompe caminho por onde se possa alcançar Gand ou Antuérpia, digna de esplêndidos triunfos. Presta o teu auxílio e põe ombros a esta magnânima emprêsa.*

*E vós principalmente, Pais da Pátria, para quem surge do poente ínclita glória guerreira, para quem, no próprio Ocidente, uma vigilante diligência alcançou tantos louros célebres e abateu o poder da Espanha, defendei com grande ânimo os vossos continentes, expulsai daqueles territórios o rei siciliano e arrancai-lhe o aurífero Perú e Cuzco e Quito e os riquíssimos montes de Potosí. Aquela região porá fim às guerras; aquela terra sustentará a opulência e a fôrça de poderoso império. Esmagai esta senhora do orbe, pela qual o ibero luta no outro hemisfério. Fazei pelejar os dois mundos um contra o outro e destruí, nas plagas ocidentais, o poder hispânico para desaparecer êle onde Febo de-*

*saparece. Êle ali medra e contra nós ganha fôrças novas; dali tira alimento para a guerra, e se mantém para trazer de contínuo as espadas desembainhadas. Retirai às batalhas a sua recompensa. Vá um segundo Fasão e se faça de vela para os famosos portos. Marchai, galhardos, contra o Pôrto Belo, o Panamá e a opulenta Cólquida, e espoliai o Índio das suas minas.*

*Ide, Pais da Pátria, mostrar-vos-ei o caminho através das ondas amazônicas. Sendo Nassau o vosso guia, fulgireis todos com o ouro do Perú.*

*G. Barléu*

# EXPLICAÇÃO

Deve-se esta tradução à iniciativa do Sr. Gustavo Capanema, ilustre Ministro da Educação. No louvável empenho de tornar efetiva e sólida a cultura brasileira, êsse esclarecido titular quis incluir entre os seus muitos esforços para alcançar tão alto objetivo a publicação de preciosas e interessantes fontes da história pátria. Presta assim o eminente ministro serviço inestimável aos estudiosos da nossa evolução cultural e política, facilitando-lhes a consulta de obras que pela sua raridade, só a muito poucos era dado manusear.

Imensa, portanto, é a dívida de gratidão dos brasileiros ao brilhante e operoso estadista, que se não tem esquivado a sacrifícios e fadigas para difundir e incentivar a cultura nacional, proporcionando meios para se compreender, mais completa e claramente, a nossa formação histórica, as tendências da nossa civilização, as características do nosso espírito e os ideais que o devem nortear.

Entre os documentos valiosos concernentes à dominação batávica no Brasil, figura a conhecida crônica, escrita em latim pelo humanista flamengo Gaspar van Baerle, alatinado em *Caspar Barlaeus*, a qual se intitula : *"Rerum per octennium/ in/ Brasilia/ et alibi nuper gestarum/ sub, praefectura Illustrissimi Comitis/* J. *Mauritii, Nassoviae, & c. Comitis,/ nuc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum/ Belgii Ordd. sub Auriaco Ductoris historia"/*.

A primeira edição dêsse livro foi feita em Amsterdam em 1647 por João Blaeu, célebre impressor holandês e filho do sábio e geógrafo Guilherme Blaeu, que foi discípulo e amigo de Tycho Brahé. Um incêndio devorou a casa editora, salvando-se poucos exemplares dessa primeira tiragem, os quais por isso são hoje bastante raros. A segunda edição apareceu em Clèves, em 1660, com acréscimos feitos por Piso. Foi a obra traduzida em alemão por

Tobias Silberling (1659) e recentemente também em holandês (1923) por S. P. l'Honoré Naber. A presente tradução, mandada fazer pelo ministro Gustavo Capanema, é assim a terceira que se empreende da crônica barleusiana.

Quem preferir a leitura do original latino terá de vencer não pequenas dificuldades. Não falando das freqüentes e às vezes quasi indecifráveis adulterações de nomes próprios e de têrmos indígenas, aliás comuns em outros autores coevos que versaram assuntos semelhantes, encontram-se no cronista de Nassau certos passos de interpretação árdua e demorada. Influenciado pelo retorismo da época, falta-lhe a singeleza, a fluência, a limpidez dos verdadeiros clássicos latinos. O seu estilo é forçado, irregular, perissológico, túrgido, cheio de impropriedades, de incorreções sintáticas, de ambages, defeitos que sobremaneira o distanciam dos escritores genuìnamente latinos, dificultando-lhe, assim, a imediata compreensão. Não parece merecido o epíteto de "latiníssima" com que adorna Varnhagem a história de Barléu, salvo se houve neste qualificativo uma intenção irônica.

Entretanto, é justiça reconhecer-se ao escritor flamengo, e disso o seu livro dá claro testemunho, vasta leitura dos autores antigos, aos quais muitas vezes imita quasi literalmente ou adapta a diversos trechos da sua narração. Faltou-lhe, porém, o critério seletivo de um tipo clássico de estilo, um ideal definido de perfeição literária.

O tradutor, conquanto procurasse, dentro do possível, aliviar a redação maciça do autor, não quis, todavia, desfigurá-lo, dando-lhe feição nìmiamente moderna, destoante dos processos estilísticos da época. Sem se apegar a exagerado literalismo, o que tornaria tediosa a leitura da obra, forcejou, entretanto, para acompanhar sempre de perto o original, conservando-lhe, fielmente a substância, a despeito de variar às vezes a forma, quando a clareza o exigia.

Se não prima Barléu pelo estilo, não é tão pouco historiador sereno, obediente à regra de Tácito de narrar os fatos sem ódio nem favor. Panegirista de Nassau, só o aprecia pelo lado bom, sem lhe apontar um só êrro, sem lhe achar um só defeito. Não vê nêle senão virtudes, sòmente lhe tece louvores. Tal proceder gera desconfiança no leitor. Qual o homem que não tem os seus deslizes? Qual o administrador em absoluto isento de alguma falta? E Nassau não poderia fugir à sorte comum a todos os mortais. Falando de Barléu, assim se exprime Frei Rafael de Jesús: "Escreveo, &

pintou, & pintou em tudo o q escreveo" (1). E mais adiante: "Aútor paixonado, & q em todas as occasiões falta á verdade por não faltar á opinião dos seos" (2). E Varnhagen, não escondendo o seu entusiasmo pelo historiador neerlandês, recusa-lhe, todavia, a visão objetiva dos acontecimentos que narra: "Para ser, porém, considerado *como historiador* imparcial dêsse período (3), faltou-lhe obedecer ao preceito: *audiatur altera pars*" (*História Geral do Brasil*, Vol. II, p. 682, 2.ª edição).

Entretanto, abstraindo-se dessa falha, aliás natural em quem escreveu uma história encomendada e sob a inspiração direta do maior interessado nela, a crônica barleusiana tem valia como fonte copiosa de informações relativas à época de que trata. Cotejadas com as de outros narradores coetâneos e submetidas a uma crítica judiciosa, poderão concorrer útilmente para se apreciar com verdade um dos períodos mais dramáticos da nossa vida histórica. De feito, Barléu, segundo se observa no seu livro, além de versar os autores que trataram do Brasil e das Índias Ocidentais, tanto holandeses como de outras nacionalidades, recebeu informações diretas de Nassau e de testemunhas dos fatos que relata. Conforme assevera o Visconde de Porto Seguro, teve êle presente a correspondência oficial de Nassau e dela se utilizou para compor a sua obra. Ministrou-lhe também subsídios para essa tarefa, por ordem de Maurício, o judeu português Gaspar Dias Ferreira, que residiu em Pernambuco e passou posteriormente para a Holanda. Numa carta em latim por êle dirigida ao Conde de Nassau, depois do regresso dêste para os Países-Baixos e quando já governador de Wesel e tenente-general de cavalaria das Províncias-Unidas, lê-se o trecho seguinte, que torna claro êste ponto: "*Após a partida de V. Exc., fui a Amsterdam falar com Barléu, conforme V. Exc. me ordenou. Respondeu-me êle que ainda estava meditando sobre o assunto e formando o encadeamento da obra, e que, em lhe sendo necessária mais alguma informação minha, mandar-mo-ia dizer, afim de eu ir ter com êle. Prometí que o faria, como V. Exc. mo determinara, isto é, declarando que, de ordem de V. Exc., eu lhe ofereceria o meu auxílio e diligência*". Esta carta, aquí posta em vulgar e pertencente ao arquivo particular do rei da Holanda, foi publicada na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, tomo V, p. 327.

Gaspar van Baerle, mais conhecido pelo seu nome latinizado de Caspar Barlaeus, viu a luz em Antuérpia aos 12 de Fevereiro de 1584. Seu pai, calvinista convicto, foi obrigado a refugiar-se na

Holanda, quando, após a tomada de Antuérpia pelo exército espanhol sob o mando de Alexandre Farnese (1585), exerceu Filipe II certo rigor contra os sectários da Igreja Reformada. Cresceu, pois, Barléu na Holanda, e em 1617 entrou como professor de lógica na Universidade de Leide. Logo, porém, se envolveu na viva controvérsia teológica que surgiu entre os partidários de Jacó Harmensen (Jacobus Arminius) e os de Francisco Gomaro. Formando ao lado de Barneveldt e Grócio, deu a sua adesão ao arminianismo. Esta famosa controvérsia acendeu paixões e suscitou perseguições políticas. O Sínodo de Dordrecht em 1618 condenou os cinco artigos dos arminianistas e Maurício de Nassau, inimigo dêles, mandou prender Barneveldt e Groot (Grócio). O primeiro, grande pensionário da Holanda, acusado de traïção, morreu no cadafalso em 1619, tendo Maurício assistido à execução.

Em conseqüência dessa agitação religiosa e política, foi Barléu expulso da Holanda, refugiando-se em Caen, cidade universitária da Normândia. Aí se doutourou em medicina, já maior de trinta anos.

Serenadas depois as paixões que a célebre polêmica teológica suscitara, voltou Barléu para a Holanda e, em 1631, foi nomeado professor de filosofia e retórica no *Athenaeum* de Amsterdam. Nessa cidade, foco ativo de intelectualismo e de arte, viveu êle os seus últimos anos. Fazia parte de luzida roda de intelectuais e de humanistas ilustres, como Daniel Heinsius, seu filho Nicolau Heinsius e Vossius (Voss). Pertencia ao grupo de letrados e artistas que o poeta Corneliszoon Hooft reünia no seu Castelo de Muiden. Os participantes dessas tertúlias constituíam o chamado "Círculo de Muiden". Barléu, Grócio, Voss, Spinoza e Rembrandt, em companhia de outros eruditos e artistas cristãos e israelitas, freqüentavam igualmente a roda do célebre judeu português Manassés Ben Israel, em Amsterdan. Além disso, foram contemporâneos de Barléu os poetas Constantino Huyghens (Hugenius), Joost van den Vondel, o maior vulto da literatura holandesa, e Jacó Cats (de Brouwershaven). Vê-se que êle floresceu na época de mais intensa atividade literária dos Países-Baixos, quando êstes, além disso, entravam em seu período de expansão colonial e de extraordinário enriquecimento.

Não é Barléu das figuras mais brilhantes da sua geração, mas não se lhe pode negar renome como operoso humanista, tendo escrito quasi sempre em latim. Deixou trabalhos sôbre física e medicina, mas o que mais o notabilizou foram os seus escritos latinos

em prosa e poesia, tais como *Poemata* (Leide, 1628 e 1631 e Amsterdam, 1645, e uma impressão fac-similada recente) e *Orationes* (1643 e 1652). *"História dos oito anos de govêrno de Nassau no Brasil"*, que ora aparece em português, é talvez a sua obra de maior fôlego. Êle morreu em Amsterdam, um ano depois de dá-la à estampa, aos 14 de Janeiro de 1648. Os últimos tempos de sua vida foram tristes, pois se lhe enfraqueceu a razão em conseqüência talvez da sua excessiva atividade cerebral. Imaginava-se feito de barro e não permitia que alguém ou alguma cousa se aproximassem dêle, temendo que o quebrassem.

CLÁUDIO BRANDÃO

# NOTAS DO TRADUTOR

(1) Os principais historiadores contemporâneos das lutas politico-religiosas que agitaram os Países-Baixos nos séculos XVI e XVII são Viglio, van Meteren, De Thou, Burgundio, Bor, Heutero, Tassis, Hoofd, Haraeus (Van der Haer), Grócio, Van der Vynckt, Wagenaer, Hopperus, van der Reydt, Strada, Le Petit, Renon de France, Carnero, Campana, Conestagio, Cabrera, Herrera, Ulloa, Bentivoglio, Cornejo, Lanário, et. A Sociedade de História da Bélgica (Bruxelas) tem publicado quasi todas as memórias relativas a êsse tumultuoso período da história neerlandesa.

(2) As comunas neerlandesas eram constituidas mediante *cartas* ou *Reuren*, outorgadas pelos soberanos. A mais antiga dessas cartas foi concedida pelo conde Guilherme I da Holanda e pela condessa Joana de Flandres à cidade de Midelburgo. Os dois soberanos assinaram, selaram e juraram o documento em 1217. Embora não tivessem tais cartas muita amplitude, davam, todavia, à maioria dos habitantes de uma comuna o direito de serem governados pela lei, mas não o de se governarem a si mesmos. Veja-se J. L. Motley, The Rise of the Dutch Republic, vol. I, págs. 34 e seguintes (editado por Fred. Warne).

(3) As Tréguas dos Doze Anos foram assinadas em Antuérpia, a 9 de Abril de 1608, sendo então reconhecida pela Espanha a independência das Províncias-Unidas.

(4) Motley (The Rise of the Dutch Republic, II, págs. 258-259) fala dessa estátua: "The Duke of Alva, on his return from the battlefields of Brabant and Friesland, reared a colossal statue of himself, and upon its pedestal caused these lines to be engraved: "To Ferdinand Alvares de Toledo, Duke of Alva, Governor of the Netherlands under Philip the Second, for having extinguished sedition, chastised rebellion, restored religion, secured justice, established peace; to the King's most faithful minister this monument is erected". Era uma estátua colossal, que foi erigida na cidadela de Antuérpia. Fundiu-se com o bronze de canhões tomados em Jemmingen, onde o Duque derrotou a Orange (Bor, IV, 257 e Meteren, 61). Nela se representava o governador pisando uma figura prostrada com duas cabeças, quatro braços e um corpo. Interpretavam alguns as duas cabeças como as de Egmont e Horn; outros como dos dois Nassaus Guilherme e Luiz, e outros viam nelas uma alegoria da nobreza e das comunas dos Países-Baixos. Era obra de grande valor artístico, da autoria de Jacó Jongeling. O monumento foi demolido por ordem de Requesens (Bor, IV; 257-258; Meteren, 61; De Thou, V, 471-473; Bentivoglio, V, 186). Tempos depois, descobriu-se a estátua jogada numa cripta (Hoofd, XII, 523). Retirada dali, foi ultrajada e despedaçada pela multidão enraivecida, que a reduziu a massa informe. Guardaram-se nas familias fragmentos dela, transmitidos de umas a outras gerações como legado de ódio e de vingança. O resto foi de novo fundido e convertido em canhão (Strada, De bello belgico, IX, 443 e Hoofd, XII, 524).

(5) Em 1575, uma embaixada enviada pelo principe de Orange e pelos Estados Gerais e constituida pelo advogado Buis, pelo doutor Francisco Maalzon e por Marnyx de Santa Aldegonda, foi à Inglaterra pedir a proteção de Isabel para a Holanda e oferecer-lhe, sob certas condições, a soberania dessa província e da Zelândia, por ser a rainha inglesa descendente de Filipa, filha do conde Guilhermé III de Hainaut e Holanda, a qual foi casada com Eduardo III da Inglaterra. Isabel declinou o oferecimento (Bor, VIII, 660-661; Motley The Rise of Dutch Repub., III, págs. 44 e seguintes). Ofereceu-se também a governança das Províncias-Unidas ao duque Francisco de Anjú e Alençon, quarto filho de Henrique II da França e Catarina de Médicis (1554-1582). Os deputados dos Estados Gerais concluiram com êle o trata-

do de Plessis-les-Tours (19 de Setembro de 1580), conferindo-lhe a soberania dos Países-Baixos, que êle exerceu por breve tempo, depois de proclamado duque de Brabante.

(6) Maurício de Nassau, segundo filho de Guilherme, o Taciturno, nasceu em Dilemburgo em 1567 e aos vinte anos foi nomeado governador (*stathouder*) das Províncias-Unidas. Foi um estrênuo batalhador e terrível inimigo da Espanha. Defendeu Ostende e derrotou o arquiduque Carlos em Nieuport (2 de Julho de 1600), tendo lutado ainda com Spínola e tomado Breda. Foi implacável contra os Arminianos. Morreu em 1625.

Seu irmão Frederico Henrique nasceu em Delf em 1584 e morreu em 1647. Concorreu eficazmente para a expansão colonial da Holanda e muito fez pelo reconhecimento das Províncias-Unidas, t e n d o participado da Guerra dos Trinta Anos como adversário dos espanhóis.

(7) Alusão a uma frase de Carlos V que dizia não se escondia o sol nas terras sôbre as quais reinava.

(8) Horácio.

(9) A Taprobana dos antigos é Ceilão. Autores há, porém, que a confundem com Samatra, v. gr. F. Lopes de Castanheda, Hist., L. II, c. 3; D. João de Castro, Roteiro. Veja-se Epifânio Dias, comentário à 1.ª est. dos Lus.

(1) A Χρυσῆ Χερσόνησος de Ptolomeu é a Península de Malaca. V. Luiz Hugues, Manual de Geografia Antiga. *Barussas* são as ilhas de Nicobar, na costa do N. O. do Golfo de Bengala. Ver Lus. X, 120 e Barros, Déc. 1, 9.

(11) Orixá, antigo reino indiano.

(12) No texto *Ardavatam.*

(13) *Sufi,* título usado pelos xás da Pérsia, descendentes de Sefi, fundador da dinastia religiosa dos seferis ou sefís da cidade de Ardebil. A forma portuguesa é sufi. Veja-se Gonçalves Viana, Apostilas, II, pág. 446.

(14) São numerosas as referências dos antigos aos célebres *vasos murrinos* (murrhina vasa). Veja-se Plínio, Hist. Natural, XXIII, 2, 2; XXXVI, 67, 2; XXXVII, 7 e 8; Propércio, II, 8, 22; IV, 5; Marcial, III, 82; IV, 85; X, 80; Sêneca, Epist. 119; Arriano, Mare Rubr., 6; Lamprídio, Elagabalo, 32; Digesto, Paulo, XXXIII, 10, 3. etc. Muitas teem sido as interpretações propostas àcêrca dêsses vasos. Modernamente variam as opiniões sôbre a matéria de que eram feitos — pasta de vidro, ônix, ágata, sardônica, espate-fluor, benjoim, tartaruga, nácar, opala, alabastro, âmbar, porcelana da China. Winckelmann (Descrição das pedras gravadas do Barão de Stosch, pág. 501) ensina que havia duas espécies dêsses vasos: os legítimos, feitos de ágata e de sardônica, e os falsos, feitos de uma pasta vitrosa com camadas duplas ou triplas, multicores, semi-translúcidas, imitando os primeiros. E' provàvelmente aos falsos que se refere Arriano, dizendo que eram fabricados em Tebas no Alto Egito. Também Propércio fala de murrinos cozidos no forno entre os Partos (Veja-se o Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines, de Daremberg et Saglio, v. *murrhina*). Entre os murrinos de pasta vítrea são célebres o *Vaso das Vindimas* (Museu de Nápoles), o *Vaso Barberini* ou de *Portland* (Museu Britânico). Entre os legítimos de sardônica cita-se o cântaro dionisíaco chamado *Taça de Ptolomeu,* no Gabinete das Medalhas; a *Taça Farnese* do Museu de Nápoles e o *Vaso de Mântua* no Museu de Brunswick.

(15) Trata-se de Tácito nos Anais, L. XV, 1 *in fine.*

(16) Gálgaco, a quem os historiadores escoceses chamavam também Corbied, foi o 21.º rei da raça de Ferjus I, fundador da monarquia caledônia. A êle se refere Tácito na Vida de Agrícola. Barléu, sem reproduzir exatamente as frases e o pensamento do historiador romano, adaptou na sua crônica algumas palavras dêle, tiradas do capítulo XXIX da obra supra citada: "*...atque omne ignotum pro magnifico est... raptores orbis, postquam cuncta vastantibus defuere terrae, et mare scrutantur... quos* (Romanos) *non Oriens, non Occidens satiaverit*".

(17) "Êsse poder proveio do Oceano Atlântico, porque naqueles dias o Atlântico era navegável; e havia uma ilha situada em frente dos estreitos que são por vós chamados as Colunas de Heracles. A ilha era maior que a Líbia e a Ásia juntas, servindo de caminho para outras ilhas, e destas poderíeis passar para todo o continente oposto, que rodeava o verdadeiro oceano; porquanto êste mar que existe dentro dos Estreitos de Heracles é apenas um golfo com uma entrada estreita, mas o outro é um verdadeiro mar, e a terra circunjacente pode ser chamada, com muita exatidão, um continente ilimitado. Nesta ilha Atlântida havia um grande e maravilhoso império, que dominava tôda a ilha e diversas outras e partes do continente. Além disso, os homens da Atlântida tinham submetido as partes da Líbia dentro das Colunas de Heracles até o Egito, e da Europa até a Tirrênia. Êste vasto poder, unificando-se, intentava subjugar o nosso país e o vosso e tôda a região no interior dos estreitos... etc.". Timeu, tradução inglesa de B. Jowett,

V. III, págs. 445-446, Oxford, 1892). E no Crítias: "Poseidon, recebendo por seu quinhão a ilha Atlântida, teve filhos de uma mortal e estabeleceu-os numa parte da ilha, a qual passo a descrever".

Segue-se a descrição da ilha (Id., ibid., pág. 534 e seguintes).

No exórdio dêsse livro, diz o divino Platão: "Comece eu por observar, antes de tudo, que nove mil era a soma de anos decorridos desde a guerra que se diz ter-se dado entre os que habitavam além das Colunas de Heracles e os que habitavam delas a dentro. Vou descrever esta guerra. Dos combatentes refere-se que, de um lado, foi Atenas a que comandou e venceu a guerra. Do outro lado eram os combatentes chefiados pelos reis da Atlântida, a qual... é ilha maior na extensão que a Líbia e a Ásia; e quando depois se submergiu por um terremoto, tornou-se uma barreira intransponível de lama para os que daqui navegavam para alguma parte do Oceano". Id., ibid. pág. 529.

(18) *De optimo statu reipublicae deque nova insula Utopia* é uma espécie de romance social e político em que Tomaz Morus (1518), depois de criticar a organização da Inglaterra e dos outros Estados europeus, imagina uma ilha longínqua e desconhecida, onde se encontrava realizada uma sociedade em sua perfeição ideal, sob a forma de um Estado socialista e democrático.

(19) Há grandes lacunas na obra de Diodoro Século, e dos livros VI, VII, VIII, IX e X restam apenas fragmentos. A passagem à qual se reporta Barléu pertence ao livro V, caps. XIX e XX: "Depois de haver. falado das ilhas situadas aquém das Colunas de Heracles, diz êle, vamos descrever as que estão no Oceano. Do lado da Líbia, encontra-se uma ilha no alto mar, de extensão considerável e sita no Oceano. Dista da Líbia alguns dias de navegação e jaz ao ocidente. Seu solo é fértil, montanhoso, pouco plano e de grande beleza... etc. Outrora essa ilha era desconhecida por causa da sua distância do continente, e eis como foi descoberta. Os fenícios... foram arremessados pelos ventos muito longe no Oceano. Batidos vários dias pela tempestade, abordaram enfim à ilha de que falamos. Conhecendo-lhe a riqueza do solo, comunicaram a sua descoberta a todo o mundo... Os cartagineses temiam que grande número de seus concidadãos, atraídos pela beleza daquela ilha, abandonassem a pátria. Por outro lado, consideravam-na um asilo onde se poderiam refugiar no caso de suceder algum mal a Cartago". Biblioteca Histórica de Diod. Sículo, tradução de Ferdin. Hoefer, Hachette, Paris, 1865, tomo II, p. 19-20.

(20) Êsses versos, que pertencem à *Medéia* (ato II, v. 374-378), são os seguintes:

*Venient annis saecula seris*
*Quibus Oceanus vincula rerum*
*Laxet, et ingens pateat tellus*
*Thetisque novos detegat orbes*
*Nec sit terris ultima Thule.*

Vertidos em português significam: "Tempo virá em que o Oceano romperá suas barreiras, e se patenteará tôda a terra, e, revelando Tetis novos mundos, deixará Tule de ser a extrema ilha do orbe".

(21) *Tule*, ilha ao norte da Europa, considerada pelos antigos a mais longínqua do mundo, provàvelmente a Islândia.

(22) O nome dêste cronista é Lúcio Marineo Siculo e não Marieno. Foi humanista e historiador de fama. Nasceu em Bidini (Sicília) cêrca de 1460 e morreu depois de 1533. Estudou em Roma sob a direção de Pomponius Lœtus e Sulpicio Verulano. De 1481 a 1486 ensinou literatura em Palermo. Convidado pelo almirante de Castela Frederico Henriquez, professou latim, retórica e poética em Salamanca. Assistiu depois na côrte, onde captou a estima de Fernando V, o qual o nomeou seu cronista e capelão. Carlos V cumulou-o de honras e riquezas. Além de várias obras manuscritas, deixou trabalhos importantes, como: *De Aragoniae regibus et eorum rebus gestis* (Saragoça, 1509, in folio), *Epistolarum familiarium libri XVII* e a preciosa história *De rebus Hispaniae memorabilibus* (Alcalá, 1530), traduzida sob o título *"Libro Compuesto... de las cosas memorables de España"*. (Alcalá de Henares, 1539, 1 vol. in 4.° do editor Juan de Brocar).

(23) Povo da Germânia sôbre o Reno, vizinho dos Tenctérios.

(24) Vai a natureza até onde chega a fama verídica.

(25) Veja-se Amiano Marcelino (*Res Gestae*, liv. XVII, 4, edição de C. Clark Berlim, Weidmann, 1910, vol. I, p. 110), onde se lê: *"uolucrum enim ferarumque etiam alieni mundi genera multa sculpentes, ut ad aeui quoque sequentis aetates, impetratorum vulgatius perueniret memoria, promissa uel soluta regum nota monstrabant"*.

(26) *Benedito Arias Montano nasceu* na Estremadura (Espanha) em 1527 e morreu em Sevilha em 1598. Orientalista notável, editor da Bíblia Poliglota de Antuérpia.

(27) PARVAIM (Φαρουίμ), nome de um lugar ou região aonde se buscou o ouro para decorar o Templo de Salomão (*Crônicas* ou *Paralipomenos*, II, III, 6). Na Vulgata de S. Jerônimo não se lê tal nome: *"Stravit quoque pavimentum templi prae-*

*tiosissimo marmore, decore multo*". Na bíblia protestante, porém, a lição é diferente : "*Também a casa adornou de pedras preciosas para ornamento : e o ouro era ouro de PARVAIM*". (tradução de João Ferreira de Almeida, Lisboa, 1898). Êste nome ocorre só uma vez na Bíblia, desacompanhado de elementos que lhe facilitem a identificação. Hitzig (sôbre Daniel, X, 5) conjectura que êle proceda do sânscrito "*paru*" = *colina* e indica a δίδυμα ὄρη na Arábia, mencionada por Ptolomeu (VI, 7, 11). Para Kno (Völkert., pág. 191) é abreviatura de *Sepharvaim*, que aparece na versão siríaca e no *Targum* de Jônatas, em vez do *Sephar* do Gênese, X, 30. Segundo Wilford (citado por Gesenius, Tess., II, 1125) tal nome provém do sânscrito "*pûrva*" = oriental e significa em regra o oriente. (Veja-se o *Dictionary of the Bible*, de William Smith, Londres, 1863, *verb Parvaim*).

(28) A referência de Barléu é feita ao livro de Aristóteles *De mirabilibus auscultationibus*, onde se lê : "*Extra columnas Herculis aiunt in mari a Carthaginensibus insulam fertilem, desertamque inventam, vt quae tam sylvarum copia, quam fluminibus navigationi idoneis abundet, cum reliquis fructibus floreat vehementer, distans a continente plurium dierum itinere : in qua cùm Carthaginenses quidam ob soli fertilitatem connubia agitare, ac habitare coepissent, ferunt praesides, ne quis deinceps insulam ingrederetur, poena capitis interdixisse, incolasque iniecisse, ne coitione (si habitare istic pergerent) facta, insulae principatum consequerentur, Carthaginenses ea felicitatis parte priuarent*". Aristotelis' Opera, Lião (1563), vol. II, p. 1546. O cap. IV do liv. II do tratado *De Coelo* versa sôbre a esfericidade do céu (*Quod coelum figurae sit sphericae*) e nenhuma referência faz à ilha de que fala Barléu. Essa referência, breve aliás, acha-se no liv. III, cap. XIII : "*Quapropter, ij, qui locum eum, qui circa columnas Herculeas est, conjunctum esse ei loco, qui est circa Indicam regionem, existimant, atq. hoc modo unum mare esse asserunt, nõ videntur incredibilia valde existimàre*, etc." Id., ibid., vol. I, pág. 598.

(29) Eneida, L. VI, 795-796.

*"Huma provincia ha fora e retirada*
*Das estrellas e estradas radiantes*
*Do anno, e do sol..."*

(Tradução de Franco Barreto, En. VI, 178).

(30) O filósofo.

(31) Golfo de Venezuela.

(32) Nome dado ao estreito de Bhering. confundindo-o, porém, alguns geógrafos com o estreito de Hudson.

(33) Protesilau, o primeiro dos gregos morto na guerra de Tróia, quando desembarcava. (Ilíada, canto II, 698 e seguintes).

(34) O autor erradamente diz : "... *brevi illam recuperavit Hispanus, duce Francisco Toletano*". O verdadeiro nome do generalíssimo espanhol era *Fadrique*, como escrevem os nossos cronistas, e não *Francisco*.

(35) Região da Holanda, entre o Issel, o Reno inferior, o Eem e o Zuiderzee.

(36) Amersfoort, cidade na província de Utrecht, Holanda, sobre o Eem, a 26 S. E. de Amsterdam.

(37) Barléu descreve essa batalha nas págs. 195 a 200 dêste livro (Veja-se a nota correspondente). Aliás foram duas as vitórias de Tromp nas Dunas : 16 de Setembro e 21 de Outubro de 1639.

(38) Diz o texto : "*Trigoni speciem refert, cujus basis Aequatori & Septentrionibus observa, ab Oriente recta in Occidentem abit, ad promontorium HVMOS aut Maragnonem, aut si Nicolao de Oliveyra fides, Param usque*". Nenhuma ponta ou cabo existe no litoral brasileiro com tal nome — *Hvmos*. O autor quis dizer talvez PONTA DOS FUMOS, mencionada por Gabriel Soares : "Das Barreiras Vermelhas à Ponta dos Fumos são quatro léguas, a qual está em dois graus e 1/3". Tratado Descritivo do Brasil, cap. VII, Rio (1879), edição de Varnhagen. São estas as palavras do P.e Nicolau de Oliveira, que é citado por Barléu : "... he a prouincia de sancta Cruz que por outro nome se chama o Brazil o qual fica em sitio fronteyro a costa de Africa & cabo de boa Sperãça, &q' (como fica dito) começa no PARA, que he huma fortaleza que está na boca do Ryo das Amazonas, que fica debayxo da linha Equinoccial & acaba em trinta & sinco graos da mesma linha da parte do Sul...". Livro das grandezas de Lisboa, págs. 172, edição de Lisboa, 1620.

(39) O monte Himeto (hoje Trelo Vouni) na Ática, ao sueste de Atenas, era afamado pelo seu mel e seus mármores.

(40) No texto : "... aut expresso crassiore succo, relinquitur friabile", p. 21.

(41) "*Trium ex alphabeto elementorum* F. L. R. *nullus apud eam gentem est usus : minime absurda quorundam animaduersione factum id esse diuinitus quod Fide, Lege, Rege, sicut dictum est, careãt*". Ioan. Petri Maffei Bergòmatis, Hist. Indic. (edição de Colônia de 1593). L. II, p. 32-33. A observação a que se referem Mafeu e Barléu é de Gabriel Soares, no Trat. Descr. do Brasil, cap. CL. pág. 280 da edição de Varnhagen. "*Haec lingua non habet f, l,*

*s, z, rr duplex"*. Marcgrav. Hist. R. Nat. Bras., liv. VIII, cap. VIII — De Lingua Brasiliensium, e Grammatica P. Iosephi de Anchieta, S. I., pág. 275.

(42) "... reticulo, quod *Tupuiam* vocant, a tergo pendulum gestant" (p. 23). Em Cardim se lê : "... amão (as mulheres) os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de redes que chamam typoya". Em Purchas *Tupiya,* forma incorretíssima para Batista Caetano. Ainda reveste as formas *tupoi, tupai, tipoi.*

(43) No texto Mongaguaba. A variante mais próxima do tupi é *Mamangua-ba,* alteração de *Mamanguá*. V. Teod. Sampaio, O Tupi na Geogr. Nacional (3.ª edição), p. 258.

(44) Para que o leitor verifique a identificação que na tradução se fez das nações acima enumeradas, transcreve-se a forma alatinada que lhes deu o autor : "Per has ut et mediterranea diffusae nationes, ingeniis, linguarum dialectis et nominibus discernuntur : Petiguares, Viatani, Tupinabæ, Caetæ, Tupinaquini, Tupiguæ, Apigapitangæ et Mariapitangæ, Itati, Tummimivi, Tamviæ, Carioes, et celeberrimi Tapuiæ, Tucanici, Nacii, Cuxaræ, Gujavæ, Pigruvi, Canucujaræ aliæque plures..." (p. 24). Em Fernão Cardim — *Tratados da Terra e Gente do Brasil* — encontram-se tôdas essas denominações com sucintas notícias sôbre as tribus a que pertencem. Na edição anotada por Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia veem interessantes explicações sôbre a etimologia e sentido de cada um dêsses nomes e as suas variantes encontradas em *Purchas his Pilgrimes.*

Barléu enumera as tribus acima quasi na mesma ordem na qual as traz Fernão Cardim. Êste último autor, após a nação dos Cuxarés, dá a dos Nuhinû e logo a dos Gaianás. Parece, pois ter havido erro tipográfico no livro do historiador holandês, escrevendo-se *Gujavae* por *Gujanae,* porquanto a outra única denominação que lembra, e mal, *Gujavae* é em Cardim Gaiós, assaz diferente da adaptação latina. Neste autor se lê : "Outros vivem para a parte do sertão da Baía que chamão *Guayná,* teem lingua por si".

(45) Alude o autor a Adriano van der Dussen, cujo relatório sôbre o Brasil figura neste livro (págs. 136 a 159), a Elias Herckman, autor da Descrição da Paraíba e a outros.

(46) JANDUÍ ou JANDOVÍ, célebre chefe tapuia que se aliou aos holandeses. Nas traduções alemã e holandesa, respectivamente de Silberling e de L'Honoré Naber é designado por JAN DE WY : "*unter ihrem Könige, den man* JAN DE WY *nante*" (Silberl., p. 84). "*onder hun opperhoofd* JAN DE WY" (H. Naber. p. 33). "*Ianduy... est Regulus ille qui pacem cum nostris colit, & ex foedere aliquoties aut ipse subsidio venit, aut filium atque affinem cum copiis misit contra Lusitanos*". Marcgrav, Hist. Rer. Nat. Bras., L. VIII, cap. IV — De incolis Brasiliæ, p. 269, edição de 1648.

(47) "*Pacati quoque* GOJANAE *populi Belgarum imperia admiserant...*" O autor dá idêntica grafia — Gojana — a *Guiana,* região setentrional da América do Sul e a *Goiana,* cidade de Pernambuco.

(48) ... ita rationaria habent imperii (p. 27).

(49) Caio Veléio Patérculo, historiador romano (19 A. C. — 30 D. C.). Escreveu um epítome de História Romana. A citação feita por Barléu é tirada do L. I, c. 9.

(50) Ambrósio Spinola (Marquês de Spinola) nasceu em Gênova cêrca de 1570 e morreu em Castel Nuovo de Scrivia (Itália) em 25 de setembro de 1630. General italiano ao serviço da Espanha. Em 1604 tomou Ostende e comandou o exército espanhol nos Países-Baixos contra Maurício de Nassau até 1609. Em 1620 conquistou o Palatinado. Sitiou e tomou Breda em 1625, e por fim capitaneou as fôrças da Espanha na Itália.

50-A) Godofredo Henrique, conde de Pappenheim (1594-1632). General das fôrças imperiais na guerra dos Trinta Anos.

(51) Pôrto da Cornualha (Inglaterra), na foz do Fal, donde o seu nome. E' uma das estações navais britânicas.

(52) S. Vicente, uma das ilhas do Cabo Verde a 16.°, 54' Lat. N. e 15.° 56' Long. O. Pertence ao grupo de Barlavento, formando com as de St.° Antão, St.ª Luzia e S. Nicolau o grupo de N. O.

(53) Aníbal.

(54) Pôrto Calvo.

(55) E' engano do autor : os dominicanos não tinham então conventos no Brasil.

(56) "Ubi terminatur, pagus fuit, *Reciffae* dictus, sive *Receptus...*" Barléu tomou a palavra *recife* no sentido de molhe, cujo correspondente latino *é crepido,-inis;* mas talvez para usar uma aliteração o traduziu pelo têrmo pouco próprio *Receptus*.

(57) No texto está : "*Hic Arx Povocaona est...*" (p. 41). Trata-se da povoação de Pôrto Calvo. Na tradução holandesa : "*Hier ligt het Fort Povoação, beroemd door Mauritz's victorie*" (p. 50).

(58) ".. *conscensis in Barragrandi... navibus, ad promontorium* SERGOOE *appulit*" (p. 42). E' êrro do autor ou do tipógrafo, que L'Honoré Naber repetiu : — "... *bij Kaap* SERGOA, *niet ver van de Alagoas geland...*" (p. 51). E' JARA-

GUÁ, que nos cronistas e autores holandeses da época ocorre sob a forma JARAGOA, v. gr. em Marcgrav, Hist. Rer. Nat. Bras., liv. VIII, c. I.

(59) Prope Corregippam..."

(60) "Pandunt se locorum plana... quæ torrentibus rivulisque lene fluentibus irrigantur". *Rivulus* é arroio, regato, riozinho, riacho, e pode ter um curso remansado ou impetuoso. *Torrens,* porém, *é torrente,* "corrente impetuosa de água, sem canal determinado", conforme a definição de Aulete. O *Lexicon totius latinitatis,* de Facciolatti e Forcellini, reza: *"Torrens, entis,* m. 3, substantivorum more. Proprie est fluvius subtis imbribus concitatus, qui alioquin siccitatibus exarescit, vel ab aesto quo fertur, vel quia cito torrescit et siccatur". E exemplifica com Ovídio: "Flumine perpetuo torrens solet acrius ire, Sed tamen haec brevis est, illa perennis aqua". Rem. Am., 651. Quer, pois, parecer-me que o autor atribuiu ao têrmo *torrens* a sua significação própria de "curso de água temporário". Adotámo-la na tradução, porque nos pareceu incongruência dizer em português "torrente tranqüila". *Torrente* sugere, de ordinário, idéia de ímpeto, de violência, de estrépito, e Barléu está falando de correntes serenas que irrigam uma planície. Tobias Silberling verteu: "Man findet offt eine grosse und weite ebene... in welcher gar viel schöner und geling fliessender Bäche und dergleichen Wässerlein... sichet". (p. 136).

(61) *Missi in* Couhaovenses *fuere Albertus Smientius & Paulus Semlerus"* (p. 47). Southey, na tradução que já citámos (Luiz J. de Oliveira e Castro), diz simplesmente: "Mandaram-se dois deputados ao *Sertão* à cata de minas" (p. 338, t. II). Entretanto, na palavra *Couhaovenses* parece ter havido êrro tipográfico, pondo-se *u* por *n*. Deve emendar-se para *Conhaovenses,* única lição que permite identificar-se a palavra. Em S. P. L'Honoré Naber lê-se *Conhaova*: "Naar Conhaova zijin Albert Smient en Paul Semler iutgezonden" (p. 58).

(61-A) *"Constituti per praefecturas oppida, pagos, magistratus, Electores dicti, praetores, et Iudices, qui civilia curarent & criminum causas, legibus hic receptis"* (p. 48).

"Os escabinos eram eleitos por uma eleição de três graus. O conselho de justiça elegia os eleitores; êstes organizavam as listas dos indivíduos aptos para serem membros das câmaras, e sôbre essa lista o supremo conselho escolhia os escabinos". Dr. Higino Pereira, in Rev. do Inst. Arqueológ. e Geogr. de Pernambuco, n. 30, p. 27. Os escabinos constituíam câmaras semelhantes às nossas câmaras municipais. A elas presidiam os escultetos, que desempenhavam ainda funções de exatores fiscais, delegados da administração e promotores públicos. Segundo o direito holandês, cabia ao *stadhouder* criar e nomear os magistrados, tais como os burgomestres, os *aldermen* e conselheiros das cidades (conforme o teor das cartas e antigos privilégios a elas outorgados), em alguns casos após recomendação prévia, noutros após livre e plena eleição. "Nos casos ordinários, a justiça era administrada, tanto nas cidades como nas aldeias, pelos escabinos (*Schepenen*), e para tal fim se nomeavam sete e às vezes oito, com a diferença, porém, de que nas cidades os escabinos conhecem indistintamente de tôdas as causas não sòmente cíveis e comuns, mas, criminais, sendo o seu presidente ou principal oficial o *Sherif* (*Schout* ou *esculteto*). Êste não é de fato Juiz, mas executa os mandados dos juízes, convoca a Corte Criminal, recolhe os votos, sustenta os direitos do país nas causas públicas e atua como promotor e inquiridor nos processos crimes. O termo *Schout* deriva de *Sgult,* entre os Germanos *Sgoultes,* porque é, como teria sido, um arrecadador da dívida pública, e Grócio, Introd., liv. 2, cap. 28, § 9, observa que nos antigos escritos encontramos *Sgult* e *Sgoudig* por *Sgult* e *Sguldig"*. Comentários sôbre o direito romano-holandês por Simão van Leeuwen, tradução de J. G. Kotze, Londres, 1881, vol. I, cap. II, páginas 15-17.

(62) Direito consuetudinário.

(63) "... *cum obsignandus piis divinus favor, porrigerent incurrentia in oculos sacrosancta gratiae signa"*. (p. 51). Para simplificar esta frase, verti sua segunda parte — *incurrentia in oculos sacrosancta gratiae signa* — apenas pela palavra *sacramentos,* cuja definição teológica, dada pelo Catecismo Romano, é: *"Invisibilis gratiae signum ad nostram justificationem institutum"*. (Part. 2, n.° 5), no mesmo sentido da perífrase de Barléu.

(64) O Forte de Nassau foi construído a expensas dos Estados Gerais em Moréia e Costa do Ouro por Jacó Adriaanssen Clantius, em 1612.

(64-A) Não pudemos saber qual seja essa localidade. No Dicionário de Geografia Universal, publicado sob a direção de Tito Augusto de Carvalho (1883), encontramos MOROA: "Nome que recebe o canal ao S. de um ilhéu extenso e deshabitado que divide em duas a corrente na foz do rio Cuvo, no conc. do Novo Redondo, distrito de Loanda, província de Angola (África portuguesa ocidental). E' esta a opinião mais seguida, conquanto al-

guns queiram que o Moroa seja um rio diverso do Cuvo".

(65) "Comenda. Feitoria inglesa na costa da Guiné, território dos Achantis (África) a 24 kms. O. S.. O do cabo Corso, na margem do rio Soosn. Ao abrigo do forte que os ingleses ali construiram, foi-se formando uma cidade indigena, que hoje conta 3.000 habitantes. Do outro lado do rio e a 500 metros do forte inglês havia também antigamente uma feitoria holandesa, mas foi abandonada". (Dic. Univ. de Geogr. de Tito Augusto de Carvalho).

(66) A lição do texto, evidentemente viciosa, é: "*ob fossas, quibus arx cingitur geminas*, ALTAS *pedes XXV*". (p. 58). O tradutor holandês, em nota ao pé da página, assinala o engano e corrige com razão *altas* para *latas*, traduzindo de acôrdo com a emenda: "*wegens de dubbele gracht, waarvan het Kasteel was omgeven die 25 voeten* WIJD *was*..." (p. 72).

(67) No território dos antigos belgas, correspondendo à Bélgica e Holanda de hoje.

(68) "... item Asinii Epicadi ex gente parthina hybridae" (Suetônio, Vida de Augusto, c. XIX). O autor enganou-se escrevendo *Epicardo*.

(69) Cidade da ilha de Chipre, célebre por suas fundições de cobre e bronze.

(70) Nicéforo Grégoras (1295-1359). Célebre erudito bisantino, autor de uma história bisantina em 38 livros, abrangendo o período de 1204 a 1359, e outras obras de história, filosofia, teologia e astronomia.

(71) Não encontrei em nenhum dos léxicos que consultei o termo *gasmulico*.

(72) Stephano (Bisâncio) — Geógrafo bisantino, que viveu provàvelmente na primeira metade do século VI. E' autor de uma obra "Ethnica".

(73) "E' o Gir, o mais conhecido rio dos Etiopes".

(74) O Ganges dos Indios, o Fase dos Godos, o Araxe da Armênia, o Gis dos Etiopes e o Tanais dos Getas".

(75) "*Est haec illa urbs, quam olim Illustris Princeps Mauritius, bellorum suorum tyrocinio, occultato cespite ceperat*" (p. 65). O episódio a que alude Barléu é narrado com singeleza e graça por Ortigão (A Holanda, p. 155). Eis o trecho do grande escritor português: "Por ocasião da ocupação da praça de Breda pelos soldados espanhóis, um barqueiro holandês veio dizer ao príncipe Maurício que nada lhe seria mais fácil do que introduzir na cidadela alguns homens de boa vontade, que, durante a noite, apunhalariam as sentinelas e dariam entrada na fortaleza ao exército nacional. Êsse barqueiro era o fornecedor do combustível das tropas espanholas, entrava regularmente com o seu barco carregado no interior da praça, e levaria a gente precisa para êsse golpe estratégico, escondida sob a sua carga de turfa. Maurício nomeou para esta emprêsa seis homens, que partiram nesse mesmo dia estirados ao comprido no fundo da barca ocultos debaixo da turfa. Era em pleno rigor do inverno, os gelos dificultavam a navegação do canal, e os seis soldados passaram dois dias imóveis, tiritantes de frio, sepultados vivos no seu posto. Entram finalmente de noite no ancoradouro da cidadela, onde a turfa tem de ser descarregada ao romper da manhã. O oficial da guarda adianta-se para reconhecer o barqueiro e em conversa com êle salta acima da barcada. Nesse momento um dos emboscados, não podendo estrangular um ataque de tosse reveladora do ardil, tira o punhal do cinturão e entrega-o simplesmente ao companheiro seu vizinho com ordem sumária de lho atravessar na guela". Trata-se aí do príncipe Orange e conde de Nassau, filho de Guilherme de Orange, o Taciturno.

(76) Isto é, com um carregamento de turfa.

(77) Quer dizer, abrindo circunvalações na terra verdejante.

(78) Personagem da Eneida, L. II, v. 57 e seguintes.

(79) No texto se lê simplesmente: "*sumptuumque bellicorum solatia ex mercibus, ambaro, gossypio, gemmis, lignis, salinis, aliisque, quae regio ista suppeditat*". (p. 65). Silberling verteu — *lignis* — por "Brasilienholtz" — pau-brasil. Parece, porém, que o sentido do texto é mais amplo e, por isso, traduzimos — *lignis* — por *madeiras*, como também o fez P. S. L'Honoré Naber: "amber, Katoen, Kristal, edele gesteenten, HOUT, zont, etc." (p. 81).

(80) "... *in virorum singulos*; REGALES *viginti, feminarum, sex*". Na tradução alemã: "... vor eine Manns-person 20, und vor eine Weibsperson 6. *Reichsthal*" (p. 200). O *rixdale* era moeda de prata fabricada outrora na Alemanha, Suécia, Noruega, Dinamarca e Flandres. Chamavam-lhe em França *escudo do Império* e valia no século XVIII 5 libras e 8 soldos torneses.

(81) Barléu extratou esta descrição da Paraíba, resumindo-a, de um relatório de Elias Herckman, sob o título: "Beschrijvinge der capitania Paraiba, 1639", relatório que existe no Arquivo Real em Haia (Algemeen Rijks Archief), Comp. das Índias Ocid., antiga Comp., câmara de Zelândia, maço n.° 46. Consta êle de três partes: 1) Descrição geral; 2) Fertilidade; 3) Breve descrição da vida dos tapuias. Êste documento, vertido em português pelo Dr.

José Higino Pereira, acha-se publicado na Revista do Inst. Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, tomo V, n.° 32, p. 262 e seguintes.

(82) "... ut et alius Mongoapa" (página 69).

(83) No texto lê-se *marconias*. E' evidente êrro tipográfico, conforme já observou o tradutor holandês. "Bij Barlaeus: Marconias", drukfout voor marquisas; vergl. den origineelen tekst van Herckmans". (pág. 86).

(84) Na tradução alemã: "Darzu hat ein jedes Dorff nicht mehr als 5 oder 6 Behausungen, die seynd aber fast lang, weil viel Hausshaltungen zugleich in denselben wohnen, und hat eine jede Wohnung und Hausshaltungen ihre besondere, aber gar Kleine Thüre, da sie aussund-eingehen oder vielmehr nur kriechen können". (ps. 209-210). O texto latino diz simplesmente: — "*Singuli (pagi) domiciliis quinque aut sex oblongis constant, quae ostiolis exiguis multisque distinguunt, quibus subitur et exitur*" (p. 71). A versão do alemão é: "Não tem cada aldeia mais de 5 ou 6 habitações, que são, porém, mais ou menos compridas, porque nelas moram juntas muitas famílias, e tem cada habitação e família sua porta privativa, mas muito pequena, por onde ela pode sair e entrar ou antes rastejar". A tradução holandesa foi fiel ao texto. Ver pág. 87.

(85) Pedácio ou Pedânio Dioscórides, médico grego que viveu provàvelmente no 1.° ou no 2.° século depois de Cristo. Deixou um tratado de matéria médica.

(86) Há três Hesíquios: um, bispo egípcio, revisor dos Setenta e do Novo Testamento (4.° séc.); um segundo, gramático de Alexandria e autor de um léxico grego, publicado por Alberti e Ruhnken (1746-66) e por Schmidt (1857-68). Viveu no 6.° ou no 4.° séc. da era cristã. Há um terceiro Hesíquio, chamado o "ilustre", que nasceu em Mileto. Historiador e biógrafo (6.° século).

(87) "*Dulcia cui nequeant succo contendere mella*". (Isídoro, L. 17, c. 7). Isidoro de Sevilha (Isidorus Hispalensis) 560-636 da era cristã). Escritor eclesiástico espanhol, bispo de Sevilha. Escreveu: *Originum seu Etymologiarum libri XX, De Ecclesiasticis Officiis, Sententiarum sive de summo bono libri tres.*

(88) "E aqueles que bebem os doces sucos da tenra cana". Farsália, II, 257.

(89) Sôbre esta dissertação acêrca do açúcar, observa o tradutor holandês: "A descrição que segue é tomada, nos pontos capitais, ao relatório de van der Dussen, que adiante se transcreve na íntegra. Ver pág. 164". Êsse relatório, abreviado e traduzido por Barléu, figura neste livro da pág. 136 à pág. 159. Piso (De Medicina Brasiliensi, no L. IV — *De Facultatibus Simplicium* —, cap. I *De Saccharo*), disserta amplamente sôbre o açúcar, tratando da cultura da cana, dos engenhos, do fabrico do açúcar, etc.

(90) *Penídio*, palavra tirada do latim hipotético *penidium* e formada do grego *penion* — peixe. E' uma espécie de açúcar de cevada, empregado em farmácia. Em francês *pénide* ou *sucre tors*, em inglês *barley sugar*, em alemão *Gerstenzuker*.

(91) *Melissium* no texto.

(92) Potingi (— potim, alteração de *poti*, camarão, g-y = rio = rio dos camarões) ou Rio Grande do Norte nasce no município de Santa Cruz, ficando Natal à margem direita.

(93) "Informado S. M. das causas da Parahiba e que todo o damno lhe vinha do Rio Grande onde os franceses iam commerciar com os potiguares, e dalli sahiam tambem a roubar os navios que iam e vinham de Portugal, tomando-lhes não só as fazendas mas as pessoas, e vendendo-as aos gentios para que as comessem, querendo atalhar a tão grandes males, escreveu a Manuel Mascarenhas Homem, capitão-mór em Pernambuco, encommendando-lhe muito que logo fosse lá fazer uma fortaleza e povoação, e que tudo fizesse com conselho e ajuda de Feliciano Coelho" Hist. do Brasil, de Fr. Vicente do Salvador, c. 13, edição de Capistrano de Abreu. Na história de Barléu lê-se: "*Gallos Lusitani pepulere per Felicianum* CECAM *Paraybae praefectum*" (p. 74). *Cecam* deve emendar-se para *Coelho*. Na citada edição de Fr. Vicente do Salvador, nos prolegômenos do livro quarto, págs. 242-243 encontra-se o seguinte comentário dos revisores, o qual esclarece aquele equívoco do historiador holandês: "Sôbre os sucessos da Paraíba neste interstício informam deficientemente dois relatórios contemporâneos impressos em Jaboatão, Orbe Seráfico, 2,56-80, Rio, 1858, e uma carta de Feliciano CIEZA de Carvalho (ler Fel. Coelho de Carvalho) escrita da Paraíba a 20 de Agôsto de 1597, interceptada, traduzida (mal) em inglês e impressa nas *Principal Navigations* de Hakluyt, II, 64-72 da nova edic. de Glasgow, 1904".

RICARDO HAKLUYT, geógrafo inglês (1552-1616), autor de "*The Principal Navigations, Voiages, and Discoveries of the English Nation*", cuja 1.ª edição data de 1589 e a 2.ª de 1598 a 1600, foi talvez a fonte em que Barléu se abeberava, quando trocou *Coelho* por *Ceca*.

(94) Matias van Ceulen.

(95) ... struthionum pulcherrimis plumis". A ema ou nhandú (rhea americana) é o avestruz americano. Em Cardim *Nhanduguaçú*.

(96) Elias Herckman é autor de um poema de algum mérito, intitulado "Der Zeevaert Lof", impresso em 1634 por Jac. P. Wachter, Amsterdam.

(97) *"Regem ipsum cum exérvitu affore compescendi Ebore ac Alantaei & Algarucensium populis"*. Atente-se na toponímia barleusiana e na do seu tradutor alemão Silberling (p. 222), que verteu *Alantoei* por *Antlea!*

(98) Em 1635 firma-se a aliança holando-francesa para a partilha dos Países-Baixos espanhóis, declarando a França guerra à Austria-Espanha por ação de Richelieu (intervenção francesa na guerra dos Trinta Anos). Os tumultos separatistas de Évora verificaram-se em 1637.

(99) Rio das Alagoas, que desagua em frente aos chamados Baixios de D. Rodrigo, a 44 kms. N. E. da barra do São Francisco.

(100) Rio das Alagoas, cuja foz está a 100 kms., mais ou menos, N. E. da barra do São Francisco.

(101) *"Iam menses pluvios inchoabat Aprilis..."* p. 76. O autor se enganou neste passo, pois a estação chuvosa no Brasil não começa em Abril.

(102) Ribeiro da Baía, entre a Ponte de Itapuã e a de Santo Antônio.

(103) Na carta da Baía, vê-se representada a ponta de São Braz com a legenda: *"Hic Excensionem fecit Comes"*. O texto diz: *"Mox promontorium arcis Bartholomei nonnihil praetervectus classe... miles excendit..."* (p. 79). L'Honoré Naber, observando que, de acôrdo com a indicação da carta e com a seqüência da narração, se deve emendar S. Bartolomeu para S. Braz (*Er staat,* diz êle em nota à pág. 96, *S. Bartholomeus. In verband met hetgeen verder volgt en in verband met de Kaart, dient te worden gelezen S. Braz*), assim traduziu o passo acima transcrito: *"Kort daarop, nadát de vloot tot even voorbij de punt S. Braz was opgezeild, heeft de Graaf de troepen zonder eenigen tegenstand op anderhalve mijl van de stad ontscheept..."* (p. 96). Para chegar à ponta de S. Braz teria a frota de ultrapassar a ponta onde estava o forte de S. Bartholomeu (Veja-se a carta) — *"nonnihil praetervectus classe promontorium arcis Bartholomei..."*, isto é, "conduzida na armada *um pouco além* da ponta do forte de S. Bartholomeu, desembarcou a soldadesca..." O acusativo *promontorium* é complemento da preposição praeter, primeiro elemento do particípio composto *praetervectus*. Frei Rafael de Jesús (Cast. Lus., L. III, pág. 149 da edição de 1679) informa que o exército de Nassau desembarcou no sítio chamado "agoa de Meninos: "Entrou a armada pella barra, vistosa pela copia das bandeiras; horrivel pela multidão dos tiros; agradavel pella diversidade dos clarins; arribando sobre a parte que chamão da Pirajá, buscou a praya (dita agoa de Meninos), deytou em terra, gente, artelharia, & munições, & sem detença se pôs em marcha para Cidade, que distava meya légoa daquelle sitio". Barléu diz "légua e meia".

(104) Golfos do norte da África, perto de Cartago, aparcelados e perigosos. Havia a Sirte maior e a menor. Correspondem respectivamente ao golfo de Sidras e de Gabes.

(105) Promontório ao sul do Adriático, hoje *Monte della Chimera*. Eram mal afamados pelos seus escolhos: *"Infames scopulos Acroceraunia* (Hor., Od. I, 20).

(106) Depois da batalha de Canas, em que sofreu memorável desbarate o exército romano, ficou sendo o general púnico o terror de Roma. Daí o grito de alarma "Hannibal ad portas", que se tornou proverbial para significar um perigo iminente.

(107) Nascera em Schelingen, perto de Haia, e tinha a alcunha de *Perna de Pau*. (Houtbeen).

(108) Nomes holandeses das naus de Jol: Salamandra, Zwolle, Overijssel, Goeree, Tertolen, Hoop, Orange, Rotterdam, Ernst, Canaire, Goyana, Waackhond, Mercurius, Groot Postpaard". L. Hon. Naber. (p. 112).

(109) Barléu faz aqui um trocadilho: *"...possum per alios intricari, ex quibus extricari difficillimum"* (p. 113).

(110) Novo trocadilho: *"... ut silentio me involvam, & sinam volvi publica"* (página 113).

(111) Atrida (Ἀτρείδης, filho ou descendente de Atreu). Refere-se a um dos filhos de Atreu, isto é, Agamemnão ou Menelau, que foram com outros chefes à guerra de Tróia para desafrontarem a Grécia da injúria feita por Paris.

(112) *"Ad populum phalerae"*, anexim romano, que aparece em Pérsio (Sat. III, v. 27): "Ad populum phaleras! ego te intus et in cute novi". "Deixa para o povo êsses alardes! Conheço-te por dentro e por fora".

(113) *"...vix aere lavati observent"* (p. 116). *Aere lavati* — os que se banham por dinheiro, isto é, os homens adultos. As mulheres (Juvenal, Sat. VI, 447) e os meninos (Idem, Sat. II, 152) banhavam-se de graça, e os homens pagavam ao superintendente dos banhos um quadrante, isto é, a

quarta parte de um asse (Horácio, Sat., L. I, 3, 136). Barléu tomou a expressão da citada sátira II de Juvenal: *"Nec pueri credunt, nisi qui nondum aere lavantur"*. Nem os meninos o crêem, a não ser aqueles que ainda não pagam nos banhos públicos.

(114) *"...modumque imperiis suis adhiberi cupit, quem suprema lex; salus populi, dictat"*. (p. 117). Frase inspirada no aforismo de direito público romano: "Salus populi suprema lex esto". "Seja a salvação pública a lei suprema".

(115) Amiclas (Ἀμύκλαι), cidade da Grécia, antiga, na Lacônia (hoje Slavo Khori), 3 milhas ao sul de Esparta, a residência lendárica dos Tindáridas. Próximos de Esparta, viviam os amicleus, de contínuo amedrontados com uma invasão dos seus belicosos vizinhos. Cansados, porém, de rumores falsos sôbre ela, promulgaram uma lei, contra quem os espalhasse, obrigando, assim, os habitantes da cidade a guardar silêncio a respeito, sendo, por isso, surpreendidos por um ataque do inimigo, que ninguém ousara anunciar. Daí surgiu o provérbio corrente na antiga Grécia: *"O silêncio perdeu Amiclas"*, e a expressão *silêncio amicleu"*.

(116) O tradutor holandês, como declara em nota à pág. 132, transcreve o próprio original da carta de Maurício, existente no Arquivo Real de Haia (Algemeen Rijks Archiev), Comp. das Índias Ocid., antiga Comp., câmara de Zelândia, maço 54, e dirigido aos "Gecommiteerden" da Comp. Ocid. em Midelburgo.

(117) Sôbre a etimologia de Pernambuco assim, disserta Teodoro Sampaio (O Tupi na Geografia Nacional, 3.ª ed. página 286): "PERNAMBUCO, corr. *paranãmbuca*, o furo ou entrada do lagamar; alusão à brecha natural do recife por onde o lagamar se comunica com o mar. O nome paranambuca era comum na costa do Norte, no trecho delà tomado pelos recifes, e o sentido que os índios lhe davam era o de *furo, entrada*, passagem natural aberta na muralha do recife. No tupi do Norte, no Nheengatú, *paranã-mbuca* quer dizer — jôrro do mar — alusão à embocadura por onde êle se escapa. Mui acertadamente escreve a propósito o autor do *Castrioto Lusitano*, Frei Rafael de Jesús, ao tratar do Pôrto do Recife: "...uma abertura à qual os naturais chamam Pernambuco, que, em sua lingua, é o mesmo que pedra furada ou buraco que fez o mar de que se forma a garganta da barra..." O vocábulo — *paranã* = parà — nã — traduz-se semelhante ao mar; é lagamar formado na junção dos rios Capiberibe e Beberibe e o furo, a abertura, a quebrada".

(118) "Portum Francorum, ubi excendere Vidalius et Magalhusius centuriones". (p. 122).

(119) *"Fluvii praestantiores sunt*: Iangades, Serinhaemius, Formosus, Portus Calvi..." (p. 122). O rio que passa em Pôrto Calvo é o *Manguaba*.

(120) "Non contubernis, sed locorum tractibus distincta" (p. 123).

(121) *"Hanc* (capit. da Paraiba) *excipit Fluminis Grandis praefectura, quatuor contubernis distincta, ubi ruderibus deforme oppidulum* PUNTALIUM, *bellorum vestigiis horret. Facta incolis potestas condendae novae urbis, loco feraciore, & situ commodiore, in contubernio* POLIGIANO, *sesqui a Puntalio miliari"* (pág. 123).

À margem do texto a indicação: *"Puntalium Oppidulum"*. Neste passo, Barléu, além de resumir as informações de van der Dussen, cometeu dois erros nos nomes geográficos de *Natal e Potengi*, por êle transformados respectivamente em *Puntalium* e *Poligianum* (no ablativo *Poligiano*). O trecho correspondente no relatório original, sôbre ser mais amplo, desfaz integralmente o equívoco do cronista de Nassau, e por isso deve ser transcrito aqui: *"Aen de Capitania van Parayba is gesecht te volgen de capitania van Rio Grande. Dese capitania wert verdeylt in vier Freguezias te weeten Conhau, Goyana, Mopobu en* POTIGY *en heeft gehadt een stede genaempt citade* NATAL *gelegen anderhalf mijl vant casteel Ceulen de reviere opwaerts en geheel vervallen; der halve de schepenen en inwoonders is geconsenteert een nieuwe stadt te bouwen in* POTIGY *alsoo daer is vruchbaer landt en veel gelegner voor de inwoonders soud zijn..."* Relat. de van der Dussen, transcrito na tradução de L'H. Naber, (p. 155-156).

(122) Fábio de Narbona, cavaleiro romano, era autor de vários livros sôbre a filosofia estóica. Horácio, que tinha tido com êle algumas questões pessoais, alude-lhe zombeteiramente à loquacidade na sátira I, do L. I, v. 14: *"Cetera de genere hoc adeo sunt multa, loquacem Delassare valent Fabium"*.

(123) Adaptação da frase de Tito Livio: *"Labor voluptasque, dissimillima natura, societate quadam naturali inter se juncta sunt"* (Livio, V., 4). Em Barléu: *"Labor utique et merces, dissimillima natura, societate quadam naturali jungi amant"* (p. 125).

(124) "...*a maruja de Ulisses*", isto é, tôda a malta de aventureiros.

(125) "...tertium, eorum, qui Societatis defuncti ministeriis, agriculturae studis

dediti, hanc Spartam ornare student" (página 125).

(126) "Usão estes indios de umas *ocas* ou *casas* de madeira cobertas de folha, e são de comprimento algumas de duzentos e trezentos palmos". (F. Cardim, Tratados da Terra e Gente do Brasil, edição de J. Leite, Rio, 1925, p. 169).

(127) A palavra *hamaca* (espanhol *hamaca*, francês *hamac*, italiano *amaca*, português, *maca*, inglês *hammock*) é de origem caraiba. Já Colombo, no diário da sua primeira viagem, usou-a: "Grande número de índios chegaram-se hoje em canoas ao navio afim de trocarem seu algodão e *hamacas* ou redes em que dormem". Veja-se The Century Dictionary and Cyclopedia, verb. *hammock*.

(128) *Cabaça* não é vocábulo indigena. "...seu maior enxoval vem a ser huma rede, hum patiguá, hum pote, hum cabaço, huma cuya,, hum cão". Simão de Vasconcelos, Chron. da Companhia de Jesus, L. I, 120 (ed. de 1865).

(129) "Sine blandimentis pellunt famem" (p. 127). Imitação da frase de Tácito (Germânia, c. XXIII) relativa aos germanos: "...sine apparatu, sine blandimentis expellunt famem". A frase seguinte é reprodução exata da de Tácito no mesmo lugar: "*Adversus sitim non eadem temperantia*".

(130) "*...potum ex mandiocae radicibus dente contritis aqua dilutis, exspectato acore, conficiunt, ut & alium e pomis Tajovis, pro anni tempestivitate*" (p. 127). Parece que Barléu se refere à taiá ou taioba (taia + oba = fôlha de taiá), cujo nome científico é *Caladium esculentum*, família das aroídeas, chamada ainda *couve caraíba*. Na tradução de Silberling: "... aus einer Arth Apfelen, die man bey jnen Tajovi nennet" (p. 368). No seu relatório diz van der Dussen que os índios fazem uma bebida de mandioca misturada com água, que bebem depois de fermentada, e outra de cajú: "maecken eenem dranck van geknaueude farinha wortelen met water vermengt die sej, suer goworden sijnde, drincken. Sie maecken oock, dranck van Cajouappelen als het saizoen is". L'Honoré Naber, (p. 161). Simão de Vasconcelos (obr. cit. L. I, 141), enumerando as castas de vinho dos índios, não fala dêste.

(131) "*...pecunias nullo praetio habent, nisi ob hoc, quod per eas hispaniensis, &* ADUSTI VINI *compotes fiant*" (p. 127). *Adustum vinum* é *aguardante*, assim chamado por Barléu talvez em referência ao modo pelo qual é preparada esta bebida, isto é, a distilação. Tobias Silberling também assim verteu a expressão: "*Des Geldes achten sie ganz nit, dañ allein Spanischen Wein und Brantwein davor zu kaufen*" (p. 369). E em Naber: "Gelt is haer niet verder waerdt als dat, omdat men daervoor brandewyn en spaense wijn can coopen..." (pág. 162).

(132) "Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem". (Fernão Cardim, obr. cit., (p. 169).

(133) No livro de Nina Rodrigues — Os Africanos no Brasil —, págs. 58 —, foi bastante alterado o pensamento de Barléu neste último periodo. Diz o texto: "*nigritae Congenses & Sonhenses aptissimi ad operas, ut ex re Societatis fit, hujus mercatus rationem haberi & amicitia jungi Comites Sonhensem & Congensem*". A tradução do eminente médico baiano é esta: "os da Nigrícia, naturais do Congo e os Sonhenses são muito aptos para os trabalhos, quando se trate da vida de sociedade, sendo não só esta a razão dêste mercado, como também o fato de viverem unidos como companheiros, por laços de amizade".

(134) O mesmo que urucú (Bixa Orellana).

(135) Veja-se a pág. 79 e a nota 89.

(136) "...explendo Novemviratu, & fulciendae honoratorum consiliis Reipubl." Uma das accepções de *honoratus*, tomado como substantivo, é *magistrado*, como se pode justificar com o *Lexicon totius Latinitatis*, de Forcellini, verb. *honoro*, onde se lê: "*Speciatim usurpatur de iis qui magistratus gessere, geruntve*. Ovid. 1, Fast. 52. *Simul exta deo data sunt, licet omnia fari Verbaque honoratus libera praetor habet*, etc.

(137) "...& Theodosium, nomine Imratorem". Na tradução alemã: "...*wie auch Theodosi Keyer...*" (p. 377). Em L'H. Naber, transcrevendo o relatório de van der Dussen, "Theodosius L'Empereur". (p. 170).

(138) Na monografia do Dr. Pedro Souto Maior — A Religião Cristã Reformada no Brasil no século XVII —, publicada no tomo especial (1915) da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, encontram-se as atas dos sinodos e classes do Brasil, durante o domínio holandês. Nela aparecem os nomes das principais figuras do clero reformado da época, ora alatinados, ora na sua forma originária. Assim lê-se alí: predicantes Samuel Batiler, Cornelio van der Poel, Jodocus a Stetten, Joaquim Soler, J. Theodoro Polhemius, David a Dorenslaer, Jacob Altrichts, etc.

(139) Alusão às palavras de S. Paulo, na primeira epistola aos Corintios, c. I, 23: "nos autem praedicamus Christum crucifixum: Judaeis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam". "Prègamos a Cristo crucificado, escândalo de fato para os judeus,

mas loucura para os gentios". Barléu diz: "...*ut jam nostrae quoque fidei homines, Christum, quantumvis, Gentibus stultitiam, inter illas ipsas praedicent*". (p. 130).

(140) No texto: "...secundum Iguaracae" p. 131. E' êrro do autor. Refere-se ao convento da Vila de Iguaraçú fundado em 1588. Veja-se Santa Maria Jaboatão, Novo Orbe Seráfico, livro III, cap. I, vol. II, p. 323, da edição do Rio de 1861. Em van der Dussen: I. Garasu". Além disso, na gravura que representa Igaraçú, encontra-se o convento de S. Francisco (letra B. Veja-se a gravura).

(141) Do rigor da Inquisição.

(142) "Entre os *gravamina* apresentados pela Assembléia Classical do Brasil, reünida em Pernambuco em Janeiro de 1638 (sessão 4.ª, *gravame* 4) lê-se êste: "Também não são poucas as reclamações sôbre a grande liberdade que gozam os judeus no seu culto divino, a ponto de se reünirem assaz pùblicamente em dois lugares no Recife, alugados por êles para êsse fim. Tudo isso contraria à propagação da verdade, escandalizando os crentes e os portugueses que julgam que somos meio judeus, em prejuízo da Igreja Reformada, onde êsses com outros que tais inimigos da verdade gozam de igual liberdade.

Sôbre isso julgam urgente recomendar muito sèriamente a S. Exc. e ao Supremo Conselho que empreguem a sua autoridade para impedir semelhantes abusos". Na classe reünida em Recife, aos 29 de outubro de 1638 (sessão II, art. 8) deu-se conta do seguinte: "Sôbre o art. 4.º, Sessão Quarta, acêrca da excessiva liberdade e audácia dos judeus, os Deputados referem que, apesar de S. Exc. e de o Supremo Conselho declararem que os judeus não teem tal liberdade, e encarregarem, portanto. de sua repressão ao fiscal, contudo a sua audácia aumenta cada vez mais, tanto no Recife como na Paraíba, onde teem à disposição o esculteto, que tratou da pretensa liberdade.

Sendo êste abuso completamente escandaloso e prejudicial aos fins e à honra de Deus, os Deputados são novamente encarregados de tratar com S. Exc. e o Supremo Conselho, afim de que se dignem de reprimir tal audácia".

O 7.º gravame da sessão 5.ª da Classe reünida em Recife em 21 de novembro de 1640, versa ainda e de modo mais veemente sôbre a ousadia dos judeus e as profanações por êles praticadas. (Ver a citada contribuïção do Dr. Pedro Souto Maior, na Revista do Instituto Hist. e Geog. do Brasil, tomo esp. 1915).

(143) "...*caulis ligneus ligneas propagines extrudit*" (p. 131).

(144) "...cavando a terra em montinhos e mettendo em cada qual quatro pedaços da vara de certos ramos, que chamam manaiba..." (Simão de Vasconcelos, Crônica, L. II, 71).

(145) "...*quas nostrates sacchareas vocant, licet crassitie dissimiles, extra terram duobus vel tribus surculis germinant, qui ubi octavo, decimo & duodecimo mense lignescere caeperunt, pro semine sunt*" (pág. 132.) Parece tratar-se da batata doce *Ipomaea Batatas*, família das *convulculáceas*), planta muito difundida nas regiões tropicais e muito provàvelmente originária da América (Veja-se de Candolle; Urspr. der kulturpflanzen) e um dos principais produtos alimentares do Brasil.

(146) Neste passo insere Barléu, no relatório de van der Dussen, uma enumeração de animais e plantas do Brasil "para agrado do leitor", como diz êle em nota marginal (p. 132). Parece ter em parte acompanhado a notícia dada por Mafeu sôbre o Brasil, Hist. Indic., L. II.

Êste autor (Hist. Indic., liv. II, pág. 30 e segs.), fala da copaiba, sapucaia, cajú e ananases, dos porcos anfíbios (capivaras), antas, cotias, pacas, tatús, tigres, corigões e tamanduás, assim como dos indígenas do Brasil. Parece ter sido o seu livro uma das fontes de Barléu, que lhe reproduz até algumas expressões.

(147) Barléu, seguindo os autores da sua época, considera a capivara (*Hydrochoerus hydrochoeris* ou *Hydrochoerus capibara*) um porco anfíbio. A notícia que êle dá dêsse roedor reproduz quasi textualmente a de Mafeu (Hist. Indic. II, p. 31, edição de 1593): "*Ex eo numero... apri sunt amphibij; carnibus optimis aç saluberrimis; ij, quod priores pedes perbreues habent, posteriores autem prelongos; tardiore sunt cursu: itaque deprehensi a venatoribus, qua proximum est, sese aquis immergunt*". E a de Barléu é: "*Ex eo numero...* APRI *sunt amphibi, quorum carnes gratissimae sunt & saluberrimae... etc.*" (p. 132). Em Piso: "*Amphibii porci, CAPIVERRES Lusitanis dicti*". (De Medic. Bras., liv. IV). Em Marcgrav: "CAPY-BARA *Brasiliensibus, Porcus est fluviatilis*". (Hist. Rer. Nat. Bras., liv. VI, c. VII, (p. 230), da edição de 1648). Em Cardim: *Capijuara*. "Destes porcos d'agua ha muitos e são do mesmo tamanho dos porcos, mas differem nas feições etc." Em Gabriel Soares: "Nos rios de água doce e nas lagoas também se criam muitos porcos, a que os índios chamam capibaras, que são tamanhos como os porcos do mato... etc". (Trat. Desc. do Brasil, c. CI, página 230 da edição de Varnhagen). No dicionário tupí de Martius: "*Capivara* —

*Wasserschwein*". Segundo Rodolfo Garcia, o nome vém de *capyî, erva,* o capim, e guara, particípio do verbo *ú,* comer : o que come capim, o herbívoro". (Notas a Cardim, p. 144 da edição de J. Leite & Cia., 1925). Segundo Azzara, êsse roedor é designado no Paraguaí por *capigua*. E. Goeldi, tratando dêle, diz : "A forma bronca do corpo e outras propriedades corporeas, como o feitio dos pés, consoam com o typo do Porco, de modo que é facil de explicar-se que pessoas inexperientes, quaes os descobridores do Novo Mundo, julgassem antever animais suiformes da ordem dos Pachydermes". (Os Mamíferos do Brasil, Rio, 1893, v. I, p. 90). A capivara é o maior dos roedores, podendo atingir 1 metro de comprimento. Côr pardacenta, orelhas pequenas e falta de rabo. Vive à beira dágua, onde mergulha, quando perseguida. Forma varas de até 20 indivíduos. Herbívoro, preferindo arroz e milho novo, por isso é às vezes muito daninha às roças plantadas em regiões ribeirinhas. De dia fica escondida perto dágua e à noitinha sai a pastar. (R. Ihering — Da vida dos nossos animais, pág. 29).

(148) "Há outros animais a que chamam *antas,* que são de feição de mulas, mas não tão grandes, e teem o focinho mais delgado e o superior comprido à maneira de tromba, e as orelhas redondas, a côr cinzenta pelo corpo, e branca pela barriga. Estas saem a pascer só de noite e, tanto que amanhece, mettem-se em matos espessos e alí estão o dia todo escondidas" (Fr. Vicente do Salvador, Hist. do Brasil, capitulo 9.°). Anta é o *tapiretê* de Cardim (*Tapirus americanus* e *Tapirus terrestris*).

(149) *Acuti* em Cardim. E' um roedor da familia dos *caviideos* (*Dasyprocta aguti* de Lineu). "Estas Acutis se parecem com os coelhos de Espanha". (Cardim). "Outros animais há a que chamam Cotias, que são do tamanho de lebres... e teem... o rabo tão curto que quasi se não enxerga" (Gandavo, cap. VI).

(150) *Paca* (*Coelogenys paca* de Lineu). "Há também outros maiores a que chamam Pacas, que teem o focinho redondo, e quasi da feição do gato... São pardas e malhadas de pintas brancas por todo o corpo" (Gandavo, c. VI). "A carne é gostosa, mas carregada" (Cardim).

(151) Há várias espécies no Brasil, sendo a mais pequena o Tatú-bola (*Tolypeutes tricinctus*) e a maior o *tatú-canastra*. (*Priodontes giganteus*). Gênero *Dasypus*. "São cobertos de uma concha não inteiriça como a das tartarugas, mas de peças a modo de lâminas, e sua carne assada é como de galinha". (Fr. Vicente do Salvador, cap. 9.°). "A carne dêstes animais é a melhor, e a mais estimada que há nesta terra, e tem o sabor quasi como de galinha" (Gandavo, VI).

(152) *Sariguê,* é a forma que ocorre em Cardim e Simão de Vasconcelos; *serigoê* em Gabriel Soares; *corigões* em Gandavo, havendo também as variantes *sarigueya* e *sarué*. Em Fr. Vicente do Salvador lê-se *taibú* : "Há outro a que chamam *taibú,* que depois que pare os filhos os recolhe todos em um bolso que tem no peito, onde os traz até os acabar de criar" (c. 9.°). Em Barléu *Cerigones,* que é a forma alatinada de Gandavo, usada também por Mafeu. São marsupiais, família dos Didelfídeos, sendo também conhecidos vulgarmente por *gambás, cuícas, cassacos,* sendo as cuícas desprovidas de bôlsa. "Teem uma bolsa das mãos até as pernas com seis ou sete mamas, e alí trazem os filhos escondidos até que sabem buscar de comer". (Cardim). Veja-se a nota, feita pelo erudito Rodolfo Garcia à pág. 113 da edição de Cardim publicada por J. Leite & Cia., 1925.

(153) "O seu mantimento he folhas de arvores e em cima dellas anda o mais do tempo, aonde ha pelo menos mister dous dias para subir e dous para descer" (Gandavo, c. VI). Há duas espécies : *Bradypus,* três unhas nas patas anteriores, e *Choloepus* com duas unhas nessas patas. Em Abbeville e Marcgrav encontra-se o nome *unau,* que também é consignado por Barléu a págs. 226, do original latino e 250 dêste livro.

(154) Ordem dos desdentados, familia dos Mirmecofagídeos. O maior é o *Tamanduá-bandeira* (Myrmecophaga jubata), também chamado *Tamanduá-açú, Tamanduá-cavalo* ou *jurumi,* mais raro e que se encontra nos Estados do Sul e do centro. Nos do Norte é assaz frequente o *tamanduateí* (*Cicloturus didactylus*). "Outro genero de animais ha na terra, a que chamam Tamanduás que seram tamanhos com carneiros... E assi tem mais cada um delles duas unhas em cada mão, tão compridas como grandes dedos, largas á maneira de escouparo" (Gandavo, c. VI). Em Fr. Vicente do Salvador *tamandoçú* : "Tamandoçú é um animal tão grande como carneiro... tem o focinho comprido e delgado... as unhas á maneira de escopros" (Capítulo 9.°).

(155) Daí o seu nome científico, formado de μύρμηξ, ηκος, formiga + φαγεῖν = comer).

(156) "...e o rabo será de dous comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas, que pela calma, e chuva, frio, e ventos se agasalha todo debaixo delle sem lhe apparecer nada" (Cardim).

(157) *Jaguaretê, jagoaretê* ou onça pintada, segundo B. Caetano, quer dizer *onça verdadeira*, composta a palavra de *jaguar*, onça, cão e *etê*, verdadeiro. E' a *Felis onça* de Lineu, a maior do Brasil. Em Cardim lê-se: "*Iagoaretê*. — "Ha muitas onças, humas pretas, outras pardas, outras pintadas,...". Barléu dá êsse nome só às onças pretas: E em G. Soares: "A maior parte dessas alimárias são ruivas, cheias de pintas pretas, e algumas fêmeas, são tôdas pretas". (Trat. Descrit. do Brasil, cap. XCV, p. 224).

"IAGUARATAE... *tigrides nigrae sunt*" (p. 133).

(158) "*Cajatayae*" no texto. A única palavra designadora de símios semelhante a esta é *coatá*. Nos cronistas há referências a esta espécie de bugios que me pareceu autorizarem a versão pela palavra *coatás*, a despeito de não me constar se êles teem cheiro almiscarado. Diz-se *coatá* e *coaitá*, macaco platirrínio sul-americano. (*Ateles paniscus, A. variegatus* e *A. marginatus*), famílias dos *Cebídeos*. Levam vida arbórea e só teem quatro dedos. Diz-se que, sendo atacados, se defendem jogando pedras e, estando em bandos, descem ao solo para gritar contra o agressor. Gandavo diz: "Ha huns ruivos, nam muito grandes que derramam de si hum cheiro muy soave a toda a pessoa que a elles se chega, e se os tratam com as mãos, ou se acertam de suar, ficam muito mais odoriferos e lançam o cheiro a todos os circunstantes: destes ha muy poucos na terra, e nam se acham sinam pelo sertão dentro muito longe" (capítulo VI). Frei Vicente do Salvador informa (c. 9.°): "Outros bugios ha não tão grandes, nem tem mais habilidades que fazer momos e caretas, mas são de cheiro". O *macaco de cheiro* ou *Jurupixuma* (*Saimiris sciurea*) tem o pêlo amarelo-azeitonado e a cauda muito longa. (Dr. R. von Ihering, Da vida dos nossos animais, p. 62).

(159) *Tiú, teyú, tijú* = o que come escondido. (T. Sampaio), família dos *Teídeos* ou *Amenideos*.

(160) Corrupção de *mboy*, cobra + *guaçú*, grande = *a cobra grande* (*Boa Constrictor*), a gibóia de Cardim, a qual destrói animais pequenos, e raramente atinge 4 metros.

(161) *Boicininga*, corrupção de *mboy* = a cobra ressonante (T. Sampaio). Também se ouve *boicinunga* e *boicunanga* (*Crotalus terrificus*). Dela diz Cardim: "Esta cobra se chama cascavel; he de grande peçonha, porem faz tanto ruido com hum cascavel que tem na cauda, que a poucos toma..." No mesmo sentido Gandavo e Fr. Vicente do Salvador.

(162) Corrupção *mboy-obi* cobra verde (*Coluber veridissimus* de Lineu, também chamada *Spilotes pullatus*). Em Marcgrav e Piso (Ver. T. Sampaio, verb. Boibi). E' a *caninana* de Cardim e a *caninam* de G. Soares.

(163) Em Cardim *tucana*. A forma *tucano* é de G. Soares. Segundo Teodoro Sampaio, *tucano* é formado de *tu* + *quã* = o bico que sobrepuja, o bico exagerado. Para Batista Caetano é a alteração de *tu* + *can* = o bico ósseo. E' ave trepadora (*rhamphastos*) da América do Sul, família dos ranfastídeos.

(164) *Guará*, a garça vermelha, a ave aquática (*Ibis rubra*). Teodoro Sampaio. Dêle fala Gandavo: "...humas (aves) maritimas a que chamam goarás... A primeira penna de que a natureza as veste he branca sem nenhuma mistura e muy fina em extremo. E por espaço de dous annos pouco mais ou menos a mudam, e torna-lhes a nacer outra parda tambem muy fina sem outra nenhuma mistura; e pelo mesmo tempo adiante a tornam a mudar e ficam vestidas de huma muito preta distinta de toda outra cor. Depois dahi a certo tempo pelo conseguinte a mudam e tornam-se a cobrir doutra muy vermelha, e tanto, como o mais fino e puro cramesim que no mundo se pode ver e nesta acabam seus dias". (Cap. VII).

(165) Será o mesmo que *percaauris*, que aparece no *Diário* de Pero Lopes de 1532, segundo informa Teodoro Sampaio? Segundo ensina, é corrupção de *paracau-r-ĩ* os papagaiozinhos, os periquitos. (Pernambuco). A forma alatinada é *Piretaguaros*, cuja identificação não é fácil.

(166) *Arara* (*Psittacus Macrocerus*) são psitacídeos grandes e muito conhecidos. "Estes papagaios são os que por outro nome se chamão Macacos: he passaro grande, e são raros, e pela fralda do mar não se achão; he uma formosa ave em cores, os peitos tem vermelhos como graã; do meio para o rabo alguns são amarellos, outros verdes, outros azues, e por todo o corpo têm algumas pennas espargidas, verdes, amarellas, azues, e de ordinario cada penna tem tres, quatro côres, e o rabo he muito comprido..." (Cardim). Segundo B. Caetano no aimará *arara* significa falador, palrador.

(167) O avestruz americano tem um representante brasileiro genuino — a *ema* ou *nhandú* (= que corre com estrépito, a corredora, T. Sampaio), cujo nome científico é *Rhea americana*. "Há emas tão grandes, diz Fr. Vicente do Salvador, como as da África, umas brancas e outras malhadas de negro que, sem voarem do chão, com uma asa levantada ao alto ao modo de vela latina, correm o vento como caravelas, e com tudo as tomam os índios a cosso

nas campinas" (cap. X). Cardim chama-lhes *nhandugoaçú* e Marcgrav *nhandu-guaçú*. Êste é também o nome de uma grande aranha, a que Barléu se refere pouco abaixo.

(168) "Criam-se no Brasil todos os animais domesticos e domaveis de Espanha, cavallos, vaccas, porcos, ovelhas e cabras, e parem a dous e tres filhos de cada ventre..." (Fr. Vicente do Salvador, c. IX). "...começaram-lhe (os portugueses) a levar da Ilha do Cabo Verde cavallos e egoas, de que agora ha já grande creaçam em todas as capitanias desta Provincia. E assi ha tambem grande copiá de gado que da mesma Ilha foy levado a estas partes, principalmente do vaccum ha muita abundancia, o qual pelos pastos serem muitos, vay sempre em grande crescimento". (Gandavo, VI).

(169) "Nesta provincia se dá bem a criação dos cavallos, e ha já muita abundancia delles, e formosos ginetes de grande preço que valem duzentos e trezentos cruzados e mais... e daqui começam prover Angola de cavallos..." (Cardim). A respeito é muito interessante o comentário de Rodolfo Garcia a êste passo de Cardim, a ps. 145 da edição de 1925 (J. Leite & Cia., Rio).

(170). "Os porcos se dão cá bem, e começa de haver grande abundancia; he cá a melhor carne de todas, ainda que de gallinha, e se dá aos doentes, e he de muito bom gosto". (Cardim).

(171) "*Gallinarum numerus sine numero*" (p. 133).

(172) "...tambem ha outro genero dellas (adens), cá mesmo desta terra: são muito maiores e formosas". (Cardim).

(173) "...engordão tanto que muitos (carneiros e ovelhas) arrebentam de gordos, nem he cá tão boa carne como em Portugal". (Cardim).

174) *Boope* em Barléu (do grego Βόωψ formado de Βοῦς boi + ὤψ ôlho). "Parece este peixe com os atuns de Espanha, assim no tamanho como nas feições assi interiores como exteriores... e bem merece o nome de peixe-boi assi na formosura como grandura; os olhos são propriamente como de boi, e por esta razão teem êste nome". (Cardim). A designação tupí é *Tapiireçá* = *tapir* + eçá = = o ôlho-de-anta e também o ôlho-de-boi (T. Sampaio). G. Soares diz *tapyrsiçá* (*Seriola lalandei*).

(175) Aliás Homero aplica êste epiteto às mulheres formosas em geral, p. ex., na Iliada, III, 144: "Climente, de olhos de boi", isto é, de olhos grandes; o mesmo na Iliada 7, 10: "Filomedusa de olhos de boi". De Hera ou Juno diz êle, p. ex., na Iliada, I, 551: "E a veneranda Hera de olhos de boi lhe respondeu".

(176) Chama-lhe Cardim — Camarupig — : "Este peixe tambem he um dos reaes e estimados nestas partes: a carne he toda de febras em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto; tem muita espinha por todo o corpo e he perigoso ao comer. Tem uma barbatana no lombo que sempre traz levantada para cima... e faz-se delles muita manteiga". Gandavo chama-lhe *Camboropim*, Soares *Camuropi*. E' o *megalops thrissoides*, familia dos *Clupeideos*. E' o *pirapema* do litoral do norte (R. Garcia). Diz-se ainda *Camarupim*.

(177) Nota de Rodolfo Garcia a Cardim: "PEIXE SELVAGEM, da familia dos Haemulideos (*Conodon nobilis, Linn*). O nome tupí *pirambá* significa peixe roncador, que ainda prevalece na sinonimia vulgar, ou simplesmente roncador. Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1313, vem *piraembu*". Também Barléu usa esta última forma (*piraembu*). A notícia de Cardim é esta: "Este peixe selvagem, aqui os Indios chamão Pirambá, sc. peixe que ronca; a razão he que onde andão logo se ouvem roncar, são de boa grandura até oito e nove palmos; a carne he de bom gosto, e são estimados; têm na bocca duas pedras de largura de huma mão, rijas em estremo, com ellas partem os buzios de que se sustentam; as pedras estimão os Indios e as trazem ao pescoço como joias".

(178) Em Cardim *Bigjuipirá*: "Este peixe *Bigjuipirá* se parece com solho de Portugal... ha infinidade delles... e o corpo he redondo, preto pelas costas, e branco pela barriga". E' o *Rachycentrus canadus* de Lineu, familia dos Raquicentrídeos. Variantes: *bijupirá, bejupirá, beijupirá* (G. Soares). Segundo T. Sampaio é corrupção de *pi-yu-pirá* = o peixe de pele amarela. Para B. Caetano é formado de *mbeyú* + + *pirá*, peixe de bolo.

(179) *Dourado*, grupo dos caracinídeos (*Salminus Cuvieri*), peixe de água doce, corajoso e veloz, atira-se às vezes contra os saltos dos rios e os transpõe. Chega a ter mais de 0m.50 de comprimento. E' formado o nome, indigena, segundo T. Sampaio, de *guara-acãpema* = o indivíduo de cabeça esquinada. Em Barléu *Waraka-pemme*.

(180) E' o *espadarte* do Brasil (*Xiphias gladius* de Lins.), familia dos Xifiídeos. A êle se refere Fr. Vicente do Salvador nestes termos: "Há outro peixe chamado espadarte, por uma espada que tem no focinho..." (cap. X). E Cardim: "Destes peixes ha grande multidão, são grandes e ferozes, porque têm huma tromba como espada, toda cheia de dentes ao redor..."

(181) "GUAPERUA, *Orbis*, PEIXE-PORCO, spinis undique horrens". Em Plínio Senior (Hist. nat. 32,3) encontra-se *Orbis*, indicando certo gênero de peixe: "Durissimum esse piscium constat, qui *orbis* vocatur: rotundus est, et sine squamis, totusque capite constat". O peixe-porco que Barléu verteu por *Orbis*, é talvez o *Tetraodon lineatus*, cujo nome vulgar é *peixe roda* ou *rolim*. O peixe-porco (*Balistes carolinensis*) é peixe escleroderma plectognato, família dos *Balistídeos*, de que há muitas espécies nos mares tropicais e subtropicais. O nosso *peixe-porco* é o *Monacanthus hispidus*. Ver R. von Ihering, obs. cit. págs. 150-151.

(182) No texto *Guacucua*. E' o xarroco bicudo ou do Brasil (*Lophius vespertilio*), peixe esquamodermo. Temos o *peixe-morcego* (*Ogocephalus vespertilio*). Os nossos cronistas fazem referência a um peixe peçonhento semelhante ao xarroco, ao qual chamam *maiacú*, *guamaiacú* ou *baiacú* ou *peixe-sapo*: "Ha tambem hum certo genero de peixes pequeninos, da feição de xarrocos a que chamam *Mayacús*..." (Gandavo VIII). "Ha uns peixes pequenos em toda esta costa, menores de palmo, chamados majacús" (Fr. Vic. do Salvador, X). *Baiacú pinima* (*Spheroides Spengleri*).

(183) Em tupi *nhandú* + *açú* = aranha grande, a caranguejeira.

(184) "Ha muitos generos de tubarões nesta costa... he peixe muito cruel e feroz, e matão a muitas pessoas, principalmente aos que nadão. Andão de ordinario acompanhados de huns peixes muito galantes, formosos de varias côres que se chamão romeiros" (Cardim). No texto: "...*comites pisces habent diversicolores, quos Lusitani vocant* PELGRIMES" (p. 134). "Uperú é o peixe a que os Portuguezes chamão tubarão". G. Soares, CXXVIII, p. 257. Os maiores tubarões pertencem à ordem dos *seláquios*, família dos carcarídeos, contando mais de 150 espécies. Um dos maiores e mais terríveis tubarões é o *Carcharodon Rondeleti*, assim como o *Cetorrhinus maximus*. O de tamanho maior é o *Rhinodon typicus*. As nossas principais espécies são: o *anequim* (Carcharadon carcharias), a *tintureira* (Galeocerdus maculatus), o *peixe-martelo* ou *Cornuda* (Sphyrna zygaena), o *cação* (Carcharias limbatus), etc.

(185) O peixe-voador do Brasil (*Cephalacanthus*) é o *pirabebê* dos índios (*pirá* + *bebê* ou *pirá* + *ueué* = o peixe que voa, o voador, também chamado *coió*, família dos *Cefalacantídeos* ou *Dactilopterídeos*. Designa-se ainda com o nome científico *Exocoetus volitans*. "...são de ordinario de hum palmo, ou pouco mais de comprimento; têm os olhos muito formosos, galantes de certas pinturas que lhes dão muita graça, e parecem pedras preciosas... Têm asas como de morcegos, mas muito prateadas, são muito perseguidos dos outros peixes, e para escaparem voão em bandos como de estorninhos, ou pardaes, mas não voão muito alto. Tambem são bons para comer, e quando voão alegrão os mareantes, e muitas vezes caem dentro das náos..." (Cardim).

(186) Trata-se de uma espécie de enguia volumosa, provida de aparelhos elétricos na região abdominal (*Electrophorus electricus*, Lineu). O nome tupí é *poraquê* = porá + ké = a gente adormece ou entorpece, segundo T. Sampaio, ou *poro* + *quer* = que faz dormir, adormece ou entorpece, segundo B. Caetano. Em Cardim *purá*, havendo ainda as variantes *puraquê* e *piraquê*.

(187) "...*Ypupiaprae dicti*" (p. 134). À margem lê-se: "*peixe-mulher aliis*", = = para outros peixe mulher. Segundo Batista Caetano, os elementos de *ipupiara* são Ÿ = a água e *pypiara* = de dentro, do íntimo = o que é de dentro dágua, o que vive no fundo da água. Para T. Sampaio é corrupção de *Ypú-piara* = o que reside ou jaz na fonte; o que habita no fundo das águas. Todos os nossos cronistas — Gandavo, Gabriel Soares, Frei Vicente do Salvador, Cardim, Padre João Daniel, Simão de Vasconcelos — descrevem êsse homem marinho, entidade lendária, que lembra a concepção das sereias, tritões, ondinas e mãe-dágua. Em G. Soares lê-se *upupiara*, em Gandavo *hipupiara*, em Cardim *Igpupiara*. Frei Vicente do Salvador e S. de Vasconcelos só se referem o primeiro aos *homens-marinhos* e aos *peixes-homens* e *peixes-mulheres*. Cardim dá esta notícia: "Estes homens marinhos se chamão na lingua *Ipupiara*; têm-lhe os naturais tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns correrão já, e perguntando-lhes a causa, diziam que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As fêmeas parecem mulheres, têm cabellos compridos e são formosas; acham-se estes monstros nas barras dos rios doces... O modo que têm em matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a comsigo que a deixam toda feita em pedaços, ficando inteira... e se levão alguns comem-lhes somente os olhos, narizes e pontas dos dedos... e assim os achão de ordinario pela praia com estas cousas menos". Fr. Vicente do Salvador e Magalhães de Gandavo contam a aparição de um dêsses monstros na Capitania de São Vicente, em 1564,

havendo matado um mancebo de nome Baltasar Ferreira, filho do capitão.

(188) *Sepia officinalis*, molusco cefalópode (*Dibranchiata*), que segrega uma substância insolúvel na água, cujo sedimento negro é conhecido nas artes sob o nome de sépia, tinta de escrever comum na China Japão e Índia, e entre nós também designada por *nanquim*. Outro nome da siba é chôco.

(189) Molusco acetabulífero decápodo (*calmar communis* ou loligo). Produz como as sibas a tinta preta chamada sépia.

(190) São as *urtigas do mar*, zoófitos acalefos, a que pertence a alforreca, ou alguns pólipos de que são representantes as *actínias* ou anêmonas do mar.

(191) "Não faltam mexilhões nesta terra ; servem aos naturaes e portuguêses de colheres e facas". Cardim.

(192) Gênero de moluscos acéfalos, de concha bivalve, família dos Pectinídeos. Vários gêneros desta família : *Pecten* (petúnculo), *Chamys*, *Amusium*, *Himites* e *Pedum*. O Petúnculo, ou pente lembra na forma um pente circular. Há várias espécies, sendo muito conhecida a *vieira*, *venera penteola* ou *concha* dos romeiros (*Pecten Jacobaeus*) ou concha de S. Tiago.

(193) *Copaíba*, segundo T. Sampaio, é corrupção de *cupa-yba* = a árvore de depósito ou que tem jazida, em alusão à propriedade que tem o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico. Variantes *copaiva*, *copaúva*, *cupaí*, *cupaíba*. Em Cardim *cupaigba*, em G. Soares copiúba (*Copaifera officinalis*).

(194) Variantes : *cabureúba*, *cabureúva*, *cabreúva*, *cabriúva*. Corrupção de *caburé* = coruja + *yba* = árvore, isto é, árvore do caburé (*Myrocarpus frondosus*). A resina que estila da casca tem o nome de *cabureicica*. "...dão-se alguns golpes na arvore, e logo em continente estilla hum oleo branco que se coalha" (Cardim).

(195) ICICAÍBA = *ycyca* + *yba*, isto é, a árvore da resina (T. Sampaio, segundo Marcgrav). E' a almecegueira do Brasil (*Protium brasiliense*. Eng., família das *Burseráceas*). Variantes : *icicariba* (Marcgrav e Barléu), *igcigca* (Cardim), *icica*. Designa-se ainda com os nomes *elemieira*, *almecegueira do Brasil*, *ygci*, *ubiracica*, *buracica*, *biracica*.

(196) ITAÍBA = *itá* + *iba*, a árvore de ferro, o pau ferro (T. Sampaio). Variantes : *tagiba*, *itaúba*, *itaúva*, *Hymenae*, planta leguminosa da América tropical, muito dura, exsudando uma resina do tronco e atingindo grandes dimensões.

(197) Segundo T. Sampaio, é corruptela de *a-ndá*, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura. Chama-se também *purga dos Paulistas*. E' a *joannesia princeps* de C. Veloso, euforbiácea, aparentada com a Jatrofa. A casca dá um suco leitoso muito tóxico e usado, segundo dizem, para tontear peixes. As sementes são purgativas e fornecem o óleo de andá. Cardim se refere a esta árvore, como formosa, de madeira útil para tudo e produtora de um óleo de que se servem os índios para pintarem o cabelo, curarem feridas e tingirem o corpo.

(198) Teodoro Sampaio regista MUCETAYBA, nome indígena do pau-santo, leguminosa da sub-família das Caesalpináceas (*Zoolernia paraensis* de Hüber). Cardim se refere a esta madeira : "Ha pao santo, de humas aguas brancas de que se fazem leitos muito rijos, e formosos".

(199) Gênero de árvores da ordem das Laurineas, tribu das Perseáceas. *Ocotea opifera*.

(200) A forma comum do vocábulo é ACAIACATINGA, composto de *acaiacá* + *tinga* = o cedro branco. Em S. Paulo altera-se para *caiatinga*. (*Cedrela fissilis*), árvore comum da floresta tropical, família das meliáceas. Diz R. Garcia que na flora brasileira há 5 gêneros e 130 espécies de cedros.

(201) ACAJÚ = *acã* + *yú* = o fruto amarelo, cajú (*Anacardium occidentale* de Lineu, família das *Anacardiáceas*). Segundo R. Garcia, o nome *acajú* reserva-se hoje para a *Cedrela guyanensis* (Meliácea), que vegeta no Amazonas. Todos os autores antigos que tratam do Brasil falam do cajú, principalmente Simão de Vasconcelos. Barléu o descreve mais acima (p. 70) em poucas linhas.

(202 JENIPAPO (*ianipaba* em Barléu e Cardim, *janipaba* em Marcgrav) significa, em tupi, segundo B. Caetano, fruto de esfregar ou que serve para pintar (*nhandi* + *pab* ou *jandipab*). Para T. Sampaio se decompõe em *yandi* + *ipab* = "fruto das extremidades que dá suco". O termo *yandi* ou *nhandi* exprime suco, óleo, o que reçuma ; e o final *ipab* é o composto de *ibá-pab*, contracto em *i-pab*, que se traduz — fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantas as extremidades dos seus galhos". E' o *Genipa americana* de Lineu (*Rubiácea*). Dêle falam Fr. Vicente do Salvador, Cardim, S. de Vasconcelos e Marcgrav.

(203) "*At* ZABUCALES *quae dicuntur, admodum excelsae*... (p. 134). Em Gandavo *Zabucaes*, em Fr. Vic. do Salvador *Sasapocaias*, em G. Soares *Sabucai*, em Cardim *Jaçapucaya*. Gênero *Lecythis*, tribu das Lecitidáceas (Mirtáceas). Segundo B. Caetano, o nome tupi compõe-se de

*ya*, fruto de árvore, *eça pucá i*, que tem saltamento do ôlho. Produz esta árvore sementes oleaginosas e comestíveis e boa madeira, principalmente para construções navais. Abrange 10 gêneros e cerca de 135 espécies, em regra pertencentes à América tropical. Assim descreve Cardim a sapucaia: "Esta arvore he das grandes e formosas desta terra; cria huma fructa como panella, do tamanho de huma grande bolla de grossura de dous dedos, com sua cobertura por cima, e dentro está cheia de humas castanhas como mirabulanos, e assi parece que são os mesmos da India. Quando estão já de vez se abre aquella sapadoura, e cae a fructa; se comem muita della verde, pella huma pessoa quantos cabellos tem em seu corpo; assadas é boa fructa. Das panellas usam para graes e são de dura; a madeira da arvore é muito rija, não apodrece, e he de estima para os eixos dos engenhos". Mais desenvolvida é a descrição de Vasconcelos (II, 86).

(204) O Beberibe.

(205) Os holandeses, depois de tomarem Itamaracá (junho de 1633), trocaram o nome de Vila da Conceição, onde se havia fortificado o capitão Salvador Pinheiro, pelo de Vila de Schkoppe, por ter sido Sigismundo van Schkoppe quem dirigia o ataque.

(206) A ilha de Itamaracá é separada do continente por um canal estreito e profundo, cuja entrada setentrional é a barra de Catuamá, formada pelas pontas do Funil e Jaguaribe e dando serventia ao pôrto do mesmo nome. E' defendida por um pequeno reduto. A barra do sul, mais apertada, porém mais profunda, chama-se Santa Cruz.

207) *"In portus aditu, ad montis pedem suggestus est lapideus, e marmore..."* (pág. 137). No original holandês do relatório lê-se: *"sijnde van hardtsteen opgemetselt"*. Ver L. H. Naber, (p. 183).

(208) Pequena peça de artilharia, que ordinàriamente se carregava com balas de pedra em lugar das de ferro ou chumbo: "...do tiro de um *pedreiro* lhe levou toda a chusma de huma das bandas". Damião de Góis, Cr. de D. Manuel" (Apud. D. Vieira).

(209) *"...dataeque infidem syngraphae fuere, quas postmodum aere redimerent"*. (p. 138).

(210) *Quibus certe copiis pares non eramus, utcunque, contracto et corraso undique milite, opposuissemus audaciam"* (pág. 140).

(211) *"Quantum aeris sit debiti, quantum in Officiales expensi, docent rationaria"*. Silberling verteu *"Officiales"* por *Beampten und Bedienten"*, o que me pareceu razoável, porque o têrmo *oficiais* sòzinho seria restrito.

(212) Caco, ladrão que habitava nas grutas do Aventino, cuja soleira êle atapetava com os membros sangrentos de suas vítimas. Foi morto por Hércules, quando êste, voltando da Espanha com os bois furtados a Gerion, chegou ao vale do Tibre. T. Lívio, I, 7 e Vergílio, Eneida, VIII, 194 e segs.

(213) Êste relatório de Van der Dussen, escrito a bordo da nau Over Issel, e com a data de 10 de dezembro de 1639, existe no Arquivo Real de Haia (*Algemeen Rijks Archiev West Ind. Comp.*, Oude Comp. maço 46, 130), S. L'Honoré Naber, em vez de trasladar o texto abreviado de Barléu, transcreve *in extenso* o dito relatório (p. 149).

(214) MANIO OU MARCO CÚRIO DENTATO (1.° quartel do 3.° séc. A. C.). Tribuno, cônsul, pretor e censor, exemplo das antigas virtudes romanas. Venceu Pirro em 275 e os Samnitas e Lucânios em 274.

(215) CAIO LUSCINO FABRÍCIO, cônsul romano, que se celebrizou pelo seu patriotismo e desinterêsse, tendo sido um dos embaixadores enviados para tratar com Pirro em 280 A. C.

(216) LÚCIO LICÍNIO LÚCULO, O PÔNTICO (110 a 57 A. C.). Célebre general romano, vencedor de Mitridates e de Tigranes. Afamou-se pelo seu luxo e opulência, possuindo vilas de raro esplendor em Tusculum e Nápoles.

(217) CNEU POMPEIO MAGNO (106 a 48 A. C.). General romano, rival de Júlio César. Tomou parte em várias campanhas, comandou outras, anexou a Síria e a Palestina, foi cônsul duas vezes, formou com Crasso e César o primeiro triunvirato, iniciou a guerra civil de 49 contra César, por quem foi derrotado em Farsália, em 48 A. C.

(218) MARCO CLÁUDIO MARCELO (268 a 208 A. C.). General e repúblico romano, cinco vezes cônsul, derrotou os gauleses, defendeu Nola contra Aníbal, tomou Siracusa, assumiu o comando contra o capitão cartaginês e morreu numa escaramuça perto de Venúsia.

(219) Ou forte de Wardemburch.

(220) E' exata a observação de Barléu. *Capibaribe*, segundo T. Sampaio, é corruptela de *capibara-y-be*, no rio das capivaras.

(221) *Haec tunc otia placuere a negotiis publicis fesso"* (p. 143). Há uma antítese expressa nas palavras *otia* e *negotiis*, que mantivemos na tradução.

(222) O imperador Diocleciano, após a sua abdicação, retirou-se para Salona, na

Dalmácia, onde se dava à cultura dos jardins.

(223) Moeda de prata fabricada antigamente na Alemanha, Suécia, Dinamarca, Polônia, Flandres e Suíça. Chamavam-lhe em França o *escudo do Império* e, no século XVIII, avaliavam-no em 5 libras e 8 soldos torneses. Em Barléu "imperiales".

(224) E' a seguinte a enumeração do texto: *"Adhaec ignotae terris nostris Papajae, Mammae, Ienepapae, Mangarae, Calabassiae, Acajusiae, Ovasiae, Palmae, Cerasi Brasilianae, Pyri Punicae, Aratucae, Sempervivae, Bacovae sive Bananes".* (página 144).

(225). *Mangarae* é certamente êrro ou do autor ou do copista. Devia ler-se *mangabae*. De fato, está Barléu citando árvores, e não parece razoável incluir entre estas o *mangará*, designação de várias aráceas, plantas tuberosas, de tubérculos comestíveis (*Caladium*) (de *mã* + *cara* = o tubérculo ou raiz de montão, segundo T. Sampaio). A esta planta se refere Cardim: "Nesta terra ha outros generos de fructas, como caraminhas pretas, e vermelhas, batatas, outras raizes que chamam mangará, outra que chamam cará..." A árvore frutífera é a mangabeira (*Hancornia speciosa* de Gomes, família das Apocíneas). Dela falam Cardim, Simão de Vasconcelos, G. Soares, Marcgrav e Piso. O fruto (e também a árvore) chama-se *mangaba*, corruptela de *mongaba*, o grude, o visco, segundo T. Sampaio. Em G. Soares *mangaba*, em Piso e Marcgrav *mangaíba* e *mangahiba*.

(226) *Uvalheira*, árvore que dá a *ubaia*, *uvaia* ou *uvalha* (*Eugenia campestris* de Veloso, mirtácea). Corruptela de *ubá-aia*, o fruto azedo (T. Sampaio).

(227) O que Barléu chama de cereja do Brasil (*Cerasi Brasilianae*) são as pitangas (*Eugenia uniflora*, mirtácea). Falando desta planta, escreve Vasconcelos: "Pitangueira, seus frutos são como ginjas de Portugal em gôsto, e qualidade" (II, 85). A ginja é uma variedade de cereja (*cerasus juliana*), de um vermelho mais escuro que esta e de sabor agri-doce (Tupí-guaraní — *pitanga* ou *piranga* = vermelho, rubro). Em Marcgrav (Hist. Nat. L. IV, c. 24) lê-se *"Ibipitanga sive Cerasus Brasiliana"* (p. 187 ed. de 1648).

(228) SEMPERVIVAE. Com esta denominação vaga quis Barléu indicar uma planta desconhecida na Europa ou pelo menos na Holanda. Tobias Silberling manteve o nome tal qual, e S. L'Honoré Naber verteu-o por *"sempervivum"* (pág. 202). Mas *sempervivum*, gênero das crassuláceas, é uma erva de pequeno porte, comum nas regiões temperadas do velho mundo. As crassuláceas americanas em regra pertencem ao gênero *Sedum*, encontrando-se de preferência na parte ocidental do continente (E. Unidos, México, Perú, etc.). As espécies do gênero *Sedum* são plantas herbáceas, erectas ou decumbentes, de hastes e fôlhas carnosas e suculentas. Crescem em sítios quentes, secos e expostos. Levado provàvelmente por imperfeitas e longínquas semelhanças entre as crassuláceas e as cactáceas, pois estas são também plantas carnosas, suculentas e tìpicamente xerófilas, intentou Barléu exprimir, com a designação *"semperviva"*, alguma cactácea, talvez o *jamacarú* ou *mandacarú* (CEREUS JAMACARÚ, CEREUS TRIANGULARIS), cacto arborescente assaz conhecido, que dá um fruto comestível e apreciado. Na carta do Sergipe e na vista do Forte de Maurício que ilustram a obra de Barléu figuram representações de cactáceas, naturalmente como curiosidades da flora brasílica. Piso, Marcgrav e Simão de Vasconcelos tratam do jamacarú e da urumbeba. Parece, portanto, exata a identificação do termo *"semperviva"* empregado no texto latino com o *jamacarú*, o qual indùbitavelmente havia de existir no parque ou no pomar de Maurício como vegetal curioso e útil.

(229) A cidade de Colônia, na Prússia Renana, foi uma antiga colônia de veteranos romanos, que, em honra de Agripina, mulher de Germânico, se chamou *Colônia Claudia Augustina Agrippinensis* ou simplesmente *Agripina*, subentendendo-se o substantivo *Colônia*.

(230) O Saona.

(231) Refere-se o autor a Matias de Albuquerque Coelho, irmão do donatário de Pernambuco. Durante a 1.ª invasão holandesa, foi nomeado governador geral do Brasil para substituir D. Diogo de Mendonça.

(232) Querendo os Tebanos subjugar a Fócida, acusaram os foceus perante a liga anfictiônica de se terem apossado de alguns terrenos pertencentes ao templo de Apolo e de os terem cultivado. O tribunal condenou-os a uma elevada multa, superior aos recursos do seu país pobre. Recusando-se êles a pagá-la, entregou-se aos tebanos a execução do castigo em que incorreram. Os foceus então vingaram-se dos habitantes de Delfos, principais instigadores da sua condenação, atacando-lhes a cidade e impondo-lhes onus e impostos excessivos. Depois apoderaram-se do célebre templo délfico e roubaram-lhe os tesouros, empregando-os na leva de considerável exército, com o qual resistiram dez anos aos seus inimigos e tomaram até algumas cidades da Beócia. Comandavam-nos dois bravos irmãos — Filomeno e Onomarco. Diante dos seus desastres, pediram os tebanos o socorro de Fili-

pe da Macedônia, que os atendeu prontamente, feliz de encontrar êste ensêjo para intervir nos negócios da Hélade e dominá-la.

(233) *Nec tamen non, est homines sumus & pulchro afficimur, miserari urbis augustae vastationem poterant ipsi, qui vastabant; subrutis ex alto & deturbatis aedium sacrarum et profanarum, publicarum & privatarum fastigiis, quae Solis vespertini radiis, gratissimo adspectu, verberabantur"*. (p. 147).

(234) Pérgamo, nome da cidadela de Tróia.

(235) Persépolis, uma das capitais do antigo império persa, a 35 milhas N. E. da atual Xiraz.

(236) O trecho de Cícero a que alude o autor é êste: *"Itaque aedificiis omnibus, publicis, privatis, sacris, profanis sic pepercit, quasi ad ea defendenda cum exercitu, non expugnanda venisse"* (Cic. In Verr., de signis, LIV, p. 128). O trecho de Barléu reproduz quasi as mesmas palavras: *"...quod aedificiis omnibus Syracusarum publicis & privatis, sacris & profanis sic pepercerit, quasi ad ea defendenda cum exercitu, non expugnanda venisset"* (p. 148).

(237) Vigésima parte de um florim.

(238) *"Sublicia validè confibulata & festuci altè depacta, è Bibaraba fuere, ligni genus est, in aetates durabile, putrescere nescium"*. Nenhum dos dois precedentes tradutores de Barléu procurou identificar o vocábulo, certamente adulterado, *"Bibaraba"*. Naber ainda se afastou mais da forma ocorrente no original: *"De vast verbonden en met heistellingen diep ingedreven palen kwamen van Biraba"*. (pág. 210). Não são conhecidos no Brasil, nem registradas nos léxicos especializados madeiras com tais nomes — *bibaraba* e *biraba*. Existe *ibabiraba* (*iba* = árvore + *pi-rab* = que fere a pele, cáustico, amargo, de que trata Marcgrav (L. IV, c. X). "In confragosis nemoribus Brasiliae reperitur vasta arbor, quae gentilitio vocabulo *Ibabiraba*, corruptè a Lusitanis & Nostri *Guabiraba* appellatur: ligno obliquo, multisque flexibus tortuoso, altissimo insuper atque durissimo; & contra putredimem optimo".

A *Flora Brasiliensis* de Martius (vol. XIV, I parte — *Myrtaceae*) ocupa-se, nas páginas 461, 462, 625 e 633, desta árvore, dando-lhe o nome científico de *Britoa triflora Berg*, gênero intermediário entre *Psidium* e *Campomanesia*.

(239) *Baias*, pôrto de mar da Campânia (Itália), no golfo de Pozzuoli, ao oeste de Nápoles e próximo do cabo Miseno. Era uma deleitosa estação de águas, de grande luxo e célebre pelas suas vilas, pertencentes a muitos romanos eminentes. Era famosa a vila de Luculo em *Tusculum*, cidade do Lácio, situada nos Montes Albanos a 13 milhas S. E. da moderna Frascati. Tinha aí também Cícero uma quinta, que deu nome a sua obra filosófica as *Tusculanas*.

(240) *"...& temperatae zonae, qua vixerat, intemperiem aversabatur"*. Parece haver aí jogo de vocábulo entre *temperatae* e *intemperiem*.

(241) Coridon, nome de pastor (Verg. Ecl. II e VII). Filis, nome de pastora (Verg. Ecl. III, v. 76, 78 e 107, V, v. 10 e VII, 59 e 63). Corridon é também um dos pastores de Teócrito (p. ex. nos Idilios. 4, 1).

(242) Forte de Santo Antônio do Norte na Paraíba. Veja-se a pág. 154 dêste livro.

(243) *"...in expugnandis Povaconac & Siarae Arcibus"* (p. 153). *Povacaona* é a latinização da palavra *Povoação*, que ocorre também nas páginas 37 e 41 do texto original: *"arcem Povacaonam, provinciae caput..."* À margem lê-se: *"Arcem Portus Calvi Povacaonam obsidet"*. O autor tomou um nome apelativo por próprio, fazendo-o sinônimo dêste, isto é, *Pôrto Calvo*.

(244) Ditador romano, cognominado o contemporizador (Cunctator), por evitar vir às mãos com Aníbal, depois da batalha de Trasimeno (217 A. C.), com o que afastou novos desbarates. Após a derrota de Canas, juntamente com Semprônio e Cláudio Marcelo, salvou Roma da extrema ruína, obrigando Aníbal à defensiva.

(245) Refere-se às leis *Semprônia* e *Clódia*, feitas votar respectivamente pelos tribunos da plebe Caio Graco (631 de Roma) e por Clódio, rival de Milão (696 de Roma). Pela primeira se faziam distribuições regulares de trigo, por preço baixo, ao povo, as quais se tornaram, pela segunda daquelas leis, gratuitas para a plebe romana. Para isso havia em Roma grandes celeiros (Horrea Semprônia, Horrea Galbae). Augusto chamou a si a intendência do abastecimento (cura annonae), mas depois confiou-a a um *praefectus annonae*, que, em algumas províncias, era representado pelos *adjutores* ou *curatores annonae*. De Aureliano em diante, em vez de trigo, repartia-se pão. No Baixo Império, o abastecimento de Roma foi assegurado pelo *canon frumentarius*, obrigando as províncias produtoras a determinado fornecimento de trigo.

(246) Povoação no extremo norte da ilha de Tinharé, ao sul da Baía de Todos os Santos.

(247) A "Invencible Armada", como orgulhosamente se chamava (1588), contava 129 ou mais vasos, 19.295 soldados e 8.460 marinheiros.

(248) *praeter eas, quae Regis rigidiore jussu militabant"* (p. 160). Na tradução de T. Silberling: *"...ohne die jenigen*

*welche der könig selbst hatte pressen lassen"* (p. 458).

(249) Segundo o testemunho de Fr. Rafael de Jesús, Nassau comprara espiões na Baía: "Tinha o Conde de Nassau comprado espias em aquella Praça (além dos Christãos novos, que nella habitavam, que o são em todas) por cuja negociação sabia o menor intento da nossa gente". Trata aí o cronista da detença da armada espanhola na Baía. CASTRIOTO LUSIT., L. III, pág. 156 da edição de 1679.

(250) Para a descrição das batalhas navais entre holandeses e luso-espanhóis serviu-se Barléu de uma peça oficial intitulada: *"Cort en waeraghtigh verhael van de comst en vertreck van de maghtighe Spaensche vloot in Brasil etc. door P. van der Maersche"*. Há cópia dêsse documento no Arquivo Real de Haia (*Algemeen, Rijkarchief*) Comp. das Índias Ocid., antiga Comp., maço 55. Naber, em vez de traduzir Barléu nessa parte, transcreve a narração de van der Maersche.

(251) *"Idem sunt, quorum classes, aspectantibus omnibus Sanctis, in ipso Sinu olim exussere gens vestra"* (p. 164). Parece havér neste rodeio um tom irônico, pois seria mais natural dizer o autor "na própria Baía de Todos os Santos". Na tradução alemã: *"vor den Augen allerheiligen in der Baya"* (p. 408).

(252) *"...qui simul ac in navem cui a Fama nomen erat & insigne, transiit, transiit quoque in Famae voces"* (p. 165). Note-se o tròcadilho muito no gôsto da época.

(253) *Geele Son* em holandês.

(254) O rio *Cunhaú*, que a princípio se chama Curimataú, nasce na Paraíba, num contraforte da Borborema, município de Campina Grande e penetra no Rio Grande do Norte, desaguando no Oceano, na *Barra do Cunhaú*, a 6.º-19'-36" de lat. meridional. As águas do mar, por influência das marés, penetram rio acima cêrca de 20 klms., permitindo que cheguem até Canguaretama as embarcações de pequeno calado.

(255) No texto, à pág. 170, *Baixos de Rochas*. São os *Baixios de São Roque*, fronteiros à costa do Rio Grande do Norte, que se estendem do Cabo de São Roque ao Cabo do Calcanhar e são constituídos por uma série de rochedos ao longo do litoral, chamados Maracajaú, Cacau e Sioba. Formam um canal com uma saída para o N. e outra para o S., denominado Canal de S. Roque nas cartas do Almirantado Inglês. (Nota de Naber à pág. 228 da tradução holandesa).

(256) Veja-se a nota 250.

(257) Ilha do Mar das Antilhas, pertencente às ilhas de Sotavento e ao norte da Venezuela.

(258) Nas Epanáforas de Vária História Portuguesa, de D. Francisco Manuel de Melo, dá êste insigne escritor minuciosa descrição da Batalha das Dunas, sob o título "Conflito do Canal". Também dela tratou Barléu num discurso em latim no *Athenaeum Illustre* de Amsterdam a 13 de Novembro de 1639.

(259) *"...cui licet in prima coitione dejecta essent mali summa, ut decussis thoraciis & dolonibus maris arbitrio jactaretur"* (p. 175). Achamos bastante dificuldade para verter com rigor o têrmo náutico *thoracium*, que não é abonado por nenhum autor clássico latino, sendo até omitido em alguns léxicos usuais. O *Lexicon totius latinitatis* (Facciolatti e Forcellini) ensina: "In re nautica esse id quod Itálice *cassa delle pulegge* dicitur, tradit cl. Guglielmotti, *Di due navè Romane*, etc., sed nullo classicae Latinitatis auctore laudato". *"Cassa delle pulegge"*, seria "caixa dos moitões", o que ao caso não convém. Sendo vocábulo de origem grega, encontramos no "Dictionnaire Grec-Français" de Bailly accepção mais adequada ao texto, a saber: θωράκιον: sorte de rempart ou de parapet sur la hune d'un navire, formant une cage où étaient postés des hommes armés de traits (Asclépiades, Athénée, 475 a). Esta significação do vocábulo justifica, pois, a versão dêle por "cêsto da gávea". Quanto a *dolon*, também derivado do grego, é, segundo o citado *Lexicon totius latinitatis*: *"In navi est minus velum, fortasse quod nunc Itali* Trinchetto *appellant, et fortasse quod* artemon *dicitur"*. Vê-se que é hesitante a definição, podendo trasladar-se a palavra por *traquete* e por *artimão*. O mesmo léxico, verb. *Artemo, onis*, ensina: "Est velum quoddam in navi, ab + ἀρτάνραι *appendor, suppendor*; sed quale illud sit, non satis inter eruditos constat. *Baysius, de re navali*, p. 121, putat esse velum majus, quod etiam Itali vocant *artimone*, ut est in Lexico Academicorum *della Crusca*. *At Scheffer, de milit.* nav. 5 1.2. secutus Isid. 19, Orig. 3, tradit esse velum parvum, quod in summitate mali suprá majus velum appenditur, et dirigendae potius navis causa, quam agendae adhibetur. Atque haec videtur esse vera significatio hujus vocis: cui argumento sunt etiam ea quae ibidem Labeo (Digesto, 50, 15, 242) addit." No já mencionado diccionário de Bailly, se lê: 'Aόλων, ωνος(ό)' petit hunier, la plus petite voile fixée à l'avant d'unt navire, Poll., 1,91. Ora "petit hunier" é velacho; portanto, trata-se do mastro de proa. Mas,

derribado o tôpo dêsse mastro (mali summa) e arrancado o cêsto da gávea, forçosamente haviam de ruir também os mastaréus do velacho e do joanete com as respectivas vergas e velas, e por isso vertemos *dolones* por velacho e joanete. Na traducção de T. Silberling vem: "Dem ob ihm wohl im ersten Angriff der Mastbaum sambt unferschiedenen andern Segelstangen (vêrga, antena, mastro em Michaëlis; *vergue, antenne* em Thibaut) abgeschossen war... (p. 499). De Silberling pouco difere S. L'Honoré Naber, que verteu: "...hem bij eersten aanval de STENGEN waren afgeschoten..." (p. 235).

(260) "Outros dois brulotes navegavão por sua esteira contra a *Tereza*, que com igual sorte da *Real*, se apartou delles; porém, como fizesse seu caminho sempre junto do Oquendo, succedeo que os mesmos tres brulotes que envestiram a Real cairam sôbre ella... Ardeu em fim a *Tereza*, sendo já morto seu General Dom Lopo de Ossis, e pereceram nella mais de seiscentos homens Portuguezes e Castelhanos" (D. Francisco Manuel de Melo, Epanaphora Bellica IV, Conflito do Canal).

(261) *"Vidalius... homo audax, callidus & prout animum intendisset, pravus aut industrius"* (p. 183). Esta frase é quasi cópia destoutra de Tácito (Histórias, I, 48): *"Mox Galbae amicitia in abruptum tractus (Vinius) audax, callidus, promptus, et, prout animum intendisset, pravus aut industrius"*.

262) Êste trecho de Barléu reproduz em parte a doutrina das Institutas de Justiniano (L. I, tit. III, *De jure personarum*) e a do Digesto (L. I. tit. V, *De statu hominum*, frags. IV e V). "Servitus autem est constitutio iuris gentium, qua quis dominio alieno contra naturam subiicitur. Servi autem ex eo appellati sunt, quod imperatores captivos vendere ac per hoc servare, nec occidere solent... Servi autem aut nascuntur, aut fiunt. Nascuntur ex ancillis nostris: fiunt, aut iure gentium, id est, ex captivitate, aut iure civili..." No mesmo sentido o citado trecho do Digesto. Cf. também Dig. I, I, 4: "...ut pote cum iure naturali omnes liberi nascerentur" (Ulpiano).

(263) "Segundo Gaio, o senhor tem direito de vida e de morte sôbre o escravo. Nas Inst. de Justiniano (I, VIII, de his qui sui vel alieni iuris sunt), reproduz-se o mesmo pensamento: "In potestate itaque dominorum sunt servi. ...apud omnes peraeque gentes animavertere possumus dominis in servos vitae necisque potestatem fuisse".

(264) A lei Petrônia (Dig. XLVIII, 8, 12 e 12), sob Augusto, proíbe ao senhor condenar por autiguidade própria o escravo às feras (*ad bestias depugnandas*). Adriano desterrou uma dama romana por maltratar cruelmente seus escravos por motivos fúteis (Dig. I, VI, 2 in fine). Antonino Pio sujeita a igual pena tanto o que mata sem motivo o próprio escravo como o que mata o de outrem (Dig. I, VI, 1: "...*ex constitutione divi Antonini, qui sine causa servum suum occiderit non minus puniri jubetur, quam qui alienum servum occiderit*). Uma segunda constituição do mesmo imperador reprime a *maior aspereza dos senhores* (*Sed et major asperitas dominorum eiusdem principis constitutione coercetur* — Dig. I, VI De his..., 1 in fine).

(265) Por exemplo, S. Paulo (Epístola aos Efésios, VI, 5-9; Epist. aos Colossenses, III, 22 e 23 e Epístola a Tito, II, 9-10). e S. Pedro (Epist. I, II, 18 e seguintes).

(266) Refere-se talvez Barléu aos servos da gleba que surgiram no regime feudal, conquanto a sua condição seja muito mais favorável que a dos escravos da antiguidade. Entretanto, ainda algum tempo, nos princípios da idade média, podiam escravizar-se os prisioneiros de guerra, o que caiu em desuso sob o influxo das idéias cristãs.

(267) "Os outros escravos não são, como entre nós, classificados e ligados aos diferentes serviços domésticos. Cada um tem a sua casa, os seus penates, que governa a seu alvedrio. Impõe-lhes o senhor certa contribuição de trigo, gado e roupa, como faz a seus colonos, e nisto só consiste a sua servidão. Os trabalhos caseiros são feitos pela mulher e os filhos. E' raro açoitarem um escravo, porem-no a ferros ou forçarem-no a um trabalho. Soem matá-los, não por espírito de disciplina ou de severidade, mas num impeto de ira, como se mata um inimigo, com a diferença de o fazerem impunemente. Os libertos não estão muito acima dos escravos. Raro gozam de influência na casa e nunca o logram no Estado" (Tácito, Germânia, c. XXV).

(268) Alude aos sequazes da Reforma.

(269) Diretores ou comissários das províncias e territórios.

(270) Sôbre a punição infligida por Nassau aos seus comandantes covardes, cf. Fr. Rafael de Jesús, Castr. Lusit. L. III, n.° 145. pág. 158 da edição de 1679.

(271) O texto em holandês era o seguinte: "God Sloeg's Viands hoogmoed den 12, 13, 14 e 17 Januarii 1640". No anverso via-se o busto de Nassau circundado por esta legenda: "Johan Maurits Graef van Nassau General van Brasil". No reverso representavam-se as duas armadas holandesa e espanhola com a inscrição supra citada. Veja-se Van Loon, Ned. historienpeningen.

(272) *"Acciti è navibus in terram milites & navalium sociorum ducenti quinquaginta, Duce Iacobo Alardo"* (p. 187). O tradutor alemão enganou-se, dizendo que se retiraram da frota 1.200 soldados e marinheiros: *"Aus der Flotte wurden 1.200 Soldaten und Matrosen, unter dem Capitain Jacob Alard, ans Land gebracht"*. (p. 528). L'Hon. Naber retificou o êrro de Silberling: "Uit de schepen zijn 250 man soldaten en matrosen gerequireerd". (p. 248).

(273) Nome vagamente aplicado à costa setentrional da América do Sul, da foz do Orenoco para oeste, abrangendo muitas vezes o Panamá, a América Central e as terras continentais ribeirinhas do Mar das Antilhas para distingui-las das ilhas.

(274) No hemisfério do norte.

(275) No texto "Insula Tapesiqua". (p. 190).

(276) *"Vim omnem ab aris et focis unanimes arcerent"* (p. 193). São frequentes nos autores as fórmulas *"arae et foci, arae atque foci, arae foci* e *arae focique*, significando o altar doméstico e a casa, os deuses penates, tutelares desta, e por extensão a religião e o lar doméstico, a religião e a pátria: *"Est mihi tecum* pro aris ac focis *certamen* et *pro deorum templis atque delubris"*. Cic. De Nat. Deor., III, 40.

(277) 1640.

(278) "...*apponam Eclipsis hujus faciem, pro temporum momentis aliam. Prout illam ad Astrologicam accurationem delineavit Matheseos peritissimus G. Marckgravius, Comiti in Barbaro Orbe ab his studiis"* (p. 198). Conquanto Marckgrav seja conhecido principalmente como naturalista, êste passo de Barléu aponta-o claramente como astrólogo.

(279) Há sôbre esta expedição um relatório de P. Mortamer, datado de 29 de junho de 1643 e existente no Arquivo Real de Haia (W. I. C., Oude Comp., maço n.° 46).

(280) *"cujus flumen Congo, olim Zaida, centum à Loanda leucis sive miliaribus Hispanicis abit"* (p. 206). Zaire e não *Zaida*, é um dos nomes do grande rio da África central. O nome indígena é Nzadi ou Nzari, que os portugueses transformaram em Zaire.

(281) E' engano dar a légua como equivalente da milha espanhola. Em geral, a légua espanhola e a portuguesa eram quasi o triplo da milha. Mas, no curso da sua obra, Barléu em geral emprega *miliare* como sinônimo de *leuca*, légua.

(282) No texto se diz *Pavaosa*: *"ad urbem cui Pavaosa nomen progressi"*. Nenhuma localidade existe na Ilha de S. Tomé com semelhante denominação. O autor alatinou mal o nome *"Povoação"*, que é o adotado pelo tradutor holandês S. P. L'Honoré Naber, a p. 272, onde se lê: "Voorgetrokken naar de stad Povoação..." A capital da Ilha de S. Tomé tem o mesmo nome e está situada em frente da Baía de Ana Chaves. Nas duas pontas que formam esta levanta-se, de um lado, a fortaleza de São Sebastião, e, do outro, o reduto de S. José.

(283) Antiga divindade itálica do prazer (cf. *libere* e *lubere*, prazer, agradar, *libentia, ae*, alegria, prazer). Era um dos epítetos de Venus — *Venus Libitina* ou *Lubentina* ou simplesmente *Libitina*, deusa do prazer e também dos jardins e vinhedos. Por uma aproximação de conceitos antitéticos, tão comuns nos cultos antigos, tornou-se a deusa dos mortos e dos funerais, confundindo-se com Prosérpina. No seu templo se guardavam todos os apréstos para os funerais. Libitina passou a significar a própria morte, como nos conhecidos versos de Horácio: *Non omnis moriar multaque pars mei/Vitabit Libitinam* (Odes, III, 23, 6-7). *Libitinarius* era o empresário fúnebre em Roma, e porta *libitinensis* nos anfiteatros era aquela por onde saíam os mortos. A raiz sânscrita *lubh* significa "ser dominado de paixão, desejo (cf. o latim *libido* e *libitum*) e se encontra no gótico *liubs*, caro, em alemão *lieben*, amar, e no inglês *love*, amar. (Veja-se Bréal-Bailly. Diction Etym. Latin, ps. 161-162).

(284) "...*uti in insolitis fieri assolet"* (p. 210). Emprêgo intencional de dois cognatos antônimos: *insolitis* e *assolet*.

(285) Borbônia, palavra formada de *morbus*. Usava-se na linguagem popular na frase *"abire morboniam jubere"*, corresponte a "mandar para os diabos", "mandar para as profundas dos infernos". Morbônia significa, pois, "Lugar cheio de doenças e de males". Na Vida de Vespasiano (c. XIV), conta Suetônio que, durante o reinado de Nero, quando era a côrte interdita ao futuro imperador, perguntando êle a certo oficial do serviço de recepção que devia fazer, mostrou-lhe êste a porta da rua e mandou-o passear: *"quaerentemque quidnam ageret aut quo abiret, quidam ex officio admissionis simul expellens* ABIRE MORBONIAM JUSSIT". Barléu toma a palavra como nome próprio, querendo dizer "reino da Doença": *"hinc ipsum Morboniae regnum amari"*.

(286) *"In Thomitanâ Urbs Pavaosa ad torrentem jacet..."* p. 212. *Pavaosa* é *Povoação*. Veja-se a nota 282.

(287) Sluis ou l'Écluse, cidade fortificada da província de Zelândia (Holanda), junto ao golfo de Zwyn e do canal que a liga a Bruges. Quando o mar chegava até ela, gozava de importância. Tem magníficos diques, hoje sem utilidade quasi. Céle-

bre pela batalha naval de 1340, na Guerra dos Cem Anos, entre a frota inglesa e a francesa, saindo vitorioso o almirante inglês Roberto Morley.

(288) Em Barléu: *Mongongaopa*.

(289) No texto: *"Hinc ad fluvium Tenhaham profecti"*, (p. 214). Será o mesmo que Sanhauá? O tradutor holandês, reportando-se à carta da Paraiba que figura nesta obra, verte-o por *Iuna*: *"...vandaar naar den Rio Juna"*. (p. 279).

(290) No texto: *inde in Pacatonuam venere"* (p. 214). A tradução holandesa identifica acertadamente êste nome com *Pacatiba* (Veja-se a carta).

(291) *"Hac manu ad fluvium Wartam medio die consedere"*. (p. 215). *Wartam* é o *Guaratai*. (Ver a carta).

(292) A tradução holandesa dá para correspondente dêste rio (*Poesapaiba*) Rio das Pedras: "Hier, aan de rivier Rio das Pedras, kommen boomen voor, groot en vuikig op de manner van een vat..." (página 280).

(293) Estas árvores, vulgarmente conhecidas por barrigudas do sertão e embira-tanhas, são características da caatinga. Delas trata Filipe von Luetzelburg (*Estudo botânico do Nordeste*, I, 48).: "A vegetação (em Pôrto Azul, às margens do Rio das Fêmeas) em geral tomava novamente o caráter típico dos agrestes e onde se mesclavam continuamente barrigudas, que, exatamente nestas paragens, formavam matas gigantescas, expandindo-se tanto nas baixadas como nas elevações. Encontramos entre elas exemplares enormes, superiores a 20 metros de altura, com um diâmetro de 4 metros, e isto de ambas as espécies: da *Chorisia* e da *Cavanillesia*, respectivamente a barriguda espinhenta e a barriguda lisa". Pertencem às Malváceas (Bombáceas) e até agora se conhecem três espécies: a *barriguda de espinho* (CHORISIA VENTRICOSA de Nees e Mart.: CHORISIA CRISPIFLORA H. B. K.); a *barriguda lisa* (CAVANILLESIA ARBOREA K. Schumann), e uma terceira espécie ainda mal determinada, que Zehntner encontrou no sul da Baia. A barriguda de espinho tem o tronco entumecido no meio, com uma circunferência que atinge o triplo da base, dando-lhe uma conformação tonelar. (Veja-se o autor supracitado (pág. 74) e também A. J. de Sampaio, Fitogeografia do Brasil, p. 106).

(294) No texto latino: *"superato flumine Karnuhu"* p. 215. E' o rio *Carambi*, o qual se vê na carta.

(295) Em Barléu: *fluvium Schivaubuch attigere"* (p. 216).

(296) *"...in planitiem Araruquajam"*. (p. 216).

(297) No texto latino Arassaohoh. (p. 216). Na carta Araçai.

(298) No texto: *"ad fluvium progressi Tambahujam* (p. 218). Na carta: Tambaariy.

(299) No texto: *"Capariguaba dicebatur"* (p. 218).

(300) *"...referebant barbari oppidum hic fuisse Arazembeam"*... (p. 218). Na carta Ararembé.

(301) *"Erant hac ipsa quam ductabat Herckmannus turba hujus principis filii duo, e primaribus Masiurebbae & Gargaovae"* (p. 218). Masurepe era um engenho em Pernambuco pertencente aos beneditinos. (Veja-se Castrioto Lusitano, P. I., L. III, 77, edição de 1679). Gargaú (no texto Gargaova, que L'Honoré Naber, tradutor holandês, conservou) era o nome de um rio, de uma terra e de um engenho, passando êste depois, a chamar-se La Rasière, por causa do seu comprador, Isaac La Rasière, mercador de Amsterdam "ao Norte da extremidade Ocidental dessa ilha de São Bento entra o rio Gargaú, e prolonga-se para o Noroeste e um pouco para o Ocidente, procurando a terra de Gargaú, onde fica um engenho de fazer açúcar que outrora se chamava Gargaú e que agora tem o nome de *La Rasière*, por se chamar assim o seu possuidor que o comprou. Para o Norte e sôbre os montes do mesmo engenho se acha a aldeia de índios também chamada Gargaú, da qual êsse distrito e o rio tomaram o nome. *Gargaú* é uma palavra brasílica, pela qual designam uma espécie de peixe que os portugueses chamam *peixe-boi* (apanham-se muitos nesse rio); pois *garga* é o nome do referido peixe e *ú* é água, que quer dizer: *água do peixe-boi*". Descrição da Paraíba por Elias Herckman, tradução do Dr. José Higino Pereira na Rev. do Inst. Arqueológico e Geogr. de Pernambuco, tomo V, n.° 32 (Outubro de 1886, p. 242).

(302) *"...non Tapujarum hunc pagum, sed Tapiviorum"* (p. 221). Em Cardim há referência aos *tapuuys*, vizinhos dos *Jacurujús* e falando a mesma língua. Ou serão os *Tupijós* de Cardim, que vivem em casas e teem roças? Barléu de ordinário altera de tal forma as palavras que é difícil às vezes a identificação. Na carta — TAPüY. Em Purchas TAPECUIN.

(303) Na carta STEENEM-KEERBERG.

(304) *"...donec ad Confluentes fluvios Arassoam & Marigniam perventum"* (página 222). O tradutor holandês (p. 288) identifica *Arassoam* com *Maracujai* e *Marigniam* com *Rio Canafistula*, reportando-se ao mapa.

(305) E' sem dúvida o rio que denominaram Canafístula e que figura na carta da Paraíba.

(306) Antigo nome da atual cidade de Alcântara.

(307) No texto figuram com os nomes de *Mounim, Taboucaerou* e *Miarii*.

(308) *"Ex radicibus* MANIOT *farra conficiunt, quibus victitant"* (p. 225).

(309) Barléu chama a essa águia OVY-ZA-OVASSOU. Trata-se por certo do UIRAÇÚ (*Thrasyaetus harpya Lin.*), a maior águia da América segundo Rodolfo von Ihering, que assim a descreve: "Evidentemente a majestosa *Harpia* (*Thrasyaetus harpya*) não se pode contentar com pouca cousa, e assim a sua caça consiste em vários mamíferos de certo porte. Com as asas estendidas mede 2 metros; as garras, aduncas, são formidáveis, e sua fôrça, bem se pode imaginar, é extraordinária". (Da vida dos nossos animais, p. 81, edição de Rotermund & Cia., S. Leopoldo, 1934). Conforme o testemunho dos drs. Artur Neiva e Belisário Pena (*Viagem Científica pelo norte da Baía, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiáz, Rio, Manguinhos* — 1918), êsse belo falconídeo, chamado vulgarmente *gavião de penacho* e *gavião real*, chega a atacar bezerros "minjolos", que às vezes veem a morrer dos ferimentos recebidos. Sua presa ordinária são veadinhos novos, mutuns, seriemas e tatús, e costuma acometer até crianças, como relataram àqueles cientistas. Para o citado Dr. Rodolfo von Ihering é a maior águia da América, e o Dr. Artur Neiva (*Esbôço histórico sôbre a Botânica e a Zoologia no Brasil, S. Paulo*, 1929, p. 129), informa que no Jardim Zoológico de Nova York há uma secção especial destinada exclusivamente aos rapineiros do mundo inteiro, grupados sob a denominação geral de águias. Entre êles figura, em gaiola distinta, o nosso *gavião real* ou *uirá-açú* dos indígenas, com um cartaz chamando atenção do público para *"uma das mais belas águias conhecidas pelo tamanho, fôrça e beleza"*. Há também um trabalho do Conselheiro Burlamaqui sôbre ornitologia brasileira, publicado em 1858, no qual trata êle dêste rapáceo sob o nome de *Falco destructor*. A êle também se refere Gabriel Soares (cap. LXXVIII, p. 206), dando-lhe a designação de *caburé-açú*: "A águia a que o gentio chama caburé-açú é tamanho como as águias de Espanha, tem o corpo pardaço e as asas pretas, tem o bico revolto, as pernas compridas, as unhas grandes e muito voltadas, de que fazem apitos; criam em montes altos, onde fazem seus ninhos e põem dois ovos sòmente, e sustentam os filhos de caça que tomam, de que se manteem". O que êste autor chama de *Uraoaçú* é uma espécie de milhafre, talvez o urubú comum (Capítulo LXXXV, p. 213, edição de 1879). A formação da palavra, segundo Rodolfo Garcia, é *uirá*, alt. *guirá* = *pássaro*, + *açú* = = *grande*. (*Nomes de Aves em lingua tupi*, pág. 51). Aplica-se também êste nome ao *urubú-rei* (*Gypagus papa*) e ao *Morphus Guainensis*. O *habitat* do gavião-real estende-se, segundo Dabbene, desde Salta e Missões até o México.

(310) *Boietê* (no texto *Boyetem*) significa em tupí *"a cobra verdadeira"* (*mboy*, cobra + *etê*, verdadeira, legítima). O outro nome indígena é *boicininga*, a cobra ressoante (*Crotalus terrificus*).

(311) O estreito de Lemaire, que comunica o Atlântico com o Pacífico, está entre a terra do Fogo e a Ilha dos Estados e tem 20 klms. de extensão. Foi descoberto em 1615 pelo navegador holandês Lemaire.

(312) 1641.

(313) Miguel de Vasconcelos, que a 1.° de Dezembro de 1640, foi lançado de uma das sacadas do Paço à rua.

(314) *"& documento Principibus fuit, pessimum diuturnitatis magistrum esse metum"* (p. 229), adaptação da conhecida frase de Cícero: *"Timor non diuturnus magister officii"* (Cic. 2, Phil., 36, 90).

(315) D. Matilde de Bolonha, primeira mulher de Afonso III de Portugal, que êle repudiou para casar-se com Beatriz de Gusmão, filha bastarda do Rei de Castela, Afonso X. (Veja-se Crônica de Afonso III, de Rui de Pina, cap. II).

(316) Eram ambos seus sobrinhos.

(317) Êste D. João de Bragança, avô de D. João IV, era casado com D. Catarina, filha de D. Duarte, que era irmão do cardial D. Henrique. O filho dêste casal era D. Teodósio, duque de Bragança, de quem nasceu o rei da Restauração de 1640. Êste desposou D. Luiza de Gusmão, da qual nasceu o príncipe D. Teodósio.

(318) De posse ou domínio.

(319) D. Jorge de Mascarenhas, voltando para Portugal, foi nomeado vedor da fazenda real e membro do Conselho Ultramarino.

(320) Filho de Hélios (o Sol) e Climene, obteve permissão do pai para guiar-lhe o carro, mas os cavalos divinos dispararam, e o carro incendiou o céu e a terra. (Veja-se Ovídio, Metam., II, 1-530).

(321) Marcgrav (De regionibus & Indigenis Brasiliae, & Chili ejusdem Continentis, L. I, c. I, p. 5, Elzevir, 1648) dá uma descrição dos Palmares, que parece ter sido a fonte de Barléu. Nela há referência ao rio *Gungohuhi, Mondaí*, e à serra Behé.

(322) Os títulos de conde e de duque foram outorgados aos principais da terra

pelos portugueses. O primeiro assim favorecido foi o soba do Sonho em 1490.

(323) "As hordas tapuias que obedeciam a Jandovi eram chamadas Tarariprek pelos vizinhos, e olhavam como sua uma extensão de terras banhada por cinco rios. O primeiro dêstes, conhecido por dois nomes, Warangi e Ociunou, diziam alguns que ficava a cinco dias de jornada do Potengi, indo mulheres e crianças no farrancho, outros que a dez. O Quoaouguh corria a um dia de jornada mais para lá, e o Ocioro. Nenhum dêstes nomes se pode já reconhecer. A pouco menos de dois dias mais adiante ficava o Upanema, ainda assim chamado, e meio dia além o Woroiguh. Todos êsses rios se inculcavam consideráveis". História do Brasil, de Roberto Southey, vol. II., ps. 257-258, Rio, .1862.

Em nota ao pé da página, diz Fernandes Pinheiro : "De tal modo se acham desfigurados êstes nomes que difícil é achar os seus correspondentes nas nossas crônicas".

O Quoauguho talvez seja o Guajú, que figura na carta da Paraíba e do Rio Grande com o nome de Guajeí.

"Salvo supondo que o Ociunou e o Ocioro, por um engano possível, trocassem na lista a sua ordem natural, caso em que o segundo bem poderia ser o mesmo que o Ceará-Mirim (Nota embaixo da página 257, vol. II da História do Brasil de Southey, tradução citada, Rio, 1862).

(324) Denomina-se hoje Apodi (Nota de Fernandes Pinheiro, na mesma obra).

(325) "...*nuces terrestres in commune conferunt*" (p. 251). Em Silberling : "Die junger Weiber... bringen Erdnüsse..." (p. 697).

(326) Eram consagrados ao culto de Marte em Roma, ao menos os *Salii Palatini*, cujo colégio, segundo a tradição, foi estabelecido por Numa. Não era um sacerdócio exclusivamente romano, pois se encontra em outras cidades itálicas. Em Roma perduraram até o 4.° século depois de Cristo. Seu nome deriva do verbo *salire*, porque executavam em armas uma dança em honra do deus, de que era parte importante o baterem as lanças nos escudos sagrados (*ancilia*).

(327) "Ergo septae pudicitia agunt, nullis conviviorum irritabionibus corrupte" (Tácito, Germânico, XIX).

(328) "...dein & se, & juvenculam Tabaci fumo afflat; denique pene juvenculae pudenda ferit, si autem sanguinem eliciat, hunc delingit, atque hoc imprimis honorificum putant" (De Tapuiarum moribus & consuetudinibus, e relatione Jacobi Rabbi... etc., apud Marcgrav, Tractatus Topographicus... Brasiliae, c. XII, p. 25). Barléu procurou velar o realismo do cronista em que se informou, como se vê do trecho aqui transcrito.

(329) A êsses objetos sagrados se refere também Marcgrav no citado Tractatus Topographicus (c. XII, p. 25, edição de 1648): "Regulus Janduy habet in medio tabernaculi sui ingentem cucurbitam, super stoream ita depositam... in illa sunt lapides quidam, quos illi appellant *Kehuterah*, & fructus quidam, ipsis *Titzsheinos*, quos majoris faciant quam aurum". Isto é afirmado por Jacó Rabi na sua relação, que foi sem dúvida a fonte onde se abeberou Barléu. "Dans cette courge il n'y a autre chose que des pierres dites *Keuturah*, des fruicts *Titzsheinos*, des quels ils font plus d'estat que de l'or. C'est dans ces calebasses qu'ils portent, ou croient porter le diable..." Roolox Baro, Relation veritable e curieuse etc., traduict de L'Hollandois par Pierre Moreau — 1647.

(330) O célebre Jacó Rabi.

(331) Veja-se Ilíada, canto IV: "...e o coração de Macaão comoveu-se-lhe dentro do peito. E êles caminharam através do exército imenso dos Acaios, e quando chegaram ao lugar onde havia sido ferido e onde estava sentado o louro Menelau, igual aos deuses, no meio de um círculo formado pelos príncipes, Macaão arrancou o dardo do sólido talabarte, curvando as pontas agudas, e retirou o rico talabarte... E depois de haver examinado a ferida feita pela flecha amarga e chupado o sangue, nela deitou jeitosamente um suave bálsamo que Quirão outrora dera a seu pai, que êle amava".

(332) Marcgrav no Tractatus já citado (c. III, p. 13) fala nesta lagoa : "*Quinque autem et viginti mill. à littore maris, jacet grandis lacus* BAIATAGH, *piscium faecundus*". Será a lagoa Piabí, que figura na descrição da Paraíba de Herckman ? (Veja-se Rev. do Inst. Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, t. V, n.° 32, p. 262).

(333) "dorso autem alligant fasciam è frondibus confectam instar caudae, brachioque alas volucris, quam vocant *kosetug*, & cervici itidem circumstant pennas rubras" (De Tapuyarum moribus, & consuetudinibus, e Relatione Iacob Rabbi... apud Marcgrav — Tractatus Topographicus Brasiliæ etc., c. XII, p. 26, edição de 1648).

(334) "Præterea sunt radices e quibus Indigenæ panem faciunt, ipsis *Atug, Harag, Hobig*, Engepug, quæ crudæ comedi possunt" (Marcgrav, Tractatus Topographicus Brasiliæ (1648), c. III, p. 13).

(335) Na tradução holandesa um dos capítulos intitula-se : "De Tapoeiers, beschreven door Joham Rab van Waldeck", conquanto Marcgrav, no *Tractatus Topographicus*, diga : "De Tapuyarum moribus.

& consuetudinibus, è Ralatione *Iacobi Rabbi*, qui aliquot annis inter illos vixit".

Aliás é bem conhecido o célebre Jacó Rabi, o aleivoso e celerado autor da matança do Cunhaú.

(336) Na tradução francesa da obra de João de Laet (Description des Indes Occidentales, L. XII, c. I, p. 410, edição de Leide (elzeviriana de 1640) confirma-se esta etimologia : "*Augustin de Zurate* dans son histoire du *Peru* explique la raison de ce nom : sçavoir que *Chile* se dit froid, pource qu'on n'y peut aller du *Peru* que par des montagnes froides & couvertes de neiges, car Chili signifie en Peruvian froid".

(337) "*Vallibus distinguuntur, ubi ros decidit nostro spissior, dulcior & pinguior, ejusdem quo manna usus*" (p. 262). "Sie wohnen meistentheils in unterschiedenen Thalen, in welchen ein Daw pflegt zu fallen, etwas dichter und süsser auch fetter denn der unserige, dahero sie auch dessen gleichsamb als eines Manna gebrauchen und geniessen" (Silberling, p. 727).

(338) Sob a denominação geral de *moluches* designam-se as tribus que se opuseram à invasão dos espanhóis. Os povos que habitavam o território compreendido entre o Copiapó e o Biobbio eram os *picunches* ou "homens do norte" ; os que estanciavam entre o Biobbio e Valdívia chamavam-se *pehuenches*, isto é, "homens dos pinheiros" e os que viviam nas terras desde Valdívia até Chiloé eram conhecidos por *huiliches* ou "homens do sul".

(339) Êste rio tira o seu nome do fundador de Castro, D. Martim Ruiz de Gamboa.

(340) *Puelches* (de *puel*-o oriente — e *che*-gente) opunham-se geogràficamente aos *penhuenches* das vertentes orientais e centrais dos Andes. *Pehuenches* é composto de *pehuen* — pinheiro — e *che* — gente —, isto é "os homens dos pinheiros".

(341) A palavra *cacique* é de origem haitiana. Quanto aos vocábulos *ulmén* e *pulmén*, merece transcrita a explicação de Marcgrav (DE CHILI REGIONE & INDIGENIS, cap. IV : "De Chilensium regimine politico, & armis". p. 30) : "Regimen illorum est penes optimates, quos vocant *Vlmen*, aut, quando tantum unus est, *Pulmen*. Est qui alibi vulgo *Casiqui* audiunt, ab ipsis indigitantur *Curacæ*; nam *Casique* nomen ab Hispanis ex Insulis Americæ translatum".

(342) Segundo o historiador chileno João Inácio Molina (1737-1829) *pillán* vem de *pylli* = o espírito.

(343) Marcgrav (De Chili Regione & Indigenis, c. III : *De Chilensium sensu de Religione, & Cultu numinis*, p. 30) diz : "...*& cantillant epinicia, quae nominant* PAWARY, *inhonorem Pillan*".

(344) Marcgrav, obra cit., p. 30, refere-se também a essa divindade : "*Colunt praeterea alium spiritum seu falsum numen, quod appellant* MARUAPOANTE".

(345) Lucina era o nome de Juno como protetora dos partos.

(346) Chamavam-se antigamente *cuncos* as parcialidades de índios que habitavam os vales costeiros do Chile, entre o rio de Valdívia e o estreito de Chacao. Denominam-se também *chonos*.

(346-A) Rosales, entretanto, dá outra versão, dizendo que, pouco depois, o capitão D. Alonso Mojica Bruiton exumou o corpo de Brauer e o queimou. Hist. Gen. de el reyno de Chile, c. XV, edição de Santiago, 1877.

(347) "*lasciviebant temulenti, indispositi, pervigiliis, commessationibusque dediti*" (p. 280). Esta frase lembra estoutra de Tácito, na qual se refere aos soldados de Vitélio : "*Apud Vitellium omnia indisposita, temulenta, pervigiliis ac Bachanalibus, quam disciplinae et castris, propriora*" (Hist. II, 68).

(348) D. Juan de Manqueante, cacique de Mariquina, festejou os holandeses, mas com falsas mostras de amizade, pois queria degolá-los, tendo para isso ajuntado 5.000 índios (Veja-se Rosales, Hist. General de el reyno de Chile, c. XV, edição de Santiago.

(349) No Arquivo Público Real de Haia (Algemeen Rijks-Archiev) encontra-se importante documento sôbre esta expedição comandada por Brauer, com o título : "*Journael ende rapporten mitsgaders meer andere documenten ende interrogatorien nopende ap de reyse en in Chili is gepasseert onder het beleydt van den General d'Heer Henrique Brouwer*. 1642-43. Existe na Biblioteca de Santiago do Chile um exemplar do "*Diário e relação histórica da viagem realizada pelo Estreito de Magalhães até as costas do Chile, sob o comando do general Henrique Brouwer no ano de 1643*". Essa relação é escrita em holandês e foi publicada em Amsterdam em 1646, três anos após a expedição. Rosales na sua "Historia General de el reyno de Chile", cap. XV, trata minuciosamente da mesma expedição.

(350) Cf. Aeneis, II, 503 : "*Barbarico postes auro spoliisque superbi*".

(351) "*Haec Pernambucensium Senatus, haec Serinhainensium, Portus Calvi, Iguarazunnorum, Itamaricensium, Paraybensium & Fluvii grandis rectores ad Comitem scripsere, quae additis testimoniorum tabulis publica authoritate ratis roboravere*" (p. 292). Na tradução alemã : "Dieses ha-

ben die Landpflegen und Land-Regierung in Pernambuco, in Serinhayn... an den Fürsten geschrieben, auch ferner under jederer Provinz vorgedruchtem Siegel absorderliche Briefliche offent Uhrkunden darüber aussfertigen unnd Fürsten zukommen lassen" (ps. 794-795).

(352) Gigante monstruoso de três cabeças e três corpos.

(353) Barléu se refere à legítima defesa, empregando frase semelhante à de Cícero no discurso a favor de Milão (IV): *"Est igitur haec, non scripta, sed nata lex, quam non didicimus, accepimus, legimus, verum ex natura ipsa arripuimus, expressimus..."* No texto de Barléu: *"...in vindicias istius legis, quam natura hausimus, non didicimus"* (p. 302).

(354) *"Est praeterea Collegium Rationalium...* (p. 308).

(355) *"& in pios usus Scholarum, templorum, Nosodochiorum convertuntur"*. *Nosodochium*, composto de *νόσος* *doença*, e *δοχεῖον* *vaso, recipiente, receptáculo* derivado do verbo *δέχομαι*, *receber*, é palavra usada por Barléu para traduzir *hospital*, a que corresponde no latim da decadência *nosocomium* de *νοσοχομεῖον*, que aparece no Código de Justiniano 1, 2, 19 e 22 e em São Jerônimo, Epist. 77, 6.

(356) *"...in quo velut in Favissis Capitolinis..."* (p. 314). *Favissae Capitolinae* eram umas como celas ou cisternas no Capitólio, onde se punham os objetos que de velhos se tornavam imprestáveis no templo. Paulo Diácono (edic. de C. Müller, Leipzig, p. 88, diz: *"Sunt autem qui putant favissas esse in Capitolio cellis cisternisque similes, ubi reponierant solita ea quae in templo vetustate erunt facta inutilia"*. Cf. Glossarium Placidi, Ovídio, Met. X, 691; Aullo Gellio, II, 10 e veja-se *verbum* FAVISSA no *Lexicon totius Latinitatis*.

(357) À margem lê-se *pistolletos*. *Pistola* era moeda antiga estrangeira de diversos valores.

(358) *Brasiliani* em Barléu significa em geral os *indígenas*, os *índios*.

(359) Reinou de 1291 a 1298.

(360) Dion Cassius Cocceianus nasceu em Nicéia, na Bitínia, cêrca de 155 D. C., e morreu na mesma cidade, depois de 230. Foi cônsul e escreveu em grego uma história de Roma em 80 livros.

(361) *Hic gloriae suae pomaeria amplificat Belga, & veteris incola, novo orbi novus hospes & hostis incubat"* (p. 332).

(362) Na tradução alemã diz-se de Wesel e Buderich.

(363) Guilherme II, conde de Nassau e príncipe de Orange (1626-1650).

# ÍNDICE

## NOTAS PREPARADAS ESPECIALMENTE PARA A PRESENTE EDIÇÃO

A — Referentes ao texto de Barléu

1 — pág. 8 — Onde se lê noz moscada, leia-se noz-moscada; sangue de drago, leia-se sangue-de-drago; trata-se de uma Euforbiácea muito comum no Brasil *(Croton urucurana)*; estoraque é o nome vulgar de uma planta da família das Estiracáceas *(Pamphilia aurea)*, também conhecida como benjoeiro.

2 — pág. 23 — Falando da alimentação dos indígenas diz o texto: Alimentam-se com uma raiz sativa à qual, reduzida a farinha, chamam MANDIOCA. Ora, mandioca usamos para designar a propria raiz que pode ser reduzida a farinha, denominada farinha de mandioca. De outro lado, a palavra sativa é pouco usada; significa aquilo que se semeia ou cultiva.

3 — pág. 41 — Iguaraçú, uma cidade de Pernambuco, escreve-se Igarassu. Iguarassu é uma cidade do Paraná. A primeira é um dos mais antigos povoados portugueses (séc. XVI), e ostenta a igreja mais antiga do Brasil.

4 — pág. 72 — Cana de açúcar, escreve-se hoje cana-de-açúcar. Aqui o autor usa mandioca para designar a planta em divergência do sentido dado a essa palavra à pág. 23. Ainda nesta página encontra-se batata doce que hoje se escreve batata-doce, cajú que não leva acento atualmente; com relação a esta fruta, diz tratar-se de uma pera silvestre em cujo interior cresce uma castanha que pode ser comida assada; ora, a fruta suculenta caju é, em verdade, o pedúnculo floral intumescido e a castanha é o verdadeiro fruto; não está no interior mas preso à parte apical do pedúnculo; não há nenhum parentesco entre caju e pera; esta é uma Rosácea, aquele uma Anacardiácea. Com referência aos ananases o autor afirma que a "planta é de pouco talhe e em seus ramos ficam suspensas pinhas muito tenras". Ora, na verdade os ananases *(Ananas sativus)*, dos quais os abacaxis são variedades, formam folhas pontiagudas, em roseta, e não produzem ramos; no centro da roseta de folhas é que surge um eixo caulinar que produz em cima, oportunamente, uma inflorescência, da qual resultará um pseudofruto originado de muitas flores e do eixo da inflorescência.

5 — pág. 73 — A palavra pau-brasil encontra-se escrita na forma correta. A planta é uma Leguminosa, Cesalpiniácea *(Caesalpinia echinata)*.

6 — pág. 134 — O autor escreve: "O sertão do Brasil, a dez ou doze léguas da costa, produz pau-brasil, não em matas inteiras e cerradas, mas esparsamente, de mistura com outras árvores". Deve-se entender, neste período, que o pau-brasil ocorre, não em matas homogêneas e densas, mas entremeado com árvores de outras espécies, em matas heterogêneas. A seguir diz: "Ocupam-se os negros em cortá-lo nas suas folgas e nas horas vagas. Tiram-lhe a casca mais grossa, que não é propriamente vermelha, mas branca, com três dedos de espessura, nodosa, áspera, nem leve, nem glabra." Na verdade, a delgada casca do pau-brasil é cinzenta e áspera. Até uma certa altura o tronco exibe formações espinhosas, donde deriva o nome científico da espécie *(C. echinata)*: a palavra latina *echinata* significa espinhosa. O pau-brasil era chamado pelos indígenas Ybi-

rá-pitã, que significa pau vermelho. Vermelho, na verdade é o seu cerne; por fora encontra-se o alburno, cor de palha; é a este que o autor chama incorretamente "casca mais grossa".

A informação de que o pau-brasil não produz nem flores, nem frutos, também é incorreta.

7 — pág. 137 — Tratando, mais uma vez, da mandioca, diz o autor que esta produz ramos de nove folhas, "semelhantes ao cinco-em-rama ou pentafilão, à maneira de dedos. Não dá flores nem sementes. O caule lenhoso deita varas lenhosas". Parece que o autor quis referir-se às folhas digitadas. "Cinco-em-rama ou pentafilão" é uma Rosácea *(Potentilla reptans)*. A informação de que a mandioca não produz flores nem sementes é incorreta. Também não se pode salientar caráter lenhoso nos ramos (caules) dessa planta. "A mandioca difere das nossas plantas só nisto: nada sai do fruto da mandioca para a sua propagação, e nas nossas o fruto é que gera as sementes pelas quais se reproduzem", diz o autor. Pois bem, se realmente costumamos cultivar a mandioca partindo de segmentos dos ramos caulinares, também na Europa muitas são as plantas que não se cultivam, habitualmente, de sementes, bastando lembrar como exemplos alhos, lírios, cebolas e tulipas.

8 — pág. 141 — Tratando de árvores e outras plantas o autor menciona diversas entre as quais as sapucaias, "em extremo altas. Produzem uns cálices duríssimos semelhantes a uma caixa, com a boca voltada para a terra e cobertos com um tampa por maravilhoso artifício da natureza". Os "cálices duríssimos" são frutos chamados pixídios, que possuem uma deiscência (abertura para eliminação das sementes) pixidiária, isto é, com a separação de um opérculo em sentido transversal. Esse opérculo é a "tampa" originada "por maravilhoso recurso da natureza". É de notar-se que hoje escreve-se corretamente Natureza, isto é, com inicial maiúscula. Mas dizer que tais frutos são "semelhantes a uma caixa" é dizer muito pouco, pois caixas há de todos os formatos e tamanhos. Os frutos da sapucaia, em verdade, retirado o opérculo, são campanulados, isto é, com formato de sino; são lenhosos; o opérculo apresenta-se com uma parte longa que penetra no interior do fruto, e outra, superior, expandida que se apõe às paredes do fruto; no interior encontram-se várias sementes grandes; a planta é uma Lecitidácea, família à qual pertence, também, a castanha-do-pará. Há várias espécies de sapucaias: *Lecythis pisonis*, *Lecythis lanceolata*, etc.

9 — pág. 151 — Diversas plantas cultivadas são mencionadas pelo autor. Ele então diz "pacobeiras ou bananeiras", o que está certo, pois pacobeira é o nome indígena da bananeira; significa "tudo folha" e o índio, ao escolher esta designação "acertou na mosca", pois que toda a parte visível da bananeira é constituída só por folhas cujas amplas bainhas se apõem umas às outras formando um pseudotronco; não há aqui um tronco verdadeiro, oriundo de um caule; este, na bananeira, é um rizoma que fica próximo à superfície do solo; dele surgem as folhas, crescendo as mais novas por dentro das bainhas das mais velhas; o único eixo caulinar que cresce para fora da terra é o que fornecerá o cacho de flores que se transformará no cacho de frutos.

Outro equívoco comete o autor quando fala em tamareiros ou cariotas. Primeiro: digamos tamareiras. Segundo: estas são palmeiras do gênero *Phoenix*, enquanto que cariota é um aportuguesamento da denominação latina *Caryota*, gênero muito diverso de *Phoenix*.

10 — pág. 228 — Aqui o autor descreve a caça ao tatú (escreva-se, hoje, tatu) ou armadilho. Este nome é usado pelos europeus enquanto o primeiro é utilizado pelos indígenas e por nós.

11 — pág. 262 — Aqui começa o autor a escrever sobre feiticeiros e adivinhos.

12 — pág. 267 — Barléu descreve como os cadáveres de amigos são devorados em sinal de afeto e fidelidade.

B — Referentes às Notas do Tradutor

1 — pág. 379 — nota 128 — Cabaça é o fruto do cabaceiro: este, tanto pode ser uma árvore da família das Bignoniáceas *(Crescentia cujete)* como plantas reptantes da família das Cucurbitáceas *(Lagenaria vulgaris)*. Tais frutos, de forma e tamanho variáveis, eram e ainda são utilizados na confecção de recipientes para diversos fins. Chamam-se, também, cuias, cuietés e porongos ou purungas.

2 — pág. 379 — nota 130 — Taioba: planta herbácea da família das Aráceas. Sob o mesmo nome se enquadram algumas espécies dos gêneros *Alocasia, Colocasia, Xanthosoma.*

3 — pág. 380 — notas 143 e 144 — Planta-se mandioca utilizando-se fragmentos de sua rama. Esta é o conjunto de ramos caulinares. Quando a mandioca está "de vez", isto é, no ponto para ser colhida, arranca-se toda a planta e separam-se as raízes para uso como alimento preparado de várias maneiras. Dos diversos caules separam-se as folhas; em seguida, desprezando-se a parte superior, tenra, divide-se o restante em segmentos de cerca de 20 cm; deixa-se secar um pouco estes segmentos que a seguir são armazenados para plantio de um novo mandiocal, oportunamente, colocando-se, em pequenas covas de terra antes preparadas, 3-4 desses fragmentos.

4 — pág. 380 — nota 145 — A batata-doce é uma Convolvulácea *(Ipomoea batatas)*.

5 — págs. 380 381 — notas 146 e 147 — Nestas notas o tradutor repete a expressão de Barléu, no texto: porcos anfíbios (capivaras). É claro que este termo anfíbio está usado em sua conotação vulgar: ser que vive em terra e em água; avião que pousa em terra e em água, etc. Cientificamente falando, porém, anfíbio é uma Classe de animais que vivem em água em seus primeiros estágios, e em terra depois. Na primeira fase respiram por brânquias, na segunda sua respiração é pulmonar. Naturalmente, falar-se em porcos anfíbios é incorreto. Também chamá-los de Roedores não é certo. Porcos, capivaras, etc. pertencem à classe dos Mamíferos; Anfíbios são outra classe; os porcos pertencem à ordem dos Artiodáctilos. As capivaras não são porcos. Pertencem à ordem dos Roedores, dos Mamíferos. Os porcos não são Roedores.

6 — pág. 385 — nota 193 — Copaíba é nome vulgar de diversas espécies do gênero *Copaifera*. Uma das mais freqüentes é a *Copaifera Langsdorffii*, comum, sem ser exclusiva, nos cerrados brasileiros. É Leguminosa, da subfamília das Cesalpiniáceas.

7 — pág. 385 — nota 197 — Andá ou andá-açu é uma Euforbiácea, *Johanesia princeps*, nome criado por Frei José Mariano da Conceição Veloso, botânico mineiro (1742-1811), em homenagem a D. João VI.

8 — pág. 385 — nota 199 — Sassafrás é uma canela, planta da família das Lauráceas, gêneros *Ocotea* e *Nectandra*.

9 — pág. 385 — nota 200 — Acaiacatinga ou caiatinga é uma árvore *(Cedrela fissilis)* da família das Meliáceas. Trata-se do cedro brasileiro.

10 — pág. 385 — nota 201 — Acaju é nome usado para designar o caju. Trata-se de *Anacardium occidentale* (família das Anacardiáceas). Hoje o nome acaju só é utilizado para designar outra planta *(Guarea trichilioides)*, da família das Meliáceas.

11 — pág. 392 — nota 293 — Refere-se Barléu a árvores de tronco delgado em cima, onde se encontram ramos com folhas, e embaixo, próximo da superfície do solo. A partir de certa altura o tronco se avoluma muito. Trata-se das barrigudas do nordeste. Informa o tradutor que há duas espécies, uma espinhenta (gênero *Chorisia*) e outra lisa (gênero *Cavanillesia*), ambas pertencentes à família das Bombacáceas. Quanto à primeira, pode tratar-se de uma *Ceiba;* quanto à segunda, deve tratar-se de *Cavanillesia arborea.* O autor está descrevendo região banhada pelo Rio Mamanguape (Estado da Paraíba), recoberta por "arvoredos e arbustos muito densos". Ora, como tais plantas são específicas das caatingas, devia tratar-se de caatingas arbóreas, as verdadeiras caatingas dos tupis, hoje muito menos densas, em virtude da devastação praticada pelo homem continuamente.

12 — pág. 394 — nota 325 — Refere-se Barléu, no texto, ao amendoim e o tradutor reporta-se a Silberling, que a ele se refere indicando produzir "nozes terrestres". Com efeito o amendoim, uma Leguminosa da subfamília das Papilionáceas *(Arachis hipogaea)*, é uma espécie herbácea que produz flores cujos ovários, fecundados, são enterrados no solo por um desenvolvimento do pedúnculo floral, com geotropismo positivo. Sob o solo os ovários amadurecem transformando-se em frutos secos, lenhosos, em cujo interior encontram-se algumas sementes comestíveis, ricas em óleo.

Não houve, de nossa parte, intenção de apontar todos os equívocos, quer no texto, quer nas Notas do Tradutor. Foi nosso desejo apenas assinalar algumas falhas, e, devido à nossa formação, a maioria das Notas que preparamos referem-se a informações botânicas. Uma ou outra vez, apenas, nos aventuramos em outros domínios.

Ao término deste trabalho desejamos, ainda uma vez, assinalar nossa admiração pela obra de Barléu, bem como pela excelência da tradução feita por Cláudio Brandão. Suas Notas revelam invulgar erudição, incluisve perfeito conhecimento de diversas línguas.

Se ousamos introduzir algumas modificações em seu trabalho, isso não tem qualquer significado senão constituir-se em mais uma demonstração da mutabilidade do conhecimento humano, em especial em certas áreas científicas, de evolução mais rápida.

São Paulo, 14 de julho de 1974

MÁRIO GUIMARÃES FERRI

Este livro foi confeccionado na Gráfica Editora Bisordi Ltda., Rua Santa Clara, 54 (Brás), São Paulo, para a Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, em agôsto de 1974.

Edição n.º 468

telectual holandês, nome de projeção em sua terra, não produziu uma obra com as características imparciais de estudo histórico. Em vez disso, fez abertamente um epinício. Escreveu sua história do domínio holandês no Brasil com o propósito de louvaminhar o Príncipe João Maurício de Nassau-Siegen, apresentando-o como extraordinário modelo de governante e estadista. Entretanto, apesar dessa preocupação de realizar um trabalho de loa, Barléu consegue apresentar um quadro extraordinariamente vivo da época que descreveu. Mais ainda: por seu conhecimento pessoal das personalidades de que fala e pelo acesso que teve a ampla documentação, faz com que compreendamos e conheçamos melhor os processos e motivações da colonização holandesa e a coloquemos na perspectiva histórica do que representou, direta e indiretamente, como elemento de formação da realidade brasileira. Daí seu valor inegável.

Recolocando em mãos dos estudiosos do Brasil, na esmerada tradução do consagrado mestre Cláudio Brandão, a obra de Gaspar Barléu, a Itatiaia, em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo, está certa de prestar mais um serviço de indiscutível significação a quantos objetivem um autêntico aprofundamento cultural para o mais adequado conhecimento de nossa evolução histórica.

LIVRARIA ITATIAIA EDITORA LTDA.

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO